O MAHABHARATA

de

Krishna-Dwaipayana Vyasa

LIVRO 6

BHISHMA PARVA

Traduzido para a Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original

por

Kisari Mohan Ganguli

[1883-1896]

Traduzido para o Português por Eleonora Meier.

Capítulo	Conteúdo	Página
1	Exércitos em formação. Regras de batalha.	6
2	Dhritarashtra recusa visão da batalha, então Vyasa dá a Sanjaya visão celeste. Vyasa descreve maus presságios.	7
3	Vyasa discursa sobre batalha, presságios, Tempo.	9
4	Sanjaya fala sobre tipos de criaturas (7 selvagens, 7 domésticas, etc.). Porque a Terra é tão vital.	14
5	5 elementos básicos. Ilha chamada Sudarsana (mente).	15
6	Descrição da ilha (lugares na região Indra).	16
7	Descrição das áreas Kuru do Norte e do Leste.	19
8	Descrição termina com Ele. Dhritarashtra se rende à roda do Tempo.	20
9	Nomes de rios, províncias, reinos.	21
10	4 Yugas.	24
11	Regiões mais distantes (provavelmente Ásia).	25
12	Sumário da construção do Universo concluída. Incitado a pacificar Duryodhana.	27
	(Bhagavat-Gita Parva segue)	
13	Sanjaya relata que Bhishma foi morto por Sikhandin.	29
14	Dhritarashtra lamenta muito e pergunta a Sanjaya como aconteceu.	30
15	Sanjaya começa: Duryodhana cuida da proteção de Bhishma.	34
16	Tropas se levantam ao nascer do sol preparadas para a batalha.	35
17	Aparência das tropas. Só Karna não lutando. Caminho aberto para o céu do Kshatriya.	36
18	Barulho se ergue.	38
19	Tropas Pandavas em formação. Tomam posições. Distúrbios no céu e na terra.	39
20	Parthas encaram leste, os de Dhritarashtra o oeste.	41
21	Yudhishthira preocupado sobre maior força de Bhishma. Arjuna diz que a justiça vencerá.	42
22	Bhishma observa tropas Pandava.	43
23	Arjuna recita hino a Durga e obtém bênção da vitória.	44
24	Dhritarashtra pergunta quem desferiu o primeiro golpe.	46
	(Começo do Bhagavad-Gita Capítulo I)	
25	**O Desânimo de Arjuna.**	47
26	**Sankhya Yoga – A Filosofia do Discernimento.**	49
27	**Karma Yoga – O Caminho da Ação.**	53
28	**Jnana Yoga – O Caminho da Sabedoria.**	55
29	**Samnyasa Yoga – Renúncia à Ação.**	57
30	**Dhyana Yoga – Autocontrole.**	59
31	**Vijnana Yoga – Conhecimento e Experiência.**	62
32	**Abhyasa Yoga – A Vida Eterna.**	63
33	**Sabedoria e Segredo Soberanos.**	65
34	**Manifestações Divinas.**	67
35	**A Forma Universal.**	69
36	**Bhakti Yoga – O Caminho do Amor.**	72

37	**Matéria e Espírito.**	73
38	**Os Três Gunas.**	75
39	**O Espírito Supremo.**	76
40	**Espiritualidade e Materialismo.**	77
41	**Os Três Tipos de Fé.**	79
42	**Conclusão – O Espírito da Renúncia.**	80
43	Yudhishthira presta tributo a Bhishma, Drona, Kripa, Salya. Yuyutsu se junta aos Pandavas.	84
	(** Números em negrito indicam os dias da batalha **)	
44	**(1)** Batalha começa em meio a barulho terrível.	90
45	Principais reis enfrentam uns aos outros.	91
46	Infantaria em combate.	95
47	Alguma luta entre filho de Arjuna e Bhishma.	97
48	Depois de batalha violenta, Bhishma mata Sweta.	100
49	Sankha e Arjuna lutam com Bhishma. Bhishma causa devastação. Noite.	105
50	Yudhishthira fala a Krishna sobre derrota. Novo dia. Arjuna organiza as tropas como uma grande ave.	107
51	**(2)** Tropas prontas para a batalha.	110
52	Bhishma e Arjuna lutam igualmente equiparados.	111
53	Drona e Dhrishtadyumna lutam.	114
54	Bhima enfrenta exército dos Kalingas. Luta brevemente com Bhishma.	116
55	Tarde. Arjuna salva seu filho cercado por Drona, Kripa, etc. Noite.	121
56	**(3)** Dia seguinte luta começa.	123
57	Pandavas causam carnificina entre Kauravas.	124
58	Pandavas desbaratando exército com Duryodhana, Kripa, Drona, Bhishma.	126
59	Arjuna vai lutar com Bhishma. Hesita. Krishna pula do carro e avança em direção a Bhishma. Arjuna o trás de volta. Noite.	127
60	**(4)** Dia seguinte batalha começa.	135
61	Arjuna e filho em batalha. Príncipe de Panchala mata filho de Samyamani.	137
62	Bhima luta com maça, auxiliado por Abhimanyu.	138
63	Bhima destrói divisão de elefantes e detém avanço do exército inteiro.	141
64	Bhima mata vários filhos de Dhritarashtra. Enquanto desmaiado em batalha, Ghatotkacha ataca com energia. Bhishma ordena retirada pelo dia. Pandavas vitoriosos novamente.	143
65	Dhritarashtra pergunta a Sanjaya porque os Pandavas vencem. Em resposta, Sanjaya narra resposta de Bhishma para Duryodhana. Brahman louva o Ser Divino – pede para Krishna nascer para matar Asuras.	146
66	Brahman fala do plano para matar Daityas e Rakshasas nascidos entre os homens. Bhishma fala a Duryodhana, e porque lutar com Krishna é inútil.	150
67	Duryodhana pergunta quem Krishna é.	152
68	Bhishma novamente aconselha paz. Retira-se para a noite.	153
69	**5)** Batalha. Bhishma evita Sikhandin.	154
70	Bhima e Bhishma lutam.	155
71	Batalha.	157
72	Luta dos heróis uns contra os outros. Morte do quadrigário de Satyaki causa	

	medo nos Pandavas.	159
73	Arjuna v Aswatthaman. Bhima v Duryodhana. Abhimanyu v Lakshmana, que é levado embora.	160
74	Dez filhos de Satyaki mortos por Bhurisravas. Noite.	162
75	**(6)** Novo dia. Pandavas lutam em formação Makara (um animal aquático lendário parecido com um jacaré).	164
76	Dhritarashtra explica grandes preparações do exército.	166
77	Sanjaya critica Dhritarashtra por causar a batalha. Bhima e Dhrishtadyumna causam massacre. Drona aparece.	167
78	Bhima v Duryodhana.	170
79	Batalha à tarde.	171
80	Batalha violenta ao pôr do sol. Dushkama morto.	172
81	**(7)** Bhishma lidera exército, animando Duryodhana, dia seguinte de batalha.	175
82	Batalha. Herói v herói. Arjuna confunde inimigos com Aindra.	176
83	Drona mata Sankha. Sikhandin luta com Aswatthaman.	178
84	Iravat luta com dois príncipes Avanti. Ghatotkatcha foge de Bhagadatta. Sahadeva fere e expulsa Bhagadatta do campo.	181
85	Yudhishthira põe Srutayush para fugir. Chekitan v Kripa. Abhimanyu se abstém de lutar com irmãos de Duryodhana.	184
86	Yudhishthira impede Sikhandin de fugir. Bhima ataca Chitrasena a pé.	186
87	Bhishma enfrenta Yudhishthira - evita Sikhandin. Noite.	189
88	**(8)** Dia seguinte – na batalha.	191
89	Bhima mata vários dos filhos de Dhritarashtra.	193
90	Meio dia, batalha violenta.	195
91	Iravat, filho de Arjuna com filha do rei Naga luta heroicamente matando grandes guerreiros (filhos de Suvala) até que ele é morto pelo Rakshasa Alamvusha.	197
92	Ghatotkacha ataca Duryodhana.	201
93	Duryodhana sob pressão.	202
94	Ghatotkacha é ajudado. Batalha feroz. Kauravas retrocedem lentamente.	204
95	Ghatotkacha destroça exército perto do pôr do sol com uma ilusão.	206
96	Bhagadatta luta com Pandavas.	208
97	Arjuna tem notícia da morte de Iravat. Batalha até o pôr do sol.	212
98	Karna afirma que se Bhishma se retirar da batalha em sem dúvida matará os Pandavas. Duryodhana vai até Bhishma.	216
99	Bhishma jura matar os Somakas. Prepara-se para grande batalha.	217
100	**(9)** Presságios quando ambos os lados vão para a batalha.	220
101	Abhimanyu luta com Rakshasa Alamvusha.	221
102	Abhimanyu derrota Rakshasa. Drona e Arjuna combatem.	224
103	Arjuna luta com Drona usando armas celestes. Bhima destrói uma tropa de elefantes.	226
104	Bhishma luta com Dhrishtadyumna e Sikhandin.	228
105	Batalha violenta com todos os heróis. Drupada foge de Drona.	230
106	Salya, enviado para proteger Bhishma, é detido por Yudhishthira. Tarde.	232

107	Krishna diz para Arjuna lutar com Bhishma que está destruindo Pandavas. Arjuna luta brandamente e Krishna corre até Bhishma. Arjuna o detém.	233
108	Noite. Pandavas se aconselham com Bhishma a respeito de como eles podem matá-lo! Ele aconselha Arjuna e Sikhandin. Arjuna aflito por seu dever de matar o Avô.	237
109	**(10)** Bhishma faz formação de batalha de Asuras ou Rakshasas. Arjuna e Sikhandin procedem contra Bhishma.	242
110	Bhishma jura ser morto ou matar os Pandavas.	245
111	Todos avançam em direção a Bhishma. Arjuna faz Dussasana se retirar.	246
112	Batalha feroz em volta de Bhishma. Pandavas se aproximando lentamente.	248
113	Drona nota presságios. Manda seu filho para a batalha.	251
114	Bhima lutando com herói dos Kauravas. Arjuna se move em direção a Bhishma.	253
115	Arjuna lutando com Susarman e outros.	255
116	Bhishma abandona o desejo de viver.	257
117	Ambos os lados lutando - por Arjuna ou Bhishma.	259
118	Dussasana luta corajosamente por Bhishma. Arjuna finalmente segue atacando reis (Kripa, Salya, Vikarna, Dussasana, Vivingsati). Volta-se para Bhishma.	262
119	Bhishma mata Satanika (irmão de Virata). Bhishma atingido repetidamente.	265
120	Por escolha de Bhishma (devido à bênção) ele abandona a vida. Atingido incontáveis vezes ele cai perto do pôr do sol. Rishis, celestiais, Ganga assistem. Mantém sua vida até o sol alcançar solstício norte (muitos meses depois).	267
121	A luta cessa. Drona e o restante dos Pandavas/Kauravas vão até Bhishma em um leito de flechas não tocando o chão. Ele pede um travesseiro.	273
122	Arjuna faz travesseiro de flechas. Bhishma jaz em um leito de flechas.	274
123	**11)** De manhã todos vão ao Avô. Arjuna consegue água para ele por atingir o chão com uma flecha. Bhishma avisa Duryodhana para desistir da luta. Duryodhana não escuta.	276
124	Karna vai até Bhishma e obtém permissão para lutar.	279

Índice traduzido por Duncan Watson.
Traduzido por Eleonora Meier.

1

(Jamvu-khanda Nirmana Parva)

Om! Reverenciando Narayana, e Nara, o mais sublime dos seres masculinos, como também a deusa Saraswati, a palavra “Jaya” deve ser proferida.

Janamejaya disse, "Como aqueles heróis, os Kurus, os Pandavas, e os Somakas, e os reis de grande alma reunidos de vários países, lutaram?”

Vaisampayana disse, "Ouça, ó senhor da terra, como aqueles heróis, os Kurus, os Pandavas, e os Somakas lutaram na planície sagrada de Kurukshetra. Entrando em Kurukshetra, os Pandavas dotados de grande poder, junto com os Somakas, avançaram, desejosos de vitória, contra os Kauravas. Aperfeiçoados nos estudo dos Vedas, todos eles tinham grande prazer em batalha. Expectantes de sucesso em batalha, com suas tropas (eles) encararam a luta. Aproximando-se do exército do filho de Dhritarashtra, aqueles (guerreiros) invencíveis em batalha se posicionaram com suas tropas na parte ocidental (da planície), seus rostos virados em direção ao leste. Yudhishthira, o filho de Kunti, fez tendas às milhares serem montadas de acordo com a regra, além da região chamada Samantapanchaka. A terra inteira parecia então estar vazia, privada de cavalos e homens, desprovida de carros e elefantes, e com somente as crianças e os velhos deixados (em casa). De toda a área de Jamvudwipa sobre a qual o sol derrama seus raios tinha sido reunido aquele exército, ó melhor dos reis. Homens de todas as raças, reunidos, ocuparam uma área que se estendia por muitos Yojanas sobre distritos, rios, colinas, e florestas. Aquele touro entre homens, o rei Yudhishthira, arranjou alimento excelente e outros artigos de prazer para todos eles junto com seus animais. E Yudhishthira fixou diversas senhas para eles; de maneira que alguém dizendo-as deveria ser reconhecido como pertencente aos Pandavas. E aquele descendente da linhagem de Kuru também determinou nomes e distintivos para todos eles para reconhecimento durante a hora da batalha.

Vendo o estandarte principal do filho de Pritha, o filho de grande alma de Dhritarashtra, com um guarda-sol branco sobre sua cabeça, no meio de mil elefantes, e cercado por sua centena de irmãos, começou com todos os reis (do seu lado) a organizar suas tropas contra o filho de Pandu. Vendo Duryodhana, os Panchalas que se deleitavam em batalha estavam cheios alegria e sopraram suas conchas de som alto e pratos de sons agradáveis. Contemplando aquelas tropas assim encantadas, o filho de Pandu e Vasudeva de grande energia tinham seus corações cheios de alegria. E aqueles tigres entre homens, Vasudeva e Dhananjaya, sentados em um carro, sentindo grande alegria, ambos sopraram suas conchas celestes. E ouvindo o clangor de Gigantea e o som alto de Theodotes pertencentes aos dois, os combatentes expeliram urina e fezes. Como outros animais ficam cheios de medo ao ouvirem a voz do leão rugindo, assim mesmo ficou aquele exército ao ouvir aqueles sons. Uma poeira terrível se ergueu e nada podia ser visto, pois o próprio sol, de repente envolvido por ela, parecia ter se posto. Uma nuvem negra derramou uma chuva de carne e sangue sobre as

tropas por toda parte. Tudo isso parecia extraordinário. Um vento se ergueu lá, carregando ao longo da terra miríades de nódulos pedregosos, e afligindo com eles os combatentes às centenas e milhares. (Apesar de tudo isso), ó monarca, ambos os exércitos, cheios de alegria, permaneceram dirigidos para a batalha em Kurukshetra, como dois oceanos agitados. De fato, aquele encontro dos dois exércitos era muito extraordinário, como aquele de dois oceanos quando o fim do Yuga é chegado. A terra inteira estava vazia, tendo somente as crianças e os velhos deixados (em casa), por causa daquele grande exército reunido pelos Kauravas. Então os Kurus, os Pandavas, e os Somakas fizeram certos pactos, e decidiram as regras, ó touro da raça Bharata, com relação aos diferentes tipos de combate. Pessoas igualmente situadas devem se enfrentar, lutando com justiça. E se tendo lutado honestamente os combatentes se retirarem (sem medo de molestamento), isso mesmo será gratificante para nós. Aqueles que se engajarem em disputa de palavras devem ser enfrentados com palavras. Aqueles que deixarem as tropas nunca devem ser mortos (isto é, soldados extraviados não devem ser mortos). Um guerreiro em carro deve ter um guerreiro em carro como seu adversário; aquele sobre o pescoço de um elefante deve ter um combatente similar como seu inimigo; um cavaleiro deve ser enfrentado por meio de um cavalo, e um soldado de infantaria, ó Bharata; deve ser enfrentado por um soldado de infantaria. Guiado por considerações de aptidão, boa vontade, ousadia e poder, um combatente deve golpear outro, dando aviso. Ninguém deve golpear outro que está despreparado ou em pânico. Alguém ocupado com outro, alguém procurando refúgio, alguém se retirando, alguém cuja arma está inutilizada, não equipado em armadura, nunca deve ser golpeado. Motoristas de carros, animais (unidos aos carros ou carregando armas), homens dedicados ao transporte de armas, tocadores de baterias e sopradores de conchas nunca devem ser golpeados. Tendo feito estes acordos, os Kurus, e os Pandavas, e os Somakas se admiraram muito, fitando uns aos outros. E tendo posicionado (suas tropas dessa maneira), aqueles touros entre homens, aqueles de grande alma, com suas tropas, ficaram profundamente contentes, sua alegria sendo refletida em suas expressões.”

2

Vaisampayana disse, "Vendo então os dois exércitos (posicionados) no leste e no oeste para a batalha violenta que era iminente, o santo Rishi Vyasa, o filho de Satyavati, aquela principal de todas as pessoas familiarizadas com os Vedas, aquele avô dos Bharatas, conhecedor do passado, do presente, e do futuro, e vendo tudo como se isto estivesse presente diante de seus olhos, disse estas palavras em particular para o nobre filho de Vichitravirya que estava então aflito e cedendo à tristeza, refletindo sobre a má política de seus filhos.”

"Vyasa disse, 'Ó rei, teu filho e os outros monarcas tem sua hora chegada; (tem seus períodos terminados). Reunidos em batalha ele matarão uns aos outros. Ó Bharata, sua hora tendo chegado, eles todos perecerão. Mantendo em mente as mudanças ocasionadas pelo tempo, não entregue teu coração ao pesar. Ó rei, se

tu desejas ver eles (lutando) em batalha, eu, ó filho, te concederei visão. Contemple a batalha."

"Dhritarashtra disse, 'Ó melhor dos Rishis regenerados, eu não gostaria de ver o massacre de parentes. Eu, no entanto, através da tua potência ouvirei sobre esta batalha minuciosamente."

Vaisampayana continuou, "Por ele não desejar ver a batalha mas desejar ouvir sobre ela, Vyasa, aquele senhor de benefícios, deu um benefício para Sanjaya. (E dirigindo-se a Dhritarashtra ele disse), 'Este Sanjaya, ó rei, descreverá a batalha para ti. Nada na batalha inteira estará além dos olhos dele. Dotado, ó rei de visão celeste, Sanjaya narrará a batalha para ti. Ele terá o conhecimento de tudo. Manifesto ou oculto, (acontecendo) de dia ou de noite, até aquilo que é pensado na mente, Sanjaya saberá tudo. Armas não o cortarão e esforço não o fatigará. Este filho de Gavalgani sairá da batalha com vida. Em relação a mim mesmo, ó touro da raça Bharata, a fama destes Kurus, como também de todos os Pandavas, eu espalharei. Não te aflijas. Isto é destino, ó tigre entre homens. Não cabe a ti ceder à angústia. Isto não é capaz de ser impedido. Com relação à vitória, ela está onde a retidão está.'"

Vaisampayana continuou, "Aquele avô santo e altamente abençoado dos Kurus, tendo dito isso, mais uma vez se dirigiu a Dhritarashtra e disse, 'O massacre será extenso, ó monarca, nesta batalha. Eu vejo aqui também (numerosos) presságios indicativos de terror. Falcões e urubus, e corvos e garças, junto com grous, estão pousando nos topos de árvores e se reunindo em bandos. Estas aves, deleitadas na expectativa da batalha, estão olhando para baixo (para o campo) diante delas. Bestas carnívoras se alimentarão da carne de elefantes e corcéis. Garças ferozes, predizendo terror, e proferindo gritos impiedosos, estão se movendo em círculos através do centro em direção à região sul. Em ambos os crepúsculos, anterior e posterior, eu vejo diariamente, ó Bharata, que o sol durante seu nascimento e ocaso está coberto por troncos sem cabeças. Nuvens de três cores com suas extremidades brancas e vermelhas e pescoços negros, carregadas com relâmpagos, e parecendo maças (em figura) envolvem o sol em ambos os crepúsculos. Eu tenho visto que o sol, a lua e as estrelas estão todos fulgurantes. Nenhuma diferença em seu aspecto é observada à noite. Eu tenho visto isso todo dia e toda noite. Tudo isto pressagia terror. Até na décima quinta noite da quinzena iluminada no (mês de) Kartika, a lua, privada de esplendor, se tornou invisível, ou da cor do fogo, o firmamento estando da cor do lótus. Muitos heróicos senhores de terra, reis e príncipes, dotados de grande coragem e possuidores de braços parecidos com maças, serão mortos e jazerão sobre a terra. Diariamente eu noto no céu durante a noite os gritos ferozes de javalis e gatos lutando. As imagens de deuses e deusas às vezes dão risada, às vezes tremem, e às vezes também elas vomitam sangue por suas bocas e às vezes elas suam e às vezes caem. Ó monarca, baterias, sem serem batidas, produzem sons, e os grandes carros de Kshatriyas se movem sem (serem puxados por) animais unidos a eles. Kokilas, pica-paus, jaws, galos d'água, papagaios, corvos, e pavões proferem gritos terríveis. Aqui e ali, soldados da cavalaria, vestidos em armadura, armados com armas, dão gritos ferozes. No nascer do sol bandos de insetos são

vistos às centenas. Em ambos os crepúsculos os pontos cardeais parecem estar em chamas, e as nuvens, ó Bharata, derramam poeira e gordura. Ela, ó rei, que é célebre pelos três mundos e é elogiada pelos virtuosos, aquela (constelação) Arundhati mantém (seu senhor) Vasistha às suas costas. O planeta Sani também, ó rei, aparece afligindo (a constelação) Rohini. O sinal do veado na Lua se desviou de sua posição usual. Um grande terror é indicado. Mesmo que o céu esteja sem nuvens, um ribombar terrível é ouvido lá. Os animais todos estão chorando e suas lágrimas estão caindo rápido.'"

3

"Vyasa disse, 'Jumentos estão tomando nascimentos em vacas. Alguns estão tendo prazer sexual com mães. As árvores nas florestas estão exibindo flores e frutos fora de época. Mulheres grávidas, e até aquelas que não estão assim, estão dando à luz monstros. Animais carnívoros, se misturando com aves (carnívoras), estão se alimentando juntos. Bestas de mau presságio, algumas tendo três chifres, algumas com quatro olhos, algumas com cinco pernas, algumas com dois órgãos sexuais, algumas com duas cabeças, algumas com dois rabos, algumas tendo dentes ameaçadores, estão nascendo, e com bocas escancaradas estão proferindo gritos temíveis. Cavalos com três pernas, providos de cristas, tendo quatro dentes, e dotados de chifres, também estão nascendo. Ó rei, na tua cidade também é visto que as esposas de muitos anunciadores de Brahma estão gerando Garudas e pavões. A égua está gerando o bezerro e a cadela está gerando, ó rei, chacais e galos, e antílopes e papagaios estão todos proferindo gritos inauspiciosos. Certas mulheres estão dando à luz quatro ou cinco filhas (de uma vez), e estas logo que nascem dançam e cantam e riem. Os membros das classes mais baixas estão rindo e dançando e cantando, e dessa maneira indicando consequências horrendas. Crianças, como se instigadas pela morte, estão desenhando imagens armadas, e estão correndo umas contra as outras, armadas com cassetetes, e desejosas de batalha estão também derrubando as cidades (que elas constroem de brincadeira). Lotos de espécies diferentes e lírios estão crescendo em árvores. Ventos fortes estão soprando violentamente e a poeira não cessa. A terra está tremendo frequentemente, e Rahu se aproxima em direção ao sol. O planeta branco (Ketu) para, tendo passado além da constelação Chitra. Tudo isso pressagia particularmente a destruição dos Kurus. Um cometa ardente se ergue, afligindo a constelação Pusya. Este grande planeta causará terrível prejuízo para ambos os exércitos. Marte se move em direção a Magha e Vrihaspati (Júpiter) em direção a Sravana. A prole do Sol (Sani) indo em direção à constelação Bhaga, a aflige. O planeta Sukra, ascendendo em direção a Purva Bhadra, resplandece brilhantemente, e virando-se para a Uttara Bhadra, olha para ela, tendo efetuado uma junção (com um planeta menor). O planeta branco (Ketu), brilhando como fogo misturado com fumaça, para, tendo atacado a brilhante constelação Jeshtha que é sagrada para Indra. A constelação Dhruva, resplandecendo ardentemente, se vira para a direita. A Lua e o Sol estão ambos afligindo Rohini. O planeta feroz (Rahu) tomou sua posição entre as constelações

Chitra e Swati. O de corpo vermelho (Marte) possuidor da refulgência do fogo, se movimentando por voltas, permanece em uma linha com a constelação Sravana dominada por Vrihaspati. O solo que produz colheitas específicas em estações específicas está agora coberto com as colheitas de todas as estações. Cada haste de cevada está ornada com cinco espigas, e cada haste de arroz com cem. Elas que são as melhores das criaturas nos mundos e de quem depende o universo, ou seja, as vacas, quando ordenhadas depois que os bezerros mamaram, produzem somente sangue. Raios brilhantes de luz emanam de arcos, e espadas resplandecem brilhantemente. É evidente que as armas vêem (diante delas) a batalha, como se esta já tivesse chegado. A cor das armas e da água, como também de cotas de malha e estandartes, é semelhante àquela do fogo. Um grande massacre acontecerá. Nesta batalha, ó Bharata, dos Kurus com os Pandavas, a terra, ó monarca, será um rio de sangue com os estandartes (dos guerreiros) como suas balsas. Animais e aves por todos os lados, com bocas brilhando como fogo, proferindo gritos ferozes, e revelando estes maus presságios, estão predizendo consequências terríveis. Uma ave (selvagem) com somente uma asa, um olho, e uma perna, pairando sobre o céu durante a noite, grita pavorosamente em fúria, como se para fazer os ouvintes vomitarem sangue! Parece, ó grande rei, que todas as armas estão agora brilhando com esplendor. O brilho da constelação conhecida pelo nome dos sete Rishis de grande alma tem sido ofuscado. Aqueles dois planetas brilhantes, Vrihaspati e Sani, tendo se aproximado da constelação chamada Visakha, se tornaram estacionários lá por um ano inteiro. Três lunações se encontrando duas vezes no decorrer da mesma quinzena lunar (o que é muito raro), a duração da última é encurtada por dois dias. No décimo terceiro dia portanto (em vez do décimo quinto), da primeira lunação, conforme aquele seja o dia da lua cheia ou da lua nova, a lua e o sol são afligidos por Rahu. (Eclipses lunares sempre ocorrem em dias de lua cheia, enquanto eclipses solares naqueles da lua nova. Tais eclipses, no entanto, ocorrendo em dias afastados da primeira lunação por treze em vez de quinze dias, são ocorrências muito extraordinárias.) Tais eclipses estranhos, lunares e solares, pressagiam um grande massacre. Todos os quadrantes da terra, estando dominados por chuvas de poeira, parecem inauspiciosos. Nuvens ameaçadoras pressagiosas de perigo derramam chuvas sangrentas durante a noite. Rahu de feitos violentos está também, ó monarca, afligindo a constelação Kirtika. Ventos irregulares, pressagiando perigo aterrador, estão soprando constantemente. Tudo isso origina uma guerra caracterizada por muitos incidentes tristes. As constelações estão divididas em três classes. Sobre uma ou outra de cada classe, um planeta de mau presságio tem derramado sua influência, pressagiando perigos terríveis. (Reis estão divididos em três classes: proprietários de elefantes (Gajapati), possuidores de cavalos (Aswapati), e possuidores de homens (Narapati). Se um planeta de mau presságio (papa-graha) derrama sua influência sobre alguma das nove constelações começando com Aswini, isto prediz perigo para Aswapatis; se sobre alguma das nove começando com Magha, isto prediz perigo para Gajapatis; e se sobre alguma das nove começando com Mula, isto prediz perigo para Narapatis. Neste momento, portanto, um ou outro papa-graha tem derramado sua influência sobre um outro de cada uma das três classes de constelações, dessa maneira pressagiando perigo para todas as classes de reis.)

Uma quinzena lunar tinha até agora consistido em catorze dias, ou quinze dias (como usual), ou dezesseis dias. No entanto, eu nunca soube que o dia da lua nova seria no décimo terceiro dia a partir da primeira lunação, ou o dia da lua-cheia no décimo terceiro dia da mesma. E ainda no decorrer do mesmo mês a Lua e o Sol têm passado por eclipses nos décimo terceiro dias a partir do dia da primeira lunação. O Sol e a Lua portanto, por passarem por eclipses em dias incomuns, causarão um grande massacre das criaturas da terra. De fato, Rakshasas, embora bebendo sangue por bocado, ainda não estarão saciados. Os grandes rios estão fluindo em direções opostas. As águas dos rios se tornaram sangrentas. Os poços, espumando para cima, estão berrando como touros. Meteoros, refulgentes como o raio de Indra, caem com silvos altos. Quando esta noite passar, más consequências alcançarão vocês. Pessoas, para se encontrarem, saindo de suas casas com tições acesos, ainda tem que enfrentar uma densa escuridão por toda parte. Grandes Rishis disseram que em vista de tais circunstâncias a terra bebe o sangue de milhares de reis. Das montanhas de Kailasa e Mandara e Himavat milhares de explosões são ouvidas e milhares de topos estão vindo abaixo. Pelo tremor da Terra, cada um dos quatro oceanos tendo aumentado imensamente parece pronto para ultrapassar seus continentes para afligir a Terra. Ventos violentos carregados com seixos pontudos estão soprando, despedaçando árvores imensas. Em aldeias e cidades, árvores comuns e sagradas estão caindo, subjugadas por ventos poderosos e atingidas por raios. O fogo (sacrifical), quando Brahmanas despejam libações nele, se torna azul, ou vermelho, ou amarelo. Suas chamas se inclinam para a esquerda, produzindo um mau cheiro, acompanhado por estampidos altos. Toque, cheiro, e gosto, ó monarca, se tornaram o que eles não eram. Os estandartes (de guerreiros), repetidamente tremendo estão emitindo fumaça. Baterias e pratos estão lançando chuvas de carvão em pó. E dos topos de árvores altas por toda parte, corvos, voando em círculos a partir da esquerda, estão proferindo gritos ferozes. Todos eles também estão proferindo gritos terríveis de pakka, pakka e estão pousando sobre os topos de estandartes para a destruição dos reis. Elefantes indóceis, completamente trêmulos, estão correndo para lá e para cá, urinando e expelindo fezes. Os cavalos estão todos tristes, enquanto os elefantes são recorrendo à água. Ouvindo tudo isto, que seja feito o que é conveniente, para que, ó Bharata, o mundo não possa ser despovoado.'"

Vaisampayana continuou, "Ouvindo estas palavras de seu pai, Dhritarashtra disse, 'Eu acho que tudo isso foi ordenado antigamente. Um grande massacre de seres humanos se realizará. Se os reis morrerem em batalha cumprindo os deveres da classe Kshatriya, eles então, alcançando as regiões reservadas para heróis, obterão somente felicidade. Estes tigres entre homens, perdendo suas vidas em grande batalha, ganharão fama neste e grande bem aventurança para sempre no mundo seguinte.'"

Vaisampayana continuou, "Ó melhor dos reis, assim endereçado por seu filho Dhritarashtra, aquele príncipe dos poetas, o Muni (Vyasa) concentrou sua mente em Yoga supremo. Tendo contemplado por somente um curto espaço de tempo, Vyasa mais uma vez disse, 'Sem dúvida, ó rei de reis, é o Tempo que destrói o

universo. É o Tempo também que cria os mundos. Não há nada aqui que seja eterno. Mostre o caminho da retidão para os Kurus, para teus parentes, aparentados, e amigos. Tu és competente para reprimi-los. A matança de parentes é citada como pecaminosa. Não faça aquilo que é desagradável para mim. Ó rei, a própria Morte nasceu na forma de teu filho. Matança nunca é elogiada nos Vedas. Isto nunca pode ser benéfico. Os costumes de uma linhagem são como o próprio corpo. Aqueles costumes matam aquele que os destrói. Para a destruição desta família e daqueles reis da terra é o Tempo que te faz te desviar para o caminho errado como alguém em desgraça, embora tu sejas competente (para andar pelo caminho da retidão). Ó rei, na forma de teu reino a calamidade vem para ti. Tua virtude está sofrendo uma diminuição muito grande. Mostre o que é retidão para teus filhos. Ó tu que és invencível, que valor tem para ti aquele reino o qual te traz pecado? Cuide do teu bom nome, da tua virtude, e da tua fama. Tu então ganharás o céu. Deixe os Pandavas terem seu reino, e deixe os Kauravas terem paz."

"Enquanto aquele melhor dos Brahmanas estava dizendo estas palavras em um tom triste, Dhritarashtra, o filho de Ambika, talentoso em discurso, mais uma vez se dirigiu a ele, dizendo, 'Meu conhecimento de vida e morte é similar ao teu. A verdade é conhecida por mim com relação a estes. O homem, no entanto, no que diz respeito aos seus próprios interesses, é privado de bom senso. Ó senhor, saiba que eu sou alguém que é uma pessoa comum. Tu tens poder incomensurável. Eu rogo a ti para estender o teu em direção a nós. De alma sob controle completo, tu és nosso refúgio e instrutor. Meus filhos não são obedientes a mim, ó grande Rishi. Minha mente também não está inclinada a cometer pecado. Tu és a causa da fama, das realizações, e da inclinação para virtude dos Bharatas. Tu és o venerável avô de ambos, dos Kurus e dos Pandavas.'

"Vyasa disse, 'Ó filho nobre de Vichitravirya, diga-me livremente o que está em tua mente. Eu removerei tuas dúvidas."

"Dhritarashtra disse, 'Ó santo, eu desejo ouvir de ti sobre todas aquelas indicações que acontecem para aqueles que se tornam vitoriosos em batalha."

"Vyasa disse, 'O fogo (sagrado) assume um brilho alegre. Sua luz ascende para cima. Sua chama se inclina em direção à direita. Ele resplandece sem ser fumegante. As libações derramadas sobre ele produzem um perfume fragrante. É dito que essas são as indicações de sucesso futuro. As conchas e pratos produzem sons que são profundos e altos. O Sol assim como a Lua dão raios puros. É dito que essas são as indicações de sucesso futuro. Corvos, estacionários ou em suas asas, proferem gritos que são agradáveis. Eles além disso que estão atrás, incitam os guerreiros para avançar; enquanto aqueles que estão adiante, proíbem todo avanço. (Quando corvos pairam atrás de um exército isto é um sinal auspicioso, enquanto é um sinal inauspicioso se eles são vistos à frente.) Onde urubus, cisnes, papagaios, grous, e pica-paus proferem gritos encantadores, e se voltam para a direita, os Brahmanas dizem que a vitória em batalha é certa. Eles cujas divisões, por ornamentos, cotas de malha, e estandartes, ou do relincho melodioso de seus corcéis, se tornam resplandecentes

e incapazes de serem olhadas, sempre conquistam seus inimigos. Eles que proferem gritos alegres, aqueles guerreiros, ó Bharata, cujas energias não estão abatidas e cujas guirlandas não murcham sempre cruzam o oceano da batalha. Eles que proferem gritos alegres tendo penetrado nas divisões do inimigo, que proferem até palavras gentis para o inimigo, (tais como 'não lute, pois você será um homem morto logo' e semelhantes) e que, antes de golpear, previnem o inimigo, obtêm vitória. Os objetos de audição, visão, paladar, tato e olfato, sem sofrerem alguma mudança para o pior, se tornam auspiciosos. Esta também é outra indicação de um exército vitorioso, isto é, há alegria entre os combatentes todo o tempo. Esta também é outra indicação de sucesso, os ventos que sopram, as nuvens, e as aves, todos se tornam favoráveis; enquanto as nuvens (assim favoráveis) e os arco-íris derramam chuvas benéficas. Estas, ó rei, são as indicações de exércitos a serem coroados com vitória, enquanto, ó monarca, todos estes se tornam contrários no caso daqueles que estão prestes a serem destruídos. Se o exército é pequeno ou grande, alegria, como um atributo dos combatentes, é citada como uma indicação certa de vitória. Um soldado, em pânico, pode fazer até um grande exército se assustar e fugir. E quando um exército, tomado pelo pânico, se põe em fuga, isto faz até guerreiros heróicos se assustarem. Se um exército grande é uma vez dividido e posto em fuga, ele não pode, como um bando desordenado de veados apavorados ou uma correnteza poderosa de água, ser facilmente controlado. Se um exército grande é uma vez desbaratado, ele é incapaz de ser reagrupado; por outro lado, vendo-o dividido, até aqueles bem habilidosos em batalha, ó Bharata, se tornam cruéis. Vendo soldados tomados pelo medo e fugindo, o pânico se espalha em outras direções, e logo, ó rei, o exército inteiro está dividido e foge em todas as direções. E quando um exército é desbaratado, até bravos líderes, ó rei, na dianteira de divisões grandes consistindo nas quatro espécies de tropas, são incapazes de reagrupá-las. Um homem inteligente, sempre se empenhando ativamente, deve se esforçar (para obter êxito) pela ajuda de meios. É dito que aquele êxito que é obtido por negociação e outros meios é realmente o melhor. Aquele que é alcançado por produzir desunião (entre os inimigos) é indiferente. Enquanto aquele êxito, ó rei, o qual é ganho por batalha, é o pior. Na batalha existem muitos males, o inicial, como é dito, sendo a matança. Até cinquenta homens corajosos que conhecem uns aos outros, que não estão desanimados, que estão livres de laços familiares, e que estão firmemente resolvidos, podem esmagar um exército grande. Até cinco, seis, sete homens, que não recuam, obtêm vitória. O filho de Vinata, Garuda, ó Bharata, mesmo vendo uma grande multidão de aves, não pede a ajuda de muitos seguidores (para derrotá-las). A força em número, portanto, de um exército não é sempre a causa da vitória. A vitória é incerta. Ela depende do acaso. Até aqueles que se tornam vitoriosos tem que sofrer perda.'"

4

Vaisampayana disse, "Tendo dito aquelas palavras para Dhritarashtra, Vyasa partiu. E Dhritarashtra também, ouvindo aquelas palavras, começou a refletir em silêncio. E tendo refletido por somente um curto espaço de tempo, ele começou a suspirar repetidamente. E logo, ó touro da raça Bharata, o rei questionou Sanjaya de alma digna de louvor, dizendo, 'Ó Sanjaya, estes reis, estes senhores de terra, tão corajosos e que se deleitam em batalha, estão para golpear uns aos outros com armas de diversas espécies, estando preparados para sacrificar suas próprias vidas por causa de terra. Incapazes de serem contidos, eles estão, de fato, golpeando uns aos outros para aumentar a população do domínio de Yama. Desejosos de prosperidade ligada com a posse de terra eles são incapazes de suportar uns aos outros. Eu, portanto, penso que a terra deve ser possuidora de muitos atributos. Diga-me todos eles. Ó Sanjaya, muitos milhares, muitos milhões, muitas dezenas de milhões, muitas centenas de milhões de homens heróicos se reuniram em Kurujangala. Eu desejo ouvir, ó Sanjaya, com detalhes exatos, sobre a situação e dimensões daqueles países e cidades dos quais eles vieram. Através da potência daquele Rishi regenerado Vyasa de energia imensurável tu estás dotado da lâmpada da percepção celestial e da visão do conhecimento.'

Sanjaya disse, 'Ó tu de grande sabedoria, eu relatarei para ti os méritos da terra segundo meu conhecimento. Contemple-os com tua visão de sabedoria. Eu te reverencio, ó touro da raça Bharata. As criaturas neste mundo são de duas espécies, móveis e imóveis. As criaturas móveis são de três espécies de acordo com seu nascimento, ou seja, ovíparas, vivíparas, e engendradas por calor e umidade. Das criaturas móveis, ó rei, as principais são certamente aquelas chamadas vivíparas. Das criaturas vivíparas as principais são homens e animais. Animais, ó rei, de formas diversas, são de catorze espécies. Sete têm suas residências nas florestas, e sete dessas são domésticas. Leões, tigres, javalis, búfalos, e elefantes como também ursos e macacos, são, ó rei, considerados como selvagens. Vacas, cabras, ovelhas, homens, cavalos, mulas, e jumentos, estes sete entre os animais são considerados como domésticos pelos eruditos. Estes catorze, ó rei, completam o total de animais domésticos e selvagens, mencionados, ó senhor de terra, nos Vedas, e dos quais os sacrifícios dependem. Das criaturas que são domésticas os homens são as principais, enquanto leões são as principais daquelas que tem sua residência nas florestas. Todas as criaturas sustentam suas vidas por viverem umas das outras. Vegetais são citados como imóveis, e eles são de quatro espécies, isto é, árvores, arbustos, trepadeiras, plantas rastejantes existindo por somente um ano (tais como a abóbora), e todas as plantas sem haste da espécie gramínea. Das criaturas móveis e imóveis, há assim vinte menos um; e com relação aos seus constituintes universais, há cinco. Vinte e quatro ao todo, estes são descritos como Gayatri (Brahma), como é bem sabido por todos. (Quando Gayatri, ou Brahma ou o Universo é mencionado, estes vinte e quatro estão indicados, cinco dos quais existem independentemente, os dezenove restantes sendo o resultado dos cinco naquelas várias proporções.) Aquele que sabe realmente que estes são o sagrado Gayatri possuidor de toda virtude, não está sujeito, ó melhor dos Bharatas, à

destruição neste mundo. Tudo surge da terra e tudo, quando destruído, imerge na Terra. A Terra é a morada e refúgio de todas as criaturas, e a Terra é eterna. Aquele que tem a Terra, tem o universo inteiro com sua população móvel e imóvel. É por isso que desejando (a posse da) Terra, reis matam uns aos outros.'"

5

"Dhritarashtra disse, 'Os nomes de rios e montanhas, ó Sanjaya, como também de províncias, e todas as outras coisas que permanecem sobre a terra, e suas dimensões, ó tu que conheces as medidas de coisas da terra em sua totalidade, e as florestas, ó Sanjaya, conte para mim em detalhes.'

"Sanjaya disse, 'Ó grande rei, todas as coisas no universo, pela presença (neles) dos cinco elementos, são citadas como iguais pelos sábios. Estes elementos são espaço, ar, fogo, água, e terra. Seus (respectivos) atributos são som, tato, visão, gosto, e cheiro. Cada um destes elementos possui (além do que é seu especialmente) o atributo ou atributos daquele ou daqueles que vem antes dele. A terra, portanto, é o principal deles todos, possuindo os atributos de todos os outros quatro, além daquele que é especialmente seu, como dito por Rishis conhecedores da verdade. Há quatro atributos, ó rei, na água. Cheiro não existe nela. Fogo tem três atributos, som, tato, e visão. Som e tato pertencem ao ar, enquanto espaço tem som somente. Estes cinco atributos, ó rei, existem (dessa maneira) nos cinco principais elementos dependendo dos quais todas as criaturas no universo existem. Eles existem separadamente e independentemente quando há homogeneidade no universo. (A alusão é ao estado do universo antes da criação, quando não existe nada exceto uma massa homogênea ou Brahma somente.) Quando, no entanto, estes não existem em seu estado natural mas uns com os outros, então as criaturas passam a existir, providas de corpos. Isto nunca é de outra maneira. Os elementos são destruídos na ordem do subsequente, imergindo naquele que do qual provém; e eles entram também em existência, um surgindo daquele anterior a ele. (A ordem de destruição é essa: terra imerge na água, água no fogo, fogo no ar, e ar no espaço. E assim a ordem de nascimento é que do espaço surge o ar, do ar surge o fogo, do fogo surge a água, e da água surge a terra.) Todos estes são imensuráveis, suas formas sendo o próprio Brahma. No universo são vistas criaturas consistindo dos cinco elementos. Homens se esforçam para averiguar suas proporções por usarem sua razão. Aquelas matérias, no entanto, que são inconcebíveis, nunca se deve procurar esclarecer pela razão. Aquilo que está acima da natureza (humana) é uma indicação do inconcebível.

Ó filho da família de Kuru, eu descreverei para ti, no entanto, a ilha chamada Sudarsana. Esta ilha, ó rei, é circular e da forma de uma roda. Ela está coberta com rios e outras partes de água e com montanhas parecidas com massas de nuvens, e com cidades e muitas províncias encantadoras. Ela é também cheia de árvores providas de flores e frutas, e com colheitas de diversas espécies e outras riquezas. Ela é cercada por todos os lados pelo oceano salgado. Como uma

pessoa pode ver seu próprio rosto em um espelho, assim mesmo a ilha chamada Sudarsana é vista no disco lunar. Duas de suas partes parecem ser uma árvore peepul, enquanto duas outras parecem com uma grande lebre. Ela é totalmente cercada por um conjunto de todas as espécies de plantas decíduas. Além destas porções, o resto é tudo água. O que resta eu descreverei para ti em poucas palavras. Do resto eu falarei depois. Ouça agora isto que eu descrevo resumidamente."

6

"Dhritarashtra disse, 'Tu és inteligente, ó Sanjaya, e conhecedor da verdade (sobre tudo). Tu deste devidamente uma descrição da ilha em resumo. Fale-nos agora da ilha em detalhes. Fale-nos agora da dimensão da extensão de terra que se encontra na parte parecida com uma lebre. Tu podes então falar da parte que parece a árvore peepul."

Vaisampayana disse, "Assim endereçado pelo rei, Sanjaya começou a falar. Sanjaya disse, 'Estendendo-se de leste a oeste estão estas seis montanhas que são iguais e que se estendem do oceano leste ao oeste. Elas são Himavat, Hemakuta, aquela melhor das montanhas chamada Nishadha, Nila rica em pedras de lápis lazúli, Sweta branca como a lua, e as montanhas chamadas Sringavat compostas de todos os tipos de metais. Estas são as seis montanhas, ó rei, que são sempre os recantos de Siddhas e Charanas. O espaço localizado no meio de cada uma delas mede mil Yojanas, e neles existem muitos reinos encantadores. E estas divisões são chamadas Varshas, ó Bharata. Em todos aqueles reinos residem criaturas de diversas espécies. Esta (a terra onde nós estamos) está no Varsha que recebeu o nome de Bharata. Próximo a ela (na direção norte) está o Varsha que recebeu o nome de Himavat. A terra que está além de Hemakuta é chamada Harivarsha, ao sul da cordilheira Nila e ao norte de Nishadha há uma montanha, ó rei, chamada Malyavat que se estende de leste a oeste. Além de Malyavat na direção norte está a montanha chamada Gandhamadana. Entre essas duas (Malyavat e Gandhamadana) há uma montanha globular chamada Meru feita de ouro. Refulgente como o sol da manhã, ela é como fogo sem fumaça. Ela tem oitenta e quatro Yojanas de altura, e, ó rei, sua profundidade também é de oitenta e quatro Yojanas. Ela permanece sustentando os mundos acima, abaixo e transversalmente. Além de Meru estão situadas, ó senhor, estas quatro ilhas, Bhadraswa, e Ketumala, e Jamvudwipa também chamada Bharata, e Uttar-Kuru que é a residência de pessoas que alcançaram o mérito da retidão. A ave Sumukha, o filho de Suparna, vendo que todas as aves em Meru eram de plumagem dourada, refletiu que ele devia deixar aquela montanha visto que não havia diferença entre aves boas, medianas, e más. O principal dos corpos luminosos, o sol, sempre circungira Meru, como também a lua com (sua) constelação acompanhante, e o deus do vento também. A montanha, ó rei, é dotada de frutas e flores celestiais, e está coberta inteiramente com mansões feitas de ouro polido. Lá, naquela montanha, ó rei, os celestiais, os Gandharvas, os Asuras, e os Rakshasas, acompanhados pelas tribos de Apsaras, sempre se

divertem. Lá Brahman, e Rudra, e também Sakra o chefe dos celestiais, reunidos, realizaram diversos tipos de sacrifícios com presentes abundantes. Tumvuru, e Narada e Viswavasu, e os Hahas e os Huhus, dirigindo-se para lá, adoravam o principal dos celestiais com diversos hinos. Os sete Rishis de grande alma, e Kasyapa o senhor das criaturas, se dirigem para lá, abençoado sejas tu, em todo dia parva (dia da lua cheia e aquele da lua nova). Sobre o topo daquela montanha, Usanas, também chamado o Poeta, passa o tempo com os Daityas (seus discípulos). As jóias e pedras preciosas (que nós vemos) e todas as montanhas abundando em pedras preciosas são de Meru. Disto uma quarta parte é desfrutada pelo santo Kuvera. Somente uma décima sexta parte daquela riqueza ele deu para os homens. No lado norte de Meru há uma floresta encantadora e excelente de Karnikaras, coberta com as flores de todas as estações, e ocupando uma série de colinas. Lá o próprio ilustre Pasupati, o criador de todas as coisas, cercado por seus servidores celestes e acompanhado por Uma, se diverte portando uma corrente de flores Karnikara (em seu pescoço) que chega a seus pés, e resplandece com brilho com seus três olhos parecidos com três sóis no alto. A ele Siddhas sinceros em palavras, de votos excelentes e penitências ascéticas austeras, podem ver. De fato, Maheswara não pode ser visto por pessoas de má conduta. Do topo daquela montanha, como uma correnteza de leite, ó soberano de homens, a sagrada e auspiciosa Ganga, também chamada Bhagirathi, adorada pelos mais honrados, de forma universal e incomensurável e emergindo com barulho terrível, cai com força impetuosa no lago encantador de Chandramas. De fato aquele lago sagrado, como um oceano, foi formado pela própria Ganga. (Enquanto saltando das montanhas), Ganga, incapaz de ser suportada até pelas montanhas, foi segurada por cem mil anos pelo manejador do Pinaka sobre sua cabeça. (Aludindo à tradição de Siva segurando Ganga sobre sua cabeça e pelo que o grande deus é às vezes chamado de Gangadhara.) No lado oeste de Meru, ó rei, está Ketumala. E lá também está Jamvukhanda. Ambas são grandes bases de humanidade, ó rei. Lá, ó Bharata, a média de vida humana é dez mil anos. Os homens são todos de uma cor dourada, e as mulheres são como Apsaras. E todos os residentes são sem doença, sem tristeza, e sempre alegres. Os homens nascidos lá são do esplendor do ouro fundido. Nos topos de Gandhamadana, Kuvera o senhor dos Guhyakas, com muitos Rakshasas e acompanhado por tribos de Apsaras, passa seu tempo em alegria. Além de Gandhamadana há muitas montanhas e colinas menores. A medida da vida humana lá é onze mil anos. Lá, ó rei, os homens são alegres, e dotados de grande energia e grande força e as mulheres são todas da cor do lótus e muito belas. Além de Nila é (o Varsha chamado) Sweta, além de Sweta é (o Varsha chamado) Hiranyaka. Além de Hiranyaka é (o Varsha chamado) Airavata coberto com províncias. O último Varsha no (extremo) norte e o Varsha de Bharata no (extremo) sul são ambos, ó rei, da forma de um arco. Estes cinco Varshas (Sweta, Hiranyaka, Elavrita, Harivarsha, e Haimavat-varsha) estão no meio, dos quais Elavrita existe no exato meio de todos. Entre estes sete Varshas (os cinco já mencionados e Airavata e Bharata), aquele que está mais ao norte sobrepuja aquele ao seu imediato sul em relação a estes atributos, isto é, o período de vida, estatura, saúde, retidão, prazer, e lucro. Nestes Varshas, ó Bharata, as criaturas (embora de diversas espécies) ainda vivem juntas. Assim, ó rei, a Terra está

coberta com montanhas. As montanhas enormes de Hemakuta também são chamadas Kailasa. Lá, ó rei, Vaisravana passa seu tempo em alegria com seus Guhyakas. Imediatamente ao norte de Kailasa e perto das montanhas de Mainaka há uma montanha enorme e bela chamada Manimaya dotada de topos dourados. Junto desta montanha existe um lago grande, belo, cristalino e encantador chamado Vindusaras com areias douradas (em sua margem). Lá o rei Bhagiratha, vendo Ganga (desde então) chamada pelo seu próprio nome, residiu por muitos anos. Lá podem ser vistas inúmeras estacas sacrificais feitas de pedras preciosas, e árvores Chaitya feitas de ouro. Foi lá que ele de mil olhos e grande renome obteve êxito (ascético) por realizar sacrifícios. Lá o Senhor de todas as criaturas, o Criador eterno de todos os mundos, dotado de energia suprema cercado por seus servidores espectrais, é adorado. Lá Nara e Narayana, Brahman, e Manu, e Sthanu como o quinto, estão (sempre presentes). E lá o rio celeste Ganga tendo três correntezas, (acredita-se que o rio sagrado Ganga tem três correntes, no céu a corrente se chama Mandakini; na terra, ela se chama Ganga; e no mundo subterrâneo ela se chama Bhogavati), emanando da região de Brahman, se mostrou primeiro, e então se dividindo em sete correntes, tornou-se Vaswokasara, Nalini, Saraswati purificadora de pecado, Jamvunadi, Sita, Ganga e Sindhu como a sétima. O Senhor Supremo fez (ele mesmo) o arranjo com referência àquele rio celeste e inconcebível. É lá que sacrifícios são realizados (por deuses e Rishis) em mil ocasiões depois do fim do Yuga (quando a criação começa). Com relação à Saraswati, em algumas partes (de seu curso) ela se torna visível e em algumas partes não. Esta sétupla Ganga celeste é bem conhecida pelos três mundos. Rakshasas residem em Himavat, Guhyakas em Hemakuta, e serpentes e Nagas em Nishadha, e ascetas em Gokarna. As montanhas Sweta são citadas como a residência dos celestiais e dos Asuras. Os Gandharvas sempre residem em Nishadhas, e os Rishis regenerados em Nila. As montanhas de Sringavat também são consideradas como o recanto dos celestiais.

Estes então, ó grande rei, são os sete Varshas do mundo como eles são divididos. Diversas criaturas, móveis e imóveis, estão colocadas neles todos. Diversas espécies de prosperidade, providenciais e humanas, são visíveis neles. Elas não podem ser contadas. Aqueles desejosos, portanto, de seu próprio bem acreditam (em tudo isto). Eu agora te falei daquela região encantadora (de terra) da forma de uma lebre acerca da qual tu me perguntaste. Nas extremidades daquela região estão os dois Varshas, um no norte e o outro no sul. Aqueles dois também agora foram relatados para ti. Então além disso as duas ilhas Naga-dwipa e Kasyapa-dwipa são as duas orelhas desta região da forma de uma lebre. As belas montanhas de Maleya, ó rei, tendo rochas semelhantes a placas de cobre, formam outra parte (proeminente) de Jamvudwipa que tem sua forma parecendo uma lebre.'"

7

"Dhritarashtra disse, 'Fale-me, ó Sanjaya, tu de grande inteligência, das regiões ao norte e ao lado leste de Meru, como também das montanhas de Malyavat, em detalhes.'

Sanjaya disse, 'No sul da montanha Nila e no lado norte de Meru estão os sagrados Kurus do Norte, ó rei, que são a residência dos Siddhas. As árvores lá dão frutos doces, e estão sempre cobertas com frutos e flores. Todas as flores (lá) são fragrantes, e os frutos de gosto excelente. Algumas das árvores, além disso, ó rei, produzem frutos de acordo com a vontade (do colhedor). Há também algumas outras árvores, ó rei, que são chamadas de produtoras de leite. Estas sempre produzem leite e os seis diferentes tipos de alimento de gosto do próprio Amrita. Aquelas árvores também produzem tecidos e em seus frutos há ornamentos (para o uso do homem). A terra inteira abunda com finas areias douradas. Uma parte da região lá, muito aprazível, é vista ser possuidora do brilho do rubi ou diamante, ou do lápis lazúli ou outras jóias e pedras preciosas. Todas as estações lá são agradáveis e em lugar nenhum a terra se torna lodosa, ó rei. Os tanques são encantadores, deliciosos, e cheios de água cristalina. Os homens nascidos lá caíram do mundo dos celestiais (isto é, decaíram de um estado celestial). Todos são de nascimento puro e todos são extremamente belos em aparência. Lá gêmeos (de sexos opostos) nascem e as mulheres parecem Apsaras em beleza. Eles bebem o leite, doce como Amrita, daquelas árvores produtoras de leite (já mencionadas). E os gêmeos nascidos lá (de sexos opostos) crescem igualmente. Ambos possuidores de beleza igual, ambos dotados de virtudes similares, e ambos igualmente vestidos, ambos crescem em amor, ó monarca, como um par de chakrabakas. As pessoas daquele país estão livres de doença e estão sempre alegres. Dez mil e dez centenas anos elas vivem, ó rei, e nunca abandonam umas às outras. Uma classe de aves chamada Bharunda, provida de bicos afiados e possuidora de grande força, as leva para cima quando mortas e as joga em cavernas de montanha. Eu agora descrevi para ti, ó rei, os Kurus do Norte brevemente.

Eu agora descreverei para ti o lado leste de Meru devidamente. De todas as regiões lá, a principal, ó rei, é chamada Bhadraswa, onde há uma grande floresta de Bhadra-salas, como também uma árvore enorme chamada Kalamra. Esta Kalamra, ó rei, está sempre ornada com frutos e flores. Aquela árvore além disso tem um Yojana de altura e é adorada pelos Siddhas e os Charanas. Os homens lá são todos de uma cor branca, dotados de grande energia, e possuidores de grande força. As mulheres são da cor de lírios, muito belas, e agradáveis para a visão. Possuidores do brilho da lua, e brancos como a lua, seus rostos são como a lua-cheia. Seus corpos também são tão frescos como os raios da lua e elas são todas talentosas em canto e dança. O período de vida humana lá, ó touro da raça Bharata, é dez mil anos. Bebendo o suco de Kalamra elas continuam jovens para sempre. No sul de Nila e no norte de Nishadha há uma enorme árvore Jamvu que é eterna. Adorada por Siddhas e Charanas, aquela árvore sagrada concede todos os desejos. Por causa do nome daquela árvore esta divisão sempre tem sido

chamada de Jamvudwipa. Ó touro da raça Bharata, mil e cem Yojanas é a altura daquele príncipe das árvores, que toca os próprios céus, ó rei de homens. Dois mil e quinhentos cúbitos mede a circunferência de um fruto daquela árvore o qual estoura quando maduro. Ao caírem sobre a terra estes frutos fazem um barulho alto, e então despejam, ó rei, um suco prateado sobre a terra. Aquele suco de Jamvu, se tornando, ó rei, um rio, e passando indiretamente em volta de Meru, chega (à região dos) Kurus do Norte. Se o suco daquele fruto é bebido, ele leva à paz mental. Nenhuma sede é sentida alguma vez depois, ó rei. Decrepitude nunca os enfraquece. E lá uma espécie de ouro chamado Jamvunada e usado para ornamentos celestiais, muito brilhante e como a cor de insetos Indragopoka, é produzido. Os homens nascidos lá são da cor do sol da manhã.

Sobre o topo de Malyavat é sempre visto, ó touro da raça Bharata, o fogo chamado Samvataka que resplandece no fim do Yuga para a destruição do universo. No topo de Malyavat em direção ao leste há muitas montanhas pequenas e Malyavat, ó rei, mede onze mil Yojanas. Os homens nascidos lá são da cor do ouro. E eles são todos caídos da região de Brahman e são proferidores de Brahma. Eles praticam as mais severas das austeridades ascéticas, e sua semente vital está parada. Para a proteção de criaturas eles todos entram no sol. Numerando sessenta e seis mil, eles procedem na frente de Aruna, cercando o sol. Aquecidos pelos raios do sol por sessenta e seis mil anos, eles então entram no disco lunar.'"

8

"Dhritarashtra disse, 'Diga-me realmente, ó Sanjaya, os nomes de todos os Varshas, e de todas as montanhas, e também de todos aqueles que residem sobre aquelas montanhas.'

Sanjaya disse, 'No sul de Sweta e norte de Nishadha é o Varsha chamado Romanaka. Os homens nascidos lá são todos de cor branca, de boa ascendência, e feições belas. E os homens nascidos lá são também todos sem inimigos. E eles vivem, ó rei, por onze mil e quinhentos anos, sendo sempre de corações alegres. No sul de Nishadha é o Varsha chamado Hiranmaya onde está o rio chamado Hiranwati. Lá, ó rei, vive aquela principal das aves chamada Garuda. E as pessoas lá, ó monarca, são todas seguidoras dos Yakshas, ricas, e de feições belas. E, ó rei, os homens lá são dotados de grande força e tem corações alegres. E eles vivem por doze mil e quinhentos anos, ó rei, a qual é a medida de suas vidas. As montanhas de Sringavat, ó soberano de homens, tem três belos topos. Um destes é feito de jóias e pedras preciosas, outro é muito extraordinário, sendo feito de todas as espécies de pedras preciosas e adornado com mansões suntuosas. Lá a dama auto-luminosa chamada Sandili sempre vive. No norte de Sringavat e até a margem do oceano, ó rei, é o Varsha chamado Airavat. E porque aquela montanha adornada com pedras preciosas é lá, portanto aquele Varsha é superior a todos. O sol não dá calor lá e os homens não estão sujeitos à decadência. E a lua lá, com as estrelas, se tornando a única fonte de luz, cobre (o firmamento).

Possuindo o brilho e cor do lótus, e dotados de olhos que parecem com pétalas de lótus, os homens nascidos lá tem a fragrância do lótus. Com olhos que não piscam, e perfume agradável (emanando de seus corpos), eles seguem sem alimento e tem seus sentidos sob controle. Eles são todos caídos da região dos celestiais, e são todos, ó rei, sem pecado de qualquer tipo. E eles vivem, ó monarca, por treze mil anos, esta sendo, ó melhor dos Bharatas, a medida de suas vidas. E assim no norte do oceano leitoso, o Senhor Hari de pujança ilimitada mora em seu carro feito de ouro. Aquele veículo é dotado de oito rodas, com numerosas criaturas sobrenaturais posicionadas sobre ele, e tendo a velocidade da mente. E sua cor é aquela do fogo, e ele é dotado de energia imensa e adornado com ouro Jamvunada. Ele é o Senhor de todas as criaturas, e é possuidor, ó touro da raça Bharata, de todos os tipos de prosperidade. Nele o universo imerge (quando chega a dissolução), e dele ele emana novamente (quando o desejo criativo o apanha). Ele é o ator, e é Ele que faz todos os outros agirem. Ele, ó monarca, é terra, água, espaço, ar, e fogo. Ele é o próprio Sacrifício para todas as criaturas, e o fogo é Sua boca."

Vaisampayana continuou, "O rei de grande alma Dhritarashtra, assim endereçado por Sanjaya, ficou, ó monarca, absorto em meditação sobre seus filhos. Dotado de grande energia, ele então, tendo refletido, disse a ele estas palavras: 'Sem dúvida, ó filho de Suta, é o Tempo que destrói o universo. E é o Tempo que além disso cria tudo. Nada aqui é eterno. É Nara e Narayana, dotado de onisciência, que destrói todas as criaturas. (Eles são somente partes do mesmo Ser Supremo.) Os deuses falam dele como Vaikuntha (de pujança incomensurável), enquanto homens o chamam de Vishnu (aquele que permeia o universo)!'"

9

"Dhritarashtra disse, 'Fale-me realmente (ó Sanjaya), deste Varsha que recebeu o nome de Bharata, onde este exército insensato foi reunido, em relação ao qual este meu filho Duryodhana tem sido tão absolutamente cobiçoso, o qual os filhos de Pandu também estão desejosos de obter, e no qual minha mente também afunda. Ó, fale-me isto, pois na minha opinião tu és dotado de inteligência.'

Sanjaya disse, 'Ouça-me, ó rei. Os filhos de Pandu não são cobiçosos acerca deste país. Por outro lado, é Duryodhana que é cobiçoso, e Sakuni, o filho de Suvala, como também muitos outros Kshatriyas que são governantes das províncias, que sendo cobiçosos deste país não são capazes de tolerar uns aos outros. Eu agora te falarei, ó tu da família de Bharata, da região de terra conhecida pelo nome de Bharata. Esta terra é a amada de Indra, e, ó tu da linhagem de Bharata, esta terra, ó monarca, que recebeu o nome de Bharata, é também a terra querida de Manu, o filho de Vivaswat, de Prithu, de Vainya, de Ikshwaku de grande alma, de Yayati, de Amvarisha, de Mandhatri, de Nahusha, de Muchukunda, de Sivi o filho de Usinara, de Rishava, de Ila, do rei Nriga, de Kusika, ó invencível, de Gadhi de grande alma, de Somaka, ó irreprimível, e de

Dilipa, e também, ó monarca, de muitos outros Kshatriyas poderosos. Eu agora, ó castigador de inimigos, descreverei para ti aquele território como eu tenho ouvido sobre ele. Ouça-me, ó rei, enquanto eu falo do que tu me perguntaste. Mahendra, Malaia, Sahya, Suktimat, Rakshavat, Vindhya, e Paripatra, estas sete são as montanhas Kala (montanhas que formam limites de divisões, de Bharatvarsha). Além dessas, ó rei, há milhares de montanhas que são desconhecidas, de feitio sólido, enormes, e tendo vales excelentes. Além dessas há muitas outras montanhas pequenas habitadas por tribos bárbaras. Aryans e Mlecchas, ó Kauravya, e muitas raças, ó senhor, mistas dos dois elementos, bebem as águas dos seguintes rios, dos magníficos Ganga, Sindhu, e Saraswati; de Godavari, e Narmada, e do rio grande chamado Yamuna; de Dhrishadwati, e Vipapa, e Vipasa e Sthulavaluka; do rio Vetravati, e aquele outro chamado Krishna-vena; de Iravati, e Vitasta, e Payosyini, e Devika; de Vedasmrita e Vedavati, e Tridiva, e Ikshumalavi; de Karishini, e Chitravaha, e do rio chamado Chitrasena; de Gomati, e Dhutapada e do rio grande chamado Gandaki, de Kausiki, e Nischitra, e Kirtya, e Nichita, e Lohatarini; de Rashasi e Satakumbha, e também Sarayu; de Charmanwati, e Vetravati, e Hastisoma, e Disa; do rio chamado Saravati, e Venna, e Bhimarathi; de Kaveri, e Chuluka, e Vina, e Satavala; de Nivara, e Mahila, e Suprayoga, ó rei; de Pavitra, e Kundala, e Rajani, e Puramalini; de Purvabhirama, e Vira, e Bhima, e Oghavati; de Palasini, e Papahara, e Mahendra, e Patalavati, de Karishini, e Asikni, e do grande rio Kusachira, de Makari, e Pravara, e Mena, e Hema, e Dhritavati; de Puravati, e Anushna, e Saivya, e Kapi, ó Bharata; de Sadanira, e Adhrishya, e da corrente poderosa Kusadhara; de Sadakanta, e Siva, e Viravati; de Vatsu, e Suvastu, e Kampana com Hiranwati; de Vara, e do imenso rio Panchami, de Rathachitra, e Jyotiratha, e Viswamitra, e Kapinjala; de Upendra, e Vahula, e Kuchira, e Madhuvahini; de Vinadi, e Pinjala, e Vena, e do grande rio Pungavena; de Vidisa e Krishna-vena, e Tamra, e Kapila, de Salu, e Suvama, o Vedaswa, e do rio poderoso Harisrava; de Sighra, e Pischala, e do rio Bharadwaji, do rio Kausiki, e Sona, e Chandrama; de Durgamantrasila, e Brahma-vodhya, e Vrihadvati; de Yaksha, e Rohi, e Yamvunadi; de Sunasa e Tamasa, e Dasi, e Vasa, e Varuna, e Asi; de Nila, e Dhrimati, e do poderoso rio Parnasa; de Pomasi, e Vrishabha, e Brahma-meddhya, e Vrihaddhani. Estes e muitos outros grandes rios, ó rei, tais como Sadonirmaya e Krishna, e Mandaga, e Mandavahini; e Mahagouri, e Durga, ó Bharata; e Chitropala, Chitraratha, e Manjula, e Vahini; e Mandakini, e Vaitarani, e Kosa, e Mahanadi; e Suktimati, e Ananga, e Pushpaveni, e Utpalavati; e Lohitya, Karatoya, e Vrishasabhya; e Kumari, e Rishikullya e Marisha, e Saraswati; e Mandakini, e Supunya, Sarvasanga, ó Bharata, são todos mães do universo e produtivos de mérito excelente. Além desses, há rios, às centenas e milhares, que não são conhecidos (por nomes). Eu agora relatei para ti, ó rei, todos os rios tanto quanto eu me lembro.

Depois disto, ouça os nomes das províncias enquanto eu os menciono. Elas são os Kuru-Panchalas, os Salwas, os Madreyas, os Jangalas, os Surasenas, os Kalingas, os Vodhas, os Malas, os Matsyas, os Sauvalyas, os Kuntalas, os Kasi-kosalas, os Chedis, os Karushas, os Bhojas, os Sindhus, os Pulindakas, os Uttamas, os Dasarnas, os Mekalas, os Utkalas; os Panchalas, os Kausijas, os Nikarprishthas, Dhurandharas; os Sodhas, os Madrabhujingas, os Kasis, e os

Kasis mais distantes; os Jatharas, os Kukuras, ó Bharata; os Kuntis, os Avantis, e os Kuntis mais distantes; os Gomantas, os Mandakas, os Shandas, os Vidarbhas, os Rupavahikas; os Aswakas, os Pansurashtras, os Goparashtras, e os Karityas; os Adhirjayas, os Kuladyas, os Mallarashtras, os Keralas, os Varatrasyas, os Apavahas, os Chakras, os Vakratapas, os Sakas; os Videhas, os Magadhas, os Swakshas, os Malaias, os Vijayas, os Angas, os Vangas, os Kalingas, os Yakrillomans; os Mallas, os Suddellas, os Pranradas, os Mahikas, os Sasikas; os Valhikas, os Vatadhanas, os Abhiras, os Kalajoshakas; os Aparantas, os Parantas, os Pahnabhas, os Charmamandalas; os Atavisikharas, os Mahabhutas, ó senhor; os Upavrittas, os Anupavrittas, os Surashatras, Kekayas; os Kutas, os Maheyas, os Kakshas, os Samudranishkutas; os Andhras, e, ó rei, muitas tribos montanhosas, e muitas tribos residindo em áreas situadas na base de colinas, e os Angamalajas, e os Manavanjakas; os Pravisheyas, e os Bhargavas, ó rei; os Pundras, os Bhargas, os Kiratas, os Sudeshnas, e os Yamunas, os Sakas, os Nishadhas, os Anartas, os Nairitas, os Durgalas, os Pratimasyas, os Kuntalas, e os Kusalas; os Tiragrahas, os Ijakas, os Kanyakagunas, os Tilabharas, os Samiras, os Madhumattas, os Sukandakas; os Kasmiras, os Sindhusauviras, os Gandharvas, e os Darsakas; os Abhisaras, os Utulas, os Saivalas, e os Valhikas; os Darvis, os Vanavadarvas, os Vatagas, os Amarathas, e os Uragas; os Vahuvadhas, os Kauravyas, os Sudamanas, os Sumalikas; os Vadhras, os Karishakas, os Kalindas, e os Upatyakas; os Vatayanas, os Romanas, e os Kusavindas; os Kacchas, os Gopalkacchas, os Kuruvarnakas; os Kiratas, os Varvasas, os Siddhas, os Vaidehas, e os Tamraliptas; os Aundras, os Paundras, os Saisikatas, e os Parvatiyas, ó majestade.

Há outros reinos, ó touro da raça Bharata, no sul. Eles são os Dravidas, os Keralas, os Prachyas, os Mushikas, e os Vanavashikas; os Karanatakas, os Mahishakas, os Vikalpas, e também os Mushakas; os Jhillikas, os Kuntalas, os Saunridas, e os Nalakananas; os Kankutakas, os Cholas, e os Malavayakas; os Samangas, os Kanakas, os Kukkuras, e os Angara-marishas; os Samangas, os Karakas, os Kukuras, os Angaras, os Marishas, os Dhwajinis, os Utsavas, os Sanketas, os Trigartas, e os Salwasenas; os Vakas, os Kokarakas, os Pashtris, e os Lamavegavasas; os Vindhyachulakas, os Pulindas, e os Valkalas; os Malavas, os Vallavas, os Vallavas mais distantes, os Kulindas, os Kalavas, os Kuntaukas, e os Karatas; os Mrishakas, os Tanavalas, os Saniyas; os Alidas, os Pasivatas, os Tanayas, e os Sulanyas; os Rishikas, os Vidarbhas, os Kakas, os Tanganas, e os Tanganas mais distantes. Entre as tribos do norte estão os Mlecchas, e os Kruras, ó melhor dos Bharatas; os Yavanas, os Chinas, os Kamvojas, os Darunas, e muitas tribos Mleccha; os Sukritvahas, os Kulatthas, os Hunas, e os Parasikas; os Ramanas, e os Dasamalikas. Estes países são, além disso, as residências de muitas tribos Kshatriya, Vaisya, e Sudra. Então além disso há os Sudra-abhiras, os Dardas, os Kasmiras, e os Pattis; os Khasiras; os Atreyas, os Bharadwajas, os Stanaposhikas, os Poshakas, os Kalingas, e diversas tribos de Kiratas; os Tomaras, os Hansamargas, e os Karamanjakas. Estes e outros reinos estão no leste e no norte. Ó senhor, aludindo a eles brevemente eu te disse tudo. A Terra, se seus recursos são devidamente desenvolvidos de acordo com suas qualidades e valor, é como uma vaca que sempre produz leite (Kamadhuk é aquela espécie

de vaca que sempre produz leite), da qual os frutos triplos de virtude, lucro e prazer, podem ser ordenhados. Reis corajosos familiarizados com virtude e lucro se tornaram cobiçosos de Terra. Dotados de energia, eles até perderão suas vidas em batalha por fome de riqueza. A terra é certamente o refúgio de criaturas dotadas de corpos celestes como também de criaturas dotadas de corpos humanos. (Os deuses dependem de sacrifícios realizados por seres humanos; e com relação aos seres humanos, sua alimentação é fornecida pela Terra. Criaturas superiores e inferiores, portanto, são todas sustentadas pela terra; a Terra sendo seu refúgio.) Desejosos de desfrutar da Terra, os reis, ó chefe dos Bharatas, se tornaram como cachorros que roubam carne uns dos outros. Sua ambição é ilimitada, não conhecendo satisfação. É por isso que os Kurus e os Pandavas estão se esforçando pela posse de Terra, por meio de negociação, desunião, presentes, e batalha, ó Bharata. Se a Terra for bem cuidada, ela se torna o pai, mãe, filhos, firmamento e céu, de todas as criaturas, ó touro entre homens.'"

10

"Dhritarashtra disse, 'Fale-me, ó Sanjaya, do período de vida, da força, das coisas boas e más, do futuro, passado e presente, dos residentes, ó Suta, deste Varsha de Bharata, e do Himavat-varsha, como também de Hari-varsha, em detalhes.’

Sanjaya disse, 'Ó touro da raça Bharata, quatro Yugas se manifestam no Varsha de Bharata, isto é, Krita, Treta, Dwapara, e Kali. O Yuga que inicia primeiro é Krita. Ó senhor; depois do término de Krita vem Treta; depois do término de Treta vem Dwapara; e depois desse último se inicia Kali. Quatro mil anos, ó melhor dos Kurus, são calculados como a média de vida, ó melhor dos reis, na época Krita. Três mil anos é o período em Treta, ó governante de homens. No momento em Dwapara as pessoas vivem sobre a Terra por dois mil anos. Em Kali, no entanto, ó touro da raça Bharata, não há limite fixo de média de vida, tanto que homens morrem enquanto no útero, como também logo depois do nascimento. Na era Krita, ó rei, homens nascem e geram filhos, às centenas e milhares, que são de grande força e grande poder, dotados do atributo de grande sabedoria, e possuidores de riqueza e belas feições. Naquela era são nascidos e gerados Munis dotados de riqueza de ascetismo, capazes de grande esforço, possuidores de almas elevadas, e virtuosos, e verdadeiros em palavras. Os Kshatriyas também, nascidos naquela era, são de feições agradáveis, saudáveis, possuidores de grande energia, talentosos no uso do arco, muito habilidosos em batalha e extremamente corajosos. Na era Treta, ó rei, todos os reis Kshatriya eram imperadores governando de mar a mar. Em Treta são gerados bravos Kshatriyas não sujeitos a ninguém, dotados de vidas longas, possuidores de heroísmo, e manejando o arco em batalha com grande habilidade. Quando Dwapara se inicia, ó rei, todas as (quatro) classes nascidas se tornam capazes de grande esforço, dotadas de grande energia, e desejosas de conquistar umas às outras. Os homens nascidos em Kali, ó rei, são dotados de pouca energia, muito

coléricos, cobiçosos, e mentirosos. Ciúmes, orgulho, raiva, fraude, malícia e avareza, ó Bharata, são os atributos das criaturas na era Kali. A porção que resta, ó rei, desta era Dwapara, é pequena, ó soberano de homens. O Varsha conhecido como Haimavat é superior a Bharatavarsha, enquanto Harivarsha é superior a Hainavatvarsha, em relação a todas as qualidades.'"

11

(Bhumi Parva)

"Dhritarashtra disse, 'Tu, ó Sanjaya, descreveste Jamvukhanda devidamente para mim. Diga-me agora suas dimensões e extensão realmente. Fale-me também, ó Sanjaya, da extensão do oceano de Sakadwipa, e Kusadwipa, de Salmalidwipa e Kraunchadwipa, verdadeiramente e sem deixar qualquer coisa e fale-me também, ó filho de Gavalgani, de Rahu e Soma e Surya.'

Sanjaya disse, 'Há, ó rei, muitas ilhas, sobre as quais a Terra se estende. Eu descreverei para ti, no entanto, somente sete ilhas, e a lua, e o sol, e o planeta (Rahu), também. A montanha Jamvu, ó rei, se estende sobre dezoito mil e seiscentos Yojanas completos. A extensão do oceano salgado é citada como duas vezes isto. Aquele oceano está coberto com muitos reinos, e é adornado com pedras preciosas e corais. Ele é, além disso, ornamentado com muitas montanhas que são matizadas com metais de diversos tipos. Densamente povoado por Siddhas e Charanas, o oceano é circular em forma.

Eu agora te falarei realmente de Sakadwipa, ó Bharata. Ouça-me, ó filho da linhagem de Kuru, enquanto eu a descrevo para ti devidamente. Aquela ilha, ó soberano de homens, tem duas vezes a extensão de Jamvudwipa. E o oceano também, ó grande rei, tem duas vezes a extensão daquela ilha. De fato, ó melhor dos Bharatas, Sakadwipa está cercada por todos os lados pelo oceano. Os reinos lá são cheios de retidão, e os homens lá nunca morrem. Como a penúria poderia ocorrer lá? As pessoas são todas dotadas de clemência e grande energia. Eu agora, ó touro da raça Bharata, te dei devidamente uma descrição breve de Sakadwipa. O que mais, ó rei, tu desejas ouvir?'"

"Dhritarashtra disse, 'Tu me deste, ó Sanjaya, uma descrição de Sakadwipa em resumo. Ó tu que és possuidor de grande sabedoria, conte-me agora tudo em detalhes verdadeiramente.'

Sanjaya disse, 'Naquela ilha, ó rei, há sete montanhas que são enfeitadas com jóias e que são minas de jóias, pedras preciosas. Há muitos rios também naquela ilha. Ouça-me enquanto eu relato seus nomes. Tudo lá, ó rei, é excelente e encantador. A primeira daquelas montanhas se chama Meru. Ela é a residência dos deuses, Rishis, e Gandharvas. A montanha seguinte, ó rei, se chama Malaia que se estende em direção ao leste. É lá que as nuvens são geradas e é de lá que elas se dispersam para todos os lados. A próxima, ó tu da família de Kuru, é a grande montanha chamada Jaladhara. De lá Indra diariamente toma água da

melhor qualidade. É daquela água que nós obtemos chuvas na estação das chuvas, ó governante de homens. Em seguida vem a montanha alta chamada Raivataka, sobre a qual, no firmamento, foi colocada permanentemente a constelação chamada Revati. Este arranjo foi feito pelo próprio Avô. No norte desta, ó grande rei, está a grande montanha chamada Syama. Ela tem o esplendor de nuvens recém surgidas, é muito alta, bela e de corpo brilhante. E já que a cor daquelas montanhas é escura, as pessoas que residem lá são todas de cor escura, ó rei.'"

"Dhritarashtra disse, 'Uma grande dúvida surge na minha mente, ó Sanjaya, a respeito do que tu disseste. Por que, ó filho de Suta, as pessoas lá seriam de cor escura?'

Sanjaya disse, 'Ó grande rei, em todas as ilhas, ó filho da linhagem de Kuru, podem ser encontrados homens que são claros, e aqueles que são escuros, e aqueles também que são produzidos por uma união das raças claras e escuras. Mas porque as pessoas lá são todas escuras, portanto aquela montanha é chamada de Montanha Escura. Depois desta, ó chefe dos Kurus, é a grande montanha chamada Durgasaila. E então vem a montanha chamada Kesari. As brisas que sopram daquela montanha são todas carregadas com eflúvios (odoríferos). A medida de cada uma destas montanhas é o dobro daquela mencionada imediatamente antes. Ó tu da família de Kuru, é dito pelos sábios que há sete Varshas naquela ilha. O Varsha de Meru é chamado Mahakasa; aquele da doadora de água (Malaia) é chamado Kumudottara. O Varsha de Jaladhara é chamado Sukumara; enquanto aquele de Raivatak é chamado Kaumara; e de Syama, Manikanchana. O Varsha de Kesara é chamado Mandaki, e aquele citado depois da próxima montanha se chama Mahapuman. No meio daquela ilha há uma árvore grande chamada Saka. Em altura e largura a medida daquela árvore é igual àquela da árvore Jamvu em Jamvudwipa. E o povo lá sempre adora aquela árvore. Lá naquela ilha há muitas províncias encantadoras onde Siva é adorado, e para lá se dirigem os Siddhas, os Charanas, e os celestiais. As pessoas lá, ó rei, são virtuosas, e todas as quatro classes, ó Bharata, são dedicadas às suas respectivas ocupações. Nenhum caso de roubo pode ser visto lá. Livres de decrepitude e morte e dotadas de vida longa, as pessoas lá, ó rei, crescem como rios durante a estação das chuvas. Os rios lá são cheios de água sagrada, e a própria Ganga, distribuída como ela foi em várias correntes, está lá, Sukumari, e Kumari, e Seta, e Keveraka, e Mahanadi, ó Kauravya, e o rio Manijala, e Chakshus, e o rio Vardhanika, ó tu melhor dos Bharatas, estes e muitos outros rios aos milhares e centenas, todos cheios de água sagrada, se encontram lá, ó perpetuador da família de Kuru, dos quais Vasava retira água para derramá-la como chuva. É impossível narrar os nomes e comprimentos dos rios. Todos eles são os principais dos rios e purificadores de pecados. Como ouvido por todos homens lá, naquela ilha de Saka há quatro províncias sagradas. Eles são os Mrigas, os Masakas, os Manasas, e os Mandagas. Os Mrigas na maior parte são Brahmanas dedicados às ocupações da sua ordem. Entre os Masakas estão Kshatriyas virtuosos concedendo (aos Brahmanas) todo desejo (nutrido por eles). Os Manasas, ó rei, vivem por seguir os deveres da classe Vaisya. Tendo todos os

desejos deles satisfeitos, eles são também corajosos e firmemente dedicados à virtude e lucro. Os Mandagas são todos Sudras valentes de comportamento virtuoso. Nestas províncias, ó monarca, não há nenhum rei, nenhum castigo, nenhuma pessoa que mereça ser punida. Conhecedoras dos ditames do dever elas estão todas engajadas na prática dos seus respectivos deveres e protegem umas às outras. Isto é tudo o pode ser dito da ilha chamada Saka. Isto tudo também deve ser ouvido sobre aquela ilha dotada de grande energia.'"

12

"Sanjaya disse, 'Ó Kauravya, aquilo que é ouvido sobre as ilhas no norte, eu relatarei para ti, ó grande rei. Ouça-me agora. (Lá no norte) se encontra o oceano cujas águas são manteiga clarificada. Então vem o oceano cujas águas são coalhos. Em seguida vem o oceano cujas águas são vinho, e então outro oceano de água. As ilhas, ó rei, são o dobro em área uma da outra conforme elas procedem cada vez mais longe em direção ao norte. E elas estão cercadas, ó rei, por estes oceanos. Na ilha que está no meio há uma montanha grande chamada Goura feita de arsênico vermelho; na ilha ocidental, ó rei, é a montanha Krishna que é a (residência) predileta de Narayana. Lá Kesava guarda pedras preciosas celestes (em profusão), e de lá, inclinado à benevolência, ele concede felicidade às criaturas. Junto com os reinos lá, ó rei, a moita (celeste) de erva Kusa em Kusadwipa, e a árvore Salmali na ilha de Salmalika, são adoradas. Na ilha Krauncha também, a montanha chamada Maha-krauncha que é uma mina de todas as espécies de pedras preciosas, ó rei, é sempre adorada por todas as quatro classes de homens. (Lá), ó monarca, é a montanha chamada Gomanta que é enorme e compõe-se de todos os tipos de metais, e sobre a qual sempre reside, misturando-se com aqueles que são emancipados, o pujante Narayana, também chamado Hari, agraciado com prosperidade e possuidor de olhos como folhas de lótus. Em Kusadwipa, ó rei de reis, há outra montanha matizada com corais e que recebeu o nome daquela própria ilha. Aquela montanha é inacessível e feita de ouro. Possuidora de grande esplendor, ó Kauravya, há uma terceira montanha lá que é chamada Sumida. A sexta é chamada Harigiri. Estas são as seis principais montanhas. Os espaços entre estas seis montanhas aumenta na proporção de um para dois conforme elas procedem cada vez mais longe em direção ao norte. O primeiro Varsha é chamado Audhido; o segundo é Venumandala; o terceiro é chamado Suratha; o quarto é conhecido pelo nome de Kamvala; o quinto Varsha é chamado Dhritimat; e o sexto é chamado Prabhakara; o sétimo Varsha é chamado Kapila. Estes são os sete Varshas sucessivos. Nestes, deuses e Gandharvas, e outras criaturas do universo se divertem e se deleitam. Nestes Varshas os habitantes nunca morrem. Lá, ó rei, não há ladrões, nem quaisquer tribos de Mlecchas. Todos os residentes são quase brancos em cor, e muito delicados, ó rei.

Com respeito ao restante das ilhas, ó soberano de homens, eu relatarei tudo o que foi ouvido por mim. Ouça, ó monarca, com a mente atenta. Na ilha Krauncha, ó grande rei, há uma montanha grande chamada Krauncha. Ao lado de Krauncha

é Vamanaka; e ao lado de Vamanaka é Andhakara. E ao lado de Andhakara, ó rei, é aquela excelente das montanhas chamada Mainaka. Depois de Mainaka, ó monarca, é aquela melhor das montanhas chamada Govinda; e depois de Govinda, ó rei, é a montanha chamada Nivida. Ó multiplicador de tua linhagem, os espaços entre essas montanhas aumenta na proporção de um para dois. Eu agora te direi os países que se encontram lá. Ouça-me enquanto eu falo deles. A região perto de Krauncha é chamada Kusala; aquela perto de Vamanaka é Manonuga. A região ao lado de Manonuga, ó perpetuador da família de Kuru, é chamada Ushna. Depois de Ushna é Pravaraka; e depois de Pravaraka é Andhakaraka. O país depois de Andhakaraka é chamado Munidesa. Depois de Munidesa a região é chamada Dundubhiswana cheia com Siddhas e Charanas. As pessoas são quase brancas em cor, ó rei. Todos estes países, ó monarca, são as habitações de deuses e Gandharvas. Na (ilha de) Pushkara existe uma montanha chamada Pushkara que abunda com jóias e pedras preciosas. Lá sempre mora o próprio Prajapati divino. A ele todos os deuses e grandes Rishis sempre adoram com palavras gratificantes e cultuam reverentemente, ó rei. Diversas pedras preciosas de Jamvudwipa são usadas lá. Em todas estas ilhas, ó rei, Brahmacharya, veracidade, e autocontrole dos habitantes, como também sua saúde e períodos de vida são na proporção de um para dois conforme as ilhas são cada vez mais distantes (na direção norte). Ó rei, a terra naquelas ilhas, ó Bharata, abrange somente um país, pois aquele é citado como um país no qual uma religião é encontrada. O próprio Prajapati Supremo, levantando a vara de castigo, sempre reside lá, protegendo aquelas ilhas. Ele, ó monarca, é o rei. Ele é sua fonte de felicidade. Ele é o pai, e ele é o avô. É ele, ó melhor dos homens, que protege todas as criaturas lá, móveis ou imóveis. Alimento cozido, ó Kauravya, chega lá por si mesmo e as criaturas o comem diariamente. Ó de braços fortes, depois destas regiões é vista uma habitação de nome Sama. Ela tem uma forma estrelada tendo quatro cantos, e ela tem, ó rei, trinta e três mandalas. Lá moram, ó Kauravya, quatro elefantes principescos adorados por todos. (Dig-gaja, isto é, um elefante que sustenta o globo. Há quatro destes na mitologia Hindu ou dez de acordo com alguns relatos). Eles são, ó melhor dos Bharatas, Vamana, e Airavata, e outro, e também Supratika (isto é, com o suco escorrendo de suas bochechas e boca. Na época do cio, um tipo peculiar de suco sai de várias partes do corpo de um elefante. Acredita-se que ele é o suco temporal. Quanto mais forte e feroz o elefante, maior a quantidade de suco que sai de seu corpo). Ó rei, com bochechas e boca fendidas, eu não ouso calcular as proporções destes quatro elefantes. Seu comprimento, largura e espessura sempre permaneceram não determinados. Lá naquelas regiões, ó rei, ventos sopram irregularmente de todas as direções. Estes são apanhados por aqueles elefantes com as pontas de suas trombas, as quais são da cor do lótus e dotadas de grande esplendor e capazes de arrastar tudo em seu caminho. E logo depois de apanhá-los eles então sempre os deixam sair. Os ventos, ó rei, assim deixados sair por aqueles elefantes respirando vem sobre a Terra e por consequência disso as criaturas respiram e vivem.'

Dhritarashtra disse, 'Tu, ó Sanjaya, me falaste tudo acerca do primeiro assunto muito elaboradamente. Tu também indicaste as posições das ilhas. Fale agora, ó Sanjaya, sobre o que resta.'

Sanjaya disse, 'De fato, ó grande rei, as ilhas foram todas descritas para ti. Ouça agora ao que eu verdadeiramente digo sobre os corpos celestes e sobre Swarbhanu, ó chefe dos Kauravas, com relação às suas dimensões. É sabido, ó rei, que o planeta Swarbhanu é globular. Seu diâmetro é doze mil Yojanas, e sua circunferência, porque ele é muito grande, é quarenta e dois mil Yojanas, ó impecável, como dito pelos eruditos dos tempos antigos. É afirmado que o diâmetro da lua, ó rei, é onze mil Yojanas. Sua circunferência, ó chefe dos Kurus, é declarada que é trinta oito mil e novecentos Yojanas do planeta ilustre de raios frios. É sabido que o diâmetro do Sol beneficente, que avança rápido e que dá luz, ó tu da família de Kuru, é dez mil Yojanas, e sua circunferência, ó rei, é trinta e cinco mil e oitocentas milhas, por causa de sua imensidade, ó impecável. Estas são as dimensões calculadas aqui, ó Bharata, de Arka. O planeta Rahu, por sua grande massa, envolve o Sol e a Lua em tempos devidos. Eu te digo isto em resumo. Com a visão da ciência, ó grande rei, eu agora te disse tudo o que tu perguntaste. Que a paz seja tua. Eu agora te falei sobre a construção do universo como indicada nos Shastras. Portanto, ó Kauravya, acalme teu filho Duryodhana.'

Tendo escutado a este encantador Bhumi Parva, ó chefe dos Bharatas, um Kshatriya vem a ser dotado de prosperidade, obtém a realização de todos os seus desejos, e ganha a aprovação dos virtuosos. O rei que ouve a isto em dias da lua-cheia ou da lua-nova, cumprindo votos cuidadosamente todo o tempo, tem o período de sua vida, sua fama e energia, todos aumentados. Seus pais e avôs (falecidos) ficam satisfeitos. Tu agora ouviste sobre todos os méritos que fluem deste Varsha de Bharata onde nós estamos agora!'"

13

(Bhagavat-Gita Parva)

Vaisampayana disse, "Possuidor do conhecimento do passado, do presente e do futuro, e vendo todas as coisas como se presentes diante de seus olhos, o filho erudito de Gavalgana, ó Bharata, chegando rapidamente do campo de batalha, e entrando com aflição (na corte) contou para Dhritarashtra que estava mergulhado em pensamentos que Bhishma, o avô dos Bharatas, estava morto."

"Sanjaya disse, 'Eu sou Sanjaya, ó grande rei. Eu te reverencio, ó touro da raça Bharata. Bhishma, o filho de Santanu e o avô dos Bharatas, foi morto. Aquele principal de todos os guerreiros, aquele avô dos Bharatas, foi morto. Aquele principal de todos os guerreiros, aquela energia incorporada de todos os arqueiros, aquele avô dos Kurus jaz hoje em um leito de flechas. Aquele Bhishma. ó rei, confiando em cuja energia teu filho se engajou naquela partida de dados, agora jaz no campo de batalha morto por Sikhandin. Aquele poderoso guerreiro em carro que em um único carro venceu em combate terrível na cidade de Kasi todos os reis da Terra reunidos, ele que lutou destemidamente em batalha com Rama, o filho de Jamadagni, ele a quem o filho de Jamadagni não pode matar, oh, ele mesmo foi morto hoje por Sikhandin. Parecido com o próprio grande Indra em

coragem, e Himavat em firmeza, semelhante ao próprio oceano em gravidade, e à própria Terra em paciência, aquele guerreiro invencível tendo flechas como seus dentes, arco como sua boca, e a espada como sua língua, aquele leão entre homens, foi morto hoje pelo príncipe de Panchala. Aquele matador de heróis, vendo a quem quando dirigido para a batalha o poderoso exército dos Pandavas, desprovido de qualidades viris por causa do medo, costumava tremer como um rebanho de vacas vendo um leão, ai, tendo protegido aquele (teu) exército por dez noites e tendo realizado feitos de realização extremamente difícil, se pôs como o Sol. Ele que como o próprio Sakra, espalhando flechas às milhares com a maior compostura matou diariamente dez mil guerreiros por dez dias, ele mesmo morto (pelo inimigo), jaz, embora ele não mereça isso, na terra nua como uma árvore (poderosa) quebrada pelo vento, por consequência, ó rei, dos teus maus conselhos, ó Bharata.'"

14

"Dhritarashtra disse, 'Como Bhishma, aquele touro entre os Kurus, foi morto por Sikhandin? Como meu pai, que parecia o próprio Vasava, caiu de seu carro? O que veio a ser dos meus filhos, ó Sanjaya, quando eles foram privados do poderoso Bhishma que era como um celestial, e que levava vida de Brahmacharya por causa de seu pai? Após a queda daquele tigre entre homens que era dotado de grande sabedoria, grande capacidade para esforço, grande poder e grande energia, como nossos guerreiros se sentiram? Sabendo que aquele touro entre os Kurus, aquele principal dos homens, aquele herói firme, está morto, é grande a dor que trespassa meu coração. Enquanto avançava (contra o inimigo), quem o seguiu e quem prosseguiu adiante? Quem ficou ao seu lado? Quem procedeu com ele? Quais combatentes valentes seguiram atrás (protegendo a retaguarda) daquele tigre entre os guerreiros em carros, aquele arqueiro formidável, aquele touro entre os Kshatriyas, quando ele penetrou nas divisões do inimigo? Enquanto apanhando as tropas hostis, quais guerreiros se opuseram àquele matador de inimigos parecido com o corpo luminoso de mil raios, que espalhando terror entre o inimigo destruía suas tropas como o Sol destruindo a escuridão, e que realizou em batalha entre as tropas dos filhos de Pandu façanhas de realização extremamente difícil? Como, de fato, ó Sanjaya, os Pandavas se opuseram em batalha ao filho de Santanu, aquele guerreiro habilidoso e invencível quando ele se aproximou deles atacando? Massacrando as tropas (hostis), tendo flechas como seus dentes, e cheio de energia, com o arco como sua boca escancarada, e com a espada terrível como sua língua, e invencível, um verdadeiro tigre entre homens, dotado de modéstia, e nunca antes derrotado, ai, como o filho de Kunti derrotou em batalha aquele invencível, não merecedor como ele era de semelhante destino, aquele arqueiro feroz disparando flechas ardentes, posicionado em seu carro excelente, e arrancando as cabeças de inimigos (de seus corpos), aquele guerreiro irresistível como o fogo do Yuga, vendo a quem dirigido para a batalha o grande exército dos Pandavas sempre costumava vacilar? Mutilando as tropas hostis por dez noites, ai, aquele matador de tropas se pôs como o Sol, tendo realizado feitos de realização difícil. Ele que, espalhando

como o próprio Sakra uma inesgotável chuva de flechas, matou em batalha cem milhões de guerreiros em dez dias, aquele descendente da linhagem de Bharata, agora jaz, embora ele não mereça isso, na terra nua, no campo de batalha, carente de vida, uma árvore poderosa arrancada pelos ventos, como um resultado dos meus maus conselhos! Vendo o filho de Santanu, Bhishma de bravura terrível, como de fato, o exército dos Pandavas pode conseguir atingi-lo lá? Como os filhos de Pandu lutaram com Bhishma? Como é, ó Sanjaya, que Bhishma não pode vencer quando Drona vive? Quando Kripa, além disso, estava perto dele, e o filho de Drona (Aswatthaman) também, como pode Bhishma, aquele principal dos batedores, ser morto? Como pode Bhishma, que era considerado um Atiratha e que não podia ser resistido pelos próprios deuses, ser morto em batalha por Sikhandin, o príncipe de Panchala? Ele que sempre se considerava igual ao filho poderoso de Jamadagni em batalha, ele a quem o próprio filho de Jamadagni não pode vencer, ele que parecia com o próprio Indra em destreza, ai, ó Sanjaya, conte-me como aquele herói, Bhishma, nascido na linhagem de Maharathas, foi morto em batalha, pois sem saber todos os detalhes eu não posso recuperar minha equanimidade. Qual grande arqueiro do meu exército, ó Sanjaya, não abandonou aquele herói de glória imorredoura? Quais guerreiros heróicos, além disso, por ordem de Duryodhana, permaneceram em volta daquele herói (para protegê-lo)? Quando todos os Pandavas colocando Sikhandin em sua vanguarda avançaram contra Bhishma, todos os Kurus, ó Sanjaya, não ficaram ao lado daquele herói de destreza imperecível? Duro como meu coração é, certamente ele deve ser feito de pedra, pois ele não se quebra ao saber da morte daquele tigre entre homens, Bhishma! Naquele touro irresistível da raça Bharata havia verdade, e inteligência, e política, a uma extensão imensurável. Ai, como ele foi morto em batalha? Semelhante a uma nuvem poderosa de grande altitude, tendo o som da corda de seu arco como seu ribombar, suas flechas como suas gotas de chuva, e o som de seu arco como seu trovão, aquele herói derramando suas flechas sobre os filhos de Kunti com os Panchalas e os Srinjayas ao seu lado, atingia guerreiros em carros hostis como o matador de Vala atingindo os Danavas. Quem foram os heróis que resistiram, como a margem resistindo à elevação do mar, àquele castigador de inimigos, que era um oceano terrível de flechas e armas, um oceano no qual flechas eram os crocodilos irresistíveis e arcos eram as ondas, um oceano que era inesgotável, sem uma ilha, agitado e sem uma balsa para cruzá-lo, no qual maças e espadas eram como tubarões e corcéis e elefantes como redemoinhos, e soldados de infantaria como peixes em abundância, e o som de conchas e baterias como seu ribombar, um oceano que engolia cavalos e elefantes e soldados de infantaria rapidamente, um oceano que devorava heróis hostis e fervia com fúria e energia que constituíam seu fogo Yadava? Quando para o benefício de Duryodhana, aquele matador de inimigos, Bhishma, realizou façanhas (terríveis) em batalha, quem estava então em sua dianteira? Quem eram aqueles que protegiam a roda direita daquele guerreiro de energia incomensurável? Quem eram aqueles que, reunindo paciência e energia, resistiram aos heróis hostis de sua retaguarda? Quem se colocou em sua frente para protegê-lo? Quem foram os heróis que protegeram a roda dianteira daquele bravo guerreiro enquanto ele lutava (com o inimigo)? Quem foram eles que se colocando perto de sua roda esquerda castigaram os Srinjayas? Quem foram

aqueles que defenderam o avanço irresistível (das) tropas de sua dianteira? Quem protegeu os flancos daquele guerreiro que fez a última viagem dolorosa? E quem, ó Sanjaya, lutou com heróis hostis na batalha geral? Se ele estava protegido por (nossos) heróis, e se eles eram protegidos por ele, por que ele não poderia então vencer rapidamente em batalha o exército dos Pandavas, embora ele fosse invencível? De fato, ó Sanjaya, como os Pandavas puderam mesmo atingir Bhishma que era como o próprio Parameshti, aquele Senhor e criador de todas as criaturas? Tu me contaste, ó Sanjaya, do desaparecimento daquele Bhishma, aquele tigre entre homens, que era nosso refúgio e confiando em quem os Kurus estavam lutando com seus inimigos, aquele guerreiro de força imensa confiando em cuja energia meu filho nunca tinha considerado os Pandavas, ai, como ele foi morto pelo inimigo? Antigamente, todos os deuses, quando empenhados em matar os Danavas, procuraram a ajuda daquele guerreiro invencível, meu pai de votos sublimes. Aquele principal dos filhos dotado de grande energia, após cujo nascimento o mundialmente famoso Santanu abandonou toda a aflição, melancolia, e tristezas, como tu podes me dizer, ó Sanjaya, que aquele herói célebre, aquele grande protetor de todos, aquela pessoa sábia e santa que era dedicada aos deveres de sua classe e familiarizada com as verdades dos Vedas e seus ramos, foi morto? Habilidoso com todas as armas e dotado de humildade, amável e com paixões sob total controle, e possuidor de grande energia como ele era, ai, sabendo que o filho de Santanu está morto eu considero o restante do meu exército como já morto. Na minha opinião, a iniquidade agora se tornou mais forte do que a retidão, pois os filhos de Pandu desejam soberania até por matar seu superior venerável! Nos tempos passados, o filho de Jamadagni Rama, que conhecia todas as armas e a quem ninguém superava, quando dirigido para o combate em nome de Amvya, foi vencido por Bhishma em combate. Tu me disseste que aquele Bhishma, que era o principal de todos os guerreiros e que parecia com o próprio Indra nas façanhas que ele realizava, foi morto. O que pode ser uma dor maior para mim do que isto? Dotado de grande inteligência, ele que não foi morto nem por aquele matador de heróis hostis, aquele Rama, o filho de Jamadagni, que derrotou em batalha multidões de Kshatriyas repetidamente, ele agora foi morto por Sikhandin. Sem dúvida, o filho de Drupada Sikhandin, portanto que matou em batalha aquele touro da raça Bharata, aquele herói familiarizado com as armas mais superiores, aquele guerreiro corajoso e talentoso conhecedor de todas as armas, é superior em energia, destreza, e poder ao invencível Vargava dotado da maior energia. Naquele confronto de armas quem eram os heróis que seguiam aquele matador de inimigos? Narre para mim agora a batalha que foi lutada entre Bhishma e os Pandavas. O exército de meu filho, ó Sanjaya, desprovido de seu herói, é como uma mulher desprotegida. De fato, aquele meu exército é como um rebanho de vacas em pânico privado de seu vaqueiro. Ele em quem residia coragem superior àquela de todos, quando ele foi abatido no campo de batalha, qual era o estado de espírito do meu exército? Que poder há, ó Sanjaya, em nossa vida, quando nós fizemos nosso pai de energia imensa, aquele mais importante dos homens virtuosos no mundo, ser morto? Como uma pessoa desejosa de cruzar o mar quando ela vê o barco afundado em águas insondáveis, ai, meus filhos, eu penso, estão chorando amargamente pela morte de Bhishma. Meu coração, ó Sanjaya, sem dúvida é feito de pedra, pois ele não se parte nem

mesmo depois de saber da morte de Bhishma, aquele tigre entre homens. Aquele touro entre homens em quem havia armas, inteligência, e política, a uma extensão imensurável, como, ai, aquele guerreiro invencível foi morto em batalha? Nem por armas nem por coragem, nem por mérito ascético, nem por inteligência, nem por firmeza, nem por presentes, um homem pode se livrar da morte. De fato, o tempo, dotado de grande energia, é incapaz de ser contrariado por qualquer coisa no mundo, quando tu me dizes, ó Sanjaya, que o filho de Santanu Bhishma está morto. Queimando de aflição por causa de meus filhos, realmente, dominado por grande tristeza, eu esperava por alívio de Bhishma, o filho de Santanu. Quando ele viu o filho de Santanu, ó Sanjaya, jazendo na terra como o Sol (caído do firmamento), o que mais foi feito por Duryodhana como sua proteção? Ó Sanjaya, refletindo com a ajuda de minha inteligência, eu não vejo qual será o fim dos reis pertencentes ao meu lado e àquele do inimigo e agora reunidos em tropas opostas de batalha. Ai, cruéis são os deveres da classe Kshatriya como prescritos pelos Rishis, já que os Pandavas estão desejosos de soberania mesmo por executarem a morte do filho de Santanu, e nós também estamos desejosos de soberania por oferecer aquele herói de votos sublimes como um sacrifício. Os filhos de Pritha, como também meus filhos, estão todos no cumprimento dos deveres Kshatriya. Eles, portanto, não incorrem em pecado (por fazer) isto. Até uma pessoa correta deve fazer isto, ó Sanjaya, quando calamidades terríveis chegam. A exposição de coragem e a exibição de maior força estão declarados entre os deveres dos Kshatriyas.

Como, de fato, os filhos de Pandu se opuseram a meu pai Bhishma, o filho de Santanu, aquele herói invicto dotado de modéstia, enquanto ele estava empenhado em destruir as tropas hostis? Como as tropas estavam organizadas, e como ele lutou com inimigos de grande alma? Como, ó Sanjaya, meu pai Bhishma foi morto pelo inimigo? Duryodhana e Karna e o enganador Sakuni, o filho de Suvala, e Dussasana também, o que eles disseram quando Bhishma foi morto? Lá onde o tabuleiro de dados é constituído pelos corpos de homens, elefantes, e corcéis, e onde flechas e lanças e grandes espadas e dardos farpados pelos dados, entrando naquela mansão terrível do destrutivo jogo da batalha, quem eram aqueles jogadores desventurados, aqueles touros entre homens, que apostaram, fazendo de suas próprias vidas as apostas terríveis? Quem ganhou, quem foi vencido, quem lançou os dados com sucesso, e quem foi morto, além de Bhishma, o filho de Santanu? Conte-me tudo, ó Sanjaya, pois a paz não pode ser minha sabendo que Devavrata foi morto, aquele meu pai, de atos terríveis, aquele ornamento de batalha, Bhishma! Uma angústia pungente penetrou no meu coração, nascida do pensamento de que todos os meus filhos podem morrer. Tu fizeste esta minha aflição resplandecer, ó Sanjaya, como fogo por despejar manteiga clarificada sobre ele. Meus filhos, eu penso, estão agora mesmo sofrendo, vendo Bhishma morto, Bhishma célebre em todos os mundos e que tomou sobre si mesmo uma carga pesada. Eu escutarei a todas aquelas tristezas resultantes da ação de Duryodhana. Portanto, conte-me, ó Sanjaya, tudo o que aconteceu lá, tudo o que aconteceu na batalha nascida da tolice de meu filho perverso. Mal ordenado ou bem ordenado, diga-me tudo, ó Sanjaya. Qualquer coisa que tenha sido realizada com a ajuda de energia na batalha por Bhishma

desejoso de vitória, por aquele guerreiro ilustre em armas, diga-me tudo completamente e em detalhes. Como, de fato, ocorreu a batalha entre os exércitos dos Kurus e a maneira na qual cada uma aconteceu.'"

15

Sanjaya disse, "Digno como tu és, esta pergunta é, de fato, digna de ti, ó grande rei. Não cabe a ti, no entanto, imputar este erro a Duryodhana. O homem que atrai o mal sobre si como consequência de seu próprio comportamento impróprio não deve atribuir aquele comportamento impróprio a outros. Ó grande rei, o homem que faz toda espécie de injúria para outros homens merece ser morto por todos os homens por aqueles seus atos censuráveis. Os Pandavas não familiarizados com os aspectos da pecaminosidade tinham, por muito tempo, com seus amigos e conselheiros, olhado o teu rosto com respeito, suportado as ofensas (feitas a eles) e as perdoado, residindo nas florestas.

A respeito dos corcéis e elefantes e reis de energia imensurável que foram vistos pela ajuda de poder de Yoga, ouça, ó senhor da terra, e não fixe teu coração na tristeza. Tudo isto estava predestinado, ó rei. Tendo reverenciado teu pai, aquele filho (sábio e de grande alma) de Parasara, por cuja graça, (por cuja bênção dada a mim) eu obtive percepção excelente e celeste, visão além do alcance do sentido visual, e audição, ó rei, de grande distância, conhecimento do coração de outras pessoas e também do passado e do futuro, um conhecimento também da origem de todas as pessoas que desobedecem as ordenanças, o poder encantador de percorrer os céus, e incapacidade de ser tocado por armas em batalhas, ouça-me em detalhes enquanto eu narro a batalha fabulosa e muito extraordinária que aconteceu entre os Bharatas, uma batalha de arrepiar os cabelos.

Quando os combatentes estavam organizados de acordo com o regulamento e quando eles estavam dirigidos para a batalha, Duryodhana, ó rei, disse estas palavras para Dussasana, 'Ó Dussasana, que carros sejam ordenados rapidamente para a proteção de Bhishma, e incite rapidamente todas as nossas divisões (para avançar). Chegou agora para mim aquilo sobre o qual eu vinha pensando por uma série de anos, o encontro dos Pandavas e os Kurus na dianteira de suas respectivas tropas. Eu não penso que há alguma ação mais importante (para nós) nesta luta do que a proteção de Bhishma. Se for protegido ele matará os Pandavas, os Somakas, e os Srinjayas. Aquele guerreiro de alma pura disse, 'Eu não matarei Sikhandin. É sabido que ele era uma mulher antes. Por essa razão ele deve ser renunciado por mim em batalha.' Por isso, Bhishma deve ser particularmente protegido. Que todos os meus guerreiros tomem suas posições, decididos a matar Sikhandin. Que também todas as tropas do leste, do oeste, do sul, e do norte, aperfeiçoadas em todos os tipos de armas, protejam o avô. Até o leão de força imensa, se deixado desprotegido, pode ser morto pelo lobo. Não deixemos, portanto, Bhishma ser morto por Sikhandin como o leão morto pelo chacal. Yudhamanyu protege a roda esquerda, e Uttamauja protege a

roda direita de Phalguni. Protegido por aqueles dois, o próprio Phalguni protege Sikhandin. Ó Dussasana, aja de maneira que Sikhandin que é protegido por Phalguni e a quem Bhishma renunciará não possa matar o filho de Ganga.'"

16

Sanjaya disse, "Quando a noite tinha passado, se tornou alto o barulho feito pelos reis, todos exclamando, 'Ponham-se em ordem! Ponham-se em ordem!' Com o clangor de conchas e o som de baterias que pareciam rugidos leoninos, ó Bharata, com o relincho de corcéis, e o estrépito de rodas de carro, com o barulho de elefantes turbulentos e os gritos, batidas no peito, e gritos de combatentes que rugiam, o tumulto causado em todos os lugares era muito grande. Os grandes exércitos dos Kurus e dos Pandavas, ó rei, se levantando ao nascer do sol, terminaram todos os seus arranjos. Então quando o sol subiu, as armas violentas de ataque e defesa e as cotas de malha de teus filhos e dos Pandavas, e os grandes e esplêndidos exércitos de ambos os lados ficaram totalmente visíveis. Lá elefantes e carros, enfeitados com ouro, pareciam resplandecentes como nuvens misturadas com relâmpagos. As tropas de carros, posicionadas em profusão, pareciam com cidades. E teu pai, posicionado lá, resplandecia brilhantemente, com a lua cheia. E os guerreiros armados com arcos e espadas e cimitarras e maças, dardos e lanças e armas brilhantes de diversos tipos, tomaram suas posições em suas (respectivas) tropas. E estandartes resplandecentes eram vistos, levantados aos milhares, de diversas formas, pertencentes a nós mesmos e ao inimigo. E feitos de ouro e enfeitados com pedras preciosas e brilhando como fogo, aqueles estandartes aos milhares dotados de grande refulgência, pareciam belos como os combatentes heróicos envolvidos em armadura que fitavam aqueles estandartes, ansiosos pela batalha. E muitos principais dos homens, com olhos grandes como aqueles de touros, dotados de aljavas, e com mãos envolvidas em proteções de couro, permaneceram nas cabeças de suas divisões, com suas armas brilhantes erguidas. E o filho de Suvala Sakuni, e Salya, Jayadratha e os dois príncipes de Avanti chamados Vinda e Anuvinda, e os irmãos Kekaya, e Sudakshina o governante dos Kamvojas e Srutayudha o governante dos Kalingas, e o rei Jayatsena, e Vrihadvala o soberano dos Kosalas, e Kritavarman da linhagem de Satwata, estes dez tigres entre homens, dotados de grande coragem e possuindo braços que pareciam com maças, estes realizadores de sacrifícios com presentes abundantes (para Brahmanas), ficaram cada um na liderança de um Akshauhini de tropas. Estes e muitos outros reis e príncipes, poderosos guerreiros em carros familiarizados com política, obedientes às ordens de Duryodhana, todos envolvidos em armadura, foram vistos posicionados em suas respectivas divisões. Todos eles, vestidos em camurças pretas, dotados de grande força, habilidosos em batalha, e alegremente preparados, por causa de Duryodhana, para ascender à região de Brahma, permaneceram lá comandando dez Akshauhinis eficientes. (Um Kshatriya falhando bravamente em luta vai imediatamente para a mais elevada região de bem-aventurança). A décima primeira grande divisão dos Kauravas, consistindo nas tropas de Dhartarashtra,

permaneceu na frente do exército inteiro. Lá na vanguarda daquela divisão estava o filho de Santanu. Com sua proteção branca para a cabeça, guarda-sol branco, e armadura branca, ó monarca, nós vimos Bhishma de destreza infalível parecer com a lua no alto. Seu estandarte portando o emblema de uma palmeira dourada, ele mesmo posicionado sobre um carro feito de prata, os Kurus e os Pandavas viram aquele herói parecendo com a lua cercada por nuvens brancas. Os grandes arqueiros entre os Srinjayas liderados por Dhrishtadyumna, (contemplando Bhishma) pareciam com pequenos animais quando eles viam um leão enorme bocejando. De fato, todos os combatentes liderados por Dhrishtadyumna tremeram repetidamente amedrontados. Estas, ó rei, eram as onze divisões esplêndidas do teu exército. Assim também as sete divisões pertencentes aos Pandavas eram protegidas pelos mais importantes dos homens. De fato, os dois exércitos encarando um ao outro pareciam com dois oceanos no fim do Yuga agitados por Makaras ferozes, e abundando com crocodilos enormes. Nunca antes, ó rei, nós vimos ou soubemos de dois exércitos semelhantes enfrentando um ao outro como estes dos Kauravas.'”

17

Sanjaya disse, "Exatamente como o santo Krishna-Dwaipayana Vyasa disse, daquela exata maneira os reis da Terra, reunidos, foram para o confronto. Naquele dia no qual a batalha começou Soma se aproximou da região dos Pitris. (Aqueles que morrem em batalha ascendem imediatamente para o céu, naturalmente eles tem primeiro que ir para a região dos Pitris. Daí eles tem que ir para a região lunar para obter corpos celestes. Tudo isso implica uma pequena demora. Aqui, no entanto, no caso daqueles que morreriam no campo de Kurukshetra eles não teriam que incorrer nem em tal pequena demora. Chandramas ou Soma se aproximou da região dos Pitris para que os guerreiros caídos pudessem ter corpos celestes logo sem de fato qualquer necessidade de sua parte de incorrer na demora de uma jornada para a região lunar anterior à sua ascensão para o céu com corpos resplandecentes.) Os sete grandes planetas, quando eles apareceram no céu, pareciam todos brilhantes como fogo. O Sol, quando ele nasceu, parecia estar dividido em dois. Além disso, aquele corpo luminoso, quando ele apareceu no firmamento, parecia resplandecer em chamas. Chacais e corvos carnívoros, esperando corpos mortos para se banquetear, começaram a proferir gritos ferozes de todas as direções que pareciam estar em chamas. Todos os dias o velho avô dos Kurus, e o filho de Bharadwaja, se levantando da cama de manhã, com mentes concentradas, diziam, 'Vitória para os filhos de Pandu', enquanto aqueles castigadores de inimigos costumavam (ao mesmo tempo) ainda lutar por tua causa de acordo com a promessa que eles tinham dado. Teu pai Devavrata, completamente familiarizado com todos os deveres, convocando todos os reis, disse estas palavras (para eles), 'Ó Kshatriyas, esta porta larga está aberta para vocês entrarem no céu. Atrevessem-na para a região de Sakra e Brahman. Os Rishis dos tempos antigos mostraram a vocês este caminho eterno. Honrem a si mesmos por se engajarem na batalha com mentes atentas. Nabhaga, e Yayati, e

Mandhatri, e Nahusa, e Nriga, foram coroados com êxito e alcançaram a região mais elevada de bem aventurança por meio de atos como estes. Morrer de doença em casa é pecado para um Kshatriya. A morte que ele encontra em batalha é seu dever eterno.' Assim endereçados, ó touro da raça Bharata, por Bhishma, os reis, parecendo belos em seus carros excelentes, procederam para as dianteiras de suas respectivas divisões. Somente o filho de Vikartana, Karna, com seus amigos e parentes, ó touro da raça Bharata, pôs de lado suas armas em batalha por causa de Bhishma. Sem Karna então, teus filhos e todos os reis do teu lado procederam, fazendo os dez pontos do horizonte ressoarem com seus rugidos leoninos. E suas divisões brilhavam muito, ó rei, com guarda-sóis brancos, estandartes, bandeiras, elefantes, corcéis, carros, e soldados de infantaria. E a Terra foi agitada com os sons de baterias e tambores e pratos, e estrépito de rodas de carros. E os poderosos guerreiros em carros, enfeitados com suas pulseiras e braceletes de ouro e com seus arcos (matizados com ouro), pareciam resplandecentes como colinas de fogo. E com seu grande estandarte de palmeira decorado com estrelas, Bhishma, o generalíssimo do exército Kuru, parecia com o próprio Sol fulgurante. Aqueles arqueiros poderosos de nascimento nobre, ó touro da raça Bharata, que estavam do teu lado, todos tomaram suas posições, ó rei, como o filho de Santanu ordenou. (O rei) Saivya do país dos Govasanas, acompanhado por todos os monarcas, saiu sobre um elefante principesco digno de uso real e ornamentado com um estandarte em suas costas. E Aswatthaman, da cor do lótus, partiu pronto para toda emergência, se colocando na própria dianteira de todas as divisões, com seu estandarte portanto o emblema do rabo do leão. E Srutayudha e Chitrasena e Purumitra e Vivinsati, e Salya e Bhurisravas, e aquele poderoso guerreiro em carro Vikarna, estes sete arqueiros poderosos em seus carros e vestidos em excelente armadura, seguiram o filho de Drona detrás mas na frente de Bhishma. Os altos estandartes destes guerreiros, feitos de ouro, belamente levantados para adornar seus carros excelentes, pareciam muito resplandecentes. O estandarte de Drona, o principal dos preceptores, portava o emblema de um altar dourado ornamentado com um vaso de água e a figura de um arco. O estandarte de Duryodhana guiando muitas centenas e milhares de divisões portava o emblema de um elefante trabalhado em pedras preciosas. Paurava e o soberano dos Kalingas, e Salya, estes Rathas, tomaram sua posição na dianteira de Duryodhana. Em um carro caro com seu estandarte portando o emblema de um touro, e guiando a própria vanguarda (de sua divisão), o soberano dos Magadhas marchou contra o inimigo. Aquela grande tropa de habitantes do leste, parecendo com nuvens fofas de outono, era (além disso) protegida pelo chefe dos Angas (o filho de Karna Vrishaketu) e Kripa dotado de grande energia. Posicionando-se na vanguarda de sua divisão com seu belo estandarte de prata portando o emblema do javali, o famoso Jayadratha parecia muito resplandecente. Cem mil carros, oito mil elefantes, e sessenta mil cavaleiros estavam sob seu comando. Comandada pelo nobre chefe dos Sindhus, aquela grande divisão ocupando a própria dianteira (do exército) e abundando com incontáveis carros, elefantes, e corcéis, parecia magnífica. Com sessenta mil carros e dez mil elefantes, o soberano dos Kalingas, acompanhado por Ketumat, partiu. Seus elefantes enormes, parecendo com colinas, e adornados com Yantras (máquinas, talvez catapultas), lanças, aljavas e estandartes, pareciam muito belos. E o

soberano dos Kalingas, com seu alto estandarte refulgente como fogo, com seu guarda-sol branco, e couraça dourada, e Chamaras (com os quais ele era abanado), resplandecia brilhantemente. E Ketumat também, montando um elefante com um gancho muito belo e excelente, estava posicionado na batalha, ó rei, como o Sol no meio de nuvens (negras). E o rei Bhagadatta, brilhando com energia e montando naquele elefante dele, partiu como o manejador do raio. E os dois príncipes de Avanti chamados Vinda e Anuvinda, que eram considerados como iguais a Bhagadatta, seguiram Ketumat, montados nos pescoços de seus elefantes. E, ó rei, posto em formação por Drona e o filho real de Santanu, e pelo filho de Drona, e Valhika, e Kripa, o Vyuha (exército de tropas em uma certa forma) Kaurava consistindo em muitas divisões de carros era tal que os elefantes formavam seu corpo; os reis, sua cabeça; e os corcéis, seus flancos. Com face para todos os lados, aquele Vyuha feroz parecia sorrir e pronto para saltar (sobre o inimigo)."

18

Sanjaya disse, "Logo depois, ó rei, um tumulto alto, fazendo o coração tremer, foi ouvido, feito pelos combatentes prontos para a luta. De fato, com os sons de conchas e baterias, os grunhidos de elefantes, e o ruído de rodas de carro, a Terra parecia se rasgar em duas. E logo o firmamento e a Terra inteira foram cheios com o relincho de carregadores e os gritos de combatentes. Ó irresistível, as tropas dos teus filhos e dos Pandavas ambas tremeram quando elas encontraram umas às outras. Lá (no campo de batalha) elefantes e carros, enfeitados com ouro, pareciam belos como nuvens enfeitadas com relâmpago. E estandartes de formas diversas, ó rei, pertencentes aos combatentes do teu lado, e adornados com aros dourados, pareciam brilhantes como fogo. E aqueles estandartes do teu lado e do deles, pareciam, ó Bharata, os estandartes de Indra em suas mansões celestiais. E os guerreiros heróicos todos equipados e envolvidos em cotas de malha douradas dotadas da refulgência do Sol brilhante, eles mesmos pareciam com o fogo ardente ou o Sol. Todos os principais guerreiros entre os Kurus, ó rei, com arcos excelentes, e armas erguidas (para golpear), com proteções de couro em suas mãos, e com estandartes, aqueles arqueiros poderosos, de olhos grandes como aqueles de touros, todos se colocaram nas dianteiras de suas (respectivas) divisões. E estes entre teus filhos, ó rei, protegiam Bhishma de trás, isto é, Dussasana, e Durvishaha, e Durmukha, e Dussaha e Vivinsati, e Chitrasena, e aquele poderoso guerreiro em carro Vikarna. E entre eles estavam Satyavrata, e Purumitra, e Jaya, e Bhurisravas, e Sala. E vinte mil guerreiros em carros os seguiam. Os Abhishahas, os Surasenas, os Sivis, e os Vasatis, os Swalyas, os Matsyas, os Amvashtas, os Trigartas, e os Kekayas, os Sauviras, os Kitavas, e os habitantes dos países do Leste, do Oeste, e do Norte, estas doze bravas raças estavam decididas a lutar indiferentes às vidas. E elas protegiam o avô com uma formação numerosa de carros. E com uma divisão que consistia em dez mil elefantes vigorosos, o rei de Magadha seguia aquela grande divisão de carros. Aqueles que protegiam as rodas dos carros e aqueles que protegiam os elefantes numeravam seis milhões completos. E os soldados de infantaria que

marchavam na frente (do exército), armados com arcos, espadas, e escudos, numeravam muitas centenas de milhares. E eles lutavam também usando suas unhas e dardos farpados. E os onze Akshauhinis do teu filho, ó Bharata, pareciam, ó rei poderoso, com Ganga separado do Yamuna."

19

Dhritarashtra disse, "Vendo nossos onze Akshauhinis organizados em ordem de batalha, como Yudhishthira, o filho de Pandu, fez sua formação contrária com suas tropas menores em número? Como o filho de Kunti, ó Sanjaya, formou sua formação de combate contrária contra aquele Bhishma que conhecia todas as espécies de formações, isto é, humana, celeste, Gandharva, e Asura?"

Sanjaya disse, "Vendo as divisões de Dhritarashtra organizadas em ordem de batalha, o filho de Pandu de alma virtuosa, o rei Yudhishthira o justo, dirigiu-se a Dhananjaya, dizendo, 'Os homens estão informados das palavras daquele grande Rishi Vrihaspati que os poucos devem ser feitos lutar por condensá-los, enquanto os muitos podem ser espalhados de acordo com a vontade. Em confrontos dos poucos com os muitos, o exército a ser formado deve ser um de boca de agulha. Nossas tropas em comparação com as do inimigo são poucas. Mantendo em vista esse preceito do grande Rishi, organize nossas tropas, ó filho de Pandu.' Ouvindo isso, aquele filho de Pandu respondeu ao rei Yudhishthira o justo, dizendo, 'Aquela formação inalterável conhecida pelo nome de Vajra, a qual foi traçada pelo manejador do raio, aquela formação invencível é a que eu farei para ti, ó melhor dos reis. Ele que é como uma tempestade repentina, ele que é incapaz de ser suportado em batalha pelo inimigo, aquele Bhima o principal dos batedores, lutará em nossa dianteira. Aquele principal dos homens, familiarizado com todos os instrumentos de batalha, se tornando nosso líder, lutará na vanguarda, e suprimirá a energia do inimigo. Aquele principal dos batedores, Bhima, vendo a quem todos os guerreiros hostis encabeçados por Duryodhana se retirarão em pânico como animais menores vendo o leão, todos nós, com nossos temores dissipados, procuraremos sua proteção como se ele fosse uma parede, como os celestiais procurando a proteção de Indra. Não respira no mundo o homem que aguenta olhar para aquele touro entre homens, Vrikodara de feitos violentos, quando ele está enfurecido.' Dizendo isso, Dhananjaya de braços fortes fez como ele disse. E Phalguni, dispondo rapidamente suas tropas em formação de combate, procedeu (contra o inimigo). E o poderoso exército dos Pandavas, vendo o exército Kuru se mover, parecia com a correnteza cheia, inalterável, de ondulação rápida do Ganga. E Bhimasena, e Dhrishtadyumna dotado de grande energia, e Nakula, e Sahadeva, e o rei Dhrishtaketu se tornaram os líderes daquele exército. E o rei Virata, cercado por um Akshauhini de tropas e acompanhado por seus irmãos e filhos, marchava em sua retaguarda, protegendo eles de trás. Os dois filhos de Madri, ambos dotados de grande refulgência, se tornaram os protetores das rodas de Bhima; enquanto os (cinco) filhos de Draupadi e o filho de Subhadra todos dotados de grande força protegiam (Bhima) de trás. E aquele poderoso guerreiro em carro, Dhrishtadyumna, o príncipe de Panchala, com aqueles mais corajosos

combatentes e os principais dos guerreiros em carros, os Prabhadrakas, protegia aqueles príncipes de trás. E atrás dele estava Sikhandin que (por sua vez) era protegido por Arjuna, e que, ó touro da raça Bharata, avançava com atenção concentrada para a destruição de Bhishma. Atrás de Arjuna estava Yuyudhana de força imensa; e os dois príncipes de Panchala, Yudhamanyu e Uttamaujas, se tornaram protetores das rodas de Arjuna, junto com os irmãos Kekaya, e Dhrishtaketu, e Chekitana de grande heroísmo. 'Este Bhimasena, manejando sua maça feita do metal mais rígido, e se movendo (sobre o campo de batalha) com velocidade impetuosa pode secar o próprio oceano. E lá também estão, com seus conselheiros olhando para ele, ó rei, os filhos de Dhritarashtra.' Isso mesmo, ó monarca, foi o que Vibhatsu disse, indicando o poderoso Bhimasena (para Yudhishthira). E enquanto Partha estava falando assim, todas as tropas, ó Bharata, o reverenciaram no campo de batalha com palavras gratulatórias. O rei Yudhishthira, o filho de Kunti, tomou sua posição no centro de seu exército, cercado por elefantes enormes e furiosos parecendo colinas moventes. Yajnasena de grande alma, o rei dos Panchalas, dotado de grande coragem, se posicionou atrás de Virata com um Akshauhini de tropas pela causa dos Pandavas. E sobre os carros daqueles reis, ó monarca, estavam estandartes altos portando diversos emblemas, enfeitados com ornamentos excelentes de ouro, e dotados da refulgência do Sol e da Lua. Fazendo aqueles reis se moverem e abrirem espaço para ele, aquele poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, acompanhado por seus irmãos e filhos protegia Yudhishthira de trás. Superando os enormes estandartes sobre todos os carros do teu lado e aquele do inimigo estava o macaco gigantesco sobre o carro de Arjuna. Soldados de infantaria, muitas centenas de milhares, armados com espadas, lanças, e cimitarras, procediam adiante para proteger Bhimasena. E dez mil elefantes com suco (temporal) escorrendo de suas bochechas e bocas, e parecendo (por causa disso) nuvens derramando chuva, dotados de grande coragem, brilhando com armaduras douradas, colinas enormes, caras, e emitindo a fragrância de lótus, seguiam atrás do rei como montanhas moventes. E o invencível Bhimasena de grande alma, girando sua maça violenta que parecia um parigha (um cassetete compacto engastado com ferro) parecia esmagar o grande exército (do teu filho). Incapaz de ser olhado como o próprio Sol, e chamuscando, por assim dizer, o exército hostil (como fogo), nenhum dos combatentes podia suportar olhar para ele de algum ponto próximo. E aquela formação de batalha, destemida e tendo sua face virada para todos os lados chamada Vajra, tendo arcos como seu sinal de relâmpago, e extremamente feroz, era protegida pelo manejador do Gandiva. Dispondo suas tropas nessa formação contrária contra teu exército, os Pandavas esperavam pela batalha. E protegido pelos Pandavas, aquele exército se tornou invencível no mundo dos homens.

E quando (ambos) os exércitos permaneceram no amanhecer do dia esperando pelo nascer do sol, um vento começou a soprar com gotas de água (caindo), e embora não houvesse nuvens, o ribombar do trovão era ouvido. E ventos secos começaram a soprar por toda parte, carregando uma chuva de seixos afiados ao longo do solo. E densa poeira se ergueu, cobrindo o mundo com escuridão. E meteoros grandes começaram a cair para o leste, ó touro da raça Bharata, e

batendo contra o Sol nascente, se partiam em fragmentos com barulho alto. Quando as tropas permaneciam em formação, ó touro da raça Bharata, o Sol nasceu privado de esplendor, e a Terra tremeu com um som alto, e se partiu em muitos lugares, ó chefe dos Bharatas, com barulho alto. E o ribombar do trovão, ó rei, era ouvido frequentemente por toda parte. Tão denso era o pó que se ergueu que nada podia ser visto. E os estandartes altos (dos combatentes), providos de cordões de sinos, decorados com ornamentos dourados, guirlandas de flores, e rico drapejamento, enfeitados com pendões e parecendo o Sol em esplendor, sendo subitamente balançados pelo vento, fizeram um barulho alto tilintante semelhante àquele de uma floresta de palmeiras (quando movida pelo vento). Foi dessa maneira que aqueles tigres entre homens, os filhos de Pandu, sempre tendo prazer em batalha, permaneceram tendo disposto suas tropas em formação contrária contra o exército do teu filho, e sugando, por assim dizer, a medula, ó touro da raça Bharata, dos nossos guerreiros, e olhando para Bhimasena posicionado em sua dianteira, com maça na mão."

20

Dhritarashtra disse, "Quando o sol nasceu, ó Sanjaya, do meu exército liderado por Bhishma e do exército Pandava liderado por Bhima, qual se aproximou primeiro alegremente do outro, desejoso de lutar? Para qual lado estava o Sol, a Lua e o vento hostil, e contra quem os animais predadores proferiram sons inauspiciosos? Quem eram aqueles homens jovens, as feições de cujos rostos estavam alegres? Conte-me tudo isso verdadeiramente e devidamente."

Sanjaya disse, "Ambos os exércitos, quando em formação, estavam igualmente alegres, ó rei. Ambos os exércitos pareciam igualmente belos, assumindo o aspecto de bosques florescentes, e ambos os exércitos estavam cheios de elefantes, carros e cavalos. Ambos os exércitos eram vastos e terríveis em aspecto; e assim também, ó Bharata, nenhum deles podia tolerar o outro. Ambos estavam organizados para conquistar os próprios céus, e ambos consistiam em pessoas excelentes. Os Kauravas pertencentes ao partido de Dhritarashtra permaneciam de frente para o oeste, enquanto os Parthas permaneciam de frente para o leste, dirigidos para a luta. As tropas dos Kauravas pareciam com o exército do chefe dos Danavas, enquanto aquelas dos Pandavas pareciam com o exército dos celestiais. O vento começou soprar detrás dos Pandavas (contra o rosto dos Dhartarashtras), e os animais predadores começaram a gritar contra os Dhartarashtras. Os elefantes pertencentes aos teus filhos não podiam suportar o forte odor de suco temporal emitido pelos elefantes enormes (dos Pandavas). E Duryodhana montava um elefante da cor do lótus, com têmporas fendidas, enfeitado com um Kaksha dourado (em suas costas), e envolvido em armadura de rede de aço. E ele estava no próprio centro dos Kurus e era adorado por elogiadores e bardos. E um guarda-sol branco de esplendor lunar era mantido sobre sua cabeça enfeitado com uma corrente dourada. A ele Sakuni, o soberano dos Gandharas, seguia com montanheses de Gandhara colocados por todos os lados. E o venerável Bhishma estava na dianteira de todas as tropas, com um

guarda-sol branco mantido sobre sua cabeça, armado com arco e espada, com um proteção branca para a cabeça, com um estandarte branco (sobre seu carro), e com corcéis brancos (unidos a ele), e parecendo totalmente com uma montanha branca. Na divisão de Bhishma estavam todos os filhos de Dhritarashtra, e também Sala que era um compatriota dos Valhikas, e também todos aqueles Kshatriyas chamados Amvastas, e aqueles chamados Sindhus, e aqueles também que eram chamados Sauviras, e os habitantes heróicos do país dos cinco rios. E em um carro dourado ao qual estavam unidos corcéis vermelhos, Drona de grande alma, com arco na mão e coragem que nunca enfraquecia, o preceptor de quase todos os reis, permanecia atrás de todas as tropas, protegendo-as como Indra. E o filho de Saradwat, aquele combatente na vanguarda, aquele arqueiro poderoso e de grande alma, também chamado Gautama, conhecedor de todos os modos de guerra, acompanhado pelos Sakas, os Kiratas, os Yavanas, e os Pahlavas, tomou sua posição no ponto norte do exército. Aquela grande tropa que era bem protegida por poderosos guerreiros em carros das tribos Vrishni e Bhoja, como também pelos guerreiros de Surashtra bem armados e familiarizados com os usos de armas, e que era liderada por Kritavarman, procedeu em direção ao sul do exército. Dez mil carros dos Samasaptakas que foram criados ou para a morte ou para a fama de Arjuna, e que, habilidosos com armas, pretendiam seguir Arjuna em seus calcanhares partiram todos como também os bravos Trigartas. No teu exército, ó Bharata, estavam mil elefantes dos maiores poderes de luta. Para cada elefante estava designada uma centena de carros; para cada carro, cem cavaleiros; para cada cavaleiro, dez arqueiros; e para cada arqueiro dez combatentes armados com espada e escudo. Dessa maneira, ó Bharata, tuas divisões foram organizadas por Bhishma. Teu generalíssimo Bhishma, o filho de Santanu, quando cada dia amanhecia, às vezes dispunha tuas tropas em formação humana, às vezes na celeste, às vezes na Gandharva, e às vezes na Asura. Apinhado com grande número de Maharathas, e rugindo como o próprio oceano, o exército de Dhartarashtra, organizado por Bhishma, permaneceu de frente para o oeste para lutar. Ilimitável como era teu exército, ó soberano de homens, ele parecia terrível; mas o exército dos Pandavas, embora ele não fosse de tal maneira (em número), ainda me parecia ser muito grande e invencível já que Kesava e Arjuna eram seus líderes."

21

Sanjaya disse, "Vendo o vasto exército de Dhartarashtra pronto para a batalha, o rei Yudhishthira, o filho de Kunti, cedeu à aflição. Vendo aquela formação de batalha impenetrável formada por Bhishma e considerando-a como realmente impenetrável, o rei ficou pálido e dirigiu-se a Arjuna, dizendo, 'Ó Dhananjaya de braços fortes, como nós poderemos lutar em batalha com os Dhartarashtras que tem a avô como seu (principal) combatente? Inalterável e impenetrável é esta formação de combate que foi projetada, de acordo com as regras prescritas nas escrituras, por aquele opressor de inimigos, Bhishma, de glória transcendente. Com nossas tropas nós nos tornamos duvidosos (a respeito do êxito), ó opressor

de inimigos. Como, de fato, a vitória será nossa diante deste exército poderoso?' Assim endereçado, aquele matador de inimigos Arjuna respondeu para Yudhishthira, o filho de Pritha, que estava mergulhado em angústia à visão, ó rei, de teu exército, nessas palavras , 'Ouça, ó rei, como soldados que são poucos em número podem vencer muitos que são possuidores de todas as qualidades. Tu és sem malícia; eu, portanto, te direi os meios, ó rei. O Rishi Narada conhece isso, como também Bhishma e Drona. Referente a esses meios, o próprio avô antigamente na ocasião da batalha entre os Deuses e os Asuras disse para Indra e os outros celestiais, 'Aqueles que estão desejosos de vitória não vencem por poder e energia tanto quanto pela veracidade, compaixão, retidão e energia. Discriminando entre retidão e iniquidade, e compreendendo o que quer dizer cobiça e recorrendo ao esforço lute sem arrogância, pois a vitória está onde a retidão está.' Por isso saiba, ó rei, que para nós a vitória é indubitável nessa batalha. De fato, como Narada disse, 'Há vitória onde Krishna está.' A vitória é inerente a Krishna. De fato, ela segue Madhava. E como a vitória é um de seus atributos, assim humildade é seu outro atributo. Govinda é possuidor de energia que é infinita. Até no meio de inimigos imensuráveis ele permanece sem aflição. Ele é o mais eterno dos seres masculinos. E há vitória onde Krishna está. Ele mesmo, indestrutível e de armas que não podem ser desviadas, aparecendo como Hari nos tempos antigos, disse em uma voz alta para os Deuses e os Asuras, 'Quem entre vocês será vitorioso?' Venceram aqueles que disseram, 'Com Krishna na vanguarda nós venceremos.' (Os deuses, que aceitaram a liderança de Krishna, ou o escolheram como seu líder, se tornaram vitoriosos.) E foi pela graça de Hari que os três mundos foram obtidos pelos deuses encabeçados por Sakra. Eu, portanto, não vejo a menor causa de tristeza em ti, a ti que tens o Soberano do Universo e o próprio Senhor dos celestiais para desejar vitória para ti."

22

Sanjaya disse, "Então, ó touro da raça Bharata, o rei Yudhishthira, dispondo suas próprias tropas em formação contrária contra as divisões de Bhishma, incitou-as adiante, dizendo, 'Os Pandavas agora dispuseram suas tropas em formação de batalha contrária em conformidade com o que é declarado (nas escrituras). Ó impecáveis, lutem de modo justo, desejosos de (entrar) no céu mais elevado.' No centro (do exército Pandava) estava Sikhandin e suas tropas, protegidas por Arjuna. E Dhristadyumna se movia na vanguarda, protegido por Bhima. A divisão sul (do exército Pandava) era protegida, ó rei, por aquele arqueiro poderoso, o belo Yuyudhana, aquele principal combatente da linhagem de Satwata, parecido com o próprio Indra. Yudhishthira estava posicionado em um carro que era digno de conduzir o próprio Mahendra, adornado com um estandarte excelente, matizado com ouro e pedras preciosas, e equipado com tirantes dourados (para os corcéis), no meio de suas divisões de elefantes. Seu guarda-sol branco puro com cabo de marfim, erguido sobre sua cabeça, parecia muito belo; e muitos grandes Rishis andavam em volta do rei, proferindo palavras em seu louvor. E muitos sacerdotes, e Rishis e Siddhas regenerados, proferindo hinos em

seu louvor desejaram a ele, enquanto eles andavam em volta, a destruição de seus inimigos, pela ajuda de Japas, e Mantras, drogas eficazes, e diversas cerimônias propiciatórias. Aquele chefe de grande alma dos Kurus, então dando para os Brahmanas vacas e frutas e flores e moedas de ouro junto com tecidos, procedeu como Sakra, o chefe dos celestiais. O carro de Arjuna, equipado com cem sinos, enfeitado com ouro Jamvunada da melhor espécie, dotado de rodas excelentes, possuidor da refulgência do fogo, e ao qual estavam unidos corcéis brancos, parecia extremamente brilhante como mil sóis. E naquele carro de estandarte de macaco as rédeas do qual eram seguradas por Kesava, Arjuna permaneceu com Gandiva e flechas nas mãos, um arqueiro cujo igual não existe sobre a terra, nem existirá. Para esmagar as tropas de teus filhos ele que assume a forma mais horrível, que, privado de armas, com somente suas mãos nuas, soca à poeira homens, cavalos, e elefantes, aquele Bhimasena de braços fortes, também chamado Vrikodara, acompanhado pelos gêmeos, se tornou o protetor dos heróicos guerreiros em carros do exército (Pandava). Semelhante a um príncipe furioso de leões de andar esportivo, ou como o próprio grande Indra com corpo (terreno) sobre a Terra, vendo aquele invencível Vrikodara, semelhante a um líder orgulhoso de uma manada de elefantes, posicionado na vanguarda (do exército), os guerreiros no teu lado, sua força enfraquecida pelo medo, começaram a tremer como elefantes afundados no lodo.

Para aquele invencível príncipe Gudakesa permanecendo no meio de suas tropas, Janardana, ó chefe da linhagem de Bharata, disse, ‘Ele, que nos chamuscando com sua ira está no meio de sua tropa, ele que atacará nossas tropas como um leão, ele que realizou trezentos sacrifícios de cavalos, aquele estandarte da família de Kuru, aquele Bhishma, está lá! Lá tomam posição em volta dele de todos os lados grandes guerreiros como nuvens escondendo o corpo luminoso brilhante. Ó principal dos homens, matando aquelas tropas, procure lutar com aquele touro da raça Bharata."

23

Sanjaya disse, "Vendo o exército Dhartarashtra se aproximar para lutar, Krishna disse estas palavras para benefício de Arjuna."

"O santo disse, 'Purificando-te, ó de braços fortes, profira na véspera da batalha teu hino para Durga para (realizar) a derrota do inimigo."

Sanjaya continuou, ‘Assim endereçado na véspera da batalha por Vasudeva dotado de grande inteligência, o filho de Pritha Arjuna, descendo de seu carro, recitou o seguinte hino com mãos unidas.”

"Arjuna disse, 'Eu te reverencio, ó líder de Yogins, ó tu que és idêntica a Brahman, ó tu que moras na floresta de Mandara, ó tu que és livre de decrepitude e decadência, ó Kali, ó esposa de Kapala, ó tu que és de uma cor preta e morena, eu te reverencio. Ó tu que trazes benefícios para teus devotos, eu te reverencio, ó Mahakali, ó esposa do destruidor universal, eu te reverencio. Ó orgulhosa, ó tu

que salvas de perigos, ó tu que és dotada de todo atributo propício. Ó tu que surgiste da raça Kata, ó tu que mereces o culto mais respeitoso, ó feroz, ó tu que concedes vitória, ó própria vitória, ó tu que levas um estandarte de plumas de pavão, ó tu que estás enfeitada com todos os ornamentos, ó tu que carregas uma lança terrível, ó tu que seguras uma espada e escudo, ó tu que és a irmã mais nova do principal dos vaqueiros, ó mais velha, ó tu que nasceste na linhagem do vaqueiro Nanda! Ó tu que sempre gostas muito de sangue de búfalo, ó tu que nasceste na linhagem de Kusika, ó tu que estás vestida em mantos amarelos, ó tu que devoras Asuras assumindo a face de um lobo, eu me curvo a ti que gostas muito de batalha! Ó Uma, Sakambhari, ó tu que és de cor branca, ó tu que és de cor negra, ó tu que mataste o Asura Kaitabha, ó tu que tens olhos amarelos, ó tu que tens olhos multiformes, ó tu de olhos que tem a cor de fumaça, eu te reverencio. Ó tu que és os Vedas, os Srutis, e a maior virtude, ó tu que és benigna para Brahmanas engajados em sacrifício, ó tu que tens o conhecimento do passado, ó tu que estás sempre presente nas residências sagradas erigidas para ti em cidades de Jamvudwipa, eu te reverencio. Tu és a ciência de Brahma entre as ciências, e tu que és aquele sono das criaturas do qual não há despertar. Ó mãe de Skanda, ó tu que possuis os seis (mais elevados) atributos, ó Durga, ó tu que moras em regiões acessíveis, tu és descrita como Swaha, e Swadha (mantras de grande eficácia), como Kala, como Kashta (divisões de tempo), e como Saraswati (palavra), como Savitra a mãe dos Vedas, e como a ciência de Vedanta. Com alma interna purificada, eu te louvo. Ó grande deusa, que a vitória sempre me acompanhe por tua graça no campo de batalha. Em regiões inacessíveis, onde há temor, em lugares de dificuldade, nas residências dos teus devotos e nas regiões inferiores (Patala), tu sempre resides. Tu sempre derrotaste os Danavas. Tu és a inconsciência, o sono, a ilusão, a modéstia, a beleza de (todas as criaturas). Tu és o crepúsculo, tu és o dia, tu és Savitri, e tu és a mãe. Tu és contentamento, tu és crescimento, tu és luz. És tu que sustentas o Sol e a Lua e que as faz brilhar. Tu és a prosperidade daqueles que são prósperos. Os Siddhas e os Charanas te vêem em contemplação.'"

Sanjaya continuou, "Compreendendo (a extensão da) devoção de Partha, Durga que está sempre inclinada com benevolência em direção à humanidade apareceu no firmamento e na presença de Govinda, disse estas palavras.

A deusa disse, 'Dentro de pouco tempo tu conquistarás teus inimigos, ó Pandava. Ó invencível, tu tens Narayana (além disso) para te ajudar. Tu não podes ser derrotado por inimigos, nem pelo próprio manejador do raio.'

Tendo dito isso, a deusa concessora de bênção desapareceu logo. O filho de Kunti, no entanto, obtendo aquele benefício, se considerou como bem sucedido, e o filho de Pritha então subiu no seu próprio carro excelente. E então Krishna e Arjuna, sentados no mesmo carro, sopraram suas conchas celestes. O homem que recita este hino levantando ao amanhecer, não tem medo em qualquer momento de Yakshas, Rakshasas, e Pisachas. Ele não pode ter inimigos; ele não tem medo de cobras e de todos os animais que tem presas e dentes, como também de reis. Ele é certo de ser vitorioso em todas as disputas, e se atado, ele é libertado de seus grilhões. Ele está certo de se recuperar de todas as

dificuldades, está livre de ladrões, é sempre vitorioso em batalha e obtém a deusa da prosperidade para sempre. Com saúde e força, ele vive por cem anos.

Eu sei de tudo isso pela graça de Vyasa dotado de grande sabedoria. Teus filhos perversos, no entanto, todos enredados nas malhas da morte, por ignorância, não sabem que eles são Nara e Narayana. Nem eles, enredados nas malhas da morte, sabem que a hora deste reino chegou. Dwaipayana e Narada, e Kanwa, e o impecável Rama, todos preveniram teu filho. Mas ele não aceitou suas palavras. Lá onde a retidão está, há glória e beleza. Lá onde a modéstia está, há prosperidade e inteligência. Lá onde a justiça está, lá está Krishna; e lá onde Krishna está, lá está a vitória."

24

Dhritarashtra disse, "Lá (no campo de batalha), ó Sanjaya, os guerreiros de qual lado avançaram primeiro para lutar alegremente? Os corações de quem estavam cheios de confiança, e quem estava abatido por tristeza? Naquela batalha que fez os corações dos homens tremerem de medo, quem foram aqueles que deram o primeiro sopro, (foram os) meus ou eles pertencentes aos Pandavas? Conte-me tudo isso, ó Sanjaya. Entre as tropas de quem as guirlandas floridas e unguentos emitiram odores fragrantes? E as tropas de quem, rugindo ferozmente, proferiram palavras piedosas?"

Sanjaya disse, "Os combatentes de ambos os exércitos estavam alegres naquela hora e as guirlandas floridas e perfumes de ambas as tropas emitiam fragrância igual. E, ó touro da raça Bharata, violenta foi a colisão que ocorreu quando as tropas cerradas organizadas para batalha encontraram uma à outra. E o som de instrumentos musicais, misturado com o clangor de conchas e o barulho de baterias, e os gritos de bravos guerreiros rugindo ferozmente uns para os outros, se tornou muito alto. Ó touro da raça Bharata, terrível foi o choque causado pelo encontro dos combatentes de ambos os exércitos, cheios de alegria e fitando uns aos outros, e dos elefantes proferindo grunhidos estrondosos."

25

(O BHAGAVAD GITA)

Dhritarashtra disse, "Reunidos na planície sagrada de Kurukshetra pelo desejo de lutar, o que meus filhos e os Pandavas fizeram, ó Sanjaya?"

"Sanjaya disse, 'Vendo o exército dos Pandavas em formação de combate, o rei Duryodhana, se aproximando do preceptor (Drona) disse estas palavras: 'Veja, ó preceptor, este vasto exército do filho de Pandu, organizado pelo filho de Drupada (Dhrishtadyumna), teu discípulo inteligente. Lá (naquele exército) há muitos arqueiros corajosos e poderosos, que em batalha são iguais a Bhima e Arjuna. (Eles são) Yuyudhana, e Virata, e aquele poderoso guerreiro em carro Drupada, e Dhrishtaketu, e Chekitana, e o soberano de Kasi dotado de grande energia; e Purujit, e Kuntibhoja, e Saivya aquele touro entre homens; e Yudhamanyu de grande coragem, e Uttamaujas de grande energia; e o filho de Subhadra, e os filhos de Draupadi, todos os quais são fortes guerreiros em carros. Ouça, no entanto, ó melhor dos regenerados, quem são os eminentes entre nós, os líderes do exército. Eu citarei eles para ti para (tua) informação. (Eles são) tu mesmo, e Bhishma, e Karna, e Kripa que é sempre vitorioso; e Aswatthaman e Vikarna, e Saumadatta, e Jayadratha. Além desses há muitos guerreiros heróicos, dispostos a sacrificar suas vidas por mim, armados com diversos tipos de armas, e todos habilidosos em batalha. Nosso exército, no entanto, protegido por Bhishma, é insuficiente. Esta tropa, no entanto, destes (os Pandavas), protegida por Bhima, é suficiente. Posicionando-se então nas entradas das divisões que lhes foram atribuídas, todos vocês protejam Bhishma somente.' (Exatamente nesse momento) o valente e venerável avô dos Kurus, proporcionando grande alegria a ele (Duryodhana) por proferir ruidosamente um rugido leonino, soprou (sua) concha. Então conchas e baterias e pratos e chifres foram soados imediatamente e o barulho (feito) se tornou um tumulto alto. Então Madhava e o filho de Pandu (Arjuna), ambos posicionados sobre um carro magnífico ao qual estavam unidos corcéis brancos, sopraram suas conchas celestes. E Hrishikesha soprou (a concha chamada) Panchajanya (Gigantea) e Dhananjaya (aquela chamada) Devadatta (Theodotes); e Vrikodara de feitos terríveis soprou a concha enorme (chamada) Paundra (Arundinca). E o filho de Kunti, o rei Yudhishthira, soprou (a concha chamada) Anantavijaya (Triumpphatrix); enquanto Nakula e Sahadeva, (aquelas conchas chamadas respectivamente) Sughosa (Dulcisona) e Manipushpaka (Gemmiflora). E aquele arqueiro esplêndido, o soberano de Kasi e aquele poderoso guerreiro em carro, Sikhandin, Dhrishtadyumna, Virata, e o invicto Satyaki, e Drupada, e os filhos de Draupadi, e o poderosamente armado filho de Subhadra, todos estes, ó senhor da terra, respectivamente sopraram suas conchas. E aquele clangor, reverberando ruidosamente pelo céu e pela terra, despedaçou os corações dos Dhartarashtras. Então vendo as tropas de Dhartarashtra alinhadas, o filho de estandarte de macaco de Pandu, erguendo seu arco, quando o lançamento de projéteis apenas tinha começado, disse estas palavras, ó senhor da terra, para Hrishikesha (o senhor dos sentidos).

Arjuna disse, 'Ó tu que não conheces deterioração, coloque meu carro (uma vez) entre os dois exércitos, para que eu possa observar esses que estão aqui desejosos de combate, e com quem eu terei que lutar nos labores deste conflito. Eu observarei aqueles que estão reunidos aqui e que estão preparados para lutar fazendo o que é agradável em batalha para o filho de mente má de Dhritarashtra.'"

Sanjaya continuou, "Assim endereçado por Gudakesa, ó Bharata, Hrishikesa, colocando aquele carro excelente no meio dos dois exércitos, na vista de Bhishma e Drona e de todos os reis da terra, disse, 'Observe, ó Partha, esses Kurus reunidos.' E lá o filho de Pritha viu, posicionados, (seus) progenitores e netos, e amigos, e sogro e benquerentes, em ambos os exércitos. Vendo todos aqueles parentes posicionados (lá), o filho de Kunti, possuído por extrema compaixão, desanimadamente disse (estas palavras)."

"Arjuna disse, 'Vendo esses parentes, ó Krishna, reunidos e ávidos pela luta, meus membros ficam lânguidos, e minha boca fica seca. Meu corpo treme, e meus cabelos se arrepiam. O Gandiva desliza da minha mão, e minha pele queima. Eu não posso aguentar (mais); minha mente parece vagar. Eu vejo presságios adversos também, ó Kesava. Eu não desejo vitória, ó Krishna, nem soberania, nem prazeres. De que utilidade a soberania seria para nós, ó Govinda, ou prazeres, ou mesmo a vida, uma vez que eles, por cuja causa soberania, divertimentos e prazeres são desejados por nós, estão aqui organizados para lutar preparados para abandonar vida e riqueza, isto é, preceptores, progenitores, filhos e avôs, tios maternos, sogros, netos, cunhados, e amigos? Eu não desejo matá-los embora eles me matem, ó matador de Madhu, nem pela soberania dos três mundos, quanto mais então por causa (dessa) terra! Que satisfação pode ser nossa, ó Janardana, por matar os Dhartarashtras? Mesmo que eles sejam considerados como inimigos, o pecado nos colherá se nós os matarmos. Portanto, não cabe a nós matarmos os filhos de Dhritarashtra que são nossos próprios parentes. Como, ó Madhava, nós poderíamos ser felizes por matar nossos próprios parentes? Mesmo que eles, com raciocínio pervertido pela avareza, não vejam o mal que resulta do extermínio de uma família, e o pecado de rixas mutuamente destrutivas, por que nós, ó Janardana, que vemos os males do extermínio de uma linhagem, não deveríamos nos abster desse pecado? Uma linhagem sendo destruída, os costumes eternos daquela linhagem são perdidos; e após aqueles costumes serem perdidos o pecado domina a linhagem inteira. Por causa da predominância do pecado, ó Krishna, as mulheres daquela linhagem se tornam corruptas. E as mulheres se tornando corruptas, uma mistura de castas acontece, ó descendente de Vrishni. Esta mistura de castas leva para o inferno o destruidor da linhagem e a própria linhagem. Os ancestrais deles caem (do céu), seus ritos de pinda e água cessando. Por estes pecados de destruidores de raças, causando mistura de castas, as regras de casta e os ritos eternos de famílias se tornam extintos. Nós temos ouvido, ó Janardana, que homens cujos ritos familiares se tornam extintos sempre residem no inferno. Ai, nós decidimos cometer um grande pecado, pois nós estamos prontos para matar nossos próprios parentes por cobiça das doçuras da soberania. Seria melhor para mim se os filhos

de Dhritarashtra, armas nas mãos, me matassem em batalha, (eu mesmo) desarmado não reagindo.'"

Sanjaya continuou, "Tendo falado dessa maneira no campo de batalha, Arjuna, sua mente atormentada pela aflição, jogando de lado seu arco e flechas, sentou-se em seu carro."

[Aqui termina a primeira lição intitulada "Avaliação das Tropas" (ou A Aflição de Arjuna), no diálogo entre Krishna e Arjuna do Bhagavadgita, a essência da religião, do conhecimento de Brahma, e do sistema de Yoga, contido dentro do Bhishma Parva do Mahabharata de Vyasa que contém cem mil versos.]

26

Sanjaya disse, "Para ele assim cheio de compaixão, seus olhos cheios e oprimidos por lágrimas, e desanimando, o matador de Madhu disse estas palavras."

O Santo disse, "De onde, ó Arjuna, vem sobre ti, em tal crise, este desânimo que é impróprio em uma pessoa de nascimento nobre, que exclui uma pessoa do céu, e é produtivo de infâmia? Que nenhuma afeminação seja tua, ó filho de Kunti. Isso não te fica bem. Livrando-te desta vil fraqueza de coração, levante, ó castigador de inimigos."

Arjuna disse, "Como, ó matador de Madhu, eu posso lutar com flechas em batalha contra Bhishma e Drona, dignos como eles são, ó matador de inimigos, de veneração? Sem matar (os próprios) preceptores de grande glória, é certo (para uma pessoa), viver até de esmolas neste mundo. Por matar preceptores, mesmo que eles sejam cobiçosos de riqueza, eu somente desfrutaria de prazeres que estariam manchados de sangue! Nós não sabemos qual dos dois é de maior importância para nós, isto é, se nós devemos vencê-los ou eles devem nos vencer. Por matar a quem nós não gostaríamos de viver, eles mesmos, os filhos de Dhritarashtra, estão diante (de nós). Minha natureza afetada pela mácula da compaixão, minha mente incerta sobre (meu) dever, eu te peço, diga-me o que é seguramente bom (para mim). Eu sou teu discípulo. Ó, instrua-me, eu procuro teu auxílio. Eu não vejo (aquilo) que possa dissipar essa minha aflição (que está) destruindo minha própria razão, mesmo que eu obtenha um reino próspero sobre a terra sem um inimigo ou a própria soberania dos deuses.'"

Sanjaya disse, "Tendo dito isso para Hrishikesa, aquele castigador de inimigos, Gudakesa, (mais uma vez) dirigiu-se a Govinda, dizendo, 'Eu não lutarei,' e então ficou silencioso. Para ele tomado pelo desânimo, Hrishikesa, no meio dos dois exércitos, falou."

"O Santo disse, 'Tu lamentas aqueles que não merecem ser lamentados. Tu falaste também as palavras dos (assim chamados) sábios. Aqueles, no entanto, que são (realmente) sábios, não se afligem nem pelos mortos nem pelos vivos.

Não é que eu ou tu ou aqueles soberanos de homens nunca existimos, ou que todos nós não existiremos futuramente. Com relação a um ser incorporado, assim como infância, juventude, e velhice existem neste corpo, assim (também) existe a aquisição de outro corpo. O homem que é sábio nunca é iludido nisto. Os contatos dos sentidos com seus (respectivos) objetos produzindo (as sensações de) calor e frio, prazer e dor não são permanentes, tendo (como tem) um início e um fim. Ó Bharata, resista a eles. Pois o homem a quem estes não afligem, ó touro entre homens, que é o mesmo no prazer e na dor e que é de mente firme está preparado para a emancipação. Não há existência (objetiva) de algo que seja distinto da alma; nem não-existência de algo que possua as virtudes da alma. Esta conclusão em relação a ambas foi alcançada por aqueles que conhecem as verdades (das coisas). Saiba que é imortal [a alma] pela qual todo este [universo] é permeado. Ninguém pode realizar a destruição daquilo que é imperecível. É dito que aqueles corpos da (Alma) incorporada que é eterna, indestrutível e infinita, tem um fim. Portanto, lute, ó Bharata. Aquele que pensa que (a alma) é o matador e aquele que pensa que ela é morta, ambos não sabem nada; pois ela nem mata nem é morta. Ela nunca nasce, nem morre; nem, tendo existido, não existirá mais. Não nascida, imutável, eterna, e antiga, ela não morre após o corpo ter perecido. Aquele homem que sabe que ela é indestrutível, imutável, sem decadência, como e quem ele pode matar ou fazer ser morto? Como um homem, rejeitando mantos que estão gastos pelo uso, coloca outros que são novos, assim a (Alma) incorporada, abandonando corpos que estão gastos, entra em outros corpos que são novos. Armas não a perfuram, fogo não a consome; as águas não a encharcam, nem o vento a dissipa. Ela não pode ser cortada, queimada, encharcada, ou secada. Ela é imutável, permeia tudo, é estável, firme, e eterna. É dito que ela é imperceptível, inconcebível e inalterável. Portanto, sabendo que ela é assim, não cabe a ti lamentar (por ela). Então além disso mesmo se tu a considerasse como constantemente nascida e constantemente morta, ainda não te caberia, ó de braços fortes, lamentar (por ela) dessa maneira. Pois, de alguém que é nascido, a morte é certa; e de alguém que está morto, o nascimento é certo. Portanto, não cabe a ti lamentar em uma questão que é inevitável. Todos os seres (antes do nascimento) eram imanifestos. Somente durante um intervalo (entre nascimento e morte), ó Bharata, eles se manifestam; e então novamente, quando a morte vem, eles se tornam (mais uma vez) imanifestos. Que tristeza então há nisto? Uma pessoa a considera como um maravilha; outra fala dela como uma maravilha. Contudo mesmo depois de ter ouvido sobre ela, ninguém a compreende realmente. A (Alma) incorporada, ó Bharata, é sempre indestrutível no corpo de todos. Portanto, não cabe a ti lamentar por todas (aquelas) criaturas. Lançando teu olhar nos deveres (prescritos) da tua classe, não cabe a ti vacilar, pois não há nada melhor para um Kshatriya do que uma batalha lutada de modo justo. Chegada por si mesma e (como) um portão aberto do céu, felizes são aqueles Kshatriyas, ó Partha, que obtém tal luta. Mas se tu não lutares tal batalha justa, tu então incorrerás em pecado por abandonar os deveres da tua classe e tua fama. O povo então proclamará tua infâmia eterna, e para alguém que é considerado com respeito, a infâmia é maior (como um mal) do que a própria morte. Todos os grandes guerreiros em carros te considerarão como te abstendo da batalha por medo, e tu serás pouco considerado por aqueles que tinham (até

agora) te estimado muito. Teus inimigos, depreciando tua coragem, dirão muitas palavras que não devem ser ditas. O que pode ser mais doloroso do que isso? Morto, tu alcançarás o céu; ou vitorioso, tu desfrutarás da Terra. Portanto, levante, ó filho de Kunti, decidido pela batalha. Considerando prazer e dor, lucro e perda, vitória e derrota, como iguais, lute por causa da batalha e o pecado não será teu. Este conhecimento, que foi comunicado a ti é (ensinado) no (sistema) Sankhya. Escute agora aquele (inculcado) no (sistema) Yoga. Possuidor daquele conhecimento, tu, ó Partha, rejeitarás os vínculos da ação. Neste (sistema Yoga) não há desperdício nem da primeira tentativa. Não há impedimentos. Mesmo um pouco desta (forma de) devoção liberta de grande temor. Aqui neste caminho, ó filho de Kuru, há somente um estado de mente, consistindo em firme devoção (a um objetivo, isto é, assegurar a emancipação). As mentes daqueles, no entanto, que não estão firmemente dedicados (a isto), são muito ramificadas (instáveis) e ligadas a ocupações intermináveis. Aquela conversa floreada a qual os que são ignorantes, que se deleitam nas palavras dos Vedas, que eles, ó Partha, que dizem que não há nada mais, eles cujas mentes são apegadas a prazeres mundanos, eles que consideram (um) céu (de prazeres e divertimentos) como o mais alto objeto de aquisição, proferem e que promete nascimento como o fruto da ação e se ocupa com diversos ritos de caráteres específicos para a obtenção de prazeres e poder, iludem seus corações, e as mentes desses homens que são apegados a prazeres e poder não podem ser dirigidas para contemplação (do ser divino) considerando-a como o único meio de emancipação. Os Vedas tratam de três qualidades, (religião, lucro, e prazer). Seja, ó Arjuna, livre delas, não afetado por pares de contrários (tais como prazer e dor, calor e frio, etc.), sempre aderindo à paciência sem ansiedade por novas aquisições ou proteção daquelas já adquiridas, e controlado. Quaisquer objetos que são supridos por um tanque ou poço, podem todos ser supridos por um lençol vasto de água que se estende por toda parte; assim quaisquer objetos que podem ser supridos por todos os Vedas podem todos ser tidos por um Brahmana que tem conhecimento (do Eu ou Brahma). Teu interesse é com trabalho somente, mas não com o resultado (do trabalho). Que o resultado não seja teu motivo para trabalho; nem que tua tendência seja para inação. Permanecendo em devoção, dedique-te ao trabalho, rejeitando o apego (a ele), ó Dhananjaya, e sendo o mesmo no sucesso ou insucesso. Esta equanimidade é chamada de Yoga (devoção). Trabalho (com desejo de resultado) é muito inferior à devoção, ó Dhananjaya. Procure a proteção da devoção. Aqueles que trabalham por causa dos resultados são miseráveis. Aquele também que tem devoção se livra, mesmo nesse mundo, de boas ações e más ações. Portanto, dedique-te à devoção. Devoção é somente inteligência em ação. O sábio, possuidor de devoção, rejeita o resultado nascido da ação, e livre da obrigação de (repetidos) nascimentos, alcança aquela região onde não há tristeza. Quando tua mente tiver cruzado o labirinto da ilusão, então tu obterás uma indiferença com relação ao audível e ao ouvido. (Isto é, ao que você pode ouvir ou ouvirá, e ao que você ouviu). Quando tua mente, distraída (agora) por que tu ouviste (acerca dos meios de alcançar os diversos objetivos de vida), estiver firmemente e imovelmente fixa em contemplação, então tu atingirás a devoção.'”

"Arjuna disse, ‘Quais, ó Kesava, são as indicações de alguém cuja mente está fixa em contemplação? Como alguém de mente constante fala, como senta, como se move?’"

"O Santo disse, 'Quando alguém rejeita todos os desejos de seu coração e está satisfeito dentro de si consigo, então ele é citado como de mente constante. Aquele cuja mente não se agita em meio a calamidades, cuja ânsia por prazer está morta, que está livre de apegos (a objetos mundanos), medo e ira, é citado como um Muni de mente firme. A firmeza mental é daquele que é sem afeição em todos os lugares, e que não sente exultação nem aversão ao obter diversos objetos que são agradáveis e desagradáveis. Quando alguém afasta seus sentidos dos objetos daqueles sentidos como a tartaruga (retrai) seus membros de todos os lados, dele mesmo é a firmeza de mente. Os objetos dos sentidos recuam de uma pessoa abstinente, mas não a paixão (por aqueles objetos). Até a paixão retrocede de alguém que contempla o (Ser) Supremo. (Uma pessoa pode se abster dos objetos de prazer, ou por escolha ou inabilidade de obtê-los. Até, no entanto, o próprio desejo de desfrutar estar eliminado, uma pessoa não pode ser considerada tendo obtido firmeza mental.) Os sentidos agitados, ó filho de Kunti, arrastam à força a mente mesmo de um homem sábio que se esforça duramente para se manter à distância deles. Reprimindo eles todos, uma pessoa deve permanecer em contemplação, fazendo de mim seu único refúgio. Pois a firmeza de mente é daquele cujos sentidos estão sob controle. Pensando nos objetos dos sentidos, a atração de uma pessoa é gerada em direção a eles. Da atração surge a ira; da ira surge a falta de discernimento; da falta de discernimento, perda de memória; da perda de memória, perda da compreensão; e da perda da compreensão (ela) é completamente arruinada. Mas o homem autocontrolado, desfrutando dos objetos (dos sentidos) com sentidos livres de atração e aversão sob seu próprio controle, atinge a paz (mental). Após a paz (mental) ser alcançada, ocorre a aniquilação de todas as suas tristezas, já que a mente daquele cujo coração é sereno logo se torna firme. Aquele que não é autocontrolado não tem contemplação (do Eu). Aquele que não tem contemplação não tem paz (mental). Como pode haver felicidade para aquele que não tem paz (mental)? Pois o coração que segue na esteira dos sentidos que se movem (entre seus objetos) destrói sua inteligência como o vento destruindo um barco nas águas. Portanto, ó tu de armas poderosas, a firmeza mental é daquele cujos sentidos estão reprimidos dos objetos dos sentidos por todos os lados. O homem controlado está desperto quando é noite para todas as criaturas; e quando as outras criaturas estão despertas é noite para um Muni discernente. (Os comuns, sendo espiritualmente ignorantes, estão engajados em buscas mundanas. Os sábios em conhecimento espiritual estão mortos para as últimas.) Aquele em quem todos os objetos de desejo entram, assim como as águas entram no oceano o qual (embora) constantemente reenchido contudo mantém sua linha d’água inalterada, ele obtém paz (mental) e não alguém que anseia por objetos de desejo. Aquele homem que se move continuamente, abandonando todos os objetos de desejo, que está livre do desejo ardente (por diversões) e que não tem afeição e orgulho, obtem paz (mental). Este, ó Partha, é o estado divino. Atingindo a ele,

uma pessoa nunca é iludida. Permanecendo nele ela alcança, na morte, absorção no Ser Supremo.'"

27

"Arjuna disse, 'Se a devoção, ó Janardana, é considerada por ti como superior à ação, por que então, ó Kesava, tu me engajas em tal trabalho terrível? Por meio de palavras ambíguas tu pareces confundir minha compreensão. Portanto, diga-me uma coisa definitivamente pela qual eu possa realizar o que é bom.'

"O Santo disse, 'Já foi dito por mim, ó impecável, que há aqui, neste mundo, dois tipos de devoção; aquele dos Sankhyas através do conhecimento e aquele dos yogins através da ação. Um homem não adquire liberdade da ação (somente) pela não realização da ação. Nem ele adquire emancipação final somente da renúncia (à ação). Ninguém pode subsistir nem por um momento sem agir. Aquele homem de alma iludida que, refreando os órgãos dos sentidos, vive mentalmente apreciando os objetos dos sentidos, é considerado um hipócrita. Aquele no entanto, ó Arjuna, que reprimindo (seus) sentidos por meio de sua mente, se engaja em devoção (na forma de) atividade com os órgãos de atividade, e está livre de atração, é eminente (acima de todos). (Portanto), sempre te aplique ao trabalho, pois ação é melhor do que inação. O próprio sustento do teu corpo não pode ser realizado sem trabalho. Este mundo é agrilhoado por toda ação exceto aquela que é (realizada) por Sacrifício (por Vishnu). (Portanto), ó filho de Kunti, realize trabalho por causa disto, livre de atração. Nos tempos antigos, o Senhor da Criação, criando homens e sacrifício juntos, disse, 'Prosperem por meio deste (Sacrifício). Que este (Sacrifício) seja para vocês (todos) o dispensador de todos os objetos apreciados por vocês. Façam os deuses crescerem com isto, e deixem os deuses (em retorno) fazerem vocês crescer. Assim realizando os interesses mútuos vocês obterão aquilo que é benéfico (para vocês). Propiciados com sacrifícios os deuses concederão a vocês os prazeres que vocês desejam. Aquele que desfruta (sozinho) sem oferecer a eles o que eles tem dado, é indubitavelmente um ladrão. Os bons que comem o resto de sacrifícios estão livres de todos os pecados. Incorrem em pecado aqueles iníquos que cozinham alimento por sua própria causa.' Por causa do alimento existem todas as criaturas; e sacrifício é o resultado de trabalho. Saiba que o trabalho provém dos Vedas, e os Vedas se originaram d'Ele que não tem decadência. Portanto, o Ser Supremo que permeia tudo está instalado em sacrifício. Aquele que não se adapta a esta roda que está girando dessa maneira, aquele homem de vida pecaminosa que se deleita (na indulgência de) seus sentidos, vive em vão, ó Partha. (A roda se refere àquilo que foi dito antes, isto é, dos Vedas vem o trabalho, do trabalho a chuva, da chuva o alimento, do alimento todas as criaturas, das criaturas novamente o trabalho e assim de volta aos Vedas.) O homem, no entanto, que é apegado ao Eu somente, que está contente consigo, e que está satisfeito em si mesmo, não tem trabalho (a fazer). Ele não tem inquietação com qualquer ação nem com alguma omissão aqui. Nem, entre todas as criaturas, há alguma da qual seu interesse dependa. (Tal homem não ganha mérito por ação, nem pecado por inação ou

omissão. Nem há alguém desde o Ser Supremo até a mais baixa criatura de quem ele dependa para alguma coisa.) Portanto, sempre faça o trabalho que deve ser feito, sem apego. O homem que realiza ação sem apego alcança o Supremo. Somente pelo trabalho, Janaka e outros alcançaram a realização de seus objetivos. Tendo consideração também pelo cumprimento por homens de seus deveres, cabe a ti trabalhar. Qualquer coisa que um grande homem faça é também feita pelas pessoas comuns. Homens comuns seguem o ideal estabelecido por eles (os grandes). Não há nada em absoluto para mim, ó Partha, fazer nos três mundos, (já que eu não tenho) nada que não tenha sido adquirido por mim; entretanto eu me dedico à ação. Porque se em algum momento eu não, sem preguiça, me engajasse em ação, os homens seguiriam meu caminho, ó Partha, por toda parte. Os mundos pereceriam se eu não realizasse trabalho, e eu causaria mistura de castas e arruinaria estas pessoas. Como os ignorantes trabalham, ó Bharata, tendo apego pelo realizador, assim um homem sábio deve trabalhar sem ser apegado, desejando fazer homens cumpridores de seus deveres. Um homem sábio não deve causar confusão de compreensão entre pessoas ignorantes, que tem apego ao próprio trabalho; (por outro lado) ele deve (ele mesmo), agindo com devoção, engajá-los em todos (os tipos de) trabalho. Todas as atividades são, de todas as maneiras, feitas pelas qualidades da natureza (natureza significando matéria primordial). Aquele cuja mente está iludida pelo egoísmo, no entanto, considera a si mesmo como o ator. Mas aquele, ó de braços fortes, que conhece a distinção (do Eu) das qualidades e trabalho, não é apegado ao trabalho, considerando que são seus sentidos somente (e não ele mesmo) que se ocupam de seus objetos. Aqueles que são iludidos pelas qualidades da natureza ficam ligados às ações feitas pelas qualidades. Uma pessoa de conhecimento perfeito não deve confundir aqueles homens de conhecimento imperfeito. Dedicando todo trabalho a mim (isto é, na crença de que tudo o que você faz é por mim ou por minha causa), com (tua) mente dirigida ao Eu, empenhe-te na batalha, sem desejo, sem afeto e com tua fraqueza (de coração) dissipada. Aqueles homens que sempre seguem esta minha opinião com fé e sem cavilação alcançam a emancipação final até por trabalho. Mas aqueles que contestam capciosamente e não seguem esta minha opinião, saiba que, privados de todo conhecimento e sem discernimento, eles são arruinados. Mesmo um homem sábio age de acordo com sua própria natureza. Todos os seres vivos seguem (sua própria) natureza. Qual então seria a utilidade da restrição? Os sentidos tem, com relação aos objetos dos sentidos, ou atração ou aversão fixas. Uma pessoa não deve se submeter a elas, pois elas são obstáculos no caminho. (Os sentidos, com relação aos seus diversos objetos no mundo, são ou puxados em direção a eles ou repelidos por eles. Estes gostos e desgostos (no caso dos homens que, é claro, somente agem de acordo com sua natureza) ficam no caminho de sua emancipação, se os homens cedem a eles.) O próprio dever, mesmo que imperfeitamente realizado, é melhor do que ser feito por outro mesmo se bem realizado. Morte (na realização do) próprio dever é preferível. (A adoção do) dever de outro carrega temor (consigo).'

"Arjuna disse, 'Impelido por quem, ó filho da linhagem Vrishni, um homem comete pecado, mesmo que relutante e como se obrigado pela força'?

"O Santo disse, 'É o desejo, é a ira, nascido do atributo de paixão; ele devora tudo, ele é muito pecaminoso. (O desejo, se não satisfeito, resulta em ira). Saiba que este é o inimigo neste mundo. Como fogo é envolvido por fumaça, um espelho por poeira, o feto pelo útero, assim este mundo é envolvido pelo desejo. O conhecimento, ó filho de Kunti, é envolvido por este constante inimigo dos sábios na forma de desejo o qual é insaciável e como um fogo. Os sentidos, a mente e o intelecto são considerados como sua residência. Com estes ele ilude o ser incorporado, envolvendo (seu) conhecimento. Portanto, controlando (teus) sentidos primeiro, ó touro da raça Bharata, rejeite esta coisa pecaminosa, pois ela destrói o conhecimento derivado de instrução e meditação. É dito que os sentidos são superiores (ao corpo que é inerte). Superior aos sentidos é a mente. Superior à mente é o conhecimento. Mas o que é superior ao conhecimento é Ele (a Alma ou Ser Supremo). Conhecendo dessa maneira aquilo que é superior ao conhecimento e controlando (teu) eu por meio do eu, mate, ó de braços fortes, o inimigo na forma de desejo o qual é difícil de se subjugar.'"

28

"O Santo disse, 'Este imperecível (sistema de) devoção eu declarei para Vivaswat; Vivaswat o declarou para Manu; e Manu o comunicou para Ikshaku. Descendo assim de geração, os sábios nobres vieram a conhecê-lo. Mas, ó castigador de inimigos, pelo (intervalo de um) longo tempo aquela devoção se tornou perdida para o mundo. O mesmo (sistema de) devoção foi hoje declarado por mim para ti, pois tu és meu devoto e amigo, (e) este é um grande mistério.'

"Arjuna disse, 'Teu nascimento é posterior; o nascimento de Vivaswat é anterior. Como eu entenderei então que tu declaraste (isto) primeiro?'

"O Santo disse, 'Muitos nascimentos meus se passaram, ó Arjuna, como também teus. Estes todos eu conheço, mas tu não, ó castigador de inimigos. Embora (eu seja) não nascido e de essência que não conhece deterioração, embora (eu seja) o senhor de todas as criaturas, entretanto, confiando em minha própria natureza (material) eu tomo nascimento por meio dos meus próprios (poderes) de ilusão. Sempre que, ó Bharata, a perda de piedade e o aumento de impiedade ocorrem, nessas ocasiões eu crio a mim mesmo. Para a proteção dos justos e para a destruição dos fazedores de males, para estabelecer a Devoção, eu nasço era após era. Aquele que realmente conhece meu nascimento e trabalho divinos como sendo desta maneira, abandonando (seu corpo) não nasce outra vez; (por outro lado) ele vem a mim, ó Arjuna. Muitos que eram livres de atração, medo, ira, que estavam repletos de mim, e que confiavam em mim, tem, purificados por conhecimento e ascetismo, atingido a minha essência. De qualquer maneira que os homens venham a mim, da mesma maneira eu os aceito. É meu caminho, ó Partha, que os homens seguem por toda parte. (Seja qual for o tipo de adoração, sou Eu que sou adorado. Nenhuma forma de culto é inaceitável para mim.) Aqueles neste mundo que estão desejosos do êxito em ação adoram os

deuses, pois nesse mundo de homens sucesso resultante de ação é logo alcançado. A divisão quádrupla de castas foi criada por mim segundo a distinção de qualidades e deveres. Embora eu seja o autor delas, (contudo) saiba que eu não sou seu autor e imperecível, (isto é, sou inativo e imorredouro. Trabalho implica esforço, e, portanto, perda de energia. Em mim não há ação, nenhuma perda de energia e portanto, nenhuma decadência.) As ações não me tocam. Eu não tenho desejo pelos resultados das ações. Aquele que me conhece dessa maneira não é impedido pelas ações. Sabendo disso, até os homens de antigamente que eram desejosos de emancipação realizaram trabalho. Portanto, tu também realize trabalho como foi feito pelos antigos do passado remoto. O que é ação e o que é inação, até os eruditos são desorientados por isto. Portanto, eu te falarei sobre ação (para que) sabendo disto tu possas ser libertado do mal. Uma pessoa deve ter conhecimento de ação, e deve ter conhecimento de ações proibidas; ela deve também saber a respeito de inação. O curso de ação é incompreensível. Aquele que vê inação em ação e ação em inação é sábio entre os homens; ele é possuidor de devoção; e ele é um fazedor de todas as ações. Os eruditos chamam de sábio aquele cujos esforços são todos livres do desejo (de resultado) e (consequente) desejo (de agir), e cujas ações foram todas consumidas pelo fogo do conhecimento. Quem quer que, renunciando à toda atração pelo fruto da ação, está sempre contente e não é dependente de ninguém, não faz nada, de fato, embora engajado em ação. Aquele que, sem desejo, com mente e sentidos sob controle, e abandonando todas as inquietações, realiza ação somente para a conservação do corpo, não incorre em pecado. Aquele que está satisfeito com o que é ganho sem esforço, que se elevou acima dos pares de opostos, que é sem ciúmes, que é equânime em sucesso e fracasso, não é agrilhoado (pela ação) embora ele trabalhe. Perecem todas as ações daquele que trabalha por causa de sacrifício, (por causa da Alma Suprema; o que é feito por sacrifício é feito para obter emancipação), que é sem afeições, que é livre (de atrações), e cuja mente está fixa no conhecimento. Brahma é o recipiente (com o qual a libação é derramada); Brahma é a libação (que é oferecida); Brahma é o fogo sobre o qual por Brahma é despejada (a libação); Brahma é a meta para qual ele procede por fixar sua mente no próprio Brahma o qual é a ação. (No caso de tal pessoa acontece uma completa identificação com Brahma, e quanto tal identificação ocorre, a ação é destruída.) Alguns devotos realizam sacrifício para os deuses. Outros, por meio de sacrifício, oferecem sacrifícios ao fogo de Brahma, (oferecendo o próprio sacrifício como um sacrifício para o fogo Brahma, eles se livram de toda ação.) Outros oferecem (como libação sacrifical) os sentidos dos quais a audição é o primeiro ao fogo da restrição. Outros (também) oferecem (como libações) os objetos dos sentidos dos quais som é o primeiro ao fogo dos sentidos. (Oferecer os sentidos ao fogo da restrição significa controlar os sentidos pela prática de Yoga. Oferecer os objetos dos sentidos significa não atração por aqueles objetos.) Outros (além disso) oferecem todas as funções dos sentidos e as funções dos ares vitais ao fogo da devoção por autodomínio aceso pelo conhecimento; (suspendendo as funções vitais por contemplação ou Yoga). Outros também realizam o sacrifício de riqueza, o sacrifício de austeridades ascéticas, o sacrifício de meditação, o sacrifício de estudo (Védico), o sacrifício de conhecimento, e outros são ascetas de votos rígidos. Alguns oferecem o ar vital

ascendente (Prana) ao ar vital descendente (Apana); e outros, o ar vital descendente ao ar vital ascendente; alguns, detendo o curso dos ares vitais ascendentes e descendentes, estão dedicados à retenção dos ares vitais. Outros de ações controladas oferecem os ares vitais aos ares vitais. (Todos estes são diferentes tipos de Yoga, ou os diferentes estágios da prática de Yoga.) Todos estes que estão familiarizados com sacrifícios, cujos pecados tem sido consumidos por sacrifício, e que comem os restos de sacrifícios os quais são amrita, alcançam ao eterno Brahma. (Nem) este mundo é para aquele que não realiza sacrifício. Como então (seria) o outro, ó melhor da família de Kuru? Dessa maneira diversos são os sacrifícios que se acham nos Vedas. Saiba que todos eles resultam de ação, e sabendo disso tu serás emancipado. O sacrifício do conhecimento, ó castigador de inimigos, é superior a todo sacrifício que envolve (a obtenção de) resultados de ação, pois toda ação, ó Partha, está totalmente contida no conhecimento. (Isto é, o conhecimento sendo alcançado, os frutos da ação são alcançados por, pelo menos, seu objetivo ser realizado.) Aprenda aquele (Conhecimento) por prostração, indagação, e serviço. Aqueles que possuem conhecimento e podem ver a verdade te ensinarão aquele conhecimento, sabendo o qual, ó filho de Pandu, tu não obterás novamente tal ilusão, e pelo qual tu verás as criaturas infinitas (do universo) em ti mesmo (primeiro) e então em mim. Mesmo se tu fosses o maior pecador entre todos os que são pecaminosos, tu ainda passarias por cima de todas as transgressões pela balsa do conhecimento. Como um fogo ardente, ó Arjuna, reduz combustível a cinzas, assim o fogo do conhecimento reduz todas as ações a cinzas. Pois não há nada aqui que seja tão purificador como o conhecimento. Alguém que alcançou o êxito por devoção o encontra sem esforço dentro de si mesmo com o tempo. Obtém conhecimento aquele que tem fé e está concentrado nisto e que tem seus sentidos sob controle; obtendo conhecimento uma pessoa encontra a maior tranquilidade imediatamente. Alguém que não tem conhecimento e nenhuma fé, e cuja mente está cheia de dúvidas, está perdido. Nem este mundo, nem o próximo, nem felicidade é para aquele cuja mente está cheia de dúvidas. As ações não agrilhoam, ó Dhananjaya, aquele que rejeitou ação por devoção, cujas dúvidas foram dissipadas pelo conhecimento, e que é auto-controlado. Portanto, destruindo, pela espada do conhecimento, esta tua dúvida que é nascida da ignorância e que mora em tua mente, dirija-te à devoção, (e) levante, ó filho de Bharata.'"

29

"Arjuna disse, 'Tu aclamaste, ó Krishna, o abandono das ações, e novamente a aplicação (a elas). Diga-me definitivamente qual destes dois é superior.'

"O Santo disse, 'O abandono das ações e aplicação às ações ambos levam à emancipação. Mas destes, aplicação à ação é superior ao abandono. Deve ser sempre reconhecido como um asceta aquele que não tem aversão nem desejo. Pois, sendo livre dos pares de opostos, ó tu de braços poderosos, ele é facilmente libertado dos vínculos (da ação). Tolos dizem, mas não aqueles que são sábios, que Sankhya e Yoga são distintos. Alguém que permanece em um (dos dois)

colhe o fruto de ambos (Sankhya é renúncia à ação, enquanto Yoga é devoção através da ação.) Qualquer assento que é alcançado por aqueles que professam o sistema Sankhya também é alcançado por aqueles que professam o Yoga. Vê verdadeiramente quem vê Sankhya e Yoga como um. Mas renúncia, ó poderosamente armado, sem devoção (à ação), é difícil de se alcançar. O asceta que está engajado em devoção (por meio da ação) alcança o Ser Supremo sem demora. Aquele que está engajado em devoção (por meio da ação) e é de alma pura, que tem conquistado seu corpo e subjugado seus sentidos, e que se identifica com todas as criaturas, não é agrilhoado embora realizando (ação). O homem de devoção, que sabe a verdade, pensa 'Eu não estou fazendo nada' quando vendo, ouvindo, tocando, cheirando, comendo, se movendo, dormindo, respirando, falando, excretando, pegando (algo com as mãos), abrindo as pálpebras ou fechando-as; ele considera que são os sentidos que estão ocupados nos objetos dos sentidos. Aquele que renunciando ao apego se engaja em ações, submetendo-as a Brahma, não é tocado pelo pecado como a folha do lótus (não é tocada) pela água. (A água quando jogada sobre uma folha de lótus escapa sem molhar ou encharcar a folha em absoluto.) Aqueles que são devotos, abandonando o apego, realizam ações (obtendo) pureza pessoal, com o corpo, a mente, o intelecto, e até os sentidos (livres de desejo). Aquele que é possuidor de devoção, renunciando ao fruto da ação, alcança a tranquilidade mais elevada. Aquele que não possui devoção e é apegado ao fruto da ação é agrilhoado pela ação realizada por desejo. O (ser) incorporado auto-controlado, renunciando a todas ações por meio da mente, permanece tranquilo dentro da casa de nove portas, nem agindo ele mesmo nem fazendo (qualquer coisa) agir. (O corpo é descrito como uma cidade de nove portas, tendo dois olhos, dois ouvidos, duas narinas, uma boca, e as duas aberturas para excreções.) O Senhor não é a causa da capacidade para ação, ou das ações dos homens, ou da conexão de ações e (seus) frutos. É a natureza que se envolve (em ação). O Senhor não recebe os pecados de alguém, nem também mérito. Pela ignorância, o conhecimento é escondido. É por isso que as criaturas são iludidas. Mas de quem quer que a ignorância tenha sido destruída pelo autoconhecimento, aquele conhecimento (o qual é) como o Sol revela o Ser Supremo. Aqueles cujas mentes estão n'Ele, cuja própria alma é Ele, que residem n'Ele, e que tem a Ele como sua meta, partem para nunca mais voltar, seus pecados sendo todos destruídos pelo conhecimento. (Tais homens são dispensados da obrigação do renascimento. Deixando este corpo eles imergem na Alma Suprema.) Aqueles que são sábios lançam um olhar igual em um Brahmana dotado de erudição e modéstia, em uma vaca, um elefante, um cachorro, e um chandala (um membro da casta mais baixa). Aqui mesmo o nascimento foi conquistado por aqueles cujas mentes repousam na igualdade; e já que Brahma é impecável e uniforme, portanto, (é dito que) eles residem em Brahma. Aquele cuja mente é firme, que não é iludido, que conhece Brahma, e que descansa em Brahma, não exulta ao obter alguma coisa que é agradável, nem ele se aflige ao obter o que é desagradável. Aquele cuja mente não está ligada a objetos externos dos sentidos, obtém aquela felicidade que se encontra no Eu; e por concentrar sua mente na contemplação de Brahma, ele desfruta de uma felicidade que é imperecível. Os prazeres nascidos do contato (dos sentidos com seus objetos) são produtivos de tristeza. Aquele que é sábio, ó

filho de Kunti, nunca tem prazer nestes que tem um início e um fim. Aquele homem seja quem for aqui, antes da dissolução do corpo, é capaz de aguentar as agitações resultantes de desejo e ira, está fixo em contemplação, e é feliz. Aquele que encontra felicidade dentro de si mesmo, (e) que se diverte dentro de si mesmo, ele cuja luz (de conhecimento) é derivada de dentro de si mesmo é um devoto, e tornando-se uno com Brahma atinge absorção em Brahma. Aquelas pessoas santas cujos pecados foram destruídos, cujas dúvidas foram dissipadas, que são auto-controladas, e que são dedicadas ao bem de todas as criaturas, obtem absorção em Brahma. Para estes devotos que estão livres de desejo e ira, cujas mentes estão sob controle, e que tem conhecimento do eu, absorção em Brahma existe aqui e futuramente. Excluindo (de sua mente) todos os objetos externos dos sentidos, dirigindo o olhar visual entre as sobrancelhas, misturando (em um) os ares vitais ascendente e descendente e fazendo-os passar pelas narinas, o devoto, que tem controlado os sentidos, a mente, e o intelecto, estando concentrado na emancipação, e que está livre de desejo, medo, e ira, está emancipado, de fato. Sabendo que eu sou o desfrutador de todos sacrifícios e austeridades ascéticas, o grande Senhor de todos os mundos, e amigo de todas as criaturas, tal pessoa obtem tranquilidade.'"

30

"O Santo disse, 'Indiferente ao resultado da ação, aquele que realiza as ações que devem ser realizadas é um renunciador e devoto (Sannyasin e Yogin), e não alguém que descarta o fogo (sacrifical), nem alguém que se abstém da ação. Aquilo que é chamado de renúncia, saiba que, ó filho de Pandu, é devoção, já que não pode ser um devoto quem não renunciou a (todas) as resoluções (as quais surgem do desejo). Para o sábio desejoso de se elevar à devoção, a ação é citada como o modo; e quando ele se elevou à devoção, a cessação da ação é citada como o modo. Quando alguém não é mais apegado aos objetos dos sentidos, nem às ações, e quando ele renuncia a todas as resoluções, então é dito que ele se elevou à devoção. Uma pessoa deve elevar (seu) eu pelo eu; ela não deve degradar (seu) eu; pois seu próprio eu é seu amigo, e seu próprio eu é seu inimigo. (A mente, a menos que controlada, não pode levar à devoção.) (Somente) para aquele que subjuga seu eu por meio de seu eu o eu é um amigo. Mas para aquele que não subjuga seu eu, seu eu se comporta hostilmente como um inimigo. A alma de alguém que subjuga seu eu e que está no desfrute de tranquilidade está firmemente fixa (em si mesma) em meio a frio e calor, prazer e dor, e também honra e desonra. É citado como devotado aquele asceta cuja mente está satisfeita com conhecimento e experiência, que não tem afeição, que tem subjugado seus sentidos, e para quem um torrão, uma pedra e ouro são iguais. Aquele que considera igualmente benquerentes, amigos, inimigos, desconhecidos que são indiferentes a ele, aqueles que tomam parte em ambos os lados, aqueles que são objetos de aversão, aqueles que são parentes (dele), aqueles que são bons, e aqueles que são maus, é notável (acima de todos os outros). Um devoto deve sempre fixar sua mente em contemplação, permanecendo sozinho em um lugar

retirado, controlando sua mente e corpo, sem expectativas (de qualquer tipo), e sem preocupar-se (com alguma coisa). Instalando seu assento imovelmente em um local limpo, não muito alto nem muito baixo, e espalhando sobre ele um tecido, uma pele de veado, ou folhas de erva Kusa, e lá sentado naquele assento, com mente fixa em um objeto, e refreando as funções do coração e os sentidos, ele deve praticar contemplação para a purificação do eu. Mantendo corpo, cabeça, e pescoço alinhados, imóveis e firmes, e lançando seu olhar sobre a ponta de seu nariz, e sem olhar em volta em alguma das diferentes direções, com mente em tranquilidade, livre do medo, observador das práticas de Brahmacharins, reprimindo a mente, com coração fixo em mim, o devoto deve se sentar, me considerando como o objeto de seu alcance. Dessa maneira aplicando sua alma constantemente, o devoto cujo coração é controlado alcança aquela tranquilidade a qual culmina em absorção final e assimilação em mim. A devoção (Yoga) não é de alguém, ó Arjuna, que come muito, nem de alguém que não come em absoluto; nem de alguém que é viciado em dormir muito, nem de alguém que está sempre desperto. Devoção que é destrutiva de miséria é daquele que é moderado em alimento e diversões, que devidamente se esforça moderadamente em todas as suas atividades, e que é moderado em sono e vigílias. Quando o coração de alguém, devidamente controlado, está fixo em seu próprio Eu (afastado de todos os objetos dos sentidos), então, indiferente a todos os objetos de desejo, ele é alguém chamado de devoto. Como uma lâmpada em um local sem vento não tremula, esta mesma é a semelhança declarada de um devoto cujo coração foi controlado e que consagra seu eu à abstração. Aquela (condição) na qual a mente, reprimida pela prática de abstração, repousa, na qual contemplando o eu pelo eu uma pessoa está satisfeita dentro de si mesma; na qual ela sente aquela felicidade mais sublime que está além (da esfera dos) sentidos e que (somente) a compreensão pode alcançar, e fixada na qual uma pessoa nunca se desvia da verdade; adquirindo a qual ninguém considera outra aquisição maior do que ela, e permanecendo na qual uma pessoa nunca é movida nem pela tristeza mais forte; deve ser conhecida como a que é chamada devoção aquela (condição) na qual há um rompimento de ligação com a dor. Aquela devoção deve ser praticada com perseverança e com um ânimo firme. Renunciando sem exceção a todos os desejos que são nascidos de resoluções, reprimindo totalmente o grupo dos sentidos só pela mente, uma pessoa deve, por passos lentos, tornar-se tranquila (auxiliada) por (seu) intelecto controlado por paciência, e então dirigindo sua mente ao Eu não deve pensar em nada. Para onde quer que a mente, a qual é (por natureza) inquieta e instável, possa correr, refreando-a disso, uma pessoa deve dirigi-la para o Eu somente. De fato, para tal devoto cuja mente está em tranquilidade, cujas paixões foram suprimidas, que se tornou uno com Brahma e que está livre do pecado, a maior felicidade vem (por iniciativa própria). Assim aplicando sua alma constantemente (à abstração), o devoto, livre do pecado, obtém facilmente aquela felicidade sublime, isto é, com Brahma. Aquele que dedica seu eu à abstração lançando um olhar igual em todos os lugares, vê a si mesmo em todas as criaturas e todas as criaturas em si mesmo. Para ele que me vê em tudo e vê tudo em mim, eu nunca estou perdido e ele também nunca está perdido para mim; (isto é, eu sou sempre visível para ele, e ele também está sempre dentro da minha vista e eu sou sempre bondoso para ele.) Aquele que me

reverencia como residindo em todas as criaturas, considerando também que tudo é um, é um devoto, e qualquer que seja o modo de vida que ele leve, ele vive em mim. Aquele devoto, ó Arjuna, que lança um olhar igual em todos os lugares, considerando todas as coisas como seu próprio eu e a felicidade e tristeza de outros como sua própria, é considerado o melhor.'

"Arjuna disse, 'Esta devoção por meio de equanimidade que tu declaraste, ó matador de Madhu, por conta da inquietação da mente eu não vejo sua presença estável; (isto é, como sua existência estável pode ser assegurada, a mente sendo por natureza sempre inquieta.) Ó Krishna, a mente é agitada, tumultuosa, perversa, e obstinada. Seu controle eu considero como de realização tão difícil como o controle do vento.'

"O Santo disse, 'Sem dúvida, ó tu de armas poderosas, a mente é de subjugação difícil e é inquieta. Com a prática, no entanto, ó filho de Kunti, e com o abandono do desejo, ela pode ser controlada. É minha opinião que para aquele cuja mente não é controlada a devoção é de aquisição difícil. Mas por alguém cuja mente é controlada e que é assíduo, ela pode ser adquirida com a ajuda de meios.'

"Arjuna disse, 'Sem assiduidade, embora dotado de fé, e com a mente agitada para longe da devoção, qual é o fim daquele, ó Krishna, que não obteve êxito em devoção? Caído de ambos, (do céu (por trabalho) e de absorção em Brahma (por devoção)), ele é perdido como uma nuvem separada ou não, sendo como ele é sem refúgio, ó tu de braços poderosos, e iludido no caminho que leva à Brahma? Esta minha dúvida, ó Krishna, cabe a ti remover sem deixar qualquer coisa, (isto é, removê-la completamente). Além de ti, nenhum dissipador desta dúvida é para ser tido.'

"O Santo disse, 'Ó filho de Pritha, nem nesse mundo nem no seguinte a ruína existe para ele, já que ninguém, ó senhor, que realiza boas (ações) obtém um fim infeliz. Alcançando as regiões reservadas para aqueles que realizam atos meritórios e vivendo lá por muitos e muitos anos, aquele que abandonou a devoção toma nascimento na residência daqueles que são pios e dotados de prosperidade, ou, ele nasce até na família de devotos dotados de inteligência. De fato, um nascimento tal como este é de aquisição muito difícil neste mundo. Naquele nascimento ele obtem contato com aquele conhecimento Brâhmico o qual era dele em sua vida anterior; e a partir daquele ponto ele se esforça novamente, ó descendente de Kuru, em direção à perfeição. E embora relutante, ele ainda continua se desenvolvendo por aquela mesma prática antiga dele. Até alguém que perguntou sobre devoção se eleva acima dos (frutos) da Palavra Divina; (isto é, dos Vedas. Tão grande é a eficácia da devoção que alguém meramente se informando sobre ela transcende aquele que obedece aos ritos dos Vedas.) Empenhando-se com grandes esforços, o devoto, purificado de todos os seus pecados, atinge a perfeição depois de muitos nascimentos, e então alcança a meta suprema. O devoto é superior aos ascetas engajados em austeridades; ele é considerado superior até ao homem de conhecimento. O devoto é superior àqueles que estão engajados em ação. Portanto, torne-te um devoto, ó Arjuna.

Mesmo entre todos os devotos, aquele que, cheio de fé e com a alma repousando em mim, me venera, é considerado por mim como o mais dedicado."

31

"O Santo disse, 'Ouça, ó filho de Pritha, como, sem dúvida, tu podes me conhecer totalmente, fixando tua mente em mim, praticando devoção, e te refugiando em mim. Eu te falarei agora, sem deixar qualquer coisa, sobre conhecimento e experiência, conhecendo os quais não sobrará nada neste mundo (para ti) conhecer. Um entre milhares de homens se esforça pela perfeição (isto é, pelo conhecimento de si mesmo). Mesmo daqueles que são assíduos e alcançaram a perfeição, somente alguns (muito poucos) me conhecem realmente. Terra, água, fogo, ar, espaço, mente, também intelecto, e consciência, dessa maneira minha natureza é dividida em oito partes. Esta é uma (forma) inferior (da minha) natureza. Diferente desta, saiba que há uma (forma) superior (da minha) natureza que é animada, ó tu de braços fortes, e pela qual este universo é mantido. Saiba que todas as criaturas tem estas como sua fonte. Eu sou a fonte da evolução e também da dissolução do universo inteiro. Não há nada mais, ó Dhananjaya, que seja mais elevado do que eu mesmo. Em mim está tudo isso como uma fileira de pérolas em um cordão. Eu sou o sabor nas águas, ó filho de Kunti, (e) eu sou o esplendor da lua e do sol, eu sou o Om em todos os Vedas, o som no espaço, e a virilidade nos homens. Eu sou o odor fragrante na terra, o esplendor no fogo, a vida em todas as criaturas (viventes), e penitência em ascetas. Saiba, ó filho de Pritha, que eu sou a semente eterna de todos os seres. Eu sou a inteligência de todas as criaturas dotadas de inteligência, a glória de todos os objetos gloriosos. Eu sou também a força de todos os que são dotados de força, (eu mesmo) livre de desejo e ânsia, e, ó touro da raça Bharata, sou o desejo, consistente com dever, em todas as criaturas. E todas as existências que são da qualidade de bondade, e as que são da qualidade de paixão e da qualidade de ignorância, saiba que elas são, de fato, de mim. Eu, no entanto, não estou nelas, mas elas estão em mim. Todo este universo, iludido por estas três entidades consistindo (nessas) três qualidades não conhece a mim que estou além delas e (sou) imperecível; já que esta minha ilusão, dependendo das (três) qualidades, é muito maravilhosa e muito difícil de ser transcendida. Somente aqueles que recorrem a mim atravessam esta ilusão. Fazedores de mal, homens ignorantes, os piores de sua espécie, roubados de seu conhecimento por (minha) ilusão e ligados à condição de demônios, não recorrem a mim. Quatro classes de fazedores de bons atos me adoram, ó Arjuna, isto é, aquele que está aflito, que é possuidor de conhecimento, sendo sempre devotado e tendo sua fé somente em Um é superior ao resto, pois para o homem de conhecimento eu sou caro acima de tudo, e ele também é caro para mim. Todos estes são nobres. Mas o homem de conhecimento é considerado (por mim) como meu próprio eu, já que ele, com alma fixa em abstração, se refugia em mim como a meta mais elevada. No fim de muitos nascimentos, o homem possuidor de conhecimento alcança a mim, (pensando) que Vasudeva é tudo isto. Tal pessoa de grande alma, no entanto, é

extremamente rara. Aqueles que são privados de conhecimento pelo desejo recorrem às suas divindades, observadores de diversos regulamentos e controlados por sua própria natureza (isto é, temperamento como dependente das ações de suas vidas passadas.) Qualquer forma, (de divindade ou eu mesmo) que algum devoto deseje cultuar com fé, aquela sua fé naquela (forma) eu torno firme. Dotado daquela fé, ele presta suas adorações àquela (forma), e obtém dela todos os seus desejos, já que todos aqueles são ordenados por mim. Os frutos, no entanto, daquelas pessoas dotadas de pouca inteligência são perecíveis. (As divindades sendo perecíveis, o que elas obtem é perecível.) Aqueles que adoram as divindades vão às divindades, (enquanto) aqueles que me adoram vem até mim. (Eu mesmo sendo imperecível, o que meus adoradores obtem é imperecível.) Aqueles que não tem discernimento, consideram a mim que sou (realmente) imanifesto como tendo me tornado manifesto, porque eles não conhecem o meu estado transcendente e imperecível ao qual não há nada superior. Encoberto pela ilusão do meu poder inconcebível, eu não estou manifesto para todos. Este mundo iludido não conhece a mim que sou não nascido e imorredouro. Eu conheço, ó Arjuna, todas as coisas que são passadas, e todas as coisas que são presentes, e todas as coisas que são futuras. Mas não há ninguém que me conheça. Todas as criaturas, ó castigador de inimigos, são iludidas no momento de seu nascimento pela ilusão, ó Bharata, dos pares de opostos resultantes do desejo e aversão. Mas aquelas pessoas de atos meritórios cujos pecados alcançaram seu fim, sendo livres da ilusão dos pares de opostos, me adoram, firmes em seu voto (daquele culto). Aqueles que, se refugiando em mim, se esforçam para se libertar de decadência e morte, conhecem Brahman, todo o Adhyatma (tudo aquilo pelo qual Brahman é para ser alcançado), e ação, (todo o curso de deveres e práticas que levam ao conhecimento de Brahman.) E aqueles que me reconhecem como o Adhibhuta, o Adhidaiva, e o Adhiyajna, tendo mentes fixas em abstração, me conhecem no momento de sua partida (deste mundo).'"

32

"Arjuna disse, 'O que é Brahman, o que é Adhyatma, o que é ação, ó melhor dos seres masculinos? O que também é citado como Adhibhuta, e o que é chamado de Adhidaiva? O que é aqui Adhiyajna, e como, neste corpo, ó matador de Madhu? E como na hora da partida tu deves ser conhecido por aqueles que tem controlado seu eu? '

"O Santo disse, 'Brahman é o Supremo e indestrutível. Adhyatma é citado como sua própria manifestação. A oferenda (para alguma divindade em um sacrifício) a qual causa a produção e desenvolvimento de todos, isso é chamado de ação. Lembrando somente de mim em (seus) últimos momentos, aquele que, abandonando seu corpo, parte (daqui), entra em minha essência. Não há dúvida nisto. Qualquer forma (de divindade) que uma pessoa lembre quando ela abandona, no fim, (seu) corpo, àquela ela vai, ó filho de Kunti, tendo habitualmente meditado nela sempre. Portanto, pense em mim em todos os

momentos, e te engaje em batalha. Fixando tua mente e intelecto em mim, tu, sem dúvida, virás até a mim. Pensando (no Supremo) com uma mente não correndo para outros objetos e dotada de abstração na forma de aplicação ininterrupta, uma pessoa vai, ó filho de Pritha, para o Divino e Supremo Ser masculino. Aquele que na hora de sua partida, com uma mente firme, dotado de reverência, com poder de abstração, e dirigindo o ar vital chamado Prana entre as sobrancelhas, pensa naquele vidente antigo, que é o soberano (de todos), que é mais minúsculo do que o átomo mais minúsculo, que é o ordenador de tudo, que é inconcebível em forma, e que está além de toda escuridão, vai àquele Divino e Supremo Ser Masculino. Eu te falarei em poucas palavras acerca daquela base a qual pessoas familiarizadas com os Vedas declaram ser indestrutível, na qual entram ascetas livres de todos os desejos, e na expectativa da qual (as pessoas) praticam os votos de Brahmacharins. Abandonando (este) corpo, aquele que parte, bloqueando todas as portas (os sentidos), confinando a mente dentro do coração (afastando a mente de todos os objetos externos), colocando seu próprio ar vital chamado Prana entre as sobrancelhas, repousando em contínua meditação, proferindo esta única sílaba Om que é Brahman, e pensando em mim, alcança a meta mais sublime. Aquele que sempre pensa em mim com mente sempre afastada de todos os outros objetos, para aquele devoto sempre empenhado em meditação, eu sou, ó Partha, de fácil acesso. Pessoas de grande alma que atingiram a maior perfeição, alcançando a mim, não incorrem no renascimento o qual é a residência da tristeza e que é transitório. Todos os mundos, ó Arjuna, da residência de Brahman para baixo tem que passar por um círculo de nascimentos, (todas estas regiões sendo destrutíveis e sujeitas ao renascimento, aqueles que vivem lá são igualmente sujeitos à morte e renascimento), ao alcançar a mim, no entanto, ó filho de Kunti, não há renascimento. Aqueles que sabem que um dia de Brahman termina depois de mil Yugas, e uma noite (dele) termina depois de mil Yugas são pessoas que conhecem dia e noite. Na chegada do dia de (Brahman) tudo o que é manifesto surge do imanifesto; e quando chega (sua) noite, naquele mesmo que é chamado de imanifesto todas as coisas desaparecem. Aquele mesmo conjunto de criaturas, surgindo repetidas vezes, se dissolve na chegada da noite, e surge (novamente), ó filho de Pritha, quando chega o dia, obrigado (pela força da ação, etc.) (Neste círculo de nascimentos e mortes, as próprias criaturas não são agentes livres, estando todo o tempo sujeitas à influência do Karma.) Há, no entanto, outro ente, imanifesto e eterno, o qual está além daquele imanifesto, e que não é destruído quando todas as entidades são destruídas. Ele é citado como imanifesto e indestrutível. Eles o chamam de a meta mais alta, alcançando a qual ninguém tem que voltar. Aquela é minha base Suprema. Aquele Ser Supremo, ó filho de Pritha, Ele dentro de quem estão todos os entes, e por quem tudo isso é permeado, é para ser alcançado por reverência não dirigida para qualquer outro objeto. Eu te direi os momentos, ó touro da raça Bharata, nos quais devotos partindo (dessa vida) vão, para nunca retornar, ou para retornar. O fogo, a Luz, o dia, a quinzena iluminada, os seis meses do solstício do norte, partindo daqui, as pessoas que conhecem Brahma atravessam este caminho para Brahma. Fumaça, noite, também a quinzena escura (e) os seis meses do solstício do sul, (partindo) por este caminho, o devoto, alcançando a luz lunar, retorna. O claro e o escuro, estes dois caminhos são considerados como (os dois caminhos) eternos

do universo. Pelo primeiro, (uma pessoa) vai para nunca voltar; pelo outro, uma pessoa (indo) retorna. Conhecendo estes dois caminhos, ó filho de Pritha, nenhum devoto é iludido. Portanto, em todos os momentos, seja dotado de devoção, ó Arjuna. O resultado meritório que é prescrito para o (estudo dos) Vedas, para sacrifícios, para austeridades ascéticas e para doações, um devoto conhecendo tudo isso (que foi dito aqui), obtem tudo isto, e (também) alcança a base Suprema e Primeva.'"

33

"O Santo disse, 'Agora eu direi a ti que és sem inveja aquele conhecimento mais misterioso junto com prática, conhecendo os quais tu serás livre do mal. Esta é a ciência real, um mistério real, altamente purificador, diretamente compreensível, consistente com as leis sagradas, fácil de praticar, (e) imperecível. Aquelas pessoas, ó castigador de inimigos, que não tem fé nesta doutrina sagrada, não alcançando a mim, voltam ao caminho deste mundo que está sujeito à destruição. Este universo inteiro é permeado por mim em minha forma imanifesta. Todas as entidades estão em mim, mas eu não resido nelas. Nem também todos os entes estão em mim. Veja meu poder divino. Sustentando todos os entes e produzindo todos os entes, eu mesmo (contudo) não resido (naqueles) entes. Como a grande atmosfera sempre ocupa espaço, entenda que todas as existências residem em mim da mesma maneira. (A atmosfera ocupa espaço sem afetar a ele ou sua natureza. Assim todas as coisas estão no Ser Supremo sem afetá-lo.) Todas as entidades, ó filho de Kunti, atingem minha natureza (o princípio imanifesto ou essência primordial) no fim de um Kalpa. Eu as crio novamente no início de um Kalpa. Regulando minha própria natureza (independente) eu crio novamente todo este grupo de existências o qual é maleável por sua sujeição à natureza, (ao Karma; a influência do Karma ou ação sendo universal em determinar a forma de uma entidade específica no momento de sua criação.) Aqueles atos, no entanto, ó Dhananjaya, não restringem a mim que permaneço como alguém indiferente, sendo independente daquelas ações (de criação). Através de mim, o supervisor, a natureza primordial produz (o universo dos) móveis e imóveis. Por essa razão (minha supervisão), ó filho de Kunti, o universo passa por suas rondas (de nascimento e destruição). Não conhecendo minha natureza suprema de grande senhor de todas as entidades, pessoas ignorantes de esperanças inúteis, ações inúteis, conhecimento inútil, mentes confusas, ligadas à natureza ilusória de Asuras e Rakshasas, me desconsideram como (alguém) que assumiu um corpo humano. Mas pessoas de grande alma, ó filho de Pritha, possuidoras de natureza divina, e com mentes dirigidas para nada mais, me adoram, reconhecendo (a mim) como a origem de todos os entes e indestrutível. Sempre me glorificando, (ou) se esforçando com votos firmes, (ou) reverenciando a mim, com veneração e sempre devotados, (eles) me cultuam. Outros além disso, realizando o sacrifício do conhecimento (crendo que Vasudeva é tudo), me adoram, (alguns) como único, (alguns) como diverso, (alguns) como permeando o universo, em muitas formas (como Brahman, Rudra, etc.) Eu sou o sacrifício Védico, eu sou o sacrifício ordenado nos Smritis, eu sou Swadha, eu o

medicamento produzido de ervas; eu sou o mantra (o verso ou versos sagrados usados para invocar divindades e para outros propósitos), eu sou a libação sacrifical, eu sou o fogo, e eu sou a oferenda (sacrifical). Eu sou o pai deste universo, a mãe, o criador, avô; (eu sou) a coisa a ser conhecida, os meios pelos quais tudo é purificado, a sílaba Om, o Rik, o Saman e o Yajus, (eu sou) a meta, o sustentador, o senhor, o espectador, a residência, o refúgio, o amigo, a fonte, a destruição, o suporte, o receptáculo; e a semente indestrutível. Eu dou calor, eu produzo e suspendo a chuva; eu sou a imortalidade, e também a morte; e eu sou o existente e o inexistente, ó Arjuna. Aqueles que conhecem os três ramos de conhecimento, e também bebem o suco Soma, e cujos pecados tem sido purificados adorando a mim por sacrifícios, procuram admissão no céu; e estes alcançando a região sagrada do chefe dos deuses desfrutam no céu do prazer celestial dos deuses. Tendo desfrutado daquele mundo celeste de vasta extensão, após o esgotamento de seus méritos eles reentram no mundo mortal. É dessa maneira que aqueles que aceitam as doutrinas dos três Vedas e desejam objetos de desejos obtem inda e vinda. Aquelas pessoas que, pensando (em mim) sem dirigir suas mentes para qualquer coisa mais, me adoram, àqueles que são (assim) sempre devotados (a mim), eu faço presentes e preservo o que eles tem. Até aqueles devotos que dotados de fé adoram outras divindades, eles mesmos, ó filho de Kunti, adoram a mim somente, (embora) irregularmente. Eu sou o desfrutador, como também o senhor, de todos os sacrifícios. Eles, no entanto, não me conhecem realmente; por isso eles caem (do céu). Aqueles cujos votos são dirigidos aos Pitris alcançam os Pitris; aqueles que dirigem (seu) culto para os espíritos inferiores chamados Bhutas alcançam os Bhutas; aqueles que me adoram, alcançam a mim mesmo. Aqueles que me oferecem com reverência uma folha, flor, fruta, ou água, esse oferecido com reverência, eu aceito daquele cujo eu é puro. O que quer que tu faças, o que quer que comas, o que quer que bebas, o que quer que does, quaisquer austeridades que tu realizes, maneje isto de tal maneira, ó filho de Kunti, que isto possa ser uma oferenda a mim. Dessa maneira tu poderás ser libertado dos grilhões da ação que tem resultados bons e maus. Dotado de renúncia e devoção, tu serás libertado e virás a mim. Eu sou igual para todas as criaturas; não há ninguém odioso para mim, ninguém caro. Aqueles, no entanto, que me adoram com reverência estão em mim e eu também estou neles. Se uma pessoa de conduta extremamente pecaminosa me reverencia, sem cultuar alguém mais, ela deve certamente ser considerada boa, pois seus esforços são bem dirigidos. (Tal pessoa) logo vem a ser de alma virtuosa, e obtem tranquilidade eterna. Saiba, ó filho de Kunti, que alguém devotado a mim jamais é perdido. Pois, ó filho de Pritha, mesmo aqueles que sejam de nascimento pecaminoso, mulheres, Vaisyas, e também Sudras, até eles, recorrendo a mim, alcançam a meta suprema. O que então (eu direi) de Brahmanas pios e santos que são meus devotos? Tendo vindo a este mundo transitório e miserável, te dedique ao meu culto. Fixe tua mente em mim; seja meu devoto, meu adorador; curve-te a mim; e assim me fazendo teu refúgio e aplicando teu eu à abstração, tu sem dúvida virás a mim.'"

34

"O Santo disse, 'Mais uma vez ainda, ó de braços fortes, escute as minhas palavras divinas as quais, por desejo do (teu) bem, eu digo para ti que ficarás satisfeito (com elas). As hostes de deuses não conhecem minha origem, nem os grandes Rishis, já que eu sou, de todas as maneiras (isto é, como criador, como guia, etc.), a fonte dos deuses e dos grandes Rishis. Aquele que me reconhece como o Senhor Supremo dos mundos, sem nascimento e início, (ele), não iludido entre mortais, é livre de todos os pecados. Inteligência, conhecimento, a ausência de ilusão, perdão, verdade, autodomínio, e tranquilidade, prazer, dor, nascimento, morte, medo, e também segurança, abstenção de mal, uniformidade de mente, contentamento, austeridades ascéticas, doações, fama, infâmia, estes vários atributos das criaturas se originam de mim. Os Sete grandes Rishis, os quatro Maharishis antes (deles), e os Manus, participando da minha natureza, nasceram da minha mente, da qual neste mundo estes são produtos. Aquele que conhece realmente esta preeminência e poder místico meus se torna possuidor de devoção inabalável. Disto não (há) dúvida. Eu sou a origem de todas as coisas, de mim todas as coisas procedem. Pensando assim, os sábios, dotados da minha natureza, me veneram. Seus corações em mim, suas vidas dedicadas a mim, instruindo uns aos outros, e glorificando a mim eles estão sempre contentes e felizes. A eles sempre devotados, e reverenciando (a mim) com amor, eu dou aquela devoção na forma de conhecimento pelo qual eles vem a mim. Deles, por compaixão, eu destruo a escuridão nascida da ignorância, pela lâmpada brilhante do conhecimento, (eu mesmo) residindo em suas almas.'

"Arjuna disse, 'Tu és o Brahma Supremo, a Residência Suprema, o mais Santo dos Santos, o eterno Ser Masculino Divino, o Primeiro dos deuses, Não Nascido, o Senhor. Todos os Rishis te proclamam dessa maneira, e também o Rishi celeste Narada; e Asita, Devala, (e) Vyasa; tu mesmo também me falaste (assim). Tudo isso que tu me disseste, ó Kesava, eu considero verdadeiro já que, ó Santo, nem os deuses nem os Danavas compreendem tua manifestação. Tu somente conheces a ti mesmo por ti mesmo, ó Melhor dos Seres Masculinos. Ó Criador de todas as coisas; ó Senhor de todas as coisas, ó Deus dos deuses, ó Senhor do Universo, cabe a ti declarar sem qualquer reserva aquelas tuas perfeições divinas pelas quais tu permaneces permeando estes mundos. Como, sempre meditando, eu te conhecerei, ó tu de poder místico, em que estados específicos tu podes, ó Santo, ser meditado por mim? (Conhecer-te completamente é impossível. Em que formas ou manifestações específicas, portanto, eu devo pensar em ti?) Declare novamente, ó Janardana, abundantemente teus poderes místicos e (tuas) perfeições, pois eu nunca estou saciado em ouvir tuas palavras como néctar."

"O Santo disse, 'Bem, para ti eu declararei minhas perfeições divinas, por meio das principais (entre elas), ó chefe dos Kurus, pois não há fim para a extensão das minhas (perfeições). Eu sou a alma, ó tu de cabelo ondulado, situada no coração de todos os seres, eu sou o início, e o meio, e também o fim de todos os seres. Eu sou Vishnu entre os Adityas (divindades solares, doze em número, correspondentes aos doze meses do ano), o Sol resplandecente entre todos os

corpos luminosos; eu sou Marichi entre os Maruts (deuses do vento, cujo chefe é Marichi), e a Lua entre constelações. Eu sou o Sama Veda entre os Vedas; eu sou Vasava entre os deuses; eu sou a mente entre os sentidos; eu sou o intelecto nos seres (viventes). Eu sou Sankara entre os Rudras (uma classe de deuses destrutivos, onze em número), o Senhor dos tesouros (Kuvera) entre os Yakshas e os Rakshasas; eu sou Pavaka entre os Vasus (uma classe inferior de divindades, oito em número), e Meru entre as (montanhas) de picos. Conheça-me, ó filho de Pritha, como Vrihaspati, o chefe dos sacerdotes familiares. Eu sou Skanda entre os comandantes de exércitos. Eu sou o Oceano entre os receptáculos de água. Eu sou Bhrigu entre os grandes Rishis, eu sou a Única, indestrutível (sílaba Om) entre as palavras. Dos sacrifícios eu sou o sacrifício Japa (sacrifício por meditação o qual é superior a todos os sacrifícios). Dos imóveis eu sou o Himavat. Eu sou a figueira entre todas as árvores, eu sou Narada entre os Rishis celestes. Eu sou Chitraratha entre os Gandharvas e o asceta Kapila entre os ascetas coroados com êxito em Yoga. Saiba que eu sou Uchchaisravas entre os cavalos, gerado pelo (batimento por) néctar, Airavata entre os elefantes principescos, e o rei entre os homens. Entre as armas eu sou o raio, entre as vacas eu sou (aquela chamada) Kamadhuk (a vaca realizadora de desejos chamada Surabhi). Eu sou Kandarpa a causa da reprodução (isto é, eu não sou a mera paixão carnal, mas aquela paixão que procria ou é coroada com fruto), eu sou Vasuki entre as serpentes. Eu sou Ananta entre os Nagas, eu sou Varuna entre seres aquáticos, eu sou Aryaman entre os Pitris, e Yama entre aqueles que julgam e punem. Eu sou Prahlada entre os Daityas, e Tempo entre as coisas que contam. Eu sou o leão entre os animais, e o filho de Vinata entre as criaturas aladas. Dos purificadores eu sou o vento. Eu sou Rama (o filho de Dasaratha) entre os manejadores de armas. Eu sou o Makara entre os peixes, e eu sou Jahnavi (Ganga) entre os rios. (Ganga é chamada de Jahnavi porque ela foi, depois de ter sido esvaziada, libertada pelo asceta Jahnu através de seu joelho.) Das coisas criadas eu sou o início e o fim e também o meio, ó Arjuna. Eu sou o conhecimento do Espírito Supremo entre todos os tipos de conhecimento, e a disputa entre os disputadores. Entre todas as letras eu a letra A, e (o composto chamado) Dwanda entre todos os compostos. Eu sou também o Tempo Eterno, e eu sou o Ordenador com face virada para todos os lados. Eu sou a Morte que apanha todos, e a fonte de tudo o que existirá. Entre as mulheres, eu sou a Fama, Fortuna, Palavra, Memória, Inteligência, Constância, Perdão. Dos hinos Sama, eu sou o Vrihat-sama (o melhor, porque ele leva à emancipação imediatamente) e Gayatri entre as métricas. Dos meses, eu sou Margasirsha (o mês do meio de Fevereiro ao meio de Março), das estações (eu sou) aquela que é produtiva de flores (primavera). Eu sou o jogo de dados daqueles que trapaceiam, e o esplendor daqueles que são esplêndidos. Eu sou Vitória, eu sou Esforço, eu sou a bondade dos bons. Eu sou Vasudeva entre os Vrishnis, eu sou Dhananjaya entre os filhos de Pandu. Eu sou o próprio Vyasa entre os ascetas, e Usanas entre os videntes. Eu sou a Vara daqueles que castigam, eu sou a Política daqueles que procuram vitória. Eu sou silêncio entre aqueles que são secretos. Eu sou o Conhecimento daqueles que são possuidores de Conhecimento. Aquilo que é a Semente de todas as coisas, eu sou aquilo, ó Arjuna. Não há nada móvel ou imóvel que possa existir sem mim. Não há fim, ó castigador de inimigos, das minhas perfeições divinas. Esta narração da extensão

(daquelas) perfeições foi proferida por mim (somente) a fim de exemplificá-las. Quaisquer coisas sublimes ou gloriosas (que há), ou fortes, entenda que tudo é nascido de uma porção da minha energia. Ou melhor, o que tu tens a fazer, por conhecer tudo isso em detalhes, ó Arjuna? Eu permaneço sustentando este universo inteiro somente com uma fração (de mim mesmo),"

35

"Arjuna disse, 'Este discurso acerca do mistério supremo, chamado Adhyatman (a relação entre a Alma Suprema e a alma individual), o qual tu proferiste para meu bem-estar, dissipou minha ilusão. Pois eu ouvi detalhadamente de ti sobre a criação e dissolução dos seres, ó tu de olhos como pétalas de lótus, e também da tua grandeza que não conhece deterioração. O que ti disseste sobre ti mesmo, ó Senhor grandioso, é assim mesmo. Ó melhor dos Seres Masculinos, eu desejo contemplar tua forma soberana. Se, ó Senhor, tu achas que eu sou qualificado para contemplar (aquela forma), então, ó Senhor de poder místico, mostre-me teu Eu eterno.'

"O Santo disse, 'Veja, ó filho de Pritha, minhas formas às centenas e milhares, várias, divinas, diversas em cor e forma. Veja os Adityas, os Vasus, os Rudras, os Aswins, e os Maruts. Veja, ó Bharata, inúmeras maravilhas não vistas antes (por ti). Contemple, ó tu de cabelo ondulado, o universo inteiro de móveis e imóveis reunido neste meu corpo, (e) qualquer coisa mais que tu desejes ver. Tu, no entanto, não estás apto para me contemplar com esta tua visão. Eu te dou visão divina. Veja minha natureza mística soberana.'"

Sanjaya continuou, "Dizendo isso, ó monarca, Hari, o poderoso Senhor de poder místico, então revelou para o filho de Pritha sua Suprema forma soberana, com muitas bocas e olhos, muitos aspectos magníficos, muitos ornamentos celestes, muitas armas celestes erguidas, usando guirlandas e mantos celestes, (e) com unguentos de fragrância celeste, cheia de todas as maravilhas, resplandecente, infinita, com faces viradas para todos os lados. Se o esplendor de mil sóis irrompesse ao mesmo tempo no céu, (então) ele seria semelhante ao esplendor daquele Poderoso. O filho de Pandu então viu lá no corpo daquele Deus dos deuses o universo inteiro dividido e sub-dividido em muitas partes, todas juntas. Então Dhananjaya, cheio de assombro, (e) com cabelo arrepiado, reverenciando com (sua) cabeça, com mãos unidas dirigiu-se ao Deus.’

"Arjuna disse, 'Eu vejo todos os deuses, ó Deus, como também as variadas hostes de criaturas, (e) Brahman sentado em (seu) assento de lótus, e todos os Rishis e as cobras celestes. Eu Te vejo com inúmeros braços, estômagos, bocas, (e) olhos, por toda parte, ó tu de formas infinitas. Nem fim nem meio, nem também teu começo eu vejo, ó Senhor do universo, ó tu de forma universal. Portando (teu) diadema, maça, e disco, uma massa de energia, brilhando intensamente por todos os lados, eu vejo a ti que és difícil de se olhar, dotado em todos os lados da refulgência do fogo ardente ou do Sol, (e) incomensurável. Tu és indestrutível, (e)

o Supremo objeto deste universo. Tu és sem decadência, o protetor da eterna virtude. Eu te considero como o eterno Ser (masculino). Eu vejo que tu és sem início, meio, fim, de destreza infinita, de inúmeros braços, tendo o Sol e a Lua como teus olhos, o fogo ardente como tua boca, e aquecendo este universo com tua própria energia. Pois o espaço entre céu e terra é permeado por Ti somente, como também os pontos do horizonte. À visão desta tua forma maravilhosa e aterradora, ó Alma Suprema, o mundo triplo treme. Pois estas hostes de deuses são entrando em ti. Alguns, atemorizados, estão rezando com mãos unidas. Dizendo 'Saudações a Ti', as hostes de grandes Rishis e Siddhas Te louvam com hinos copiosos de louvor. Os Rudras, os Adityas, os Vasus, aqueles (chamados) Siddhas, os Viswas, os Aswins, os Maruts, também os Ushmapas, os Gandharvas, os Yakshas, os Asuras, as hostes de Siddhyas, Te contemplam e estão todos assombrados. Vendo Tua forma imensa com muitas bocas e olhos, ó poderosamente armado, com inúmeros braços, coxas e pés, muitos estômagos, (e) terrível por causa de muitas presas, todas as criaturas estão assustadas e eu também. De fato, tocando os próprios céus, de brilho resplandecente, de muitas cores, boca escancarada, com olhos que são brilhantes e grandes, contemplando a ti, ó Vishnu, com (minha) alma interna tremendo (apavorada), eu não posso mais dispor de coragem e paz mental. Vendo tuas bocas que são terríveis por causa de (suas) presas, e que são ameaçadoras (como o fogo todo-destrutivo no fim do Yuga), eu não posso reconhecer os pontos do horizonte nem posso dispor de paz mental. Sejas benevolente, ó Deus de deuses, ó tu que és o refúgio do Universo. E todos estes filhos de Dhritarashtra, junto com as hostes de reis, e Bhishma, e Drona, e também este filho de Suta (Karna), acompanhados até pelos principais guerreiros do nosso lado, estão entrando rapidamente nas tuas bocas terríveis tornadas ferozes por tuas presas. Alguns, com suas cabeças esmagadas, são vistos batendo nas frestas dos (teus) dentes. Como muitas correntes de água fluindo por diferentes canais rolam rapidamente em direção ao oceano, assim estes heróis do mundo dos homens entram nas tuas bocas que flamejam por toda parte. Como mariposas com velocidade crescente se precipitam para (sua própria) destruição para o fogo ardente, assim também (estas) pessoas, com velocidade ininterrupta, entram nas tuas bocas para (sua) destruição. Engolindo todos estes homens de todos os lados, tu os lambes com tuas bocas flamejantes. Enchendo todo o universo com (tua) energia, teus esplendores ardentes, ó Vishnu, estão aquecendo (tudo). Diga-me quem és tu de (tal) forma feroz. Eu me curvo a ti, ó principal dos deuses, sejas benévolo para mim. Eu desejo conhecer a ti que és o Primevo, eu não compreendo tua ação.'

O Santo disse, "Eu sou a Morte, o destruidor dos mundos, totalmente revelado. Eu estou agora empenhado em matar a raça de homens. Sem ti todos estes guerreiros permanecendo nas diferentes divisões cessarão de existir; (isto é, mesmo que tu não lutes, todos perecerão.) Por isso levante, ganhe renome, (e) subjugando o inimigo, desfrute (deste) reino próspero. Por mim todos estes já foram mortos. Seja somente (meu) instrumento. Ó tu que podes estirar o arco (até) com a mão esquerda. Drona e Bhishma, e Jayadratha, e Karna, e também outros guerreiros heróicos, (já) mortos por mim, mate. Não fique consternado, lute; tu vencerás (teus) inimigos em batalha."

Sanjaya continuou, "Ouvindo estas palavras de Kesava, o enfeitado com diadema (Arjuna), tremendo, (e) com mãos unidas, curvou-se (a ele); e mais uma vez falou a Krishna, com voz sufocada e dominado pelo medo, e fazendo suas saudações (a ele).'

Arjuna disse, "É apropriado, Hrishikesa, que o universo se deleite e se encante em proferir teus louvores, e os Rakshasas fujam com medo em todas as direções, e as hostes dos Siddhas reverenciem (a ti). E por que eles não deveriam te reverenciar, ó Alma Suprema, que és maior até do que (o próprio) Brahman, e a causa primordial? Ó tu que és Infinito, ó Deus dos deuses, ó tu que és o refúgio do universo, tu és indestrutível, tu és aquilo que é, e aquilo que não é, e aquilo que está além de (ambos). Tu és o Primeiro Deus, o antigo Ser (Masculino), tu és o amparo Supremo deste universo. Tu és o Conhecedor, tu és o Objeto a ser conhecido, tu és a residência mais elevada. Por ti é permeado este universo, ó tu de forma infinita. Tu és Vayu, Yama, Agni, Varuna, Lua, Prajapati, e Avô. Homenagens sejam para ti mil vezes, e mais e mais reverências a ti. Reverências para ti em frente, e também atrás. Que reverências sejam para ti de todos os lados, ó tu que és tudo. Tu és tudo, de energia que é infinita, e destreza que é incomensurável. Tu abarcas o Todo. Considerando (a ti) um amigo, qualquer coisa que tenha sido dita por mim descuidadamente, tal como: 'Ó Krishna, ó Yadava, ó amigo,' não conhecendo esta tua grandeza por falta de bom senso ou por amor, qualquer desrespeito que tenha sido mostrado a ti para propósito de hilaridade, em ocasiões de jogo, deitado, sentado, (ou) em refeições, enquanto sós ou na presença de outros, ó imperecível, eu rogo teu perdão por isto, que és incomensurável. Tu és o pai deste universo de móveis e imóveis. Tu és o grande mestre digno de culto. Não há ninguém igual a ti, como poderia haver alguém maior, ó tu cujo poder é sem paralelo mesmo nos três mundos? Portanto reverenciando (a ti) prostrando (meu) corpo, eu peço tua benevolência, ó Senhor, ó adorável. Cabe a ti, ó Deus, tolerar (minhas falhas) como um pai as de (seu) filho, um amigo as de (seu) amigo, um amante as de (seu) amado. Contemplando (tua) forma (não vista) antes, eu tenho estado alegre, (contudo) minha mente está perturbada pelo temor. Mostre-me aquela (outra) forma (habitual), ó Deus. Seja bondoso, ó Senhor dos deuses, ó tu que és o amparo do universo. (Enfeitado) em diadema, e (armado) com maça, disco na mão, como antes, eu desejo te ver. Seja daquela mesma forma de quatro braços, ó tu de mil braços, tu de forma universal."

"O Santo disse, 'Satisfeito contigo, ó Arjuna, eu tenho, por meu (próprio) poder místico, te mostrado esta forma suprema, cheia de glória, Universal, Infinita, Primeva, a qual não foi vista antes por ninguém salvo tu. Exceto por ti somente, herói da família de Kuru, eu não posso ser visto nesta forma no mundo dos homens por ninguém mais, mesmo (ajudado) pelo estudo dos Vedas e de sacrifícios, por presentes, por ações, (ou) pelas austeridades mais severas. Que nenhum receio seja teu, nem perplexidade de mente ao vires esta minha forma terrível. Livre do medo com o coração alegre, veja-me novamente assumindo aquela outra forma.'"

Sanjaya continuou, "Vasudeva, tendo dito tudo isto para Arjuna, mais uma vez mostrou (a ele) sua própria forma (habitual), e aquele de grande alma, assumindo mais uma vez (sua) forma amável, confortou a ele que estava aflito."

"Arjuna disse, 'Vendo essa tua bondosa forma humana, ó Janardana, eu agora fiquei com mente sã e voltei ao meu estado normal.'

"O Santo disse, 'Esta minha forma que tu viste é difícil de ser vista. Até os deuses estão sempre desejosos de se tornar observadores desta (minha) forma. Nem pelos Vedas, nem por austeridades, nem por doações, nem por sacrifícios eu posso ser visto nesta minha forma que tu viste. Por reverência, no entanto, que é exclusiva (em seu objeto), ó Arjuna, eu posso ser conhecido nesta forma, visto realmente, e alcançado, ó castigador de inimigos. Aquele que faz tudo para mim, que tem a mim como seu objetivo supremo, que é livre de apego, que é sem inimizade em direção a todos os seres, ele mesmo, ó Arjuna, vem a mim.'"

36

"Arjuna disse, 'Daqueles devotos que, constantemente dedicados, te adoram, e aqueles que (meditam) em ti como o Imutável e Imanifesto, quem é mais bem familiarizado com devoção?'

"O Santo disse, 'Fixando (sua) mente em mim, aqueles que constantemente me adoram, sendo dotados (além disso) da fé mais elevada, são considerados por mim como os mais devotados. Aqueles, no entanto, que veneram o Imutável, o Imanifesto, o que permeia a tudo, o Inconcebível, o Indiferente, o Imutável, o Eterno, que, reprimindo o grupo inteiro dos sentidos, são de mente igual em relação a tudo em volta e estão dedicados ao bem de todas as criaturas, (também) alcançam a mim. A dificuldade é maior para aqueles cujas mentes são fixadas no Imanifesto; pois o caminho para o Imanifesto é difícil de ser encontrado por aqueles que estão incorporados. Aqueles (também) que, pondo toda ação em mim (e) me considerando como seu objeto mais alto (de conhecimento), me adoram, meditando em mim com devoção não dirigida a qualquer coisa mais, deles cujas mentes estão (assim) fixadas em mim, eu, sem demora, me torno o libertador do oceano (deste) mundo mortal. Fixe teu coração em mim somente, coloque tua mente em mim, após a morte então tu residirás em mim. Não (há) dúvida (nisto). Se no entanto, tu és incapaz de fixar teu coração firmemente em mim, então, ó Dhananjaya, esforce-te para me alcançar por devoção (resultante) de aplicação contínua. Se tu fores inadequado até para (esta) aplicação contínua, então que ações realizadas por mim sejam teu maior alvo. Realizando todas as tuas ações por minha causa, tu obterás perfeição. Se mesmo isto tu fores incapaz de fazer, então recorrendo à devoção em mim, (e) subjugando tua alma, abandone o fruto de todas as ações. Conhecimento é superior à aplicação (em devoção); meditação é melhor do que conhecimento; o abandono do fruto da reação (é melhor) do que meditação, e tranquilidade (resulta) imediatamente do abandono. Aquele que não tem ódio por qualquer criatura, que é amistoso e compassivo também, que é livre

de egoísmo, que não tem vaidade, apego, que é igual em prazer e dor, que é perdoador, contente, sempre devotado, de alma subjugada, de propósito firme, com coração e mente fixos em mim, ele mesmo é amado por mim. Aquele por quem o mundo não é incomodado, (e) que não é incomodado pelo mundo, que é livre de alegria, ira, medo e ansiedades, ele mesmo é amado por mim. Aquele meu devoto que é tranquilo, puro, diligente, não ligado (com objetos mundanos), e livre de angústia (mental), e que renuncia toda ação (por resultado), ele mesmo é amado por mim. Ele que não tem alegria, nem aversão, que nem se aflige nem deseja, que renuncia ao bem e ao mal, (e) que é cheio de fé em mim, ele mesmo é amado por mim. Ele que é igual para com amigo e inimigo, como também em honra e desonra, que é igual em frio e calor, (e prazer e dor), que é livre de apego, para quem crítica e elogio são iguais, que é taciturno, que está satisfeito com qualquer coisa que aconteça (a ele), que é sem lar, de mente imperturbável e cheia de fé, este homem é amado por mim. Aqueles que recorrem a esta equidade (que leva à) imortalidade a qual (já) foi declarada, aqueles devotos cheios de fé e que me consideram como o objeto mais elevado (de sua obtenção) são os mais queridos para mim.'"

37

"O Santo disse, 'Este corpo, ó filho de Kunti, é chamado de Kshetra. Aquele que o conhece, os eruditos chamam de Kshetrajna. Conheça-me, ó Bharata, como Kshetras. O conhecimento de Kshetra e Kshetrajna eu considero como (verdadeiro) conhecimento. O que aquele Kshetra (é), e ao que (ele é) similar, e que mudanças ele sofre, e de onde (ele vem), o que é ele (o Kshetrajna), e quais são seus poderes, ouça de mim em poucas palavras. Tudo isto tem sido cantado separadamente de muitas maneiras por Rishis em vários versos, em textos bem assentados repletos de bom senso e dando indicações de Brahman. Os grandes elementos, egoísmo, intelecto, o imanifesto (isto é, Prakriti), também os dez sentidos, o único (manas), os cinco objetos dos sentidos, desejo, aversão, prazer, dor, consciência do corpo, coragem, tudo isso em resumo é declarado como Kshetra em sua forma modificada. Ausência de vaidade, ausência de ostentação, abstenção de ferir, perdão, retidão, devoção ao preceptor, pureza, constância, autodomínio, indiferença pelos objetos dos sentidos, ausência de egoísmo, percepção da miséria e mal de nascimento, morte, velhice e doença, liberdade de apego, ausência de afinidade por filho, esposa, casa, e o resto, e constante equanimidade de coração na obtenção de bem e mal, devoção inabalável a mim sem meditação em qualquer coisa mais, frequentação de lugares solitários, aversão por multidão de homens, constância no conhecimento da relação do ser individual com o supremo, percepção do objetivo do conhecimento da verdade (que é a dissipação da ignorância e a aquisição de felicidade), tudo isso é chamado de Conhecimento; tudo aquilo que é contrário a isto é Ignorância. Aquilo que é o objeto de conhecimento eu (agora) declararei (para ti), conhecendo o qual uma pessoa obtém imortalidade. [Ele é] o Brahma Supremo que não tem início, que é citado como não sendo nem existente nem inexistente; cujas mãos e pés estão em toda parte, cujos olhos, cabeças e rostos estão em toda parte, que vive

permeando tudo no mundo, que é possuidor de todas as qualidades dos sentidos (embora) desprovido de sentidos, sem ligação (contudo) sustentando todas as coisas, sem atributos (porém) desfrutando de todos os atributos; (não tendo olhos, etc., porém vendo, etc., sem atributos, contudo tendo ou desfrutando de tudo o que os atributos dão); fora e dentro de todas as criaturas, imóvel e móvel, não conhecível por causa de (sua) sutileza, distante porém perto, não distribuído em todos os seres, (contudo) permanecendo como se distribuído, que é o sustentador de (todos os) seres, o que absorve e cria (tudo); que é a luz de todos os corpos luminosos, que é citado como estando além de toda escuridão; que é conhecimento, o Objeto de conhecimento, o Fim do conhecimento e situado nos corações de todos. Assim Kshetra, e Conhecimento, e o Objeto de Conhecimento, foram declarados (para ti) em resumo. Meu devoto, sabendo (tudo) isso, se torna uno em espírito comigo. Saiba que Natureza (Prakriti, a matéria primordial) e Espírito (Purusha, o princípio ativo) são ambos sem início (e) saiba (também) que todas as modificações e todas as qualidades provem da Natureza. A Natureza é citada como a fonte da capacidade de desfrutar de prazeres e dores. Pois o Espírito, residindo na natureza desfruta das qualidades nascidas da Natureza. A causa de seus nascimentos em úteros bons e maus é (sua) conexão com as qualidades. (É o espírito incorporado somente que pode desfrutar das qualidades da Natureza. Então, o tipo de conexão que ele tem com aquelas qualidades determina seu nascimento em bons e maus úteros.) O Purusha Supremo neste corpo é citado como o avaliador, aprovador, sustentador, desfrutador, o senhor poderoso, e também a Alma Suprema. Aquele que conhece dessa maneira Espírito, e Natureza, com as qualidades, em qualquer estado que ele possa estar, nunca nasce novamente. Alguns por meditação contemplam o eu no eu por meio do eu; outros por devoção segundo o sistema Sankhya; e outros (também), por devoção através de trabalhos. Outros ainda não conhecendo isto, veneram, ouvindo sobre isto de outros. Mesmo estes, devotados ao que é ouvido (os Srutis ou as doutrinas sagradas), vencem a morte. Qualquer ente, imóvel ou móvel, que nasce, saiba que, ó touro da raça Bharata, é proveniente da conexão de Kshetra e Kshetrajna (matéria e espírito). Aquele que vê o Senhor Supremo morando igualmente em todos os seres, (vê) o Imperecível no Perecível. Pois vendo o Senhor residindo igualmente em todos os lugares, uma pessoa não destrói a si mesma por si mesma (não é privada do verdadeiro conhecimento), e então alcança a meta mais elevada. Vê (realmente) quem vê que todas as ações são feitas pela natureza somente de todas as maneiras e igualmente que o eu não é o fazedor. Quando alguém vê a diversidade de entidades como existindo em uma, e a emissão (de tudo) daquela (Uma), então ele é citado como tendo alcançado Brahma. Este Ser Supremo inexaurível, ó filho de Kunti, sendo sem início e sem atributos, não age, nem é maculado mesmo quando colocado no corpo. Como o espaço, que é onipresente, nunca é manchado, por sua sutileza, assim a alma, posicionada em todo corpo, nunca é maculada. Como o único Sol ilumina o mundo inteiro, assim o Espírito, ó Bharata, ilumina toda (a esfera das) matérias. Aqueles que, pela visão do conhecimento, conhecem a diferença entre matéria e espírito, e a libertação da natureza de todas as entidades, alcançam o Supremo."

38

"O Santo disse, 'Eu declararei (para ti) novamente aquela sublime ciência das ciências, aquela ciência excelente, conhecendo a qual todos os munis tem alcançado a maior perfeição dos (grilhões) deste corpo. Valendo-se desta ciência, e atingindo a minha natureza, eles não renascem nem na (ocasião de) uma (nova) criação e não são perturbados na dissolução universal. O poderoso Brahma é um útero para mim. Lá eu coloco o embrião (vivente). Dali, ó Bharata, o nascimento de todos os seres se realiza. Quaisquer formas (corpóreas), ó filho de Kunti, que são nascidas em todos os úteros, delas Brahma é o útero imenso, (e) eu o Pai que dá a semente. Bondade, paixão, escuridão (ignorância), estas qualidades, nascidas da natureza, amarram, ó tu de braços fortes, a eterna [alma] incorporada no corpo. Entre estas, a Bondade, de sua natureza pura, sendo iluminadora e livre de miséria, ata (a Alma), ó impecável, com a obtenção de felicidade e de conhecimento. (Felicidade e conhecimento são atributos da mente, não da alma. Por isso, quando ligados à alma, eles são como grilhões dos quais a alma deve ser libertada.) Saiba que a paixão, tendo desejo como sua essência, nasce da ânsia e apego. Ela, ó filho de Kunti, ata a (alma) incorporada pelo apego à atividade. Escuridão, no entanto, saiba, é nascida da ignorância, (e) desnorteia toda [alma] incorporada. Ela vincula, ó Bharata, por erro, indolência, e torpor. Bondade une (a alma) com prazer; Paixão, ó Bharata, une com trabalho; mas a Ignorância, velando o conhecimento, une com erro. Paixão e ignorância, sendo reprimidas, permanece a Bondade, ó Bharata. Paixão e bondade (sendo reprimidas), (resta) ignorância; (e) ignorância e bondade (sendo reprimidas), (resta) a paixão. Quando neste corpo, em todos os seus portões, a luz do conhecimento é produzida, então se sabe que a bondade tem sido desenvolvida lá. Avareza, atividade, realização de trabalhos, falta de tranquilidade, desejo, estes, ó touro da raça Bharata, nascem quando a paixão está desenvolvida. Ignorância, inatividade, erro, e também ilusão, ó filho da família de Kuru, nascem quando a ignorância está desenvolvida. Quando o portador de um corpo vai para a dissolução enquanto a bondade está desenvolvida, então ele alcança as regiões imaculadas daqueles que conhecem o Supremo. Indo para a dissolução quando a paixão prevalece, uma pessoa nasce entre aqueles que são vinculados à atividade. Igualmente, dissolvida durante ignorância, uma pessoa nasce em úteros que geram os ignorantes. O resultado de boa ação é citado como bom e imaculado. O resultado, no entanto, da paixão, é tristeza; (e) o fruto da Escuridão é ignorância. Da bondade é produzido o conhecimento; da paixão, avareza; (e) da escuridão são erro e ilusão, e também ignorância. Aqueles que vivem em bondade vão para o alto; aqueles que são afeitos à paixão vivem no meio; (enquanto) aqueles que são da escuridão, sendo afeitos à qualidade mais baixa, descem. Quando um observador reconhece que ninguém mais é um agente exceto as qualidades, e conhece aquilo que está além (das qualidades), ele atinge minha natureza. A [alma] incorporada, por transcender estas três qualidades que constituem a fonte de todos os corpos, desfruta da imortalidade, sendo livre de nascimento, morte, velhice, e miséria.'

"Arjuna disse, 'Quais são as indicações, ó Senhor, de alguém que transcendeu estas três qualidades? Qual é sua conduta? Como também alguém transcende estas três qualidades?"

"O Santo disse, 'Aquele que não tem aversão por conhecimento, atividade, e mesmo ilusão (que são as três qualidades como indicadas por seus efeitos), ó filho de Pandu, quando eles estão presentes, nem os deseja quando eles estão ausentes, que, assentado como alguém indiferente, não é agitado por aquelas qualidades; que está em posição fixa e não se altera, pensando que são as qualidades (e não ele) que estão engajadas (em suas respectivas funções); para quem prazer e dor são iguais, que é independente, e para quem um torrão de terra, uma pedra, e ouro são iguais; para quem o agradável e o desagradável são o mesmo; que tem discernimento; para quem crítica e elogio são o mesmo; para quem honra e desonra são o mesmo; que considera amigo e inimigo igualmente; que renunciou a todo esforço, é citado como tendo transcendido as qualidades. Aquele também que venera a Mim com devoção exclusiva, ele, transcendendo aquelas qualidades, se torna apto para admissão na natureza de Brahma. Pois eu sou o esteio de Brahma, da imortalidade, da indestrutibilidade, da piedade eterna, e da bem aventurança ininterrupta.'"

39

"O Santo disse, 'Eles dizem que a Aswattha, tendo suas raízes acima e ramos abaixo, é eterna, sua folhas são os Chhandas. Aquele que a conhece, conhece os Vedas. (A 'Aswattha' é a sagrada figueira indiana, aqui emblemática do curso de vida mundana. Suas raízes estão acima; aquelas raízes são o Ser Supremo. Seus ramos estão abaixo, estes sendo as divindades inferiores. Suas folhas são os hinos sagrados dos Vedas, isto é, as folhas mantém a árvore viva e conduzem aos seus frutos, assim os Vedas sustentam esta árvore e levam à salvação.) Para baixo e para cima (das mais elevadas às mais baixas das coisas criadas) estão esticados seus ramos os quais são aumentados pelas qualidades (as qualidades aparecendo como o corpo, os sentidos, etc.); seus brotos são os objetos dos sentidos, (sendo ligados aos próprios sentidos como brotos aos ramos.) Para baixo suas raízes (os desejos por diversos prazeres), que levam à ação, estão estendidas para este mundo de homens. Sua forma não pode aqui (na terra) ser assim conhecida, nem (seu) fim, nem (seu) início, nem (seu) suporte. Cortando, com a arma firme do desinteresse, esta Aswattha de raízes firmemente fixadas, uma pessoa deve então procurar por aquele local se dirigindo ao qual não se retorna outra vez (pensando): 'Eu procurarei a proteção daquele Senhor Primevo de quem o antigo curso de vida (mundana) fluiu.' Aqueles que são livres de orgulho e ilusão, que subjugaram o mal do apego, que são firmes na contemplação da relação do Supremo com o ser individual, de quem o desejo se apartou, livre dos pares de opostos conhecidos pelos nomes de prazer e dor (e semelhantes), se dirigem, sem ilusão, àquela base eterna. O sol não ilumina aquela [base], nem a lua, nem o fogo. Indo para lá ninguém retorna, aquela é minha base suprema. Uma porção eterna de Mim é aquela que, se tornando uma

alma individual no mundo de vida, atrai para si mesma os (cinco) sentidos com a mente como o sexto os quais dependem todos da natureza. Quando o soberano (desta moldura corpórea) assume ou abandona (um) corpo, ele parte levando embora estes, como o vento (levando) perfumes de seus assentos. Presidindo sobre o ouvido, o olho, (os órgãos de) tato, paladar e olfato, e também sobre a mente, ele desfruta de todos os objetos dos sentidos. Aqueles que estão iludidos não vêem (a ele) quando abandonando ou habitando (o corpo), quando desfrutando ou unidos às qualidades (isto é, quando percebendo objetos dos sentidos ou sentindo prazer e dor). Aqueles (no entanto) que tem a visão do conhecimento o vêem. Devotos se esforçando (em direção àquele fim) o vêem residindo neles mesmos. Aqueles (no entanto) que são insensatos e cujas mentes não são controladas, não o vêem, mesmo enquanto (eles mesmos) se esforçando. Aquele esplendor residindo no sol o qual ilumina o universo vasto, aquele (que se encontra) na lua, e aquele (que se encontra) no fogo, saiba que aquele esplendor é meu. Entrando na terra eu sustenho as criaturas por minha força; e me tornando a lua suculenta (Soma) eu nutro todas as ervas. Eu mesmo me tornando o calor vital (Vaiswanara) residindo nos corpos das criaturas que respiram, (e) me unindo com os ares vitais ascendentes e descendentes, eu digiro os quatro tipos de alimento, (que são aquele que é mastigado, aquele que é sugado, aquele que é lambido, e aquele que é bebido.) Eu estou situado nos corações de todos. Provenientes de Mim são memória e conhecimento e a perda de ambos. Eu sou os objetos de conhecimento a serem conhecidos por meio (da ajuda de) todos os Vedas. Eu sou o autor dos Vedantas, e somente Eu sou o conhecedor dos Vedas. Há estas duas existências no mundo, isto é, a mutável e a imutável. A mutável é todas (estas) criaturas. A permanente é chamada de imutável. Mas há outra, o Ser Supremo, chamado Paramatman, que é o Senhor Eterno, que permeia os três mundos, os sustém (e) já que eu transcendo o mutável, e estou acima até do imutável; por isso eu sou celebrado no mundo (entre os homens) e no Veda como Purushottama (o Ser mais Elevado). Aquele que, sem ser iludido, me conhece como este Ser mais elevado, ele sabendo tudo, ó Bharata, me adora de todas as maneiras. Assim, ó impecável, este conhecimento, formando o maior dos mistérios, foi declarado por Mim (para ti). Conhecendo isto, ó Bharata, uma pessoa se tornará dotada de inteligência, e terá feito tudo o que ela precisa fazer.'"

40

"O Santo disse, 'Destemor, pureza de coração, perseverança na (busca de) conhecimento e meditação Yoga, doações, autodomínio, sacrifício, estudo dos Vedas, penitências ascéticas, retidão, abstenção de ferir, veracidade, abstenção de raiva, renúncia, tranquilidade, abstenção de relatar as imperfeições de outros, compaixão por todas as criaturas, ausência de cobiça, bondade, modéstia, ausência de inquietação, energia, perdão, firmeza, limpeza, ausência de vontade de disputar ou discutir, ausência de vaidade, estes se tornam daquele, ó Bharata, que é nascido para posses divinas. Hipocrisia, orgulho, presunção, cólera, rudeza e ignorância, são, ó filho de Pritha, dele que é nascido para posses demoníacas.

Posses divinas são consideradas para libertação; as demoníacas para escravidão. Não te aflijas, ó filho de Pandu, pois tu és nascido para posses divinas. (Há) dois tipos de seres criados neste mundo, isto é, os divinos e os demoníacos. O divinos foram descritos detalhadamente. Ouça agora, de mim, ó filho de Pritha, acerca dos demoníacos. Pessoas de natureza demoníaca não conhecem inclinação (para ações corretas) nem aversão (por todas as ações injustas). Nem pureza, nem boa conduta, nem veracidade existem neles. Eles dizem que o universo é desprovido de verdade, de princípio guia, (e) de soberano; produzido pela união de um com o outro (macho e fêmea) por luxúria, e nada mais. Sujeitos a esse ponto de vista, estes homens perdidos, de pouca inteligência, e feitos violentos, estes inimigos (do mundo), nascem para a destruição do universo. Nutrindo desejos que são insaciáveis, e dotados de hipocrisia, presunção e tolice, eles adotam falsas noções por ilusão e se engajam em práticas profanas. Nutrindo pensamentos ilimitados limitados (somente) pela morte, e considerando o desfrute de (seus) desejos como o maior objetivo, eles estão convencidos de que isso é tudo. Presos pelas centenas de laços da esperança, viciados em luxúria e raiva, eles cobiçam obter esta riqueza hoje, 'Isto eu obterei mais tarde', 'Esta riqueza eu tenho', 'Esta (riqueza) será minha além do mais', 'Este inimigo foi morto por mim', 'Eu matarei outros', 'Eu sou o senhor', 'Eu sou o desfrutador', 'Eu sou bem sucedido, poderoso, feliz', 'Eu sou rico e de nascimento nobre', 'Quem mais há que é como eu?', 'Eu sacrificarei', 'Eu farei doações', 'Eu serei alegre', assim iludidos pela ignorância, jogados de lá para cá por numerosos pensamentos, envolvidos nas redes da ilusão, apegados ao desfrute de objetos de desejo, eles afundam no inferno hediondo. Presunçosos, teimosos, cheios de orgulho, e excitação de riqueza, eles realizam sacrifícios que são nominalmente assim, com hipocrisia e contra a ordenança (prescrita). Ligados à vaidade, poder, orgulho, luxúria e ira, estes difamadores odeiam a Mim em seus próprios corpos e naqueles de outros. Estes que tem ódio (de Mim), cruéis, os mais vis entre os homens, e pecaminosos, eu lanço continuamente para baixo em úteros demoníacos. Entrando em úteros demoníacos, iludidos nascimento após nascimento, eles, ó filho de Kunti, sem alcançarem a Mim descem ao estado mais vil. Triplo é o caminho para o inferno, desastroso para o ser, isto é, luxúria, ira, e avareza igualmente. Portanto, estes três uma pessoa deve abandonar. Livre destes três portões da escuridão, um homem, ó filho de Kunti, realiza seu próprio bem-estar, e então se dirige para sua meta mais elevada. Aquele que, abandonando as ordenanças das escrituras, age somente sob os impulsos do desejo, nunca alcança a perfeição, nem felicidade, nem a meta mais sublime. Portanto, as escrituras devem ser tua autoridade em determinar o que deve ser feito e o que não deve ser feito. Cabe a ti trabalhar aqui, tendo averiguado o que é declarado pelas ordenanças das escrituras.'"

41

"Arjuna disse, 'Qual é o estado, ó Krishna, daqueles que abandonando a ordenança das escrituras, realizam sacrifícios dotados de fé? Ele é da Bondade, ou Paixão, ou Ignorância?'

"O Santo disse, 'A fé das (criaturas) incorporadas é de três tipos. Ela é (também) nascida de suas qualidades (individuais). Ela é boa, passional, e tenebrosa. Ouça agora estas. A fé de uma pessoa, ó Bharata, é correspondente à sua própria natureza. Um ser aqui é cheio de fé; e qualquer que seja a fé de uma pessoa, ela é exatamente aquilo. Aqueles que são da qualidade de bondade cultuam os deuses; aqueles que são da qualidade de paixão (cultuam) os Yakshas e os Rakshasas; outras pessoas que são da qualidade de ignorância adoram os espíritos mortos e hostes de Bhutas. Aquelas pessoas que praticam austeridades ascéticas rígidas não ordenadas pelas escrituras, são entregues a hipocrisia e orgulho, e dotadas de desejo de ligação, e violência, aquelas pessoas que não possuem discernimento, torturando os grupos de órgãos em (seus) corpos e a Mim também situado dentro (daqueles) corpos, devem ser reconhecidas como sendo de resoluções demoníacas. Alimento o qual é precioso para todos é de três tipos. Sacrifício, penitência, e doações são igualmente (de três tipos). Escute as suas distinções como se segue. Aqueles tipos de alimento que aumentam o período de vida, energia, força, saúde, bem-estar, e alegria, que são saborosos, oleaginosos, nutritivos, e agradáveis, são gostados por Deus. Aqueles tipos de alimento que são amargos, azedos, salgados, quentes demais, acres, secos, e ardentes, e que produzem dor, aflição e doença, são desejados pelos passionais. O alimento que é frio, sem sabor, mal cheiroso e estragado, e que é refugo, e sujo, é querido por homens de ignorância. É bom aquele sacrifício que, sendo prescrito pela ordenança, é realizado por pessoas sem qualquer desejo pelo resultado (dele) e a mente sendo induzida (a ele sob a crença de) que sua realização é um dever. Mas aquele que é realizado na expectativa de resultado e até por ostentação, saiba que aquele sacrifício, ó principal dos filhos de Bharata, é da qualidade de paixão. Aquele sacrifício que é contra a ordenança, no qual nenhum alimento é distribuído, que é desprovido de mantras (versos sagrados), no qual nenhuma taxa é paga aos brahmanas que auxiliam nele, e que é desprovido de fé, é citado como sendo da qualidade de ignorância. Reverência aos deuses, regenerados, preceptores, e homens de conhecimento, pureza, retidão, as práticas de um Brahmacharin, e abstenção de ferir são citados como constituindo a penitência do corpo. A fala que não causa agitação, que é verdadeira, que é agradável e benéfica, e o estudo diligente dos Vedas, são citados como a penitência da fala. Serenidade da mente, gentileza, taciturnidade, autodomínio, e pureza da disposição, estes são citados como a penitência da mente. Esta penitência tripla realizada com fé perfeita, por homens sem desejo de resultados, e com devoção, é citada como da qualidade de bondade. Aquela penitência que é realizada para (ganhar) respeito, honra, e reverência, com hipocrisia, (e) que é instável e transitória é citada como da qualidade de paixão. Aquela penitência que é realizada sob uma convicção iludida, com tortura de si mesmo, e para a

destruição de outro, é citada como da qualidade de ignorância. Aquela doação que é dada porque ela deve ser dada, para alguém que não pode retornar algum serviço por ela, em um momento apropriado, e para uma pessoa apropriada, é citada como da qualidade de bondade. Aquela, no entanto, que é dada relutantemente, por retorno de serviços (passados ou esperados), ou mesmo na expectativa de resultado, aquela doação é citada como da qualidade de paixão. Em um lugar inadequado e em um momento inapropriado, a doação que é feita para um objeto indigno, sem respeito, e com desprezo, é citada como da qualidade de ignorância. OM, TAT, SAT, esta é mencionada como a designação tripla de Brahma. Por aquele (Brahma), os Brahmanas e os Vedas, e os Sacrifícios foram ordenados antigamente. Portanto, proferindo a sílaba OM, os sacrifícios, doações, e penitências prescritos pela ordenança, de todos os proferidores de Brahma começam. Proferindo TAT, os vários ritos de sacrifício, penitência, e doação, sem expectativa de resultados, são realizados por aqueles que estão desejosos de libertação. SAT é empregada para denotar existência e bondade. Igualmente, ó filho de Pritha, a palavra SAT é usada em qualquer ato auspicioso. Constância em sacrifícios, em penitências e em doações, é também chamada SAT, e uma ação, também, por causa d'Aquilo é chamada SAT. (Como as palavras OM, TAT, e SAT denotam Brahma, quando usadas como instruído aqui, tal uso cura os defeitos das respectivas ações às quais elas são aplicadas.) Qualquer oblação que seja oferecida (ao fogo), o que quer que seja doado, qualquer penitência que seja realizada, o que quer que seja feito, sem fé, é, ó filho de Pritha, citado como o oposto de SAT; e isto é nada neste mundo e após a morte.'"

42

"Arjuna disse, 'Da renúncia, ó tu de braços fortes, eu desejo saber a natureza verdadeira, e também do abandono, ó senhor dos sentidos, claramente, ó matador de Kesi.'

"O Santo disse, 'A rejeição das atividades com desejo é conhecida pelos eruditos como renúncia. O abandono do resultado de todas as atividades os discernentes chamam de abandono. Alguns homens sábios dizem que a (própria) atividade deve ser abandonada como mal; outros (dizem) que atividades de sacrifício, doações, e penitência não devem ser abandonadas. Quanto àquele abandono, escute a minha decisão, ó melhor dos filhos de Bharata, pois o abandono, ó tigre entre homens, é declarado como sendo de três tipos. Os trabalhos de sacrifício, doações, e penitências não devem ser abandonados. Eles devem, de fato, ser feitos. Sacrifícios, doações, e penitências são as purificações dos sábios. Mas mesmo aqueles trabalhos devem ser feitos abandonando apego e resultado. Esta, ó filho de Pritha, é minha opinião excelente e decidida. A renúncia de uma ação prescrita (nas escrituras) não é apropriada. Seu abandono (é) por ilusão, (e) é (portanto) declarado como sendo da qualidade de ignorância. (Considerando-o) como (uma fonte de) tristeza, quando o trabalho é abandonado por (medo de) dor corpórea, a pessoa que faz tal abandono o qual é da qualidade de paixão nunca obtém o fruto do abandono. (Considerando-o) como algo que

deve ser feito, quando o trabalho que é prescrito (nas escrituras) é feito, ó Arjuna, abandonando apego e resultado também, aquele abandono é considerado da qualidade de bondade. Possuidor de inteligência e com dúvidas dissipadas, um renunciante que é dotado da qualidade de bondade não tem aversão por uma ação desagradável e nenhuma atração pelas agradáveis. Já que as ações não podem ser absolutamente abandonadas por um ser incorporado, (portanto) aquele que abandona o resultado das ações é verdadeiramente considerado um renunciante. Ação má, boa e mesclada tem (esse) resultado triplo após a morte para aqueles que não abandonam. Mas não há nenhum de qualquer tipo para o renunciante. Ouça-me, ó tu de armas poderosas, àquelas cinco causas para a conclusão de todas as ações, declaradas no Sankhya que trata da aniquilação das ações. (Elas são) substrato, agente, as diversas espécies de órgãos, os diversos esforços separadamente, e com eles as divindades como a quinta. (O substrato é o corpo. O agente é a pessoa que pensa que ela mesma é o ator. Os órgãos são aqueles de percepção etc. Os esforços são as ações dos ares vitais, Prana, etc. As divindades são aquelas que presidem sobre a visão e os outros sentidos.) Com corpo, fala, ou mente, qualquer atividade, justa ou o contrário, que um homem empreenda, estas cinco são suas causas. Isso sendo assim, aquele que, devido a uma compreensão não refinada, vê somente a si mesmo como o agente, ele, de mente obtusa, não vê. Aquele que não tem sentimento de egoísmo (que não se considera como o fazedor), cuja mente não é maculada (pela mancha do desejo de resultado), ele, mesmo matando todas estas pessoas, não mata, nem é agrilhoado (pela ação). Conhecimento, o objeto de conhecimento, e o conhecedor formam o triplo impulso da ação. Instrumento, ação, e o agente formam o complemento triplo da ação. Conhecimento, ação, e agente são declarados na enumeração de qualidades (no sistema Sankhya) como sendo triplos, de acordo com a diferença de qualidades. Escute isso também devidamente. Aquele pelo qual Uma Essência Eterna é vista em todas as coisas, indivisa no dividido, saiba que aquele é o conhecimento que tem a qualidade de bondade. Aquele conhecimento que discerne todas as coisas como diversas essências de diferentes tipos por sua separatividade, saiba que aquele conhecimento tem a qualidade de paixão. Mas aquele o qual é ligado a (cada) objeto único como se ele fosse o todo, o qual é sem bom senso, sem verdade, e desprezível, aquele conhecimento é citado como da qualidade de ignorância. A ação que é prescrita (pelas escrituras), (feita) sem apego, realizada sem desejos e aversão, por alguém que não anseia por (seu) resultado, é citado como sendo da qualidade de bondade. Mas aquela ação que é feita por alguém procurando objetos de desejo, ou por alguém cheio de egoísmo, e que é acompanhada por grande incômodo, é citada como da qualidade de paixão. Aquela ação que é empreendida por ilusão, sem consideração pelas consequências, perda, dano (para outros), e (pelo próprio) poder também, é citada como da qualidade de ignorância. O agente que é livre de apego, que nunca fala dele mesmo, que é dotado de constância e energia, e é inalterado por sucesso e derrota, é mencionado como sendo da qualidade de bondade. O agente que é cheios de afeições, que deseja o resultado das ações, que é cobiçoso, dotado de crueldade, e impuro, e que sente alegria e tristeza, é declarado como da qualidade de paixão. O agente que é desprovido de aplicação, sem discernimento, teimoso, enganador, malicioso, indolente, desanimado, e

procrastinador, é citado como da qualidade de ignorância. Ouça agora, ó Dhananjaya, a divisão tripla de intelecto e constância, segundo suas qualidades, os quais eu estou prestes a declarar exaustivamente e claramente. O intelecto que conhece ação e inação, o que deve ser feito e o que não deve ser feito, medo e destemor, escravidão e libertação, é, ó filho de Pritha, da qualidade de bondade. O intelecto pelo qual uma pessoa discerne imperfeitamente certo e errado, aquilo que deve ser feito e aquilo que não deve ser feito, é, ó filho de Pritha, da qualidade de paixão. Aquele intelecto que, coberto pela escuridão, considera errado como certo, e todas coisas como invertidas, é, ó filho de Pritha, da qualidade de ignorância. Aquela constância inabalável pela qual uma pessoa controla as funções da mente, os ares vitais, e os sentidos, através da devoção, aquela constância, é, ó filho de Pritha, da qualidade de bondade. Mas aquela constância, ó Arjuna, pela qual alguém adere a religião, desejo, e lucro, por apego, desejando o resultado, aquela constância, ó filho de Pritha, é da qualidade de paixão. Aquela pela qual uma pessoa sem discernimento não abandona torpor, medo, tristeza, desânimo, e tolice, aquela constância é considerada da qualidade de ignorância. Ouça agora de mim, ó touro da raça Bharata, sobre os três tipos de felicidade. Aquela na qual alguém encontra satisfação da repetição (do prazer), a qual traz um fim à dor, que é como veneno no princípio mas parece néctar no fim, aquela felicidade nascida da serenidade produzida pelo autoconhecimento, é citada como sendo da qualidade de bondade. Aquela que é proveniente do contato dos sentidos com seus objetos a qual parece néctar primeiro mas é como veneno no fim, aquela felicidade é considerada da qualidade de paixão. Aquela felicidade a qual no início e em suas consequências ilude a alma, e surge do torpor, indolência, e estupidez, é descrita como da qualidade de ignorância. Não há, nem na terra nem no céu entre os deuses, a entidade que está livre destas três qualidades nascidas da natureza. Os deveres de Brahmanas, Kshatriyas, e Vaisyas, e de Sudras também, ó castigador de inimigos, são distinguidos por (essas três) qualidades nascidas da natureza. Tranquilidade, autodomínio, austeridades ascéticas, pureza, perdão, retidão, conhecimento, experiência, e fé (na existência futura), são os deveres dos Brahmanas, nascidos da (própria) natureza (deles). Coragem, energia, firmeza, habilidade, não fugir da batalha, generosidade, a conduta de um soberano, estes são os deveres dos Kshatriyas, nascidos de (sua própria) natureza. Agricultura, criação de gado, e comércio, são os deveres naturais dos Vaisyas. Dos Sudras também, o dever natural consiste em servidão. Todo homem, dedicado aos seus próprios deveres, alcança a perfeição. Ouça agora como alguém obtém perfeição por aplicação aos seus deveres. Ele de quem são os movimentos de todos os seres, Ele por quem tudo isso é permeado, reverenciando a Ele (pelo cumprimento) do próprio dever, uma pessoa obtém perfeição. Melhor é o próprio dever embora realizado imperfeitamente do que o dever de outro bem realizado. Realizando o dever prescrito por (sua própria) natureza, uma pessoa não incorre em pecado. Não se deve abandonar, ó filho de Kunti, o próprio dever natural embora maculado pelo mal, pois todas as ações estão envolvidas pelo mal como fogo por fumaça. Aquele cuja mente é livre em todos os lugares, que subjugou sua personalidade, e cujo desejo pereceu, obtém, através da renúncia, a perfeição suprema da liberdade de atividade. Aprenda de mim, somente em resumo, ó filho de Kunti, como uma

pessoa, tendo obtido (esse tipo de) perfeição, alcança Brahma que é o fim supremo do conhecimento. Dotado de uma mente pura, e controlando a si mesmo pela constância, renunciando a som e outros objetos dos sentidos, e abandonando afeição e aversão, aquele que reside em um lugar solitário, come pouco, e controla a fala, corpo, e mente, que está sempre concentrado em meditação e abstração, que recorreu à indiferença, que, abandonando egoísmo, violência, orgulho, luxúria, ira, e (todos os) circundantes, está livre de egoísmo e é tranquilo (em mente), torna-se apto para assimilação com Brahma. Tornando-se una com Brahma, tranquila em espírito, (tal) pessoa não se aflige, não deseja; igual para com todos os seres, ela obtém a maior devoção por Mim. Por (aquela) devoção ela realmente compreende a Mim. O que Eu sou, e quem Eu sou; então compreendendo a Mim realmente, ela entra em Mim em seguida. Realizando todas as ações em todos os momentos tendo se refugiado em Mim, ela alcança, por meu favor, a base que é eterna e imperecível. Dedicando em teu coração todas as ações a Mim, sendo devotado a Mim, recorrendo à abstração mental, fixe teus pensamentos constantemente em Mim. Fixando teus pensamentos em Mim, tu superarás todas as dificuldades por minha graça. Mas se por presunção tu não escutares, tu (então) perecerás totalmente. Se, recorrendo à presunção, tu pensares ‘Não lutarei’, aquela tua resolução será inútil, (pois) a Natureza te obrigará. Aquilo que, por ilusão, tu não desejares fazer, tu farás involuntariamente, obrigado por teu próprio dever que nasce da (tua própria) natureza. O Senhor, ó Arjuna, mora na região do coração dos seres, girando todos os seres como se colocados sobre uma máquina, por seu poder ilusório. Procure abrigo com Ele de todas as maneiras, ó Bharata. Por sua graça tu obterás tranquilidade suprema, a base eterna. Assim foi declarado a ti por Mim o conhecimento que é mais misterioso do que qualquer (outro) assunto. Refletindo sobre isto detalhadamente, aja como tu quiseres. Mais uma vez, escute as minhas palavras sublimes, as mais misteriosas de todas. Tu és muitíssimo amado por Mim, portanto, eu declararei o que é para teu benefício. Fixe teu coração em Mim, torne-te Meu devoto, sacrifique para Mim, reverencie a Mim. Então tu virás a Mim. Eu te declaro verdadeiramente, (pois) tu és querido para Mim. Abandonando todos os deveres (religiosos), venha a Mim como teu único refúgio. Eu te libertarei de todos os pecados. Não te aflijas. Isto nunca deve ser revelado por ti para alguém que não pratica austeridades, para alguém que não é um devoto, para alguém que nunca serviu um preceptor, nem ainda para alguém que calunia a Mim. Aquele que inculcar este mistério supremo àqueles que são devotados a Mim, me oferecendo a devoção mais sublime, virá a Mim, livre de (todas as suas) dúvidas. Entre os homens não há ninguém que possa me fazer um serviço mais precioso do que ele, nem algum outro sobre a terra será mais estimado por Mim do que ele. E aquele que estudar esta santa conversa entre nós, por ele será oferecido a Mim o sacrifício do conhecimento. Tal é minha opinião. Até o homem que, com fé e sem contestar capciosamente, a ouvir (ler), ele mesmo livre (do renascimento), alcançará as regiões abençoadas daqueles que realizam ações virtuosas. Isto, ó filho de Pritha, foi ouvido por ti com mente não dirigida para quaisquer outros objetos? Tua ilusão, (causada) pela ignorância, foi destruída, ó Dhananjaya?'

"Arjuna disse, 'Minha ilusão foi destruída, e a recordação (do que eu sou) foi obtida por mim, ó Imperecível, por tua graça. Eu agora estou resoluto. Minhas dúvidas foram dissipadas. Eu farei o que tu dizes.'"

Sanjaya continuou, "Assim eu ouvi esta conversa entre Vasudeva e o filho de grande alma de Pritha, (que é) maravilhosa e faz os cabelos se arrepiarem. Pela bênção de Vyasa eu ouvi este mistério supremo, esta (doutrina do) Yoga, do próprio Krishna, o Senhor do Yoga, que declarou isto pessoalmente. Ó rei, lembrando e (novamente) lembrando daquela conversa magnífica (e) sagrada de Kesava e Arjuna, eu me regozijo repetidamente. Lembrando repetidas vezes daquela forma extraordinária também de Hari, grande é meu assombro, ó rei, e eu me regozijo sempre mais. Lá onde Krishna, o Senhor do Yoga (está), lá onde o grande arqueiro (Partha) está, lá, na minha opinião, se encontram prosperidade, e vitória, e grandeza, e justiça eterna.'"

43

Sanjaya disse, "Vendo Dhananjaya então erguer novamente (suas) flechas e o Gandiva, os poderosos guerreiros em carros (do partido Pandava) proferiram um grito tremendo. E aqueles heróis, os Pandavas e os Somakas, e aqueles que os seguiam, cheios de alegria, sopraram suas conchas nascidas no mar. E baterias, e Pesis, e Karkachas, e chifres de vaca foram batidos e soprados juntos, e o barulho feito foi muito alto. E então, ó soberano de homens, chegaram lá os deuses, com Gandharvas e os Pitris, e as hostes de Siddhas e Charanas, pelo desejo de testemunhar (a visão). E Rishis altamente abençoados chegaram lá em um grupo com ele (Indra) de cem sacrifícios em sua dianteira, para contemplar aquele grande massacre. Então, ó rei, vendo os dois exércitos, que pareciam dois oceanos, prontos para o confronto e se movendo repetidamente, o rei heróico Yudhishthira, o Justo, tirando sua cota de malha e colocando de lado sua arma excelente e descendo rapidamente de seu carro, com mãos unidas, procedeu a pé, olhando para o avô, com fala contida, encarando o leste, para a direção onde o hoste hostil estava (parada). E vendo-o proceder (dessa maneira), Dhananjaya, o filho de Kunti, descendo depressa de seu carro, o seguiu, acompanhado por seus (outros) irmãos. E o Senhor Vasudeva também o seguiu detrás. E os principais reis também (de seu exército), cheios de ansiedade, seguiram no mesmo caminho.

Arjuna disse, 'O que é este teu ato, ó rei, que abandonando teus irmãos, tu procedes a pé, encarando o leste, para a hoste hostil?'

Bhimasena disse, 'Aonde tu vais, ó rei de reis, tendo deixado tua cota de malha e armas, em direção aos guerreiros do inimigo envolvidos em armaduras, e deixando teus irmãos, ó soberano da terra?'

Nakula disse, 'Tu és meu irmão mais velho, ó Bharata, (vendo-te) procedendo dessa maneira, o temor perturba meu peito. (Nos) diga, para onde tu vais?'

Sahadeva disse, 'Quando estas divisões hostis, terríveis e numerosas, com as quais nós lutaremos estão aqui, para onde tu vais, ó rei, na direção de nossos inimigos?'”

Sanjaya continuou, "Embora assim endereçado por seus irmãos, ó filho da linhagem de Kuru, Yudhishthira de fala contida não disse nada mas continuou a proceder. A eles (então), Vasudeva de grande alma de grande sabedoria disse sorridente, ‘O objetivo dele é conhecido por mim. Tendo prestado seus respeitos para todos os seus superiores (tais como) Bhishma, Drona, e Kripa, e Salya também, ele lutará com o inimigo. É ouvido em histórias dos tempos antigos que aquele que, tendo prestado seus respeitos de acordo com a ordenança para seus preceptores, veneráveis em idade e seus parentes, luta com aqueles que são seus superiores, está certo de obter vitória em batalha. Essa é exatamente minha opinião.’ Quando Krishna estava dizendo isso, entre as tropas do filho de Dhritarashtra um tumulto alto de ‘Ai’, e ‘Oh’ se ergueu, mas o outro (exército) permaneceu perfeitamente imóvel. Observando Yudhishthira, os guerreiros heróicos do filho de Dhritarashtra conversaram entre si dizendo, 'Este é um patife infame de sua linhagem. É evidente que este rei está vindo com medo para o lado de Bhishma. Yudhishthira, com seus irmãos, veio a ser alguém que procura obter a proteção (de Bhishma). Quando Dhananjaya, no entanto, é (seu) protetor, e o filho de Pandu Vrikodara, e Nakula, e Sahadeva também, por que o filho (mais velho) de Pandu vem (para cá) com medo? Embora célebre no mundo, este, no entanto, nunca poderia ter nascido na classe Kshatriya, já que ele é fraco e seu peito está cheio de medo (na expectativa) da batalha.' Então aqueles guerreiros todos elogiaram os Kauravas. E todos eles, se regozijando, com corações alegres acenaram seus artigos de vestuário. E, ó monarca, todos os guerreiros lá (então) criticaram Yudhishthira com todos os seus irmãos e junto com Kesava também. Então o exército Kaurava, tendo dito ‘Que vergonha para Yudhishthira!’, logo, ó monarca, ficou totalmente quieto novamente. ‘O que esse rei vai dizer? O que Bhishma dirá em resposta? O que Bhima orgulhoso de seus poderes em batalha, (dirá), e o que Krishna e Arjuna? O que, de fato, (Yudhishthira) tem a dizer?’ Grande era a curiosidade então, ó rei, de ambos os exércitos a respeito de Yudhishthira. O rei (enquanto isso), penetrando no esquadrão de tropas hostil cheio de flechas e dardos, procedeu rapidamente em direção a Bhishma, cercado por seus irmãos. Pegando os pés dele com suas duas mãos, o filho nobre de Pandu então disse para o filho de Santanu Bhishma que estava lá pronto para a batalha, (estas palavras).

Yudhishthira disse, ‘Eu te saúdo, ó invencível. Contigo nós lutaremos. (Nos) conceda tua permissão a respeito deste assunto. (Nos) dê também (tua) bênção.’

Bhishma disse, 'Se, ó senhor da terra, tu, nesta batalha, não tivesses vindo a mim dessa maneira, eu teria, ó grande rei, te amaldiçoado, ó Bharata, para ocasionar tua derrota. Eu estou satisfeito (contigo), ó filho. Lute, e obtenha vitória, ó filho de Pandu. O que mais possa ser desejado por ti, obtenha em batalha. Solicite também a bênção, ó filho de Pritha, que tu desejas ter de nós. Se isto acontecer dessa maneira, ó grande rei, então a derrota não será tua. Um homem é escravo da riqueza, mas a riqueza não é escrava de ninguém. Isso é realmente

verdade, ó rei. Eu fui amarrado pelos Kauravas com (sua) riqueza. É por isso, ó filho da família de Kuru, que como um eunuco eu estou proferindo estas palavras, isto é, eu sou obrigado pelos Kauravas com riqueza. Exceto batalha, o que tu desejas?' (Eu sou obrigado pelos Kauravas e, portanto, eu não sou um agente livre. Eu sou obrigado a lutar contra vocês. Contudo eu estou dizendo, 'O que você pede de mim?' como se eu pudesse realmente te dar o que você possa pedir. Minhas palavras, portanto, são sem significado, ou vãs, como aquelas de um eunuco.)

Yudhishthira disse, 'Ó tu de grande sabedoria, desejoso de meu bem-estar, dia a dia, consulte meus interesses. Lute, no entanto, para os Kauravas. Este mesmo é sempre meu rogo (a ti).'

Bhishma disse, 'Ó rei, ó filho da linhagem de Kuru, que ajuda eu posso te dar nisto? Eu, naturalmente, lutarei por (teus) inimigos. Diga-me o que tu tens a dizer.'

Yudhishthira disse, 'Por essa razão, ó senhor, eu te pergunto, eu reverencio a ti, ó avô, como nós iremos, em batalha, vencer a ti que és invencível? Diga-me isso que é para meu benefício, se de fato, tu vês algum bem nisto.’

Bhishma disse, 'Eu não posso, ó filho de Kunti, ver a pessoa que, mesmo que ele fosse o próprio chefe dos celestiais, possa me derrotar em batalha quando eu luto.'

Yudhishthira disse, 'Minhas saudações a ti, ó avô. Portanto, eu te pergunto (isto). Diga-nos como tua própria morte pode ser atingida por inimigos em batalha.'

Bhishma disse, 'Eu não vejo a pessoa, ó senhor, que possa me vencer em batalha. A hora também da minha morte ainda não chegou para mim mais uma vez.’”

Sanjaya continuou, "Então, ó filho da linhagem de Kuru, Yudhishthira, saudando-o mais uma vez, aceitou as palavras de Bhishma com uma inclinação de sua cabeça. E aquele de braços fortes então procedeu em direção ao carro do preceptor (Drona) pelo meio de todos os soldados que estavam olhando para ele, acompanhado por seus irmãos. Então saudando Drona e andando ao redor dele, o rei falou para aquele guerreiro invencível palavras que eram para seu próprio benefício.

Yudhishthira disse, 'Eu te pergunto, ó invencível, como eu posso lutar sem incorrer em pecado, e como, com tua permissão, ó regenerado, eu posso vencer todos os meus inimigos?’

Drona disse, 'Se, tendo resolvido lutar, tu não tivesses vindo a mim (dessa maneira), eu teria te amaldiçoado, ó rei, para tua completa derrota. Eu estou, contudo, satisfeito, ó Yudhishthira, e honrado por ti, ó impecável. Eu te permito, lute e obtenha vitória. Eu também realizarei teu desejo. Diga o que tu tens a dizer. Sob estas circunstâncias, exceto batalha, o que tu desejas? Um homem é escravo da riqueza, mas a riqueza não é escrava de ninguém. Isso é totalmente verdadeiro, ó rei! Eu fui amarrado com (sua) riqueza pelos Kauravas! É por isso

que como um eunuco eu lutarei pelos Kauravas. É por isso que como um eunuco eu estou proferindo estas palavras. Exceto combate, o que tu desejas? Eu lutarei pelos Kauravas, mas rezarei pela tua vitória.'

Yudhishthira disse, 'Reze por minha vitória, ó regenerado, e aconselhe o que é para meu bem. Lute, no entanto, pelos Kauravas. Este é o benefício solicitado por mim.'

Drona disse, 'Vitória, ó rei, é indubitável para ti que tens Hari como teu conselheiro. Eu (também) te concedo que tu subjugues teus inimigos em batalha. Lá onde a retidão está, lá está Krishna, e lá onde Krishna está, lá está a vitória. Vá, lute, ó filho de Kunti! Pergunte-me, o que eu direi para ti?'

Yudhishthira disse, 'Eu te pergunto, ó principal dos regenerados, ouça o que eu tenho a dizer. Como nós venceremos em batalha a ti que és invencível?'

Drona disse, 'Enquanto eu lutar, a vitória nunca poderá ser tua. (Portanto) ó rei, com teus irmãos, procure me matar depressa.'

Yudhishthira disse, 'Ai, por isso, ó tu de armas poderosas, (nos) diga os meios de tua morte. Ó preceptor, prostrando-me eu te peço isto. (Minhas) saudações a ti.'

Drona disse, 'Eu não vejo o inimigo, ó senhor, que possa me matar enquanto permanecendo em batalha eu estiver engajado na luta, com ira excitada, e espalhando (minhas) chuvas de flechas continuamente. Exceto quando dirigido à morte, ó rei, tendo abandonado minhas armas e afastado (em meditação Yoga) de visões circundantes, ninguém poderá me matar. Isto que eu te digo é verdadeiro. Eu também te digo realmente que eu abandonarei minhas armas em batalha, tendo ouvido alguma coisa muito desagradável de alguma pessoa de palavras críveis.'"

Sanjaya continuou, "Ouvindo estas palavras, ó rei, do filho sábio de Bharadwaja, e honrando o preceptor, (Yudhishthira então) procedeu em direção ao filho de Saradwat. E cumprimentando Kripa e andando em volta dele, ó rei, Yudhishthira, talentoso em discurso, disse estas palavras àquele guerreiro de grande coragem.

Yudhishthira disse, 'Obtendo tua permissão, ó preceptor, eu lutarei sem incorrer em pecado, e permitido por ti, ó impecável, eu vencerei todos os (meus) inimigos.'

Kripa disse, 'Se tendo resolvido lutar, tu não tivesses vindo a mim (dessa forma), eu teria te amaldiçoado, ó rei, para tua completa derrota. Um homem é escravo da riqueza, mas a riqueza não é escrava de ninguém. Isso é muito verdadeiro, ó rei, eu fui amarrado com riqueza pelos Kauravas. Eu devo, ó rei, lutar por eles. Essa é minha opinião. Eu portanto, falo como um eunuco ao te perguntar: exceto combate, o que tu desejas?'

Yudhishthira disse, 'Ai, eu te peço, portanto, ó preceptor, ouça minhas palavras.' Dizendo isso, o rei, imensamente agitado e privado de sua razão, permaneceu silencioso."

Sanjaya continuou, "Compreendendo, no entanto, o que ele pretendia dizer, Gautama (Kripa) respondeu a ele dizendo, 'Eu não posso ser morto, ó rei. Lute, e obtenha vitória. Eu estou satisfeito com tua vinda. Levantando-me todos os dias [da cama] eu rezarei pela tua vitória, ó monarca. Eu te digo isso verdadeiramente.' Ouvindo, ó rei, estas palavras de Gautama, e prestando a ele as devidas honras, o rei procedeu para onde o soberano dos Madras estava. Saudando Salya e andando ao redor dele o rei disse para aquele guerreiro invencível aquelas palavras que eram para seu próprio benefício.

Yudhishthira disse, 'Obtendo tua permissão, ó invencível, eu lutarei sem incorrer em pecado, e permitido por ti, ó rei, eu vencerei (meus) inimigos corajosos.'

"Salya disse, 'Se, tendo decidido lutar, tu não tivesses vindo a mim (dessa maneira), eu teria, ó rei, te amaldiçoado para tua derrota em batalha. Eu estou satisfeito e honrado (por ti). Que seja como tu desejas. Eu te concedo permissão, lute e obtenha vitória. Fale, ó herói, do que tu tens alguma necessidade? O que eu te darei? Sob estas circunstâncias, ó rei, exceto combate, o que tu desejas? Um homem é escravo da riqueza mas a riqueza não é escrava de ninguém. Isso é verdade, ó rei. Amarrado eu fui com riqueza pelos Kauravas, ó sobrinho, é por isso que eu estou te falando como um eunuco, eu realizarei o desejo que tu possas nutrir. Exceto combate, o que tu desejas?'

Yudhishthira disse, 'Pense, ó rei, diariamente no que é para meu maior benefício. Lute, segundo tua vontade, para o inimigo. Este é o benefício que eu solicito.'

Salya disse, 'Sob estas circunstâncias, diga, ó melhor dos reis, que ajuda eu prestarei a ti? Eu, naturalmente, lutarei para (teu) inimigo, pois eu fui feito um de seu partido pelos Kauravas com sua riqueza.' (Salya não era vinculado aos Kauravas como Bhishma ou Drona ou Kripa por meio de pensões, mas satisfeito pela recepção concedida a ele por Duryodhana em segredo, ele generosamente concordou em ajudar o último mesmo contra os próprios filhos de sua irmã e seus meio-irmãos.)

Yudhishthira disse, 'Aquele mesmo é meu benefício, ó Salya, o qual foi solicitado por mim durante os preparativos (para a luta). A energia do filho de Suta (Karna) deve ser enfraquecida por ti em batalha.'

Salya disse, 'Este teu desejo, ó Yudhishthira, será realizado, ó filho de Kunti. Vá, lute segundo teu desejo. Eu procurarei tua vitória.'"

Sanjaya continuou, "Tendo obtido a permissão de seu tio materno, o soberano dos Madras, o filho de Kunti, cercado por seus irmãos, saiu daquele exército vasto. Vasudeva então foi até o filho de Radha no campo de batalha. E o irmão

mais velho de Gada, por causa dos Pandavas, então disse para Karna, ‘Foi ouvido por mim, ó Karna, que por ódio a Bhishma tu não lutarás. Venha para nosso lado, ó filho de Radha, e (fique conosco) enquanto Bhishma não for morto. Depois que Bhishma estiver morto, ó filho de Radha, tu poderás então te dedicar novamente à batalha no lado de Duryodhana, se tu não tens preferência por algum dos partidos.'

Karna disse, 'Eu não farei qualquer coisa que seja desagradável para o filho de Dhritarashtra, ó Kesava. Dedicado ao bem de Duryodhana, saiba que eu abandonaria minha vida (por ele).’ Ouvindo estas palavras (de Karna), Krishna parou, ó Bharata, e se reuniu com os filhos de Pandu encabeçados por Yudhishthira. Então em meio a todos os guerreiros o filho mais velho de Pandu exclamou ruidosamente, ‘Aquele que nos escolher, a ele nós escolheremos para nosso aliado!’ Lançando então seu olhar sobre eles, Yuyutsu disse estas palavras, com o coração alegre, para o filho de Kunti o rei Yudhishthira o Justo, ‘Eu lutarei sob teu comando em batalha, por vocês todos, com os filhos de Dhritarashtra, se, ó rei, tu me aceitares, impecável.'

Yudhishthira disse, 'Venha, venha, todos nós lutaremos com teus irmãos tolos. Ó Yuyutsu, Vasudeva e todos nós dizemos para ti: Eu te aceito, ó tu de braços fortes, lute por minha causa. De ti depende, parece, o fio da linhagem de Dhritarashtra como também seu bolo fúnebre. Ó príncipe, ó tu de grande esplendor, aceite a nós que te aceitamos. O colérico Duryodhana de mente pecaminosa cessará de viver.'"

Sanjaya continuou, 'Yuvutsu então, abandonando os Kurus teus filhos, mudou para o exército dos Pandavas, com a batida de baterias e pratos. Então o rei Yudhishthira de braços fortes, cheio de alegria, pôs novamente sua cota de malha brilhante de esplendor dourado. E aqueles touros entre homens então subiram em seus respectivos carros. E eles organizaram suas tropas em formação de combate contrária como antes. E eles fizeram baterias e pratos às muitas centenas serem soados. E aqueles touros entre homens também deram diversos rugidos leoninos. E vendo aqueles tigres entre homens, isto é, os filhos de Pandu, em seus carros, os reis (do lado deles) com Dhrishtadyumna e outros, mais uma vez deram gritos de alegria. E vendo a nobreza dos filhos de Pandu que tinham prestado a devida honra àqueles que eram merecedores de honra, todos os reis lá presentes os aplaudiram muito. E os monarcas falaram uns com os outros acerca da amizade, da compaixão, e da bondade em direção aos parentes, mostradas na hora apropriada por aquelas pessoas de grande alma. ‘Excelente! Excelente!,’ foram as palavras agradáveis espalhadas em todos os lugares, junto com hinos laudatórios sobre aqueles homens famosos. E por isso as mentes e corações de todos lá foram atraídos em direção a eles. E os Mlechchhas e os Aryas lá que testemunharam ou ouviram sobre aquele comportamento dos filhos de Pandu, todos lamentaram com vozes sufocadas. E aqueles guerreiros então, dotados de grande energia, fizeram grandes baterias e Pushkaras às centenas e mais centenas serem soados e também sopraram suas conchas todas brancas como o leite de vacas.'"

44

Dhritarashtra disse, 'Quando as divisões do meu lado e do inimigo estavam assim organizadas, quem atacou primeiro, os Kurus ou os Pandavas?'

Sanjaya disse, "Ouvindo aquelas palavras de seu irmão (mais velho), teu filho Dussasana avançou com suas tropas, com Bhishma em sua dianteira, e os Pandavas também avançaram com corações alegres, desejando lutar com Bhishma, tendo Bhimasena em sua vanguarda. Então gritos leoninos, e tumultos clamorosos e o barulho de Krakachas, o clangor de chifres de vaca, e o som de baterias e pratos e tambores, elevou-se em ambos os exércitos. E os guerreiros do inimigo avançaram contra nós, e nós também (avançamos) contra eles com gritos altos. E o grande barulho (causado por esse avanço) foi ensurdecedor. As hostes vastas dos Pandavas e os Dhartarashtras, naquele confronto homicida tremeram por aquele barulho de conchas e pratos, como florestas sacudidas pelo vento. E o rumor feito por aquelas hostes cheias de reis, elefantes, e corcéis, avançando umas contra as outras naquela má hora, era tão alto quanto aquele de oceanos agitados pela tempestade. E quando aquele rumor, alto e de arrepiar os cabelos, se ergueu, Bhimasena de braços fortes começou a rugir como um touro. E aqueles rugidos de Bhimasena se elevaram acima do clamor de conchas e baterias, dos grunhidos de elefantes, e dos gritos leoninos dos combatentes. De fato, os gritos de Bhimasena superaram o barulho feito pelos milhares de cavalos de batalha relinchando em (ambos) os exércitos. E ouvindo aqueles gritos de Bhimasena que estava rugindo como as nuvens, gritos que pareciam com o estrondo do raio de Sakra, teus guerreiros estavam cheios de temor. E por causa dos rugidos do herói, os corcéis e elefantes todos expeliram urina e fezes como outros animais por causa do rugido do leão. E rugindo como uma massa profunda de nuvens, e assumindo uma forma terrível, aquele herói amedrontou teus filhos e se lançou sobre eles. Nisso os irmãos, isto é, teus filhos Duryodhana, e Durmukha e Dussaha, e aquele poderoso guerreiro em carro Dussasana, e Durmarshana, ó rei, e Vivingsati, e Chitrasena, e o grande guerreiro em carro Vikarna e também Purumitra, e Jaya, e Bhoja, e o corajoso filho de Somadatta, vibrando seus arcos esplêndidos como massas de nuvens exibindo lampejos de relâmpago, e tirando (de suas aljavas) flechas compridas parecendo cobras que tinham acabado de abandonar suas peles, cercaram aquele arqueiro poderoso que avançava (em direção a eles) cobrindo-o com enxames de flechas como as nuvens encobrindo o sol. E os (cinco) filhos de Draupadi, e o poderoso guerreiro em carro Saubhadra (o filho de Subhadra, Abhimanyu), e Nakula, e Sahadeva, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, avançaram contra (aqueles) Dhartarashtras, dilacerando-os com flechas afiadas como topos de montanhas com os impetuosos raios do céu. E naquele primeiro combate caracterizado pela vibração impressionante de cordas de arcos e sua batida contra as proteções de couro (dos guerreiros, proteções que eram feitas de peles de iguana e envolviam as mãos dos arqueiros até poucas polegadas da junta do cotovelo) nenhum combatente, ou do teu lado ou daquele do inimigo, voltou atrás. E, ó touro da raça Bharata, eu vi a agilidade de mão dos discípulos de Drona (em particular), que, atirando inúmeras flechas, ó rei, sempre

conseguiam acertar o alvo. E a vibração das cordas de arco soando não parava por um momento, e as flechas ardentes disparadas atravessavam (o ar) como meteoros (caindo) do firmamento. E todos os outros reis, ó Bharata, permaneceram como espectadores (silenciosos) testemunhando aquele combate interessante e terrível de parentes. E então aqueles poderosos guerreiros em carros, com ira estimulada e lembrando-se dos males sofridos nas mãos uns dos outros, lutaram em batalha, ó rei, desafiando uns aos outros. E os dois exércitos dos Kurus e dos Pandavas, cheios de elefantes, corcéis e carros, pareciam muito belos sobre o campo de batalha como imagens pintadas em uma tela. E então os (outros) reis todos pegaram seus arcos. E o próprio Sol ficou encoberto pela poeira erguida pelos combatentes. E eles caíram uns sobre os outros, no comando de suas (respectivas) tropas, por ordem de teu filho. E o tumulto alto feito pelos elefantes e os cavalos de batalha daqueles reis que avançavam para o combate, se misturou com os gritos leoninos dos combatentes e o rumor feito pelo clangor de conchas e os sons de baterias. E o grande barulho daquele oceano tendo flechas como seus crocodilos, arcos como suas cobras, espadas como suas tartarugas, e os saltos para diante dos guerreiros como sua tempestade, parecia com o rumor feito pelo (verdadeiro) oceano quando agitado. E reis aos milhares, comandados por Yudhishthira, com suas (respectivas) tropas caíram sobre as tropas do teu filho. E a luta entre os combatentes das duas hostes foi violenta ao extremo. E nenhuma diferença podia ser percebida entre os combatentes do nosso lado ou aqueles do inimigo, enquanto lutando, ou se retirando em ordem de batalha rompida ou se reagrupando novamente para o combate. Naquela batalha terrível e impressionante, teu pai (Bhishma) brilhava, transcendendo aquela hoste incontável.”

45

Sanjaya disse, "Na manhã daquele dia terrível, ó rei, aquela batalha impressionante que mutilou os corpos de (tantos) reis começou. E os gritos altos, parecendo rugidos leoninos dos Kurus e dos Srinjayas, ambos desejosos de vitória em batalha, faziam o céu e a terra ressoar com eles. E um grande barulho tumultuoso era ouvido misturado com as batidas de proteções de couro e o clangor de conchas. E muitos eram os rugidos leoninos que se elevavam lá de homens gritando uns contra os outros. E, ó touro da raça Bharata, o som de cordas de arco esticadas por (mãos envolvidas em) proteções, o passo pesado da infantaria, o relincho furioso de cavalos de batalha, a queda de bastões e ganchos de ferro (sobre as pérolas de elefantes), o estridor de armas, o retinir de sinos de elefantes avançando uns contra os outros, e o ruído de carros parecendo o ribombar de nuvens, misturados, produziram um tumulto alto de arrepiar os cabelos. E todos os guerreiros Kuru, indiferentes às suas próprias vidas e com intenções cruéis, precipitaram-se, com estandartes erguidos, contra os Pandavas. E o próprio filho de Santanu, pegando um arco terrível que parecia a vara da Morte, avançou, ó rei, no campo de batalha, contra Dhananjaya. E Arjuna também, dotado de grande energia, pegando o arco Gandiva célebre por todo o mundo, investiu, no campo de batalha, contra o filho de Ganga. E ambos aqueles tigres

entre os Kurus ficaram desejosos de matar um ao outro. O poderoso filho de Ganga no entanto, perfurando em batalha o filho de Pritha não pode fazê-lo vacilar. E assim, ó rei, o filho de Pandu também não pode fazer Bhishma vacilar em batalha. E o poderoso arqueiro Satyaki avançou contra Kritavarman. E a batalha entre aqueles dois foi violenta ao extremo e fez os cabelos (dos espectadores) se arrepiarem. E Satyaki afligiu Kritavarman, e Kritavarman afligiu Satyaki, com gritos altos e um enfraqueceu o outro. E totalmente perfurados com flechas aqueles guerreiros poderosos brilhavam como duas Kinsukas na primavera adornadas com flores. E o poderoso arqueiro Abhimanyu lutou com Vrihadvala. Logo, no entanto, naquele combate, ó rei, o soberano de Kosala cortou o estandarte e derrubou o quadrigário do filho de Subhadra. O filho de Subhadra então após a derrota de seu quadrigário estava cheio de ira e perfurou Vrihadvala, ó rei, com nove flechas, e com um par de flechas afiadas aquele opressor de inimigos também cortou o estandarte (de Vrihadvala), e com uma (mais) matou um dos protetores das rodas de seu carro e com a outra seu quadrigário. E aqueles castigadores de inimigos continuaram a enfraquecer um ao outro com flechas afiadas. E Bhimasena lutou em batalha com teu filho Duryodhana, aquele poderoso guerreiro em carro, orgulhoso e enfatuado, que tinha ofendido (os filhos de Pandu). Ambos daqueles principais (príncipes) entre os Kurus são tigres entre homens e poderosos guerreiros em carro. E eles cobriram um ao outro, no campo de batalha, com suas chuvas de flechas. E vendo aqueles guerreiros habilidosos e de grande alma familiarizados com todos os modos de guerra, todas as criaturas de Bharata estavam pasmas. E Dussasana, avançando contra aquele poderoso guerreiro em carro Nakula, perfurou-o com muitas flechas afiadas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. O filho de Madri, então, dando risada, cortou, com (suas) flechas afiadas, o estandarte e arco do adversário, e então o atingiu com vinte e cinco flechas de cabeça pequena. Teu filho, no entanto, então, que podia ser vencido com dificuldade, matou naquele combate violento os corcéis de Nakula e cortou seu estandarte. E Durmukha avançando contra o poderoso Sahadeva lutando naquele combate terrível, perfurou-o com uma chuva de flechas. O heróico Sahadeva então, naquela batalha pavorosa, derrubou o quadrigário de Durmukha com uma flecha de gume excelente. Ambos, irreprimíveis em luta, se aproximando um do outro em combate, e um atacando o outro e desejoso de repelir o ataque do outro, começaram a infligir terror um no outro com flechas terríveis. E o próprio rei Yudhishthira combateu o soberano dos Madras. O chefe dos Madras então em sua própria vista cortou em dois o arco de Yudhishthira. Nisso o filho de Kunti, jogando de lado aquele arco quebrado, pegou outro que era mais forte e capaz de dar uma velocidade maior. O rei então, com flechas retas, cobriu o soberano dos Madras, e em grande ira disse, 'Espere, Espere'. E Dhrishtadyumna, ó Bharata, avançou contra Drona. E Drona, então, em grande fúria, cortou naquele combate o arco sólido do príncipe de grande alma de Panchala que sempre era capaz de tirar a vida de inimigos. E ao mesmo tempo ele disparou naquele conflito uma flecha terrível que era como uma segunda vara da Morte. E a flecha atirada penetrou no corpo do príncipe. Pegando então outro arco e catorze flechas, o filho de Drupada perfurou Drona naquele combate. E furiosos um com o outro, eles continuaram lutando ferozmente. E o impetuoso Sankha enfrentou o filho de Somadatta que era

igualmente impetuoso em batalha e dirigiu-se a ele, ó rei, dizendo 'Espere, espere'. E aquele herói então perfurou o braço direito (de seu adversário) naquele combate. E nisso o filho de Somadatta atingiu Sankha nos ombros. E a batalha que se seguiu entre aqueles dois heróis orgulhosos, ó rei, logo se tornou tão terrível como um combate entre os deuses e os Danavas. E aquele poderoso guerreiro em carro Dhrishtaketu de alma incomensurável, com ira estimulada, investiu em batalha, ó rei, contra Valhika, a própria encarnação da ira. Valhika, então, ó rei, dando um rugido leonino, enfraqueceu o colérico Dhrishtaketu com inúmeras flechas. O rei dos Chedis, no entanto, extremamente provocado, rapidamente perfurou Valhika naquele combate com nove flechas. Como um elefante enfurecido contra um elefante enfurecido, naquele combate eles rugiram um contra o outro repetidamente, ambos extremamente enraivecidos. E eles combateram um ao outro com grande cólera e pareciam com os planetas Angaraka (Marte) e Sukra (Vênus). E Ghatotkacha de feitos cruéis combateu o Rakshasa Alamvusha de feitos cruéis como Sakra (combatendo) Vala em batalha. E Ghatotkacha, ó Bharata, perfurou aquele Rakshasa enfurecido e poderoso com noventa flechas de gume afiado. E Alamvusha também naquele combate perfurou o filho poderoso de Bhimasena em muitos lugares com (suas) flechas retas. E mutilados por flechas eles brilhavam naquele combate como o poderoso Sakra e o vigoroso Vala no combate (de antigamente) entre os celestiais e os Asuras. O poderoso Sikhandin, ó rei, avançou contra o filho de Drona, Aswatthaman, que perfurando profundamente o furioso Sikhandin posicionado (diante dele) com uma flecha de gume afiado, o fez tremer, Sikhandin também, ó rei, atingiu o filho de Drona com uma flecha de ponta afiada de têmpera excelente. E eles continuaram naquele combate a atacar um ao outro com várias espécies de flechas. E contra o heróico Bhagadatta em batalha, Virata, o comandante de uma grande divisão, investiu impetuosamente, ó rei, e então começou (seu) combate. Virata, muito afrontado, despejou sobre Bhagadatta uma chuva de flechas como, ó Bharata, as nuvens derramando chuva no leito da montanha. Mas Bhagadatta, aquele senhor de terra, rapidamente envolveu Virata naquele combate (com flechas) como as nuvens envolvendo o sol. Kripa, o filho de Saradwat, avançou contra Vrihadkshatra, o soberano dos Kaikeyas. E Kripa, ó Bharata, o envolveu com uma chuva de flechas. Vrihadkshatra também encobriu o enfurecido filho de Gautama com uma torrente de flechas. E aqueles guerreiros, então, tendo matado os cavalos um do outro e cortado os arcos um do outro, ficaram ambos privados de seus carros. E muito enfurecidos, eles então se aproximaram um do outro para lutar com suas espadas. E o combate que então teve lugar entre eles foi terrível em aspecto e sem paralelo. Aquele castigador de inimigos, o rei Drupada, então, em grande ira investiu contra Jayadratha, o soberano dos Sindhus, alegremente esperando (pela batalha). O soberano dos Sindhus perfurou Drupada naquele combate com três flechas, e Drupada o perfurou em retorno. E a batalha que ocorreu entre eles foi terrível e feroz, e produtiva de satisfação nos corações de todos os espectadores e parecendo um conflito entre os planetas Sukra e Angaraka. E Vikarna, teu filho, com cavalos velozes, avançou contra o poderoso Sutasoma e o combate entre eles começou. Vikarna, no entanto, embora ele perfurasse Sutasoma com muitas flechas, falhou em fazê-lo vacilar. Nem Sutasoma podia fazer Vikarna vacilar. E aquilo pareceu extraordinário (para

todos). E contra Susarman, aquele poderoso guerreiro em carro e tigre entre homens, isto é, Chekitana de grande coragem, avançou com muita ira por causa dos Pandavas. E Susarman também, ó grande rei, naquele combate deteve o avanço daquele forte guerreiro em carro Chekitana com abundante chuva de flechas. E Chekitana também, muito irritado, despejou sobre Susarman, naquela luta terrível, uma chuva de flechas como uma massa imensa de nuvens derramando chuva no leito da montanha. E Sakuni, dotado de grande destreza, avançou, ó rei, contra Prativindhya (o filho de Yudhishthira com Draupadi) de grande coragem, como um leão contra um elefante enfurecido. Nisso o filho de Yudhishthira, com muita raiva, mutilou o filho de Suvala naquele combate, com flechas afiadas, como Maghavat (Indra, mutilando) um Danava. E Sakuni também, naquele combate violento, perfurou Prativindhya em retorno e mutilou aquele guerreiro de grande inteligência com flechas retas. E Srutakarman avançou em batalha, ó grande rei, contra aquele poderoso guerreiro em carro Sudakshina de grande destreza, o soberano dos Kamvojas. Sudakshina, no entanto, ó grande rei, perfurando aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Sahadeva, fracassou em fazê-lo vacilar (pois ele resistiu) como a montanha Mainaka (contra os ataques de Indra). Nisso Srutakarman, muito provocado, enfraqueceu aquele poderoso guerreiro em carro dos Kamvojas com inúmeras flechas e mutilou-o em todas as partes de seu corpo. E Iravan, aquele castigador de inimigos, em grande fúria e se empenhando cuidadosamente, avançou em batalha contra o colérico Srutayush. O filho poderoso de Arjuna, aquele poderoso guerreiro em carro, então matando os corcéis de seu adversário, deu um rugido alto, e nisso, ó rei, todos os guerreiros (que viram o feito) o elogiaram muito. E Srutasena também, muito provocado, matou naquele combate os corcéis do filho de Falguni com uma maça poderosa, e a batalha entre eles continuou. E Vinda e Anuvinda, aqueles dois príncipes de Avanti, se aproximaram em batalha daquele poderoso guerreiro em carro, o heróico Kuntibhoja na chefia de suas tropas acompanhado por seu filho. E extraordinária foi a coragem que nós vimos daqueles dois príncipes naquela ocasião, pois eles lutaram muito friamente embora combatendo uma grande formação de tropas. E Anuvinda arremessou uma maça em Kuntibhoja, mas Kuntibhoja rapidamente cobriu-o com uma chuva de flechas. E o filho de Kuntibhoja perfurou Vinda com muitas flechas, e o último também o perfurou em retorno. E o combate (entre eles) parecia esplêndido. E os irmãos Kekaya, ó majestade, na vanguarda de suas tropas, enfrentaram em batalha os cinco príncipes Gandhara com suas tropas. E teu filho Viravahu lutou com aquele melhor dos guerreiros em carros Uttara, o filho de Virata e perfurou-o com nove flechas. E Uttara também perfurou aquele herói com flechas de gume afiado. E o soberano dos Chedis, ó rei, avançou em batalha contra Uluka. E ele perfurou Uluka com uma chuva de flechas, e Uluka também o perfurou com flechas afiadas equipadas com asas excelentes. E o combate que teve lugar entre eles, ó rei, foi violento ao extremo, pois incapazes de vencer um ao outro, eles mutilaram um ao outro terrivelmente. E assim naquela batalha geral milhares de duelos ocorreram entre homens em carros, guerreiros em elefantes e cavaleiros, e soldados de infantaria, do lado deles e do teu. Por um pouco tempo somente aquele combate ofereceu uma visão bela. Logo, no entanto, ó rei, ele se tornou furioso e nada podia ser avistado. Na batalha (que se seguiu) elefantes avançaram contra

elefantes, guerreiros em carros contra guerreiros em carros, cavalo contra cavalo e soldado de infantaria contra soldado de infantaria. A luta então se tornou confusa e violenta ao extremo, de heróis investindo uns contra os outros no combate. E os Rishis celestes, e Siddhas e Charanas que estavam presentes lá, contemplaram aquela batalha terrível parecida com o combate dos deuses e os Asuras. E elefantes aos milhares, e carros também aos milhares, e vastas tropas de infantaria, ó majestade, pareciam alterar seu caráter. (Homens em carros lutavam a pé, soldados de cavalaria sobre elefantes, guerreiros sobre elefantes das costas de cavalos, etc. O próprio caráter das tropas estava alterado.) E, ó tigre entre homens, era visto que carros e elefantes e cavalos e infantaria lutavam uns com os outros repetidamente nos mesmos lugares; (isto é, embora repelidos, estes se reagrupavam frequentemente, e ocupavam o mesmo terreno como antes.)

46

Sanjaya disse, "Ó rei, eu agora descreverei para ti os combates de centenas e milhares de soldados de infantaria, ó Bharata, em total esquecimento de toda a consideração devida a outros. Lá o filho não reconheceu o pai, o pai (não reconheceu) seu filho, o irmão (não reconheceu) o irmão, o filho da irmã (não reconheceu) o tio materno. O tio materno (não reconheceu) o filho da irmã, o amigo não (não reconheceu) o amigo. Os Pandavas e os Kurus lutaram como se eles estivessem possuídos por demônios. Alguns tigres entre homens caíam com carros em pedaços. E os varais de carros quebravam se chocando contra varais, e as pontas de jugos de carros contra pontas de jugos de carros. E alguns (guerreiros) unidos enfrentavam outros que estavam unidos, todos desejosos de tirar a vida uns dos outros. E alguns carros, obstruídos por carros, não podiam se mover. E elefantes de corpos enormes com têmporas fendidas, caindo sobre elefantes enormes, dilaceraram raivosamente uns aos outros em muitos lugares com suas presas. Outros, ó rei, enfrentando impetuosos e enormes (indivíduos) de sua espécie com edifícios arqueados (de madeira para a proteção e conforto dos passageiros) e estandartes (sobre suas costas) e treinados para a luta atingidos por suas presas, gritavam em grande agonia. Disciplinados por treinamento e incitados adiante por lanças e ganchos, elefantes que não estavam no cio (sem suco temporal escorrendo) avançavam contra aqueles que estavam no cio. E alguns elefantes enormes, combatendo iguais no cio, corriam, proferindo gritos como aqueles de grous, em todas as direções. E muitos elefantes enormes, bem treinados, e com suco escorrendo de têmporas fendidas e boca, mutilados por espadas, lanças, e flechas, e perfurados em suas partes vitais, gritavam alto e caindo expiravam. E alguns, proferindo gritos terríveis, corriam em todas as direções. Os soldados de infantaria que protegiam os elefantes, dotados de peitos largos, e capazes de golpear eficientemente, com ira excitada, e armados com lanças e arcos, e brilhantes machados de batalha, e com maças e cassetetes, e flechas curtas, e arpões, e com dardos, e clavas sólidas engastadas com pontas de ferro e espadas, bem agarrados do polimento mais brilhante, corriam para lá e para cá, ó rei, e pareciam decididos a tirar a vida uns dos outros. E os sabres de

bravos combatentes avançando uns contra os outros molhados em sangue humano pareciam reluzir brilhantemente. E o zunido de espadas rodopiadas e feitas descer por braços heróicos e caindo sobre as partes vitais (dos corpos) de inimigos, se tornou muito alto. E os lamentos de partir o coração de combatentes em hostes numerosas, esmagados com maças e clavas, e cortados com espadas bem temperadas, e perfurados pelas presas de elefantes, e pisados por elefantes, apelando uns aos outros, eram ouvidos, ó Bharata, parecidos com os lamentos daqueles que estão condenados ao inferno. E cavaleiros, em cavalos de batalha de muita velocidade e providos de rabos esticados parecendo (as plumas de) cisnes, investiram uns contra os outros. E arremessados por eles, longos dardos farpados adornados com ouro puro, rápidos, e polidos, e de pontas afiadas, caíam como cobras. E alguns cavaleiros heróicos, em cavalos velozes, saltando alto, cortavam as cabeças de guerreiros em carros de seus carros. E (aqui e ali) um guerreiro em carro, tendo tropas de cavalaria dentro da distância de tiro, matava muitos com flechas retas providas de cabeças. E muitos elefantes enfurecidos enfeitados com arreios de ouro, e parecendo com nuvens recém surgidas, derrubando corcéis, os esmagavam com suas próprias pernas. E alguns elefantes atingidos em seus globos frontais e flancos, e mutilados por meio de lanças, gritavam alto em grande agonia. E muitos elefantes enormes, na confusão da luta, esmagando corcéis com seus cavaleiros, os jogavam ao chão. E alguns elefantes, derrubando com as pontas de suas presas corcéis com seus cavaleiros, vagavam, esmagando carros com seus estandartes. E alguns elefantes machos enormes, por excesso de energia e com o suco temporal jorrando em grandes quantidades, matavam corcéis junto com seus cavaleiros por meio de suas trombas e pernas. Flechas rápidas polidas e de pontas afiadas e parecendo cobras caíam sobre as cabeças, as têmporas, os flancos, e os membros de elefantes. E dardos polidos de aparência terrível, e parecendo com grandes lampejos meteóricos, arremessados por braços heróicos, caíam para lá e para cá, ó rei, trespassando os corpos de homens e cavalos, e atravessando cotas de malha. E muitos tirando seus sabres polidos de bainhas feitas das peles de leopardo e tigre matavam os combatentes opostos a eles em batalha. E muitos guerreiros, embora eles mesmos atacados e com os flancos de seus corpos cortados expostos, ainda se lançavam furiosamente sobre (seus inimigos) com espadas, escudos e machados de batalha. E alguns elefantes arrastando e derrubando carros com seus corcéis por meios de suas trombas, começaram a vagar em todas as direções, guiados pelos gritos daqueles atrás deles. E para lá e para cá alguns perfurados por dardos, e alguns cortados em pedaços por machados de batalha, e alguns esmagados por elefantes e outros pisados por cavalos, e alguns cortados por rodas de carro, e alguns por machados, chamavam ruidosamente por seus parentes, ó rei. E alguns chamavam por seus filhos, e alguns por seus pais, e alguns por seus irmãos e parentes. E alguns chamavam por seus tios maternos, e alguns pelos sobrinhos. E alguns apelavam a outros, no campo de batalha. E um número muito grande de combatentes, ó Bharata, perdeu suas armas, ou teve suas coxas quebradas. E outros com braços arrancados ou lados perfurados ou (com) cortes abertos, eram vistos lamentando alto, pelo desejo de viver. E alguns, dotados de pouca força, torturados pela sede, ó rei, e jazendo no campo de batalha na terra nua, pediam água. E alguns, se agitando em poças de sangue e

extremamente enfraquecidos, ó Bharata, criticaram muito a si mesmos e teus filhos reunidos para batalha. E havia bravos Kshatriyas, que tendo ferido uns aos outros, não abandonavam suas armas ou davam quaisquer lamentos, ó senhor. Por outro lado, jazendo naqueles lugares onde eles estavam, rugiam com corações alegres, e mordendo de raiva com seus dentes seus próprios lábios, olhavam uns para os outros com rostos tornados ferozes pela contração de suas sobrancelhas. E outros dotados de grande força e tenacidade em grande dor, afligidos por flechas e sofrendo sob seus ferimentos, permaneciam totalmente silenciosos. E outros heróicos guerreiros em carros, privados, no combate, de seus próprios carros e jogados ao chão e feridos por elefantes enormes, pediam para ser levados nos carros de outros. E muitos, ó rei, pareciam belos em seus ferimentos como Kinsukas florescentes. E em todas as divisões eram ouvidos gritos terrificantes, incontáveis em número. E naquele combate tremendo destrutivo de heróis, o pai matou o filho, o filho matou o pai, o filho da irmã matou o tio materno, o tio materno matou o filho da irmã, amigo matou amigo, e parentes mataram parentes. Assim mesmo ocorreu o massacre naquele combate dos Kurus com os Pandavas. E naquela batalha terrível na qual nenhuma consideração era mostrada (por alguém a alguém), as divisões dos Pandavas, se aproximando de Bhishma, começaram a vacilar. E, ó touro da raça Bharata, o poderosamente armado Bhishma, ó rei, com seu estandarte que era feito de prata e enfeitado com o emblema da palmeira com cinco estrelas, posicionado sobre seu carro magnífico, brilhava como o orbe lunar sobre o pico de Meru."

47

Sanjaya disse, "Depois que a maior parte da manhã daquele dia terrível tinha passado, naquele combate terrível, ó rei, que foi (tão) destrutivo de principais dos homens, Durmukha e Kritavarman, e Kripa, e Salya, e Vivinsati, incitados por teu filho, se aproximaram de Bhishma e começaram a protegê-lo. E protegido por aqueles cinco poderosos guerreiros em carros, ó touro da raça Bharata, aquele formidável guerreiro em carro penetrou na hoste Pandava. E o estandarte de palmeira de Bhishma era visto deslizar continuamente, ó Bharata, através dos Chedis, dos Kasis, dos Karushas, e dos Panchalas. E aquele herói, com flechas de cabeça larga de grande rapidez que eram além disso perfeitamente retas, cortava as cabeças (de inimigos) e seus carros com cangas e estandartes. E, ó touro da raça Bharata, Bhishma parecia dançar em seu carro enquanto ele percorria seu caminho. E alguns elefantes, atingidos (por ele) em suas partes vitais, gritavam em agonia. Então Abhimanyu em grande ira, posicionado em seu carro ao qual estavam unidos corcéis excelentes de cor fulva, avançou em direção ao carro de Bhishma. E com seu estandarte adornado com ouro puro e parecendo uma árvore Karnikara, ele se aproximou de Bhishma e daqueles (cinco) principais dos guerreiros em carros. E atingindo com uma flecha de gume afiado o estandarte do (guerreiro) de estandarte de palmeira, aquele herói se engajou em batalha com Bhishma e aqueles outros guerreiros em carros que o protegiam. Perfurando Kritavarman com uma flecha, e Salya com cinco, ele enfraqueceu seu

bisavô com nove flechas. E com uma flecha bem atirada de seu arco esticado à sua total extensão, ele cortou o estandarte (de seu adversário) adornado com ouro puro. E com uma flecha de cabeça larga capaz de penetrar toda cobertura, a qual era perfeitamente reta, ele cortou de seu corpo a cabeça do quadrigário de Durmukha. E com outra flecha de gume afiado ele cortou em dois o arco enfeitado com ouro de Kripa. A eles também, com muitas flechas de pontas afiadas, aquele guerreiro em carro poderoso atingiu em grande ira, parecendo dançar (enquanto fazia isso). E vendo sua agilidade de mão os próprios deuses estavam satisfeitos. E pela certeza de pontaria de Abhimanyu, todos os guerreiros em carros encabeçados por Bhishma o consideraram como possuidor da capacidade do próprio Dhananjaya. E seu arco, emitindo um som semelhante àquele do Gandiva, quando esticado e re-esticado, parecia girar como um círculo de fogo. Bhishma então, aquele matador de heróis hostis, avançando sobre ele impetuosamente, perfurou rapidamente o filho de Arjuna naquele combate com nove flechas. E ele também, com três flechas de cabeça larga, cortou o estandarte daquele guerreiro de grande energia. De votos rígidos, Bhishma também atingiu o quadrigário (de seu adversário). E Kritavarman, e Kripa, e Salya também, ó majestade, perfurando o filho de Arjuna, todos falharam em fazê-lo vacilar, pois ele permaneceu firme como a montanha Mainaka. E o filho heróico de Arjuna, embora cercado por aqueles poderosos guerreiros em carros do exército Dhartarashtra, ainda derramava chuvas de flechas sobre aqueles cinco guerreiros em carros. E frustrando as poderosas armas deles por meio de suas chuvas de flechas, e derramando sobre Bhishma suas flechas, o filho poderoso de Arjuna deu um grito alto. E lutando na batalha dessa maneira e afligindo Bhishma com (suas) flechas, a força que nós vimos de seus braços então era muito grande. Mas embora dotado de tal destreza Bhishma também disparou suas flechas nele. Mas ele cortava naquele combate as flechas disparadas do arco de Bhishma. E então aquele guerreiro heróico de flechas que nunca eram perdidas cortou com nove flechas, naquele combate, o estandarte de Bhishma. E por causa daquela façanha as pessoas lá deram um grito alto. Enfeitado com jóias e feito de prata, aquele estandarte alto portando o emblema da palmeira, cortado, ó Bharata, pelas flechas do filho de Subhadra, caiu no chão. E vendo, ó touro da raça Bharata, aquele estandarte caindo pelas flechas do filho de Subhadra, o orgulhoso Bhima deu um grito alto para animar o filho de Subhadra. Então em combate violento, o poderoso Bhishma fez muitas armas celestes de grande eficácia aparecerem. E o bisavô de alma imensurável então cobriu o filho de Subhadra com milhares de flechas. E nisto, dez grandes arqueiros e poderosos guerreiros em carros dos Pandavas avançaram rapidamente em seus carros para proteger o filho de Subhadra. E aqueles eram Virata com seu filho, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, e Bhima, os cinco irmãos Kekaya, e Satyaki também, ó rei. E quando eles estavam caindo sobre ele com grande impetuosidade, Bhishma o filho de Santanu, naquela luta, perfurou o príncipe de Panchala com três flechas, e Satyaki com dez. E com uma flecha alada, amolada e de gume afiado como uma navalha, e atirada de seu arco esticado até sua mais completa extensão, ele cortou o estandarte de Bhimasena. E, ó melhor dos homens, o estandarte de Bhimasena, feito de ouro e portando o emblema de um leão, cortado por Bhishma, caiu do carro. E Bhima então, perfurando o filho de Santanu Bhishma naquele combate com três flechas,

perfurou Kripa com uma, e Kritavarman com oito. E Uttara também, o filho de Virata, sobre um elefante com tromba erguida, avançou contra o soberano dos Madras. Salya, no entanto, teve êxito em deter a impetuosidade sem paralelo daquele príncipe de elefantes avançando rapidamente em direção a seu carro. Aquele príncipe dos elefantes, em grande fúria, colocando sua perna sobre a canga do carro (de Salya), matou seus quatro grandes corcéis de velocidade excelente. O soberano dos Madras então, ficando naquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, arremessou um dardo, todo feito de ferro, e parecendo uma cobra, para matar Uttara imediatamente. A cota de malha do último sendo atravessada por aquele dardo, ele ficou totalmente privado de seus sentidos e caiu do pescoço de seu elefante, com o gancho e a lança soltos de suas mãos. E Salya então, pegando sua espada e saltando de seu carro excelente, e empregando sua destreza, cortou a tromba grande daquele príncipe dos elefantes. Sua cota de malha perfurada totalmente por uma chuva de flechas, e sua tromba cortada, aquele elefante proferiu um grito alto e caiu e expirou. Realizando tal feito, ó rei, o soberano dos Madras subiu rapidamente no carro esplêndido de Kritavarman. E vendo seu irmão Uttara morto e vendo Salya permanecendo com Kritavarman, o filho de Virata, Sweta, inflamou-se com fúria, como fogo (resplandecendo) com manteiga clarificada. E aquele guerreiro poderoso, esticando seu arco grande que parecia o arco do próprio Sakra, avançou com o desejo de matar Salya, o soberano dos Madras. Cercado por todos os lados por uma imensa divisão de carros, ele avançou em direção ao carro de Salya derramando uma chuva de flechas. E vendo-o avançar para a luta com bravura igual àquela de um elefante enfurecido, sete guerreiros em carros do teu lado o cercaram por todos os lados, desejosos de proteger o soberano dos Madras que parecia já estar dentro das mandíbulas da Morte. E aqueles sete guerreiros eram Vrihadvala o soberano dos Kosalas, e Jayatsena de Magadha, e Rukmaratha, ó rei, que era o corajoso filho de Salya, e Vinda e Anuvinda de Avanti, e Sudakshina o rei dos Kamvojas, e Jayadratha, o soberano dos Sindhus e o parente de Vrihadkshatra. E os arcos esticados daqueles guerreiros de grande alma, enfeitados com diversas cores, pareciam com lampejos de relâmpago nas nuvens. E eles todos despejaram sobre a cabeça de Sweta chuvas contínuas de flechas como as nuvens agitadas pelo vento derramando chuva no leito da montanha no término do verão. Aquele arqueiro poderoso e comandante de tropas, enfurecido por causa disto, com sete flechas de cabeça larga de grande de impetuosidade atingiu seus arcos, e então continuou a oprimi-los. E aqueles arcos nós vimos foram cortados, ó Bharata, e nisso eles todos pegaram, dentro de metade do tempo utilizado em uma piscada de olho, outros arcos. E eles então dispararam em Sweta sete flechas. E novamente aquele guerreiro de braços fortes de alma incomensurável, com sete flechas velozes, cortou aqueles (outros) arcos destes arqueiros. Aqueles guerreiros então, cujos arcos grandes tinham sido cortados, aqueles poderosos guerreiros em carros enchendo-se (de raiva), pegando (sete) dardos, deram um grito alto. E, ó chefe dos Bharatas, eles arremessaram aqueles sete dardos no carro de Sweta. E aqueles dardos resplandecentes que percorriam (o ar) como grandes meteoros, com o som do trovão, foram todos cortados, antes que eles pudessem alcançar a ele, aquele guerreiro familiarizado com armas poderosas, por meio de sete flechas de cabeça larga. Então pegando uma flecha capaz de

penetrar em todas as partes do corpo, ele atirou-a, ó chefe dos Bharatas, em Rukmaratha. E aquela flecha poderosa, superando (a força do) raio, penetrou no corpo do último. Então, ó rei, atingido violentamente por aquela flecha, Rukmaratha sentou-se na plataforma de seu carro e caiu em um desmaio mortal. Seu quadrigário então, sem demonstrar qualquer medo, levou-o para longe, sem sentidos e desmaiado, na própria vista de todos. Então pegando seis outras (flechas) adornadas com ouro, Sweta de braços fortes cortou os topos dos estandartes de seus seis adversários. E aquele castigador de inimigos então, perfurando seus corcéis e quadrigários também, e cobrindo aqueles seis guerreiros com flechas incessantes, procedeu em direção ao carro de Salya. E vendo aquele generalíssimo das tropas (Pandava) procedendo rapidamente em direção ao carro de Salya, um tumulto alto de 'Oh' e 'Ai' se elevou no teu exército, ó Bharata. Então teu filho poderoso, com Bhishma na dianteira, e defendido por guerreiros heróicos e muitas tropas, procedeu em direção ao carro de Sweta. E ele (assim) resgatou o soberano dos Madras que já tinha entrado nas mandíbulas da Morte. E então começou uma batalha, terrível e de arrepiar os cabelos, entre tuas tropas e aquelas do inimigo, na qual carros e elefantes todos se misturaram em confusão. E sobre o filho de Subhadra e Bhimasena, e aquele poderoso guerreiro em carro Satyaki, e sobre o soberano dos Kekayas, e Virata, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishatas, e sobre as tropas Chedi, o velho avô Kuru despejou chuvas de flechas."

48

Dhritarashtra disse, "Quando aquele formidável arqueiro Sweta procedeu em direção ao carro de Salya, o que os Kauravas e os Pandavas fizeram, ó Sanjaya? E o que também fez Bhishma o filho de Santanu? Diga a mim que te pergunto, tudo isto."

Sanjaya disse, "Ó rei, centenas e milhares de touros entre os Kshatriyas, todos valentes e poderosos guerreiros em carros, colocando o generalíssimo Sweta na vanguarda, e mostrando sua força, ó Bharata, para teu filho nobre e com Sikhandin também em sua chefia, desejaram resgatar (Sweta). E aqueles poderosos guerreiros em carros avançaram em direção ao carro de Bhishma ornamentado com ouro desejosos de matar aquele principal dos guerreiros. E a batalha que se seguiu então foi terrível. Eu descreverei para ti aquela batalha estupenda e terrível como ela ocorreu entre tuas tropas e aquelas do inimigo. O filho de Santanu fez os terraços de muitos carros vazios, (pois) aquele melhor dos guerreiros em carros derramando (suas) flechas cortou muitas cabeças. Dotado de energia igual àquela do próprio Sol, ele encobriu o próprio Sol com suas flechas. E ele removeu seus inimigos em volta de si naquele combate como o Sol nascente dissipando a escuridão em volta. E naquela batalha, ó rei, flechas foram disparadas por ele às centenas e milhares que eram poderosas e possuidoras de grande ímpeto e que tiraram naquele conflito as vidas de inúmeros Kshatriyas. E naquele combate ele derrubou cabeças, às centenas, de guerreiros heróicos, ó rei, e elefantes envolvidos em armaduras cheias de espinhos, como topos de

montanha (derrubados) pelo raio do céu. E carros, ó rei, eram vistos se misturar com carros. Um carro podia ser visto sobre outro carro, e um corcel sobre outro corcel. E cavalos de batalha impetuosos, ó rei, levavam para lá e para cá cavaleiros heróicos no auge da juventude, mortos e pendendo (de suas selas, ainda segurando) seus arcos. Com espadas e aljavas presas (aos seus corpos) e cotas de malha soltas (de seus corpos), centenas de guerreiros, privados de vida, jaziam sobre o solo, dormindo em leitos (dignos) de heróis. Avançando uns contra os outros, caindo e se levantando novamente e avançando novamente tendo se levantado, os combatentes lutavam corpo a corpo. Afligidos uns pelos outros, muitos rolavam no campo de batalha. Elefantes enfurecidos investiam para lá e para cá, e guerreiros em carros às centenas eram mortos. E guerreiros em carros, junto com seus carros, eram esmagados por todos os lados. E alguns guerreiros caíam sobre seus carros, mortos por outros com flechas. E um guerreiro em carro poderoso podia ser visto cair do alto, seu cocheiro (também) tendo sido morto. Uma poeira espessa se ergueu, e para o guerreiro lutando em batalha, o som do arco (hostil) indicava o adversário lutando adiante. Por causa da pressão também em seus corpos, os combatentes adivinhavam seus inimigos. E os guerreiros, ó rei, continuaram lutando com flechas, guiados pelo som de cordas de arco e divisão (hostil). O próprio zunido das flechas atiradas pelos combatentes um no outro não podia ser ouvido. E tão alto era o som de baterias que ele parecia perfurar os ouvidos. E naquele tumulto barulhento que fazia os cabelos se arrepiarem, o nome do combatente proferido na batalha, enquanto expondo sua destreza, não podia ser ouvido. O pai não podia reconhecer o filho. Uma das rodas estando quebrada, ou a canga sendo arrancada ou um dos corcéis estando morto, o valente guerreiro em carro era derrubado de seu carro, junto com seu cocheiro, por meio de flechas retas. E assim muitos guerreiros heróicos, privados de seus carros, eram vistos fugir. Aquele que estava morto tinha sido cortado; aquele que não estava morto tinha sido atingido nos próprios órgãos vitais, mas não havia ninguém ileso quando Bhishma atacou o inimigo. E naquela batalha terrível Sweta causou um grande massacre dos Kurus. E ele (matou) muitos príncipes nobres às centenas e centenas. E ele cortava, por meio de suas flechas, as cabeças de guerreiros em carros às centenas e centenas, e (seus) braços enfeitados com Angadas, e (seus) arcos por toda parte. E guerreiros em carros e rodas de carros e outros que estavam sobre carros, e os próprios carros, e estandartes pequenos e caros, ó rei, e grandes grupos de cavalos, e multidões de carros, e multidões de homens, ó da família de Bharata, foram destruídos por Sweta. Nós mesmos, por medo de Sweta, abandonando (Bhishma), aquele melhor dos guerreiros em carros, deixamos a batalha nos retirando para a retaguarda e, portanto, nós (agora) vemos seu domínio. E todos os Kurus, ó filho da linhagem de Kuru, fora do alcance de flechas, e abandonando Bhishma o filho de Santanu, naquela batalha, permaneceram (como expectadores embora) armados para o combate. Alegre na hora de tristeza (geral), só aquele tigre entre homens Bhishma, do nosso exército, naquela batalha terrível permaneceu imóvel como a montanha Meru. Tirando as vidas (do inimigo) como o Sol no fim do inverno, ele permaneceu resplandecente com os raios dourados (de seu carro) como o próprio Sol com seus raios. E aquele grande arqueiro disparou nuvens de flechas e derrubou os Asuras. E enquanto eram massacrados por Bhishma naquele

combate tremendo, aqueles guerreiros fugindo de suas tropas, eles todos escaparam dele, como se de um fogo alimentado por combustível. Enfrentando o guerreiro sozinho (Sweta), aquele matador de inimigos, Bhishma, era o único (entre nós) que estava alegre e incólume. Dedicado ao bem-estar de Duryodhana, ele começou a consumir os (guerreiros) Pandava. Indiferente à sua própria vida a qual é difícil de ser rejeitada, e abandonando todo o temor ele massacrou, ó rei, o exército Pandava naquele combate violento. E vendo o generalíssimo (Sweta) atingindo as divisões (Dhartarashtra), teu pai Bhishma, também chamado Devavrata, avançou impetuosamente contra ele. Nisso, Sweta cobriu Bhishma com uma extensa rede de flechas. E Bhishma também cobriu Sweta com uma revoada de flechas. E rugindo como um par de touros, eles avançaram, como dois elefantes enfurecidos de tamanho gigantesco ou dois tigres furiosos um contra o outro. Desviando as armas um do outro por meio de suas armas, aqueles touros entre homens, Bhishma e Sweta, lutaram entre si, desejosos de tirar a vida um do outro. Em um único dia Bhishma, enfurecido com raiva, podia destruir o exército Pandava com suas flechas, se Sweta não o protegesse. Vendo o avô então desviado por Sweta, os Pandavas estavam cheios de alegria, enquanto teu filho ficou desanimado. Duryodhana então, com cólera excitada e cercado por muitos reis, avançou com suas tropas contra a hoste Pandava em batalha. Então Sweta, abandonando o filho de Ganga, massacrou a hoste de teu filho com grande impetuosidade como o vento (arrancando) árvores com violência. E o filho de Virata, insensível com fúria, tendo desbaratado teu exército, avançou (mais uma vez), ó rei, para o lugar onde Bhishma estava posicionado. E aqueles dois guerreiros poderosos e de grande alma então, ambos brilhando com suas flechas, lutaram um com o outro como Vritra e Vasava (antigamente), desejosos, ó rei, de matar um ao outro. Esticando (seu) arco até sua mais completa extensão, Sweta perfurou Bhishma com sete flechas. O corajoso (Bhishma) então, empregando sua destreza, rapidamente deteve a bravura de seu inimigo, como um elefante enfurecido detendo um igual enfurecido. E Sweta então, aquele encantador de Kshatriyas atingiu Bhishma, e Bhishma o filho de Santanu também perfurou-o em retorno com dez flechas. E embora perfurado (dessa maneira) por ele, aquele poderoso guerreiro permaneceu imóvel como uma montanha. E Sweta novamente perfurou o filho de Santanu com vinte e cinco flechas retas, pelo que todos se admiraram. Então sorrindo e lambendo com sua língua os cantos de sua boca, Sweta naquele combate cortou o arco de Bhishma em dez fragmentos com dez flechas. Então mirando uma flecha emplumada feita totalmente de ferro, (Sweta) despedaçou a palmeira no todo do estandarte de (Bhishma) de grande alma. E vendo o estandarte de Bhishma derrubado, teus filhos pensaram que Bhishma estava morto, tendo sucumbido a Sweta. E os Pandavas também cheios de alegria sopraram suas conchas por toda parte. E vendo o estandarte de palmeira de Bhishma de grande alma destruído, Duryodhana, por cólera, incitou seu próprio exército para a batalha. E eles todos começaram muito cuidadosamente a proteger Bhishma que estava em grande perigo. Para eles, também para aqueles que permaneciam espectadores (inativos), o rei disse, 'Ou Sweta morrerá (hoje), ou Bhishma o filho de Santanu. Eu digo isso realmente.' Ouvindo as palavras do rei, os poderosos guerreiros em carro avançaram rapidamente com quatro tipos de tropas protegendo o filho de Ganga. E Valhika e Kritavarman, e Kripa, e Salya

também, ó Bharata, e o filho de Jarasandha, e Vikarna, e Chitrasena, e Vivinsati, com grande velocidade, quando velocidade eram tão necessária, cercando-o por todos os lados, despejaram em Sweta chuvas contínuas de flechas. Aquele guerreiro poderoso então, de alma incomensurável, deteve rapidamente aqueles guerreiros zangados por meio de flechas afiadas, mostrando sua própria agilidade de mão. E detendo eles todos como um leão e uma multidão de elefantes, Sweta então cortou o arco de Bhishma com uma grossa chuva de flechas. Então Bhishma o filho de Santanu, pegando outro arco naquela batalha, perfurou Sweta, ó rei, com flechas equipadas com penas de ave Kanka. Então o comandante (do exército Pandava), com cólera estimulada, perfurou Bhishma naquele combate, ó rei, com muitíssimas flechas na própria vista de todos. Vendo Bhishma, aquele principal dos heróis em todo o mundo, detido em batalha por Sweta, o rei (Duryodhana) ficou muito preocupado, e grande também foi a angústia de todo o teu exército. E vendo o heróico Bhishma detido e mutilado por Sweta com suas flechas, todos pensaram que Bhishma, tendo sucumbido a Sweta, tinha sido morto por ele. Então teu pai Devavrata, cedendo à raiva, e vendo seu (próprio) estandarte derrubado e o exército (Dhartarashtra) contido, disparou muitas flechas, ó rei, em Sweta. Sweta, no entanto, aquele principal dos guerreiros em carros, desviando todas aquelas flechas de Bhishma, mais uma vez cortou, com uma flecha de cabeça larga, o arco de teu pai. Jogando de lado aquele arco, ó rei, o filho de Ganga, insensível com raiva, pegando outro arco maior e mais forte, e mirando sete flechas grandes de cabeças largas afiadas em pedra, matou com quatro flechas os quatro corcéis do generalíssimo Sweta, cortou seu estandarte com duas e com a sétima flecha aquele guerreiro de destreza formidável, extremamente provocado, cortou a cabeça de seu quadrigário. Nisso, aquele poderoso guerreiro em carro, pulando de seu carro cujos corcéis e quadrigário tinham sido mortos, e cedendo à influência da ira, ficou muito inquieto. O avô, vendo Sweta, aquele principal dos guerreiros em carros, privado de carro, começou a atingi-lo por todos os lados com uma chuva de flechas. E atingido naquele combate por flechas atiradas do arco de Bhishma, Sweta, deixando seu arco em seu carro (abandonado) pegou um dardo enfeitado com ouro e pegando aquele dardo terrível e brilhante, o qual parecia a vara fatal da Morte e era capaz de matar a própria Morte, Sweta então, em grande ira, dirigiu-se a Bhishma o filho de Santanu naquele combate, dizendo, 'Espere um pouco, e me observe, ó melhor dos homens.' E tendo dito isso para Bhishma em batalha, aquele grande arqueiro de bravura excelente e alma incomensurável arremessou o dardo parecido com uma cobra, mostrando seu heroísmo por causa dos Pandavas e desejando realizar teu mal. Então gritos altos de 'Oh' e 'Ai' se ergueram entre teus filhos, ó rei, ao verem aquele dardo terrível parecendo a vara da Morte em esplendor. E arremessado dos braços de Sweta, (aquele dardo), parecendo uma cobra que tinha acabado de rejeitar sua pele, caiu com grande força, ó rei, como um grande meteoro do firmamento. Teu pai Devavrata então, ó rei, sem o menor medo, com oito flechas afiadas e aladas cortou em nove fragmentos aquele dardo enfeitado com ouro puro e que parecia estar coberto com chamas de fogo, enquanto ele percorria flamejante o ar. Todas as tuas tropas então, ó touro da raça Bharata, deram gritos altos de alegria. O filho de Virata, no entanto, vendo seu dardo cortado em fragmentos, ficou irracional por raiva, e como alguém cujo ânimo tinha

sido vencido pela (chegada de) sua hora, não podia decidir o que fazer. Privado de sua razão pela raiva, ó rei, o filho de Virata, então, sorrindo, alegremente pegou uma maça para matar Bhishma, com olhos vermelhos de ira, e parecendo um segundo Yama armado com maça, ele avançou contra Bhishma como uma torrente elevada contra as rochas. Considerando a impetuosidade dele como incapaz de ser detida, Bhishma dotado de grande coragem e conhecedor da força (de outros), desceu de repente no chão para precaver-se contra aquele golpe. Sweta então, ó rei, girando em cólera aquela maça pesada, arremessou-a no carro de Bhishma como o deus Maheswara. E por aquela maça destinada para a destruição de Bhishma, aquele carro foi reduzido a cinzas, com estandarte, e quadrigário, e corcéis e varal. Vendo Bhishma, aquele principal dos guerreiros em carros, se tornar um combatente a pé, muitos guerreiros em carros, isto é, Salya e outros, se apressaram rapidamente (para seu resgate). Subindo então em outro carro, e esticando seu arco tristemente, Bhishma avançou lentamente em direção a Sweta, observando aquele principal dos guerreiros em carros. Enquanto isso, Bhishma ouviu uma voz alta proferida nos céus, que era celestial e repleta de bem para ele. (E a voz disse), 'Ó Bhishma, ó tu de armas poderosas, esforce-te sem perder um momento. Essa é a hora fixada pelo Criador do Universo para êxito sobre este (Sweta)'. Ouvindo aquelas palavras proferidas pelo mensageiro celeste, Bhishma, cheio de alegria, fixou seu coração na destruição de Sweta. E vendo aquele principal dos guerreiros em carros, Sweta, se tornar um combatente a pé, muitos fortes guerreiros em carros (do lado Pandava) se apressaram unidamente (para seu resgate). (Eles eram) Satyaki, e Bhimasena, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata; e os (cinco) irmãos Kekaya, e Dhrishtaketu e Abhimanyu de grande energia. E vendo-os avançando (para o resgate), com Drona e Salya e Kripa, aquele herói de alma incomensurável (Bhishma) deteve eles todos como a montanha resistindo à força do vento. E quando os guerreiros de grande alma do lado Pandava eram (assim) mantidos sob controle, Sweta, pegando uma espada cortou o arco de Bhishma. Jogando de lado aquele arco, o avô rapidamente decidiu pela destruição de Sweta, tendo ouvido as palavras do mensageiro celeste. Embora frustrado (por Sweta), teu pai Devavrata então, aquele poderoso guerreiro em carro, pegando rapidamente outro arco que parecia o arco do próprio Sakra em esplendor, encordoou-o em um instante. Então teu pai, ó chefe dos Bharatas, vendo aquele poderoso guerreiro em carro Sweta, embora o último estivesse então cercado por aqueles tigres entre homens com Bhimasena em sua chefia, (teu pai) o filho de Ganga, avançou firmemente somente por causa do generalíssimo Sweta. Vendo Bhishma avançar, Bhimasena de grande bravura o perfurou com sessenta flechas. Mas aquele poderoso guerreiro em carro, teu pai Devavrata, detendo Bhimasena e Abhimanyu e outros guerreiros em carros com flechas terríveis, atingiu-o com três flechas retas. E o avô dos Bharatas também atingiu Satyaki, naquele combate, com cem flechas, e Dhrishtadyumna com vinte e os irmãos Kekaya com cinco. E detendo todos aqueles arqueiros formidáveis com flechas terríveis, teu pai Devavrata avançou somente em direção a Sweta. Então tirando uma flecha parecendo a própria Morte e capaz de aguentar uma grande tensão e incapaz de ser resistida, o poderoso Bhishma colocou-a na corda de seu arco. E aquela flecha, provida de asas e devidamente dotada da força da arma Brahma, foi vista pelos deuses e

Gandharvas e Pisachas e Uragas, e Rakshasas. E aquela flecha, de esplendor semelhante àquele de um fogo ardente, atravessando sua cota de malha (passou através de seu corpo e) entrou na terra, com um lampejo semelhante àquele do relâmpago do céu. Como o Sol quando se retira rapidamente para seus aposentos ocidentais levando junto com ele os raios de luz, assim mesmo aquela flecha atravessou o corpo de Sweta, levando embora consigo a vida dele. Assim morto em batalha por Bhishma, nós vimos aquele tigre entre homens cair como o topo desprendido de uma montanha. E todos os poderosos guerreiros em carro da classe Kshatriya pertencentes ao lado Pandava lamentaram. Teus filhos, no entanto, e todos os Kurus, estavam cheios de alegria. Então, ó rei, vendo Sweta derrotado, Dussasana dançou em alegria sobre o campo em acompanhamento com a música alta de conchas e baterias. E quando aquele grande arqueiro tinha sido morto por Bhishma, aquele ornamento de batalha, os arqueiros poderosos (do lado Pandava) com Sikhandin em sua dianteira tremeram amedrontados. Então quando seu comandante estava morto, Dhananjaya, ó rei, e ele da linhagem de Vrishni, retiraram lentamente as tropas (para seu descanso noturno). E então, ó Bharata, realizou-se a retirada dos deles e dos teus, enquanto ambos estavam dando rugidos altos frequentemente. E os poderosos guerreiros em carros dos Parthas entraram desanimadamente (em seus alojamentos), pensando, ó castigador de inimigos, naquela morte horrível em duelo (de seu comandante)."

49

Dhritarashtra disse, "Quando o generalíssimo Sweta, ó filho, foi morto em batalha pelo inimigo, o que aqueles arqueiros poderosos, os Panchalas com os Pandavas, fizeram? Sabendo que seu comandante Sweta estava morto, o que aconteceu entre aqueles que lutavam por causa dele e seus inimigos que recuavam diante deles? Ó Sanjaya, ouvindo sobre nossa vitória, (tuas) palavras agradam meu coração! Nem meu coração sente qualquer vergonha ao lembrar de nossa transgressão. (Isto é, a morte por Bhishma de seu carro, de Sweta que era então um combatente a pé). O velho chefe da família de Kuru é sempre alegre e leal (a nós). (Com relação a Duryodhana), tendo provocado hostilidades com aquele filho inteligente de seu tio, ele procurou uma vez a proteção dos filhos de Pandu por sua ansiedade e medo devidos a Yudhishthira. Naquele tempo, abandonando tudo ele vivia em miséria. Pela destreza dos filhos de Pandu, e em todo lugar recebendo empecilhos, tendo se colocado em meio a obstáculos, de seus inimigos, Duryodhana tinha (por algum tempo) recorrido a comportamento honrado. Antigamente aquele rei de mente pecaminosa tinha se colocado sob a proteção deles. Por que, portanto, ó Sanjaya, Sweta que era devotado a Yudhishthira, foi morto? De fato, este príncipe de mente estreita, com todas as suas chances de sucesso futuro, foi lançado nas regiões inferiores por diversos canalhas. Bhishma não desejava a guerra, nem mesmo o preceptor. Nem Kripa, nem Gandhari a desejava. Ó Sanjaya, nem eu a desejo, nem Vasudeva da linhagem de Vrishni, nem aquele rei justo o filho de Pandu; nem Bhima, nem Arjuna, nem aqueles touros entre homens, os gêmeos (a desejam). Sempre proibido por mim, por Gandhari, por Vidura, por Rama o filho de Jamadagni, e por

Vyasa de grande alma também, Duryodhana de mente má e pecaminosa, com Dussasana, ó Sanjaya, sempre seguindo os conselhos de Karna e do filho de Suvala, comportou-se maliciosamente em direção aos Pandavas. Eu penso, ó Sanjaya, que ele caiu em grande infortúnio. Depois da morte de Sweta e da vitória de Bhishma o que Partha, estimulado pela ira, fez em batalha acompanhado por Krishna? De fato, é de Arjuna que meus temores provêm, e aqueles temores, ó Sanjaya, não podem ser dissipados. Ele, Dhananjaya, o filho de Kunti, é bravo e dotado de grande energia. Eu penso, com suas flechas ele cortará em fragmentos os corpos de seus inimigos. O filho de Indra, e em batalha igual a Upendra o irmão mais novo de Indra, um guerreiro cuja ira e propósitos nunca são inúteis, ai, vendo ele qual se tornou o estado de suas mentes? Valente, conhecedor dos Vedas, parecendo o fogo e o Sol em esplendor, e possuindo o conhecimento da arma Aindra, aquele guerreiro de alma incomensurável é sempre vitorioso quando ele cai sobre o inimigo! Suas armas sempre caindo sobre o inimigo com a força do raio e seus braços extraordinariamente rápidos em puxar a corda do arco, o filho de Kunti é um poderoso guerreiro em carro. O formidável filho de Drupada também, ó Sanjaya, é dotado de grande sabedoria. O que, de fato, fez Dhristadyumna quando Sweta foi morto em batalha? Eu penso que por causa dos males que eles sofreram antigamente, e da morte de seu comandante, os corações dos Pandavas de grande alma se inflamaram. Pensando em sua ira eu nunca estou em paz, de dia ou de noite, por conta de Duryodhana. Como a grande batalha aconteceu? Fale-me tudo sobre isto, ó Sanjaya.”

Sanjaya disse, "Ouça, ó rei, tranquilamente sobre tuas transgressões. Não cabe a ti imputar o resultado a Duryodhana. Como é a construção de um dique quando as águas desapareceram, assim é tua compreensão, ou, é como a escavação de um poço quando a casa está pegando fogo. (Como ambas as operações são inúteis, assim são esses teus arrependimentos.) Quando, depois que a manhã tinha passado, o comandante Sweta foi, ó Bharata, morto por Bhishma naquele combate violento, o filho de Virata, Sankha, aquele opressor de tropas hostis que sempre se deleitava em batalha, vendo Salya posicionado com Kritavarman (em seu carro), inflamou-se de repente com ira, como fogo com manteiga clarificada. Aquele guerreiro poderoso, esticando seu arco grande que parecia o arco do próprio Indra, avançou com o desejo de matar o soberano dos Madras em batalha, ele mesmo protegido por todos os lados por uma grande divisão de carros. E Sankha, causando uma chuva de flechas avançou em direção ao carro no qual Salya estava. E vendo-o avançar como um elefante enfurecido, sete poderosos guerreiros em carros do teu lado o cercaram, desejosos de salvar o soberano dos Madras já dentro das mandíbulas da morte. Então o poderosamente armado Bhishma, rugindo como as próprias nuvens, e pegando um arco de seis cúbitos completos de comprimento, avançou em direção a Sankha em batalha. E vendo aquele poderoso guerreiro em carro e grande arqueiro avançando dessa maneira, a hoste Pandava começou a tremer como um barco atirado pela violência de uma tempestade. Então Arjuna, avançando rapidamente, colocou-se na frente de Sankha, pensando que Sankha devia, nessas circunstâncias, ser protegido de Bhishma. E então começou o combate entre Bhishma e Arjuna. E gritos altos de ‘Oh’ e ‘Ai’ ergueram-se entre os guerreiros engajados na batalha. E uma força

parecia imergir em outra força. (Arjuna representando uma força, e Bhishma outra, as duas forças pareciam se misturar, uma na outra.) E dessa maneira todos estavam surpresos. Então Salya, maça na mão, descendo de seu carro grande, matou, ó touro da raça Bharata, os quatro corcéis de Sankha. Saltando de seu carro assim desprovido de corcéis, e pegando uma espada, Sankha correu em direção ao carro de Vibhatsu e (subindo sobre ele) ficou mais uma vez à vontade. E então lá caíram do carro de Bhishma inúmeras flechas pelas quais foram cobertos o firmamento inteiro e a terra. E aquele principal dos batedores, Bhishma, massacrou com suas flechas as hostes Panchala, Matsya, Kekaya, e Prabhadraka. E logo abandonando naquela batalha o filho de Pandu (Arjuna), capaz de estirar o arco até com sua mão esquerda, Bhishma avançou em direção a Drupada, o rei dos Panchalas, cercado por sua hoste. E ele logo cobriu seu querido parente com inúmeras flechas. Como uma floresta consumida por fogo no fim do inverno, as tropas de Drupada foram vistas serem consumidas. E Bhishma permaneceu naquela batalha como um fogo ardente sem fumaça, ou como o próprio Sol no meio-dia chamuscando tudo em volta com seu calor. Os combatentes dos Pandavas não eram capazes nem de olhar para Bhishma. E afligida pelo medo, a hoste Pandava lançou seus olhos em volta, e não vendo qualquer protetor, parecia com um rebanho de vacas afligido pelo frio. Massacradas ou se retirando em desalento enquanto eram oprimidas, gritos altos, ó Bharata, de ‘Oh’ e ‘Ai’ ergueram-se entre as tropas dos Pandavas. Então Bhishma o filho de Santanu, com arco sempre puxado a um círculo, atirou dele flechas ardentes que pareciam veneno virulento. E criando linhas contínuas de flechas em todas as direções, aquele herói de votos rígidos matou guerreiros em carros Pandava, nomeando cada um, ó Bharata, antes. E então quando as tropas dos Pandavas estavam derrotadas e oprimidas por todo o campo, o sol se pôs e nada podia ser visto. E então observando Bhishma, ó touro da raça Bharata, de pé orgulhosamente em batalha, os Parthas retiraram suas tropas (para descanso noturno)."

50

Sanjaya disse, "Quando as tropas, ó touro da raça Bharata, foram retiradas no primeiro dia, e quando Duryodhana estava cheio de alegria ao (ver) Bhishma excitado com ira em batalha, o rei Yudhishthira o justo dirigiu-se rapidamente até Janardana, acompanhado por todos os seus irmãos e todos os reis (do seu lado). Cheio de grande aflição pensando em sua derrota, e vendo a bravura de Bhishma, ó rei, ele se dirigiu àquele descendente da linhagem de Vrishni, dizendo, 'Veja, ó Krishna, aquele poderoso arqueiro Bhishma de bravura terrível. Ele consome com suas flechas minhas tropas como fogo (consumindo) grama seca. Como nós iremos até olhar para aquele (guerreiro) de grande alma que está devorando minhas tropas como fogo alimentado com manteiga clarificada? Vendo aquele tigre entre homens, aquele guerreiro poderoso armado com o arco, minhas tropas fogem, atormentadas por flechas. O próprio Yama enfurecido, ou Ele armado com o raio, ou mesmo Varuna com o laço na mão, ou Kuvera armado com maça, podem ser subjugados em batalha, mas o poderoso guerreiro em carro Bhishma,

de energia formidável, não pode ser subjugado. Tal sendo o caso, eu estou afundando no oceano insondável representado por Bhishma, sem um bote (para me resgatar). Por consequência, ó Kesava, da fraqueza de minha inteligência, tendo obtido Bhishma (como um inimigo em batalha), eu irei, ó Govinda, me retirar para as florestas. Viver lá é preferível a sacrificar estes senhores de terra à Morte na forma de Bhishma. Conhecedor de armas poderosas, Bhishma, ó Krishna, aniquilará meu exército. Como insetos se precipitando no fogo ardente para sua própria destruição, os combatentes do meu exército são exatamente assim. Ao aplicar minha destreza por causa do reino, ó tu da linhagem de Vrishni, eu estou sendo levado à destruição. Meus irmãos heróicos também estão atormentados e afligidos com flechas por minha causa, tendo sido privados de soberania e felicidade por seu amor por seu irmão mais velho. Nós consideramos muito a vida, pois, sob estas circunstâncias, a vida é preciosa demais (para ser sacrificada). Durante o resto de meus dias eu praticarei as mais rígidas das austeridades ascéticas. Eu não farei, ó Kesava, estes meus amigos serem mortos. O poderoso Bhishma mata incessantemente, com sua arma celeste, muitos milhares de meus guerreiros em carros que são principais dos batedores. Diga-me, ó Madhava, sem demora, o que deve ser feito que possa me fazer bem. Com relação a Arjuna, eu vejo que ele é um espectador indiferente nessa batalha. Dotado de grande força, somente este Bhima, se lembrando dos deveres Kshatriya, luta empregando a destreza de seus braços e o máximo de sua força. Com sua maça matadora de heróis, esse (guerreiro) de grande alma, até a total capacidade de seus poderes, realiza as façanhas mais difíceis sobre soldados de infantaria e corcéis e carros e elefantes. Este herói, no entanto, é incapaz, ó senhor, de destruir em luta justa a hoste hostil mesmo em um século. Só este teu amigo (Arjuna entre nós) é conhecedor de armas (poderosas). Ele, no entanto, nos vendo destruídos por Bhishma e por Drona de grande alma, olha indiferentemente para nós. As armas celestes de Bhishma e de Drona de grande alma, incessantemente aplicadas, estão consumindo todos os Kshatriyas. Ó Krishna, tal é sua destreza que Bhishma, com cólera excitada, ajudado pelos reis (do seu lado), irá, sem dúvida nos aniquilar. Ó Senhor do Yoga, procure aquele grande arqueiro, aquele poderoso guerreiro em carro, que dará em Bhishma seu golpe final como nuvens carregadas de chuva apagando um incêndio na floresta. (Então) pela tua graça, ó Govinda, os filhos de Pandu, seus inimigos estando mortos, depois da recuperação de seu reino serão felizes com seus parentes.’

Tendo dito isso, o filho de grande alma de Pritha, com coração afligido pela dor e mente dirigida para dentro, ficou calado por um longo tempo em uma disposição meditativa. Vendo o filho de Pandu tomado pela dor e privado de sua razão pela tristeza, Govinda então alegrando todos os Pandavas disse, 'Não sofra, ó chefe dos Bharatas. Não cabe a ti te afligir quando teus irmãos são todos heróis e arqueiros renomados no mundo. Eu também estou empenhado em te fazer bem, como também aquele poderoso guerreiro em carro Satyaki e Virata e Drupada, ambos veneráveis em idade, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata. E assim também, ó melhor dos reis, todos estes monarcas com suas (respectivas) tropas estão expectantes do teu favor e dedicados a ti, ó rei. Este poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata colocado no comando do teu

exército está sempre desejoso do teu bem-estar e dedicado a fazer aquilo que é agradável para ti, como também este Sikhandin, ó tu de braços fortes, que é certamente o matador de Bhishma.’ Ouvindo estas palavras, o rei (Yudhishthira), disse para aquele poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, naquela mesma assembléia e na audição de Vasudeva, estas palavras, ‘Ó Dhrishtadyumna, preste atenção nessas palavras que eu te digo, ó tu da linha de Prishata. As palavras proferidas por mim não devem ser desobedecidas. Aprovado por Vasudeva, tu tens sido o comandante de nossas tropas. Como Kartikeya, nos tempos antigos, era sempre o comandante da hoste celeste, assim também tu és, ó touro entre homens, o comandante da hoste Pandava. Aplicando tua destreza, ó tigre entre homens, mate os Kauravas. Eu te seguirei, e Bhima, e Krishna também, ó senhor, e os filhos de Madri unidos, e os filhos de Draupadi equipados em armadura, e todos os outros principais dos reis, ó touro entre homens.’ Então alegrando (os ouvintes) Dhrishtadyumna disse, 'Ordenado antigamente pelo próprio Sambhu, eu sou, ó filho de Pritha, o matador de Drona. Eu agora lutarei em batalha contra Bhishma, e Drona e Kripa e Salya e Jayadratha e todos os monarcas orgulhosos (do lado Kuru)'. Quando aquele principal dos príncipes, aquele matador de inimigos, o filho de Prishata, disse isso desafiadoramente, os guerreiros Pandava, dotados de grande energia e incapazes de ser derrotados em batalha, todos deram um grito alto. E então o filho de Pritha Yudhishthira disse para o comandante de seu exército, o filho de Prishata, (essas palavras), 'Uma formação de combate conhecida pelo nome de Krauncharuma, que é destrutiva de todos os inimigos, e que foi citada por Vrihaspati para Indra nos tempos antigos quando os deuses e os Asuras lutaram, aquela formação destrutiva de divisões hostis, forme. Não vista antes, (que) os reis a vejam, junto com os Kurus.' Assim endereçado por aquele deus entre homens, como Vishnu endereçado pelo manejador do raio, ele (Dhrishtadyumna), quando amanheceu, colocou Dhananjaya na vanguarda do exército inteiro. E o estandarte de Dhananjaya, criado por ordem de Indra pelo artífice celeste, enquanto se movia pelos céus, parecia maravilhosamente belo. Decorado com pendões portando cores parecidas com aquelas do arco de Indra (arco-íris), percorrendo o ar como um vagueador dos céus (ave), e parecendo com o edifício fugaz de vapor no firmamento (os edifícios e formas vaporosos, constantemente se fundindo reaparecendo em novas formas, são chamados de cidades dos Gandharvas ou coristas celestiais), ele parecia, ó majestade, planar de modo dançante pelo caminho do carro (ao qual ele estava ligado). E o portador do Gandiva com aquele (estandarte) enfeitado com pedras preciosas, e aquele próprio estandarte com o portador do Gandiva, pareciam muito adornados, como o Auto-criado com o Sol (e o Sol com o Auto-criado, ou como a montanha Meru com o Sol, e o Sol com Meru). E o rei Drupada, cercado por um grande número de tropas, tornou-se a cabeça (daquela ordem de batalha). E os dois reis Kuntibhoja e Saivya se tornaram seus dois olhos. E o soberano dos Dasarnas, e os Prayagas, com os Daserakas, e os Anupakas, e os Kiratas estavam posicionados em seu pescoço, ó touro da raça Bharata. E Yudhishthira, ó rei, com os Patachcharas, os Hunas, os Pauravakas e os Nishadas tornou-se suas duas asas, assim também os Pisachas, com os Kundavishas, e os Mandakas, os Ladakas, os Tanganas, e os Uddras, ó Bharata, e os Saravas, os Tumbhumas, os Vatsas, e os Nakulas. E Nakula e Sahadeva se colocaram na asa esquerda. E nas juntas das duas asas

estavam colocados dez mil carros e na cabeça cem mil, e nas costas cem milhões e vinte mil e no pescoço cento e setenta mil. E nas juntas das asas, nas asas e na extremidade das asas procediam elefantes em grandes grupos, parecendo, ó rei, com montanhas fulgurantes. E a retaguarda era protegida por Virata ajudado pelos Kekayas, e o soberano de Kasi e o rei dos Chedis, com trinta mil carros. Formando, ó Bharata, sua ordem de batalha poderosa dessa maneira, os Pandavas, expectantes do nascer do sol, esperaram pela batalha, todos envolvidos em armadura. E seus guarda-sóis brancos, imaculados e valiosos, e brilhantes como o sol, brilhavam resplandecentes sobre seus elefantes e carros."

51

Sanjaya disse, "Observando a formação de batalha poderosa e terrível chamada Krauncha formada pelo filho de Pandu de energia infinita, teu filho, se aproximando do preceptor, e de Kripa, e de Salya, ó senhor, e do filho de Somadatta, e de Vikarna, e de Aswatthaman também, e de todos os seus irmãos também encabeçados por Dussasana, ó Bharata, e de outros heróis imensuráveis reunidos lá para a batalha, disse essas palavras oportunas, alegrando eles todos, 'Armados com vários tipos de armas, vocês todos conhecem o sentido das escrituras. Ó poderosos guerreiros em carros, cada um de vocês é sozinho capaz de matar em batalha os filhos de Pandu com suas tropas. Quanto mais então, quando vocês estão reunidos. Nossa hoste, portanto, que é protegida por Bhishma, é imensurável, enquanto aquela hoste deles, que é protegida por Bhima, é mensurável. Que os Samsthanas, os Surasenas, os Venikas, os Kukkuras, os Rechakas, os Trigartas, os Madrakas, os Yavanas, com Satrunjayas, e Dussasana, e aquele herói excelente Vikarna, e Nanda e Upanandaka, e Chitrasena, junto com os Manibhadrakas, protejam Bhishma com suas (respectivas) tropas.' Então Bhishma e Drona e teus filhos, ó majestade, formaram uma ordem de batalha poderosa para resistir àquela dos Parthas. E Bhishma, cercado por um grande corpo de tropas, avançou, liderando um exército imenso, como o próprio chefe dos celestiais. E aquele arqueiro poderoso, o filho de Bharadwaja, dotado de grande energia, seguiu-o com os Kuntalas, os Dasarnas, e os Magadhas, ó rei, e com os Vidarbhas, os Melakas, os Karnas, e os Pravaranas também. E os Gandharas, os Sindhusauviras, os Sivis e os Vasatis com todos os seus combatentes também, (seguiram) Bhishma, aquele ornamento de batalha, e Sakuni com todas as suas tropas protegia o filho de Bharadwaja. E então o rei Duryodhana, junto com todos os seus irmãos, com os Aswalakas, os Vikarnas, os Vamanas, os Kosalas, os Daradas, os Vrikas, como também os Kshudrakas e os Malavas avançou alegremente contra a hoste Pandava. E Bhurisravas, e Sala, e Salya, e Bhagadatta, ó majestade, e Vinda e Anuvinda de Avanti, protegiam o flanco esquerdo. E Somadatta, e Susarman, e Sudakshina, o soberano dos Kamvojas e Satayus, e Srutayus, estavam no flanco direito. E Aswatthaman, e Kripa, e Kritavarman da linhagem de Satwata, com uma divisão muito grande das tropas, estavam posicionados na retaguarda do exército. E atrás deles estavam os soberanos de muitas províncias, e Ketumat, e Vasudana, e o filho poderoso do rei

de Kasi. Então as tropas do teu lado esperando alegremente pela batalha, ó Bharata, sopraram suas conchas com grande prazer, e deram rugidos leoninos. E ouvindo os gritos daqueles (combatentes) cheios de alegria o venerável avô Kuru, dotado de grande bravura, proferindo um rugido leonino, soprou sua concha. Nisso, conchas e baterias e diversas espécies de Pesis e pratos foram soados imediatamente por outros, e o barulho feito tornou-se um tumulto alto. E Madhava e Arjuna, ambos posicionados em um grande carro ao qual estavam unidos corcéis brancos, sopraram suas conchas excelentes enfeitadas com ouro e jóias. E Hrishikesa soprou a concha chamada Panchajanya, e Dhananjaya (aquela chamada) Devadatta. E Vrikodara de atos terríveis soprou a concha enorme chamada Paundra. E o filho de Kunti o rei Yudhishthira soprou a concha chamada Anantavijaya, enquanto Nakula e Sahadeva (aquelas conchas chamadas) Sughosa e Manipushpaka. E o soberano de Kasi, e Saivya, e Sikhandin o poderoso guerreiro em carro, e Dhrishtadyumna, e Virata, e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, e aquele grande arqueiro o rei dos Panchalas, e os cinco filhos de Draupadi, todos sopraram suas conchas grandes e deram rugidos leoninos. E aquele grande barulho proferido lá por aqueles heróis reverberou ruidosamente pela terra e o firmamento. Assim, ó grande rei, os Kurus e os Pandavas, ambos cheios de alegria, avançaram uns contra os outros para lutar novamente, e chamuscar uns aos outros dessa maneira."

52

Dhritarashtra disse, "Quando as minhas e as hostes hostis estavam assim formadas em ordem de batalha, como os principais batedores começaram a atacar?"

Sanjaya disse, "Quando todas as divisões estavam assim organizadas, os combatentes esperaram, todos equipados em armadura, e com seus estandartes belos todos erguidos. E vendo a hoste (Kuru) que parecia o oceano ilimitado, teu filho Duryodhana, ó rei, posicionado dentro dela, disse para todos os combatentes do teu lado, 'Equipados em armadura (como vocês estão), comecem a lutar.' Os combatentes então, nutrindo intenções cruéis, e abandonando suas próprias vidas, todos avançaram contra os Pandavas, com estandartes erguidos. A batalha que ocorreu então foi violenta e de arrepiar os cabelos. E os carros e elefantes estavam todos misturados. E flechas com belas penas, e dotadas de grande energia e pontas afiadas, disparadas dos guerreiros em carros caíam sobre elefantes e cavalos. E quando a batalha começou dessa maneira, o venerável avô Kuru, o poderosamente armado Bhishma de destreza terrível, equipado em armadura, pegando seu arco, e se aproximando deles, derramou uma chuva de flechas sobre o filho heróico de Subhadra, e o poderoso guerreiro em carro Arjuna, e o soberano dos Kekayas e Virata, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, como também sobre os guerreiros Chedi e Matsya. E aquela formação de combate imensa (dos Pandavas) vacilou no começo por causa daquele herói. E terrificante foi a luta que ocorreu entre todos os combatentes. E homens a cavalo e guerreiros em carros e principais dos corcéis caíram rápido. E as divisões de

carros dos Pandavas começaram a fugir. Então aquele tigre entre homens, Arjuna, observando aquele poderoso guerreiro em carro Bhishma, disse furiosamente para ele da linhagem de Vrishni, 'Proceda para o lugar onde o avô está. Ó tu da linhagem de Vrishni, é evidente que este Bhishma, com ira estimulada, aniquilará minha hoste para benefício de Duryodhana. E este Drona, e Kripa e Salya e Vikarna, ó Janardana, junto com os filhos de Dhritarashtra encabeçados por Duryodhana, e protegidos por este arqueiro firme massacrarão os Panchalas. Eu mesmo, portanto, pararei Bhishma por causa de minhas tropas, ó Janardana.' Para ele Vasudeva então disse, 'Tenha cuidado, ó Dhananjaya, pois eu logo te levarei, ó herói, em direção ao carro do avô.' Dizendo isso, ó rei, Saurin levou aquele carro, o qual era célebre pelo mundo, diante do carro de Bhishma. Com pendões numerosos todos ondulando, com corcéis parecendo belos como um bando de grous (brancos), com estandarte erguido no qual estava o macaco rugindo ferozmente, sobre seu carro grande de refulgência solar e cujo estrépito parecia o ribombar das nuvens, massacrando as divisões Kaurava e os Surasenas também, o filho de Pandu, aquele aumentador das alegrias de amigos foi rapidamente para o confronto. Ele (assim) avançando impetuosamente como um elefante enfurecido e (assim) apavorando na batalha combatentes valentes e derrubando-os com suas flechas, Bhishma o filho de Santanu, protegido pelos guerreiros encabeçados por Saindhava e pelos combatentes do Leste e os Sauviras e os Kekayas, enfrentou com grande impetuosidade. Quem mais salvo o avô Kuru e aqueles guerreiros em carros, isto é, Drona e o filho de Vikartana (Karna), é capaz de avançar em batalha contra o portador do arco chamado Gandiva? Então, ó grande rei, Bhishma, o avô dos Kauravas atingiu Arjuna com setenta e sete flechas e Drona (o atingiu) com vinte e cinco, e Kripa com cinquenta, e Duryodhana com sessenta e quatro, e Salya com nove flechas; e o filho de Drona, aquele tigre entre homens, com sessenta, e Vikarna com três flechas; e Saindhava com nove e Sakuni com cinco. E Artayani, ó rei, perfurou o filho de Pandu com três flechas de cabeça larga. E (embora) perfurado por todos os lados por eles com flechas afiadas, aquele arqueiro formidável, aquele (guerreiro) poderosamente armado, não vacilou como uma montanha que é perfurada (com flechas). Nisso ele, o enfeitado com diadema, de alma incomensurável, ó touro da raça Bharata, em retorno perfurou Bhishma com vinte e cinco, e Kripa com nove flechas, e Drona com sessenta, ó tigre entre homens, e Vikarna com três flechas; e Artayani com três flechas, e o rei (Duryodhana) também com cinco. E então Satyaki, e Virata e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, e os filhos de Draupadi, e Abhimanyu, todos o cercaram, (procedendo para sua defesa). Então o príncipe dos Panchalas, apoiado pelos Somakas, avançou em direção ao grande arqueiro Drona que estava empenhado em procurar o bem-estar do filho de Ganga. Então Bhishma, aquele principal dos guerreiros em carros, perfurou rapidamente o filho de Pandu com oitenta flechas afiadas, pelo que os combatentes no teu lado ficaram muito satisfeitos. Ouvindo os gritos daqueles leões entre os guerreiros em carros, Dhananjaya, dotado de grande coragem, então entrou alegremente no meio daqueles leões entre guerreiros em carros e se divertiu com seu arco, ó rei, visando (sucessivamente) aqueles poderosos guerreiros em carros. Então aquele soberano de homens, o rei Duryodhana disse para Bhishma, vendo suas próprias tropas (assim) afligidas em

batalha pelo filho de Pritha, 'Este filho poderoso de Pandu, ó senhor, acompanhado por Krishna, derrubando todas as nossas tropas, derruba nossas bases, mesmo que tu, ó filho de Ganga, e aquele principal dos guerreiros em carros, Drona, estejam vivos. Ó monarca, é somente por tua causa que Karna, pondo de lado suas armas, não luta com os filhos de Pritha em batalha (embora) ele seja sempre um benquerente meu. Faça, portanto, ó filho de Ganga, aquilo pelo qual Phalguni possa ser morto.' Assim endereçado, ó rei, teu pai Devavrata, dizendo, 'Que vergonha para o costume Kshatriya!', então procedeu em direção ao carro de Partha. E todos os reis, ó monarca, vendo ambos aqueles guerreiros com corcéis brancos unidos aos seus carros posicionados (para lutar), deram altos rugidos leoninos, e também sopraram suas conchas, ó majestade. E o filho de Drona e Duryodhana, e teu filho Vikarna, cercando Bhishma naquele combate, se posicionaram, ó majestade, para lutar. E assim todos os Pandavas, cercando Dhananjaya, se posicionaram para combate feroz. E a batalha então começou. E o filho de Ganga perfurou Partha naquele combate com nove flechas. E Arjuna o perfurou em retorno com dez flechas penetrando nos próprios órgãos vitais. Então, com mil flechas, bem disparadas, o filho de Pandu Arjuna, afamado por sua habilidade em batalha, encobriu Bhishma por todos os lados. Aquela rede de flechas, no entanto, de Partha, ó rei, Bhishma o filho de Santanu frustrou com uma rede de flechas (própria). E ambos bem satisfeitos, e ambos se deleitando em batalha, lutaram um com o outro sem um ganhar qualquer vantagem sobre o outro, e cada um desejoso de neutralizar as façanhas do outro. E as sucessivas revoadas de flechas disparadas do arco de Bhishma eram vistas serem dispersadas pelas flechas de Arjuna. E assim as revoadas de flechas atiradas por Arjuna, cortadas pelas flechas do filho de Ganga, caíam todas no chão. E Arjuna perfurou Bhishma com vinte e cinco flechas de pontas afiadas. E Bhishma, também, naquele combate, perfurou Partha em retorno com nove flechas. E aqueles dois guerreiros poderosos, aqueles castigadores de inimigos, perfurando os corcéis um do outro, e também os varais e as rodas do carro um do outro, começaram a se divertir. Então, ó rei, Bhishma, aquele principal dos batedores, atingiu Vasudeva no meio de seu peito com três flechas. E o matador de Madhu, atingido por aquelas flechas atiradas do arco de Bhishma, brilhava naquela batalha, ó rei, como uma Kinsuka florescente. Então Arjuna, indignado ao ver Madhava, perfurou naquele combate o quadrigário do filho de Ganga com três flechas. E ambos os heróis, lutando um com o outro contra o carro um do outro, não tiveram êxito em visar um ao outro no combate. E pela habilidade e destreza dos quadrigários de ambos aqueles guerreiros, ambos exibiram, ó rei, belos círculos e avanços e retiradas em relação a seus carros moventes. E, ó monarca, vendo a oportunidade para atacar, eles frequentemente mudavam posições, ó rei, para obter o que eles procuravam. E ambos os heróis sopraram suas conchas, misturando aquele clangor com seus rugidos leoninos. E aqueles poderosos guerreiros em carros vibraram seus arcos, ambos da mesma maneira. E com o clangor de suas conchas e o estrépito das rodas de seus carros a própria Terra foi repentinamente fendida. E ela começou a tremer e produzir barulhos subterrâneos. E ninguém, ó touro da raça Bharata, podia detectar quaisquer pontos fracos em ambos. Os dois eram possuidores de grande poder e grande coragem em batalha, um era igual ao outro. E somente pela (visão de) seu

estandarte os Kauravas podiam se aproximar dele (para ajudar). E da mesma maneira os Pandavas se aproximaram do filho de Pritha (para ajudar) guiados por seu estandarte somente. E vendo, ó rei, destreza assim mostrada por aqueles dois principais dos homens, ó Bharata, todas as criaturas (presentes) naquela batalha estavam muito admiradas. E ninguém, ó Bharata, observava qualquer diferença entre os dois, exatamente como ninguém encontra qualquer transgressão em uma pessoa observadora de moralidade. E ambos (às vezes) se tornavam perfeitamente invisíveis por causa de nuvens de flechas. E logo ambos se tornavam visíveis naquela batalha. E os deuses com Gandharvas e os Charanas, e os grandes Rishis vendo sua destreza disseram uns aos outros, ‘Estes poderosos guerreiros em carros, quando excitados com raiva, não podem jamais ser vencidos em batalha por todos os mundos com os deuses, os Asuras e os Gandharvas. Esta batalha muito extraordinária seria extraordinária em todos os mundos. De fato, uma batalha como esta nunca acontecerá novamente. Bhishma é incapaz de ser conquistado em combate pelo filho de Pritha de grande inteligência, derramando suas flechas em batalha, com arco e carros e corcéis. Assim também aquele grande arqueiro, o filho de Pandu, incapaz de ser vencido em batalha pelos próprios deuses, Bhishma não é competente para conquistar em combate. Enquanto o próprio mundo durar, assim esta batalha continuará igualmente.’ Nós ouvimos essas palavras espalhadas lá, ó rei, repletas de louvor ao filho de Ganga e Arjuna em batalha. E enquanto aqueles dois estavam empenhados em mostrar sua destreza, outros guerreiros do teu lado e dos Pandavas, ó Bharata, matavam uns aos outros em batalha, com cimitarras de pontas afiadas, e machados de batalha polidos, e inúmeras flechas, e diversos tipos de armas. E os bravos combatentes de ambos os exércitos derrubaram uns aos outros, enquanto aquele conflito terrível e homicida durou. E o confronto também, ó rei, que ocorreu entre Drona e o príncipe dos Panchalas foi terrível."

53

Dhritarashtra disse, "Diga-me, ó Sanjaya, como aquele grande arqueiro Drona e o príncipe Panchala da linhagem de Prishata enfrentaram um ao outro em batalha, cada um lutando seu melhor. Eu considero o destino como superior, ó Sanjaya, ao esforço, quando (nem) o filho de Santanu Bhishma pode escapar do filho de Pandu em batalha. De fato, Bhishma, quando enfurecido em batalha podia destruir todas as criaturas móveis e imóveis, por que, ó Sanjaya, ele não pode então por meio de sua destreza escapar do filho de Pandu em batalha?"

Sanjaya disse, “Escute, ó rei, calmamente a esta batalha magnífica. O filho de Pandu é incapaz de ser vencido pelos próprios deuses com Vasava. Drona com diversas flechas perfurou Dhrishtadyumna e derrubou o quadrigário do último de seu nicho no carro. E, ó majestade, o herói enfurecido também afligiu os quatro corcéis de Dhrishtadyumna com quatro flechas excelentes. E o heróico Dhrishtadyumna também perfurou Drona no combate com nove flechas afiadas e dirigiu-se a ele, dizendo, 'Espere. Espere.' 'Então, além disso, o filho de Bharadwaja de grande destreza e alma incomensurável cobriu com suas flechas o

colérico Dhrishtadyumna. E ele pegou uma flecha terrível para a destruição do filho de Prishata cuja força parecia aquela do raio de Sakra e que era como uma segunda vara da morte. E vendo aquela flecha mirada pelo (filho de) Bharadwaja em batalha, gritos altos de 'Oh' e 'Ai' ergueram-se, ó Bharata, dentre todos os combatentes. E então nós vimos a extraordinária coragem de Dhrishtadyumna tanto que aquele herói resistiu sozinho, imóvel como uma montanha. E ele cortou aquela flecha terrível e ardente indo em direção a ele como sua própria Morte, e também derramou uma chuva de flechas no filho de Bharadwaja. E vendo aquele feito difícil realizado por Dhrishtadyumna, os Panchalas com os Pandavas, cheios de alegria, deram gritos altos. E aquele príncipe, dotado de grande destreza, desejoso de matar Drona arremessou nele um dardo de grande impetuosidade, decorado com ouro e pedras de lápis lazúli. Nisso o filho de Bharadwaja, sorrindo, cortou em três fragmentos aquele dardo enfeitado com ouro que estava indo em direção a ele impetuosamente. Vendo seu dardo assim frustrado, Dhrishtadyumna de grande destreza derramou torrentes de flechas em Drona, ó rei. Então aquele poderoso guerreiro em carro Drona, desviando aquela chuva de flechas, cortou, quando a oportunidade se apresentou, o arco do filho de Drupada. Seu arco (assim) cortado no combate, aquele guerreiro poderoso de grande renome arremessou em Drona uma maça pesada dotada da força da montanha. E arremessada de suas mãos, aquela maça percorreu o ar para a destruição de Drona. E então nós vimos a destreza estupenda do filho de Bharadwaja. Pela agilidade (do movimento de seu carro), ele se desviou daquela maça decorada com ouro, e tendo-a frustrado, ele disparou no filho de Prishata muitas flechas de gume afiado, bem temperadas, providas de asas douradas, e afiadas em pedra. E estas, atravessando a cota de malha do filho de Prishata, beberam seu sangue naquela batalha. Então Dhrishtadyumna de grande alma, pegando outro arco, e aplicando sua destreza perfurou Drona naquele combate com cinco flechas. E então aqueles dois touros entre homens, ambos cobertos com sangue, pareciam belos como duas Kinsukas florescentes na primavera matizadas com flores. Então, ó rei, inflamado com ira e empregando sua destreza na chefia de sua divisão, Drona mais uma vez cortou o arco do filho de Drupada. E então aquele herói de alma incomensurável cobriu aquele guerreiro cujo arco estava cortado, com incontáveis flechas retas como as nuvens derramando chuva em uma montanha. E ele também derrubou o quadrigário de seu inimigo de seu nicho no carro. E seus quatro corcéis, também, com quatro flechas afiadas, Drona derrubou naquele combate e deu um rugido leonino. E com outra flecha ele cortou a proteção de couro que envolvia a mão de Dhrishtadyumna. Seu arco cortado, privado de carro, seus corcéis mortos, e quadrigário derrubado, o príncipe de Panchala desceu de seu carro, maça na mão, mostrando grande coragem. Mas antes que ele pudesse descer de seu carro, ó Bharata, Drona com suas flechas cortou aquela maça em fragmentos. Esta façanha pareceu extraordinária para nós. E então o príncipe poderoso dos Panchalas de braços fortes, pegando um escudo belo e grande decorado com cem luas, e uma cimitarra grande de belo feitio, avançou impetuosamente pelo desejo de matar Drona, como um leão faminto na floresta em direção a um elefante enfurecido. Então esplêndida foi a bravura que nós vimos do filho de Bharadwaja, e sua habilidade (de mão) no uso de armas, como também a força de seus braços, ó Bharata, visto que, sozinho, ele

deteve o filho de Prishata com uma chuva de flechas. E embora possuidor de grande poder em batalha, ele não pode proceder mais adiante. E nós vimos o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna permanecendo onde ele estava e desviando aquelas nuvens de flechas com seu escudo, usando seus braços com grande destreza. Então o poderosamente armado Bhima dotado de grande força chegou lá rapidamente, desejoso de ajudar em batalha o filho de grande alma de Prishata. E ele perfurou Drona, ó rei, com sete flechas de ponta afiada, e rapidamente fez o filho de Prishata subir em outro carro. Então o rei Duryodhana instigou o soberano dos Kalingas, apoiado por uma grande divisão, para a proteção do filho de Bharadwaja. Então aquela terrível e imensa divisão dos Kalingas, ó soberano de homens, avançou contra Bhima por ordem de teu filho. E Drona então, aquele principal dos guerreiros em carros, abandonando o príncipe de Panchala, enfrentou Virata e Drupada juntos. E Dhrishtadyumna também procedeu para proteger o rei Yudhishthira em batalha. E então começou uma batalha violenta, de arrepiar os cabelos, entre os Kalingas e Bhima de grande alma, uma batalha que foi destrutiva da população, impressionante, e terrível."

54

Dhritarashtra disse, "Como o soberano dos Kalingas, aquele comandante de uma grande divisão, incitado por meu filho, e protegido por suas tropas, lutou em batalha com o poderoso Bhimasena de façanhas extraordinárias, aquele herói vagando sobre o campo de batalha com sua maça como a própria Morte com maça nas mãos?"

Sanjaya disse, "Assim incitado por teu filho, ó grande rei, o poderoso rei dos Kalingas, acompanhado por um grande exército avançou em direção ao carro de Bhima. E Bhimasena, então, ó Bharata, protegido pelos Chedis, avançou em direção àquele exército grande e poderoso dos Kalingas, abundando com carros, corcéis, e elefantes, e armado com armas poderosas, e avançando em direção a ele com Ketumat, o filho do rei dos Nishadas. E Srutayus também, excitado com fúria, envolvido em armadura, seguido por suas tropas em formação de combate, e acompanhado pelo rei Ketumat, chegou diante de Bhima em batalha. E o soberano dos Kalingas com muitos milhares de carros, e Ketumat com dez mil elefantes e os Nishadas cercaram Bhimasena, ó rei, por todos os lados. Então os Chedis, os Matsyas, e Karushas, com Bhimasena em sua dianteira, com muitos reis avançaram impetuosamente contra os Nishadas. E então começou a batalha, feroz e terrível, entre os guerreiros avançando uns nos outros pelo desejo de matar. E terrificante foi batalha que ocorreu repentinamente entre Bhima e seus inimigos, parecendo a batalha, ó grande rei, entre Indra e a hoste imensa dos filhos de Diti. E alto se tornou o barulho, ó Bharata, daquele exército poderoso lutando em batalha, que parecia o som do oceano ribombante. E os combatentes, ó rei, cortando uns aos outros, fizeram o campo inteiro parecer um crematório coberto com carne e sangue. E combatentes, impelidos pelo desejo de matança não podiam distinguir amigo de inimigo. E aqueles bravos guerreiros, incapazes de ser facilmente derrotados em batalha, começaram até a derrubar seus próprios

amigos. E terrível foi o conflito que ocorreu entre poucos e muitos, entre os Chedis (de um lado) e os Kalingas e os Nishadas, ó rei, (do outro). Mostrando sua coragem com todas as suas forças, os poderosos Chedis, abandonando Bhimasena, retrocederam, e quando os Chedis pararam de segui-lo, o filho de Pandu, enfrentando todos os Kalingas, não retrocedeu, dependendo da força de seus próprios braços. De fato, o poderoso Bhimasena não se moveu, mas do terraço de seu carro cobriu a divisão dos Kalingas com chuvas de flechas afiadas. Então aquele arqueiro poderoso, o rei dos Kalingas, e aquele guerreiro em carro, seu filho conhecido pelo nome de Sakradeva, começaram ambos a atingir o filho de Pandu com suas flechas. E o poderosamente armado Bhima, vibrando seu arco belo, e dependendo do poder de seus próprios braços, lutou com Kalinga; e Sakradeva, disparando naquela batalha flechas inumeráveis, matou os corcéis de Bhimasena com elas. E vendo aquele castigador de inimigos Bhimasena privado de seu carro, Sakradeva avançou nele, disparando flechas afiadas. E sobre Bhimasena, ó grande rei, o poderoso Sakradeva derramou torrentes de flechas como as nuvens depois do verão ter passado. Mas o poderoso Bhimasena, permanecendo sobre seu carro cujos corcéis tinham sido mortos, arremessou em Sakradeva uma maça feita do ferro mais duro. E morto por aquela maça, ó rei, o filho do soberano dos Kalingas, de seu carro, caiu no chão, com seu estandarte e quadrigário. Então aquele poderoso guerreiro em carro, o rei dos Kalingas, vendo seu próprio filho morto, cercou Bhima por todos os lados com muitos milhares de carros. Então o poderosamente armado Bhima dotado de grande força, abandonando a maça, pegou uma cimitarra, desejoso de realizar um ato bravio. E aquele touro entre homens também pegou, ó rei, meias-luas feitas de ouro. E o soberano dos Kalingas também, estimulado pela ira, e friccionando a corda de seu arco, e pegando uma flecha terrível (mortal) como veneno de cobra, disparou-a em Bhimasena, desejoso como aquele monarca estava de matar (o Pandava). Aquela flecha afiada, assim atirada e correndo impetuosamente, Bhimasena, ó rei, cortou em duas com sua espada enorme. E cheio de alegria ele deu um grito alto, terrificando as tropas. E o soberano dos Kalingas, excitado com raiva naquele combate com Bhimasena, arremessou rapidamente nele catorze dardos fartados afiados em pedra. O filho de braços fortes de Pandu, no entanto, com aquela melhor das cimitarras, destemidamente cortou em fragmentos em um instante, ó rei, aqueles dardos enquanto percorriam o firmamento e antes que eles pudessem alcançá-lo. E tendo naquela batalha cortado (dessa maneira) aqueles catorze dardos Bhima, aquele touro entre homens, vendo Bhanumat, avançou nele. Bhanumat então cobriu Bhima com uma chuva de flechas, e deu um grito alto, fazendo o firmamento ressoar com ele. Bhima, no entanto, naquela batalha feroz, não pode tolerar aquele grito leonino. Ele mesmo dotado de uma voz alta, ele também gritou muito ruidosamente. E por causa daqueles gritos dele o exército dos Kalingas ficou cheio de temor. Naquela batalha eles não mais consideravam Bhima, ó touro entre homens, como um ser humano. Então, ó grande rei, tendo proferido um grito alto, Bhima, espada na mão, saltando impetuosamente sobre o elefante excelente (de Bhanumat) ajudado pelas presas do último, alcançou, ó senhor, as costas daquele príncipe dos elefantes, e com sua enorme espada cortou Bhanumat, dividindo-o ao meio. Aquele castigador de inimigos, então, tendo matado (dessa maneira) em batalha o príncipe dos Kalingas, em seguida

fez sua espada que era capaz de aguentar uma grande tensão descer sobre o pescoço daquele elefante. Sua cabeça cortada, aquele príncipe dos elefantes caiu com um rugido alto, como uma montanha cristada (cuja base é) destruída pelas violentas (ondas do) mar. E saltando, ó Bharata, daquele elefante que caía, o príncipe da família de Bharata, de espírito não desanimado, permaneceu sobre o solo, espada na mão e envolvido em armadura (como antes). E derrubando numerosos elefantes por todos os lados, ele vagou (pelo campo), fazendo muitos caminhos (para si mesmo). E então ele parecia ser como uma roda movente de fogo massacrando divisões inteiras de cavalaria, de elefantes, e carros, e grandes grupos de infantaria. E aquele senhor entre homens, o poderoso Bhima, era visto se mover sobre o campo com a energia do falcão, cortando rapidamente naquela batalha, com sua espada de gume afiado, seus corpos e cabeças, como também aqueles dos combatentes em elefantes. E combatente a pé, excitado com raiva, completamente sozinho, e como Yama na época da dissolução universal, ele infligiu terror em seus inimigos e confundiu aqueles bravos guerreiros. Somente aqueles que eram insensatos avançavam nele com gritos altos vagando naquela grande batalha com fúria, espada na mão. E aquele opressor de inimigos, dotado de grande força, cortando os varais e cangas de guerreiros em seus carros, matava aqueles guerreiros também. E Bhimasena era visto, ó Bharata, mostrar diversos tipos de movimentos lá. Ele se movia de forma circular, e rodopiava no alto, e, fazia ataques de lado, e pulava para a frente, e corria por cima, e saltava alto. E, ó Bharata, ele era também visto avançar para a frente e avançar para cima. E alguns mutilados pelo filho de grande alma de Pandu por meio de sua excelente espada gritavam alto, atingidos em seus órgãos vitais ou caíam privados de vida. E muitos elefantes, ó Bharata, alguns com trombas e as extremidades de suas presas cortadas, e outros tendo seus globos temporais abertos, privados de guias, matavam suas próprias tropas e caíam proferindo gritos altos. E lanças quebradas, ó rei, e as cabeças de guias de elefantes, e belas mantas de elefantes, e cordas brilhantes com ouro, e colares, e dardos e maças e aljavas, diversas espécies de máquinas, e arcos belos, flechas curtas com cabeças polidas, com ganchos e alavancas de ferro para guiar elefantes, sinos de formas diversas, e punhos enfeitados com ouro eram vistos por nós caindo ou (já) caídos junto com cavaleiros. E com elefantes (jazendo) tendo as partes dianteiras e partes traseiras de seus corpos e suas trombas cortadas, ou totalmente mortos, o campo parecia estar coberto com rochedos caídos. Aquele touro entre homens, tendo assim oprimido os elefantes enormes, em seguida oprimiu os corcéis também. E, ó Bharata, aquele herói também derrubou os principais soldados de cavalaria. E a batalha, ó majestade, que ocorreu entre ele e eles foi violenta ao extremo. E punhos e tirantes, e selas e cilhas resplandecentes com ouro, e cobertores para as costas de corcéis, e dardos farpados, e espadas caras, e cotas de malha, e escudos, e ornamentos belos, eram vistos por nós espalhados sobre o solo naquela grande batalha. E ele fez a terra ser coberta (com sangue) como se ela estivesse matizada com lírios. E o poderoso filho de Pandu, saltando alto e arrastando alguns guerreiros em carros com sua espada os derrubava junto com (seus) estandartes. Frequentemente saltando repentinamente ou avançando para todos os lados, aquele herói dotado de grande energia, vagando por muitas rotas, fez os combatentes ficarem assombrados. E alguns ele matou por meio de suas

pernas, e arrastando outros ele os pressionou para baixo sob a terra. E outros ele cortou com sua espada, e outros ele assustou com seus rugidos. E outros ele derrubou sobre o solo pela força de suas coxas (enquanto ele corria). E outros, vendo-o, fugiram aterrorizados. Foi assim que aquela vasta tropa dos Kalingas dotada de grande energia, cercando o terrível Bhimasena em batalha, avançou nele. Então, ó touro da raça Bharata, vendo Srutayush na chefia das tropas Kalinga, Bhimasena avançou nele. E vendo-o avançando o soberano dos Kalingas, de alma incomensurável, perfurou Bhimasena entre seus peitos com nove flechas. Atingido por aquelas flechas disparadas pelo soberano dos Kalingas, como um elefante perfurado pelo gancho, Bhimasena inflamou-se com fúria como fogo alimentado com combustível. Então Asoka, aquele melhor dos quadrigários, trazendo um carro ornamentado com ouro, fez Bhima subir sobre ele. E nisso aquele matador de inimigos, o filho de Kunti subiu rapidamente naquele carro. E então ele avançou no soberano dos Kalingas, dizendo, 'Espere, Espere'. E então o poderoso Srutayush excitado com cólera atirou em Bhima muitas flechas afiadas, mostrando sua agilidade de mão, e aquele guerreiro poderoso, Bhima, atingido violentamente com aquelas nove flechas afiadas disparadas por Kalinga de seu arco excelente, cedeu à grande ira, ó rei, como uma cobra atingida com uma vara. Então aquele principal dos homens poderosos, Bhima, o filho de Pritha, excitado com raiva e puxando seu arco com grande força, matou o soberano dos Kalingas com sete flechas feitas totalmente de ferro. E com duas flechas ele matou os dois fortes protetores das rodas de carro de Kalinga. E ele também despachou Satyadeva e Satya para a residência de Yama. De alma incomensurável, Bhima também, com muitas flechas afiadas e longas, fez Ketumat se dirigir para a residência de Yama. Então os Kshatriyas do país Kalinga, excitados com raiva e apoiados por muitos milhares de combatentes, enfrentaram o colérico Bhimasena em batalha. E armados com dardos e maças e cimitarras e lanças e espadas e machados de batalha, os Kalingas, ó rei, centenas sobre centenas cercaram Bhimasena. Desviando aquela chuva intensa de flechas, aquele guerreiro poderoso então pegou sua maça e pulou (de seu carro) com grande velocidade. E Bhima então despachou setecentos heróis para a residência de Yama. E aquele opressor de inimigos despachou, além disso, dois mil Kalingas para a região da morte. E aquele feito pareceu muito extraordinário. E foi dessa maneira que o heróico Bhima de bravura terrível repetidamente derrubou em batalha grandes grupos dos Kalingas. E elefantes privados pelo filho de Pandu, naquela batalha, de seus guias, e afligidos por flechas vagavam no campo, pisoteando suas próprias tropas e proferindo rugidos altos como massas de nuvens movidas pelo vento. Então Bhima de braços fortes, cimitarra na mão, e cheio de alegria, soprou sua concha de sonoridade terrível. E com aquele clangor ele fez os corações de todas as tropas Kalinga tremerem com medo. E, ó castigador de inimigos, todos os Kalingas pareciam ao mesmo tempo estar privados de sua razão. E todos os combatentes e todos os animais tremeram com terror. E por Bhimasena vagando naquela batalha por muitos caminhos ou avançando em todos os lados como um príncipe de elefantes, ou frequentemente saltando num ímpeto, um transe pareceu ser engendrado lá que privou seus inimigos de seus sentidos. E todo o exército (Kalinga) estremeceu com terror de Bhimasena, como um lago grande agitado por um jacaré. E tomados pelo pânico pelas realizações fenomenais de Bhima, todos

os combatentes Kalinga fugiram em todas as direções. Quando, no entanto, eles foram reagrupados novamente, o comandante do exército Pandava (Dhrishtadyumna), ó Bharata, ordenou suas próprias tropas, dizendo, 'Lutem'. Ouvindo as palavras de seu comandante, muitos líderes (do exército Pandava) encabeçados por Sikhandin se aproximaram de Bhima, apoiados por muitas divisões de carros habilidosas em atacar. E o filho de Pandu, o rei Yudhishthira o justo, seguiu todos eles com um grande exército de elefantes da cor das nuvens. E assim incitando todas as suas divisões, o filho de Prishata, circundado por muitos guerreiros excelentes, tomou sobre si mesmo a proteção de um dos flancos de Bhimasena. Não existe ninguém sobre a terra, exceto Bhima e Satyaki, que para o príncipe dos Panchalas seja mais querido do que sua própria vida. Aquele matador de heróis hostis, o filho de Prishata, viu Bhimasena de braços fortes, aquele matador de inimigos, vagando entre os Kalingas. Ele deu muitos gritos, ó rei, e estava cheio de deleite, ó castigador de inimigos. De fato, ele soprou sua concha em batalha e proferiu um rugido leonino. E Bhimasena também, vendo o estandarte vermelho de Dhrishtadyumna sobre seu carro enfeitado com ouro e ao qual estavam unidos corcéis brancos como pombos, ficou confortado. E Dhrishtadyumna de alma incomensurável, vendo Bhimasena combatido pelos Kalingas se apressou para a batalha para seu resgate. E ambos aqueles heróis, Dhrishtadyumna e Vrikodara, dotados de grande energia, vendo Satyaki a uma distância, enfrentaram furiosamente os Kalingas em batalha. E aquele touro entre homens, o neto de Sini, aquele principal dos guerreiros vitoriosos, avançando rapidamente para o local tomou o flanco de Bhima e do filho de Prishata. Arco na mão criando uma grande destruição lá e tornando-se violento ao extremo, ele começou a matar o inimigo em batalha. E Bhima fez fluir lá um rio de correnteza sangrenta, misturado com o sangue e carne dos guerreiros nascidos em Kalinga. E observando Bhimasena então, as tropas bradaram alto, ó rei, dizendo, 'Essa é a própria Morte que está lutando na forma de Bhima com os Kalingas.' Então o filho de Santanu Bhishma, ouvindo aqueles gritos em batalha, foi rapidamente em direção a Bhima, ele mesmo cercado por todos os lados por combatentes em exército. Nisso, Satyaki e Bhimasena e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata avançaram em direção àquele carro de Bhishma enfeitado com ouro. E todos cercando rapidamente o filho de Ganga em batalha, perfuraram Bhishma, cada um com três flechas terríveis, sem perderem um momento. Teu pai Devavrata, no entanto, em retorno perfurou cada um daqueles arqueiros poderosos lutando (em batalha) com três flechas retas. E detendo aqueles poderosos guerreiros em carros, com milhares de flechas ele matou com suas flechas os corcéis de Bhima enfeitados com armadura dourada. Bhima, no entanto, dotado de grande energia, permanecendo naquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, com grande violência arremessou um dardo no carro de Bhishma. Teu pai Devavrata então, naquela batalha, cortou aquele dardo em dois antes que ele pudesse alcançá-lo, e nisso (o dardo) caiu no chão. Então aquele touro entre homens, Bhimasena, pegando uma maça pesada e imensa feita de ferro Saikya saltou depressa de seu carro. E Dhrishtadyumna recebendo rapidamente aquele principal dos guerreiros em carros sobre seu próprio carro, levou para longe, na própria vista de todos os combatentes, aquele guerreiro renomado. E Satyaki então pelo desejo de fazer o que era agradável para Bhima

derrubou com sua flecha o quadrigário do venerável avô Kuru. Após seu quadrigário ser morto, aquele principal dos guerreiros em carros, Bhishma, foi levado para longe do campo de batalha por seus corcéis com a velocidade do vento. E quando aquele poderoso guerreiro em carro foi (assim) levado para longe do campo, Bhimasena então, ó monarca, resplandeceu como um fogo poderoso enquanto consumindo grama seca. E matando todos os Kalingas, ele permaneceu no meio das tropas, e ninguém, ó touro da raça Bharata, do teu lado ousava resistir a ele. E reverenciado pelos Panchalas e os Matsyas, ó touro da raça Bharata, ele abraçou Dhrishtadyumna e então se aproximou de Satyaki. E Satyaki, o tigre entre os Yadus, de bravura incapaz de ser frustrada, então alegrando Bhimasena, disse para ele, na presença de Dhrishtadyumna, (essas palavras), 'Por boa sorte o rei dos Kalingas, e Ketumat, o príncipe dos Kalingas, e Sakradeva também daquele país e todos os Kalingas foram mortos em batalha. Com o poder e destreza dos teus braços, por ti somente, foi esmagada a divisão realmente grande dos Kalingas que abundava com elefantes e corcéis e carros, e com guerreiros nobres, e combatentes heróicos.' Tendo dito isso, o neto de braços longos de Sini, aquele castigador de inimigos, subindo rapidamente em seu carro, abraçou o filho de Pandu. E então aquele poderoso guerreiro em carro, voltando para seu próprio carro, começou a massacrar tuas tropas excitado com raiva e fortalecendo (as mãos de) Bhima."

55

Sanjaya disse, "Quando a manhã daquele dia tinha passado, ó Bharata, e quando a destruição de carros, elefantes, corcéis, soldados de infantaria e soldados a cavalo prosseguia, o príncipe de Panchala se engajou em luta com esses três poderosos guerreiros em carros: o filho de Drona, Salya, e Kripa de grande alma. E o herdeiro poderoso do rei de Panchala com muitas flechas afiadas matou os corcéis do filho de Drona que era célebre por todo o mundo. Privado então de seus animais, o filho de Drona subindo rapidamente no carro de Salya derramou suas flechas sobre o herdeiro do rei Panchala. E vendo Dhrishtadyumna engajado em batalha com o filho de Drona, o filho de Subhadra, ó Bharata, se aproximou rapidamente espalhando suas flechas afiadas. E, ó touro da raça Bharata, ele perfurou Salya com vinte e cinco, e Kripa com nove flechas, e Aswatthaman com oito. O filho de Drona, no entanto, rapidamente perfurou o filho de Arjuna com muitas flechas aladas, e Salya o perfurou com doze, e Kripa com três flechas afiadas. Teu neto Lakshmana então, vendo o filho de Subhadra engajado em batalha, avançou nele, estimulado pela raiva. E começou a batalha entre eles. E o filho de Duryodhana, excitado com raiva, perfurou o filho de Subhadra com flechas afiadas naquele combate. E aquele (feito), ó rei, pareceu muito extraordinário. Abhimanyu de mãos ágeis então, ó touro da raça Bharata, excitado com raiva, rapidamente perfurou seu primo com quinhentas flechas. Lakshmana também, com suas flechas, então cortou a vara do arco (do seu primo) no meio, pelo que, ó monarca, todas as pessoas deram um grito alto. Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, deixando de lado aquele

arco quebrado, pegou outro que era belo e mais resistente. E nisso aqueles dois touros entre homens, assim engajados em combate e desejosos de neutralizar os feitos um do outro, perfuraram um ao outro com flechas afiadas. O rei Duryodhana então, ó monarca, vendo seu filho poderoso assim afligido por teu neto (Abhimanyu), procedeu para aquele local. E quando teu filho se dirigiu (para aquele local), todos os reis cercaram o filho de Arjuna por todos os lados com multidões de carros. Incapaz de ser derrotado em batalha e igual em coragem ao próprio Krishna, aquele herói, ó rei, assim cercado por aqueles heróis, não ficou agitado de modo algum. Então Dhananjaya, vendo o filho de Subhadra engajado em combate se apressou para aquele local, cheio de fúria, desejoso de resgatar seu próprio filho. Nisso os reis (do lado Kuru), encabeçados por Bhishma e Drona e com carros, elefantes e corcéis, avançaram violentamente em Savyasachin. Então um pó de terra espesso, erguido repentinamente por soldados de infantaria e corcéis e carros e soldados de cavalaria, cobrindo o céu apareceu à vista. E aqueles milhares de elefantes e centenas de reis, quando eles entraram dentro do alcance das flechas de Arjuna, foram todos incapazes de fazer qualquer avanço adicional. E todas as criaturas lá deram lamentos altos, e os pontos do horizonte ficaram escuros. E então a transgressão dos Kurus assumiu um aspecto selvagem e terrível com relação às suas consequências. Nem o céu, nem os pontos cardeais do horizonte nem a terra, nem o sol, podiam ser distinguidos, ó melhor dos homens, por causa das flechas disparadas por Kiritin. E muitos eram os elefantes lá privados dos estandartes (em suas costas), e muitos guerreiros em carros também, privados de seus corcéis. E alguns líderes de divisões de carros eram vistos vagando, tendo abandonado seus carros. E outros guerreiros em carros, desprovidos de seus carros, eram vistos vagar para lá e para cá, armas nas mãos e seus braços enfeitados com Angadas. E cavaleiros de corcéis abandonando seus corcéis e de elefantes abandonando seus elefantes por medo de Arjuna, ó rei, fugiam em todas as direções. E reis eram vistos derrubados ou caindo de carros e elefantes e corcéis pelas flechas de Arjuna. E Arjuna, assumindo uma expressão selvagem, cortava com suas flechas terríveis os braços erguidos de guerreiros, maças em punhos, e braços portando espadas, ó rei, ou dardos, ou aljavas, ou flechas, ou arcos, ou ganchos, ou estandartes, por todo o campo. E maças com pontas quebradas em fragmentos, e malhos, ó majestade, e dardos farpados, e flechas curtas, e espadas também, naquela batalha, e machados de batalha de gume afiado, e lanças, ó Bharata, e escudos quebrados em pedaços, e cotas de malha também, ó rei, e estandartes, e armas de todos os tipos jogadas fora e guarda-sóis providos de varas douradas, e ganchos de ferro também, ó Bharata, e esporas e chicotes, e tirantes também, ó majestade, eram vistos espalhados sobre o campo de batalha em pilhas. Não havia homem no teu exército, ó majestade, que pudesse avançar contra o heróico Arjuna em batalha. Quem quer que, ó rei, avançasse contra o filho de Pritha em batalha, perfurado por flechas afiadas era despachado para o outro mundo. Quando todos aqueles teus combatentes se dividiram e fugiram, Arjuna e Vasudeva sopraram suas conchas excelentes. Teu pai Devavrata então, vendo a hoste (Kuru) derrotada, dirigiu-se sorridente ao filho heróico de Bharadwaja na batalha e disse, 'Este poderoso e heróico filho de Pandu, Dhananjaya, acompanhado por Krishna, está lidando com (nossas) tropas visto que ele sozinho é competente para lidar com

elas. Ele é incapaz de ser vencido hoje em batalha de qualquer maneira, julgando por sua forma que nós vemos agora tão semelhante àquela do próprio Destruidor no fim do Yuga. Esta (nossa) hoste vasta além disso não pode ser reagrupada. Veja, olhando umas para as outras, nossas tropas estão fugindo. Lá o Sol, roubando de todas as maneiras a visão do mundo inteiro, está prestes a alcançar aquela melhor das montanhas chamadas Asta, (isto é, está prestes a se pôr). Por isso, ó touro entre homens, eu penso que chegou a hora para a retirada (do exército). Os guerreiros, que estão todos cansados e tomados pelo pânico, nunca lutarão.' Tendo dito isso para Drona, aquele melhor dos preceptores, Bhishma, aquele poderoso guerreiro em carro, fez teu exército ser retirado. E então quando o sol se pôs a retirada de ambos os exércitos ocorreu, ó majestade, e o crepúsculo começou."

56

Sanjaya disse, "Quando a noite tinha passado e a alvorada se aproximava, o filho de Santanu Bhishma, aquele castigador de inimigos, deu a ordem para o exército (Kuru) se preparar para a batalha. E o filho de Santanu, o velho avô Kuru, desejoso de vitória para teus filhos, formou aquela ordem de batalha poderosa conhecida pelo nome de Garuda. E no bico daquele Garuda estava o teu próprio pai Devavrata. E seus dois olhos eram o filho de Bharadwaja e Kritavarman da linhagem de Satwata. E aqueles guerreiros renomados, Aswatthaman e Kripa, apoiados pelos Trigartas, os Matsyas, os Kekayas, e os Vatadhanas, estavam em sua cabeça. E Bhurisravas e Sala, e Salya e Bhagadatta, ó majestade, e os Madrakas, os Sindhu-Souviras, e aqueles que eram chamados de Pancha-nodas, junto com Jayadratha, estavam posicionados em seu pescoço. E em suas costas estava o rei Duryodhana com todos os seus seguidores. E Vinda e Anuvinda de Avanti, e os Kamvojas com os Sakas, e os Surasenas, ó majestade, formavam seu rabo, ó grande rei. E os Magadhas e os Kalingas, com todas as tribos dos Daserakas, envolvidos em armadura, formavam a asa direita daquela formação de combate. E os Karushas, os Vikunjas, os Mundas, e os Kaundivrishas, com Vrithadvala estavam posicionados na asa esquerda. Então aquele castigador de inimigos, Savyasachin, contemplando a hoste disposta em formação de batalha, ajudado por Dhrishtadyumna dispôs suas tropas em formação de batalha contrária. E em oposição àquela tua ordem de batalha, o filho de Pandu formou aquela ordem de batalha ameaçadora em forma de meia-lua. E posicionado no chifre direito, Bhimasena brilhava cercado por reis de diversos países abundantemente armados com várias armas. Próximos a dele estavam aqueles poderosos guerreiros em carros Virata e Drupada; e ao lado deles estava Nila armado com armas envenenadas. E ao lado de Nila estava o poderoso guerreiro em carro Dhrishtaketu circundado pelos Chedis, os Kasis, os Karushas, e os Pauravas. E Dhrishtadyumna, e Sikhandin, com os Panchalas e os Prabhadrakas, apoiados por outras tropas, estavam posicionados no meio, ó Bharata, para lutar. E lá também estava o rei Yudhishthira o justo, cercado por sua divisão de elefantes. E ao lado dele estava Satyaki, ó rei, e os cinco filhos de Draupadi. E logo junto a eles estava Iravan. E próximo a ele estava o filho de Bhimasena

(Ghatotkacha) e aqueles poderosos guerreiros em carros, os Kekayas. E em seguida, no chifre esquerdo (daquela formação de combate), estava aquele melhor dos homens, isto é, ele que tinha como seu protetor Janardana, aquele protetor do Universo inteiro. Foi assim que os Pandavas formaram sua ordem de batalha contrária para a destruição de teus filhos e daqueles que estavam ao lado deles. Então começou a batalha entre tuas tropas e aquelas do inimigo atacando umas às outras, e na qual carros e elefantes se misturaram no estrépito do combate. Grandes números de elefantes e multidões de carros eram vistos em todos os lugares, ó rei, avançando em direção uns aos outros para propósitos de matança. E o estrépito de inúmeros carros se apressando (para se juntar ao combate), ou envolvidos em combate separadamente criou um tumulto alto, se misturando com a batida de baterias. E os gritos dos combatentes heróicos pertencentes ao teu exército e ao deles, ó Bharata, matando uns aos outros naquele confronto aterrador, alcançaram os próprios céus."

57

Sanjaya disse, "Depois que as tropas do teu exército e do deles tinham sido dispostas em formação de combate, aquele poderoso guerreiro em carro, Dhananjaya, derrubando naquele conflito líderes de divisões de carros com suas flechas, causou uma grande carnificina, ó Bharata, entre as tropas de carros. Os Dhartarashtras, (assim) massacrados em batalha pelo filho de Pritha, como o próprio Destruidor no fim do Yuga, ainda lutavam perseverantemente com os Pandavas. Desejosos de (ganhar) glória resplandecente e (determinados a) fazer da morte (o único motivo para) uma cessação da luta, com mentes não dirigidas para qualquer coisa mais, eles dividiram as tropas Pandava em muitos lugares e foram também eles mesmos divididos. Então as tropas Pandava e Kaurava se romperam, mudaram posições, e fugiram. Nada podia ser avistado. Um pó de terra se ergueu, encobrindo o próprio sol. E ninguém lá podia ser distinguido, nem as direções cardeais ou secundárias. E em todos os lugares a batalha devastava, ó rei, os combatentes sendo guiados pelas indicações fornecidas por cores, por senhas, nomes e distinções tribais. E a formação de combate dos Kauravas, ó rei, não podia ser rompida, devidamente protegida como ela era pelo filho de Bharadwaja, ó majestade. E da mesma maneira a formidável ordem de batalha do Pandava também, protegida por Savyasachin, e bem guardada por Bhima, não podia ser rompida. E os carros e elefantes em fileiras cerradas, ó rei, de ambos os exércitos, e outros combatentes, saindo de suas respectivas formações de batalha, se engajaram no combate. E naquela batalha feroz soldados de cavalaria derrubavam soldados de cavalaria com espadas polidas de gumes afiados e lanças longas. E guerreiros em carros, surpreendendo guerreiros em carros (ao alcance) naquele conflito violento, os derrubavam com flechas enfeitadas com asas douradas. E guias de elefantes, do teu lado e do deles, derrubavam grandes números de guias de elefantes em fileiras cerradas, com flechas de cabeça larga e setas e lanças. E grandes grupos de infantaria, inspirados com ira em direção uns aos outros, alegremente derrubavam combatentes de sua própria classe com flechas curtas e machados de batalha. E guerreiros em carros, ó rei, tendo guias

de elefantes (ao alcance) naquele conflito, os derrubavam junto com seus elefantes. E guias de elefantes similarmente derrubavam guerreiros em carros. E, ó touro da raça Bharata, o soldado da cavalaria com sua lança derrubava o guerreiro em carro naquele conflito, e o guerreiro em carro também derrubava o soldado de cavalaria. E em ambos os exércitos o soldado de infantaria derrubava o guerreiro em carro no combate, e o guerreiro em carro derrubava os soldados de infantaria, com armas afiadas. E guias de elefantes derrubaram cavaleiros, e cavaleiros derrubavam guerreiros nas costas de elefantes. E tudo isso parecia muito extraordinário. E aqui e ali soldados de infantaria eram derrubados por principais dos guias de elefantes, e guias de elefantes eram vistos serem derrubados pelos primeiros. E grupos de soldados de infantaria, às centenas e milhares, eram vistos serem derrubados por cavaleiros e cavaleiros por soldados de infantaria. E coberto com estandartes quebrados e arcos e lanças e mantas de elefantes, e cobertores caros e dardos farpados, e maças, e cassetetes providos de ferrões, e Kampanas, e dardos, e armaduras matizadas e Kunapas, e ganchos de ferro, e cimitarras polidas, e flechas providas de asas douradas, o campo, ó melhor da linhagem de Bharata, brilhava como se com coroas florais. E a terra, lodosa com carne e sangue, tornou-se intransitável com os corpos de homens e cavalos e elefantes mortos naquela batalha terrível. E encharcada com sangue humano, a poeira de terra desapareceu. E os pontos cardeais, por toda parte, tornaram-se perfeitamente claros, ó Bharata. E inúmeros troncos sem cabeça surgiam por toda parte indicando, ó Bharata, a destruição do mundo. E naquela batalha terrível e horrível, guerreiros em carros eram vistos fugindo em todas as direções. Então Bhishma e Drona, e Jayadratha, o soberano dos Sindhus e Purumitra, e Vikarna, e Sakuni o filho de Suvala, estes guerreiros invencíveis em batalha e possuidores de bravura leonina, permanecendo em batalha dividiram as tropas dos Pandavas. E assim Bhimasena e o Rakshasa Ghatotkacha, e Satyaki, e Chekitana, e os filhos de Draupadi, ó Bharata, apoiados por todos os reis (do lado deles), começaram a oprimir tuas tropas e teus filhos posicionados em batalha, como os deuses oprimindo os Danavas. E aqueles touros entre os Kshatriyas, atingindo uns aos outros em batalha, tornaram-se terríveis de se olhar e cobertos com sangue brilhavam como Kinsukas. E os principais guerreiros de ambos os exércitos, subjugando seus oponentes, pareciam, ó rei, com os corpos luminosos planetários no firmamento. Então teu filho Duryodhana, protegido por mil carros avançou para lutar com os Pandavas e o Rakshasa. E assim todos os Pandavas, com um grande grupo de combatentes avançaram em batalha contra aqueles castigadores de inimigos, os heróicos Bhishma e Drona. E o enfeitado com diadema (Arjuna) também, excitado com raiva avançou contra os principais dos reis. E o filho de Arjuna (Abhimanyu), e Satyaki, ambos avançaram contra as forças armadas do filho de Suvala. E então começou mais uma vez uma batalha pavorosa, de arrepiar os cabelos, entre as tuas tropas e as do inimigo, ambas desejosas de subjugar uma à outra."

58

Sanjaya disse, "Então aqueles reis, estimulados pela raiva, vendo Phalguni em batalha o cercaram por todos os lados com muitos milhares de carros. E tendo, ó Bharata o cercado com uma divisão numerosa de carros, eles o encobriram de todos os lados com muitos milhares de flechas. E lanças brilhantes de pontas afiadas, e maças, e cassetetes providos de ferrões, e dardos farpados e machados de batalha, e malhos e clavas eles arremessaram no carro de Phalguni, agitados pela ira. E aquela chuva de armas se aproximando (em direção a ele) como um bando de gafanhotos, o filho de Pritha deteve em todos os lados com suas flechas enfeitadas com ouro. E vendo lá naquela ocasião a agilidade sobre-humana de mão que Vibhatsu possuía, os deuses, os Danavas, os Gandharvas, os Pisachas, os Uragas e os Rakshasas elogiaram Phalguni, ó rei, dizendo, 'Excelente, Excelente.' E os Gandharvas heróicos junto com o filho de Suvala com uma grande tropa cercaram Satyaki e Abhimanyu. Então os bravos guerreiros liderados pelo filho de Suvala de raiva cortaram em pedaços o carro excelente do herói Vrishni, com armas de diversas espécies. E no decorrer daquele conflito selvagem, Satyaki, abandonando aquele seu carro, subiu rapidamente no carro de Abhimanyu, ó castigador de inimigos. E aqueles dois, sobre o mesmo carro, então começaram a massacrar rapidamente o exército do filho de Suvala com flechas retas de pontas afiadas. E Drona e Bhishma, lutando firmemente em batalha, começaram a massacrar a divisão do rei Yudhishthira o justo, com flechas afiadas equipadas com as penas da ave Kanka. Então o filho de Dharma e os dois outros filhos de Pandu com Madri, na própria vista de todo o exército, começaram a oprimir a divisão de Drona. E a batalha que ocorreu lá foi violenta e impressionante, de arrepiar os cabelos, como a terrível batalha que ocorreu entre os deuses e os Asuras nos tempos antigos. E Bhimasena e Ghatotkacha ambos realizaram feitos poderosos. Então Duryodhana, se aproximando, deteve ambos. E a bravura que nós então vimos do filho de Hidimva foi muito extraordinária, tanto que ele lutou em batalha, ó Bharata, superando seu próprio pai. E Bhimasena, o filho de Pandu, excitado pela ira, perfurou o vingativo Duryodhana no peito, com uma flecha, enquanto sorria. Então o rei Duryodhana, afligido pela violência daquele golpe sentou-se na plataforma de seu carro e desmaiou. E seu quadrigário então, vendo ele sem sentidos, levou-o rapidamente para longe, ó rei, da batalha. E então as tropas que apoiavam Duryodhana se dividiram e fugiram. E nisso Bhima, atingindo o exército Kuru assim fugindo em todas as direções, com flechas de pontas afiadas, o perseguiu. E o filho de Prishata (Dhrishtadyumna), aquele principal dos guerreiros, e o filho de Pandu o rei Yudhishthira, o justo, na própria visão, ó Bharata, de Drona e do filho de Ganga, massacraram seu exército com flechas afiadas capazes de matar tropas hostis. Aquela hoste do teu filho, assim fugindo em batalha, aqueles poderosos guerreiros em carros, Bhishma e Drona, eram incapazes de conter. Pois embora Bhishma e Drona de grande alma tentassem detê-la, aquela hoste fugiu na própria vista de Drona e Bhishma. E então quando (aqueles) milhares de guerreiros em carros fugiam em todas as direções, o filho de Subhadra e aquele touro da raça Sini, ambos posicionados no mesmo carro, começaram, ó castigador de inimigos, a massacrar o exército do

filho de Suvala em batalha. E o neto de Sini e aquele touro da raça Kuru pareciam resplandecentes como o sol e a lua quando juntos no firmamento depois da passagem da última lunação da quinzena escura. E então Arjuna também, ó rei, excitado com raiva derramou flechas sobre teu exército como as nuvens derramando chuva em torrentes. E o exército Kaurava, assim massacrado em batalha com as flechas de Partha, fugiu, tremendo em aflição e temor. E vendo o exército fugindo, os poderosos Bhishma e Drona, estimulados pela ira e ambos desejosos do bem-estar de Duryodhana procuraram detê-lo. Então o próprio rei Duryodhana, encorajando os combatentes, controlou aquele exército, que então fugia em todas as direções. E nisso todos os poderosos guerreiros em carros Kshatriya pararam, cada um no local onde ele viu teu filho. E então outros entre os soldados comuns, vendo-os parar, pararam por iniciativa própria, ó rei, por vergonha e desejo de mostrar sua coragem uns aos outros. E a fúria, ó rei, daquele exército assim reagrupado para a luta parecia aquela das ondas do mar no momento da elevação da lua. E o rei Duryodhana, vendo aquele seu exército reagrupado para a batalha, dirigiu-se rapidamente ao filho de Santanu Bhishma e disse estas palavras, 'Ó avô, escute o que eu digo, ó Bharata. Quando, ó filho de Kuru, tu estás vivo, e Drona, aquele principal dos homens familiarizados com armas, junto com seu filho e com todos os nossos outros amigos (está vivo), e quando aquele arqueiro poderoso Kripa também está vivo, eu não considero como crível em absoluto que meu exército fuja dessa maneira. Eu não considero os Pandavas como estando, de qualquer maneira, à tua altura ou de Drona, em batalha, ou do filho de Drona, ou de Kripa. Sem dúvida, ó avô, os filhos de Pandu estão sendo favorecidos por ti, visto que tu relevas, ó herói, esse massacre do meu exército. Tu deverias ter me dito, ó rei, antes dessa batalha ocorrer, que tu não lutarias com os Pandavas. Ouvindo tais palavras de ti, como também do preceptor, ó Bharata, eu então teria, com Karna, refletido sobre que rumo eu deveria seguir. Se eu não mereço ser abandonado por vocês dois em batalha, então, ó touros entre homens, lutem de acordo com a extensão de sua destreza.' Ouvindo estas palavras, Bhishma, dando risada repetidamente, e virando seus olhos para cima em fúria, disse para teu filho, 'Muitas vezes, ó rei, eu disse para ti palavras dignas de tua aceitação e repletas de teu benefício. Os Pandavas não podem ser vencidos em batalha pelos próprios deuses com Vasava entre eles. Aquilo, no entanto, que minha pessoa idosa é capaz de fazer, eu farei à extensão de meu poder, ó melhor dos reis, nessa batalha. Testemunhe isto agora com teus parentes. Hoje, na própria vista de todos, sozinho eu deterei os filhos de Pandu na chefia de suas tropas e com todos os seus parentes.' Assim endereçado por Bhishma, teu filho, ó rei, cheio de alegria, fez conchas serem sopradas e tambores serem batidos. E os Pandavas também, ó rei, ouvindo aquele barulho alto, sopraram suas conchas, e fizeram suas baterias e pratos serem tocados."

59

Dhritarashtra disse, "Depois que aquele voto terrível tinha sido feito em batalha por Bhishma enfurecido pelas palavras de meu filho, o que, ó Sanjaya, Bhishma

fez para os filhos de Pandu ou o que os Panchalas fizeram para o avô? Conte tudo isso para mim, ó Sanjaya."

Sanjaya disse, "Depois que a manhã daquele dia, ó Bharata, tinha passado, e o sol em seu rumo para o oeste tinha percorrido uma parte de seu caminho, e depois que os Pandavas de grande alma tinham obtido a vitória, teu pai Devavrata, familiarizado com a distinção de todos os códigos de moralidade, avançou levado pelos corcéis mais velozes em direção ao exército dos Pandavas, protegido por uma grande tropa e por todos os teus filhos. Então, ó Bharata, por consequência de tua política pecaminosa, começou uma batalha terrível, de arrepiar os cabelos, entre nós mesmos e os Pandavas. E a vibração de arcos, a batida de cordas de arcos contra as proteções de couro (que envolvem as mãos do arqueiro), se misturando, fizeram um barulho alto parecendo aquele de colinas se partindo. 'Pare', 'Eu estou aqui', 'Identifique esse', 'Volte', 'Resista', 'Eu espero por ti', 'Ataque', essas eram as palavras ouvidas em todos os lugares. E o som de cotas de malha feitas de ouro caindo, de coroas e diademas, e de estandartes parecia o som de pedras caindo em um solo pedregoso. E cabeças, e braços enfeitados com ornamentos, caindo às centenas e milhares sobre o solo moviam-se em convulsões. E alguns bravos combatentes, com cabeças cortadas de seus troncos, continuavam com armas em punho ou armados com arco esticado. E um rio terrível de sangue começou a fluir lá, de correnteza violenta, lodoso com carne e sangue, e com os corpos de elefantes (mortos) como suas rochas (sub-aquáticas). Fluindo dos corpos de corcéis, homens, e elefantes, e agradável para urubus e chacais, ele corria em direção ao oceano representado pelo próximo mundo. Uma batalha tal como essa, ó rei, a qual (então) teve lugar entre teus filhos, ó Bharata, e os Pandavas, nunca foi vista ou ouvida antes. E por causa dos corpos de combatentes mortos naquele conflito, carros não podiam fazer seu caminho. E o campo de batalha por causa dos corpos de elefantes mortos parecia estar coberto com topos azuis de colinas. E o campo de batalha, coberto com armaduras matizadas e turbantes, ó majestade, parecia belo como o firmamento outonal. E alguns combatentes eram vistos que, embora severamente feridos, ainda avançavam alegremente e orgulhosamente sobre o inimigo em batalha. E muitos, caídos no campo de batalha, gritavam alto, dizendo, 'Ó pai, ó irmão, ó amigo, ó parente, ó companheiro, ó tio materno, não me abandonem!' E outros gritavam alto, dizendo, 'Venha! Venha aqui! Por que tu estás assustado? Aonde tu vais? Eu continuo em batalha, não tenha medo.' E naquele combate Bhishma, o filho de Santanu, com arco incessantemente puxado a um círculo, disparava flechas de pontas ardentes, parecendo cobras de veneno virulento. E atirando linhas contínuas de flechas em todas as direções, aquele herói de votos rígidos atingiu os guerreiros em carros Pandava nomeando cada um antes, ó Bharata. E mostrando sua extrema agilidade de mãos, e dançando (por assim dizer) ao longo do caminho de seu carro, ele parecia, ó rei, estar presente em todos os lugares como um círculo de fogo. E pela agilidade de seus movimentos, os Pandavas naquela luta, junto com os Srinjayas, viram aquele herói, embora realmente sozinho, como multiplicado mil vezes. E todos lá consideraram Bhishma como tendo multiplicado a si mesmo por meio de ilusão. Tendo visto ele no leste, no momento seguinte eles o viram no oeste. E assim tendo visto ele no norte, no

momento seguinte eles o viam no sul. E o filho de Ganga era assim visto lutando naquela batalha. E não havia ninguém entre os Pandavas capaz mesmo de olhar para ele. O que eles todos viam era somente as inúmeras flechas disparadas de seu arco. E guerreiros heróicos, vendo-o realizar tais feitos em batalha, e massacrando suas tropas (dessa maneira), proferiram muitos lamentos. E reis aos milhares entraram em contato com teu pai, assim percorrendo o campo de uma maneira sobre-humana, e caíram sobre aquele fogo representado pelo enfurecido Bhishma como bandos de insetos inconscientes (sobre um fogo ardente) para sua própria destruição. Nem uma única flecha daquele guerreiro de mãos ágeis foi inútil, caindo sobre os corpos de homens, elefantes, e corcéis, por causa dos números (opostos a ele). Com uma única flecha reta disparada naquela batalha, ele despachou um único elefante como uma colina partida pelo raio. Dois ou três guias de elefante de uma vez, envolvidos em armadura e permanecendo juntos, teu pai perfurou com uma flecha de ponta afiada. Quem quer que se aproximasse de Bhishma, aquele tigre entre homens, em batalha, visto por um momento era em seguida visto cair no chão. E aquela hoste vasta do rei Yudhishthira o justo, assim massacrada por Bhishma de destreza incomparável, recuou em mil direções. E afligido por aquela chuva de flechas, o exército vasto começou a tremer na própria presença de Vasudeva e de Partha de grande alma. E embora os líderes heróicos do exército Pandava fizessem grandes esforços, contudo eles não podiam controlar a fuga (até) de grandes guerreiros em carros de seu lado atormentados pelas flechas de Bhishma. A destreza pela qual aquele exército vasto foi debandado era igual àquela do próprio chefe dos deuses. E aquele exército estava tão completamente desbaratado, ó grande rei, que duas pessoas não podiam ser vistas juntas. E carros e elefantes e cavalos estavam completamente perfurados, e estandartes e varais de carros estavam espalhados sobre o campo. E o exército dos filhos de Pandu proferiu gritos de ‘Oh’ e ‘Ai’, e ficou privado de razão. E o pai atingiu o filho e o filho atingiu o pai; e o amigo desafiou o mais querido dos amigos para lutar como se sob a influência do destino. E outros entre os combatentes do filho de Pandu eram vistos, ó Bharata, fugir, jogando de lado suas cotas de malha, e com cabelo despenteado. E o exército dos filhos de Pandu, lamentando alto, inclusive os próprios líderes de seus melhores guerreiros em carros, era visto estar tão confuso como um verdadeiro rebanho de gado. O alegrador dos Yadavas então, vendo aquele exército assim desbaratado, disse para Partha, parando aquele melhor dos carros (que ele guiava), estas palavras, 'Chegou a hora, ó Partha, a qual era desejada por ti. Ataque Bhishma, ó tigre entre homens, se não, tu perderás a razão. Ó herói, antigamente, no conclave de reis, tu disseste, 'Eu matarei todos os guerreiros dos filhos de Dhritarashtra, encabeçados por Bhishma e Drona, todos realmente, que lutarem comigo em batalha'. Ó filho de Kunti, ó castigador de inimigos, faça verdadeiras aquelas tuas palavras. Veja, ó Vibhatsu, este teu exército está sendo destroçado por todos os lados. Veja, os reis na hoste de Yudhishthira estão todos fugindo, vendo Bhishma em batalha, que parece com o próprio Destruidor com boca escancarada. Afligidos com medo, eles estão se furtando como os animais mais fracos à visão do leão.’ Assim endereçado, Dhananjaya respondeu para Vasudeva, dizendo, 'Mergulhando por este mar da hoste hostil, incite os corcéis para onde Bhishma está. Eu derrubarei aquele guerreiro invencível, o venerável avô Kuru'. Então Madhava incitou aqueles

corcéis de cor prateada para onde, ó rei, o carro de Bhishma estava, aquele carro o qual, como o próprio sol, era incapaz de ser fitado. E vendo o poderosamente armado Partha avançando para um confronto com Bhishma, o imenso exército de Yudhishthira se reagrupou para a batalha. Então Bhishma, aquele principal dos guerreiros entre os Kurus, rugindo repetidamente como um leão, rapidamente cobriu o carro de Dhananjaya com uma chuva de flechas. Num momento aquele carro dele, com estandarte e quadrigário, ficou invisível, encoberto por aquela chuva de flechas. Vasudeva, no entanto, dotado de grande força destemidamente e convocando toda sua paciência, começou a guiar aqueles corcéis mutilados pelas flechas de Bhishma. Então Partha, pegando seu arco celeste cuja vibração parecia o ribombar das nuvens fez o arco de Bhishma cair, cortando-o com flechas afiadas. O guerreiro Kuru, teu pai, vendo seu arco cortado, pegou outro e encordoou-o em um piscar de olhos. E ele esticou aquele arco cujo som parecia o rugido das nuvens, com suas duas mãos. Mas Arjuna, enfurecido, cortou aquele arco dele também. Então o filho de Santanu elogiou aquela agilidade de mão (mostrada por Arjuna), dizendo, 'Excelente, ó Partha, ó tu de braços fortes, excelente, ó filho de Pandu. Ó Dhananjaya, tal feito poderoso é, de fato, digno de ti. Eu estou satisfeito contigo. Lute duramente comigo, ó filho.' E tendo elogiado Partha dessa maneira, e pegando outro arco grande, aquele herói atirou suas flechas no carro de Partha. E Vasudeva então mostrou sua grande habilidade na condução da carruagem, pois ele frustrou aquelas flechas dele por guiar o carro em círculos rápidos. Então, ó majestade, Bhishma com grande força perfurou Vasudeva e Dhananjaya com flechas afiadas sobre seus corpos. E mutilados por aquelas flechas de Bhishma, aqueles dois tigres entre homens pareciam com dois touros rugindo com arranhões de chifres em seus corpos. E novamente, estimulado pela raiva, Bhishma cobriu os dois Krishnas completamente com flechas às centenas e milhares. E com aquelas suas flechas afiadas, o enfurecido Bhishma fez ele da linhagem de Vrishni tremer. E rindo ruidosamente ele também fez Krishna se admirar. Então Krishna de braços fortes, observando a bravura de Bhishma em batalha como também a suavidade com a qual Arjuna lutava, e vendo que Bhishma estava criando incessantes chuvas de flechas naquele conflito e parecia com o próprio Sol que a tudo consome no meio dos dois exércitos, e notando além disso, que aquele herói estava matando os principais dos combatentes na hoste de Yudhishthira e causando uma destruição naquele exército como se a hora da dissolução tivesse chegado, o adorável Kesava, aquele matador de hostes, dotado de alma incomensurável, incapaz de tolerar o que ele via, pensou que o exército de Yudhishthira não poderia sobreviver àquele massacre. 'Em um único dia Bhishma pode matar todos os Daityas e os Danavas. Com quanta facilidade então ele pode matar em batalha os filhos de Pandu com todas as suas tropas e seguidores? O exército vasto do filho ilustre de Pandu está fugindo outra vez. E os Kauravas também vendo os Somakas derrotados estão avançando para lutar alegremente, alegrando o avô. Envolvido em armadura, eu mesmo matarei Bhishma hoje por causa dos Pandavas. Esta carga dos Pandavas de grande alma eu aliviarei. Com relação a Arjuna, embora atingido em batalha com flechas afiadas, ele não sabe o que ele deve fazer, por respeito por Bhishma', e enquanto Krishna estava refletindo dessa maneira o avô, excitado com cólera, disparou novamente suas flechas no carro de Partha. E pelo grande número

daquelas flechas todos os pontos do horizonte ficaram totalmente encobertos. E nem o firmamento nem os quadrantes nem a terra nem o próprio sol de raios brilhantes podiam ser vistos. E os ventos que sopraram pareciam estar misturados com fumaça, e todos os pontos do horizonte pareciam estar agitados. E Drona, e Vikarna, e Jayadratha, e Bhurisrava, e Kritavarman, e Kripa, e Srutayush e o soberano dos Amvashtas e Vinda e Anuvinda, Sudakshina e os habitantes do oeste, e as diversas tribos de Sauviras, os Vasatis, e os Kshudrakas, e os Malavas, todos esses, por ordem do filho real de Santanu, se aproximaram rapidamente de Kiritin para lutar. E o neto de Sini viu que Kiritin estava cercado por muitas centenas de cavalos, e infantaria, e carros, e elefantes imensos. E vendo Vasudeva e Arjuna assim cercados por infantaria e elefantes e cavalos e carros por todos os lados, aquele principal de todos os portadores de armas, isto é, o chefe dos Sinis, procedeu rapidamente para aquele local. E aquele principal dos arqueiros, o chefe dos Sinis, avançando rapidamente naquelas tropas chegou ao lado de Arjuna como Vishnu chegando para auxiliar o matador de Vritra. E aquele principal guerreiro da linhagem de Sini disse alegremente para a hoste de Yudhishthira, todos os combatentes da qual estavam assustados por causa de Bhishma e cujos elefantes, corcéis, carros, e inúmeros estandartes tinham sido mutilados e quebrados em pedaços, e que estava fugindo do campo, essas palavras, 'Ó Kshatriyas, aonde vocês vão? Esse não é o dever dos virtuosos como é declarado pelos antigos. Ó principais dos heróis, não quebrem suas promessas. Cumpram seus próprios deveres como heróis.' Vendo que aqueles principais dos reis estavam fugindo juntos do campo de batalha, e notando a suavidade com a qual Partha lutava, e vendo também que Bhishma estava se esforçando muito poderosamente em batalha, e que os Kurus estavam avançando de todos os lados, o irmão mais novo de Vasava, o protetor de grande alma de todos os Dasarhas, incapaz de tolerar isso tudo dirigiu-se ao neto renomado de Sini, e elogiando-o disse, 'O herói da linhagem de Sini, aqueles que estão se retirando, estão, de fato, se retirando. Aqueles que ainda estão permanecendo, ó tu da linhagem Satwata, deixe eles também irem embora. Observe, eu logo derrubarei Bhishma de seu carro, e Drona também em batalha, com todos os seus seguidores. Não há ninguém na hoste Kuru, ó tu da tribo Satwata, que seja capaz de escapar de mim furioso. Portanto, pegando meu disco ardente, eu matarei Bhishma de votos superiores. E matando em batalha aqueles dois principais dos guerreiros em carros, isto é, Bhishma junto com seus seguidores e Drona também, ó neto de Sini, eu alegrarei Dhananjaya, e o rei, e Bhima, e os gêmeos Aswins. E matando todos os filhos de Dhritarashtra e todos aqueles principais dos reis que adotaram o lado deles, eu alegremente suprirei o rei Ajatasatru com um reino hoje.' Dizendo isso, o filho de Vasudeva, abandonando (as rédeas dos) corcéis, pulou do carro, girando com seu braço (direito) seu disco de nave bela com gume afiado como uma navalha, refulgente como o sol e possuidor de força igual àquela de mil raios do céu. E fazendo a terra tremer sob seu passo, Krishna de grande alma avançou impetuosamente em direção a Bhishma. E aquele opressor de inimigos, o irmão mais novo do chefe dos deuses, estimulado pela ira, avançou em direção a Bhishma que estava no meio de suas tropas, como um leão pelo desejo de matar um príncipe de elefantes cegado pela fúria e esperando orgulhosamente pelo ataque. E a extremidade de suas roupas amarelas

ondulando no ar parecia com uma nuvem carregada com relâmpago no céu. E aquele lótus de um disco chamado Sudarsana, tendo como seu caule o belo braço de Saurin, parecia tão belo quanto o lótus primordial, brilhante como o sol da manhã, o qual surgiu do umbigo de Narayana. E a ira de Krishna era o sol da manhã que fazia aquele lótus florescer. E as folhas belas daquele lótus eram tão afiadas como o fio de uma navalha. E o corpo de Krishna era o lago belo, e seu braço (direito) o caule emergindo dele, sobre o qual aquele lótus brilhava. E vendo o irmão mais novo de Mahendra, cheio de fúria e rugindo ruidosamente e armado com aquele disco, todas as criaturas deram um lamento alto, pensando que a destruição dos Kurus estava próxima. E armado com seu disco Vasudeva parecia com o fogo Samvarta que aparece no fim do Yuga para consumir o mundo. E o preceptor do universo resplandecia como um cometa ardente surgido para consumir todas as criaturas. E vendo aquele principal dos bípedes, aquela personalidade divina, avançando armado com o disco, o filho de Santanu posicionado em seu carro, arco e flechas na mão, disse destemidamente, 'Venha, venha, ó Senhor dos deuses, ó tu que tens o universo como tua residência. Eu te reverencio, ó tu que estás armado com maça, espada e Saranga. Ó senhor do universo, me derrube violentamente deste carro excelente, ó tu que és o refúgio de todas as criaturas nessa batalha. Morto aqui por ti, ó Krishna, grande será minha boa fortuna nesse mundo e no próximo. Grande é o respeito que tu me prestas, ó Senhor dos Vrishnis e dos Andhakas. Minha dignidade será celebrada nos três mundos.' Ouvindo essas palavras do filho de Santanu, Krishna avançando impetuosamente em direção a ele disse, 'Tu és a causa desse grande massacre sobre a terra. Tu verás Duryodhana morto hoje. Um ministro sábio que anda no caminho da justiça deve reprimir um rei que é viciado no mal do jogo. Aquele canalha além disso de sua raça que contraria o dever deve ser abandonado como alguém cuja inteligência foi mal orientada pelo destino.' O nobre Bhishma, ouvindo essas palavras, respondeu para o chefe dos Yadus, dizendo, 'O destino é todo poderoso. Os Yadus, para seu benefício, abandonaram Kansa. Eu disse isso para o rei (Dhritarashtra) mas ele não prestou atenção. O ouvinte que não tem benefício a receber se torna, para (sua própria) miséria, de inteligência pervertida por causa (da influência do destino).' Enquanto isso, pulando de seu carro, Partha, ele mesmo de braços massivos e compridos, correu rapidamente a pé atrás daquele principal da linhagem de Yadu possuidor de braços massivos e compridos, e agarrou-o com suas duas mãos. Aquele principal de todos os deuses dedicado em natureza, Krishna, estava excitado com raiva. E portanto, embora assim agarrado, Vishnu arrastou Jishnu violentamente atrás dele, como uma tempestade carregando uma árvore solitária. Partha de grande alma, no entanto, agarrando então com grande força suas pernas enquanto ele estava procedendo em um passo rápido em direção a Bhishma, conseguiu, ó rei, pará-lo com dificuldade no décimo passo. E quando Krishna parou, enfeitado como ele estava com uma guirlanda bela de ouro, alegremente se curvou a ele e disse, 'Abrande esta tua ira. Tu és o refúgio dos Pandavas, ó Kesava. Eu juro, ó Kesava, por meus filhos e irmãos que eu não recuarei das ações às quais eu me comprometi. Ó irmão mais novo de Indra, por tua ordem eu sem dúvida aniquilarei os Kurus.' Ouvindo aquela promessa e juramento dele, Janardana ficou satisfeito. E sempre empenhado como ele estava em fazer o que era agradável para Arjuna,

aquele melhor dos Kurus, ele subiu mais uma vez, disco no braço, em seu carro. E aquele matador de inimigos novamente pegou aquelas rédeas (que ele tinha abandonado), e pegando sua concha chamada Panchajanya, Saurin encheu todos os pontos do horizonte e o firmamento com seu clangor. E nisso vendo Krishna enfeitado com colar e Angada e brincos, com cílios curvados cobertos com pó, e com dentes de brancura perfeita, pegar mais uma vez sua concha os heróis Kuru proferiram um grito alto. E o som de pratos e baterias e timbales, e o estrépito de rodas de carros e o barulho de baterias menores, se misturando com aqueles gritos leoninos, partindo de todas as tropas dos Kurus, tornou-se um tumulto aterrador. E o som do Gandiva de Partha, parecendo o ribombar do trovão, encheu o firmamento e todos os quadrantes. E disparadas do arco do filho de Pandu, flechas brilhantes e ardentes procediam em todas as direções. Então o rei Kuru, com uma grande tropa, e com Bhishma e Bhurisravas também, flechas nas mãos, e parecendo um cometa surgido para consumir uma constelação, avançou contra ele. E Bhurisravas arremessou em Arjuna sete dardos equipados com asas de ouro, e Duryodhana uma lança de impetuosidade ardente, e Salya uma maça, e o filho de Santanu um dardo. Nisso, Arjuna, desviando com sete flechas os sete dardos, velozes como flechas, atirados por Bhurisravas, cortou com outra flecha de gume afiado a lança arremessada do braço de Duryodhana. E o dardo brilhante indo em direção a ele, refulgente como relâmpago, lançado pelo filho de Santanu, e a maça arremessada do braço do soberano dos Madras, aquele herói cortou com duas (outras) flechas. Então puxando com suas duas mãos e com grande força seu belo arco Gandiva de energia incomensurável, ele invocou com mantras apropriados a extraordinária e terrível arma Mahendra e a fez aparecer no céu. E com aquela arma poderosa produzindo profusas chuvas de flechas dotadas da refulgência do fogo ardente, aquele arqueiro poderoso e de grande alma, enfeitado com diadema e guirlanda de ouro, conteve a hoste Kaurava inteira. E aquelas flechas do arco de Partha, contando os braços, arcos, topos de estandartes, e carros, penetravam nos corpos dos reis e dos elefantes enormes e corcéis do inimigo. E enchendo as direções cardeais e secundárias com aquelas flechas afiadas e terríveis dele, o filho de Pritha enfeitado com diadema e guirlanda de ouro agitou os corações de seus inimigos por meio da vibração do Gandiva. E naquele tremendo duelo, o clangor de conchas e a batida de baterias e o estrépito profundo de carros foram todos silenciados pelo som do Gandiva. E averiguando que aquele som era do Gandiva, o rei Virata e outros heróis entre os homens, e o valente Drupada, o rei dos Panchalas, todos procederam para aquele local com corações não abatidos. E todos os teus combatentes ficaram, tomados pelo medo, cada um no local onde ele ouviu aquela vibração do Gandiva. E ninguém entre eles ousou proceder para aquele lugar de onde aquele som era ouvido. E naquela matança terrível de reis, combatentes heróicos foram mortos e guerreiros em carros com aqueles que guiavam seus carros. E elefantes com mantas resplandecentes de ouro e estandartes magníficos (em suas costas), afligidos por flechas de cabeças largas caindo sobre eles, caíam de repente, privados de vida e com seus corpos mutilados por Kiritin. E atingidos violentamente por Partha com suas flechas aladas de grande ímpeto e cabeças largas de gume e pontas afiadas, os estandartes de inúmeros reis posicionados nas cabeças de seus yantras e Indrajalas foram cortados. E grupos de infantaria e

guerreiros em carros, naquela batalha, e corcéis e elefantes, caíam rápido sobre o campo, seus membros paralisados, ou eles mesmos privados rapidamente de vida, atacados por Dhananjaya com aquelas flechas. E, ó rei, muitos foram os guerreiros que naquele conflito terrível tiveram suas armaduras e corpos atravessados por aquela arma poderosa que recebeu o nome de Indra. E com aquelas flechas terríveis e afiadas dele, Kiritin fez um rio medonho correr sobre o campo de batalha, tendo como suas águas o sangue fluindo dos corpos mutilados dos combatentes e tendo como sua espuma a gordura deles. E sua correnteza era larga e corria ferozmente. E os corpos de elefantes e corcéis despachados para o outro mundo formavam suas margens. E seu lodo consistia nas entranhas, na medula, e na carne de seres humanos, e prodigiosos Rakshasas formavam as (altas) árvores (localizadas em suas margens). E as coroas de cabeças humanas em profusão, cobertas com cabelo, formavam sua desordem (flutuante), e pilhas de corpos humanos, formando seus bancos de areia, faziam a correnteza fluir em mil direções. E as cotas de malha espalhadas por todos os lados formavam seus seixos duros. E suas margens eram infestadas por grande número de chacais e lobos e garças e urubus e multidões de Rakshasas, e bandos de hienas. E aqueles que estavam vivos viram aquele rio terrível de correnteza consistindo em gordura, medula, e sangue, causado pelas chuvas de flechas de Arjuna, aquela encarnação da crueldade (do homem), parecer com o grande Vaitarani (o fabuloso rio que separa esse mundo do seguinte). E vendo os principais guerreiros daquele exército dos Kurus assim mortos por Phalguni, os Chedis, os Panchalas, os Kurushas, os Matsyas, e todos os combatentes do lado Pandava, aqueles principais dos homens, se rejubilaram com a vitória, e juntos deram um grito alto para apavorar os guerreiros Kaurava. E eles proferiram aquele grito indicativo de vitória, vendo os principais combatentes do exército (Kuru), as próprias tropas protegidas por poderosos líderes de divisões, mortos dessa maneira por Kiritin, aquele terror de inimigos, que os apavorava como um leão assustando bandos de animais menores. E então o próprio portador do Gandiva, e Janardana ambos cheios de deleite proferiram rugidos altos. E os Kurus, com Bhishma, e Drona e Duryodhana e Valhika, muito mutilados pelas armas (de Arjuna), vendo o sol recolher seus raios, e vendo também aquela arma terrível e irresistível chamada pelo nome de Indra espalhar e fazendo (por assim dizer) o fim do Yuga aparecer, retiraram suas tropas para o descanso noturno. E aquele principal dos homens, Dhananjaya também, tendo realizado um grande feito e ganhando grande renome por oprimir seus inimigos, e vendo o sol assumir uma cor vermelha e o crepúsculo noturno se iniciar, e tendo completado seu trabalho, retirou-se com seus irmãos para o acampamento para descanso noturno. Então quando a escuridão estava prestes a se iniciar ergueu-se entre as tropas Kuru um grande e terrível tumulto. E todos disseram, 'Na batalha de hoje Arjuna matou dez mil guerreiros em carros, e setecentos elefantes ao todo. E todos os habitantes do oeste, e as diversas tribos dos Sauviras, e os Kshudrakas e os Malavas foram todos mortos. A façanha realizada por Dhananjaya é considerável. Ninguém mais é competente para realizar isso. Srutayush, o soberano dos Amvashtas, e Durmarshana, e Chitrasena, e Drona, e Kripa, e o soberano dos Sindhus, e Valhika, e Bhurisravas, e Salya, e Sala, ó rei, e outros guerreiros às centenas reunidos, junto com o próprio Bhishma, na batalha, pela destreza de seus próprios braços, foram hoje

vencidos pelo filho irado de Pritha, Kiritin, aquele poderoso guerreiro em carro único no mundo.' Falando dessa maneira, ó Bharata, todos os guerreiros do teu lado foram para suas tendas do campo de batalha. E todos os combatentes do exército Kuru assustados por Kiritin, então entraram em suas tendas iluminadas por milhares de tochas, e embelezadas por inúmeras lâmpadas."

60

Sanjaya disse, "Quando a noite passou, ó Bharata, Bhishma de grande alma, com fúria gerada, protegido por um grande exército, e posicionado na vanguarda do exército Bharata, procedeu contra o inimigo. E Drona e Duryodhana e Valhika, e também Durmarshana e Chitrasena, o poderoso Jayadratha, e outros guerreiros nobres, protegidos por grandes divisões o acompanhavam, cercando-o por todos lados. E circundado por aqueles guerreiros em carros formidáveis e poderosos dotados de grande coragem e energia, ó rei, ele brilhava, ó melhor dos monarcas, no meio daqueles principais dos guerreiros reais, como o chefe dos celestiais no meio dos deuses. E os magníficos estandartes nas costas dos elefantes posicionados na frente daquelas tropas, de cores diversas, isto é, vermelhos, amarelos, pretos e marrons, ondulando no ar, pareciam muito belos. E aquele exército com o filho nobre de Santanu e outros poderosos guerreiros em carros e com elefantes e corcéis, parecia resplandecente como uma massa de nuvens carregadas com relâmpago, ou como o firmamento, na estação das chuvas, com nuvens reunidas. E então o exército ameaçador dos Kurus, decidido a lutar e protegido pelo filho de Santanu, avançou impetuosamente em direção a Arjuna como a violenta correnteza do Ganga que vai para o oceano. Permeada por diversos tipos de tropas possuidoras de grande força, e tendo em suas alas elefantes, corcéis, infantaria, e carros em profusão, aquela formação de combate ele de grande alma (Arjuna), tendo o príncipe dos macacos em seu estandarte, observou de uma distância assemelhar-se a uma massa imensa de nuvens. Aquele herói de grande alma, aquele touro entre homens, sobre seu carro provido de estandarte alto e ao qual estavam unidos corcéis brancos, na chefia de sua (própria) divisão e cercado por um exército poderoso, procedeu contra todo o exército hostil. E todos os Kauravas com teus filhos, vendo aquele (guerreiro) de bandeira de macaco com seu estandarte excelente e belos varais de carro enrolados (em cobertura cara), acompanhado por aquele touro da raça Yadu, seu quadrigário em batalha, estavam cheios de desânimo. E teu exército contemplou aquela melhor das formações de batalha, que era protegida por aquele poderoso guerreiro em carro do mundo, Kiritin, com armas erguidas tendo em cada um de seus cantos quatro mil elefantes. Semelhante à ordem de batalha que tinha sido formada na véspera por aquele melhor dos Kurus, isto é, o rei Yudhishthira o justo, e igual à qual nunca tinha sido vista ou conhecida antes por seres humanos, era essa de hoje (que os Pandavas formaram). Então no campo de batalha milhares de baterias foram ruidosamente batidas, e lá ergueu-se de todas as divisões o alto clangor de conchas e as notas de trombetas e muitos gritos leoninos. Então (incontáveis) arcos de som alto, esticados por guerreiros heróicos com flechas

fixadas nas cordas de arcos, e o clangor de conchas, silenciaram aquele tumulto de baterias e pratos. E o firmamento inteiro cheio com aquele clangor de conchas estava coberto com um pó de terra que o tornava maravilhoso de se observar. E com aquela poeira o céu parecia como se um vasto dossel estivesse espalhado por cima. E contemplando aquele dossel os guerreiros valentes todos se apressaram impetuosamente (para lutar). E guerreiros em carros, atingidos por guerreiros em carros, eram derrubados com quadrigários, corcéis, carros, e estandartes. E elefantes, atingidos por elefantes, caíam, e soldados de infantaria atingidos por soldados de infantaria. E cavaleiros impetuosos, derrubados por cavaleiros impetuosos com lanças e espadas, caíam com expressões terríveis. E tudo isso parecia muito extraordinário. E escudos excelentes decorados com estrelas douradas e possuidores de refulgência solar, quebrados por (golpes de) machados de batalha, lanças e espadas caíam no campo. E muitos guerreiros em carro mutilados e machucados pelas presas e as trombas fortes de elefantes caíam com seus quadrigários. E muitos touros entre os guerreiros em carros atingidos por touros entre os guerreiros em carros com suas flechas, caíam no chão. E muitas pessoas ouvindo os lamentos de cavaleiros e soldados a pé atingidos pelas presas e outros membros de elefantes ou esmagados pelo ímpeto daquelas criaturas enormes que avançavam em fileiras cerradas, caíam no campo de batalha.

Então quando cavalaria e soldados de infantaria estavam caindo rápido, e elefantes e cavalos e carros estavam fugindo com medo, Bhishma, cercado por muitos poderosos guerreiros em carro, obteve visão dele que tinha o príncipe dos macacos em seu estandarte. E o guerreiro de estandarte de palmeira, o filho de Santanu, tendo cinco palmeiras em seu estandarte, então avançou contra o enfeitado com diadema (Arjuna) cujo carro, por causa da velocidade dos corcéis excelentes ligados a ele era dotado de energia fenomenal e que brilhava como o próprio relâmpago pela energia de suas armas poderosas. E assim contra aquele filho de Indra que era como o próprio Indra, avançaram muitos (outros) guerreiros encabeçados por Drona e Kripa e Salya e Vivinsati e Duryodhana e também o filho de Somadatta, ó rei. Então o heróico Abhimanyu, o filho de Arjuna, familiarizado com todas as armas e envolvido em uma cota de malha bela e dourada, saindo precipitadamente das tropas, procedeu rapidamente contra todos aqueles guerreiros. E aquele filho de Krishna de feitos incapazes de serem resistidos, frustrando as armas poderosas de todos aqueles guerreiros de grande força, parecia resplandecente como o adorável Agni, no altar sacrifical, de chamas ardentes, invocado com mantras sublimes. Então Bhishma de energia poderosa, criando naquela batalha um verdadeiro rio cujas águas eram o sangue de inimigos, e rapidamente evitando o filho de Subhadra, enfrentou aquele poderoso guerreiro em carro, o próprio Partha. Então Arjuna enfeitado com diadema e guirlandas com seu Gandiva de aparência admirável e som alto como o ribombar do trovão, disparando chuvas de flechas, desviou aquela chuva de armas poderosas (atirada por Bhishma). E aquele guerreiro de grande alma tendo o príncipe dos macacos em seu estandarte, de feitos incapazes de ser resistidos, então derramou em retorno sobre Bhishma, aquele melhor de todos os manejadores de arcos, uma chuva de flechas de gume afiado e flechas polidas de

cabeças largas. E assim tuas tropas também viram aquela chuva de armas poderosas disparada por ele que tinha o príncipe dos macacos em seu estandarte, resistida e dispersada por Bhishma como o criador do dia dissipando (a escuridão da noite). E os Kurus e os Srinjayas, e todas as pessoas lá, contemplaram aquele duelo entre aqueles dois principais dos homens, Bhishma e Dhananjaya, procedendo assim firmemente e assim distinguidos pela vibração terrível dos arcos de ambos."

61

Sanjaya disse, "E o filho de Drona, e Bhurisravas, e Chitrasena, ó majestade, e o filho de Samyamani também, todos lutaram com o filho de Subhadra. E enquanto lutando sozinho com cinco tigres entre os homens, as pessoas viram a ele possuidor de energia excelente, como um leão jovem lutando com cinco elefantes. E nenhum entre eles igualava o filho de Krishna em certeza de pontaria, em coragem, em destreza, em agilidade de mão ou em conhecimento de armas. E vendo seu filho, aquele castigador de inimigos lutando dessa maneira e mostrando sua bravura em batalha, Partha deu um rugido leonino. E vendo teu neto, ó rei, afligindo tua hoste dessa maneira, teus guerreiros, ó monarca, o cercaram por todos os lados. Então aquele batedor de inimigos, o filho de Subhadra, dependendo de sua destreza e força, avançou com ânimo não abatido contra a hoste Dhartarashtra. E enquanto lutando com o inimigo naquele conflito, seu arco poderoso dotado da refulgência do sol era visto por todos incessantemente esticado para atirar. E perfurando o filho de Drona com uma flecha, e Salya com cinco, ele derrubou o estandarte do filho de Samyamani com oito flechas. E com outra flecha de gume afiado ele cortou o dardo imenso de vara dourada, parecendo uma cobra, que foi arremessado nele pelo filho de Somadatta. E o herdeiro de Arjuna, desviando na própria vista de Salya suas centenas de flechas terríveis, matou seus quatro corcéis. Nisso Bhurisravas, e Salya, e o filho Drona e Samyamani, e Sala tomados pelo medo pela força de braços mostrada pelo filho de Krishna não podiam ficar diante dele. Então, ó grande rei, os Trigartas e os Madras, com os Kekayas, numerando vinte e cinco mil instigados por teu filho, todos os quais eram principais dos homens habilidosos na ciência de armas e que eram incapazes de ser derrotados por inimigos em batalha, cercaram Kiritin com seu filho para matar os dois. Então, ó rei, aquele subjugador de inimigos, o comandante do exército Pandava, o príncipe dos Panchalas, viu os carros do pai e do filho (assim) cercados (pelo inimigo). Apoiado por muitos milhares de elefantes e carros, e por centenas de milhares de cavalaria e infantaria, e esticando seu arco em grande fúria ele avançou contra aquela divisão dos Madras e dos Kekayas, ó castigador de inimigos, levando suas tropas com ele. E aquela divisão (do exército Pandava), protegida por aquele arqueiro renomado e firme, e consistindo em carros, elefantes, e cavalaria, parecia resplandecente conforme ela avançava para o combate. E enquanto procedendo em direção a Arjuna, aquele perpetuador da linhagem de Panchala atingiu o filho de Saradwat na junta de seu ombro com três flechas. E perfurando os Madrakas então com dez flechas afiadas, ele matou rapidamente o protetor da retaguarda de Kritavarman. E aquele

castigador de inimigos então, com uma flecha de cabeça larga, matou Damana, o herdeiro do Paurava de grande alma. Então o filho de Samyamani perfurou o príncipe Panchala incapaz de ser derrotado em batalha com dez flechas, e seu quadrigário também com dez flechas. Então aquele arqueiro poderoso, (assim) severamente perfurado, lambeu com sua língua os cantos de sua boca, e cortou o arco de seu inimigo com uma flecha de cabeça larga de corte excelente. E logo o príncipe de Panchala afligiu seu inimigo com vinte e cinco flechas, e então matou seus corcéis, ó rei, e então ambos os protetores de seus flancos. Então, ó touro da raça Bharata, o filho de Samyamani, permanecendo naquele carro cujos corcéis estavam mortos, olhou para o filho do renomado rei dos Panchalas. Então pegando uma cimitarra terrível do melhor tipo, feita de aço, o filho de Samyamani, andando a pé, se aproximou do filho de Drupada que estava em seu carro. E os Pandavas, soldados e Dhrishtadyumna também da linhagem de Prishata viram-no se aproximando como uma onda e parecendo uma cobra caída dos céus. E ele girava sua espada e parecia com o sol e avançava com o andar de um elefante enfurecido. O príncipe de Panchala então, excitado com raiva, pegando rapidamente uma maça, esmagou a cabeça do filho de Samyamani que avançava dessa maneira em direção a ele, cimitarra de gume afiado em punho e escudo na mão, logo que o último, tendo cruzado a distância de tiro, estava perto suficiente do carro de seu adversário. E então, ó rei, enquanto caindo privado de vida, sua cimitarra e escudos brilhantes, soltos de suas mãos, caíram com seu corpo no chão. E o filho de grande alma do rei Panchala, de bravura terrível, tendo matado seu inimigo com sua maça, ganhou grande renome. E quando aquele príncipe, aquele poderoso guerreiro em carro e grande arqueiro, tinha sido morto (dessa maneira), altos gritos de ‘Oh’ e ‘Ai’ ergueram-se entre tuas tropas, ó majestade. Então Samyamani, estimulado pela ira ao ver seu próprio filho morto, avançou furiosamente em direção ao príncipe de Panchala que não podia ser derrotado em batalha. E todos os reis de ambos os exércitos Kuru e Pandava viram aqueles dois príncipes e principais dos guerreiros em carros engajados em batalha. Então aquele matador de heróis hostis Samyamani, estimulado pela fúria, atingiu o filho de Prishata com três flechas como (o condutor de um elefante atingindo) um elefante imenso com ganchos. E assim Salya também, aquele ornamento de assembléias, excitado pela raiva, atingiu o filho heróico de Prishata em seu peito. E então começou (outra) batalha (lá)."

62

Dhritarashtra disse, "Eu considero o destino superior ao esforço, ó Sanjaya, visto que o exército de meu filho é constantemente massacrado pelo exército dos Pandavas. Tu sempre falas, ó suta, de minhas tropas como sendo massacradas, e tu sempre falas dos Pandavas como não mortos e alegres. De fato, ó Sanjaya, tu falas de minhas como privadas de coragem, derrotadas e caindo, e massacradas, embora elas estejam lutando com todas as suas forças e se esforçando duramente pela vitória. Tu sempre falas para mim dos Pandavas como obtendo vitória e dos meus como se tornando cada vez mais fracos. Ó filho, eu estou

ouvindo incessantemente sobre inúmeras causas de aflição insuportável e pungente por conta do ato de Duryodhana. Eu não vejo, ó Sanjaya, os meios pelos quais os Pandavas possam ser enfraquecidos e meus filhos possam obter a vitória em batalha.”

Sanjaya disse, "Esse grande mal procedeu de ti, ó rei. Ouça agora com paciência à grande matança de homens, elefantes, corcéis e guerreiros em carros. Dhrishtadyumna, afligido por Salya com nove flechas, afligiu em retorno o soberano de Madras com muitas flechas feitas de aço. E então nós vimos a destreza do filho de Prishata como muito extraordinária visto que ele deteve rapidamente Salya, aquele ornamento de assembléias. A batalha entre eles durou somente por um curto espaço de tempo. Enquanto engajados furiosamente em combate, ninguém viu nem um momento de descanso tomado por algum deles. Então, ó rei, Salya naquela batalha cortou o arco de Dhrishtadyumna com uma flecha de cabeça larga de gume afiado e têmpera excelente. E ele também o cobriu, ó Bharata, com uma chuva de flechas como nuvens carregadas de chuva derramando suas gotas no leito da montanha durante a estação das chuvas. E enquanto Dhrishtadyumna estava sendo assim afligido, Abhimanyu, excitado com ira, avançou impetuosamente em direção ao carro do soberano dos Madras. Então o colérico filho de Krishna, de alma incomensurável, obtendo o carro do soberano dos Madras (dentro da distância de tiro), perfurou Artayani com três flechas afiadas. (Salya é chamado de Artayani por causa do nome de seu pai.) Então os guerreiros do teu exército, ó rei, desejosos de se opor ao filho de Arjuna em batalha, cercaram rapidamente o carro do soberano de Madras. E Duryodhana, e Vikarna, e Dussasana, e Vivinsati e Durmarshana, e Dussala, e Chitrasena, e Durmukha, e Satyabrata, abençoado sejas tu, e Purumitra, ó Bharata, esses, protegendo o carro do soberano dos Madras, se posicionaram lá. Então Bhimasena, estimulado pela ira, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, e os cinco filhos de Draupadi, e Abhimanyu, e os gêmeos filhos de Madri e Pandu, esses dez resistiram àqueles dez guerreiros do exército Dhritarashtra disparando, ó rei, diversas espécies de armas. E eles se aproximaram e enfrentaram uns aos outros em batalha desejosos de matar uns aos outros, por consequência, ó rei, da tua má política. E quando aqueles dez guerreiros em carros, excitados com cólera, se envolveram em combate com os dez outros naquela batalha terrível, os outros guerreiros em carros do teu exército e do inimigo todos permaneceram como espectadores. E aqueles poderosos guerreiros em carros, disparando diversos tipos de armas e rugindo uns para os outros, atingiram uns aos outros ferozmente. Com cólera gerada em seus peitos, desejosos de matar uns aos outros, eles proferiram gritos selvagens, desafiando uns aos outros. E ciumentos uns dos outros, ó rei, aqueles parentes reunidos se enfrentaram colericamente, disparando armas poderosas. E admirável de dizer, Duryodhana, excitado com raiva, perfurou Dhrishtadyumna naquela luta com quatro flechas afiadas. E Durmarshana o perfurou com vinte, e Chitrasena com cinco, e Durmukha com nove, e Dussaha com sete, e Vivinsati com cinco, e Dussasana com três flechas. Então, ó grande rei, aquele opressor de inimigos, o filho de Prishata, perfurou cada um deles em retorno com vinte e cinco flechas, mostrando sua agilidade de mão. E Abhimanyu, ó Bharata, perfurou Satyavrata e Purumitra cada um com dez flechas. Então os

filhos de Madri, aqueles alegradores de sua mãe, cobriram seu tio com chuvas de flechas afiadas. E tudo isso parecia extraordinário. Então, ó monarca, Salya cobriu seus sobrinhos, aqueles dois principais dos guerreiros em carros desejosos de neutralizar os feitos de seu tio, com flechas, mas os filhos de Madri não vacilaram. Então o poderoso Bhimasena, o filho de Pandu, vendo Duryodhana e desejoso de terminar o conflito, pegou sua maça. E vendo Bhimasena de braços fortes com maça erguida e parecendo com o monte Kailasa cristado, teus filhos fugiram aterrorizados. Duryodhana, no entanto, excitado pela fúria, instigou a divisão Magadha consistindo em dez mil elefantes de grande energia. Acompanhado por aquela divisão de elefantes e colocando o soberano de Magadha à frente dele, o rei Duryodhana avançou em direção a Bhimasena. Observando aquela divisão de elefantes avançando em direção ele, Vrikodara, maça na mão, pulou de seu carro, proferindo um rugido alto como aquele de um leão. E armado com aquela maça imensa que era dotada de grande peso e força de diamante, ele avançou em direção àquela divisão de elefantes como o próprio Destruidor com boca escancarada. E o poderosamente armado Bhimasena dotado de grande força, matando elefantes com sua maça, vagou sobre o campo, como o matador de Vritra entre a hoste Danava. E com os gritos altos de Bhima que rugia, gritos que faziam a mente e o coração tremer de medo, os elefantes, se agachando cautelosamente, perdiam todo o poder de movimento. Então os filhos de Draupadi, e aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Subhadra, e Nakula e Sahadeva, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, protegendo a retaguarda de Bhima, avançaram atrás dele, detendo todos por espalhar suas chuvas de flechas como as verdadeiras nuvens derramando chuva no leito da montanha. E aqueles guerreiros Pandava cortavam as cabeças de seus inimigos que lutavam das costas de elefantes, com flechas bem temperadas e de gume afiado de formas diversas. (Essas eram Kshuras: flechas com cabeças como navalhas; kshurapras: flechas com cabeças de ferradura; bhallas: flechas de cabeça larga; e anjalikas: flechas com cabeças em forma de meia-lua.) E as cabeças (de guias de elefantes), e braços enfeitados com ornamentos, e mãos com ganchos de ferro em punho, caindo rápido, pareciam uma chuva de pedras. E os troncos sem cabeça de guias de elefantes sobre os pescoços dos animais que eles montavam, pareciam com árvores sem cabeça em topos de montanha. E nós vimos elefantes imensos derrubados e caindo, mortos por Dhrishtadyumna, o filho de grande alma de Prishata. Então o soberano dos Magadhas, naquela batalha, incitou seu elefante parecendo o próprio Airavata, em direção ao carro do filho de Subhadra. Vendo aquele elefante poderoso avançando em direção a ele, aquele matador de heróis hostis, o bravo filho de Subhadra, matou-o com uma única flecha. E quando o soberano dos Magadhas estava assim privado de seu elefante, aquele conquistador de cidades hostis, o filho de Krishna, então cortou a cabeça daquele rei com uma flecha de cabeça larga com asas de prata. E Bhimasena, o filho de Pandu, tendo penetrado naquela divisão de elefantes, começou a vagar pelo campo, esmagando aqueles animais em volta dele como o próprio Indra despedaçando as montanhas. E nós vimos elefantes mortos naquela batalha por Bhimasena, cada com um único golpe (de sua maça), como colinas partidas pelo raio. E muitos elefantes, enormes como colinas, estavam mortos lá, tendo suas presas ou têmporas quebradas, ou ossos, ou costas, ou globos frontais. E outros,

ó rei, privados de vida, jaziam lá com bocas espumando. E muitos elefantes poderosos, com globos frontais completamente esmagados, vomitavam grandes quantidades de sangue. E alguns, por medo, se deitavam no chão como (muitos) morros pequenos. E coberto com a gordura e sangue (de elefantes) e quase banhado em sua medula, Bhima vagava sobre o campo como o próprio Destruidor, maça na mão. E Vrikodara, girando aquela sua maça que estava molhada com o sangue de elefantes, tornou-se terrível e horrível de se olhar, como o manejador do Pinaka armado com o Pinaka (isto é, o destruidor universal armado com seu arco). E aqueles elefantes enormes, quando (assim) oprimidos pelo furioso Bhima, fugiam repentinamente, aflitos, esmagando tuas próprias tropas. E aqueles arqueiros poderosos e guerreiros em carros, encabeçados pelo filho de Subhadra (todo o tempo) protegiam aquele herói que lutava girando sua maça ensanguentada, molhada com o sangue de elefantes, como os celestiais protegendo o manejador do raio. De alma terrível, Bhimasena então parecia o próprio Destruidor. De fato, ó Bharata, aplicando sua força por todos os lados, maça nas mãos, nós vimos Bhimasena então parecendo com o próprio Sankara dançando (no fim do Yuga), e sua maça ameaçadora, pesada, e retumbante parecendo a maça de Yama e possuidora do som do raio de Indra. E aquela maça sangrenta dele, coberta com medula e cabelo, parecia (também) o Pinaka do enfurecido Rudra enquanto ele está empenhado em destruir todas as criaturas. Como um boiadeiro castiga seu rebanho com um aguilhão, assim Bhima castigou aquela divisão de elefantes com aquela maça dele. E enquanto eram assim massacrados por Bhima com sua maça e com flechas (por aqueles que protegiam a retaguarda dele), os elefantes corriam para todos os lados, esmagando os carros do teu próprio exército. Então afugentando aqueles elefantes do campo como um vento poderoso afastando massas de nuvens, Bhima permaneceu lá como o manejador do tridente em um crematório."

63

Sanjaya disse, "Quando aquela divisão de elefantes estava exterminada, teu filho Duryodhana incitou seu exército inteiro, mandando os guerreiros matarem Bhimasena. Então o exército inteiro por ordem de teu filho avançou em direção a Bhimasena que estava proferindo gritos ferozes. Aquela hoste vasta e ilimitada difícil de ser resistida pelos próprios deuses, incapaz de ser cruzada como o mar agitado no dia da lua cheia ou da lua nova, cheia de carros, elefantes, e corcéis, ressoando com o clangor de conchas e a batida de baterias, numerando incontáveis soldados de infantaria e guerreiros em carros, e encoberta pela poeira (erguida), aquele verdadeiro mar de tropas hostis incapaz de ser agitado, indo assim em direção a ele, Bhimasena deteve em batalha, ó rei, como a margem resistindo ao oceano. Aquela façanha, ó rei, que nós vimos, de Bhimasena o filho de grande alma de Pandu, foi muito extraordinária e sobre-humana. Com sua maça, ele deteve destemidamente todos aqueles reis que avançavam furiosamente em direção a ele, com seus corcéis e carros, e elefantes. Reprimindo aquela vasta tropa com maça, aquele principal dos homens poderosos, Bhima,

permaneceu naquela luta feroz, inalterável como a montanha Meru. E naquele combate terrível, violento, e impressionante seu irmão e filhos e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, e os filhos de Draupadi e Abhimanyu, e o invicto Sikhandin, esses guerreiros poderosos, não o abandonaram por medo. Pegando sua maça maciça e pesada feita de ferro Saika, ele avançou em direção aos guerreiros do teu exército como o próprio Destruidor, armado com sua maça. E prensando multidões de carros e multidões de cavaleiros no chão, Bhima vagava sobre o campo como o fogo no fim do Yuga. E o filho de Pandu de bravura infinita esmagando multidões de carros com o ímpeto de suas coxas e matando teus guerreiros em batalha, vagava como o próprio Destruidor no fim do Yuga. E ele começou a oprimir tuas tropas com a maior facilidade como um elefante esmagando uma mata de juncos. E arrastando guerreiros em carros de seus carros, e guerreiros lutando das costas de cavalos, e soldados de infantaria quando eles estavam no chão, no exército de teu filho, Bhimasena de braços fortes matava eles todos com sua maça como o vento quebrando árvores com sua força. E aquela maça dele, matando elefantes e corcéis, ficou coberta com gordura, medula, carne, e sangue, e parecia extremamente terrível. E com os corpos de homens e cavalos mortos jazendo espalhados por todos os lados, o campo de batalha mostrava a aparência da residência de Yama. E a maça terrível e massacrante de Bhimasena, parecendo com a maça ameaçadora da Morte e dotada da refulgência do raio de Indra, parecia com Pinaka do furioso Rudra enquanto destruindo criaturas vivas. De fato, aquela maça do filho de grande alma de Kunti, que estava matando todos em volta, parecia ferozmente resplandecente como a maça do próprio Destruidor na hora da dissolução universal. E vendo-o derrotando dessa maneira aquele exército grande repetidamente e avançando como a própria Morte, todos os guerreiros ficaram desanimados. Para onde quer que o filho de Pandu, erguendo sua maça, lançasse seus olhos, somente por causa de seu olhar, ó Bharata, todas as tropas lá pareciam se dissolver. Vendo Vrikodara de feitos terríveis assim desbaratando o exército e não subjugado nem mesmo por um exército tão grande e devorando a divisão (hostil) como o próprio Destruidor com boca escancarada, Bhishma foi rapidamente em direção a ele, em seu carro de refulgência solar e estrépito alto como aquele das nuvens, (cobrindo o firmamento) com suas chuvas de flechas como um dossel vaporoso carregado com chuva. Então Bhimasena de braços fortes, vendo Bhishma avançando dessa maneira como o próprio Destruidor com boca escancarada, avançou em direção a ele, estimulado pela ira. Naquele momento, aquele herói principal da linhagem de Sini, Satyaki de pontaria certeira, lançou-se sobre o avô, matando seus inimigos (ao longo do caminho) com seu arco firme e fazendo o exército de teu filho tremer. E todos os combatentes que pertenciam ao teu exército eram então, ó Bharata, incapazes de impedir o progresso daquele herói assim avançando com seus corcéis de cor prateada e espalhando suas flechas afiadas equipadas com belas asas. Naquele momento (somente) o Rakshasa Alamvusha conseguiu perfurá-lo com dez flechas. Mas perfurando Alamvusha em retorno com quatro flechas, o neto de Sini prosseguiu em seu carro. Observando aquele herói da linhagem de Vrishni avançando dessa maneira e rolando (por assim dizer) pelo próprio meio de seus inimigos, e detendo (enquanto ele prosseguia) os principais dos guerreiros Kuru, e repetidamente proferindo gritos altos naquela batalha, teus guerreiros

então como massas de nuvens derramando chuva em torrentes no leito da montanha, derramaram suas chuvas de flechas sobre ele. Eles foram, no entanto, incapazes de impedir o progresso daquele herói que parecia com o sol do meio-dia em sua glória. E não havia ninguém que não estivesse então desanimado, exceto o filho de Somadatta, ó rei, e Bhurisravas, o filho de Somadatta, ó Bharata, vendo os guerreiros em carros do seu próprio lado afugentados, avançou contra Satyaki pelo desejo de lutar, pegando seu arco de ímpeto feroz."

64

Sanjaya disse, "Então, ó rei, Bhurisravas, estimulado por grande ira, perfurou Satyaki com nove flechas como o condutor de um elefante perfurando um elefante com o gancho de ferro. Satyaki também, de alma incomensurável, na própria vista de todas as tropas, perfurou o guerreiro Kaurava com nove flechas. Então o rei Duryodhana, acompanhado por seus irmãos, cercou o filho de Somadatta que lutava assim em batalha. Similarmente os Pandavas também, de grande energia, rapidamente circundando Satyaki naquela batalha tomaram suas posições em volta dele. E Bhimasena, excitado com cólera, e com maça erguida, ó Bharata, enfrentou todos os teus filhos encabeçados por Duryodhana. Com muitos milhares de carros, e excitado com ira e disposição para vingança, teu filho Nandaka perfurou Bhimasena de grande poder com flechas de gume afiado e pontas afiadas em pedra e aladas com as penas da ave kanka. Então Duryodhana, ó rei, naquela grande batalha, estimulado pela raiva, atingiu Bhimasena no peito com nove flechas. Então o poderosamente armado Bhima de grande força subiu em seu próprio carro excelente e se dirigindo (a seu quadrigário) Visoka, disse, 'Esses heróicos e poderosos filhos de Dhritarashtra, todos grandes guerreiros em carros, estão extremamente zangados comigo e desejosos de me matar em batalha. Eu matarei todos eles hoje em tua visão, sem dúvida. Portanto, ó quadrigário, guie meus cavalos em batalha com cuidado.' Tendo dito isso, ó monarca, o filho de Pritha perfurou teu filho com flechas de pontas afiadas enfeitadas com ouro. E ele perfurou Nandaka em retorno com três flechas entre seus dois peitos. Então Duryodhana tendo perfurado o poderoso Bhima com seis flechas perfurou Visoka em retorno com três outras flechas afiadas. E Duryodhana, ó rei, como se sorrindo naquele momento, com três outras flechas afiadas cortou no punho o brilhante arco de Bhima naquela luta. Bhima então, aquele touro entre homens, vendo seu quadrigário Visoka afligido, naquele conflito, com flechas afiadas por teu filho armado com o arco, e incapaz de tolerar isso, sacou outro arco excelente, excitado com fúria, para a destruição de teu filho, ó monarca. E cheio de grande ira, ele também pegou uma flecha com cabeça de ferradura e equipada com asas excelentes. E com aquela (flecha) Bhima cortou o arco excelente do rei. Então teu filho, excitado até o mais alto pico da fúria, deixando aquele arco quebrado de lado, pegou rapidamente outro que era mais resistente. E mirando uma flecha terrível brilhante como a vara da Morte, o rei Kuru, excitado com raiva atingiu Bhimasena entre seus dois peitos. Profundamente perfurado com isso, e muito atormentado, ele sentou-se na plataforma de seu carro. E enquanto sentado na

plataforma de seu carro, ele desmaiou. Vendo Bhima assim debilitado, os ilustres e poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, encabeçados por Abhimanyu não puderam tolerar isso. E aqueles guerreiros então, com grande constância, derramaram sobre a cabeça de teus filhos uma torrente grossa de flechas ardentes. Então o poderoso Bhimasena, recuperando os sentidos, perfurou Duryodhana inicialmente com aquelas flechas e então com cinco. E aquele guerreiro poderoso, o filho de Pandu, então perfurou Salya com vinte e cinco flechas providas de asas douradas. E perfurado por elas, Salya foi levado para longe da batalha. Então teus catorze filhos, isto é, Senapati, Sushena, Jalasandha, Sulochana, Ugra, Bhimaratha, Bhima, Viravahu, Aolupa, Durmukha, Dushpradarsha, Vivitsu, Vikata, e Sama, então enfrentaram Bhimasena em batalha. Juntos eles avançaram contra Bhimasena, e com olhos vermelhos de raiva, derramando flechas incontáveis, eles o perfuraram profundamente. Então o heróico e poderoso Bhimasena de braços fortes, vendo teus filhos, lambendo os cantos de sua boca como um lobo no meio de criaturas menores, lançou-se sobre eles com a impetuosidade de Garuda. E o filho de Pandu então cortou a cabeça de Senapati com uma flecha de cabeça de ferradura. E com alma deleitada e dando risada, aquele guerreiro de braços fortes, perfurando Jalasandha com três flechas, despachou-o para a residência de Yama. E em seguida, atingindo Sushena, ele o enviou para a presença da própria Morte. E com uma única flecha de cabeça larga ele derrubou no chão a cabeça, bela como a lua, de Ugra, enfeitada com turbante e adornada com brincos. E naquela batalha, o filho de Pandu Bhima, com setenta flechas, despachou Viravahu para o outro mundo com seus corcéis e estandarte e quadrigário. E sorrindo, ó rei, Bhimasena rapidamente despachou ambos os irmãos Bhima e Bhimaratha também para a residência de Yama. E então naquela grande batalha na própria vista de todas as tropas, com uma flecha de cabeça de ferradura Bhima despachou Sulochana também para o domínio da Morte. Então o restante de teus filhos que estavam lá, ó rei, vendo a bravura de Bhimasena e enquanto estavam sendo assim atacados por aquele guerreiro ilustre, todos fugiram da batalha por medo de Bhima. Então o filho de Santanu, dirigindo-se a todos os poderosos guerreiros em carros (de seu exército) disse, 'Aquele arqueiro feroz, Bhima, excitado com cólera em batalha, está matando os poderosos filhos de Dhritarashtra e outros heróicos guerreiros em carros reunidos, qualquer que seja seu conhecimento de armas, e qualquer que seja sua bravura. Portanto, apanhem vocês todos o filho de Pandu'. Assim endereçadas, todas as tropas do exército Dhritarashtra, estimuladas pela raiva, avançaram em direção a Bhimasena dotado de grande poder. E Bhagadatta, ó rei, em seu elefante de têmporas fendidas, avançou repentinamente para onde Bhimasena estava posicionado. E (indo) para lá para o combate, ele cobriu Bhima com suas flechas afiadas em pedra de maneira a fazê-lo totalmente invisível, como nuvens cobrindo o sol. Aqueles poderosos guerreiros em carros, no entanto, (do exército Pandava), confiando na destreza de seus próprios braços, não puderam tolerar aquele encobrimento de Bhima (com a chuva de flechas de Bhagadatta). Eles, portanto, cercando Bhagadatta por todos os lados, derramaram sobre ele suas torrentes de flechas. E eles perfuraram seu elefante também com chuvas de flechas. E atingido por todos aqueles poderosos guerreiros em carros com chuvas de flechas ardentes de diversos tipos aquele elefante, ó rei, do

soberano dos Pragjyotishas com sangue escorrendo em seu corpo, tornou-se belo de se olhar no campo de batalha como uma massa de nuvens tingida com os raios do sol. E aquele elefante com suco temporal escorrendo incitado por Bhagadatta, como o Destruidor, correu com o dobro de sua velocidade anterior, sacudindo a própria terra com seu passo. Então todos aqueles poderosos guerreiros em carros, vendo aquela aparência terrível do animal, e considerando-o irresistível, ficaram desanimados. Então o rei Bhagadatta, aquele tigre entre homens, excitado com raiva, atingiu Bhimasena no meio de seus dois peitos com uma flecha reta. Profundamente perfurado pelo rei com aquela flecha, aquele arqueiro formidável e poderoso guerreiro em carro, com membros desprovidos de sensação por consequência de um desmaio, sentou-se em seu carro, segurando seu mastro de bandeira. E contemplando aqueles poderosos guerreiros em carros apavorados e Bhimasena desmaiado, Bhagadatta de grande bravura proferiu um rugido alto. Então, ó rei, aquele terrível Rakshasa Ghatotkacha, vendo Bhima naquele estado, ficou furioso e imediatamente desapareceu de vista. E criando uma ilusão terrível aumentando os temores dos medrosos, ele reapareceu em um momento assumindo uma forma feroz. Ele mesmo sobre um Airavata criado por seus poderes de ilusão, os outros Dik-Elefantes, isto é, Anjana, Vamana, e Mahapadma de glória resplandecente, o seguiam. E aqueles três elefantes poderosos, guiados por Rakshasas, eram de forma enorme, com suco escorrendo profusamente em três linhas, e dotados de grande velocidade e bravura. Então Ghatotkacha incitou seu próprio elefante para a batalha, desejoso, ó castigador de inimigos, de matar Bhagadatta com seu elefante. E aqueles outros elefantes, excitados com fúria e cada um dotado de quatro presas, incitados por Rakshasas de grande força, se lançaram de todos os lados sobre o elefante de Bhagadatta e o afligiram com suas presas. E o elefante de Bhagadatta, assim afligido por aqueles elefantes, (já) atingido por flechas e sentindo grande dor, proferiu gritos altos que pareciam o raio de Indra. E ouvindo aqueles gritos terríveis e altos daquele elefante que rugia, Bhishma, se dirigindo a Drona, Suyodhana e todos os reis, disse, 'O poderoso arqueiro Bhagadatta está lutando com o filho de alma pecaminosa de Hidimva, e está em grande perigo. Aquele Rakshasa é de forma enorme, e o rei também é muito colérico. Envolvidos em combate, eles sem dúvida causarão a morte um do outro. Gritos altos são também ouvidos dos Pandavas regozijantes, e os gritos de agonia do elefante apavorado (do rei Bhagadatta). Abençoados sejam vocês, vamos nós todos lá salvar o rei, pois, se deixado desprotegido, em batalha, ele logo abandonará sua vida. Ó guerreiros de grande energia, façam como eu ordeno, agora mesmo. Ó impecáveis, não demorem. O combate se intensifica e se torna violento, de arrepiar os cabelos. Aquele comandante de uma divisão é nobre de nascimento, dotado de grande coragem, e dedicado a nós. Ó guerreiros de glória imperecível, é adequado que seu resgate seja efetuado por nós.' Ouvindo estas palavras de Bhishma, todos os reis (do exército Kuru), encabeçados pelo filho de Bharadwaja, desejosos de resgatar Bhagadatta, procederam com grande velocidade para onde o soberano dos Pragjyotishas estava. E vendo o inimigo avançando, os Panchalas com os Pandavas, encabeçados por Yudhishthira, os perseguiram. Então aquele príncipe dos Rakshasas, dotado de grande bravura, vendo aquela divisão (do inimigo) avançar, proferiu um rugido selvagem, profundo como aquele do trovão. Ouvindo aquele rugido dele e vendo aqueles elefantes

lutando, o filho de Santanu Bhishma dirigiu-se novamente ao filho de Bharadwaja e disse, 'Eu não quero lutar (hoje) com o filho de alma perversa de Hidimva. Dotado de grande poder e energia, ele está no momento bem protegido. Ele é incapaz de ser subjugado agora pelo próprio manejador do raio. De pontaria certeira, ele é um batedor formidável. Com relação a nós, nossos animais estão cansados (hoje). Nós também fomos muito mutilados pelos Panchalas e os Pandavas. Eu não quero um novo confronto com os Pandavas vitoriosos. Que a retirada do nosso exército, portanto, seja proclamada hoje. Amanhã nós lutaremos com o inimigo.' Ouvindo essas palavras do avô, os Kauravas, afligidos com medo de Ghatotkacha, e aproveitando a chegada da noite como um pretexto, fizeram alegremente o que o avô disse. E depois que os Kauravas tinham se retirado, os Pandavas, coroados com vitória proferiram rugidos leoninos, misturando-os com o clangor de conchas e as notas de flautas. Assim a batalha se realizou naquele dia, ó Bharata, entre os Kurus e os Pandavas encabeçados por Ghatotkacha. E os Kauravas também, vencidos pelos Pandavas e dominados pela vergonha, se retiraram para suas próprias tendas quando a noite chegou. E aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Pandu, seus corpos mutilados com flechas e eles mesmos satisfeitos com (o resultado da) batalha, procederam, ó rei, em direção ao seu acampamento, com Bhimasena e Ghatotkacha, ó monarca, em sua dianteira. E cheios de grande alegria, ó rei, eles reverenciaram aqueles heróis. E eles proferiram diversos tipos de gritos os quais se misturavam com as notas de trombetas. E aqueles guerreiros de grande alma gritaram fazendo a própria terra tremer com isso, e oprimindo, por assim dizer, ó majestade, os corações de teus filhos. E foi assim que aqueles castigadores de inimigos, quando chegou a noite, procederam para suas tendas. E o rei Duryodhana, triste pela morte de seus irmãos, passou algum tempo em meditação, tomado pela dor e lágrimas. Então fazendo todos os arranjos para seu acampamento segundo as regras (da ciência militar), ele começou a passar as horas em reflexão, oprimido pelo pesar e afligido com tristeza por conta de seus irmãos (mortos)."

65

Dhritarashtra disse, 'Ouvindo sobre aqueles feitos dos filhos de Pandu os quais não podem ser realizados pelos próprios deuses, meu coração, ó Sanjaya, está cheio de temor e admiração. Sabendo também da humilhação de meus filhos de todas as maneiras, grande é minha ansiedade quanto à consequência que se seguirá. As palavras proferidas por Vidura, sem dúvida, consumirão meu coração. Tudo o que aconteceu parece ser devido ao Destino, ó Sanjaya. Os combatentes do exército Pandava estão enfrentando e derrotando aqueles melhores guerreiros tendo Bhishma em sua chefia, aqueles heróis conhecedores de todas as armas. Quais penitências ascéticas foram realizadas pelos filhos poderosos e de grande alma de Pandu, qual bênção eles obtiveram, ó filho, ou qual ciência é conhecida por eles, pelas quais, como as estrelas no firmamento, eles não estão sofrendo diminuição? Eu não posso suportar que meu exército esteja sendo repetidamente massacrado pelos Pandavas. O castigo divino, muito severo, caiu sobre mim

somente. Conte-me tudo realmente, ó Sanjaya, acerca daquilo pelo qual os filhos de Pandu não podem ser mortos e os meus podem. Eu não vejo a outra margem deste (mar de) infortúnio. Eu sou como um homem desejoso de cruzar o imensamente profundo oceano com meus dois braços somente. Eu sem dúvida acho que uma grande desgraça alcançou meus filhos. Certamente, Bhima matará todos os meus filhos. Eu não vejo aquele herói que seja capaz de proteger meus filhos em batalha. A morte de meus filhos nessa batalha, ó Sanjaya, é certa. Cabe a ti, portanto, ó Suta, contar a mim, que te pergunto, tudo sobre a verdadeira causa de tudo isso. Vendo suas próprias tropas se retirando da batalha, o que Duryodhana fez? E o que os velhos Bhishma e Drona, e Kripa, e o filho de Suvala, e Jayadratha, e aquele arqueiro poderoso, isto é, o filho de Drona e Vikarna de grande força fizeram? Quando também, ó tu de grande sabedoria, meus filhos voltaram da luta, qual, ó Sanjaya, veio a ser a decisão daqueles guerreiros de grande alma?"

Sanjaya disse, "Ouça, ó rei, com atenção, e tendo ouvido, que isto vá para o teu coração. Nada (nisso) é resultado de encantamento, nada é resultado de ilusão de qualquer tipo. Nem os filhos de Pandu criaram quaisquer novos terrores. Eles são dotados de força; e eles estão lutando por meios justos nessa batalha. Desejosos de fama excelente, os filhos de Pritha sempre fazem todas as ações, incluindo até o sustento de suas vidas, em conformidade com o rumo da moralidade. Dotados de todos os tipos de prosperidade, e possuidores de grande poder, eles nunca desistem da batalha, mantendo seus olhos na virtude. E a vitória está onde a virtude está. É por isso, ó rei, que os filhos de Pritha não podem ser mortos em batalha e são sempre vitoriosos. Teus filhos são de almas perversas e são afeitos à pecaminosidade. Eles são cruéis e ligados a atos vis. É por isso que eles estão sendo enfraquecidos em batalha. Teus filhos, ó rei, como homens desprezíveis, fizeram muitos atos cruéis e enganosos para os filhos de Pandu. Desconsiderando, no entanto, todas aquelas ofensas de teus filhos, os filhos de Pandu sempre ocultaram aquelas ações, ó irmão mais velho de Pandu. Teus filhos também, ó rei, em numerosas ocasiões humilharam os Pandavas. Que eles agora colham o fruto terrível, como veneno, daquele comportamento persistente de pecaminosidade. Aquele fruto deve ser desfrutado por ti também, ó rei, com teus filhos e parentes, já que tu, ó rei, não pudeste ser despertado mesmo que aconselhado por teus benquerentes. Repetidamente proibido por Vidura, por Bhishma, por Drona de grande alma, e por mim mesmo também tu não compreendeste, rejeitando nossas palavras destinadas ao teu bem e dignas de tua aceitação, como um homem doente rejeitando o remédio prescrito. Aceitando as opiniões de teus filhos tu consideraste os Pandavas como já vencidos. Ouça novamente, ó rei, ao que tu me perguntaste, isto é, a verdadeira causa, ó chefe dos Bharatas, da vitória dos Pandavas. Eu te direi o que eu ouvi, ó castigador de inimigos. Duryodhana fez ao avô esta mesma pergunta. Vendo seus irmãos, todos poderosos guerreiros em carros, vencidos em batalha, teu filho Duryodhana, ó Kaurava, com coração confuso pela dor, dirigindo-se com humildade durante a noite ao avô possuidor de grande sabedoria, fez a ele essa pergunta. Ouça-me, ó monarca, acerca disto tudo.”

"Duryodhana disse, 'Drona e tu, e Salya, e Kripa, e o filho de Drona, e Kritavarman o filho de Hridika, e Sudakshina o soberano dos Kamvojas, e Bhurisravas, e Vikarna, e Bhagadatta de destreza excelente, são todos considerados poderosos guerreiros em carros. Todos esses, além disso, são de nascimento nobre, e estão preparados para perder suas vidas em batalha. É minha opinião que eles estão à altura até dos três mundos (juntos). Mesmo todos os guerreiros do exército Pandava (juntos) não podem resistir à sua bravura. Uma dúvida surgiu na minha mente. Esclareça-a para mim que te pergunto. Quem é, confiando em quem os Pandavas estão nos derrotando repetidamente?'

Bhishma disse, 'Escute, ó rei, as palavras que eu te falarei, ó tu da família de Kuru. Frequentemente tu foste endereçado por mim no mesmo sentido mas tu não fizeste o que eu disse. Que as pazes sejam feitas com os Pandavas, ó melhor dos Bharatas. Eu considero isso como benéfico para o mundo e para ti, ó senhor. Desfrute dessa terra, ó rei, com teus irmãos e seja feliz, gratificando todos os teus simpatizantes e alegrando teus parentes. Embora eu tivesse apelado até ficar rouco antes disto, tu contudo não me escutaste, ó senhor. Tu sempre desrespeitaste os filhos de Pandu. O efeito de tudo aquilo agora te alcançou. Ouça também, ó rei, de mim enquanto eu falo disto, ó senhor, da razão por que os Pandavas, cujas realizações não os cansam (que realizam facilmente os maiores feitos), não podem ser mortos. Não há, não houve, nem haverá, o ser em todos os mundos que fosse ou será capaz de vencer os filhos de Pandu que são todos protegidos pelo manejador do Saranga. Ouça realmente, ó tu que estás familiarizado com moralidade, aquela história antiga que foi narrada a mim por sábios de almas sob controle. Antigamente, todos os celestiais e os Rishis, reunidos, serviam com reverência o Avô sobre as montanhas de Gandhamadana. E o Senhor de todas as criaturas, sentado à vontade no meio deles, viu um carro excelente estacionado no firmamento, brilhando com esplendor. Tendo averiguado (tudo sobre isto) por meio de meditação, unindo suas mãos com coração controlado, Brahman, com alma encantada, fez suas saudações ao mais sublime Ser Divino. E os Rishis e os celestiais, vendo no firmamento (a forma assim) mostrada, todos permaneceram com mãos unidas, seus olhos fixos naquela maravilha das maravilhas. Reverenciando-o devidamente, Brahma, o principal de todos os que conhecem Brahman, o Criador do universo, familiarizado com a moralidade superior, proferiu essas palavras sublimes: 'Tu és a Glória do Universo por tua forma. Tu és o Senhor do Universo. Ó tu cuja proteção se estende por todo o Universo, ó tu que tens o Universo como teu trabalho, ó tu que tens tua alma sob controle, Tu és o Mestre Supremo do Universo. Tu és Vasudeva. Portanto, eu procuro proteção em Ti que és a alma do Yoga e a Divindade mais elevada. Vitória para Ti que és o Deus Supremo do Universo. Vitória para Ti que estás sempre empenhado no bem dos mundos. Vitória para Ti que és o Senhor do Yoga. A Ti que és todo-poderoso. Vitória para Ti que és anterior, e posterior ao Yoga. Tendo o lótus surgindo do teu umbigo, e tendo grande olhos expansivos, vitória para Ti que és o Senhor dos Senhores do Universo. Ó Senhor do Passado, do Presente, e do Futuro, vitória para Ti que és a encarnação da bondade. A Ti que és o sol dos sóis. Ó tu que és o receptáculo de atributos incontáveis, vitória para Ti que és o refúgio de todas as coisas. Tu és Narayana, tu não podes ser

compreendido, vitória para Ti que és o manejador do arco chamado Saranga. Vitória para Ti que és dotado de todos os atributos, ó tu que tens o Universo como tua forma, ó tu que és sempre vigoroso. Ó Senhor do Universo, ó tu de braços poderosos, vitória para Ti que estás sempre pronto para beneficiar os mundos. Ó grande Cobra, ó Javali enorme, ó Causa primordial, ó tu de madeixas fulvas, vitória para Ti que és Onipotente. Ó tu de mantos amarelos, ó Senhor dos pontos cardeais e secundários do horizonte, ó tu que tens o Universo como tua residência, ó tu que és Infinito, ó tu que não tens decadência, ó tu que és o Manifesto, ó tu que és o Imanifesto, ó tu que és o Espaço imensurável, ó tu que tens todos os teus sentidos sob controle, ó tu que sempre realizas o que é bom, ó tu que és incomensurável, ó tu que só conheces tua própria natureza, vitória para Ti que és profundo, ó tu que és o concessor de todos os desejos, ó tu que és sem fim, ó tu que és conhecido como Brahma, ó tu que és Eterno, ó tu que és o Criador de todas as criaturas, ó tu que és sempre bem sucedido, ó tu cujas ações sempre demonstram sabedoria, ó tu que és familiarizado com moralidade, ó tu que dás vitória, ó tu de Ser misterioso, ó tu que és a Alma de todo Yoga, ó tu que és a Causa de tudo o que existe, ó tu que és o autoconhecimento de todos os seres, ó Senhor dos mundos, vitória para ti que és Criador de todos os seres. Ó tu que tens tu mesmo como tua origem, ó tu que és altamente abençoado, ó tu que és o Destruidor de tudo, ó tu que és o inspirador de todos os pensamentos mentais, vitória para Ti que és caro para todos os que conhecem Brahma. Ó tu que estás ocupado em criação e destruição, ó controlador de todos os desejos, ó Senhor Supremo, ó tu que és a Causa de Amrita, ó tu que és Todo-existente, ó tu que és o primeiro que aparece no fim do Yuga, ó tu que és o concessor de vitória, ó Senhor Divino do Senhor de todas as criaturas, ó tu que tens o lótus surgindo do teu umbigo, ó tu de força imensa, ó tu que és originado de Ti mesmo, ó tu que és os grandes elementos em seu estado primordial, ó tu que és a alma de todos os ritos (religiosos), vitória para Ti que dás tudo. A deusa Terra representa teus dois pés, as direções cardeais e secundárias teus braços, e os céus tua cabeça. Eu sou tua forma, os celestiais constituem teus membros, e o Sol e a lua são teus dois olhos. Austeridades ascéticas e Verdade nascidos de moralidade e ritos (religiosos) constituem tua força. O fogo é tua energia, o vento é tua respiração, e as águas surgiram do teu suor. Os gêmeos Aswins constituem teus ouvidos, e a deusa Saraswati é tua língua. Os Vedas são teu Conhecimento, e em ti repousa este Universo. Ó Senhor do Yoga e Yogins, nós não conhecemos tua extensão, tua medida, tua energia, tua destreza, teu poder, tua origem. Ó Deus, ó Vishnu, cheios de devoção em Ti, e dependendo de Ti com votos e observâncias, nós sempre Te adoramos como o Senhor mais sublime, o Deus dos deuses. Os Rishis, os deuses, Gandharvas, os Yakshas, os Rakshasas, os Pannagas, os Pisachas, seres humanos, animais, aves, répteis, todos esses foram criados por mim sobre a Terra por Tua graça. Ó tu tendo o lótus surgindo do teu umbigo, ó tu de grandes olhos expansivos, ó Krishna, ó Dissipador de toda dor, Tu és o Refúgio de todas as criaturas, e Tu és seu Guia. Tu tens o Universo como tua boca. Pela tua graça, ó Senhor dos deuses, os deuses estão sempre felizes. Pela tua graça a Terra tem sempre sido libertada de terrores. Portanto, ó tu de olhos grandes, tome nascimento na linhagem de Yadu! Para estabelecer a virtude, para matar os filhos de Diti, e para manter o Universo, faça o que eu disse, ó Senhor. Ó Vasudeva,

aquilo que é teu mistério supremo, aquilo, ó Senhor, tem sido cantado por mim por Tua graça. Tendo criado o divino Sankarshana de Ti mesmo por Ti mesmo, tu então, ó Krishna, criaste a Ti mesmo como Pradyumna nascido de Ti mesmo. De Pradyumna tu então criaste Aniruddha que é conhecido como o eterno Vishnu. E foi Aniruddha que me criou como Brahma, o sustentador do Universo. Criado da essência de Vasudeva eu, portanto, fui criado por ti. Dividindo-te em porções, tome nascimento, ó Senhor, entre os seres humanos. E massacrando os Asuras lá para a felicidade de todos os mundos, e estabelecendo a retidão, e ganhando renome, Tu outra vez realmente atingirás o Yoga. Os Rishis regenerados na Terra e os deuses, ó tu de destreza infinita, devotados a ti, cantam sobre tua Pessoa extraordinária sob aqueles nomes que pertencem a ti. Ó tu de braços excelentes, todas as classes de criaturas dependem ti, tendo tomado refúgio em Ti, tu concessor de bênçãos. Os regenerados cantam a Ti como a ponte do mundo, não tendo início, meio e fim, e como possuidor de Yoga ilimitado.'"

66

"Bhishma disse, 'Então aquela Divindade ilustre, o Senhor dos mundos, respondeu para Brahma em uma voz profunda gentil, dizendo, 'Por meio de Yoga, ó senhor, tudo o que é desejado por ti é conhecido por mim. Será assim como tu desejas.' E dizendo isso, ele desapareceu. Então os deuses, Rishis, e Gandharvas, cheios de grande admiração e curiosidade todos questionaram o Avô, dizendo, 'Quem é aquele, ó Senhor, que foi adorado por tua pessoa ilustre com tal humildade e louvado em tais palavras sublimes? Nós desejamos saber.' Assim endereçado, o Avô ilustre respondeu para todos os Deuses, os Rishis regenerados, e os Gandharvas, em palavras agradáveis dizendo, 'Ele que é chamado TAT, Ele que é Supremo, Ele que é existente no momento e que existirá por todo o tempo, Ele que é o Ser mais elevado, Ele que é a Alma dos seres, e que é o grande Senhor, Eu estava falando exatamente com Sua pessoa sempre alegre, ó touros entre deuses. O Senhor do Universo foi solicitado por mim, para o bem do Universo, a tomar seu nascimento entre a humanidade na família de Vasudeva. Eu disse a ele, 'Para a matança dos Asuras tome teu nascimento no mundo dos homens!' Aqueles Daityas e Rakshasas, de forma feroz e grande força, que foram mortos em batalha, nasceram entre os homens. De fato, o Senhor ilustre e poderoso, tomando nascimento no útero humano, viverá sobre a Terra, acompanhado por Nara. Aqueles antigos e melhores dos Rishis, isto é, Nara e Narayana, não podem ser derrotados em batalha nem por todos os celestiais juntos. De refulgência incomensurável, aqueles Rishis Nara e Narayana, quando nascidos juntos no mundo dos homens, não serão reconhecidos (como tais) por tolos. Ele, de cujo Ser, Eu, Brahman, o Senhor do Universo inteiro, surgi, aquele Vasudeva, aquele Deus Supremo de todos os mundos, é digno de sua adoração. Dotado de grande energia, e portando a concha, o disco, e a maça, ele nunca deve ser desconsiderado como um homem, ó melhores das divindades. Ele é o Mistério Supremo, o Refúgio Supremo, o Brahma Supremo, e a glória Suprema. Ele é sem decadência, Imanifesto, e Eterno. É Ele que é cantado como

Purusha, no entanto ninguém pode compreendê-lo. O Artífice divino fala dele como a Energia Suprema, a Felicidade Suprema, e a Verdade Suprema. Portanto, o Senhor Vasudeva de destreza incomensurável nunca deve ser desconsiderado como um homem por todos os Asuras e os deuses com Indra em sua chefia. É chamada de desgraçada aquela pessoa de mente insensata que, por desconsideração, fala de Hrishikesa como somente um homem. As pessoas dizem que trabalha sob ignorância a pessoa que desconsidera Vasudeva, aquele Yogin de alma ilustre, por sua entrada em uma forma humana. As pessoas falam dele como alguém trabalhando sob ignorância que não conhece aquela pessoa Divina, aquela Alma da criação móvel e imóvel, aquele que porta a roda auspiciosa (em seu peito), aquele de resplendor deslumbrante, aquele de cujo umbigo surge o lótus (primordial). Quem desconsidera aquele que usa o diadema e a jóia Kaustuva, aquele dissipador dos temores de seus amigos, aquele de grande alma, afunda em densa escuridão. Conhecendo todas essas verdades devidamente, aquele Senhor dos mundos, isto é, Vasudeva, deve ser adorado por todos, ó melhores dos deuses.'"

"Bhishma continuou, 'Tendo dito essas palavras para aqueles deuses e Rishis nos tempos antigos, o ilustre Avô, dispensando eles todos, se dirigiu para sua própria residência. E os deuses e os Gandharvas, e os Munis e as Apsaras também, ouvindo aquelas palavras faladas por Brahman, estavam cheios de alegria e foram para o céu. Isso mesmo foi ouvido por mim, ó senhor, de Rishis de alma desenvolvida falando em sua assembléia, a respeito de Vasudeva, aquele antigo. E, ó tu que és bem versado em escrituras, eu ouvi isso de Rama, o filho de Jamadagni, e de Markandeya de grande sabedoria, e de Vyasa e Narada também. Tendo aprendido tudo isso e ouvido a respeito do ilustre Vasudeva como o Senhor Eterno, o Deus Supremo de todos os mundos, e o grande Mestre, de quem se originou o próprio Brahman, o Pai do Universo, por que aquele Vasudeva não deveria ser adorado e reverenciado por homens? Tu foste proibido antes, ó senhor, por sábios de almas desenvolvidas, (que te disseram), 'Nunca entre em guerra com aquele Vasudeva armado com arco como também com os Pandavas.' Isso, por insensatez, tu não pudeste compreender. Eu te considero portanto, como um Rakshasa perverso. Tu estás, além disso, envolvido em escuridão. É por isso que tu odeias Govinda e Dhananjaya o filho de Pandu, pois quem mais entre os homens odiaria os divinos Nara e Narayana? É por isso, ó rei, que eu digo para ti que ele é Eterno e Imperecível, permeando o Universo inteiro, Imutável, o Soberano, Criador e Sustentador de tudo, e o realmente Existente. É Ele que sustenta os três mundos. Ele é o Senhor Supremo de todas as criaturas móveis e imóveis, e Ele é o grande Mestre, Ele é guerreiro, Ele é Vitória, Ele é Vitorioso, e Ele é o Senhor de toda natureza. Ó rei, Ele é cheio de bondade e privado de todas as qualidades de Ignorância e Paixão. Lá onde Krishna está, está a virtude; e há vitória onde a virtude está. É pelo Yoga de sua Excelência Suprema, e o Yoga de sua Pessoa, que os filhos de Pandu, ó rei, são apoiados. A vitória, portanto, indubitavelmente será deles. É Ele que sempre concede aos Pandavas uma compreensão dotada de virtude, e força em batalha; e é Ele que sempre os protege do perigo. Ele é o Deus Eterno, permeando todos os seres, e sempre abençoado. Ele, de quem tu me perguntaste, é conhecido pelo nome de

Vasudeva. É Ele a quem Brahmanas e Kshatriyas e Vaisyas e Sudras, tendo características distintivas próprias, servem e reverenciam humildemente com corações controlados e realizando seus próprios deveres. Ele é quem, perto do fim do Dwapara Yuga e do início do Kali Yuga, é cantado com Sankarshana, por crentes com devoção. É aquele Vasudeva que cria, Yuga após Yuga, os mundos dos deuses e dos mortais, todas as cidades cercadas pelo oceano, e a região de habitação humana."

67

"Duryodhana disse, 'Em todos os mundos Vasudeva é citado como o Ser Supremo. Eu desejo, ó Avô, conhecer sua origem e glória."

"Bhishma disse, 'Vasudeva é o Ser Supremo. Ele é o Deus de todos os Deuses. Ninguém superior a Ele de olhos como pétalas de lótus é visto, ó touro da raça Bharata. Markandeya fala de Govinda como o Mais Maravilhoso e o Mais Sublime, como o Todo-existente, como o Todo-alma, como a Alma mais Sublime, e como o Ser masculino Supremo. Água, Ar, e Fogo, esses três foram criados por Ele. Aquele Mestre Divino e Senhor de todos os mundos criou essa Terra. Aquele Ser Supremo de alma ilustre se deitou sobre as águas. E aquele Ser Divino composto de todos os tipos de energia dormiu sobre elas em Yoga. De sua boca Ele criou Fogo, e de sua respiração, o Vento. De glória imperecível, Ele criou de sua boca a Palavra e os Vedas. Foi assim que ele criou primeiro os Mundos e também os deuses junto com as diversas classes de Rishis. E ele criou decadência e morte também de todas as criaturas, assim como nascimento e crescimento. Ele é Justiça e de alma justa. Ele é o concessor de bênçãos e o realizador de todos os (nossos) desejos. Ele é o Ator e a Ação, e Ele é ele mesmo o Mestre Divino. Ele primeiro fez o Passado, o Presente, e o Futuro; Ele é o Criador do Universo. Ele é de alma ilustre; Ele é o Mestre possuidor de glória eterna. Ele criou Sankarshana, o Primogênito de todas as criaturas. Ele criou o divino Sesha que é conhecido como Ananta e que sustenta todas as criaturas e a Terra com suas montanhas. De Energia Suprema, é Ele a quem os regenerados conhecem por meio de meditação Yoga. Nascido das secreções de seu ouvido, o grande Asura conhecido pelo nome de Madhu, violento e de atos violentos e nutrindo uma intenção violenta e prestes a destruir Brahman, foi morto por aquele Ser Supremo. E, ó majestade, pela morte de Madhu, os deuses, os Danavas, e seres humanos, e Rishis chamam Janardana de matador de Madhu. Ele é o grande Javali. Ele é o grande Leão, e Ele é o Senhor de Três Passos. (Vishnu se tornou Vamana ou o anão para roubar do Asura Vali seus domínios. Disfarçado naquela forma ele pediu de Vali três passos de terra. Vali, sorrindo pela pequenez do que foi pedido, o deu. Mas quando o anão expandiu sua forma e cobriu os céus e a terra com somente dois passos dele, nenhum espaço podia ser encontrado para o terceiro passo. Vali foi em seguida agarrado e amarrado como um quebrador de promessa, e enviado para residir nas regiões inferiores.) Ele é a Mãe e o Pai de todas as criaturas vivas. Nunca houve, nem haverá alguém superior a ele de olhos como pétalas de lótus. De Sua boca Ele criou os Brahmanas; e de Seus dois

braços os Kshatriyas, e de Suas coxas, ó rei, Ele criou os Vaisyas, e de Seus pés Ele criou os Sudras. Uma pessoa servindo respeitosamente a Ele, cumpridora de votos com austeridades ascéticas nos dias de lua-cheia e de lua-nova, sem dúvida alcançará o Divino Kesava, aquele refúgio de todas as criaturas incorporadas, aquela essência de Brahma e do Yoga. Kesava é a Energia mais elevada, o Avô de todos os mundos. A Ele, ó rei, os sábios chamam de Hrishikesa (o senhor dos sentidos). A Ele também todos devem conhecer como o Preceptor, o Pai, e o Mestre. Regiões inesgotáveis (de bem-aventurança) são alcançadas por aquele com quem Krishna está satisfeito. Aquele também que, em um lugar de temor, procura a proteção de Kesava, e aquele que lê frequentemente essa descrição, se torna feliz e dotado de toda prosperidade. Aqueles homens que alcançam Krishna nunca são enganados, Janardana sempre salva aqueles que estão submersos em grandes terrores. Sabendo disso realmente, ó Bharata, Yudhishthira, com toda sua alma, ó rei, procurou a proteção do muito abençoado Kesava, o Senhor do Yoga, e o Senhor da Terra."

68

"Bhishma disse, 'Ouça de mim, ó rei, esse hino que foi proferido pelo próprio Brahman. Esse hino foi antigamente comunicado pelos Rishis regenerados e pelos deuses (para os homens) sobre a Terra: Narada te descreveu como o Mestre e o Senhor do deus dos deuses e todos os Sadhyas e os celestiais, e como alguém conhecedor da natureza do Criador dos mundos. Markandeya falou de ti como o Passado, o Presente, e o Futuro, e o sacrifício dos sacrifícios, e a austeridade das austeridades. O ilustre Bhrigu disse de ti que tu és o Deus dos deuses, que tua é a forma antiga de Vishnu. Dwaipayana disse de ti que tu és Vasudeva dos Vasus, o instituidor de Sakra, e o Deus dos deuses e todas as criaturas. Antigamente na ocasião de procriar criaturas, os sábios falaram de ti como Daksha, o Pai da criação. Angiras disse que tu és o criador de todos os seres. Devala disse de ti que o imanifesto todo é teu corpo, e que o manifesto está em tua mente, e que os deuses são todos o resultado da tua respiração (palavra de comando). Com tuas cabeças são permeados os céus, e teus dois braços sustentam a Terra. No teu estômago existem três mundos e tu és o Ser Eterno. Assim mesmo homens nobres por ascetismo te conhecem. Tu és o Sat de Sat, para Rishis satisfeitos com a visão do Eu, (isto é, realmente existente entre todas as coisas). Para sábios nobres de mentes generosas, que nunca se retiram da batalha e tendo a moralidade como seu objetivo mais elevado, tu, ó matador de Madhu, és o único refúgio. Assim mesmo aquele Ser ilustre e Supremo, Hari, é adorado e venerado por Sanatkumara e outros ascetas dotados de Yoga. A verdade sobre Kesava, ó majestade, foi agora narrada para ti, em resumo e em detalhes. Dirija teu coração em amor à Kesava.'"

Sanjaya continuou, "Ouvindo essa história sagrada, teu filho, ó grande rei, começou a respeitar muito Kesava e aqueles poderosos guerreiros em carros, os filhos de Pandu. Então, ó monarca, Bhishma o filho de Santanu mais uma vez se dirigiu a teu filho, dizendo, 'Tu agora ouviste realmente, ó rei, acerca da glória de

Kesava de grande alma e de Nara sobre a qual tu me perguntaste. Tu também ouviste sobre o objetivo pelo qual Nara e Narayana tomaram seus nascimentos entre os homens. Tu também ouviste a razão porque aqueles heróis são invencíveis e nunca foram vencidos em batalha, e porque também, ó rei, os filhos de Pandu não podem ser mortos por alguém em batalha. Krishna tem grande amor pelos filhos ilustres de Pandu. É por isso, ó rei de reis, que eu digo: que as pazes sejam feitas com os Pandavas. Reprimindo tuas paixões desfrute da Terra com teus irmãos poderosos (em volta de ti). Por desconsiderares os divinos Nara e Narayana, tu certamente serás destruído.' Dizendo essas palavras, teu pai ficou silencioso, ó monarca, e dispensando o rei, entrou em sua tenda. E o rei também voltou para sua (própria) tenda, tendo reverenciado o avô ilustre. E então, ó touro da raça Bharata, ele se deitou em sua cama branca para passar a noite de sono."

69

Sanjaya disse, "Depois que a noite tinha passado e o sol tinha se erguido, os dois exércitos, ó rei, se aproximaram um do outro para lutar. Observando um ao outro, cada um avançou em tropas unidas direção ao outro excitado com raiva e desejoso de derrotar o outro. E por consequência da tua má política, ó rei, os Pandavas e os Dhartarashtras avançaram dessa maneira, equipados em armadura e formando ordens de batalha, para atacar uns aos outros. E a formação de combate que Bhishma protegia de todos os lados, ó rei, era da forma de um Makara (um animal aquático lendário parecido com um jacaré). E assim os Pandavas também, ó rei, protegeram a ordem de batalha que eles tinham formado (de suas tropas). Então teu pai Devavrata, ó grande rei, aquele principal dos guerreiros em carros, procedeu na frente, apoiado por uma divisão grande de carros. E outros, isto é, guerreiros em carros, infantaria, elefantes, e cavalaria, todos o seguiram, cada um posicionado no lugar designado. E vendo eles preparados para a batalha, os ilustres filhos de Pandu organizaram suas tropas naquela invencível e soberana das formações de batalha chamada Syena (formada segundo a forma de um falcão). E no bico daquela formação brilhava Bhimasena de grande força. E em seus dois olhos estavam o invencível Sikhandin e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata. E na cabeça estava o heróico Satyaki de destreza incapaz de ser frustrada. E em seu pescoço estava Arjuna vibrando seu Gandiva. E em sua asa esquerda estava o abençoado Drupada de grande alma com seu filho e apoiado por um akshauhini de todas as tropas. E o rei dos Kekayas, possuindo um akshauhini, formava a asa direita (daquela formação de combate). E em suas costas estavam os filhos de Draupadi, e o filho de Subhadra de grande coragem. E em seu rabo estava o próprio rei heróico Yudhishthira, de destreza excelente, apoiado por seus irmãos gêmeos. Então na batalha (que se seguiu), Bhima, penetrando na ordem de batalha Makara (dos Kauravas) através de sua boca, e se aproximando de Bhishma, cobriu-o com suas flechas. Então naquela grande batalha, Bhishma possuidor de grande destreza disparou suas armas poderosas, confundindo os combatentes dos Pandavas dispostos em formação de combate. E quando os combatentes (do exército Pandava) estavam

assim confusos, Dhananjaya, procedendo rapidamente, perfurou Bhishma na vanguarda da batalha com mil flechas. E neutralizando, naquele conflito, as armas disparadas por Bhishma, Arjuna permaneceu preparado para o combate, apoiado por sua própria divisão cheia de disposição. Então o rei Duryodhana, aquele principal dos homens poderosos, aquele formidável guerreiro em carro, vendo aquela carnificina terrível de suas tropas e se lembrando da morte de seus irmãos (no dia anterior), foi rapidamente em direção ao filho de Bharadwaja, e dirigindo-se a ele disse, 'Ó preceptor, ó impecável, tu és sempre meu benquerente. Confiando em ti como também no avô Bhishma, nós esperamos subjugar sem dúvida os próprios deuses em batalha, sem falar dos filhos de Pandu que são desprovidos de energia e coragem. Abençoado sejas tu, aja de tal maneira que os Pandavas possam ser mortos.' Assim endereçado em batalha por teu filho, Drona penetrou na formação de combate Pandava na própria vista de Satyaki. Então, ó Bharata, Satyaki deteve o filho de Bharadwaja, (e por isso) seguiu-se uma batalha que foi violenta em seus incidentes e horrível de se contemplar. Então o filho de Bharadwaja excitado com raiva e dotado de grande destreza, como se estivesse sorrindo, perfurou o neto de Sini com dez flechas na junta de seu ombro. E Bhimasena também, estimulado pela ira, perfurou o filho de Bharadwaja (com muitas flechas), desejoso de proteger Satyaki, ó rei, de Drona, aquele principal de todos os guerreiros. Então Drona e Bhishma, e Salya também, ó majestade, excitados com raiva, cobriram Bhimasena, naquela batalha, com suas flechas. Nisso Abhimanyu cheio de cólera, e os filhos de Draupadi, ó senhor, perfuraram com suas flechas de pontas afiadas todos aqueles guerreiros com armas erguidas. Então naquela batalha feroz, o grande arqueiro Sikhandin avançou contra aqueles dois guerreiros poderosos, Bhishma e Drona que, estimulados pela raiva, tinham se lançado (dessa maneira) sobre os Pandavas. Apertando firmemente seu arco cuja vibração parecia o ribombar das nuvens, aquele herói, encobrindo o próprio Sol com suas flechas, rapidamente cobriu seus adversários com elas. O avô dos Bharatas, no entanto, tendo Sikhandin diante dele, evitou-o, lembrando-se da feminilidade de seu sexo. Então, ó rei, incitado por teu filho, Drona se apressou para a batalha, desejoso de proteger Bhishma naquele esforço. Sikhandin, no entanto, se aproximando de Drona aquele principal de todos os manejadores de armas, evitou, por medo, aquele guerreiro parecendo o fogo ardente que aparece no fim do Yuga. Então, ó rei, teu filho com um grande exército, desejoso de ganhar grande glória, procedeu para proteger Bhishma. E os Pandavas também procederam, ó rei, firmemente pondo seus corações na vitória, e a batalha que então teve lugar entre os combatentes de ambos os exércitos desejosos de vitória e fama, foi violenta e muito extraordinária, parecida com aquela (nos tempos passados) entre os deuses e Danavas."

70

Sanjaya disse, "Então Bhishma, o filho de Santanu, lutou ferozmente, desejoso de proteger teus filhos do terror de Bhimasena. E a batalha que ocorreu então entre os reis dos exércitos Kaurava e Pandava foi horrível ao extremo e destrutiva

de grandes heróis. E naquele combate geral, tão violento e terrível, tremendo foi o rumor que se ergueu, tocando os próprios céus. E pelos gritos de elefantes enormes e o relincho de corcéis e o clangor de conchas e batida de baterias, o tumulto era ensurdecedor. Lutando pela vitória, os combatentes poderosos dotados de grande bravura rugiam uns para os outros como touros em um curral. E cabeças cortadas naquela batalha com flechas de gume afiado, caindo incessantemente, criaram, ó touro da raça Bharata, a aparência de uma chuva de pedras no firmamento. De fato, ó touro da raça Bharata, incontáveis eram as cabeças jazendo no campo de batalha, enfeitadas com brincos e turbantes e resplandecentes com ornamentos de ouro. E o solo estava coberto com membros cortados com flechas de cabeça larga, com cabeças enfeitadas com brincos, e com braços adornados com ornamentos. E em um momento o campo inteiro estava coberto com corpos envolvidos em armaduras, com braços enfeitados com ornamentos, com rostos belos como a lua e tendo olhos com cantos avermelhados, e com todos os membros, ó rei, de elefantes, cavalos e homens. E a poeira (erguida pelos guerreiros) parecia com uma nuvem densa, e os instrumentos brilhantes de destruição, com lampejos de relâmpago. E o barulho feito pelas armas parecia o ribombar do trovão. E aquele duelo violento e terrível, ó Bharata, entre os Kurus e os Pandavas fez um verdadeiro rio de sangue fluir lá. E naquela batalha terrível, violenta, e horrível de arrepiar os cabelos, guerreiros Kshatriya incapazes de ser derrotados despejavam incessantemente suas chuvas de flechas. E os elefantes do teu exército e do inimigo, afligidos por aquelas chuvas de flechas, gritavam alto e corriam para lá e para cá em fúria. E por causa do (som de) arcos, dotados de grande energia, de guerreiros bravios e heróicos excitados com fúria, e da batida das cordas de seus arcos contra suas proteções de couro, nada podia ser distinguido. E por todo o campo o qual parecia com um lago de sangue, troncos sem cabeças ficavam em pé, e os reis determinados a matar seus inimigos avançavam para a batalha. E guerreiros valentes de energia imensurável e possuidores de braços parecidos com clavas resistentes, matavam uns aos outros com flechas e dardos e maças e cimitarras. E elefantes, perfurados com flechas e privados de condutores para guiá-los com ganchos, e corcéis desprovidos de cavaleiros, corriam desenfreadamente em todas as direções. E muitos guerreiros, ó melhor dos Bharatas, pertencentes ao teu exército e àquele do inimigo, profundamente perfurados com flechas saltavam para o alto e caíam. E naquele combate entre Bhima e Bhishma, pilhas de braços e cabeças, como também de arcos e maças e clavas com ferrões e mãos e coxas, de pernas e ornamentos e braceletes, eram vistas jazendo sobre o campo. E aqui e ali sobre o campo, ó rei, eram vistos grandes grupos de elefantes e corcéis e carros que não retrocediam. E os guerreiros Kshatriya, incitados pelo destino, matavam uns aos outros com maças, espadas, lanças, e flechas retas. E outros dotados de grande heroísmo e habilidosos em luta, enfrentavam uns aos outros com seus braços nus que pareciam cassetetes com pontas feitos de ferro. E outros guerreiros heróicos do teu exército, lutando com os combatentes da hoste Pandava, continuaram combatendo matando uns aos outros com punhos cerrados e joelhos, e tapas e golpes, ó rei. E com os guerreiros caídos e caindo e aqueles se agitando em agonia sobre o solo, o campo de batalha em todos os lugares tornou-se, ó rei, terrível de se olhar, e guerreiros em carros, privados dos carros e pegando

espadas excelentes, avançavam uns nos outros, desejosos de matar. Então o rei Duryodhana, cercado por uma grande divisão de Kalingas, e colocando Bhishma na dianteira, avançou em direção aos Pandavas. E assim os combatentes Pandava também, apoiando Vrikodara, e possuindo animais velozes, avançaram, estimulados pela raiva, contra Bhishma."

71

Sanjaya disse, "Vendo seus irmãos e os outros reis engajados em batalha com Bhishma, Dhananjaya, com armas erguidas, avançou contra o filho de Ganga. Ouvindo o clangor de Panchajanya e o som do arco Gandiva, e vendo também o estandarte do filho de Pritha, um grande temor entrou nos nossos corações. E o estandarte que nós contemplamos, ó rei, do manejador do Gandiva tinha o emblema do rabo do leão e parecia com uma montanha brilhante no firmamento. Belo e de feitio celeste, ele era matizado com diversas cores, e parecendo com um cometa surgido ele não podia ser obstruído por árvores. E naquela grande batalha, os guerreiros viram Gandiva, o verso de cuja vara era ornamentado com ouro puro, e que parecia belo como um lampejo de relâmpago no meio de uma massa de nuvens no firmamento. E enquanto matava os combatentes do teu exército, os gritos que nós ouvimos proferidos por Arjuna pareciam os rugidos altos do próprio Indra, e os tapas também de suas palmas eram terrivelmente altos. Como uma massa ribombante de nuvens carregadas com relâmpago e ajudadas por uma tempestade violenta, Arjuna derramava incessantemente suas chuvas de flechas por toda parte, cobrindo totalmente os dez pontos do horizonte. Dhananjaya então, possuidor de armas terríveis, procedeu rapidamente em direção ao filho de Ganga. Privados de quatro sentidos por suas armas, nós então não podíamos distinguir o Leste do Oeste. E teus guerreiros, então, ó touro da raça Bharata, seus animais cansados, corcéis mortos, e corações deprimidos, completamente confusos e se amontoando perto uns dos outros, procuraram a proteção de Bhishma junto com todos os teus filhos. E naquela batalha Bhishma o filho de Santanu se tornou seu protetor. Tomados pelo medo, guerreiros em carros pulando de seus carros, soldados de cavalaria pulando das costas de seus corcéis, e os soldados de infantaria onde eles estavam, todos começaram a cair sobre a terra. Ouvindo a vibração do Gandiva que parecia o ribombar do trovão, todos os teus guerreiros estavam tomados pelo medo e pareciam, ó Bharata, se dissolver. Então, ó rei, com muitos cavalos enormes e velozes da raça Kamvoja, e cercado por muitos milhares de Gopas com um grande exército Gopayana e apoiado pelos Madras, os Sauviras, os Gandharas e os Trigartas, e circundado por todos os principais Kalingas, o rei dos Kalingas, e o rei Jayadratha acompanhado por todos os reis e apoiado por uma grande tropa de diversas linhagens com Dussasana em sua chefia, e catorze mil cavaleiros principais, incitados por teu filho, cercaram o filho de Suvala (para protegê-lo). Então naquela batalha, todos os Pandavas, juntos, e sobre carros e animais separados, começaram, ó touro da raça Bharata, a massacrar tuas tropas. E o pó erguido por guerreiros em carros e corcéis e soldados de infantaria, parecendo com uma

massa de nuvens, tornou o campo de batalha extremamente horrível. E com um grande exército consistindo em elefantes, corcéis e carros, e armado com lanças e dardos farpados e flechas de cabeça larga, Bhishma se engajou em batalha com o enfeitado com diadema (Arjuna). E o rei de Avanti lutou com o soberano de Kasi, e o soberano dos Sindhus lutou com Bhimasena. E o rei Yudhishthira com seus filhos e conselheiros lutou com Salya, o famoso chefe dos Madras. E Vikarna lutou com Sahadeva, e Chitrasena com Sikhandin. E os Matsyas, ó rei, lutaram com Duryodhana, e Sakuni; e Drupada e Chekitana, e aquele poderoso guerreiro em carro Satyaki se engajou em batalha com Drona de grande alma ajudado por seu filho. E Kripa e Kritavarman ambos avançaram contra Dhrishtadyumna. E assim, por todo o campo, grupos de cavalos impetuosos, de elefantes e carros, se envolveram uns com os outros em batalha. E embora não houvesse nuvens no céu, contudo lampejos de relâmpago eram vistos. E todos os pontos do horizonte estavam cobertos com poeira. E, ó rei, meteoros ardentes eram vistos caindo com barulho trovejante. E ventos violentos sopravam e uma chuva de poeira caiu de cima. E o sol, coberto pelo pó erguido pelas tropas, desapareceu no firmamento. E todos os guerreiros, cobertos por aquele pó e lutando com armas, estavam privados de seus sentidos. E o som feito por armas, todas capazes de penetrar toda armadura e arremessadas de braços heróicos, tornou-se um tumulto tremendo. E, ó touro da raça Bharata, armas lançadas de braços excelentes e possuidoras de brilho estelar iluminavam todo o firmamento. E escudos matizados feitos de peles de touro e ornados com ouro estavam espalhados, ó touro da raça Bharata, por todo o campo. E cabeças e membros eram vistos caindo por todos os lados, cortados por espadas e cimitarras possuidoras de refulgência solar. E grandes guerreiros em carros, as rodas, eixos, e cabinas de cujos carros estavam quebrados, caíam no chão, seus corcéis mortos e seus estandartes altos caindo. E muitos guerreiros em carros tendo sido mortos, seus corcéis, mutilados por armas, caíam enquanto eles corriam arrastando os carros (aos quais eles estavam unidos). E, em muitos lugares sobre o campo, corcéis excelentes, afligidos por flechas, com membros mutilados, e com seus tirantes colocados, corriam, arrastando as cangas dos carros atrás deles. E muitos guerreiros em carros, com seus quadrigários e corcéis, eram vistos, ó rei, serem esmagados por elefantes sozinhos dotados de grande força. E naquela batalha, no meio de grandes tropas, muitos elefantes, cheirando o odor do suco temporal de seus iguais, começaram a cheirar a brisa repetidamente. E o campo inteiro estava coberto com elefantes mortos, privados de vida por meio de flechas de cabeças largas e caindo com os edifícios de madeira e os guias em suas costas. E muitos elefantes, no meio de grandes tropas, com os estandartes e guerreiros em suas costas, oprimidos por iguais enormes incitados por seus guias, caíam no campo. E muitos varais de carros, ó rei, eram vistos serem quebrados naquela batalha por enormes elefantes usando suas trombas, cada uma das quais parecia com a tromba do príncipe dos elefantes (chamado Airavata). E muitos guerreiros em carros também, naquele conflito, os Jalas de cujos carros tinham sido quebrados, eram como ramos de árvores arrastados por elefantes, agarrados pelos cabelos de suas cabeças e, espancados violentamente no chão, eram esmagados em massas informes. E outros elefantes enormes, arrastando carros que estavam emaranhados com outros carros, corriam em todas as direções gritando ruidosamente. E aqueles

elefantes, assim arrastando aqueles carros, pareciam com outros de sua espécie arrastando talos de lotos crescendo em lagos. E assim aquele vasto campo de batalha estava coberto com soldados de cavalaria e soldados de infantaria e grandes guerreiros em carro e estandartes."

72

Sanjaya disse, "Sikhandin com o rei Virata dos Matsyas se aproximou rapidamente de Bhishma, aquele arqueiro invencível e poderoso. E Dhananjaya enfrentou Drona e Kripa, e Vikarna e muitos outros reis, bravos em batalha, todos arqueiros poderosos dotados de grande força, como também aquele poderoso arqueiro, o soberano dos Sindhus, apoiado por seus amigos e parentes e muitos reis do oeste e do sul também, ó touro da raça Bharata. E Bhimasena procedeu contra aquele arqueiro poderoso, teu filho vingativo Duryodhana, e também contra Dussaha. E Sahadeva procedeu contra aqueles guerreiros invencíveis, isto é, Sakuni e aquele poderoso guerreiro em carro Uluka, aquele grande arqueiro, que eram pai e filho. E aquele poderoso guerreiro em carro Yudhishthira, enganosamente tratado por teu filho, procedeu naquela batalha, ó rei, contra a divisão de elefantes (dos Kauravas). E aquele filho de Pandu e Madri, o heróico Nakula capaz de arrancar à força lágrimas do inimigo, se engajou em batalha com os excelentes guerreiros em carros dos Trigartas. E aqueles guerreiros invencíveis, Satyaki e Chekitana, e o filho poderoso de Subhadra, procederam contra Salya e os Kaikeyas. E Dhrishtaketu e o Rakshasa Ghatotkacha, ambos invencíveis em batalha, procederam contra a divisão de carros dos teus filhos. E aquele poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, aquele generalíssimo (dos exércitos Pandava) de alma incomensurável, se engajou em batalha, ó rei, com Drona de realizações violentas. E foi assim que aqueles arqueiros heróicos e poderosos do teu exército e os Pandavas, empenhados em combate, começaram a atacar uns aos outros. E quando o sol tinha alcançado o meridiano e o céu estava brilhantemente iluminado por seus raios, os Kauravas e os Pandavas começaram a matar uns aos outros. Então carros, equipados com estandartes de cujos topos pendões estavam flutuando, matizados com ouro e cobertos com peles de tigre, pareciam belos conforme eles se moviam no campo de batalha. E os gritos de guerreiros engajados na batalha pelo desejo de vencer uns aos outros se tornaram tão altos quanto rugidos leoninos. E aquele combate que nós vimos entre os heróicos Srinjayas e os Kurus foi violento ao extremo e muito extraordinário. E por causa das flechas disparadas por toda parte, nós não podíamos, ó rei, distinguir, ó castigador de inimigos, o firmamento, o sol e os pontos cardeais e secundários do horizonte. E o esplendor, semelhante àquele do lótus azul, de dardos com pontas polidas, de lanças farpadas arremessadas (no inimigo), de sabres e cimitarras bem temperados, de cotas de malha matizadas e dos ornamentos (nos corpos dos guerreiros), iluminava o céu e os pontos cardeais e secundários com seu esplendor. E o campo de batalha em muitos lugares, ó rei, brilhava por causa dos exércitos de monarcas cuja refulgência parecia com aquela da lua e do sol. E bravos guerreiros em carros, tigres entre homens, brilhavam

naquela batalha, ó rei, como planetas no firmamento. E Bhishma, aquele principal dos guerreiros em carros, excitado com raiva, deteve o poderoso Bhimasena na própria vista das tropas. E as flechas impetuosas disparadas por Bhishma, providas de asas douradas, e afiadas em pedra, e esfregadas com óleo perfuraram Bhima naquele batalha. Então Bhimasena dotado de grande força arremessou nele, ó Bharata, um dardo de impetuosidade ardente que parecia com uma cobra colérica. Mas Bhishma naquele combate cortou com flechas retas aquele dardo com vara feita de ouro e difícil de ser resistido, enquanto ele rumava impetuosamente em direção a ele. E com outra flecha de cabeça larga, afiada e bem temperada, ele cortou o arco de Bhimasena, ó Bharata, em duas partes. Então, ó rei, naquela batalha, Satyaki, indo rapidamente em direção a Bhishma, perfurou teu pai com inumeráveis flechas de gume e pontas afiadas de ímpeto violento disparadas da corda de seu arco esticada até o ouvido. Então Bhishma, mirando uma flecha muito ameaçadora, derrubou o quadrigário do herói Vrishni de sua cabina no carro. E quando o quadrigário do carro de Satyaki tinha sido morto dessa maneira, seus corcéis, ó rei, dispararam para longe. Dotados da velocidade da tempestade ou da mente, eles correram descontroladamente sobre o campo. Então gritos foram proferidos pelo exército inteiro os quais se tornaram um tumulto alto. E exclamações de ‘Oh’ e ‘Ai’ procederam dos guerreiros de grande alma do exército Pandava. E aqueles gritos diziam, ‘Corra!’, ‘Agarre!’, ‘Detenha os cavalos!’ ‘Vá depressa!’ E este tumulto seguiu o carro de Yuyudhana. Enquanto isso, Bhishma o filho de Santanu começou a massacrar as tropas Pandava como Indra matando os Danavas. Mas os Panchalas e os Somakas, embora mortos por Bhishma dessa maneira, tomando contudo uma resolução louvável, avançaram em direção a Bhishma. E outros guerreiros do exército Pandava, encabeçados por Dhrishtadyumna, e desejosos de massacrar as tropas do teu filho, avançaram em direção ao filho de Santanu naquela batalha. E assim também, ó rei, os guerreiros do teu exército, encabeçados por Bhishma e Drona, avançaram impetuosamente em direção aos seus inimigos. E nisso outra batalha ocorreu."

73

Sanjaya disse, "O rei Virata então perfurou aquele poderoso guerreiro em carro, Bhishma, com três flechas. E aquele grande guerreiro em carro perfurou os cavalos (de seu oponente) também com três flechas equipadas com asas douradas. E aquele arqueiro terrível e poderoso guerreiro em carro de mão firme, isto é, o filho de Drona, perfurou com seis flechas o manejador do Gandiva entre seus dois peitos. Nisso aquele opressor de inimigos, Phalguni, aquele matador de heróis hostis, cortou o arco de Aswatthaman e perfurou-o profundamente em retorno com cinco flechas. Privado de sua razão pela raiva, e incapaz de tolerar o corte de seu arco naquela batalha, o filho de Drona, pegando outro arco que era mais resistente, perfurou Phalguni, ó rei, com noventa flechas afiadas, e Vasudeva também com setenta flechas ardentes. Então, com olhos vermelhos de ira, Phalguni, com Krishna, tomando fôlegos longos e difíceis, refletiu por um momento. Apertando firmemente o arco com sua mão esquerda, aquele opressor

de inimigos, o manejador do Gandiva excitado com fúria, fixou na corda de seu arco diversas flechas ameaçadoras, afiadas e perfeitamente retas, e capazes de tirar a vida (do inimigo). E aquele principal dos homens poderosos perfurou rapidamente o filho de Drona, naquela batalha, com aquelas flechas. E aquelas flechas, atravessando sua armadura, beberam seu sangue vital. Mas embora perfurado dessa maneira pelo manejador do Gandiva, o filho de Drona não vacilou. Disparando em retorno flechas similares em Partha, ele permaneceu imperturbado, naquela batalha, desejoso, ó rei, de proteger Bhishma de votos superiores. E aquela façanha dele foi aplaudida pelos principais guerreiros do exército Kuru, consistindo, como ela consistia, dele ter enfrentado os dois Krishnas juntos. De fato, Aswatthaman diariamente lutava destemidamente em meio às forças armadas, tendo obtido de Drona todas as armas com os métodos também de sua retirada. 'Esse é o filho do meu preceptor. Ele é além disso o filho querido de Drona. Ele é especialmente um Brahmana, e, portanto, digno do meu respeito.' Pensando assim, aquele opressor de inimigos, o heróico Vibhatsu, aquele principal dos guerreiros em carros, mostrava piedade pelo filho de Bharadwaja. Evitando o filho de Drona, o filho de Kunti dotado de grande destreza e tendo corcéis brancos (unidos ao seu carro), começou a lutar, mostrando formidável rapidez de braços e causando uma grande carnificina de tuas tropas. Duryodhana então perfurou aquele grande arqueiro Bhima com dez flechas aladas com penas de urubu, adornadas com ouro, e afiadas em pedra. Nisso Bhimasena, excitado com cólera, pegou um arco resistente e bem enfeitado capaz de tirar a vida do inimigo, e também dez flechas afiadas. E mirando firmemente aquelas flechas de pontas afiadas de energia ardente e velocidade impetuosa, e puxando a corda do arco até sua orelha, ele perfurou profundamente o rei dos Kurus em seu peito largo. Nisso a pedra preciosa pendendo em seu peito em fios de ouro, cercada por aquelas flechas, parecia bela como o Sol no céu cercado pelos planetas. Teu filho, no entanto, dotado de grande energia, assim atingido por Bhimasena, não pode tolerar isso (friamente), como uma cobra incapaz de suportar os sons do tapa de um homem. Estimulado pela fúria e desejoso de proteger seu exército, ele então perfurou Bhima em retorno, ó rei, com muitas flechas afiadas em pedra e dotadas de asas douradas. Assim lutando em batalha e mutilando um ao outro furiosamente, aqueles dois poderosos filhos teus pareciam com um par de celestiais."

"Aquele tigre entre homens e matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, perfurou Chitrasena com muitas flechas afiadas e Purumitra também com sete flechas. E perfurando Satyavrata também com setenta flechas, aquele herói parecido com o próprio Indra em batalha, começou por assim dizer a dançar no campo, e nos causou muita dor. Chitrasena então perfurou-o em retorno com dez flechas, e Satyavrata com nove, e Purumitra com sete. Então o filho de Arjuna, assim perfurado, enquanto ainda coberto com sangue, cortou o arco grande e belo de Chitrasena que era capaz de deter inimigos. E atravessando sua cota de malha ele perfurou o peito de seu adversário com uma flecha. Então os príncipes do teu exército, todos heróicos e poderosos guerreiros em carros, excitados com cólera e unidos naquele conflito, o perfuraram com flechas afiadas. E Abhimanyu, familiarizado com as armas mais poderosas, atingiu eles todos com flechas

afiadas. Vendo aquele feito dele, teus filhos então cercaram o filho de Arjuna, que estava consumindo teu exército naquele conflito como um fogo elevado de chamas ardentes consumindo uma pilha de grama seca no verão. E o filho de Subhadra, enquanto derrotava tuas tropas (dessa maneira), parecia brilhar em esplendor. Vendo aquela conduta dele, teu neto Lakshmana então, ó monarca, rapidamente lançou-se sobre o filho de Subhadra. Nisso aquele poderoso guerreiro em carro Abhimanyu, estimulado pela ira, perfurou Lakshmana ornado com marcas auspiciosas, como também seu quadrigário, com seis flechas afiadas. Mas Lakshmana também, ó rei, perfurou o filho de Subhadra com muitas flechas afiadas. E aquela façanha, ó rei, parecia ser muito admirável. Então aquele poderoso guerreiro em carro, Abhimanyu, matando os quatro corcéis como também o quadrigário de Lakshmana com flechas afiadas, avançou em direção ao último. Nisso Lakshmana, aquele matador de heróis hostis, permanecendo naquele seu carro cujos corcéis tinham sido mortos, e estimulado pela ira, arremessou um dardo em direção ao carro do filho de Subhadra. Abhimanyu, no entanto, com suas flechas afiadas, cortou aquele dardo irresistível de aparência ameaçadora, parecendo com uma cobra, e indo impetuosamente em direção a ele. Então Kripa, acolhendo Lakshmana em seu próprio carro, levo-o para longe do conflito, na própria vista de todas as tropas. Então quando aquele conflito aterrador se tornou geral, os combatentes avançaram uns contra os outros, desejosos de tirar a vida uns dos outros. E os poderosos arqueiros do teu exército e os grandes guerreiros em carros da hoste Pandava, preparados para perder suas vidas na batalha, matavam uns aos outros. Com cabelo despenteado, privados de suas cotas de malha, privados de seus carros, e com seus arcos quebrados, os Srinjayas lutaram com os Kurus com seus braços nus. Então o poderosamente armado Bhishma, dotado de grande força, e excitado com cólera, massacrou com suas armas celestes as tropas dos Pandavas de grande alma. E a terra ficou coberta com os corpos caídos de elefantes privados de seus guias, de homens e cavalos e guerreiros em carros e soldados de cavalaria."

74

Sanjaya disse, "Então, ó rei, Satyaki de braços fortes invencível em batalha, esticando naquele combate um arco excelente capaz de suportar uma grande tensão disparou inúmeras flechas aladas parecendo cobras de veneno virulento, mostrando sua admirável agilidade de mão. E enquanto matava seus inimigos em batalha, ele esticava tão rapidamente o arco, pegava suas flechas, as fixava na corda do arco, e disparando-as atirava-as entre o inimigo, que ele então parecia ser uma massa de nuvens derramando uma chuva grossa. Vendo ele então brilhando dessa maneira (como um fogo que aumenta), o rei Duryodhana, ó Bharata, despachou dez mil carros contra ele. Mas aquele arqueiro formidável, Satyaki, de destreza incapaz de ser frustrada e possuidor de grande energia, matou com suas armas celestes todos aqueles poderosos guerreiros em carros. Tendo realizado, arco na mão, aquele feito bravio, aquele herói então se aproximou de Bhurisravas em batalha. E Bhurisravas também, aumentador da

fama dos Kurus, vendo as tropas Dhartarashtra assim derrubadas por Yuyudhana, avançou furioso contra o último. Esticando seu arco grande o qual parecia com aquele do próprio de Indra em cor, ele disparou milhares de flechas, ó monarca, parecendo com cobras de veneno virulento e possuidoras da força do raio, mostrando sua extrema agilidade de mão. Nisso os combatentes que seguiam Satyaki, incapazes de suportar aquelas flechas de toque fatal, fugiram, ó rei, em todas as direções, abandonando, ó monarca, o invencível Satyaki naquele conflito. Vendo isso, os filhos poderosos de Yuyudhana, todos poderosos guerreiros em carros de grande renome, equipados com armaduras excelentes, portando diversas armas, e possuindo estandartes excelentes, se aproximando daquele grande arqueiro, isto é, Bhurisravas, em batalha, dirigiram-se colericamente àquele guerreiro portando em seu estandarte o emblema de uma estaca sacrifical, e disseram essas palavras, 'Ouça, ó parente dos Kauravas, ó tu que és possuidor de grande força, venha, lute em batalha conosco, isto é, com todos nós conjuntamente ou com cada um de nós separadamente. Nos subjugando em batalha tu poderás ganhar grande renome, ou nós, te derrotando, teremos grande satisfação.' Assim endereçado por eles, aquele herói poderoso dotado de grande força e orgulhoso de sua destreza, aquele principal dos homens, vendo-os diante de si, respondeu a eles, dizendo, 'Ó heróis, vocês disseram bem. Se este é agora seu desejo, lutem então vocês todos juntos com cuidado. Eu matarei todos vocês em batalha.' Assim endereçados por ele, aqueles arqueiros heróicos e poderosos dotados de grande energia cobriram aquele castigador de inimigos com uma chuva grossa de flechas. E foi perto da tarde, ó rei, que aquela batalha terrível ocorreu entre Bhurisravas sozinho de um lado e muitos juntos do outro. E aqueles dez heróis cobriram aquele único guerreiro em carro poderoso com chuvas de flechas como as nuvens derramando chuva em um rochedo da montanha na estação das chuvas. Aquele poderoso guerreiro em carro, no entanto, cortou aquelas nuvens de flechas disparadas por eles parecendo os dardos fatais da Morte ou o próprio trovão em refulgência, antes que elas pudessem alcançá-lo. Eles então, cercando aquele guerreiro poderosamente armado, se esforçaram para matá-lo. Mas o filho de Somadatta, excitado com raiva, cortou seus arcos, ó Bharata, e então suas cabeças, com flechas afiadas. Assim mortos, eles caíram, ó monarca, como árvores imensas derrubadas pelo trovão. Vendo então seus filhos poderosos mortos dessa maneira em batalha, o herói Vrishni (Satyaki), ó rei, proferindo um rugido alto, avançou contra Bhurisravas. E aqueles poderosos guerreiros então apressaram seus carros um contra o outro. E cada um deles naquele combate matou os cavalos do carro um do outro. E ambos privados de seus carros, aqueles guerreiros fortes pularam sobre o solo. E ambos pegando cimitarras grandes e escudos excelentes se enfrentaram. E aqueles tigres entre homens, posicionados para o combate, resplandeciam brilhantemente. Então Bhimasena, ó rei, se aproximando rapidamente de Satyaki assim armado com uma cimitarra excelente, recebeu-o em seu próprio carro. E teu filho também, ó monarca, rapidamente acolheu Bhurisravas em seu carro, naquela batalha, na própria vista de todos os arqueiros.

Enquanto isso, durante a continuação daquela batalha, os Pandavas, ó touro da raça Bharata, excitados com cólera, lutavam com aquele poderoso guerreiro em

carro Bhishma. E quando o sol assumiu uma cor vermelha, Dhananjaya, se esforçando ativamente, matou vinte e cinco mil grandes guerreiros em carros. Esses, incitados adiante por Duryodhana para matar Partha, foram assim totalmente destruídos antes que eles pudessem mesmo se aproximar dele, como insetos em um fogo ardente. Então os Matsyas e os Kekayas, todos habilidosos na ciência de armas, cercaram aquele poderoso guerreiro em carro Partha como também seu filho (para protegê-los). Exatamente naquele momento o sol desapareceu, e todos os combatentes pareceram estar privados de seus sentidos. Então no crepúsculo, ó rei, teu pai Devavrata, seus animais estando cansados, fez as tropas serem retiradas. E as tropas dos Pandavas e dos Kurus, cheias de temor e ansiedade no decorrer daquele confronto terrível, procederam para seus respectivos acampamentos, os Pandavas com os Srinjayas, e os Kauravas também, descansaram à noite em conformidade com as regras (da ciência militar)."

75

Sanjaya disse, "Tendo descansado por um tempo, ó rei, ambos os Kurus e os Pandavas, depois que a noite tinha passado, mais uma vez saíram para a batalha. E então alto foi o tumulto, ó rei, que proveio de poderosos guerreiros em carros enquanto eles se preparavam para o combate, e de elefantes enquanto eles estavam sendo equipados para o conflito, e da infantaria enquanto eles colocavam suas armaduras, e de cavalos também, ó Bharata. E o clangor de conchas e a batida de baterias se tornaram ensurdecedores em todas as partes do campo. Então o rei Yudhishthira dirigiu-se a Dhrishtadyumna e disse, 'Ó poderosamente armado, disponha as tropas na formação de combate chamada Makara que oprime o inimigo.' Assim endereçado pelo filho de Pritha, aquele poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, aquele principal dos combatentes em carros, emitiu a ordem, ó grande rei, para os guerreiros em carros (formarem a ordem de batalha Makara). Drupada, e Dhananjaya o filho de Pandu formaram a cabeça daquela formação de combate, e Sahadeva e aquele poderoso guerreiro em carro Nakula formaram seus dois olhos. E o poderoso Bhimasena formou seu bico. E o filho de Subhadra, e os filhos de Draupadi e o Rakshasa Ghatotkacha, e Satyaki, e o rei Yudhishthira o justo, estavam posicionados em seu pescoço. E o rei Virata, aquele comandante de uma grande divisão, formava suas costas, apoiado por Dhrishtadyumna e um grande exército. E os cinco irmãos Kekaya consistiam seu flanco esquerdo, e aquele tigre entre homens, Dhrishtaketu, e Chekitana de grande destreza, posicionados no flanco direito, estavam colocados para proteger aquela formação. E seus dois pés, ó monarca, eram constituídos por aquele poderoso guerreiro em carro, o abençoado Kuntibhoja, e Satanika, apoiados por um grande exército. E aquele grande arqueiro, o poderoso Sikhandin, cercado pelos Somakas, e Iravat, estavam posicionados no rabo daquela formação Makara. E tendo, ó Bharata, formado sua magnífica ordem de batalha, os Pandavas, ó monarca, equipados com armadura ao amanhecer, novamente se mantiveram em posição para a batalha. E com elefantes e corcéis e carros e

infantaria, e com estandartes erguidos e guarda-sóis levantados, e armados com armas brilhantes e afiadas, eles procederam rapidamente contra os Kauravas."

"Então teu pai Devavrata, observando o exército (Pandava) assim organizado, dispôs seu exército, ó rei, em formação de combate contrária seguindo a forma de um enorme grou. E em seu bico estava o filho de Bharadwaja (Drona). E Aswatthaman e Kripa, ó monarca, formavam seus dois olhos. E aquele principal de todos os arqueiros, Kritavarman, unido com o soberano dos Kamvojas e com os Valhikas estava posicionado, ó rei, em sua cabeça. E em seu pescoço, ó Bharata, estava Surasena, e teu filho Duryodhana, ó rei, cercado por muitos reis. E o soberano dos Pragjyotishas, junto com os Madras, os Sauviras, e os Kekayas, e cercado por um grande exército, estava posicionado, ó rei, em seus peitos. E Susarman o rei de Prasthala, acompanhado por suas próprias tropas, permaneceu, equipado com armadura, na asa esquerda. E os Tusharas, os Yavanas e os Sakas, junto com os Chulikas, ficaram na asa direita, ó Bharata, daquela ordem de batalha. E Srutayush e Sataytish e o filho de Somadatta, ó majestade, estavam posicionados na retaguarda daquela ordem de batalha protegendo uns aos outros."

"Então os Pandavas, ó rei, avançaram contra os Kauravas para lutar. O sol, ó Bharata, tendo subido quando a batalha começou. E elefantes procederam contra elefantes. E cavaleiros avançaram contra cavaleiros, guerreiros em carros contra guerreiros em carros, ó rei, e contra elefantes também, naquele conflito aterrador. E homens em carros avançaram contra condutores de elefantes, e condutores de elefantes contra cavaleiros. E guerreiros em carros lutaram com soldados de infantaria, e cavalaria com infantaria. E todos os guerreiros, ó rei, estimulados pela fúria, avançaram uns contra os outros em batalha. E o exército Pandava, protegido por Bhimasena e Arjuna e os gêmeos, parecia belo como a noite enfeitada com estrelas. E teu exército também, com Bhishma e Kripa e Drona e Salya e Duryodhana, e outros, brilhava como o firmamento coberto com os planetas. E Bhimasena o filho de Kunti, dotado de grande bravura, vendo Drona, avançou contra a divisão do filho de Bharadwaja, levado por seus corcéis de grande velocidade. Então Drona, excitado com cólera naquele conflito e dotado de grande energia, perfurou Bhima com nove flechas feitas totalmente de ferro, visando seus membros vitais. Profundamente perfurado pelo filho de Bharadwaja naquele combate, Bhima despachou o quadrigário de Drona para a região de Yama. Nisso o filho de Bharadwaja, dotado de grande destreza, ele mesmo controlando seus corcéis, começou a consumir o exército Pandava como fogo consumindo uma pilha de algodão. E enquanto assim massacrados, ó rei, por Drona e Bhishma, os Srinjayas junto com os Kekayas fugiram. E assim tuas tropas também, mutiladas por Bhima e Arjuna, ficaram privadas de sua razão enquanto elas resistiam, como uma mulher bela em seu orgulho. E naquele conflito destrutivo de heróis grande foi a desgraça, ó Bharata, que aconteceu ao teu exército e ao deles. E nós contemplamos a visão extraordinária, ó Bharata, das tropas lutando umas com as outras indiferentes às suas vidas. E os Pandavas e os Kauravas, ó rei, naquele conflito, lutaram uns com os outros neutralizado as armas uns dos outros."

76

Dhritarashtra disse, "Nosso exército é possuidor de muitas excelências, consistindo em diversas tropas, sua eficiência é admirável. Ele é além disso organizado de acordo com as regras da ciência e, portanto, deve ser irresistível. Ele é extremamente afeiçoado a nós, e sempre dedicado a nós. Ele é submisso, e livre dos defeitos de embriaguez e licenciosidade. Sua bravura foi testada anteriormente. Os soldados não são nem muito velhos nem muito jovens. Eles não são nem magros nem corpulentos. De hábitos ativos, de corpos bem desenvolvidos e fortes, eles estão livres de doença. Eles estão envolvidos em armaduras e bem equipados com armas. Eles são experimentados em todas as espécies de armas. Eles são hábeis em lutas com espadas, com braços nus, e com maças. Eles são bem exercitados em lanças, sabres, e dardos, como também em clavas de ferro, flechas curtas, venábulos e malhos. Eles são dedicados a todos os tipos de exercícios armados, e são experientes em montar e descer das costas de elefantes, em se deslocar para a frente e recuar, em atacar eficientemente, em marcha e retirada. Muitas vezes eles foram testados na condução de elefantes e cavalos e carros. Tendo sido examinados devidamente eles tem recebido remuneração, e não por causa de linhagem, nem por favoritismo nem por relacionamento, nem por força de afeiçoamento, nem por conexões de nascimento e sangue. Eles são todos respeitáveis e honestos, e seus parentes tem sido bem tratados e gratificados por nós. Nós temos feito a eles muitos préstimos. Eles são, além disso, todos homens renomados e dotados de grande energia mental. Ó filho, eles são além disso protegidos por muitos principais dos homens dotados de grande energia, e de realizações famosas, parecendo os próprios Regentes do mundo e famosos na terra inteira. Inúmeros Kshatriyas, respeitados por todo o mundo, e que por sua própria vontade tomaram nosso partido com seus exércitos e seguidores também os protegem. De fato, nosso exército é como o vasto oceano cheio com a água de rios inumeráveis correndo de todas as direções. Ele está cheio de elefantes, e de carros os quais embora desprovidos de asas, contudo parecem com os ocupantes alados do ar. Vastos números de combatentes constituem as águas daquele oceano, e os corcéis e outros animais constituem suas ondas terríveis. Inúmeras espadas e maças e dardos e flechas e lanças constituem os remos (amontoados naquele oceano). Abundando com estandartes e ornamentos e adornados com tecidos incrustados com ouro e pedras preciosas, os corcéis e elefantes impetuosos constituem os ventos que o agitam à fúria. Nossa hoste, portanto, realmente parece com o oceano vasto sem margem rugindo em fúria. E aquela hoste é protegida por Drona e Bhishma e por Kritavarman e Kripa e Dussasana, e outros encabeçados por Jayadratha. Ela é também protegida por Bhagadatta e Vikarna, pelo filho de Drona e o filho de Suvala, e Valhika e por muitos outros heróis poderosos e de grandes almas do mundo. Que nosso exército contudo seja massacrado em batalha é devido somente ao fado predestinado, ó Sanjaya. Nem homens nem Rishis muito abençoados de antigamente alguma vez viram semelhantes preparações (para batalha) sobre a terra antes. Que um exército tão

grande, reunido de acordo com a ciência, e ligado (a nós) por riqueza, ainda seja massacrado em batalha, ai, o que isso pode ser exceto o resultado do Destino? Ó Sanjaya, tudo isso parece ser antinatural. De fato Vidura muitas vezes disse o que era benéfico e desejável. Mas meu filho perverso Duryodhana não aceitaria isso. Eu creio que aquela pessoa sábia e de grande alma tinha previsto tudo o que está agora acontecendo e por isso ele deu o conselho. Ou, ó Sanjaya, tudo isso, em todos os seus detalhes, foi pré-arranjado por Ele, pois aquilo que é ordenado pelo Criador deve acontecer como ordenado e não pode ser de outra maneira."

77

Sanjaya disse, "Tu, ó rei, por consequência do teu próprio erro, foste atingido por esta calamidade. Ó touro da raça Bharata, as falhas que tu, ó monarca, viste naquele comportamento injusto (em direção aos Pandavas), não foram vistas por Duryodhana. Foi por tua falha, ó rei, que o jogo de dados ocorreu. E foi por tua falha que essa batalha ocorreu com os Pandavas. Tendo cometido um pecado, portanto, colha o fruto daquele teu pecado. Uma pessoa colhe o fruto das ações cometidas por ela mesma. Portanto, ó rei, colha o resultado das tuas próprias ações nesse e no outro mundo. Portanto, ó monarca, embora atingido por essa calamidade, todavia fique calmo, e escute, ó majestade, ao (relato da) batalha enquanto eu a recito."

"O heróico Bhimasena, tendo com suas flechas afiadas rompido a tua poderosa formação de combate, então se aproximou de todos os irmãos mais novos de Duryodhana. O poderoso Bhima, vendo Dussasana e Durvisaha e Dussaha e Durmada e Jaya, e Jayasena e Vikarna e Chitrasena e Sudarsana, e Charuchitra e Suvarman e Duskarna e Karna, e muitos outros poderosos guerreiros em carros, excitado com raiva da hoste Dhartarashtra perto o suficiente dele, penetrou na (tua) imensa formação de combate que era protegida por Bhishma naquela batalha. Então, vendo ele em seu meio, todos aqueles guerreiros disseram, 'Ó reis, vamos matá-lo'! Então aquele filho de Pritha foi cercado por aqueles seus primos que estavam firmemente decididos (a tirar sua vida). E Bhima então parecia com o próprio Surya de esplendor ardente cercado pelos planetas poderosos de natureza má, na época da destruição universal. E embora o filho de Pandu estivesse lá no próprio meio da hoste (Kaurava), contudo o medo não entrou em seu coração, como ele não entrou no de Indra enquanto cercado pelos Danavas na batalha violenta de antigamente entre os celestiais e os Asuras. Então milhares de guerreiros em carros armados com todas as armas e totalmente preparados para a batalha oprimiram sua pessoa solitária com flechas terríveis. Nisso o heróico Bhima, desconsiderando os filhos de Dhritarashtra, matou naquele conflito muitos guerreiros principais (do exército Kaurava) lutando de carros ou sobre as costas de elefantes e corcéis. E averiguando o propósito nutrido por aqueles seus primos que estavam empenhados em sua destruição, o poderoso Bhima colocou seu coração em matar todos eles. Então deixando seu carro e pegando sua maça, o filho de Pandu começou a castigar aquele verdadeiro mar de tropas Dhartarashtra."

"Então quando Bhimasena penetrou dessa maneira na hoste Dhartarashtra, Dhrishtadyumna o filho de Prishata, abandonando Drona (com quem ele tinha estado lutando), rapidamente procedeu ao local onde o filho de Suvala estava posicionado. Aquele touro entre homens, frustrando inúmeros guerreiros do teu exército, aproximou-se do carro vazio de Bhimasena naquela batalha. E vendo naquele conflito Visoka, o quadrigário de Bhimasena, Dhrishtadyumna, ó rei, ficou muito triste e quase privado de sua razão. Com voz sufocada em lágrimas, e suspirando enquanto falava, ele questionou Visoka, em aflição, dizendo, 'Onde está Bhima que é caro para mim como minha própria vida?' Visoka então, unindo suas mãos, respondeu para Dhrishtadyumna dizendo, 'O filho poderoso de Pandu, dotado de grande força, me mandando esperar por ele aqui, penetrou sozinho na hoste Dhartarashtra que parece o próprio oceano. Aquele tigre entre homens muito alegremente disse para mim essas palavras, 'Espere por mim, ó quadrigário, contendo os cavalos por um curto espaço de tempo, até eu matar aqueles que estão empenhados na minha destruição.' Vendo então o poderoso Bhima avançando com maça na mão, todas as nossas tropas (que o protegiam) ficaram cheias de alegria. Então nessa batalha terrível e violenta, ó príncipe, teu amigo, rompendo a poderosa formação de combate (do inimigo), entrou dentro dela.' Ouvindo essas palavras de Visoka, o filho de Prishata Dhrishtadyumna, dotado de grande força, disse para o quadrigário essas palavras no campo de batalha, 'Que necessidade eu tenho hoje da própria vida, se esquecendo minha afeição pelos Pandavas eu abandonar Bhima em batalha? Se eu voltar hoje sem Bhima, o que os Kshatriyas dirão de mim? O que eles falarão de mim quando eles souberem que enquanto eu estava no campo Bhima penetrou sozinho na ordem de batalha hostil fazendo uma única abertura nela? Os deuses com Indra em sua chefia castigam com mal aquele que, abandonando seus camaradas em batalha, volta para casa ileso! O poderoso Bhima além disso é meu amigo e parente. Ele é dedicado a mim, e eu também sou dedicado àquele matador de inimigos. Portanto, eu irei para lá, para onde Bhima foi. Veja-me matando o inimigo como Vasava matando os Danavas.' Dizendo isso, o heróico Dhrishtadyumna, ó Bharata, procedeu pelo meio do inimigo, pelos caminhos abertos por Bhimasena e marcados por elefantes esmagados com sua maça. Ele então obteve visão de Bhimasena destruindo as tropas hostis ou derrubando guerreiros Kshatriya como a tempestade devastando fileiras de árvores. E guerreiros em carros e cavaleiros e soldados de infantaria e elefantes, enquanto assim massacrados por ele, proferiam gritos altos de dor. E gritos de 'Ah' e 'Ai' provinham das tuas tropas, ó majestade, enquanto elas eram massacradas pelo vitorioso Bhima habilidoso em todos os modos de guerra. Então os guerreiros Kaurava todos habilidosos com armas, cercando Vrikodara por todos os lados, destemidamente derramaram sobre ele suas chuvas de flechas ao mesmo tempo. Então o filho poderoso de Prishata, vendo aquele principal de todos os manejadores de armas, aquele herói célebre, o filho de Pandu, assim atacado por todos os lados por tropas ferozes de inimigos em formação cerrada, mutilado com flechas, trilhando o campo a pé, e vomitando o veneno de sua ira, com maça na mão e parecendo com o próprio Destruidor na hora da dissolução universal, rapidamente se aproximou dele e confortou-o com sua presença. E acolhendo-o em seu carro, e arrancando as

flechas de todos os seus membros, e abraçando-o calorosamente, o filho de grande alma de Prishata confortou Bhimasena no próprio meio do inimigo. Então teu filho, naquele conflito terrível, se aproximando rapidamente de seus irmãos, disse para eles, 'Esse filho de Drupada de alma perversa está agora reunido com Bhimasena. Vamos todos nos aproximar juntos dele para matá-lo. Não deixemos o inimigo procurar nossas tropas (para lutar).' Ouvindo essas palavras, os Dhartarashtras, assim incitados pela ordem de seu irmão mais velho e incapazes de tolerar (o inimigo), avançaram rapidamente, com armas erguidas, para matar Dhrishtadyumna como cometas ardentes na hora da dissolução universal. Pegando seus arcos belos, aqueles heróis, fazendo a própria terra tremer com a vibração das cordas de seus arcos e o estrépito das rodas de seus carros, derramaram flechas sobre o filho de Drupada, como as nuvens cobrindo o leito da montanha com torrentes de chuva. Mas aquele herói conhecedor de todos os modos de guerra, embora assim atacado com flechas afiadas naquela batalha, não vacilou. Por outro lado, aquele poderoso guerreiro em carro, o filho jovem de Drupada, vendo aqueles teus filhos heróicos diante dele em batalha e se esforçando ao máximo, estando desejoso de matá-los aplicou aquela arma aterradora chamada Pramohana e lutou com teus filhos, ó rei, como Indra com os Danavas em batalha. Então aqueles guerreiros heróicos foram privados de seus sentidos, suas mentes e força afligidas pela arma Pramohana. E os Kauravas fugiram em todas as direções, com seus corcéis e elefantes e carros, vendo aqueles teus filhos privados de seus sentidos em um desmaio como aqueles cujas horas tinham chegado. E naquele momento Drona, o principal de todos os manejadores de armas, se aproximando de Drupada, perfurou-o com três flechas ardentes. E aquele monarca então, ó rei, Drupada, profundamente perfurado por Drona, deixou a batalha, ó Bharata, lembrando de sua antiga hostilidade (com o filho de Bharadwaja). Nisso Drona dotado de grande destreza tendo assim derrotado Drupada, soprou sua concha. E ouvindo o clangor de sua concha, todos os Somakas foram tomados pelo medo. Então Drona, possuidor de grande energia, aquele principal de todos os manejadores de armas, soube que teus filhos tinham sido privados de seus sentidos em batalha com a arma Pramohana. Então o filho de Bharadwaja, desejoso de resgatar os príncipes, deixou depressa aquela parte do campo onde ele estava e foi ao local onde teus filhos estavam. E aquele arqueiro poderoso, o filho de Bharadwaja de grande coragem, viu lá Dhrishtadyumna e Bhima se movendo rapidamente pelo campo naquele conflito terrível. E aquele poderoso guerreiro em carro viu teus filhos privados de seus sentidos. Pegando então a arma chamada Prajna, ele neutralizou a arma Pramohana (que Dhrishtadyumna tinha disparado). Então teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, quando seus sentidos voltaram, mais uma vez procederam para lutar com Bhima e o filho de Prishata. Então Yudhishthira, se dirigindo às suas próprias tropas disse, 'Que doze bravos guerreiros em carros equipados com armadura e encabeçados pelo filho de Subhadra sigam, ao máximo de seu poder, o caminho de Bhima e do filho de Prishata em batalha. Que informações sejam obtidas (daqueles dois guerreiros). Meu coração está muito inquieto.' Assim ordenados pelo rei, aqueles heróis possuidores de grande destreza em batalha e orgulhosos de sua coragem, dizendo ‘Sim’, todos prosseguiram adiante quando o sol tinha alcançado o meridiano. E aqueles

castigadores de inimigos então, isto é, os Kaikeyas e os filhos de Draupadi, e Dhrishtaketu de grande destreza, apoiados por uma grande tropa e com Abhimanyu em sua chefia, e se dispondo na formação de combate chamada Suchimukha, ('de boca de agulha', é uma coluna em forma de cunha com a extremidade fina ou pontuda virada para o lado do inimigo), penetraram naquela divisão de carros dos Dhartarashtras em batalha. E tuas tropas, ó rei, cheias de medo de Bhimasena e privadas de seus sentidos por Dhrishtadyumna, foram incapazes de resistir (ao avanço) daqueles arqueiros poderosos encabeçados por Abhimanyu. E eles estavam realmente desamparados, como uma dama nas ruas. E aqueles arqueiros poderosos com estandartes matizados com ouro atravessando (as tropas Kaurava), procederam com grande velocidade para resgatar Dhrishtadyumna e Vrikodara. E os últimos, vendo aqueles arqueiros poderosos encabeçados por Abhimanyu, se regozijaram e continuaram a prostrar tuas tropas. E o heróico príncipe de Panchala, o filho de Prishata, vendo enquanto isso seu preceptor avançando em direção a ele com grande velocidade, não desejou mais efetuar a morte de teus filhos. Fazendo Vrikodara então ser levado sobre o carro do rei dos Kaikeyas, ele avançou em grande cólera contra Drona habilidoso com flechas e todas as armas. E aquele matador de inimigos, o filho valente de Bharadwaja, excitado com raiva, cortou com uma flecha de cabeça larga o arco do filho de Prishata que estava avançando em direção a ele com impetuosidade. E se lembrando do alimento ele tinha comido de seu mestre e desejoso de fazer bem para Duryodhana, ele também despachou centenas de flechas atrás do filho de Prishata. Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Prishata, pegando outro arco, perfurou Drona com setenta flechas afiadas em pedra e providas de asas de ouro. Então aquele opressor de inimigos, Drona, mais uma vez cortou seu arco, e despachou seus quatro corcéis para a residência de Yama com quatro flechas excelentes, e também matou seu quadrigário, ó Bharata, com uma flecha de cabeça larga. Então aquele poderoso guerreiro em carro de braços fortes, Dhrishtadyumna, descendo rapidamente daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, subiu no carro magnífico de Abhimanyu. Então Drona fez o exército Pandava consistindo em carros, elefantes, e corcéis, tremer, na própria vista de Bhimasena e do filho inteligente de Prishata. Vendo então aquele exército assim enfraquecido por Drona de energia imensurável, todos aqueles poderosos guerreiros em carros foram incapazes de impedir sua fuga. E aquele exército, assim massacrado por Drona com suas flechas afiadas, começou a se mover em círculos lá, como o mar agitado. E contemplando o exército (Pandava) naquela condição, tuas tropas estavam cheias de satisfação. E vendo o preceptor excitado com raiva e consumindo dessa maneira as tropas do inimigo, todos os teus guerreiros, ó Bharata, deram gritos altos e proferiram exclamações em louvor a Drona."

78

Sanjaya disse, "Então o rei Duryodhana, recuperando seus sentidos, mais uma vez começou a resistir a Bhima com chuvas de flechas. E mais uma vez aqueles poderosos guerreiros em carros, teus filhos, juntos, começaram a lutar

valentemente com Bhimasena. E Bhimasena também de braços poderosos durante aquela batalha, alcançando seu carro, subiu nele e procedeu para o local onde teus filhos estavam. E pegando um arco forte e muito resistente adornado com ouro e capaz de tirar as vidas de inimigos ele perfurou teus filhos naquele conflito, com suas flechas. Então o rei Duryodhana atingiu o poderoso Bhimasena nos próprios órgãos vitais com uma flecha comprida muito afiada. Então aquele arqueiro poderoso, perfurado assim profundamente por teu filho, arco na mão, estirando violentamente o seu próprio com olhos vermelhos de ira, atingiu Duryodhana em seus dois braços e no peito com três flechas. Mas atingido dessa maneira, ó rei, ele não se moveu, como um príncipe das montanhas. Vendo então aqueles dois heróis estimulados pela raiva e atingindo um ao outro, os irmãos mais novos de Duryodhana, todos os quais eram heróis preparados para sacrificar suas vidas, lembrando de seu plano anteriormente formado de atormentar Vrikodara de feitos terríveis, se puseram em movimento firmemente decididos, para derrotá-lo. E quando eles se lançaram sobre ele em batalha, Bhimasena de grande força avançou contra eles, ó rei, como um elefante avançando contra um atacante igual. Excitado com fúria e dotado de grande energia, aquele herói célebre então, ó rei, afligiu teu filho Chitrasena com uma flecha comprida. E com relação aos teus outros filhos, aquele descendente de Bharata atingiu eles todos naquela batalha, com diversas espécies de flechas equipadas com asas de ouro e dotadas de grande ímpeto. Então o rei Yudhishthira o justo, dispondo todas as suas próprias divisões apropriadamente despachou doze poderosos guerreiros em carros incluindo Abhimanyu e outros para seguirem atrás de Bhimasena. Eles, ó rei, todos procederam contra aqueles poderosos guerreiros em carros, teus filhos. Vendo aqueles heróis em seus carros, parecendo com o próprio Sol ou o fogo em esplendor, aqueles grandes arqueiros de refulgência brilhante e beleza excelente, parecendo resplandecentes naquele conflito terrível com ornamentos de ouro, teus filhos poderosos abandonaram Bhima (com quem eles tinham estado lutando). Os filhos de Kunti, no entanto, não puderam tolerar a visão deles abandonando o conflito com vida."

79

Sanjaya disse, "Então Abhimanyu, acompanhado por Bhimasena perseguindo teus filhos, afligiu eles todos. Então os poderosos guerreiros em carros do teu exército, incluindo Duryodhana e outros, vendo Abhimanyu e Bhimasena junto com o filho de Prishata no meio das tropas (Kaurava), pegaram seus arcos, e levados por seus cavalos velozes avançaram para o local onde aqueles guerreiros estavam. E naquela tarde, ó rei, uma luta terrível ocorreu entre os combatentes poderosos do teu exército e aqueles do inimigo, ó Bharata. E Abhimanyu, tendo, naquela batalha aterradora, matado os corcéis de Vikarna, perfurou o último com vinte e cinco flechas pequenas. Então aquele poderoso guerreiro em carro, Vikarna, abandonando aquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, subiu no carro resplandecente, ó rei, de Chitrasena. Então assim posicionados no mesmo carro, aqueles dois irmãos da família de Kuru, o filho de Arjuna cobriu, ó Bharata, com chuvas de flechas. Então Durjaya e Vikarna perfuraram Abhimanyu com cinco

flechas feitas totalmente de ferro. Abhimanyu no entanto, não estremeceu de modo algum mas ficou firme como a montanha Meru. Dussasana naquela batalha, ó majestade, lutou com os cinco irmãos Kekaya. Tudo isso, ó grande rei, parecia muito extraordinário. Os filhos de Draupadi, excitados com raiva, resistiram a Duryodhana naquela batalha. E cada um deles, ó rei, perfurou teu filho com três flechas. Teu filho também, invencível em batalha, perfurou cada um dos filhos de Draupadi, ó monarca, com flechas afiadas. E perfurado por eles (em retorno) e banhado em sangue, ele brilhava como uma colina com corregozinhos de água misturada com greda vermelha (deslizando por seu leito). E o poderoso Bhishma também, naquela batalha, ó rei, afligiu o exército Pandava como um vaqueiro espancando seu rebanho. Então, ó monarca, o som do Gandiva foi ouvido, de Partha, que estava empenhado em massacrar o inimigo à direita do exército."

"E naquela parte do campo troncos sem cabeças acumulavam-se aos milhares, entre as tropas, ó Bharata, dos Kauravas e dos Pandavas. E o campo de batalha parecia um oceano cuja água era sangue, e cujos redemoinhos eram as flechas (disparadas pelos combatentes). E os elefantes constituíam as ilhas daquele oceano, e os corcéis suas ondas. E carros constituíam os navios pelos quais homens valentes o cruzavam. E muitos combatentes corajosos, com braços cortados, privados de armadura, e horrivelmente mutilados, eram vistos jazendo lá às centenas e milhares. E com os corpos de elefantes enfurecidos privados de vida e banhados em sangue, o campo de batalha, ó Bharata, parecia como se coberto com colinas. E a vista estupenda que nós vimos lá, ó Bharata, era que nem no exército deles nem no teu havia uma única pessoa que estivesse relutante em lutar. E assim, ó monarca, aqueles bravos guerreiros, do teu exército e dos Pandavas, lutaram, procurando glória e desejosos de vitória."

80

Sanjaya disse, "Então quando o sol assumiu uma cor vermelha, o rei Duryodhana, desejoso de lutar, avançou em direção a Bhima desejando matá-lo. Vendo aquele guerreiro heróico nutrindo animosidade profunda indo (dessa maneira) em direção a ele, Bhimasena, excitado com grande fúria, disse essas palavras, 'Chegou aquela hora a qual eu tenho desejado por tantos anos. Eu te matarei hoje se tu não abandonares a batalha. Matando a ti eu hoje dissiparei as tristezas de Kunti como também de Draupadi e as misérias que foram nossas durante nosso exílio nas florestas. Cheio de orgulho, tu antigamente humilhaste os filhos de Pandu. Veja, ó filho de Gandhari, o terrível resultado daquele comportamento pecaminoso. Seguindo os conselhos de Karna como também do filho de Suvala, e fazendo pouco caso dos Pandavas, tu antigamente te comportaste em direção a eles como tu tinhas sugerido. Tu também desrespeitaste Krishna que te rogou (pela paz). Com o coração alegre tu despachaste Uluka (até nós) com tuas mensagens. Por tudo isso, eu te matarei hoje com todos os teus parentes, e assim vingarei todas aquelas tuas ofensas dos tempos passados.' Tendo dito essas palavras, Bhima curvando seu arco e esticando-o repetidamente, e pegando diversas flechas terríveis cuja refulgência

parecia aquela do próprio relâmpago, e cheio de ira, rapidamente disparou trinta e seis delas em Duryodhana. E aquelas flechas pareciam as chamas de um fogo ardente, e rumaram reto com a força do raio. E então ele perfurou o arco de Duryodhana com duas flechas, e seu quadrigário com duas. E com quatro flechas ele despachou os (quatro) corcéis de Duryodhana para as regiões de Yama. E aquele opressor de inimigos então, com duas flechas disparadas com grande força, cortou naquela batalha o guarda-sol do rei de seu carro excelente. E com três outras flechas ele cortou seu estandarte belo e brilhante. E tendo-o cortado, ele proferiu um grito alto na própria vista do teu filho. E aquele belo estandarte do último, decorado com diversas pedras preciosas, caiu repentinamente no chão de seu carro como um lampejo de relâmpago das nuvens. E todos os reis viram aquele estandarte belo do rei Kuru, portando o emblema de um elefante, enfeitado com pedras preciosas, e brilhante como o sol, cair cortado (por Bhimasena). E aquele poderoso guerreiro em carro, Bhima, então perfurou Duryodhana naquela batalha, sorrindo naquele momento, com dez flechas como um condutor perfurando um elefante poderoso com o gancho. Então aquele principal dos guerreiros em carros, o rei poderoso dos Sindhus, apoiado por muitos guerreiros valentes, se colocou no flanco de Duryodhana. E então aquele grande guerreiro em carro, Kripa, ó rei, fez o vingativo Duryodhana, aquele filho da linhagem de Kuru, de energia imensurável, subir no seu próprio carro. Então o rei Duryodhana, profundamente perfurado por Bhimasena e sentindo grande dor, sentou-se na plataforma daquele carro. Então Jayadratha, desejoso de matar Bhima, cercou-o por todos os lados com vários milhares de carros. Então, ó rei, Dhrishtaketu e Abhimanyu de grande energia, e os Kekayas, e os filhos de Draupadi, todos enfrentaram teus filhos. E Abhimanyu de grande alma atingiu eles todos, perfurando cada um com cinco flechas retas, parecendo os raios do céu ou da própria Morte, disparadas de seu arco excelente. Nisso, todos eles, incapazes de suportar isso (friamente), derramaram sobre aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Subhadra, uma perfeita torrente de flechas afiadas como nuvens carregadas de chuva derramando chuva no leito das montanhas de Meru. Mas Abhimanyu, aquele guerreiro invencível talentoso com armas, afligido dessa maneira por eles em batalha, fez todos os teus filhos, ó rei, tremerem como o manejador do raio fazendo os poderosos Asuras tremerem na batalha entre os celestiais e os últimos. Então aquele principal dos guerreiros em carros, ó Bharata, disparou catorze flechas de cabeça larga, ameaçadoras e parecendo cobras de veneno virulento, em Vikarna. Dotado de grande destreza e como se dançando naquela batalha, ele derrubou com aquelas flechas o estandarte de Vikarna de seu carro e matou também seu quadrigário e corcéis. Então aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Subhadra, novamente disparou em Vikarna muitas outras flechas que eram bem temperadas, de rumo reto, e capazes de penetrar toda armadura. E aquelas flechas equipadas com penas da ave kanka, atingindo Vikarna e atravessando seu corpo, entraram na terra, como cobras silvando. E aquelas flechas, com asas e pontas decoradas com ouro, banhadas no sangue de Vikarna, pareceram vomitar sangue sobre a terra. Vendo Vikarna assim perfurado, seus outros irmãos avançaram, naquela batalha, contra aqueles guerreiros em carros encabeçados pelo filho de Subhadra. E quando aqueles guerreiros invencíveis sobre seus (próprios) carros se aproximaram daqueles combatentes

(do exército Pandava), resplandecentes como muitos sóis e permanecendo em seus carros, ambos começaram a perfurar uns aos outros. E Durmukha, tendo perfurado Srutakarman com cinco flechas, cortou o estandarte do último com uma única flecha e então perfurou seu quadrigário com sete. E chegando mais perto, ele matou com meia dúzia de flechas os corcéis de seu inimigo, velozes como o vento e equipados em armadura dourada, e então derrubou seu quadrigário. Srutakarman, no entanto, permanecendo naquele seu carro, os corcéis do qual estavam mortos, arremessou em grande cólera um dardo brilhante como um meteoro ardente. Aquele dardo, brilhando com refulgência, atravessando a sólida cota de malha de Durmukha, penetrou na terra. Enquanto isso o poderoso Sutasoma vendo Srutakarman privado de seu carro, o fez subir sobre seu próprio carro na própria vista de todas as tropas. O heróico Srutakirti avançou contra teu filho Jayatsena naquela batalha, desejoso, ó rei, de matar aquele guerreiro renomado. Então teu filho Jayatsena, ó rei, com uma flecha afiada tendo uma cabeça de ferradura, sorrindo naquele momento, cortou o arco do Srutakirti de grande alma quando o último se aproximou esticando-o em suas mãos. Então Satanika, vendo o arco de seu irmão cortado, dotado como ele era de grande coragem, rapidamente foi àquele local rugindo repetidamente como um leão. E Satanika, esticando seu arco naquela batalha com grande força, perfurou Jayatsena rapidamente com dez flechas, e proferiu um grito alto como um elefante enfurecido. E com outra flecha de ponta afiada e capaz de penetrar toda armadura, Satanika perfurou profundamente Jayatsena no peito. Exatamente naquele momento, Dushkarna que estava perto de seu irmão (Jayatsena) enfurecido, cortou arco e flecha de Satanika. Então o poderoso Satanika pegando outro arco excelente capaz de aguentar uma grande tensão, mirou muitas flechas afiadas. E dirigindo-se a Dushkarna na presença de seu irmão (Jayatsena), dizendo 'Espere', 'Espere', ele atirou nele aquelas flechas afiadas e ardentes parecendo com muitas cobras. E então ele rapidamente cortou o arco de Dushkarna com uma flecha, e matou seu quadrigário, ó majestade, com duas, e então perfurou o próprio Dushkarna com sete flechas. E aquele guerreiro impecável então com uma dúzia de flechas afiadas matou todos os corcéis de Dushkarna que eram velozes como a mente e de cor variada. E então com outra flecha de cabeça larga, bem mirada e capaz de correr rapidamente, Satanika, excitado com grande ira perfurou Dushkarna profundamente no peito. E nisso o último caiu sobre a terra como uma árvore atingida pelo raio. Vendo Dushkarna morto, cinco poderosos guerreiros em carros, ó rei, cercaram Satanika por todos os lados, desejos de matá-lo. E eles atacaram o renomado Satanika com chuvas de flechas. Então os cinco irmãos Kekaya, estimulados pela cólera, se aproximaram (de Satanika para resgatá-lo). Vendo os últimos se aproximando deles, teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, avançaram em direção a eles como elefantes avançando contra elefantes poderosos. (Esses entre teus filhos, isto é,) Durmukha e Durjaya e o jovem Durmarshana e Satranjaya e Satrusha, todos guerreiros renomados, excitados com raiva, procederam, ó rei, contra os (cinco) irmãos Kekaya. Em seus carros que pareciam cidades (fortificadas), aos quais estavam unidos corcéis enfeitados com ornamentos, e que estavam decorados com belos estandartes de cor variada, aqueles heróis manejando arcos excelentes e equipados com belas cotas de malha e possuindo

estandartes excelentes, entraram no exército hostil como leões entrando em uma floresta de outros. Atacando uns aos outros, violenta e terrificante foi a batalha que se seguiu entre eles e o inimigo, na qual carros e elefantes se emaranharam uns com os outros. Nutrindo sentimentos de hostilidade uns pelos outros, a batalha terrível na qual eles tomaram parte durou por um curto espaço de tempo por volta do pôr do sol, aumentando a população do reino de Yama. E guerreiros em carros e cavaleiros aos milhares estavam espalhados sobre o campo. E Bhishma o filho de Santanu excitado com fúria, começou a massacrar as tropas dos Pandavas de grande alma com suas flechas retas. E com suas flechas ele começou a despachar os combatentes dos Panchalas para os domínios de Yama. E o avô, tendo assim dividido as tropas dos Pandavas finalmente retirou suas tropas e se recolheu, ó rei, para seu acampamento. E o rei Yudhishthira também, vendo Dhrishtadyumna e Vrikodara, cheirou suas cabeças, e cheio de alegria, se retirou para suas tendas."

81

Sanjaya disse, "Então aqueles heróis, ó rei, que nutriam sentimentos de hostilidade uns pelos outros, se retiraram para suas tendas, seus corpos cobertos com sangue. Tendo descansado por um tempo em conformidade com a regra, e elogiando uns aos outros (pelos feitos do dia), eles foram vistos novamente vestidos em armadura, desejosos de lutar. Então teu filho, ó rei, dominado pela ansiedade e coberto com sangue escorrendo (de seus ferimentos), questionou o avô, dizendo, 'Nossas tropas são ferozes e terríveis e carregam incontáveis estandartes. Elas estão, além disso, organizadas devidamente. Contudo os bravos e poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, tendo penetrado (em nossa formação de combate) e afligido e massacrado (nossas tropas), escaparam ilesos. Confundindo a nós todos, eles tem ganhado grande renome em batalha. Bhima além disso, penetrando em nossa ordem de batalha Makara a qual era forte como o raio, me afligiu com suas flechas terríveis cada uma parecendo com a vara da Morte. Vendo ele excitado com fúria, ó rei, eu fui privado de meus sentidos. Mesmo agora eu não posso recuperar minha paz de mente. Pela tua graça, ó tu que és firme em verdade, eu desejo obter a vitória e matar os filhos de Pandu.' Assim endereçado por ele, o filho de grande alma de Ganga, aquele principal de todos os manejadores de armas, dotado de grande energia mental, compreendendo que Duryodhana estava possuído pela aflição respondeu para ele, rindo naquele momento embora triste, dizendo, 'Penetrando no exército (deles) com os maiores esforços e com toda minha alma, ó príncipe, eu desejo te dar vitória e alegria. Por tua causa eu não dissimulo em absoluto. Aqueles que se tornaram os aliados dos Pandavas nessa batalha são ferozes e numerosos. Poderosos guerreiros em carros de grande renome, eles são extremamente corajosos e educados em armas. Incapazes de serem fatigados, eles vomitam sua ira. Nutrindo sentimentos de animosidade por ti, e cheios de bravura, eles não podem ser derrotados facilmente. Eu, no entanto, ó rei, lutarei contra aqueles heróis com toda minha alma e sacrificando minha própria vida. Por tua causa, em batalha, ó tu de grande glória, minha própria vida hoje será arriscada

temerariamente. Por tua causa eu consumiria todos os mundos com os celestiais e os Daityas, sem falar dos teus inimigos aqui. Eu lutarei, ó rei, com aqueles Pandavas, e farei tudo o que é agradável para ti.' Ouvindo essas palavras, Duryodhana ficou inspirado com grande confiança e seu coração estava cheio de deleite. E alegremente ele ordenou todas as tropas, e todos os reis, (em seu exército) dizendo, 'Avancem.' E conforme aquela ordem, ó rei, seu exército consistindo em carros, corcéis, soldados de infantaria, e elefantes, começou a avançar. E aquela grande tropa, ó rei, armada com diversos tipos de armas, estava muito alegre. E aquele teu exército, ó monarca, consistindo em elefantes, corcéis, e soldados de infantaria, no campo de batalha, parecia extremamente belo. E elefantes enormes, posicionados em grandes grupos, e habilmente incitados, pareciam resplandecentes sobre o campo por toda parte. E muitos combatentes nobres educados em diversas armas eram vistos no meio de tuas tropas. E a poeira, vermelha como o sol da manhã, erguida por aqueles carros e soldados de infantaria e elefantes e corcéis em grandes grupos conforme eles eram devidamente movidos sobre o campo, parecia bela, encobrindo os raios do sol. E os estandartes de muitas cores colocados sobre carros e elefantes, tremulando no ar e se movendo pelo firmamento, pareciam belos como lampejos de relâmpago em meio às nuvens. E alto e ameaçador era o barulho feito pelo som dos arcos esticados pelos reis, parecendo o ribombar do oceano enquanto batido na era Krita pelos deuses e os grandes Asuras. E aquele exército de teus filhos, parecendo tão orgulhoso, compondo-se de (combatentes de) diversas cores e formas, gritando tão ferozmente, e capaz de matar guerreiros hostis, então parecia com aquelas massas de nuvens que aparecem no fim do Yuga.'"

82

Sanjaya disse, "Ó chefe dos Bharatas, o filho de Ganga, dirigindo-se novamente a teu filho que estava mergulhado em pensamentos, disse a ele essas palavras agradáveis, 'Eu mesmo e Drona e Salya e Kritavarman da linhagem de Satwata, e Aswatthaman e Vikarna e Bhagadatta e o filho de Suvala e Vinda e Anuvinda de Avanti, e Valhika com os Valhikas, e o poderoso rei dos Trigartas e o soberano invencível dos Magadhas, Vrihadvala o rei dos Kosalas, e Chitrasena e Vivingsati e muitos milhares de guerreiros em carros enfeitados com estandartes altos, um grande número de corcéis nascidos no país, bem montados por excelentes soldados de cavalaria e muitos elefantes enfurecidos de tamanho grande com suco temporal saindo de suas bocas e bochechas, e muitos valentes soldados de infantaria armados com diversas armas e nascidos em diversos reinos, estão todos preparados para lutar por tua causa. Esses, e muitos outros preparados por tua causa para sacrificar suas vidas, são, como eu penso, competentes para derrotar os próprios deuses em batalha. Eu devo, no entanto, sempre te falar, ó rei, o que é para o teu bem. Os Pandavas não podem ser vencidos pelos próprios deuses com Vasava. Eles tem Vasudeva como seu aliado e são iguais ao próprio Mahendra em bravura. Com relação a mim mesmo, no entanto, eu sempre cumprirei tua ordem. Ou eu vencerei os Pandavas em batalha

ou eles me vencerão.' Dizendo essas palavras, o avô deu a ele uma erva excelente de grande eficácia para curar seus ferimentos. E com isso teu filho foi curado de suas feridas. Então ao amanhecer quando o céu estava claro, o bravo Bhishma, aquele principal dos homens bem versado em todas as espécies de formações de combate, ele mesmo dispôs suas tropas naquela formação de batalha chamada Mandala cheia de armas. E ela abundava com principais dos guerreiros e com elefantes e soldados de infantaria. E ela era cercada por todos os lados por muitos milhares de carros, e com grandes grupos de cavaleiros armados com espadas e lanças. Perto de cada elefante estavam colocados sete carros, e perto de cada carro estavam colocados sete cavaleiros. E atrás de cada cavaleiro estavam colocados sete arqueiros, e atrás de cada arqueiro estavam sete combatentes com escudos. E assim, ó rei, teu exército, organizado por poderosos guerreiros em carros, estava posicionado para batalha feroz, protegido por Bhishma. E dez mil cavalos, e o mesmo número de elefantes, e dez mil carros, e teus filhos, todos equipados com armaduras, isto é, o heróico Chitrasena e outros, protegiam o avô. E era visto que Bhishma era protegido por aqueles guerreiros valentes, e aqueles mesmos príncipes de grande força, equipados em armaduras, eram (por sua vez) protegidos por ele. E Duryodhana equipado em armadura posicionado sobre seu carro no campo, e possuidor de toda graça, parecia resplandecente como o próprio Sakra no céu. Então, ó Bharata, altos eram os gritos proferidos por teus filhos e ensurdecedor o estrépito de carros e o grande barulho de instrumentos musicais. Aquela imensa e impenetrável formação de batalha daquele matador de inimigos, isto é, os Dhartarashtras, (na forma chamada) Mandala, (assim) organizada por Bhishma, começou a proceder, de frente para o oeste. Incapaz de ser derrotada por inimigos, ela parecia bela em todos os pontos. Contemplando então a formação de combate chamada Mandala que era extremamente ameaçadora, o próprio rei Yudhishthira dispôs suas tropas na ordem de batalha chamada Vajra. E quando as divisões estavam assim organizadas, guerreiros em carros e cavaleiros, colocados em seus próprios lugares, proferiram gritos leoninos. Acompanhados por suas respectivas tropas, os corajosos guerreiros de ambos os exércitos, bem versados em luta, e ansiosos pela batalha, procederam, desejosos de romper a formação de combate uns dos outros. E o filho de Bharadwaja procedeu contra o rei dos Matsyas, e seu filho (Aswatthaman) contra Sikhandin. E o próprio rei Duryodhana avançou contra o filho de Prishata. E Nakula e Sahadeva avançaram contra o rei dos Madras. E Vinda e Anuvinda de Avanti procederam contra Iravat. E muitos reis juntos lutaram com Dhananjaya. E Bhimasena, se esforçando bastante, se opôs ao filho de Hridika em batalha. E possuidor de grande destreza, (Abhimanyu) o filho de Arjuna, lutou em batalha, ó rei, contra os filhos Chitrasena e Vikarna, e Durmarshana. E o filho de Hidimva, aquele príncipe dos Rakshasas, avançou contra aquele arqueiro poderoso, o soberano dos Pragjyotishas, como um elefante enfurecido contra outro. E o Rakshasa Alamvusha, ó rei, estimulado pela ira, avançou em batalha contra o invencível Satyaki no meio de seus seguidores. E Bhurisravas, se esforçando muito, lutou com Dhrishtaketu. E Yudhishthira, o filho de Dharma, procedeu contra o rei Srutayush. E Chekitana naquela batalha lutou contra Kripa. E outros (entre os guerreiros Kuru), se esforçando vigorosamente, procederam contra aquele poderoso guerreiro em carro Bhima. E milhares de

(outros) reis cercaram Dhananjaya, com dardos, lanças, flechas, maças, e cassetetes com ferrões em suas mãos. Então Arjuna, excitado com grande fúria, dirigindo-se a ele da linhagem de Vrishni, disse, 'Veja, ó Madhava, as tropas Dhartarashtra em batalha, organizadas pelo filho de grande alma de Ganga, conhecedor de todos os tipos de formações de combate. Veja, ó Madhava, aqueles bravos guerreiros, incontáveis em número, e desejosos de lutar (comigo). Veja, ó Kesava, o soberano dos Trigartas com seus irmãos. Hoje mesmo eu matarei eles todos, ó Janardana, diante de teus olhos, eles, ó principal dos Yadus, que, desejando lutar (comigo), estão no campo.' Dizendo essas palavras, o filho de Kunti, friccionando a corda de seu arco, derramou suas flechas sobre aquela multidão de reis. E aqueles grandes arqueiros também despejaram sobre ele chuvas grossas de flechas, como nuvens que enchem um lago com torrentes de chuva na estação chuvosa. E gritos altos foram ouvidos em teu exército, ó monarca, quando naquela batalha formidável os dois Krishnas foram vistos cobertos com chuvas grossas de flechas. E os deuses, os Rishis celestes, e os Gandharvas com os Uragas, vendo os dois Krishnas naquele estado, estavam cheios de grande admiração. Então Arjuna, ó rei, cheio de ira, invocou a arma Aindra. E então a destreza que nós vimos de Vijaya parecia ser muito extraordinária visto que aquelas chuvas de flechas disparadas por seus inimigos foi contida por suas miríades de flechas. E lá entre aqueles milhares de reis e corcéis e elefantes, não havia ninguém, ó rei, que não estivesse ferido. E outros, ó majestade, o filho de Pritha perfurou, cada um com duas ou três flechas. E enquanto estavam sendo assim atacados por Pritha, eles procuraram a proteção de Bhishma, o filho de Santanu. Somente Bhishma então veio a ser o salvador daqueles guerreiros que eram como homens afundando no oceano insondável. E por causa daqueles guerreiros assim fugindo e se misturando com tuas tropas, tuas tropas divididas, ó rei, estavam agitadas como o vasto oceano com uma tempestade."

83

Sanjaya disse, "E quando a batalha estava assim intensa e depois que Susarman tinha parado de lutar, e os (outros) guerreiros heróicos (do exército Kuru) tinham sido derrotados pelo filho de grande alma de Pandu; depois que, de fato, teu exército, parecendo o verdadeiro oceano, tinha ficado rapidamente agitado e o filho de Ganga tinha procedido rapidamente contra o carro de Vijaya (Arjuna), o rei Duryodhana, vendo a destreza de Partha em batalha, foi rapidamente em direção àqueles reis, e dirigindo-se a eles como também ao heróico e poderoso Susarman posicionado em sua vanguarda, disse em meio a eles essas palavras, alegrando eles todos, 'Bhishma, o filho de Santanu, esse principal entre os Kurus, indiferente à sua própria vida, está desejoso de lutar com toda sua alma contra Dhananjaya. Exercendo seu melhor, vocês todos, juntos, e acompanhados por suas tropas, protejam em batalha o avô da família de Bharata, que está procedendo contra o exército hostil.' Dizendo, 'Sim' todas aquelas divisões, pertencentes àqueles reis, ó monarca, procederam, seguindo o avô. Então o poderoso Bhishma, o filho de Santanu, (avançando dessa maneira para a

batalha), se aproximou rapidamente de Arjuna da linhagem de Bharata que também estava indo em direção a ele, em seu carro muito resplandecente e grande ao qual estavam unidos corcéis brancos e sobre o qual estava levantado seu estandarte portando o macaco feroz, e cujo estrépito parecia o ribombar profundo das nuvens. E teu exército inteiro, vendo Dhananjaya enfeitado com diadema, indo dessa maneira para a batalha, proferiram, por medo, muitas exclamações altas. E vendo Krishna, rédeas nas mãos, e parecendo com o sol do meio dia em esplendor, tuas tropas não podiam fitá-lo. E assim também os Pandavas eram incapazes de olhar para o filho de Santanu Bhishma de cavalos brancos e arco branco e parecendo o planeta Sukra surgido no firmamento. E o último estava cercado por todos os lados pelos guerreiros de grande alma dos Trigartas encabeçados por seu rei com seus irmãos e filhos, e por muitos outros poderosos guerreiros em carros."

"Enquanto isso, o filho de Bharadwaja perfurou com suas flechas aladas o rei dos Matsyas em batalha. E naquele combate ele cortou o estandarte do último com uma flecha, e seu arco também com outra. Então Virata, o comandante de uma grande divisão, deixando de lado aquele arco assim cortado, rapidamente pegou outro que era forte e capaz de aguentar uma grande tensão. E ele também pegou várias flechas brilhantes que pareciam cobras de veneno virulento. E ele perfurou Drona em retorno com três (dessas) e seus (quatro) corcéis com quatro. E então ele perfurou o estandarte de Drona com uma flecha, e seu quadrigário com cinco. E ele também perfurou o arco de Drona com uma flecha, e (por tudo isso) aquele touro entre os Brahmanas ficou furioso. Então Drona matou os corcéis de Virata com oito flechas retas, e então seu quadrigário, ó chefe dos Bharatas, com uma flecha. Seu quadrigário tendo sido morto, Virata pulou de seu carro cujos corcéis também tinham sido mortos. E então aquele principal dos guerreiros em carros subiu rapidamente sobre o carro de Sankha (seu filho). Então pai e filho, sobre o mesmo carro, começaram com grande força a resistir ao filho de Bharadwaja com uma chuva grossa de flechas. Então o poderoso filho de Bharadwaja, excitado com cólera, rapidamente atirou em Sankha naquele combate uma flecha parecendo uma cobra de veneno virulento. E aquela flecha, atravessando o peito de Sankha e bebendo seu sangue, caiu sobre a terra, molhada e coberta com sangue. Atingido por aquela flecha do filho de Bharadwaja, Sankha caiu rapidamente de seu carro, seu arco e flechas soltos de suas mãos na própria presença de seu pai. E vendo seu filho morto, Virata fugiu por medo, evitando Drona em batalha, que parecia com a própria Morte com boca escancarada. O filho de Bharadwaja então, sem perder um momento, deteve a imensa hoste dos Pandavas resistindo a combatentes às centenas e milhares."

"Sikhandin também, ó rei, alcançando o filho de Drona naquela batalha, atingiu rapidamente o último entre suas sobrancelhas com três flechas. E aquele tigre entre homens, Aswatthaman, perfurado com aquelas flechas parecia belo como a montanha Meru com seus três topos dourados altos. Então, ó rei, Aswatthaman estimulado pela raiva, e dentro de metade do tempo tomado por um piscar de olhos, derrubou naquele combate o quadrigário de Sikhandin e estandarte e corcéis e armas, cobrindo-os com miríades de flechas. Então aquele principal dos

guerreiros em carros, Sikhandin, aquele opressor de inimigos, pulando daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, e pegando uma cimitarra afiada e polida e um escudo, excitado com raiva, se moveu sobre o campo com grande energia como um falcão. E enquanto ele se movimentava com grande energia, ó rei, no campo com espada na mão, o filho de Drona fracassou em encontrar uma oportunidade (para atingi-lo). E tudo isso parecia muito extraordinário. E então, ó touro da raça Bharata, o muito colérico filho de Drona enviou atrás de Sikhandin naquela batalha muitos milhares de flechas. Mas Sikhandin, aquele principal dos homens poderosos, com sua espada afiada cortou aquela chuva ameaçadora de flechas que ia em direção a ele. Então o filho de Drona cortou em pedaços aquele escudo belo e resplandecente e enfeitado com cem luas e então aquela espada também de Sikhandin. E ele perfurou o corpo do último também, ó rei, com um grande número de flechas aladas. Então Sikhandin, girando o fragmento (em sua mão) daquela sua espada que tinha sido cortada por Aswatthaman com suas flechas e que parecia uma cobra brilhante, arremessou-o rapidamente nele. O filho de Drona no entanto, mostrando naquela batalha a agilidade de seus braços, cortou aquela (lâmina quebrada) que ia impetuosamente em direção a ele e que parecia em esplendor com o fogo que resplandece no fim do Yuga. E ele perfurou o próprio Sikhandin com inúmeras flechas feitas de ferro. Então Sikhandin, ó rei, muito afligido por aquelas flechas aladas, subiu rapidamente no carro de (Satyaki), aquele descendente de grande alma da linhagem de Madhu. Então Satyaki, excitado com raiva, perfurou naquela batalha, com suas flechas terríveis o cruel Rakshasa Alamvusha por todos os lados. Aquele príncipe dos Rakshasas então, ó Bharata, cortou naquele combate o arco de Satyaki com uma flecha de forma de meia-lua e perfurou Satyaki também com muitas flechas. E criando por meio de seus poderes Rakshasa uma ilusão, ele cobriu Satyaki com chuvas de flechas. Mas admirável foi a coragem que nós então vimos do neto de Sini, visto que atacado por aquelas flechas afiadas ele não demonstrou medo. Por outro lado, ó Bharata, aquele filho da linhagem de Vrishni aplicou (com Mantras) a arma Aindra, a qual aquele herói ilustre da família de Madhu tinha obtido de Vijaya. (Satyaki era discípulo de Arjuna em armas.) Aquela arma, reduzindo a cinzas aquela ilusão demoníaca, cobriu Alamvusha totalmente com flechas terríveis, como uma massa de nuvens cobrindo o leito da montanha com torrentes de chuva na estação chuvosa. Nisso o Rakshasa, assim afligido por aquele herói da linhagem de Madhu, fugiu com medo, evitando Satyaki em batalha. Então o neto de Sini, tendo vencido aquele príncipe dos Rakshasas que era incapaz de ser derrotado pelo próprio Maghavat, proferiu um rugido alto na própria vista de todas as tuas tropas. E Satyaki, de bravura incapaz de ser frustrada, então começou a massacrar tuas tropas com inúmeras flechas depois do que as últimas fugiram amedrontadas."

"Enquanto isso, ó monarca, Dhrishtadyumna, o filho poderoso de Drupada, cobriu teu filho nobre em batalha com inúmeras flechas retas. Enquanto, no entanto, ó Bharata, Dhrishtadyumna o estava encobrindo dessa maneira com suas flechas, teu filho nobre não estava nem agitado nem tomado pelo medo. Por outro lado, ele rapidamente perfurou Dhrishtadyumna naquela batalha (primeiro) com sessenta e (então) com trinta flechas. E tudo isso parecia muito extraordinário. Então o comandante do exército Pandava, ó Bharata, estimulado pela raiva cortou

seu arco. E aquele poderoso guerreiro em carro então matou naquele combate os quatro corcéis do teu filho, e também o perfurou com sete flechas das pontas mais afiadas. Nisso (teu filho), aquele guerreiro de braços poderosos dotado de grande força, pulando daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, correu a pé, com um sabre erguido, em direção ao filho de Prishata. Então o poderoso Sakuni, dedicado ao rei, indo rapidamente àquele local, fez teu filho nobre subir em seu próprio carro à vista de todos. Então aquele matador de inimigos, o filho de Prishata, tendo derrotado o rei, começou a massacrar tuas tropas como o manejador do raio massacrando os Asuras."

"Kritavarman, naquela batalha, cobriu com suas flechas aquele poderoso guerreiro em carro Bhima. De fato, ele submergiu o último totalmente, como uma imensa massa de nuvens encobrindo o sol. Então aquele castigador de inimigos, Bhimasena, cheio de cólera, e dando risada, disparou algumas flechas em Kritavarman. Atingido por elas, aquele Atiratha da linhagem Satwata, superando todos em poder, não tremeu, ó rei, mas (em vez disso) perfurou Bhima (em retorno) com muitas flechas afiadas. Então o poderoso Bhimasena, matando os quatro corcéis de Kritavarman, derrubou o quadrigário do último, e então seu estandarte belo. E aquele matador de heróis hostis (Bhima) então perfurou o próprio Kritavarman com muitas flechas de diversos tipos. E Kritavarman, totalmente perfurado, parecia estar muito mutilado em todos os membros. Então daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, Kritavarman foi rapidamente para o carro de Vrishaka, na própria vista, ó rei, de Salya e de teu filho. E Bhimasena estimulado pela raiva começou a atormentar tuas tropas. Instigado à fúria, ele começou a massacrá-las, como o próprio Destruidor armado com sua maça."

84

Dhritarashtra disse, "Muitos e admiráveis, ó Sanjaya, foram os duelos que eu te ouvi contar entre os Pandavas e meus guerreiros. Tu não falaste, no entanto, ó Sanjaya, de nenhum do meu lado estando alegre (em tais ocasiões). Tu sempre falas dos filhos de Pandu como alegres e nunca derrotados, ó Suta e tu falas dos meus como desanimados, desprovidos de energia, e constantemente vencidos em batalha. Tudo isso, sem dúvida, é Destino."

Sanjaya disse, "Teus homens, ó touro da raça Bharata, se esforçam de acordo com a medida de seu poder e coragem, e mostram seu valor até a máxima extensão de sua força. Como contato com as propriedades do oceano faz as águas doces da corrente celeste Ganga frearem, assim a bravura, ó rei, dos guerreiros ilustres do teu exército entrando em contato com os filhos heróicos de Pandu em batalha, torna-se inútil. Se esforçando segundo seu poder, e realizando as mais difíceis façanhas, tu não deves, ó chefe dos Kurus, criticar tuas tropas. Ó monarca, essa destruição grande e terrível do mundo, aumentando (a população) dos domínios de Yama, resultou do teu comportamento impróprio e daquele dos teus filhos. Não cabe a ti, ó rei, te afligir pelo que resultou do teu próprio erro. Reis nesse mundo nem sempre protegem suas vidas. Estes soberanos da Terra,

desejosos de alcançar por meio de batalha as regiões dos justos, lutam diariamente, penetrando em divisões (hostis), com o céu somente como seu alvo."

"Na manhã daquele dia, ó rei, grande foi a carnificina que se seguiu, parecendo a que ocorreu na batalha entre os deuses e os Asuras (antigamente). Ouça, ó monarca, com atenção indivisa. Os dois príncipes de Avanti, aqueles arqueiros formidáveis dotados de grande força, aqueles guerreiros excelentes bravios em batalha, vendo Iravat, avançaram contra ele. A batalha que ocorreu entre eles foi aterradora, de arrepiar os cabelos. Então Iravat, excitado com raiva, rapidamente perfurou aqueles dois irmãos de formas celestes com muitas flechas afiadas e retas. Aqueles dois, no entanto, familiarizados com todos os modos de guerra, o perfuraram em retorno naquela batalha. Lutando com o máximo de empenho para matar o inimigo, e desejosos de neutralizar os feitos uns dos outros, nenhuma distinção, ó rei, podia ser observada entre eles enquanto eles lutavam. Iravat então, ó monarca, com quatro flechas, despachou os quatro corcéis de Anuvinda para a residência de Yama. E com um par de flechas afiadas de cabeça larga, ó majestade, ele cortou o arco e estandarte também de Anuvinda. E esse feito, ó rei, pareceu muito extraordinário. Então Anuvinda, deixando seu próprio carro, subiu no carro de Vinda. Pegando um arco excelente e forte capaz de aguentar uma grande tensão, Anuvinda, como também seu irmão Vinda, aqueles principais dos guerreiros em carros vindos de Avanti, ambos posicionados no mesmo carro, rapidamente dispararam muitas flechas em Iravat de grande alma. Disparadas por eles, aquelas flechas de grande ímpeto enfeitadas com ouro, enquanto percorriam o ar, cobriram o firmamento. Então Iravat, excitado com raiva, derramou sobre aqueles poderosos guerreiros em carros, aqueles dois irmãos (de Avanti) suas chuvas de flechas, e derrubou seu quadrigário. Quando o quadrigário, privado de vida, caiu no chão, os cavalos, não mais controlados, fugiram com o carro. Tendo vencido aqueles dois guerreiros, aquele filho da filha do rei dos Nagas, mostrando sua bravura, então começou a consumir com grande energia tuas tropas. Então aquela imensa hoste Dhartarashtra, enquanto assim massacrada em batalha, começou a cambalear em muitas direções como uma pessoa que bebeu veneno."

"Aquele príncipe dos Rakshasas, o filho poderoso de Hidimva, em seu carro de refulgência solar provido de um estandarte, avançou contra Bhagadatta. O soberano dos Pragjyotishas estava posicionado em seu príncipe dos elefantes como o manejador do raio nos tempos passados na batalha ocasionada pelo rapto de Taraka. Os deuses, os Gandharvas, e os Rishis tinham todos chegado lá. Eles, no entanto, não podiam notar qualquer distinção entre o filho de Hidimva e Bhagadatta. Como o chefe dos celestiais, estimulado pela ira, tinha inspirado os Danavas com medo, assim Bhagadatta, ó rei, assustou os guerreiros Pandava. E os guerreiros do exército Pandava, amedrontados por ele por todos os lados, fracassaram, ó Bharata, em encontrar entre suas tropas algum protetor. Nós vimos no entanto, ó Bharata, o filho de Bhimasena lá, em seu carro. Os outros poderosos guerreiros em carros fugiram com corações desanimados. Quando, no entanto, ó Bharata, as tropas dos Pandavas se reagruparam, na batalha que então se seguiu um tumulto aterrador ergueu-se entre tuas tropas. Então Ghatotkatcha, ó rei, naquela batalha terrível, cobriu Bhagadatta com suas flechas como as nuvens

derramando chuva no leito de Meru. Desviando todas aquelas flechas disparadas do arco do Rakshasa, o rei rapidamente atingiu o filho de Bhimasena em todos os seus membros vitais. Aquele príncipe dos Rakshasas, no entanto, embora atingido por inúmeras flechas retas, não vacilou em absoluto (mas permaneceu imóvel) como uma montanha perfurada (por flechas). Então o soberano dos Pragjyotishas, excitado com cólera, arremessou naquele combate catorze lanças, todas as quais, no entanto, foram cortadas pelo Rakshasa. Cortando por meio de suas flechas afiadas aquelas lanças, o Rakshasa poderosamente armado perfurou Bhagadatta com setenta flechas, cada uma parecendo o raio em energia. Então o soberano dos Pragjyotishas, dando risada, ó Bharata, despachou naquele combate os quatro corcéis do Rakshasa para o domínio da Morte. O príncipe dos Rakshasas, no entanto, de grande coragem, permanecendo naquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, arremessou com grande força um dardo no elefante do soberano dos Pragjyotishas. O rei Bhagadatta então cortou aquele dardo veloz equipado com uma vara de ouro e correndo impetuosamente em direção a ele em três fragmentos, e nisso ele caiu no chão. Vendo seu dardo cortado, o filho de Hidimva fugiu com medo como Namuchi, aquele principal dos Daityas, nos tempos passados, da batalha com Indra. Tendo vencido em batalha aquele herói de grande bravura e destreza renomada, que, ó rei, não podia ser vencido em batalha pelo próprio Yama ou Varuna, o rei Bhagadatta com seu elefante começou a esmagar as tropas dos Pandavas como um elefante selvagem, ó rei, esmagando conforme ele anda os caules de lotos (em um lago)."

"O soberano dos Madras se envolveu em batalha com os filhos de sua irmã, os gêmeos. E ele oprimiu aqueles filhos de Pandu com nuvens de flechas. Então Sahadeva, vendo seu tio materno, engajado em batalha (com ele), cobriu-o com flechas como as nuvens cobrindo o criador do dia. Coberto com aquelas nuvens de flechas, o soberano dos Madras mostrava uma expressão encantada, e os gêmeos também sentiram grande alegria por sua mãe. (Salya estava satisfeito em testemunhar a habilidade dos filhos de sua irmã, enquanto os próprios gêmeos estavam satisfeitos em mostrar aquela habilidade diante de alguém que era parente deles por parte de mãe.) Então Salya, aquele poderoso guerreiro em carro, atacando eficazmente naquela batalha, despachou com quatro flechas excelentes, ó rei, os quatro corcéis de Nakula para a residência de Yama. Nakula então, aquele poderoso guerreiro em carro, pulando rapidamente daquele carro cujos corcéis estavam mortos, subiu no veículo de seu irmão renomado. Posicionados então no mesmo carro, aqueles dois heróis, ambos ferozes em batalha, e ambos excitados com raiva, começaram a cobrir o carro do soberano de Madras, (com suas flechas), esticando seus arcos com grande força. Mas aquele tigre entre homens, embora assim coberto pelos filhos de sua irmã com inúmeras flechas retas não se abalou de maneira nenhuma (mas permaneceu impassível) como uma colina. Dando risada, ele os atacou (em retorno) com chuvas de flechas. Então Sahadeva de grande destreza, ó Bharata, cheio de ira, pegou uma flecha (poderosa), e avançando no soberano dos Madras, disparou-a nele. Aquela flecha dotada da impetuosidade do próprio Garuda, disparada por ele, atravessou o soberano dos Madras, e caiu sobre a terra. Nisso aquele poderoso guerreiro em carro, profundamente perfurado e muito atormentado, sentou-se, ó rei, no terraço

de seu carro, e desmaiou. Vendo-o (assim) afligido pelos gêmeos, privado de consciência, e prostrado (em seu carro), seu quadrigário levou-o para longe em seu veículo sobre o campo. Vendo o carro do soberano dos Madras se retirando (da batalha) os Dhartarashtras todos ficaram tristes e pensaram que estava tudo acabado para ele, (isto é, que ele estava morto). Então aqueles poderosos guerreiros em carros, os dois filhos de Madri, tendo vencido em batalha seu tio materno, sopraram alegremente suas conchas e proferiram rugidos leoninos. E então eles avançaram alegremente, ó rei, em direção ao teu exército como os deuses Indra e Upendra, ó monarca, em direção à hoste Daitya."

85

Sanjaya disse, "Então quando o sol alcançou o meridiano, o rei Yudhishthira, vendo Srutayush, incitou seus corcéis adiante. E o rei avançou em Srutayush, aquele castigador de inimigos, atacando-o com nove flechas retas de pontas afiadas. Aquele grande arqueiro, o rei Srutayush então, detendo naquela batalha aquelas flechas disparadas pelo filho de Pandu, atingiu Yudhishthira com sete flechas. Essas atravessando sua armadura, beberam seu sangue naquela batalha, como se sugando as próprias energias vitais residentes no corpo daquele de grande alma. O filho de Pandu então, embora profundamente perfurado por aquele rei de grande alma, perfurou o rei Srutayush (em retorno), no coração do último, com uma flecha moldada como a orelha do javali. E aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Pritha, com outra flecha de cabeça larga, rapidamente derrubou no chão o estandarte de Srutayush de grande alma de seu carro. Vendo seu estandarte derrubado, o rei Srutayush então, ó monarca, perfurou o filho de Pandu com sete flechas afiadas. Nisso Yudhishthira, o filho de Dharma, resplandeceu com fúria, como o fogo que resplandece no fim do Yuga para consumir as criaturas. Contemplando o filho de Pandu excitado com raiva, os deuses, os Gandharvas, e os Rakshasas, tremeram, ó rei, e o universo ficou agitado. E esse mesmo foi o pensamento que surgiu nas mentes de todas as criaturas, isto é, que aquele rei, excitado com raiva, naquele dia consumiria os três mundos. De fato, quando o filho de Pandu estava assim excitado com cólera, os Rishis e os celestiais rezaram pela paz do mundo. Cheio de ira e frequentemente lambendo os cantos de sua boca, Yudhishthira assumiu uma expressão terrível parecendo com o sol que se ergue no fim do Yuga. Então todos os teus guerreiros, ó rei, ficaram sem esperança com relação às suas vidas, ó Bharata. Controlando, no entanto, aquela ira com paciência, aquele grande arqueiro dotado de renome excelente então cortou o arco de Srutayush no punho. E então, na própria vista de todas as tropas, o rei naquela batalha perfurou Srutayush cujo arco tinha sido cortado, com uma flecha comprida no centro do peito. E o poderoso Yudhishthira então, ó rei, matou rapidamente com suas flechas os corcéis de Srutayush e então, sem perder um momento, seu quadrigário. Vendo a destreza do rei, Srutayush deixando aquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, fugiu rapidamente da batalha. Depois que aquele grande arqueiro tinha sido vencido em combate pelo filho de Dharma, todas as tropas de Duryodhana, ó

rei, viraram seus rostos. Tendo, ó monarca, realizado essa façanha, Yudhishthira, o filho de Dharma, começou a matar tuas tropas como a própria Morte com boca escancarada."

"Chekitana da linhagem de Vrishni, na própria vista de todas as tropas, cobriu com suas flechas Gautama, aquele principal dos guerreiros em carros. Desviando todas aquelas flechas, Kripa o filho de Saradwat, perfurou Chekitana em retorno que estava lutando com grande cautela, ó rei, com flechas naquela batalha. Então, ó Bharata, com outra flecha de cabeça larga ele cortou o arco de Chekitana, e dotado de grande agilidade de mão, ele também derrubou com outra flecha de cabeça larga o quadrigário do último. Kripa então, ó monarca, matou os cavalos de Chekitana, como também ambos os guerreiros que protegiam os flancos do último. Então Chekitana da linhagem Satwata saltou rapidamente de seu carro, e pegou uma maça. O principal de todos os manejadores de maças, Chekitana, com aquela sua maça matadora de heróis, matou os corcéis de Gautama e então derrubou seu quadrigário. Então Gautama, permanecendo no solo, disparou dezesseis flechas em Chekitana. Aquelas flechas, atravessando aquele herói da linhagem de Satwata, entraram na terra. Nisso, Chekitana excitado com raiva mais uma vez arremessou sua maça, desejoso de matar Gautama, como Purandara desejoso de matar Vritra. Então Gautama com muitos milhares de flechas deteve aquela maça enorme, dotada da força do diamante, que estava correndo em direção a ele. Então Chekitana, ó Bharata, tirando seu sabre da bainha, avançou com grande velocidade em direção a Gautama. Nisso Gautama também, jogando fora seu arco, e pegando um sabre polido, avançou com grande velocidade em direção a Chekitana. Ambos possuidores de grande força, e ambos armados com sabres excelentes, começaram a golpear um ao outro com aquelas suas armas de gume afiado. Então aqueles touros entre homens, atingidos com a força dos sabres um do outro, caíram sobre a terra, aquele elemento (comum) de todas as criaturas. Exaustos pelos esforços que eles tinham feito, os membros de ambos estavam imóveis em um desmaio. Então Karakarsha, impelido por amizade, rapidamente avançou para aquele local. E aquele guerreiro invencível, vendo Chekitana naquela situação, acolheu-o em seu carro na própria vista de todas as tropas. E assim também o bravo Sakuni, teu cunhado, ó monarca, rapidamente fez Gautama, aquele principal dos guerreiros em carros, subir em seu carro."

"O poderoso Dhrishtaketu, excitado com cólera, rapidamente perfurou o filho de Somadatta, ó rei, com noventa flechas no peito. E o filho de Somadatta parecia muito resplandecente com aquelas flechas em seu peito, como o sol, ó rei, com seus raios ao meio-dia. Bhurisravas, no entanto, naquela batalha, com suas flechas excelentes, privou Dhrishtaketu, aquele poderoso guerreiro em carro, de seu carro, matando seu quadrigário e corcéis. E vendo-o privado de seu carro, e seus corcéis e quadrigário mortos, Bhurisravas cobriu Dhrishtaketu naquele combate com uma chuva grossa de flechas. Dhrishtaketu de grande alma então, ó majestade, abandonando aquele carro dele, subiu no veículo de Satanika. Chitrasena, e Vikarna, ó rei, e também Durmarshana, esses guerreiros em carros equipados com armaduras douradas, todos avançaram contra o filho de Subhadra. Então uma batalha violenta ocorreu entre Abhimanyu e aqueles guerreiros, como

a batalha do corpo, ó rei, com ar, bílis, e fleuma. (Esses, na fisiologia Hindu, são os três líquidos orgânicos do corpo sempre lutando pelo domínio sobre as forças vitais.) Aquele tigre entre homens, no entanto, (Abhimanyu), tendo, ó rei, privado teus filhos de seus carros, não os matou, se lembrando das palavras de Bhima. (Bhima prometeu matar os filhos de Dhritarashtra; portanto, Abhimanyu não desejou falsificar o voto de seu tio por matar ele mesmo algum deles.) Então durante o progresso da luta, o filho de Kunti (Arjuna), de corcéis brancos, vendo Bhishma, que era incapaz de ser vencido pelos próprios deuses, procedendo para resgatar teus filhos por causa de Abhimanyu, um garoto e sozinho embora um poderoso guerreiro em carro, dirigiu-se a Vasudeva e disse essas palavras, 'Incite os corcéis, ó Hrishikesa, para aquele local onde estão aqueles numerosos guerreiros em carros. Eles são muitos em número, bravos, educados em armas, invencíveis em batalha. Guie os cavalos de maneira que, ó Madhava, o inimigo não possa ser capaz de matar nossas tropas.' Assim solicitado pelo filho de Kunti de energia incomensurável, ele da linhagem de Vrishni então dirigiu aquele carro, ao qual estavam unidos corcéis brancos, para a batalha. Quando Arjuna, excitado com raiva, procedeu assim em direção ao teu exército, um tumulto alto, ó majestade, ergueu-se entre tuas tropas. O filho de Kunti então, tendo se aproximado daqueles reis que estavam protegendo Bhishma, (primeiro) se dirigiu a Susarman, ó rei, e disse essas palavras, 'Eu sei que tu és o mais notável em batalha, e um inimigo terrível (nosso) de antigamente. Veja hoje o resultado terrível daquele (teu) mau comportamento. Eu hoje te farei visitar os espíritos dos teus antepassados mortos.' Aquele líder de divisões de carros, Susarman, no entanto, ouvindo essas palavras duras proferidas por aquele matador de inimigos, Vibhatsu, não disse nada a ele (em resposta), bem ou mal. (Mas) se aproximando do heróico Arjuna, com um grande número de reis em seu séquito, e cercando-o naquela batalha, ele cobriu-o ajudado por teus filhos, ó impecável, com flechas por todos os lados, frente, retaguarda, e flancos, como as nuvens cobrindo o criador do dia. Então, ó Bharata, uma batalha terrível teve lugar entre teu exército e os Pandavas, na qual sangue correu como água."

86

Sanjaya disse, "Então o poderoso Dhananjaya, atingido por aquelas flechas e dando respirações longas como uma cobra pisada, cortou, com grande força, por meio de suas flechas sucessivas, os arcos daqueles poderosos guerreiros em carros. Cortando em um momento, ó rei, os arcos daqueles monarcas poderosos naquela batalha, Arjuna de grande alma desejando exterminá-los perfurou eles todos simultaneamente com suas flechas. Atingidos (dessa maneira) pelo filho de Indra, ó rei, alguns deles caíram no campo, cobertos com sangue. E alguns tiveram seus membros mutilados, e alguns tiveram suas cabeças cortadas. E alguns pereceram com corpos mutilados e cotas de malha cortadas de lado a lado. E afligidos pelas flechas de Partha, muitos deles, caindo sobre a terra, pereceram juntos. Vendo então aqueles príncipes mortos em batalha, o soberano dos Trigartas avançou em seu carro. E trinta e dois outros entre aqueles

guerreiros em carros, eles que tinham estado protegendo a retaguarda dos combatentes mortos também se lançaram sobre Partha. Esses todos, cercando Partha, e esticando seus arcos de vibração alta, despejaram sobre ele uma chuva grossa de flechas como as nuvens derramando torrentes de água no leito da montanha. Então Dhananjaya afligido por aquela torrente de flechas naquela batalha ficou furioso, e com sessenta flechas embebidas em óleo ele liquidou todos aqueles protetores da retaguarda. Tendo subjugado em batalha aqueles sessenta guerreiros em carros, o ilustre Dhananjaya ficou profundamente alegre. E tendo matado também as forças armadas daqueles reis, Jishnu correu para o massacre de Bhishma. Então o soberano dos Trigartas, vendo seus amigos, aqueles poderosos guerreiros em carros, mortos, avançou rapidamente sobre Partha, com vários (outros) reis em sua vanguarda, para matá-lo. Então os guerreiros Pandava encabeçados por Sikhandin, vendo aqueles combatentes avançando sobre Dhananjaya, o mais notável de todos aqueles conhecedores de armas, procederam com armas afiadas nas mãos, desejosos de proteger o carro de Arjuna. Partha também vendo aqueles homens valentes avançando em direção a ele com o soberano dos Trigartas, mutilou-os em batalha com flechas disparadas do Gandiva. Então aquele arqueiro afamado, desejoso de se aproximar de Bhishma viu Duryodhana e outros reis encabeçados pelo soberano dos Sindhus. Lutando com grande energia por um momento e detendo aqueles guerreiros que estavam desejosos de proteger Bhishma, o heróico Arjuna grande coragem e destreza infinita evitando Duryodhana e Jayadratha e outros, aquele guerreiro de força poderosa e grande vigor mental, finalmente procedeu, arco e flechas nas mãos, em direção ao filho de Ganga em batalha. Yudhishthira de grande alma também, de destreza feroz e renome infinito, evitando em batalha o soberano dos Madras que tinha sido designado como sua parte, rapidamente procedeu, com cólera estimulada e acompanhado por Bhima e o filho de Madri em direção a Bhishma, o filho de Santanu, para lutar. Conhecedor de todos os modos de guerra o filho de grande alma de Ganga e Santanu, embora atacado em batalha por todos os filhos de Pandu juntos, não vacilou em absoluto. De poder feroz e grande energia o rei Jayadratha de pontaria certeira, avançando em batalha, cortou violentamente com seu próprio arco excelente os arcos de todos aqueles poderosos guerreiros em carros. E o ilustre Duryodhana também com cólera estimulada e tendo ira como sua atitude, atingiu Yudhishthira e Bhimasena e os gêmeos e Partha, com flechas parecendo chamas de fogo. Perfurados por flechas por Kripa e Sala e Chitrasena, ó senhor, os Pandavas, inflamados com raiva, pareciam os deuses perfurados por flechas pelos Daityas reunidos (nos tempos passados). O rei Yudhishthira então, vendo Sikhandin fugindo, tendo tido sua arma cortada pelo filho de Santanu, encheu-se de raiva. Ajatasatru de grande alma, dirigindo-se furiosamente a Sikhandin naquela batalha, disse essas palavras, 'Tu disseste naquela hora, na presença do teu pai, para mim, 'Eu mesmo matarei Bhishma de votos superiores com minhas flechas da cor do sol refulgente. Realmente eu digo isso.' Esse mesmo foi teu juramento. Aquele teu juramento tu não cumpres visto que tu não matas Devavrata em batalha. Ó herói, não seja uma pessoa de voto não cumprido. Cuide da tua virtude, linhagem, e fama. Contemple Bhishma de impetuosidade terrível oprimindo todas as minhas tropas com suas inúmeras flechas de energia ardente e destruindo tudo num momento como a

própria Morte. Com teu arco cortado evitando a batalha, e vencido pelo filho nobre de Santanu, para onde tu vais, abandonando teus parentes e irmãos? Isso não fica bem em ti. Vendo Bhishma de destreza infinita, e nosso exército desbaratado e fugindo, tu estás seguramente, ó filho de Drupada, apavorado, já que a cor do teu rosto está pálida. Desconhecido por ti, ó herói, Dhananjaya se engajou na batalha terrível. Célebre por todo o mundo, por que, ó herói, tu estás com medo hoje de Bhishma?' Ouvindo essas palavras do rei Yudhishthira o justo, que eram duras, embora repletas de razão acertada, Sikhandin de grande alma, considerando-as como bom conselho, rapidamente se decidiu sobre matar Bhishma. E enquanto Sikhandin estava procedendo para a batalha com grande impetuosidade para se lançar sobre Bhishma, Salya começou a resistir a ele com armas terríveis que eram difíceis de serem frustradas. O filho de Drupada, no entanto, ó rei, de destreza igual àquela do próprio Indra, vendo aquelas armas refulgentes como o fogo que resplandece na hora da dissolução universal (assim) expostas, não estava confuso de modo algum. Detendo aquelas armas por meio de suas próprias flechas, aquele arqueiro poderoso, Sikhandin, permaneceu lá sem se mover. E então ele pegou outra arma, isto é, a aterradora arma Varuna para frustrar (aquelas armas ígneas de Salya). Então os celestiais que estavam no firmamento, e os reis da terra também, todos viram as armas de Salya frustradas por aquela arma Varuna de Sikhandin. Enquanto isso, o heróico Bhishma grande alma, ó rei, naquela batalha, cortou o arco e o estandarte matizado também do filho de Pandu, o rei Yudhishthira da linhagem Ajamida. Nisso jogando de lado seu arco e flechas ao ver Yudhishthira dominado pelo medo, e pegando uma maça naquela batalha, Bhimasena avançou, a pé, em Jayadratha. Então Jayadratha, com quinhentas flechas terríveis de pontas afiadas e cada uma parecendo a vara da Morte, perfurou Bhimasena de todos os lados que estava assim avançando impetuosamente nele, maça na mão. Desconsiderando aquelas flechas, o impetuoso Vrikodara, com coração cheio de raiva, matou naquela batalha todos os corcéis, nascidos em Aratta, do rei dos Sindhus. Então vendo Bhimasena a pé, teu filho (Chitrasena) de coragem inigualável e parecendo o próprio chefe dos celestiais, rapidamente avançou nele em seu carro, com armas erguidas, para dar a ele seu golpe final. Bhima também, rugindo e proferindo um grito alto, avançou nele impetuosamente, maça na mão. Nisso os Kauravas por toda parte vendo aquela maça erguida parecendo a vara da Morte, abandonando teu filho valente, fugiram, desejosos de evitar a queda dela (entre eles). Naquela violenta e terrível aglomeração (de homens), ó Bharata, confundindo os sentidos, Chitrasena, no entanto, vendo aquela maça correndo em direção a ele, não foi privado de sua razão. Pegando uma cimitarra brilhante e um escudo, ele abandonou seu carro e se tornou um guerreiro a pé no campo, pois saltando (de seu veículo) como um leão do topo de um rochedo ele desceu sobre o solo plano. Enquanto isso aquela maça, caindo sobre aquele carro belo e destruindo o próprio veículo com seus corcéis e quadrigário naquela batalha, caiu no chão como um meteoro ardente, solto do firmamento, caindo sobre a terra. Então tuas tropas, ó Bharata, contemplando aquela façanha muito admirável ficaram cheias de alegria, e todas juntas deram um grito alto sobre o campo de batalha. E os guerreiros todos aplaudiram teu filho (por causa do que eles testemunharam)."

87

Sanjaya disse, "Aproximando-se então de teu filho Chitrasena de grande energia que foi privado dessa maneira de seu carro, teu filho Vikarna o fez subir em seu carro. E durante o progresso daquele combate geral, tão violento e terrível, Bhishma, o filho de Santanu, avançou impetuosamente em Yudhishthira. Então os Srinjayas com seus carros, elefantes, e cavalos, tremeram. E eles consideraram Yudhishthira como já estando dentro das mandíbulas da Morte. O senhor Yudhishthira, no entanto, da linhagem de Kuru, acompanhado pelos gêmeos, procedeu em direção àquele arqueiro poderoso, aquele tigre entre homens, Bhishma. Então o filho de Pandu, disparando naquela batalha milhares de flechas, encobriu Bhishma como nuvens encobrindo o sol. E aquelas inúmeras flechas, bem disparadas por Yudhishthira, foram recebidas pelo filho de Ganga em grupos distintos às centenas e milhares. E assim também, ó majestade, inúmeras foram as flechas atiradas por Bhishma (em retorno), as quais pareciam com bandos de insetos percorrendo o ar. Em metade do tempo utilizado em um piscar de olhos, Bhishma, o filho de Santanu, naquela batalha, fez o filho de Kunti invisível por meio suas inúmeras flechas disparadas em grupos. Então o rei Yudhishthira, excitado com raiva, disparou no Kaurava de grande alma uma flecha longa parecendo uma cobra de veneno virulento. Aquele poderoso guerreiro em carro, Bhishma, no entanto, ó rei, cortou naquele combate, com uma flecha (de cabeça) em forma de ferradura, aquela flecha disparada do arco de Yudhishthira antes que ela pudesse alcançá-lo. Tendo cortado aquela flecha longa parecida com a própria Morte, Bhishma então matou naquela batalha os corcéis, enfeitados com ouro, daquele príncipe da linhagem de Kuru. Então Yudhishthira o filho de Pandu, abandonando aquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, rapidamente subiu sobre o carro de Nakula de grande alma. Então Bhishma aquele subjugador de cidades hostis, excitado com raiva, e se aproximando dos gêmeos naquela batalha, cobriu-os com flechas. Vendo aqueles dois (irmãos), ó rei, assim afligidos pelas flechas de Bhishma, Yudhishthira começou a refletir seriamente desejoso, ó monarca, de (efetuar) a destruição de Bhishma. Então Yudhishthira, ó rei, instigou seus amigos e os soberanos (ao seu lado), dizendo, 'Matem Bhishma o filho de Santanu, se unindo.' Então todos aqueles soberanos, ouvindo essas palavras do filho de Pritha, cercaram o avô com um grande número de carros. Teu pai Devavrata então, assim cercado por todos os lados, começou a se divertir, ó rei, com seu arco, derrubando (todo o tempo) muitos poderosos guerreiros em carros. Ele da família de Kuru, assim se movendo rapidamente sobre o campo de batalha, os Pandavas viram parecendo um leão jovem na floresta em meio a um bando de veados. Proferindo um rugido alto naquela batalha e infligindo temor nos corações de bravos guerreiros por meio de suas flechas, os Kshatriyas o observaram, ó rei, todos cheios de medo, como animais inferiores ao verem um leão. De fato os Kshatriyas contemplaram os movimentos daquele leão da raça Bharata em batalha parecer com aqueles de um incêndio ajudado pelo vento enquanto consumindo uma pilha de grama seca. E Bhishma naquela batalha derrubou as cabeças de guerreiros em carros como um homem habilidoso derrubando (com

pedras) frutos maduros (da palmeira) de árvores que as produzem. E as cabeças de guerreiros, ó rei, caindo sobre a superfície da terra produziam um barulho alto parecido com aquele de uma chuva de pedras. Durante a continuação daquela batalha violenta e aterradora uma grande confusão começou entre todas as tropas. E por causa daquela confusão as formações de combate (de ambos os exércitos) foram rompidas. E os Kshatriyas convocando uns aos outros individualmente, aproximaram-se uns dos outros para lutar. Então Sikhandin, avistando o avô dos Bharatas, avançou nele impetuosamente, dizendo, 'Espere', 'Espere.' Lembrando-se, no entanto, da feminilidade de Sikhandin, e desconsiderando-o por isso, Bhishma procedeu contra os Srinjayas. Nisso os Srinjayas, vendo Bhishma naquela grande batalha, estavam cheios de alegria. E eles deram diversos tipos de gritos altos, misturados com o clangor de suas conchas. Então começou uma batalha violenta no decorrer da qual carros e elefantes ficaram emaranhados uns com os outros. E essa era aquela hora do dia, ó senhor, quando o sol estava no outro lado (do meridiano). Então Dhrishtadyumna, o príncipe dos Panchalas, e aquele poderoso guerreiro em carro Satyaki, afligiram muito a hoste (Bharata) com chuvas de flechas e lanças. E com inúmeras flechas, ó rei, aqueles dois começaram a derrotar teus guerreiros naquela batalha. Teus combatentes, no entanto, ó touro entre homens, embora massacrados em batalha (dessa maneira) não fugiram da luta, tendo tomado uma decisão nobre naquele combate. De fato, tuas tropas começaram a atacar de acordo com a medida de sua coragem. Enquanto, no entanto, ó rei, teus combatentes de grande alma estavam sendo massacrados pelo filho ilustre de Prishata, altos gritos de dor eram ouvidos entre eles. Ouvindo aqueles gritos altos, aquele par de poderosos guerreiros em carros do teu exército, Vinda e Anuvinda de Avanti, foram rapidamente contra o filho de Prishata. E aqueles poderosos guerreiros em carros, matando rapidamente seus corcéis, juntos cobriram o filho de Prishata com chuvas de flechas. Nisso aquele poderoso guerreiro em carro, o príncipe dos Panchalas, pulando rapidamente daquele seu carro, subiu sem perda de tempo no carro de Satyaki de grande alma. Então o rei Yudhishthira, apoiado por uma grande tropa, procedeu contra aqueles castigadores de inimigos, os dois príncipes de Avanti excitados com raiva. Similarmente teu filho, ó majestade, com toda preparação, resistiu, cercando Vinda e Anuvinda naquela batalha (para apoiá-los). Arjuna também naquela batalha, excitado com raiva, lutou contra muitos touros da classe Kshatriya, como o manejador do raio contra os Asuras. Drona também, que sempre faz o que é agradável para teu filho, inflamado com ira naquela batalha, começou a consumir os Panchalas como fogo consumindo uma pilha de algodão. Teus outros filhos, ó rei, possuindo Duryodhana como seu chefe, circundando Bhishma naquela batalha, lutaram contra os Pandavas. Então quando o sol assumiu uma cor vermelha, (pouco antes de se pôr), o rei Duryodhana, ó Bharata, dirigindo-se às tuas tropas, disse, ‘Não percam tempo!’ E enquanto eles estavam assim lutando e realizando feitos de realização difícil, o sol tendo se tornado invisível por sua retirada atrás da colina ocidental, lá logo fluiu, perto do crepúsculo, um rio horrível cuja correnteza e vagalhões eram de sangue, e que estava infestado por inúmeros chacais. E o campo de batalha tornou-se terrível, cheio como estava de fantasmas e com aqueles chacais uivando horrivelmente, pressagiando mal. Rakshasas e Pisachas e outros canibais eram

vistos por toda parte, às centenas e milhares. Então Arjuna, tendo vencido aqueles reis encabeçados por Susarman junto com todos os seus seguidores, no meio de sua divisão, procedeu em direção à sua tenda. E o senhor Yudhishthira também da família de Kuru, acompanhado por seus irmãos, e seguido por suas tropas, procedeu, ó rei, quando a noite começou, para sua tenda. E Bhimasena também, tendo vencido aqueles reis, isto é, aqueles guerreiros encabeçados por Duryodhana, procedeu em direção à sua tenda. E o rei Duryodhana (com suas tropas), cercando Bhishma, o filho de Santanu, naquela grande batalha procedeu em direção à sua tenda. E Drona, e o filho de Drona, e Kripa, e Salya, e Kritavarman da linhagem Satwata, circundando todo o exército (Dhartarashtra), foram em direção às suas tendas. E similarmente Satyaki também, ó rei, e Dhrishtadyumna, o filho de Prishata, circundando seu exército, foram para suas tendas. Foi assim, ó rei, que aqueles castigadores de inimigos, tuas tropas e os Pandavas, cessaram de lutar quando veio a escuridão. Então os Pandavas, e os Kauravas, se retirando para suas tendas, entraram nas mesmas, elogiando uns aos outros. E fazendo arranjos para a proteção de seus bravos guerreiros e dispondo postos avançados de acordo com o regulamento, eles arrancaram as flechas (de seus corpos) e se banharam em diversos tipos de água. E Brahmanas realizaram ritos propiciatórios para eles, e bardos cantaram seus louvores. E aqueles homens renomados se divertiram por algum tempo em acompanhamento com música vocal e instrumental. E por um tempo a cena inteira parecia o próprio céu. E aqueles touros entre homens por um tempo não falaram da batalha. E quando ambos os exércitos cheios de homens cansados e elefantes e corcéis dormiram lá, eles se tornaram, ó monarca, belos de se contemplar."

88

Sanjaya disse, "Tendo passado a noite em sono profundo, aqueles soberanos de homens, os Kauravas e os Pandavas, mais uma vez procederam para a batalha. E quando as tropas de ambos os exércitos estavam prestes a se dirigir para o campo, grande foi o tumulto ouvido lá, parecendo o barulho alto do próprio oceano. Então o rei Duryodhana, e Chitrasena, e Vivinsati, e aqueles principais dos guerreiros em carros, Bhishma e o filho de Bharadwaja possuidores de grande destreza, aqueles poderosos guerreiros em carros, vestidos com armadura e juntos, ó rei, formaram com grande cuidado a formação de combate dos Kauravas contra os Pandavas. Tendo formado aquela poderosa ordem de batalha bravia como o oceano e tendo como seus vagalhões e correnteza seus corcéis e elefantes, teu pai Bhishma, o filho de Santanu, então, ó rei, procedeu na vanguarda do exército inteiro, apoiado pelos Malavas, e os habitantes dos países do sul, e os Avantis. Ao lado dele estava o filho valente de Bharadwaja, acompanhado pelos Pulindas, os Paradas, e os Kshudraka-Malavas. Ao lado de Drona estava o bravo Bhagadatta, ó rei, firmemente determinado em luta, acompanhado pelos Magadhas, os Kalingas, e os Pisachas. Atrás de Bhagadatta estava Vrihadvala o rei dos Kosalas acompanhado pelos Melakas, os Tripuras, e os Chichilas. Ao lado de Vrihadvala estava o bravo Trigarta, o soberano de

Prasthala, acompanhado por um grande número dos Kamvojas, e por Yavanas aos milhares. Ao lado do soberano dos Trigartas, ó Bharata, procedia aquele herói poderoso, o filho de Drona, proferindo rugidos leoninos e enchendo a terra com aqueles gritos. Ao lado do filho de Drona procedia o rei Duryodhana com o exército inteiro, cercado por seus irmãos. Atrás de Duryodhana procedia Kripa o filho de Saradwat. Foi assim que aquela ordem de batalha imensa, parecendo o verdadeiro oceano, avançou (para o combate). E estandartes e guarda-sóis brancos, ó senhor, e belos braceletes e arcos caros derramavam sua refulgência lá. E contemplando aquela formação de combate poderosa de tuas tropas, aquele grande guerreiro em carro Yudhishthira dirigiu-se rapidamente ao generalíssimo (de seus exércitos), o filho de Prishata dizendo, 'Veja, ó grande arqueiro, aquela ordem de batalha, já formada, parecendo o oceano. Tu também, ó filho de Prishata, forme sem demora tua ordem de batalha contrária.' (Assim endereçado), o filho heróico de Prishata, ó grande rei, formou aquela terrível formação de combate chamada Sringataka que é destrutiva de todas as formações hostis. Nos chifres estavam Bhimasena e aquele poderoso guerreiro em carro, Satyaki, com muitos milhares de carros como também de cavalos e infantaria. Próximo a eles estava aquele principal dos homens, (Arjuna) de corcéis brancos e tendo Krishna como seu quadrigário. No centro estavam o rei Yudhishthira e os filhos gêmeos de Pandu com Madri. Outros arqueiros nobres, conhecedores da ciência de ordens de combate, com suas tropas, completavam aquela ordem de batalha. Na retaguarda estavam dispostos Abhimanyu, e aquele poderoso guerreiro em carro, Virata, e os filhos de Draupadi e o Rakshasa Ghatotkacha. Assim, ó Bharata, tendo formado sua ordem de batalha poderosa, os Pandavas heróicos esperaram sobre o campo, ansiando pela batalha e desejosos de vitória. E o barulho alto de baterias se misturando com o clangor de conchas e rugidos leoninos e gritos (dos combatentes) e a batida de seus braços, se tornou terrível e encheu todos os pontos do horizonte. Então aqueles guerreiros corajosos, se aproximando uns dos outros para lutar, olharam uns para os outros, ó rei, com olhos sem piscar. Então, ó soberano de homens, os guerreiros, primeiro desafiando uns aos outros pelo nome, lutaram uns com os outros. Então começou uma batalha violenta e terrível entre tuas tropas e aquelas do inimigo atacando umas às outras. E naquela batalha, ó Bharata, flechas afiadas caíam em chuvas como cobras terríveis com bocas escancaradas. E dardos polidos de força impetuosa, lavados com óleo, ó rei, brilhavam como os lampejos refulgentes do relâmpago das nuvens. E maças enfeitadas com ouro e ligadas a ganchos com correntes eram vistas caindo por todo o campo, parecendo belos topos de colinas. E sabres da cor do céu sem nuvens (azul), ó Bharata, e escudos de peles de touro e decorados com cem luas, conforme eles caíam em todos os lugares sobre o campo, ó rei, pareciam belos. E quando os dois exércitos, ó rei, estavam engajados em lutar um com o outro, eles pareciam resplandecentes como as hostes celestes e demoníacas lutando entre si. Por toda parte eles avançavam uns contra os outros em batalha. Os mais notáveis dos nobres guerreiros em carros, se lançando impetuosamente contra guerreiros em carros naquela batalha aterradora, prosseguiram lutando, com as cangas de seus carros engatadas com aquelas de seus adversários. E, ó touro da raça Bharata, por todo o campo lampejos de fogo misturados com fumaça eram gerados, por causa de fricção, nas presas de elefantes lutando. E combatentes

nas costas de elefantes, atingidos por lanças, eram vistos caírem por todos os lados como blocos (soltos) de topos de colinas. E bravos soldados de infantaria, lutando com seus braços nus ou com lanças, e golpeando uns aos outros, pareciam muitos belos. E os guerreiros das hostes Kaurava e Pandava, se aproximando uns aos outros naquele conflito, despachavam uns aos outros com diversas espécies de flechas para a residência de Yama. Então Bhishma, o filho de Santanu, enchendo (o ar) com o estrépito de seu carro, e privando o inimigo de seus sentidos pelo som de seu arco, avançou contra os Pandavas em batalha. Os guerreiros em carros dos Pandavas, também, encabeçados por Dhrishtadyumna, proferindo gritos ferozes, avançaram nele, firmemente resolutos em combate. Então começou, ó Bharata, uma batalha entre infantaria, guerreiros em carros, e elefantes, deles e teus, na qual os combatentes ficaram todos emaranhados uns com os outros."

89

Sanjaya disse, "Os Pandavas eram incapazes até de olhar para Bhishma excitado com raiva em batalha e chamuscando tudo em volta como o próprio Sol derramando calor ardente. Então as tropas (Pandava), por ordem do filho de Dharma, avançaram no filho de Ganga que estava oprimindo (tudo) com suas flechas afiadas. Bhishma, no entanto, que se deleitava em batalha derrubou os arqueiros mais poderosos dentre os Srinjayas e os Panchalas, com suas flechas. Embora massacrados dessa maneira por Bhishma, os Panchalas junto com os Somakas ainda avançaram impetuosamente nele, abandonando o medo da morte. O heróico Bhishma, o filho de Santanu, no entanto, naquela batalha, cortava, ó rei, os braços e cabeças de seus guerreiros em carros. Teu pai Devavrata privou seus guerreiros em carros de carros. E as cabeças de soldados da cavalaria sobre seus cavalos de batalha caíam rapidamente. E nós vimos, ó rei, elefantes enormes parecendo com colinas, privados de seus condutores, e paralisados pelas armas de Bhishma, jazendo por toda parte. Entre os Pandavas, ó rei, não havia outro homem exceto aquele principal dos guerreiros em carros, o poderoso Bhimasena, (que pudesse resistir a Bhishma). De fato, só Bhima, se aproximando de Bhishma, enfrentou-o em batalha. Então naquele combate entre Bhima e Bhishma, um tumulto selvagem e terrível surgiu entre todas as tropas (dos Kauravas). Os Pandavas então, cheios de alegria, proferiram gritos leoninos. Durante aquela carnificina destrutiva, o rei Duryodhana, cercado por seus irmãos, protegeu Bhishma naquela batalha. Então aquele principal dos guerreiros em carros, Bhima, matou o quadrigário de Bhishma. Nisso os corcéis não mais controlados correram para longe do campo com o carro. Então aquele matador de inimigos, Bhima, com uma flecha afiada tendo uma cabeça de ferradura, cortou a cabeça de Sunabha. (Assim) morto, o último caiu no chão. Quando aquele teu filho, aquele poderoso guerreiro em carro e grande arqueiro estava morto, sete dos seus heróicos irmãos, ó majestade, não puderam tolerar (quietamente) aquele ato. Estes, isto é, Adityaketu e Vahvasin, e Kundadhara e Mahodara, e Aparajita, e Panditaka e o invencível Visalaksha, vestidos em armadura matizada e com suas belas cotas de malha e armas, estes opressores de inimigos desejosos de lutar, avançaram

contra o filho de Pandu. E Mahodara, naquela batalha, perfurou Bhimasena com nove flechas aladas, cada uma parecendo com o raio em força, como o matador de Vritra atingindo (o grande Asura) Namuchi. E Adityaketu o atingiu com setenta flechas, e Vishnu com cinco. E Kundadhara o atingiu com noventa flechas, e Visalaksha com sete. E aquele conquistador de inimigos, o poderoso guerreiro em carro Aparajita, ó rei, atingiu Bhimasena de grande força com muitas flechas. E Panditaka também, em batalha, perfurou-o com três flechas. Bhima, no entanto, não suportou (quietamente) esses ataques de seus inimigos em batalha. Agarrando com força o arco com sua mão esquerda, aquele opressor de inimigos cortou, naquela batalha, a cabeça, com uma flecha reta, de teu filho Aparajita, ornada com um nariz fino. Assim vencido por Bhima, sua cabeça então caiu no chão. Então, na própria vista de todas as tropas, Bhima despachou, com outra flecha de cabeça larga, o poderoso guerreiro em carro Kundadhara para o domínio da Morte. Então aquele herói de alma incomensurável, mais uma vez mirando uma flecha, disparou-a, ó Bharata, em Panditaka naquela batalha. E a flecha matando Panditaka, entrou na terra, como uma cobra impelida pela Morte entrando rapidamente na terra depois de despachar a pessoa (cuja hora tinha chegado). De alma não deprimida, aquele herói então, ó rei, lembrando de suas antigas misérias, derrubou a cabeça de Visalaksha, cortando-a com três flechas. Então Bhima, naquela batalha, atingiu o arqueiro poderoso Mahodara no centro do peito com uma flecha comprida. Morto (imediatamente), ó rei, o último caiu no chão. Então, ó Bharata, cortando com uma flecha o guarda-sol de Adityaketu naquela batalha, ele cortou sua cabeça com outra flecha de cabeça larga de corte excelente. Então, ó monarca, estimulado pela ira, Bhima, com outra flecha reta, despachou Vahvasin para a residência de Yama. Então teus outros filhos, ó rei, todos fugiram considerando que eram verdadeiras as palavras que Bhima tinha proferido no (meio da) assembléia (Kaurava); (isto é, sua promessa de que em batalha ele mataria todos os filhos de Dhritarashtra.) Então o rei Duryodhana afligido pela tristeza por conta de seus irmãos, dirigiu-se a todas as suas tropas, dizendo, 'Lá está Bhima. Que ele seja morto.' Assim, ó rei, teus filhos, aqueles arqueiros poderosos, vendo seus irmãos mortos, lembraram daquelas palavras benéficas e pacíficas que Vidura de grande sabedoria tinha falado. De fato, aquelas palavras do sincero Vidura estão agora sendo realizadas, aquelas palavras benéficas, ó rei, as quais, influenciado por cobiça e insensatez como também por afeição por teus filhos, tu naquele tempo não pudeste entender. A julgar pelo modo no qual aquele herói de braços fortes está matando os Kauravas, parece que aquele filho poderoso de Pandu seguramente tomou seu nascimento para a destruição dos teus filhos. Enquanto isso, o rei Duryodhana, ó majestade, dominado por grande pesar, foi até Bhishma, e lá, tomado pela tristeza, ele começou a lamentar, dizendo, 'Meus irmãos heróicos tem sido mortos em batalha por Bhimasena. Embora, além disso, todas as nossas tropas estejam lutando bravamente, contudo elas também estão fracassando. Tu pareces nos desconsiderar, comportando-te (como tu te comportas) como um espectador indiferente. Ai, que rumo eu tomei. Veja meu destino infeliz.'"

Sanjaya continuou, "Ouvindo essas palavras cruéis de Duryodhana, teu pai Devavrata com olhos cheios de lágrimas disse para ele, 'Isso mesmo foi dito por

mim antes, como também por Drona, e Vidura, e a renomada Gandhari. Ó filho, tu então não compreendeste. Ó opressor de inimigos, também foi decidido antes por mim que nem eu mesmo, nem Drona, escaparemos com vida dessa batalha. Eu te digo realmente que aqueles sobre quem Bhima lançar seus olhos em batalha, ele certamente matará. Portanto, ó rei, convocando toda tua paciência, e firmemente resoluto em batalha, lute com os filhos de Pritha, fazendo do céu tua meta. Com relação aos Pandavas, eles não podem ser vencidos pelos próprios deuses com Vasava (em sua chefia). Portanto, colocando teu coração firmemente na batalha, lute, ó Bharata.'"

90

Dhritarashtra disse, "Vendo meus filhos, tantos em número, ó Sanjaya, mortos por uma única pessoa, o que Bhishma e Drona e Kripa fizeram em batalha? Dia após dia, ó Sanjaya, meus filhos estão sendo mortos. Eu penso, ó Suta, que eles estão completamente tomados por destino mau, visto que meus filhos nunca vencem mas são sempre vencidos. Quando meus filhos permanecendo no meio daqueles heróis que não recuam, isto é, Drona e Bhishma, e Kripa de grande alma, e o filho heróico de Somadatta e Bhagadatta, e Aswatthaman também, ó filho, e outros bravos guerreiros, ainda estão sendo mortos em batalha, o que isso pode ser considerado exceto o resultado do destino? O perverso Duryodhana não compreendeu (nossas) palavras antes, embora admoestado por mim, ó filho, e por Bhishma e Vidura. (Embora proibido) sempre por Gandhari, também, por motivos de fazer bem a ele, Duryodhana de mente má não despertou antes de sua insensatez. Aquele (comportamento) agora deu resultado, visto que Bhimasena, excitado com cólera, despacha, dia após dia em batalha, meus filhos insensatos para a residência de Yama."

Sanjaya disse, "Aquelas palavras excelentes de Vidura, proferidas para teu bem, mas as quais tu então não compreendeste, agora vieram a ser realizadas. Vidura disse, 'Impeça teus filhos de jogar dados.' Como um homem cuja hora chegou recusando o remédio apropriado, tu naquela época não escutaste às palavras dos teus amigos benquerentes te aconselhando (para o teu bem). Aquelas palavras proferidas pelos virtuosos tem sido agora realizadas diante de ti. De fato, os Kauravas estão agora sendo destruídos por terem rejeitado aquelas palavras, dignas de aceitação, de Vidura e Drona e Bhishma e outros benquerentes teus. Essas consequências aconteceram exatamente quando tu te recusaste a escutar àqueles conselhos. (As más consequências, que agora te alcançaram, se originaram naquele momento quando os conselhos benéficos de Vidura foram rejeitados.) Ouça agora, no entanto, a minha narração da batalha exatamente como ela tem acontecido. Ao meio-dia a batalha se tornou extremamente horrível e repleta de grande carnificina. Ouça-me, ó rei, enquanto eu a descrevo. Naquele momento todas as tropas (do exército Pandava), excitadas pela raiva, avançaram, por ordem do filho de Dharma, somente contra Bhishma pelo desejo de matá-lo. Dhrishtadyumna e Sikhandin, e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, acompanhados, ó rei, por suas tropas, avançaram

contra Bhishma sozinho. E aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, Virata e Drupada, com todos os Somakas, avançaram em batalha contra Bhishma sozinho. E os Kaikeyas, e Dhrishtaketu, e Kuntibhoja, equipados com armadura e apoiados por suas tropas, avançaram, ó rei, contra Bhishma sozinho. E Arjuna, e os filhos de Draupadi, e Chekitana de grande destreza, procederam contra todos os reis (que estavam) sob o comando de Duryodhana. E o heróico Abhimanyu, e aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Hidimva, e Bhimasena excitado com cólera, avançaram contra os (outros) Kauravas. (Assim) os Pandavas, divididos em três grupos começaram a massacrar os Kauravas. E da mesma maneira os Kauravas também, ó rei, começaram a massacrar seus inimigos. Aquele principal dos guerreiros em carros, isto é, Drona excitado com cólera, avançou contra os Somakas e os Srinjayas, desejoso de mandá-los para a residência de Yama. Nisso gritos altos de dor se elevaram dentre os bravos Srinjayas enquanto eles estavam sendo massacrados, ó rei, pelo filho de Bharadwaja com arco na mão. Grande número de Kshatriyas, derrubados por Drona, eram vistos todos convulsionando como pessoas se contorcendo na agonia de doença. Por todo o campo eram continuamente ouvidos gemidos e gritos e lamentos parecendo aqueles de pessoas afligidas pela fome. E assim o poderoso Bhimasena, estimulado pela fúria, e como um segundo Yama, causou uma carnificina terrível entre as tropas Kaurava. Lá naquela batalha terrível, por causa dos guerreiros matando uns aos outros, um rio terrível começou a fluir cuja correnteza revolta consistia em sangue. E aquela batalha, ó rei, entre os Kurus e os Pandavas, se tornando violenta e horrível, começou a aumentar a população do reino de Yama. Então naquela batalha Bhima excitado com cólera se lançou com grande impetuosidade sobre a divisão de elefantes (dos Kauravas) e começou a mandar muitos para as regiões da Morte. Então, ó Bharata, atingidos pelas flechas de Bhima, alguns daqueles animais caíam, alguns eram paralisados, alguns gritavam (de dor), e alguns fugiam em todas as direções. Elefantes enormes, suas trombas cortadas e membros mutilados, gritando como grous, começaram, ó rei, a cair ao chão. Nakula e Sahadeva se lançaram sobre a cavalaria (Kaurava). Muitos corcéis com guirlandas de ouro em suas cabeças e com seus pescoços e peitos enfeitados com ornamentos de ouro, eram vistos serem mortos às centenas e milhares. A terra, ó rei, estava coberta com corcéis caídos. E alguns estavam privados de suas línguas; e alguns respiravam com dificuldade; e alguns proferiam gemidos baixos, e alguns estavam desprovidos de vida. A terra parecia bela, ó chefe de homens, com aqueles corcéis de tais diversas espécies. Ao mesmo tempo, ó Bharata, ela parecia ferozmente resplandecente, ó monarca, com um grande número de reis mortos por Arjuna naquela batalha. E coberta com carros quebrados e estandartes e guarda-sóis brilhantes partidos, com chamaras e leques rasgados, e armas poderosas quebradas em fragmentos, com guirlandas e colares de ouro, com braceletes, com cabeças enfeitadas com brincos, com proteções para a cabeça soltas (de cabeças), com bandeiras, com belos fundos de carros, ó rei, e com tirantes e rédeas, a terra resplandecia tão brilhantemente como ela brilha na primavera quando coberta com flores. E foi assim, ó Bharata, que a hoste Pandava sofreu destruição quando Bhishma o filho de Santanu, e Drona aquele principal dos guerreiros em carros, e Aswatthaman, e Kripa, e Kritavarman, estavam cheios de

ira. E da mesma maneira teu exército também sofreu o mesmo tipo de destruição quando o outro lado, isto é, os heróis Pandava, estavam excitados com raiva."

91

Sanjaya disse, "Durante o progresso, ó rei, daquela batalha feroz repleta da matança de heróis grandiosos, Sakuni o filho glorioso de Suvala, avançou contra os Pandavas. E assim também, ó monarca, o filho de Hridika da linhagem Satwata, aquele matador de heróis hostis, avançou naquela batalha contra as tropas Pandava. E sorrindo naquele momento, (vários guerreiros no teu lado), com um grande número de corcéis consistindo do melhor da raça Kamvoja como também daqueles nascidos no país dos Rios, e daqueles pertencentes a Aratta e Mahi e Sindhu, e daqueles de Vanayu também que eram de cor branca, e finalmente aqueles de países montanhosos, cercaram (o exército Pandava). E assim também com cavalos, extremamente velozes, rápidos como os próprios ventos, e pertencentes à raça Tittri, (outros cercaram aquele exército). E com muitos cavalos, vestidos com armadura e enfeitados com ouro, os principais de sua raça e velozes como os ventos o filho poderoso de Arjuna (Iravat), aquele matador de inimigos, se aproximou do exército (Kaurava). Aquele filho belo e valente de Arjuna, chamado Iravat, foi gerado na filha do rei dos Nagas pelo inteligente Partha. Seu marido tendo sido morto por Garuda, ela ficou desamparada, e de alma triste. Sem filhos como ela era, ela foi concedida (para Arjuna) por Airavat de grande alma. Partha aceitou-a como esposa, indo até ele como ela foi sob a influência do desejo. Foi assim que aquele filho de Arjuna foi gerado na esposa de outro. Abandonado por seu tio perverso por ódio de Partha, ele cresceu na região dos Nagas, protegido por sua mãe. E ele era belo e dotado de grande força, possuidor de diversos talentos, e de bravura incapaz de ser frustrada. Sabendo que Arjuna tinha ido à região de Indra, ele foi para lá rapidamente. E Iravat de braços fortes, possuidor de bravura incapaz de ser frustrada, se aproximando de seu pai, saudou-o devidamente, permanecendo diante dele com mãos unidas. E ele se apresentou a Arjuna de grande alma, dizendo, 'Eu sou Iravat, abençoado sejas tu, e eu sou teu filho, ó senhor'. E ele lembrou Arjuna de todas as circunstâncias ligadas com o encontro do último com sua mãe. E nisso o filho de Pandu se lembrou de todas aquelas circunstâncias exatamente como elas aconteceram. Abraçando seu filho então que parecia com ele mesmo em habilidades, Partha, na residência de Indra, estava cheio de alegria. Iravat de braços fortes então, ó rei, nas regiões celestes foi, ó Bharata, alegremente mandado por Arjuna, com relação ao seu próprio propósito, (nessas palavras), 'Quando a batalha ocorrer, assistência deve ser dada por ti'. Dizendo 'Sim', ó senhor, ele partiu. E agora na hora da batalha ele se apresentou, ó rei, acompanhado por um grande número de corcéis de grande velocidade e cor bela. E aqueles corcéis, enfeitados com ornamentos de ouro, de várias cores e rapidez excelente, repentinamente corriam sobre o campo, ó rei, como cisnes sobre a superfície do vasto oceano. E aqueles corcéis se lançando sobre os teus de velocidade excelente, bateram seus peitos e narizes contra aqueles dos teus.

Afligidos por sua própria colisão impetuosa (contra os teus), eles caíram de repente, ó rei, ao chão. E por causa daqueles corcéis como também dos teus, ocasionados por aquele choque sons altos foram ouvidos parecendo os que ocorrem no ataque de Garuda. E os cavaleiros daqueles corcéis, ó rei, colidindo dessa maneira uns contra os outros naquela batalha, começaram a matar uns aos outros ferozmente. E durante aquele combate geral o qual foi violento e terrível, os cavalos de batalha de ambos os lados (escapando da pressão da batalha) fugiam desenfreadamente sobre o campo. Enfraquecidos pelas flechas uns dos outros, guerreiros valentes, com seus cavalos mortos sob eles, e eles mesmos desgastados pelo esforço, pereciam rapidamente ferindo uns aos outros com sabres. Então quando aquelas divisões de cavalaria estavam diminuídas e um restante somente sobrevivia, os irmãos mais novos do filho de Suvala, possuidores de grande sabedoria, saíram, ó Bharata (da formação de combate Kaurava) para a vanguarda da batalha, montados em excelentes cavalos que pareciam a própria tempestade em velocidade e na violência de sua arremetida e que eram bem treinados e nem velhos nem novos. Aqueles seis irmãos dotados de grande força, isto é, Gaya, Gavaksha, Vrishava, Charmavat, Arjava, e Suka saíram precipitadamente da poderosa formação de combate (Kaurava), protegidos por Sakuni e por suas respectivas tropas de grande coragem, eles mesmos vestidos em armadura, hábeis em batalha, ferozes em aparência, e possuidores de grande poder. Abrindo caminho através daquela invencível divisão de cavalaria (dos Pandavas), ó tu de braços fortes, aqueles guerreiros Gandhara que podiam ser vencidos com dificuldade, apoiados por uma grande tropa, desejosos do céu, ansiando pela vitória, e cheios de alegria, penetraram nela. Vendo-os cheios de alegria, o bravo Iravat, dirigindo-se aos seus próprios guerreiros enfeitados com diversos ornamentos e armas, disse para eles, 'Adotem tais planos pelos quais esses guerreiros Dhritarashtra com suas armas e animais possam ser todos destruídos.' Dizendo 'Sim', todos aqueles guerreiros de Iravat começaram a matar aqueles soldados Dhartarashtra poderosos e invencíveis. Vendo seus próprios guerreiros assim derrubados pela divisão de Iravat, aqueles filhos de Suvala, não podendo tolerar isso friamente, avançaram todos em Iravat e o cercaram por todos os lados. E mandando (todos os seus seguidores) atacarem aqueles de Iravat com lanças, aqueles heróis se moveram rapidamente sobre o campo, criando uma grande confusão. E Iravat, perfurado com lanças por aqueles guerreiros de grande alma, e banhado em sangue que escorria (de seus ferimentos), parecia com um elefante perfurado pelo gancho. Ferido profundamente no peito, costas, e flancos, sozinho enfrentando muitos, ele contudo, ó rei, não se desviou de sua firmeza (natural). De fato, Iravat, excitado com raiva, privou todos aqueles adversários de seus sentidos, perfurando-os, naquela batalha, com flechas afiadas. E aquele castigador de inimigos, arrancando aquelas lanças de seu corpo, atingiu com elas os filhos de Suvala em batalha. Então desembainhando sua espada polida e pegando um escudo, ele avançou a pé, desejoso de matar os filhos de Suvala naquele combate. Os filhos de Suvala, no entanto, recuperando seus sentidos, mais uma vez avançaram em Iravat, excitados com ira. Iravat, no entanto, orgulhoso de sua força, e mostrando sua agilidade de mão, procedeu em direção a todos eles, armado com sua espada. Movendo-se como ele se movia com grande energia, os filhos de Suvala, embora eles se movimentassem sobre seus

cavalos velozes, não podiam encontrar uma oportunidade para atingir aquele herói (a pé). Vendo-o então a pé, seus inimigos o cercaram de perto e desejaram capturá-lo. Então aquele opressor de inimigos, vendo eles próximos de si mesmo, cortou, com sua espada, seus braços direito e esquerdo, e mutilou seus outros membros. Então aqueles braços deles enfeitados com ouro, e suas armas, caíram no chão, e eles mesmos, com membros mutilados, caíram no campo, privados de vida. Somente Vrishava, ó rei, com muitos ferimentos em seu corpo, escapou (com vida) daquela batalha terrível destrutiva de heróis. Vendo-os jazendo sobre o campo de batalha, teu filho Duryodhana, cheio de raiva disse para aquele Rakshasa de aparência terrível, isto é, o filho de Rishyasringa (Alamvusha), aquele grande arqueiro versado em ilusão, aquele castigador de inimigos, que nutria sentimentos de animosidade contra Bhimasena por causa da morte de Vaka, essas palavras: 'Veja, ó herói, como o filho poderoso de Phalguni, versado em ilusão, tem me causado um dano grave por destruir minhas tropas. Tu também, ó senhor, és capaz de ir a todos os lugares à vontade e habilidoso em todas as armas de ilusão. Tu nutres animosidade também por Partha. Portanto, mate este em batalha.' Dizendo 'Sim', aquele Rakshasa de aparência terrível procedeu com um rugido leonino para aquele local onde o filho poderoso e jovem de Arjuna estava. E ele era apoiado pelos guerreiros heróicos de sua própria divisão, hábeis em atacar, bem montados, habilidosos em batalha e lutando com lanças brilhantes. Acompanhado pelo restante daquela divisão de cavalaria excelente (dos Kauravas), ele procedeu, desejoso de matar em batalha o poderoso Iravat. Aquele matador de inimigos, isto é, o bravo Iravat, excitado com raiva, e avançando rapidamente pelo desejo de matar o Rakshasa, começou a resistir a ele. Vendo-o avançar, o Rakshasa poderoso rapidamente se colocou perto para expor seus poderes de ilusão. O Rakshasa então criou diversos cavalos de batalha ilusórios os quais eram montados por Rakshasas terríveis armados com lanças e machados. Aqueles dois mil batedores hábeis avançando com fúria, foram no entanto, logo mandados para as regiões de Yama, (caindo no combate com as tropas de Iravat). E enquanto as forças armadas de ambos pereceram, ambos, invencíveis em batalha, enfrentaram um ao outro como Vritra e Vasava. Vendo o Rakshasa, que era difícil de ser subjugado em batalha, avançando em direção a ele, o poderoso Iravat, excitado com raiva, começou a deter seu avanço. E quando o Rakshasa chegou mais perto dele, Iravat com sua espada rapidamente cortou seu arco, como também cada uma de suas flechas em cinco fragmentos. Vendo seu arco cortado, o Rakshasa rapidamente se elevou para o céu, confundindo com sua ilusão o enfurecido Iravat. Então Iravat também, difícil de aproximação, capaz de assumir qualquer forma à vontade, e tendo o conhecimento de quais são os membros vitais do corpo, se elevando ao céu, e confundindo com sua ilusão o Rakshasa, começou a cortar os membros do último naquela batalha, e assim os membros do Rakshasa foram repetidamente cortados em vários pedaços. Naquele momento o Rakshasa, no entanto, ó rei, renasceu, assumindo uma aparência jovem. Ilusão é natural para eles, e sua idade e forma são ambos dependentes de sua vontade. E os membros daquele Rakshasa, ó rei, cortados em pedaços, apresentavam uma bela visão. Iravat, excitado com raiva, repetidamente cortou aquele Rakshasa poderoso com seu machado afiado. O bravo Rakshasa, assim cortado em pedaços como uma árvore pelo poderoso

Iravat, rugia ferozmente. E aqueles rugidos dele se tornaram ensurdecedores. Mutilado com o machado, o Rakshasa começou a emanar sangue em torrentes. Então (Alamvusha), o filho poderoso de Rishyasringa, vendo seu inimigo resplandecendo com energia, ficou enfurecido e ele mesmo empregou sua destreza naquele combate. Assumindo uma forma prodigiosa e feroz, ele se esforçou para apanhar o filho heróico de Arjuna, o renomado Iravat. Na vista de todos os combatentes lá presentes, contemplando aquela ilusão do Rakshasa perverso na vanguarda da batalha, Iravat ficou cheio de raiva e adotou medidas por ele mesmo recorrer à ilusão. E quando aquele herói, que nunca se retirava da batalha, ficou inflamado com cólera, um Naga parente dele pelo lado de sua mãe se aproximou dele. Cercado por todos os lados, naquela batalha, por Nagas, aquele Naga, ó rei, assumiu uma forma enorme poderosa como o próprio Ananta. Com diversas espécies de Nagas então ele cobriu o Rakshasa. Enquanto era coberto por aqueles Nagas, aquele touro entre os Rakshasas refletiu por um momento, e assumindo a forma de Garuda, ele devorou aquelas cobras. Quando aquele Naga da linhagem de sua mãe foi devorado por meio de ilusão, Iravat ficou desnorteado. E enquanto ele estava naquele estado, o Rakshasa o matou com sua espada, Alamvusha derrubou sobre a terra a cabeça de Iravat enfeitada com brincos e ornada com um diadema e parecendo bela como um lótus ou a lua."

"Quando o filho heróico de Arjuna foi assim morto pelo Rakshasa, a hoste Dhartarashtra com todos os reis (nela) foi libertada da aflição. Naquela grande batalha que era tão violenta, horrível foi a carnificina que ocorreu entre ambas as divisões. Cavalos e elefantes e soldados de infantaria emaranhados uns com os outros, foram mortos por elefantes. E muitos cavalos e elefantes foram mortos por soldados de infantaria. E naquele combate geral grupos de soldados de infantaria e carros, e grande número de cavalos pertencentes ao teu exército e ao deles, foram mortos, ó rei, por guerreiros em carros. Enquanto isso Arjuna, não sabendo que seu filho tinha sido morto, matou naquela batalha muitos reis que estavam protegendo Bhishma. E os guerreiros, ó rei, do teu exército e os Srinjayas, aos milhares, derramaram suas vidas como libações (no fogo da batalha), golpeando uns aos outros. E muitos guerreiros em carros, com cabelo despenteado, e com espadas e arcos caídos de seus punhos lutavam com seus braços nus, enfrentado uns aos outros. O poderoso Bhishma também, com flechas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais, matou muitos poderosos guerreiros em carros e fez o exército Pandava tremer (naquele momento). Por ele foram mortos muitos combatentes na hoste de Yudhishthira, e muitos elefantes e soldados de cavalaria e guerreiros em carros e corcéis. Contemplando, ó Bharata, a destreza de Bhishma naquela batalha, parecia para nós que ela era igual àquela do próprio Sakra. E a destreza de Bhimasena, como também aquela de Parshata, mal era menor, ó Bharata, (do que aquela de Bhishma). E assim também a batalha lutada por aquele arqueiro formidável (Satyaki) da linhagem de Satwata, foi igualmente feroz. Observando, no entanto, a destreza de Drona, os Pandavas estavam tomados pelo medo. De fato eles pensaram, 'Sozinho, Drona pode nos matar com todas as nossas tropas. O que então deve se dito dele quando ele está cercado por um grande grupo de guerreiros que por sua coragem são renomados no mundo?' Isso mesmo, ó rei, foi o que Partha disse, afligido por Drona. Durante o

progresso daquela batalha violenta, ó touro da raça Bharata, os bravos combatentes de nenhum dos dois exércitos perdoaram seus adversários do outro. Ó majestade, os poderosos arqueiros do teu exército e daquele dos Pandavas, estimulados pela raiva, lutaram furiosamente uns com os outros, como se eles estivessem possuídos pelos Rakshasas e demônios. De fato, eles não viam ninguém na batalha que foi tão destrutiva de vidas e que foi considerada uma batalha de demônios, para tirar a vida."

92

Dhritarashtra disse, "Conte-me, ó Sanjaya, tudo o que o poderoso Partha fez em batalha quando ele soube que Iravat tinha sido morto."

Sanjaya disse, "Vendo Iravat morto em batalha, o Rakshasa Ghatotkacha, o filho de Bhimasena, proferiu gritos altos. E pela sonoridade daqueles rugidos, a terra tendo o oceano como seus mantos, junto com suas montanhas e florestas, começou a tremer violentamente. E o firmamento também e os quadrantes cardeais e secundários, todos tremeram. E ouvindo aqueles rugidos altos dele, ó Bharata, as coxas e outros membros das tropas começaram a tremer, e suor também apareceu em seus corpos. E todos os teus combatentes, ó rei, ficaram desanimados de coração. E por todo o campo os guerreiros permaneceram imóveis, como um elefante com medo do leão. E o Rakshasa, proferindo rugidos altos parecendo o estrépito do trovão, assumindo uma forma terrível, e com uma lança ameaçadora erguida na mão, e cercado por muitos touros entre Rakshasas de formas ferozes armados com diversas armas, avançou, excitado com raiva e parecendo o próprio Destruidor no fim do Yuga. Vendo-o avançar em fúria e com uma expressão terrível, e vendo também suas próprias tropas quase todas fugindo por medo daquele Rakshasa, o rei Duryodhana avançou contra Ghatotkacha, pegando seu arco com flecha fixada na corda, e rugindo repetidamente como um leão. Atrás dele procedia o soberano dos Vangas, com dez mil elefantes, enormes como colinas, todos com suco escorrendo. Vendo teu filho, ó rei, (assim) avançando cercado por aquela divisão de elefantes, aquele caminhante da noite (Ghatotkacha) estava muito inflamado com raiva. Então começou uma batalha com a máxima intensidade de arrepiar os cabelos, entre o Rakshasa formidável e as tropas de Duryodhana. E observando também aquela divisão de elefantes surgida (no horizonte) como uma nuvem, os Rakshasas, inflamados com raiva, avançaram em direção a ela, armas nas mãos, e proferindo diversos rugidos como nuvens carregadas com relâmpagos. Com flechas e dardos e espadas e flechas compridas, como também com lanças e malhos e machados de batalha e flechas curtas, eles começaram a derrubar aquela hoste de elefantes. E eles mataram elefantes enormes com topos de montanha e árvores grandes. Enquanto os Rakshasas matavam aqueles elefantes, ó rei, nós vimos que alguns deles tinham seus globos frontais esmagados, alguns estavam banhados em sangue, e alguns tinham seus membros quebrados ou cortados de lado a lado. Finalmente quando aquela hoste de elefantes tinha sido rompida e diminuída, Duryodhana, ó rei, avançou sobre os Rakshasas, sob a influência da raiva e se tornando indiferente à

sua própria vida. E aquele guerreiro poderoso disparou nuvens de flechas afiadas nos Rakshasas. E aquele grande arqueiro matou muitos dos seus principais guerreiros. Cheio de fúria, ó chefe dos Bharatas, aquele poderoso guerreiro em carro, teu filho Duryodhana, então matou com quatro flechas quatro dos principais Rakshasas, isto é, Vegavat, Maharudra, Vidyujihva, e Pramathin. E novamente, ó chefe dos Bharatas, aquele guerreiro de alma incomensurável disparou na hoste Rakshasa chuvas de flechas que podiam ser resistidas com dificuldade. Vendo aquele grande feito de teu filho, ó majestade, o poderoso filho de Bhimasena se inflamou com ira. Puxando seu arco grande refulgente como o relâmpago, ele avançou impetuosamente no colérico Duryodhana. Vendo-o avançando (dessa maneira) como a própria Morte incumbida pelo Destruidor, teu filho Duryodhana, ó rei, não tremeu em absoluto. Com olhos vermelhos de raiva, e excitado com fúria, Ghatotkacha, então, dirigindo-se a teu filho, disse, 'Eu hoje me livrarei da dívida que tenho com meus pais, como também com minha mãe, eles que foram exilados por tanto tempo por tua pessoa cruel. Os filhos de Pandu, ó rei, foram vencidos por ti naquela partida de dados. A filha de Drupada Krishna também, enquanto indisposta e, portanto, vestida em uma única peça de roupa, foi levada à assembléia e grande transtorno foi dado por ti de diversas maneiras, ó tu o mais perverso, a ela. Enquanto morando também em seu retiro silvestre, teu benquerente, aquele indivíduo pecaminoso, o soberano dos Sindhus, além disso a perseguiu, desrespeitando meus pais. Por essas e outras injúrias, ó desgraçado de tua raça, eu hoje me vingarei se tu não deixares o campo.' Dizendo essas palavras, o filho de Hidimva, esticando seu arco gigantesco, mordendo seu lábio (inferior) com seus dentes, e lambendo os cantos de sua boca, cobriu Duryodhana com uma chuva abundante, como uma massa de nuvens cobrindo o leito da montanha com torrentes de chuva na estação chuvosa."

93

Sanjaya disse, "Aquela chuva de flechas, difícil de ser suportada até pelos Danavas, o rei Duryodhana, no entanto, suportou (tranquilamente) naquela batalha, como um elefante gigantesco suportando uma chuva (do céu). Então cheio de raiva e suspirando como uma cobra, teu filho, ó touro da raça Bharata, estava colocado em uma posição de grande perigo. Ele então disparou vinte e cinco flechas afiadas de pontas penetrantes. Essas, ó rei, caíram com grande força naquele touro entre os Rakshasas, como cobras zangadas de veneno virulento no leito de Gandhamadana. Perfurado com aquelas flechas, sangue escorreu do corpo do Rakshasa e ele parecia com um elefante com têmporas fendidas (isto é, com suco temporal escorrendo). Nisso aquele canibal colocou seu coração na destruição do rei (Kuru). E ele pegou um dardo enorme que era capaz de perfurar até uma montanha. Brilhando com luz, refulgente como um meteoro grande, ele fulgurava com brilho como o próprio relâmpago. E Ghatotkacha de braços fortes, desejoso de matar teu filho, ergueu aquele dardo. Vendo aquele dardo erguido, o soberano dos Vangas montando sobre um elefante enorme como uma colina, dirigiu-o em direção ao Rakshasa. No campo de batalha, com o

poderoso elefante de grande velocidade, Bhagadatta se colocou exatamente na frente do carro de Duryodhana. E com aquele elefante ele cobriu completamente o carro do teu filho. Vendo então o caminho (para o carro de Duryodhana) assim coberto pelo inteligente rei dos Vangas, os olhos de Ghatotkacha, ó rei, ficaram vermelhos de raiva. E ele lançou aquele dardo enorme, antes erguido, naquele elefante. Atingido, ó rei, por aquele dardo arremessado dos braços de Ghatotkacha, aquele elefante, coberto com sangue e em grande agonia, caiu e morreu. O poderoso rei dos Vangas, no entanto, saltando rapidamente daquele elefante, desceu no chão. Duryodhana então vendo o príncipe dos elefantes morto, e vendo também suas tropas divididas e recuando, estava cheio de angústia. Por respeito, no entanto, pelo dever de um Kshatriya (que consistia em não se retirar do campo), como também seu próprio orgulho, o rei, embora derrotado, permaneceu firme como uma colina. Cheio de ira e mirando uma flecha afiada que parecia o fogo Yuga em energia, ele a disparou naquele vagueador feroz da noite. Contemplando aquela flecha, brilhando como o raio de Indra, assim correndo em direção a ele, Ghatotkacha de grande alma desviou-a pela rapidez de seus movimentos. Com olhos vermelhos de raiva, ele mais uma vez gritou ferozmente, assustando todas as tuas tropas, como as nuvens que aparecem no fim do Yuga. Ouvindo aqueles rugidos ferozes do terrível Rakshasa, Bhishma o filho de Santanu, se aproximando do preceptor, disse essas palavras, 'Esses rugidos selvagens que são ouvidos, proferidos pelos Rakshasas, sem dúvida indicam que o filho de Hidimva está lutando com o rei Duryodhana. Aquele Rakshasa é incapaz de ser vencido em batalha por qualquer criatura. Portanto, abençoados sejam vocês, vão para lá e protejam o rei. O abençoado Duryodhana está sendo atacado pelo Rakshasa de grande alma. Portanto, ó castigadores de inimigos, esse mesmo é nosso maior dever (isto é, o resgate do rei).' Ouvindo aquelas palavras do avô, aqueles poderosos guerreiros em carros sem perda de tempo e com a maior velocidade procederam ao local onde o rei dos Kurus estava. Eles encontraram com Duryodhana e Somadatta e Valhika e Jayadratha; e Kripa e Bhurisravas e Salya, e os dois príncipes de Avanti junto com Vrihadvala, e Aswatthaman e Vikarna, e Chitrasena e Vivinsati. E muitos milhares de outros guerreiros em carros, incluindo todos aqueles que os seguiam, procederam, desejosos de resgatar teu filho Duryodhana que estava em grandes dificuldades. Contemplando aquela divisão invencível protegida por aqueles poderosos guerreiros em carros, indo em direção a ele com intenções hostis, aquele melhor dos Rakshasas, o poderosamente armado Ghatotkacha, ficou firme como a montanha Mainaka, com um arco enorme na mão, e cercado por seus parentes armados com cassetetes e malhos e diversos outros tipos de armas. Então começou uma batalha violenta, de arrepiar os cabelos, entre aqueles Rakshasas de um lado e aquela principal das divisões de Duryodhana do outro. E o barulho alto de vibração de arcos naquela batalha era ouvido, ó rei, em todos os lados parecendo com o barulho feito por bambus queimando. E o estrondo produzido pelas armas caindo sobre as cotas de malha dos combatentes parecia, ó rei, com o barulho de colinas rachando. E as lanças, ó monarca, arremessadas por braços heróicos, enquanto percorriam o céu, pareciam com cobras voando como setas. Então, excitado com grande ira e esticando seu arco gigantesco, o poderosamente armado príncipe dos Rakshasas, proferindo um rugido alto, cortou, com uma

flecha em forma de meia-lua, o arco do preceptor com fúria. E derrubando, com outra flecha de cabeça larga, o estandarte de Somadatta, ele proferiu um grito alto. E ele perfurou Valhika com três flechas no centro do peito. E ele perfurou Kripa com uma flecha, e Chitrasena com três. E com outra flecha, bem armada e bem disparada de seu arco alongado até sua mais completa extensão, ele atingiu Vikarna na junta do ombro. Nisso o último, coberto com sangue, sentou-se no terraço de seu carro. Então aquele Rakshasa de alma incomensurável, excitado com raiva, ó touro da raça Bharata, disparou em Bhurisravas quinze flechas. Essas, atravessando a armadura do último, entraram na terra. Ele então atingiu os quadrigários de Vivingsati e Aswatthaman. Esses caíram na frente de seus carros, abandonando as rédeas dos cavalos. Com outra flecha em forma de meia-lua ele derrubou o estandarte de Jayadratha portando o emblema de um javali e enfeitado com ouro. E com uma segunda flecha ele cortou o arco do último. E com olhos vermelhos em cólera, ele matou com quatro flechas os quatro corcéis do rei de grande alma de Avanti. E com outra flecha, ó rei, bem temperada e afiada, e disparada de seu arco esticado até sua mais total extensão, ele perfurou o rei Vrihadvala. Profundamente perfurado e muito atormentado, o último sentou-se no terraço de seu carro. Cheio de grande ira e posicionado em seu carro, o príncipe dos Rakshasas então disparou muitas flechas brilhantes de pontas afiadas que pareciam cobras de veneno virulento. Essas, ó rei, conseguiram perfurar Salya talentoso em batalha."

94

Sanjaya disse, "Tendo naquela batalha feito todos aqueles guerreiros (do teu exército) desviarem seus rostos do campo, o Rakshasa então, ó chefe dos Bharatas, avançou em Duryodhana, desejoso de matá-lo. Vendo ele avançando com grande impetuosidade em direção ao rei, muitos guerreiros do teu exército, incapazes de ser derrotados em batalha, avançaram em direção a ele (em retorno) pelo desejo de matá-lo. Aqueles poderosos guerreiros em carros, alongando seus arcos que mediam seis cúbitos completos de comprimento, e proferindo altos rugidos como um bando de leões, avançaram todos juntos contra aquele guerreiro sozinho. E cercando-o por todos os lados, eles o cobriram com suas chuvas de flechas como as nuvens cobrindo o leito da montanha com torrentes de chuva no outono. Profundamente perfurado por aquelas flechas e muito atormentado, ele parecia então um elefante perfurado pelo gancho. Rapidamente então ele se elevou ao céu como Garuda. E (enquanto lá) ele proferiu muitos rugidos altos como as nuvens outonais, fazendo o céu e todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, ressoarem com aqueles gritos ferozes. Ouvindo aqueles rugidos do Rakshasa, ó chefe dos Bharatas, o rei Yudhishthira então, dirigindo-se a Bhima, disse para aquele castigador de inimigos essas palavras, 'O barulho que nós ouvimos proferido pelo Rakshasa rugindo ferozmente, sem dúvida indica que ele está lutando com os poderosos guerreiros em carros do exército Dhartarashtra. Eu vejo também que a carga se evidenciou mais pesada do que a que aquele touro entre os Rakshasas pode suportar. O avô, também, excitado com raiva, está disposto a massacrar os Panchalas. Para protegê-los Phalguni está lutando com o

inimigo. Ó tu de braços fortes, sabendo agora dessas duas tarefas, ambas as quais exigem atenção imediata, vá e socorra o filho de Hidimva que está em uma posição de perigo muito grande.' Escutando essas palavras de seu irmão, Vrikodara, com grande velocidade, procedeu, assuntando todos os reis com seus rugidos leoninos, com grande impetuosidade, ó rei, como o próprio oceano durante o período da nova lua cheia. A ele seguiram Satyadhriti e Sauchiti difíceis de serem vencidos em batalha, e Srenimat, e Vasudana e o poderoso filho do soberano de Kasi, e muitos guerreiros em carros encabeçados por Abhimanyu, como também aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os filhos de Draupadi, e o valente Kshatradeva, e Kshatradharman, e Nila, o soberano dos países baixos, na chefia de suas próprias tropas. E esses circundaram o filho de Hidimva com uma grande divisão de carros (para ajudá-lo). E eles avançaram para o resgate de Ghatotkacha, aquele príncipe dos Rakshasas, com seis mil elefantes, sempre enfurecidos e habilidosos em atacar. E com seus rugidos leoninos altos, e o estrépito das rodas de seus carros, e com o ruído dos cascos de seus cavalos, eles fizeram a própria terra tremer. Ouvindo o rumor daqueles guerreiros que avançavam os rostos das tuas tropas que estavam cheias de ansiedade por causa de seu medo de Bhimasena ficaram pálidos. Deixando Ghatotkacha então eles todos fugiram. Então começou naquela parte do campo uma terrível batalha entre aqueles guerreiros de grande alma e os teus, ambos os quais não retrocediam. Poderosos guerreiros em carros, arremessando diversas espécies de armas, perseguiam e atingiam uns aos outros. Aquela batalha terrível infligindo terror nos corações dos medrosos, era tal que diferentes classes de combatentes ficaram envolvidos uns com os outros. Cavalos lutavam com elefantes e soldados de infantaria com guerreiros em carros. E desafiando uns aos outros, ó rei, eles se engajaram na luta. E por causa daquela colisão de carros, corcéis, elefantes, e soldados de infantaria, uma poeira grossa apareceu, erguida pelas rodas de carros e o passo (daqueles combatentes e animais). E aquela poeira, grossa e da cor de fumaça avermelhada, cobriu o campo de batalha. E os combatentes não podiam distinguir os seus próprios do inimigo. Pai não reconheceu o filho, e filho não reconheceu o pai, naquele combate terrível de arrepiar os cabelos e no qual nenhuma consideração era mostrada (por alguém para alguém). E o barulho feito pelo silvo de armas e pelos combatentes gritando parecia, ó chefe da linhagem de Bharata, aquele feito pelos espíritos dos mortos (nas regiões infernais). E lá fluiu um rio cuja correnteza consistia no sangue de elefantes e corcéis e homens. E o cabelo (dos combatentes) formava suas algas e musgo. E naquela batalha cabeças caindo dos troncos de homens faziam um barulho alto como aquele de uma chuva de pedras caindo. E a terra estava coberta com os troncos sem cabeças de seres humanos, com os corpos mutilados de elefantes e com os membros cortados de corcéis. E poderosos guerreiros em carros perseguiam uns aos outros para atingir uns aos outros, e arremessavam diversas espécies de armas. Corcéis, incitados por seus cavaleiros e se lançando sobre corcéis, se chocavam uns contra os outros e caíam privados de vida. E homens, com olhos vermelhos em cólera, avançando contra homens e atingindo uns aos outros com seus peitos, derrubavam uns aos outros. E elefantes, incitados por seus condutores contra elefantes hostis, matavam seus iguais naquela batalha, com as pontas de suas presas. Cobertos com sangue por causa

de seus ferimentos e enfeitados com estandartes (em suas costas), elefantes estavam envolvidos com elefantes e pareciam com massas de nuvens carregadas com relâmpago. E alguns entre eles levantados (por outros) com as pontas de suas presas, e alguns com seus globos frontais partidos com lanças, corriam para lá e para cá com gritos altos como massas de nuvens ribombando. E alguns entre eles com suas trombas cortadas, e outros com membros mutilados, caíam naquela batalha aterradora como montanhas desprovidas de suas asas. (As montanhas, na mitologia Hindu, tinham asas, até que elas foram privadas destas por Indra com seu raio. Somente Mainaka, o filho de Himavat, salvou-se por meio de um vôo oportuno. Até hoje ele se esconde dentro do oceano.) Outros elefantes enormes, derramando sangue copiosamente de seus flancos, rasgados por companheiros, pareciam com montanhas com greda vermelha (liquidificada) escorrendo por seus lados (depois de uma chuva). Outros, mortos com flechas ou perfurados com lanças e privados de seus condutores, pareciam montanhas privadas de seus topos. Alguns entre eles, possuídos pela ira e cegos (de fúria) por causa do suco (escorrendo de suas têmporas e bochechas), e não mais controlados com o gancho, esmagavam carros e cavalos e soldados de infantaria naquela batalha às centenas. E assim corcéis, atacados por cavaleiros com dardos farpados e lanças, avançavam contra seus atacantes, como se agitando os pontos do horizonte. Guerreiros em carros de ascendência nobre e preparados para sacrificar suas vidas, enfrentando guerreiros em carros, lutavam destemidamente, confiando em sua força máxima. Os combatentes, ó rei, procurando glória ou céu, golpeavam uns aos outros naquela pressão terrível, como se em um casamento por escolha própria. Durante no entanto, aquela batalha terrível de arrepiar os cabelos, as tropas Dhartarashtra geralmente eram feitas retroceder no campo."

95

Sanjaya disse, "Vendo suas próprias tropas mortas, o rei Duryodhana então excitado com cólera, avançou em direção a Bhimasena, aquele castigador de inimigos. Pegando um arco grande cuja refulgência parecia aquela do raio de Indra, ele cobriu o filho de Pandu com uma chuva grossa de setas. E cheio de raiva, e mirando uma flecha em forma de meia-lua afiada alada com penas, ele cortou o arco de Bhimasena. E aquele poderoso guerreiro em carro, notando uma oportunidade, rapidamente mirou em seu adversário uma flecha afiada capaz de fender as próprias colinas. Com aquela (flecha), aquele (guerreiro) de braços fortes atingiu Bhimasena no peito. Profundamente perfurado por aquela flecha, e extremamente atormentado, e lambendo os cantos de sua boca, Bhimasena de grande energia se agarrou em seu mastro de bandeira enfeitado com ouro. Contemplando Bhimasena naquele estado triste, Ghatotkacha se inflamou com fúria como uma conflagração que a tudo consome. Então muitos poderosos guerreiros em carro do exército Pandava, encabeçados por Abhimanyu e com cólera gerada (em seus peitos), avançaram no rei gritando ruidosamente. Vendo eles (assim) avançando (para a luta) cheios de cólera e em grande fúria, o filho de Bharadwaja dirigindo-se aos poderosos guerreiros em carros (do teu lado), disse

essas palavras, 'Vão rapidamente, abençoados sejam vocês, e protejam o rei. Afundando em um oceano de angústia, ele está em uma situação de grande perigo. Esses poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, esses arqueiros formidáveis, colocando Bhimasena em sua chefia, estão avançando em direção a Duryodhana, atirando e arremessando diversos tipos de armas, resolvidos a obter sucesso, proferindo gritos terríveis, e amedrontando os reis (no seu lado)'. Ouvindo essas palavras do preceptor, muitos guerreiros do teu lado encabeçados por Somadatta avançaram sobre as tropas Pandava. Kripa e Bhurisravas e Salya, e o filho de Drona e Vivingsati, e Chitrasena e Vikarna, e o soberano dos Sindhus, e Vrihadvala, e aqueles dois arqueiros poderosos, isto é, os dois príncipes de Avanti, cercaram o rei Kuru. Avançando somente vinte passos, os Pandavas e os Dhartarashtras começaram a atacar, desejosos de massacrar uns aos outros. O poderosamente armado filho de Bharadwaja também, tendo dito aquelas palavras (para os guerreiros Dhartarashtra), esticou seu próprio arco grande e perfurou Bhima com vinte e seis setas. E outra vez aquele poderoso guerreiro em carro rapidamente cobriu Bhimasena com uma chuva de setas como uma massa de nuvens derramando torrentes de chuva nos leitos da montanha na estação chuvosa. Aquele arqueiro poderoso Bhimasena, no entanto, de grande força, rapidamente perfurou-o em retorno com dez flechas no lado esquerdo. Profundamente perfurado com aquelas flechas e extremamente atormentado, ó Bharata, o preceptor, enfraquecido como ele está com a idade, sentou-se de repente no terraço de seu carro, privado de consciência. Vendo ele atormentado dessa maneira, o próprio rei Duryodhana, e Aswatthaman também, excitados com cólera, ambos avançaram em direção a Bhimasena. Vendo aqueles dois guerreiros avançarem, cada um como Yama como ele se mostra no fim do Yuga, Bhimasena de braços fortes, pegando rapidamente uma maça, e pulando de seu carro sem perda de tempo, permaneceu imóvel como uma colina, com aquela maça pesada parecendo a própria maça de Yama, erguida em batalha. Contemplando-o com maça (assim) erguida e parecendo (por conta disso) com a Kailasa cristada, o rei Kuru e o filho de Drona avançaram em direção a ele. Então o próprio Bhimasena poderoso avançou impetuosamente naqueles dois principais dos homens assim avançando juntos em direção a ele com grande velocidade. Vendo-o avançando em fúria e com expressão terrível no rosto, muitos poderosos guerreiros em carros do exército Kaurava procederam rapidamente em direção a ele. Aqueles guerreiros em carros encabeçados pelo filho de Bharadwaja, impelidos pelo desejo de matar Bhimasena, arremessaram em seu peito diversas espécies de armas, e assim todos eles juntos afligiram Bhima de todos os lados. Vendo aquele poderoso guerreiro em carro assim afligido e colocado em uma situação de grande perigo, muitos poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, encabeçados por Abhimanyu, e preparados para sacrificar a própria vida preciosa, avançaram para o local, desejosos de resgatá-lo. O heróico soberano do país baixo, o amigo querido de Bhima, Nila, parecendo com uma massa de nuvens azuis, avançou no filho de Drona, cheio de ira. Um arqueiro formidável, Nila sempre desejou um combate com o filho de Drona. Alongando seu arco grande, ele perfurou o filho de Drona com muitas flechas aladas, como Sakra nos tempos passados, ó rei, perfurando o invencível Danava Viprachitti, aquele terror dos celestiais, que, movido por raiva amedrontava os três mundos com sua

energia. Perfurado da mesma maneira por Nila com suas flechas bem disparadas aladas com penas, o filho de Drona, coberto com sangue e muito atormentado, estava cheio de fúria. Estirando então seu arco grande, de som alto como o ribombar do trovão de Indra, aquela principal das pessoas inteligentes colocou seu coração na destruição de Nila. Mirando então umas poucas flechas brilhantes de cabeças largas e afiadas pelas mãos de seu forjador, ele matou os quatro corcéis de seu adversário e derrubou também seu estandarte. E com a sétima flecha ele perfurou o próprio Nila no peito. Profundamente perfurado e muito atormentado, ele se sentou no terraço de seu carro. Vendo o rei Nila, que parecia com uma massa de nuvens azuis, desmaiado, Ghatotkacha, cheio de cólera e cercado por seus parentes, avançou impetuosamente em direção ao filho de Drona, aquele ornamento de batalha. Similarmente muitos outros Rakshasas, incapazes de ser facilmente derrotados em batalha, avançaram em Aswatthaman. Vendo então aqueles Rakshasas de aparência terrível indo em direção a ele, o filho valente de Bharadwaja avançou impetuosamente em direção a eles. Cheio de fúria ele matou muitos Rakshasas de aparência formidável, isto é, aqueles coléricos entre eles que estavam na dianteira de Ghatotkacha. Vendo eles repelidos do combate por meio das flechas disparadas do arco do filho de Drona, o filho de Bhimasena Ghatotkacha de tamanho gigantesco estava cheio de raiva. Ele então exibiu uma ilusão feroz e aterradora. Com isso aquele príncipe dos Rakshasas, dotado de poderes de ilusão extraordinários, confundiu o filho de Drona naquela batalha. Então todas as tuas tropas, em consequência daquela ilusão, viraram suas costas sobre o campo. Eles viram uns aos outros derrubados e jazendo prostrados sobre a superfície da terra, se contorcendo convulsivamente, totalmente desamparados, e banhados em sangue. Drona e Duryodhana e Salya e Aswatthaman, e outros grandes arqueiros que eram considerados como os mais notáveis entre os Kauravas, também pareciam fugir. Todos os guerreiros em carros pareciam estar subjugados, e todos os reis pareciam estar mortos. E cavalos e cavaleiros pareciam estar derrubados aos milhares. Contemplando tudo isso, tuas tropas fugiram em direção às suas tendas. E embora, ó rei, eu mesmo e Devavrata gritássemos com o máximo de nossas vozes, dizendo, 'Lutem, não fujam, tudo isso é ilusão Rakshasa em batalha, aplicada por Ghatotkacha!' Eles porém não pararam, seus sentidos estando confusos. Embora nós dois falássemos assim, contudo tomados pelo pânico, eles não deram crédito às nossas palavras. Vendo eles fugirem os Pandavas consideraram que a vitória era deles. Com Ghatotkacha (entre eles) eles proferiram muitos gritos leoninos. E por toda parte eles encheram o ar com seus gritos misturados com o clangor de suas conchas e a batida de suas baterias. Foi assim que teu exército inteiro, derrotado pelo perverso Ghatotkacha, perto da hora do pôr do sol, fugiu em todas as direções.'"

96

Sanjaya disse, "Depois daquela grande batalha, o rei Duryodhana, se aproximando do filho de Ganga e saudando-o com humildade, começou a narrar para ele tudo o que tinha acontecido acerca da vitória obtida por Ghatotkacha e

sua própria derrota. Aquele guerreiro invencível, ó rei, suspirando repetidamente, disse essas palavras para Bhishma, o avô dos Kurus, 'Ó senhor, confiando em ti, como o inimigo tem (confiado em) Vasudeva, uma guerra violenta foi começada por mim com os Pandavas. Esses onze Akshauhinis de tropas célebres que eu tenho, são, comigo mesmo, obedientes ao teu comando, ó castigador de inimigos. Ó tigre entre os Bharatas, embora assim situado, eu ainda tenho sido derrotado em batalha pelos guerreiros Pandava encabeçados por Bhimasena confiando em Ghatotkacha. É isso que consome meus membros como fogo consumindo árvore seca. Ó abençoado, ó castigador de inimigos, eu portanto, desejo, pela tua graça, ó avô, eu mesmo matar Ghatotkacha, aquele pior dos Rakshasas, confiando na tua pessoa invencível. Cabe a ti cuidar para que esse meu desejo seja realizado.' Ouvindo essas palavras do rei, aquele principal entre os Bharatas, Bhishma, o filho de Santanu, disse essas palavras para Duryodhana, 'Ouça, ó rei, essas minhas palavras que eu digo para ti, ó tu da linhagem de Kuru, sobre a maneira na qual tu, ó castigador de inimigos, deves sempre te comportar. A própria pessoa, sob todas as circunstâncias, deve ser protegida em batalha, ó repressor de inimigos. Tu deves sempre, ó impecável, lutar com o rei Yudhishthira o justo, ou com Arjuna, ou com os gêmeos, ou com Bhimasena. Mantendo o dever de um rei diante dele mesmo, um rei ataca um rei. Eu mesmo, e Drona, e Kripa, e o filho de Drona, e Kritavarman da linhagem de Satwata, e Salya, e o filho de Somadatta, e o poderoso guerreiro em carro Vikarna, e teus irmãos heróicos encabeçados por Dussasana, iremos todos, por tua causa, lutar contra aqueles Rakshasas poderosos. Ou se tua aflição por conta daquele feroz príncipe dos Rakshasas for grande demais, que este proceda em batalha contra aquele guerreiro perverso, isto quer dizer, o rei Bhagadatta que é igual ao próprio Purandara em luta'. Tendo dito isso para o rei, o avô hábil em discurso então se dirigiu a Bhagadatta na presença do rei (Kuru), dizendo, 'Proceda rapidamente, ó grande monarca, contra aquele guerreiro invencível, o filho de Hidimva. Resista em batalha, com cuidado, e em vista de todos os arqueiros, àquele Rakshasa de feitos cruéis, como Indra nos tempos passados resistindo a Taraka. Tuas armas são celestiais. Tua destreza também é grandiosa, ó castigador de inimigos. Antigamente muitos foram os combates que tu tiveste com Asuras, ó tigre entre reis, tu estás à altura daquele Rakshasa na grande batalha. Fortemente apoiado por tuas próprias tropas, mate, ó rei, aquele touro entre os Rakshasas'. Ouvindo essas palavras de Bhishma o generalíssimo (do exército Kaurava), Bhagadatta partiu especialmente com um rugido leonino encarando as tropas do inimigo. Vendo-o avançar em direção a eles como uma massa de nuvens ribombando, muitos poderosos guerreiros em carros do exército Pandava procederam contra ele, inflamados com cólera. Eles eram Bhimasena, e Abhimanyu e o Rakshasa Ghatotkacha; e os filhos de Draupadi, e Satyadhriti, e Kshatradeva, ó majestade, e os soberanos dos Chedis, e Vasudana, e o rei dos Dasarnas. Bhagadatta então, em seu elefante chamado Supratika, avançou contra eles. Então começou uma batalha feroz e terrível entre os Pandavas e Bhagadatta, que aumentou a população do reino de Yama. Flechas de energia terrível e grande ímpeto, disparadas por guerreiros em carros, caíam, ó rei, sobre elefantes e carros. Elefantes enormes com têmporas fendidas e treinados (para a luta) por seus guias, se aproximando lançavam-se uns sobre os outros destemidamente. Cegados (com fúria) por causa do suco temporal

escorrendo por seus corpos, e excitados com raiva, atacando uns aos outros com suas presas parecendo cassetetes firmes, eles perfuravam uns aos outros com as pontas daquelas armas. Ornados com rabos excelentes, e conduzidos por guerreiros armados com lanças, corcéis, incitados por aqueles cavaleiros se lançavam destemidamente e com grande impetuosidade uns sobre os outros. E soldados de infantaria, atacados por grupos de soldados de infantaria com dardos e lanças, caíam no chão às centenas e milhares. E guerreiros em carros sobre seus carros, massacrando adversários heróicos naquela batalha por meio de setas farpadas e mosquetes e flechas, proferiam gritos leoninos. E durante a continuação da batalha de arrepiar os cabelos, aquele grande arqueiro, Bhagadatta, avançou em direção a Bhimasena, em seu elefante de têmporas fendidas e com suco escorrendo em sete correntes e parecendo (por conta disso) uma montanha com (sete) pequenos riachos fluindo em declive em seu leito depois de uma chuva. E ele se aproximou, ó impecável, espalhando milhares de flechas a partir da cabeça de Supratika (sobre o qual ele permanecia) como o próprio Purandara ilustre em seu Airavata. O rei Bhagadatta afligiu Bhimasena com aquela chuva de flechas como as nuvens afligindo o leito da montanha com torrentes de chuva no término do verão. Aquele arqueiro poderoso Bhimasena, no entanto, excitado com raiva, matou com suas chuvas de flechas os combatentes numerando mais do que cem, que protegiam os flancos e a retaguarda de Bhagadatta. Vendo eles mortos, o bravo Bhagadatta, cheio de raiva, incitou seu príncipe dos elefantes em direção ao carro de Bhimasena. Aquele elefante, assim incitado por ele, avançou impetuosamente como uma flecha propelida da corda do arco em direção a Bhimasena, aquele castigador de inimigos. Vendo aquele elefante avançando, os poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, colocando Bhimasena em sua dianteira, avançaram eles mesmos em direção a ele. Aqueles guerreiros eram os (cinco) príncipes Kekaya, e Abhimanyu, e os (cinco) filhos de Draupadi e o heróico soberano dos Dasarnas, e Kshatradeva também, ó majestade, e o soberano dos Chedis, e Chitraketu. E todos esses guerreiros poderosos se aproximaram, inflamados com raiva, e exibindo suas armas celestes excelentes. E eles todos cercaram com fúria aquele elefante sozinho (sobre o qual seu adversário montava). Perfurado por muitas flechas, aquele elefante enorme, coberto com sangue fluindo de seus ferimentos, parecia resplandecente como um príncipe das montanhas matizado com greda vermelha (liquidificada depois de uma chuva). O soberano dos Dasarnas então, em um elefante que parecia uma montanha, avançou em direção ao elefante de Bhagadatta. Aquele príncipe dos elefantes, no entanto, Supratika, aguentou (a investida) daquele igual que avançava como o continente aguentando (a investida das) ondas do mar. Vendo aquele elefante do rei de grande alma dos Dasarnas assim resistido, até as tropas Pandava, aplaudindo, gritaram: 'Excelente, excelente!' Então aquele melhor dos reis, o soberano dos Pragjyotishas, excitado com raiva, disparou catorze lanças naquele elefante. Essas, atravessando rapidamente a armadura excelente, enfeitada com ouro, que cobria o corpo do animal, entraram nele, como cobras entrando em formigueiros. Profundamente perfurado e extremamente atormentado, aquele elefante, ó chefe dos Bharatas, sua fúria abrandada, retrocedeu rapidamente com grande força. E ele fugiu com grande velocidade, proferindo gritos terríveis, e esmagando as tropas Pandava

como a tempestade oprimindo árvores com sua violência. Depois que aquele elefante tinha sido (assim) subjugado, os poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, proferindo altos gritos leoninos, se aproximaram para lutar. Colocando Bhima em sua chefia, eles avançaram em Bhagadatta espalhando diversas espécies de setas e diversas espécies de armas. Ouvindo os gritos selvagens, ó rei, daqueles guerreiros que avançavam cheios de raiva e vingança, aquele grande arqueiro Bhagadatta, cheio de fúria e perfeitamente destemido, incitou seu próprio elefante. Aquele príncipe dos elefantes então, assim incitado com o gancho e o dedo do pé, logo assumiu a forma (todo-destrutiva) do fogo Samvarta (que aparece no fim do Yuga). Esmagando multidões de carros e iguais (hostis) e corcéis com cavaleiros, naquela batalha, ele começou, ó rei, a se mover para lá e para cá. Cheio de fúria ele também esmagou soldados de infantaria às centenas e milhares. Atacado e agitado por aquele elefante, aquele exército grande dos Pandavas encolheu em dimensões, ó rei, como um pedaço de couro exposto ao calor do fogo. Contemplando então a formação de combate Pandava rompida pelo inteligente Bhagadatta, Ghatotkacha, de aparência feroz, ó rei, com rosto brilhante e olhos vermelhos como fogo, cheio de raiva, avançou em direção a ele. Assumindo uma forma terrível e queimando com cólera, ele pegou um dardo brilhante capaz de fender as próprias colinas. Dotado de grande força, ele arremessou com força aquele dardo que emitia chamas ardentes de todas as partes, desejoso de matar aquele elefante. Vendo aquele dardo correndo em direção a ele com grande impetuosidade, o soberano dos Pragjyotishas disparou nele uma flecha bela mas feroz e afiada com uma cabeça de meia-lua. Possuidor de grande energia ele cortou aquele dardo com aquela sua flecha. Nisso aquele dardo, decorado com ouro, assim dividido em dois, caiu no chão, como o raio do céu, arremessado por Indra, flamejando pelo firmamento. Vendo aquele dardo (de seu adversário), ó rei, dividido em dois e caído no chão, Bhagadatta pegou uma lança grande equipada com uma vara dourada e parecendo uma chama de fogo em refulgência, e arremessou-a no Rakshasa, dizendo, 'Espere, Espere'. Vendo ela correndo em direção a ele como o raio do céu pelo firmamento, o Rakshasa saltou para o alto e agarrando-a rapidamente proferiu um grito alto. E colocando-a rapidamente contra seu joelho, ó Bharata, ele a quebrou na própria vista de todos os reis. Tudo isso parecia muito extraordinário. Vendo aquela façanha realizada pelo Rakshasa poderoso, os celestiais no firmamento, com os Gandharvas e os Munis, estavam cheios de admiração. E os guerreiros Pandava também, encabeçados por Bhimasena, encheram a terra com gritos de 'Excelente, Excelente'. Ouvindo, no entanto, aqueles gritos altos dos Pandavas regozijantes, aquele grande arqueiro, o valente Bhagadatta, não pode tolerar isso (friamente). Alongando seu arco grande cuja refulgência parecia aquela do raio de Indra, ele rugiu com grande energia para os poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, disparando ao mesmo tempo muitas flechas brilhantes de gume excelente e possuidoras da refulgência do fogo. E ele perfurou Bhima com uma seta, e o Rakshasa com nove. E ele perfurou Abhimanyu com três, e os irmãos Kekaya com cinco. E com outra flecha reta atirada de seu arco esticado até sua mais completa extensão, ele perfurou, naquela batalha, o braço direito de Kshatradeva. Nisso o arco do último com flecha fixada na corda caiu de sua mão. E ele atingiu os cinco filhos de Draupadi com cinco setas. E por raiva, ele matou

os corcéis de Bhimasena. E com três flechas aladas com penas, ele derrubou o estandarte de Bhimasena portando o emblema de um leão. E com três outras flechas ele perfurou o quadrigário de Bhima. Profundamente perfurado por Bhagadatta naquela batalha, e muito atormentado, Visoka por causa disso, ó chefe dos Bharatas, sentou-se na plataforma do carro. Então, ó rei, aquele principal dos guerreiros em carros, Bhima, assim privado de seu carro, saltou rapidamente de seu veículo grande pegando sua maça. Vendo ele com maça erguida e parecendo com uma colina cristada, todas as tuas tropas, ó Bharata, ficaram cheias de grande temor. Exatamente nesse momento aquele filho de Pandu que tinha Krishna como seu quadrigário, ó rei, massacrando o inimigo por todos os lados enquanto ele se aproximava, apareceu naquele local onde aqueles tigres entre os homens, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, Bhimasena e Ghatotkacha, pai e filho, estavam lutando com o soberano dos Pragjyotishas. Vendo seus irmãos, aqueles poderosos guerreiros em carros, engajados na batalha, aquele filho de Pandu rapidamente começou a lutar, espalhando profusamente suas flechas, ó chefe dos Bharatas. Então aquele poderoso guerreiro em carro, o rei Duryodhana, incitou depressa para a frente uma divisão de suas tropas abundando com carros e elefantes. Em direção àquela poderosa divisão dos Kauravas assim avançando com impetuosidade, Arjuna de corcéis brancos avançou com grande energia. Bhagadatta também, sobre aquele elefante dele, ó Bharata, esmagando as tropas Pandava, avançou em direção a Yudhishthira. Então começou uma batalha violenta entre Bhagadatta, ó majestade, e os Panchalas, os Srinjayas, e os Kekayas, com armas erguidas. Então Bhimasena, naquela batalha contou para Kesava e Arjuna em detalhes sobre a morte de Iravat como ela tinha ocorrido."

97

Sanjaya disse, "Sabendo que seu filho Iravat tinha sido morto, Dhananjaya estava cheio de grande aflição e suspirava como uma cobra. E dirigindo-se a Vasava no meio da batalha, ele disse essas palavras, 'Sem dúvida, Vidura de grande alma de sabedoria excelente viu antes (com a visão de sua mente) essa destruição terrível dos Kurus e dos Pandavas. Foi por isso que ele se opôs ao rei Dhritarashtra. Nessa batalha, ó matador de Madhu, muitos outros heróis tem sido mortos pelos Kauravas e muitos entre os Kauravas similarmente tem sido mortos por nós. Ó melhor dos homens, por causa de riqueza atos vis estão sendo feitos. Que vergonha para aquela riqueza por causa da qual tal massacre de parentes está sendo perpetrado. Para aquele que não tem riqueza, até morte seria melhor do que a aquisição de riqueza pela matança de parentes. O que, ó Krishna, nós ganharemos por matarmos nossos parentes reunidos? Ai, pelo erro de Duryodhana, e também de Sakuni o filho de Suvala, como também por causa dos maus conselhos de Karna, a classe Kshatriya está sendo exterminada, ó matador de Madhu. Eu agora compreendo, ó de braços fortes, que o rei agiu sabiamente ao rogar de Suyodhana somente metade do reino, ou, em vez disso, somente cinco aldeias. Ai, nem isso foi concedido por aquele indivíduo de alma perversa.

Contemplando tantos Kshatriyas valentes jazendo (mortos) no campo de batalha, eu me censuro, (dizendo) que vergonha para a profissão de um Kshatriya! Os Kshatriyas me considerarão impotente em batalha. Só por isso eu estou lutando. Além disso, ó matador de Madhu, essa batalha com parentes é repugnante para mim. Incite os corcéis adiante com velocidade em direção ao exército Dhartarashtra, eu irei, com meus dois braços, alcançar a outra margem desse oceano de batalha que é tão difícil de se cruzar. Não há tempo, ó Madhava, a perder em ação'. Assim endereçado por Partha, Kesava, aquele matador de heróis hostis, incitou aqueles corcéis de cor branca dotados da velocidade do vento. Então, ó Bharata, alto era o barulho que era ouvido entre tuas tropas, parecendo aquele do próprio oceano na maré cheia quando agitado pela tempestade. Na tarde, ó rei, a batalha que se seguiu entre Bhishma e os Pandavas foi marcada por barulho que parecia o ribombar das nuvens. Então, ó rei, teus filhos, cercando Drona como os Vasus cercando Vasava, avançaram na batalha contra Bhimasena. Então o filho de Santanu, Bhishma, e aqueles mais notáveis dos guerreiros em carros, isto é, Kripa, e Bhagadatta, e Susarman, todos foram em direção a Dhananjaya. E o filho de Hridika (Kritavarman) e Valhika avançaram em direção a Satyaki. E o rei Amvashta se colocou diante de Abhimanyu. E outros grandes guerreiros em carros, ó rei, enfrentaram outros grandes guerreiros em carros. Então começou uma batalha feroz que foi terrível de se ver. Bhimasena então, ó rei, vendo teus filhos, se inflamou com ira naquela batalha, como fogo com (uma libação de) manteiga clarificada. Teus filhos, no entanto, ó monarca, cobriram aquele filho de Kunti com suas flechas como as nuvens encharcando o leito da montanha na estação das chuvas. Enquanto sendo (assim) coberto de diversas maneiras por teus filhos, ó rei, aquele herói, possuidor da vivacidade do tigre, lambeu os cantos de sua boca. Então, ó Bharata, Bhima derrubou Vyudoroska com uma flecha afiada de cabeça de ferradura. Nisso aquele teu filho foi privado de vida. Com outra flecha de cabeça larga, bem temperada e afiada, ele então derrubou Kundalin como um leão derrubando um animal menor. Então, ó majestade, tendo teus (outros) filhos (dentro do alcance de suas flechas), ele pegou diversas flechas, afiadas e bem temperadas, e com mira cuidadosa disparou-as rapidamente neles. Aquelas flechas, atiradas por aquele arqueiro forte, Bhimasena, derrubou teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, de seus veículos. (Esses filhos teus que foram mortos dessa maneira eram) Anadhriti, e Kundabhedin, e Virata, e Dirghalochana, e Dirghavahu, e Suvahu, e Kanykadhyaja. Enquanto caíam (de seus carros), ó touro da raça Bharata, aqueles heróis pareciam resplandecentes como mangueiras matizadas com flores na primavera. Então teus outros filhos, ó monarca, fugiram, considerando o poderoso Bhimasena como a própria Morte. Então como as nuvens derramando torrentes de chuva no leito da montanha, Drona naquela batalha cobriu com flechas de todos os lados aquele herói que estava assim consumindo teus filhos. A destreza que nós então vimos do filho de Kunti foi muito extraordinária, pois embora refreado por Drona, ele ainda matou teus filhos. De fato, como um touro aguenta uma chuva caída de cima, Bhima alegremente suportou aquela chuva de setas disparadas por Drona. Admirável, ó monarca, foi o feito que Vrikodara realizou lá, pois ele matou teus filhos naquela batalha e resistiu a Drona ao mesmo tempo. De fato, o irmão mais velho de Arjuna se divertiu entre aqueles teus filhos heróicos,

como um tigre poderoso, ó rei, entre um bando de veados. Como um lobo, no meio de um bando de veados, perseguiria e apavoraria aqueles animais, assim Vrikodara, naquela batalha, perseguiu e apavorou teus filhos."

"Enquanto isso o filho de Ganga e Bhagadatta, e aquele poderoso guerreiro em carro, Gautama, começaram a resistir a Arjuna, aquele filho impetuoso de Pandu. Aquele Atiratha, desviando com suas armas as armas daqueles seus adversários naquela batalha, despachou muitos heróis proeminentes do teu exército para a residência da Morte. Abhimanyu também, com suas flechas, privou aquele renomado e principal dos guerreiros em carros, o rei Amvashta, de seu carro. Privado de seu carro e prestes a ser morto pelo filho célebre de Subhadra, aquele rei saltou rapidamente de seu carro em vergonha, e arremessou sua espada naquela batalha em Abhimanyu de grande alma. Então, aquele monarca poderoso subiu no carro do filho de Hridika, conhecedor de todos os movimentos em batalha. O filho de Subhadra, aquele matador de heróis hostis, vendo aquela espada correndo em direção a ele, desviou-a pela celeridade de seus movimentos. Vendo aquela espada assim frustrada naquela batalha pelo filho de Subhadra, gritos altos de 'Muito bem!' 'Muito bem!' foram, ó rei, ouvidos entre as tropas. Outros guerreiros encabeçados por Dhrishtadyumna lutaram com tuas tropas, enquanto tuas tropas, também, todas lutaram com aquelas dos Pandavas. Então, ó Bharata, violento foi o combate que teve lugar entre os teus e os deles, aqueles combatentes atacando uns aos outros com grande força e realizando as façanhas mais difíceis. Bravos combatentes, ó majestade, agarrando uns aos outros pelo cabelo, lutavam usando suas unhas e dentes, e punhos e joelhos, e palmas e espadas, e seus braços bem proporcionados. E aproveitando os pontos fracos uns dos outros, eles despachavam uns aos outros para a residência de Yama. Pai matou filho, e filho matou pai. De fato, os combatentes lutavam entre si, usando todos os seus membros. Arcos belos com bastões dourados, ó Bharata, soltos dos punhos de guerreiros mortos, e ornamentos caros, e flechas afiadas equipadas com asas de ouro puro ou prata e lavadas com óleo, pareciam resplandecentes (quando eles jaziam espalhados sobre o campo), as últimas parecendo, em particular, cobras que tinham abandonado sua pele. E espadas equipadas com cabos de marfim decorados com ouro, e os escudos também de arqueiros, matizados com ouro, jaziam sobre o campo, soltos de seus punhos. Dardos farpados e machados e espadas e venábulos, todos enfeitados com ouro, belas cotas de malha, e cassetetes pesados e curtos, e maças com ferrões, e machados de batalha, e setas curtas, ó majestade, e cobertores de elefantes de diversas formas, e rabos de iaque, e leques, jaziam espalhados no campo. E poderosos guerreiros em carros jaziam no campo com diversos tipos de armas em suas mãos ou ao lado deles, e parecendo vivos, embora o ar vital tivesse ido embora. E homens jaziam sobre o campo com membros despedaçados com maças e cabeças esmagadas com clavas, ou esmagados por elefantes, corcéis, e carros. E a terra, coberta em muitos lugares com os corpos de corcéis mortos, homens, e elefantes, parecia bela, ó rei, como se coberta com colinas. E o campo de batalha se encontrava coberto com dardos caídos e espadas e flechas e lanças e cimitarras e machados e dardos farpados e alavancas de ferro e machados de batalha, e maças com pontas de ferro e setas curtas e Sataghnis (literalmente

'matadores de cem', que se supõe que sejam um tipo de foguete) e corpos mutilados por armas. E, ó matador de inimigos, cobertos com sangue, guerreiros jaziam prostrados no campo, alguns privados de vida e portanto, no silêncio da morte, e outros proferindo gemidos baixos. E a terra, coberta com aqueles corpos, apresentava uma visão variada. E coberta com os braços de guerreiros fortes cobertos com pasta de sândalo e enfeitados com proteções de couro e braceletes, com coxas afiladas parecendo trombas de elefantes, e com cabeças caídas, ornadas com pedras preciosas anexadas a turbantes e com brincos de combatentes de olhos grandes, ó Bharata, a terra assumiu uma visão bela. E o campo de batalha, coberto com sangue, cotas de malha tingidas e ornamentos dourados de muitos tipos, parecia muito bela como se com fogos (espalhados) de chamas suaves. E com ornamentos de diversas espécies caídos de seus lugares, com arcos jazendo por todos os lados, com flechas de asas douradas espalhadas em volta, com muitos carros quebrados adornados com fileiras de sinos, com muitos corcéis mortos espalhados em volta cobertos com sangue e com suas línguas para fora, com fundos de carros, bandeiras, aljavas, e estandartes, com conchas gigantescas, pertencentes a grandes heróis, de brancura leitosa jazendo em volta, e com elefantes sem trombas jazendo prostrados, a terra parecia bela como uma donzela enfeitada com diversos tipos de ornamentos. E lá, com outros elefantes perfurados com lanças e em grande agonia, e frequentemente proferindo gemidos baixos com suas trombas, o campo de batalha parecia belo como se com colinas moventes. Com cobertores de diversas cores, e mantas de elefantes, com ganchos belos caindo por todos os lados tendo cabos decorados com pedras de lápis lazúli, com sinos espalhados que tinham adornado elefantes gigantescos, com tecidos claros e matizados como também peles de veado Ranku, com belas correntes para o pescoço de elefantes, com cinturões enfeitados com ouro, com mecanismos quebrados de diversos tipos, com dardos farpados enfeitados com ouro, com mantas bordadas de cavalos, empardecidas com poeira, com os braços cortados de soldados da cavalaria, enfeitados com braceletes e jazendo por todos os lados, com lanças polidas e afiadas e espadas brilhantes, com variadas proteções para a cabeça caídas (de cabeças) e espalhadas em volta, com belas flechas em forma de meia-lua adornadas com ouro, com mantos de corcéis, com peles de veado Ranku, rasgadas e trituradas, com pedras preciosas belas e caras que enfeitavam as proteções para a cabeça de reis, com seus guarda-sóis espalhados e rabos de iaque e leques, com rostos, luminosos como o lótus ou a lua, de guerreiros heróicos, enfeitados com brincos belos e ornados com barbas bem cortadas, coberta e brilhante com outros ornamentos de ouro, a terra parecia com o firmamento coberto com planetas e estrelas. Assim, ó Bharata, os dois exércitos, o teu e o deles, enfrentando um ao outro em batalha, oprimiram um ao outro. E depois que os combatentes estavam fatigados, derrotados, e oprimidos, ó Bharata, a noite escura começou e a batalha não podia mais ser vista. Por isso ambos os Kurus e os Pandavas retiraram seus exércitos, quando chegou aquela noite terrível de escuridão pícea. E tendo retirado suas tropas, os Kurus e os Pandavas descansaram à noite, se recolhendo para suas respectivas tendas."

98

Sanjaya disse, "Então o rei Duryodhana, e Sakuni o filho de Suvala, e teu filho Dussasana, e o invencível filho do Suta (Karna) se reunindo, trocaram idéias da seguinte maneira: Como os filhos de Pandu, com seus seguidores, podem ser subjugados em batalha? Esse mesmo foi o assunto de sua conversa. Então o rei Duryodhana, dirigindo-se ao filho do Suta e ao poderoso Sakuni, disse para todos aqueles seus conselheiros, 'Drona, Bhishma, e Kripa, e Salya e o filho de Somadatta não resistem aos Parthas. Eu não sei qual é o motivo de tal conduta (deles). Não mortos por algum desses, os Pandavas estão destruindo minhas tropas. Portanto, ó Karna, eu estou me tornando mais fraco em poder e minhas armas também estão se esgotando. Eu estou sendo logrado pelos Pandavas heróicos, eles que são incapazes de ser vencidos pelos próprios deuses. Dúvida enche a minha mente quanto a como, de fato, eu conseguirei derrotá-los em batalha.' Para o rei que falou assim, ó grande monarca, o filho do Suta respondeu, 'Não te aflijas, ó chefe dos Bharatas. Eu mesmo farei o que é agradável para ti. Que o filho de Santanu Bhishma se retire logo da grande batalha. Depois que o filho de Ganga tiver se retirado da luta e posto de lado suas armas, eu matarei Partha junto com todos os Somakas, na própria vista de Bhishma. Eu empenho minha verdade, ó rei. De fato, Bhishma todo dia mostra piedade pelos Pandavas. Ele é, além disso, incapaz de vencer aqueles poderosos guerreiros em carros. Bhishma é orgulhoso de mostrar sua destreza em batalha. Ele também gosta muito de lutar. Por que, ó majestade, ele vencerá, portanto, os Pandavas reunidos (pois em tal caso a batalha estará terminada)? Portanto, dirigindo-te sem demora para a tenda de Bhishma, peça àquele velho e venerável senhor pôr de lado suas armas. Depois que ele tiver posto de lado suas armas, ó Bharata, pense nos Pandavas como já mortos, com todos os seus amigos e parentes, ó rei, por eu mesmo sozinho.' Assim endereçado por Karna, teu filho Duryodhana então disse para seu irmão Dussasana essas palavras, 'Cuide, ó Dussasana, para que sem demora todos aqueles que andam em meu séquito estejam vestidos.' Tendo dito essas palavras, ó monarca, o rei se dirigiu a Karna, dizendo, 'Fazendo Bhishma, aquele mais notável dos homens, concordar com isso, eu, sem demora, virei a ti, ó castigador de inimigos. Depois que Bhishma tiver se retirado da batalha, tu atacarás (o inimigo) em batalha'. Então teu filho, ó monarca, saiu sem demora, acompanhado por seus irmãos como Ele de cem sacrifícios (acompanhado) pelos deuses. Então seu irmão Dussasana fez aquele tigre entre os reis, dotado, além disso, da bravura de um tigre, montar em seu cavalo. Enfeitado com braceletes, com diadema na cabeça, e adornado com outros ornamentos em seus braços, ó rei, teu filho resplandecia brilhantemente conforme ele procedia pelas ruas. Coberto com pasta de sândalo fragrante da cor da flor Bhandi e brilhante como ouro polido, e vestido em vestimentas limpas, e procedendo com o modo de andar esportivo do leão, Duryodhana parecia belo como o Sol de brilho resplandecente no firmamento. E conforme aquele tigre entre homens procedia em direção à tenda de Bhishma, muitos arqueiros poderosos, célebres pelo mundo, seguiram atrás dele. E seus irmãos também andavam em seu séquito, como os celestiais andado atrás de Vasava. E outros, principais dos homens, montados sobre

corcéis, e muitos outros também em elefantes, ó Bharata, e outros em carros, o circundaram por todos lados. E muitos entre aqueles que lhe desejavam bem, pegando armas para proteção de sua pessoa nobre, apareceram lá em grupos grandes, como os celestiais cercando Sakra no céu. O poderoso chefe dos Kurus, adorado por todos os Kauravas, seguiu dessa maneira, ó rei, em direção aos aposentos do filho renomado de Ganga. Sempre seguido e cercado por seus irmãos, ele procedeu, erguendo muitas vezes seu braço direito, massivo e parecendo a tromba de um elefante e capaz de resistir a todos os inimigos. E com aquele braço dele, ele aceitou os cumprimentos que foram prestados a ele de todos os lados por espectadores curiosos que permaneciam erguendo em direção a ele suas mãos unidas. E ele ouvia, enquanto ele viajava, as vozes belas dos nativos de reinos diversos. De grande fama, ele foi elogiado por bardos e elogiadores. E em retorno aquele grande rei prestou seus cumprimentos a eles todos. E muitas pessoas de grande alma ficaram em volta dele com lâmpadas acesas de ouro alimentadas com óleo fragrante. E cercado por lâmpadas douradas, o rei parecia radiante como a Lua acompanhada pelos planetas brilhantes em redor dela. E (servidores) com enfeites de cabeça adornados com ouro, tendo bastões e Jhariharas nas mãos, gentilmente fizeram a multidão por toda parte abrir caminho. O rei então, alcançando os aposentos excelentes de Bhishma, apeou de seu cavalo. E chegado na presença de Bhishma, aquele soberano de homens saudou Bhishma e então sentou-se em um assento excelente feito de ouro, inteiramente belo e coberto com um rico revestimento. Com mãos unidas, olhos banhados em lágrimas, e voz sufocada em angústia, ele então se dirigiu a Bhishma, dizendo, 'Recebendo tua proteção em batalha, ó matador de inimigos, nós ousamos vencer os próprios deuses e os Asuras com Indra em sua chefia. O que eu direi, portanto, dos filhos de Pandu, embora eles sejam heróicos, com seus parentes e amigos? Portanto, ó filho de Ganga, cabe a ti, ó senhor, me mostrar piedade. Mate os bravos filhos de Pandu como Mahendra matando os Danavas. 'Eu matarei, ó rei, todos os Somakas e os Panchalas e os Karushas junto com os Kekayas, ó Bharata.' Essas foram tuas palavras para mim. Que essas palavras se tornem verdadeiras. Mate os Parthas reunidos, e aqueles arqueiros poderosos, os Somakas. Faça verdadeiras tuas palavras, ó Bharata. Se por bondade (pelos Pandavas), ó rei, ou por teu ódio por minha pessoa infeliz, tu poupas os Pandavas, então permitas que Karna, aquele ornamento de batalha, lute. Ele vencerá em batalha os Parthas com todos os seus amigos e parentes.' O rei, teu filho Duryodhana, tendo dito isso, fechou seus lábios sem dizer qualquer coisa mais para Bhishma de bravura terrível."

99

Sanjaya disse, "Bhishma de grande alma, profundamente perfurado por aqueles punhais verbais por teu filho, ficou cheio de grande angústia. Mas ele não disse uma única palavra desagradável em resposta. De fato, mutilado por aqueles punhais verbais e cheio de dor e raiva, ele suspirou como uma cobra e refletiu (em silêncio) por um longo tempo. Erguendo seus olhos então, e como se consumindo,

por ira, o mundo com os celestiais, os Asuras, e os Gandharvas, aquela principal das pessoas conhecedoras do mundo, então se dirigiu a teu filho e disse a ele essas palavras tranquilas, 'Por que, ó Duryodhana, tu me atinges dessa maneira com teus punhais verbais? Eu sempre me esforço ao máximo para realizar, e realizo, o que é para o teu bem. De fato, pelo desejo de fazer o que é agradável para ti, eu estou preparado para sacrificar minha vida em batalha. Os Pandavas são realmente invencíveis. Quando o corajoso filho de Pandu gratificou Agni na floresta de Khandava, derrotando o próprio Sakra em batalha, essa mesma é uma indicação suficiente. Quando, ó poderosamente armado, o mesmo filho de Pandu te resgatou enquanto tu estavas sendo levado preso pelos Gandharvas, essa mesma é uma indicação suficiente. Naquela ocasião, ó senhor, teus bravos irmãos todos fugiram, como também o filho de Radha da casta Suta. Aquele (resgate, portanto, por Arjuna) é uma indicação suficiente. Na cidade de Virata, sozinho ele se lançou sobre todos nós juntos. Essa é uma indicação suficiente. Vencendo em batalha Drona e eu mesmo excitado com raiva, ele levou nossos mantos. Essa é uma indicação suficiente. Naquela ocasião, antigamente, da captura do gado, ele venceu aquele poderoso arqueiro filho de Drona, e Saradwat também. Essa é uma indicação suficiente. Derrotando Karna também que é muito vaidoso de sua coragem, ele deu os mantos do último para Uttara. Essa é uma indicação suficiente. O filho de Pritha derrotou em batalha os Nivatakavachas que não podiam ser vencidos pelo próprio Vasava. Essa é uma indicação suficiente. Quem, de fato, é capaz de subjugar em batalha o filho de Pandu pela força, ele que tem como seu protetor o Protetor do Universo armado com concha, disco, e maça? Vasudeva é possuidor de poder infinito, e é o Destruidor do Universo. Ele é o Senhor sublime de todos, o Deus dos deuses, a Alma Suprema e eterna. Ele é descrito de modo variado, ó rei, por Narada e outros grandes Rishis. Por causa da tua insensatez, no entanto, ó Suyodhana, tu não sabes o que deve ser dito e o que não se deve. O homem a ponto de morrer vê todas as árvores como sendo feitas de ouro. Assim tu também, ó filho de Gandhari, vês tudo invertido. Tendo provocado hostilidades terríveis com os Pandavas e os Srinjayas, lute agora (tu mesmo) com eles em batalha. Deixe-nos ver-te agir como um homem. Com relação a mim mesmo, ó tigre entre homens, eu matarei todos os Somakas e os Panchalas juntos, evitando somente Sikhandin. Morto por eles em batalha, eu irei para a residência de Yama, ou matando eles em batalha, eu te darei alegria. Sikhandin nasceu no palácio de Drupada como mulher a princípio. Ela se tornou um homem por causa da concessão de um benefício. Afinal, de qualquer modo, ela é Sikhandini. Ele eu não matarei mesmo que eu tenha que perder minha vida, ó Bharata. Ela é a mesma Sikhandini que o Criador fez a princípio. Passe a noite em sono tranquilo, ó filho de Gandhari. Amanhã eu lutarei uma batalha feroz sobre da qual os homens falarão enquanto o mundo durar.' Assim endereçado por ele, teu filho, ó monarca, foi embora. E saudando seu superior com uma inclinação de cabeça, ele voltou para sua própria tenda. Voltando, o rei dispensou seus servidores. E logo então aquele destruidor de inimigos entrou em sua residência. E tendo entrado (em sua tenda) o monarca passou a noite (em sono). E quando amanheceu, se levantando, o rei ordenou todos os guerreiros nobres, dizendo, 'Alinhem as tropas. Hoje Bhishma, excitado com cólera, matará todos os Somakas.'

Ouvindo aquelas lamentações copiosas de Duryodhana à noite, Bhishma considerou-as, ó rei, como ordens para ele mesmo. Cheio de grande aflição e desaprovando a posição de servidão, o filho de Santanu refletiu por um longo tempo, pensando em um combate com Arjuna em batalha. Compreendendo a partir de sinais que o filho de Ganga vinha pensando nisso, Duryodhana, ó rei, ordenou Dussasana dizendo, 'Ó Dussasana, que carros sejam rapidamente designados para proteger Bhishma. Que todas as vinte e duas divisões (do nosso exército) sejam incitadas adiante. Agora acontecerá aquilo no qual nós vínhamos pensando por uma série de anos, isto é, o massacre dos Pandavas com todas as suas tropas e a aquisição (por nós) do reino. Nessa questão, eu penso, a proteção de Bhishma é nosso principal dever. Protegido por nós, ele nos protegerá e matará os Parthas em batalha. De alma purificada, ele me disse, 'Eu não matarei Sikhandini. Ele era uma mulher antes, ó rei, e, portanto, deve ser evitado por mim em batalha. O mundo sabe, ó tu de braços fortes, que pelo desejo de fazer bem para meu pai, eu antigamente abandonei um reino próspero. Eu, portanto, não matarei em batalha, ó principal de homens, alguma mulher ou alguém que foi uma mulher antes. Isso que eu te digo é verdade. Este Sikhandin, ó rei, primeiro nasceu mulher. Tu ouviste aquela história. Ela nasceu como Sikhandini da mesma maneira que eu te contei antes da batalha começar. Tomando seu nascimento como uma filha ela se tornou um homem. De fato, ela lutará comigo, mas eu nunca atirarei minhas flechas nela. Em relação a todos os outros Kshatriyas desejosos de vitória para os Pandavas, ó majestade, a quem eu possa obter dentro do meu alcance no campo de batalha, eu os matarei.' Essas foram as palavras que o filho de Ganga conhecedor das escrituras, aquele chefe da linhagem de Bharata, disse para mim. Portanto, com toda minha alma eu penso que proteger o filho de Ganga é nosso principal dever. O próprio lobo pode matar o leão deixado desprotegido na grande floresta. Que o filho de Ganga não seja morto por Sikhandin como o leão morto pelo lobo. Que nosso tio materno Sakuni, e Salya, e Kripa, e Drona, e Vivingsati, protejam cuidadosamente o filho de Ganga. Se ele estiver protegido, (nossa) vitória é certa.'"

"Ouvindo essas palavras de Duryodhana, todos cercaram o filho de Ganga com uma grande divisão de carros. E teus filhos também, tomando suas posições em volta de Bhishma, procederam para a batalha. E eles todos seguiram, sacudindo a terra e o firmamento, e causando medo nos corações dos Pandavas. Os poderosos guerreiros em carros (do exército Kaurava), apoiados por aqueles carros e elefantes, e vestidos em armadura, reuniram-se em batalha, cercando Bhishma. E todos eles tomaram suas posições para proteger aquele poderoso guerreiro em carro como os celestiais na batalha entre eles mesmos e os Asuras para proteger o manejador do raio. Então o rei Duryodhana mais uma vez se dirigindo a seu irmão, disse, 'Yudhamanyu protege a roda esquerda do carro de Arjuna, e Uttamaujas sua roda direita. E (assim protegido) Arjuna protege Sikhandin. Ó Dussasana, adote tais medidas para que, protegido por Partha, Sikhandin não possa matar Bhishma deixado desprotegido por nós.' Ouvindo essas palavras de seu irmão, teu filho Dussasana, acompanhado pelas tropas, avançou para a batalha, colocando Bhishma na vanguarda. Vendo Bhishma

cercado dessa maneira por um grande número de carros, Arjuna, aquele principal dos guerreiros em carros, dirigiu-se a Dhrishtadyumna e disse, 'Ó príncipe, coloque aquele tigre entre homens, Sikhandin, hoje em frente à Bhishma, eu mesmo serei seu protetor, ó príncipe de Panchala."

100

Sanjaya disse, "Então Bhishma, o filho de Santanu, partiu com as tropas. E ele dispôs suas próprias tropas na formação de combate poderosa chamada Sarvatobhadra, (um tipo de ordem de batalha quadrada na qual as tropas encaravam todos os pontos do horizonte). Kripa, e Kritavarman, e aquele poderoso guerreiro em carro Saivya, e Sakuni, e o soberano dos Sindhus, e Sudakshina o soberano dos Kamvojas, esses todos, junto com Bhishma e teus filhos, ó Bharata, tomaram suas posições na vanguarda do exército inteiro e na própria frente da ordem de batalha (Kaurava). Drona e Bhurisravas e Salya e Bhagadatta, ó majestade, vestidos em armadura, tomaram suas posições na ala direita daquela formação de combate. E Aswatthaman, e Somadatta, e aqueles fabulosos guerreiros em carros, isto é, os dois príncipes de Avanti, acompanhados por um grande exército, protegiam a ala esquerda. Duryodhana, ó monarca, cercado por todos os lados pelos Trigartas, tomou, para combater os Pandavas, uma posição no meio daquela formação de combate. Aquele principal dos guerreiros em carros, Alamvusha, e aquele poderoso guerreiro em carro, Srutayush, vestidos em armadura, tomaram suas posições na retaguarda daquela ordem de batalha, e portanto, do exército inteiro. Tendo, ó Bharata, naquela ocasião formado sua ordem de batalha dessa maneira, teus guerreiros, vestidos em armadura, pareciam com fogos ardentes."

"Então o rei Yudhishthira, e aquele filho de Pandu, Bhimasena, e os filhos gêmeos de Madri, Nakula e Sahadeva, vestidos em armadura, tomaram suas posições na vanguarda daquela formação de combate e portanto, na própria dianteira de todas as suas tropas. E Dhrishtadyumna, e Virata, e aquele poderoso guerreiro em carro, Satyaki, esses destruidores de tropas hostis, se mantiveram em posição, protegidos por uma grande tropa. E Sikhandin, e Vijaya (Arjuna), e o Rakshasa Ghatotkacha, e Chekitana de armas poderosas, e o valente Kuntibhoja, ficaram em posição para lutar, cercados por um grande exército. E aquele grande arqueiro Abhimanyu, e o poderoso Drupada, e os (cinco) irmãos Kaikeya, se posicionaram para a batalha, vestidos em armadura. Tendo formado sua imensa e invencível ordem de batalha dessa maneira, os Pandavas, dotados de grande coragem em batalha, se posicionaram para o combate, vestidos em armadura."

"Então os reis da tua formação de combate, ó monarca, se empenhando ao máximo, acompanhados por suas tropas, e colocando Bhishma em sua vanguarda, avançaram contra os Parthas em batalha. Similarmente os Pandavas também, ó rei, encabeçados por Bhimasena, e desejosos de vitória em batalha procederam, para lutar com Bhishma. Com rugidos leoninos e gritos confusos, soprando suas conchas Krakachas, e chifres de vaca, batendo em suas baterias e

pratos aos milhares, e proferindo gritos terríveis, os Pandavas avançaram para a batalha. Com o barulho de nossas baterias e pratos e conchas e baterias menores, com rugidos leoninos altos, e outros tipos de gritos, nós também, respondendo aos gritos do inimigo, avançamos contra ele com grande impetuosidade, cheios de raiva. Aqueles sons se misturando uns com os outros produziram um tumulto tremendo. Os guerreiros então, dos dois exércitos, avançando uns nos outros, começaram a golpear. E por causa do rumor produzido por aquele combate, a terra parecia tremer. E aves, proferindo gritos selvagens, pairavam no ar. O Sol, brilhante como ele estava quando tinha surgido, ficou ofuscado. E ventos violentos sopraram, indicando grandes terrores. Chacais horríveis vagavam, gritando terrivelmente, ó rei, e pressagiando uma horrível carnificina. Os quadrantes pareciam, ó rei, estar em chamas, e chuvas de poeira caíam do céu. E uma chuva caiu lá, de pedaços de ossos misturados com sangue. E lágrimas caíam dos olhos dos animais que estavam todos chorando. E cheios de ansiedade, ó rei, eles começaram a urinar e expulsar os conteúdos de seus estômagos. E os altos gritos da batalha, ó touro da raça Bharata, foram tornados inaudíveis pelos gritos altos de Rakshasas e canibais. E chacais e urubus e corvos e cachorros, proferindo diversos tipos de gritos, começaram, ó majestade, a correr e se precipitar no campo. E meteoros ardentes, batendo contra o disco do Sol, caíram com grande velocidade na terra, pressagiando grandes terrores. Então aquelas duas vastas hostes pertencentes aos Pandavas e aos Dhartarashtras, no decorrer daquele confronto aterrador, estremeceram por consequência de daquele tumulto tremendo de conchas e baterias como as florestas sacudidas pela tempestade. E o barulho feito pelos dois exércitos, ambos os quais abundavam com reis, elefantes, e corcéis, e que enfrentavam um ao outro em uma má hora, parecia o barulho feito por oceanos agitados pela tempestade."

101

Sanjaya disse, "Então o nobre Abhimanyu de grande energia, levado por seus corcéis de uma cor fulva, avançou na hoste imensa de Duryodhana, espalhando suas chuvas de flechas como as nuvens derramando torrentes de chuva. Ó filho da linhagem de Kuru, teus guerreiros, naquela batalha, não podiam resistir àquele matador de inimigos, o filho de Subhadra, que, excitado com cólera e possuidor de abundância de armas, estava então mergulhado naquele oceano inesgotável de tropas (Kaurava). Flechas dadoras de morte, ó rei, atiradas por ele naquela batalha, despachavam muitos Kshatriyas heróicos para as regiões do rei dos espíritos dos mortos. De fato, estimulado pela ira o filho de Subhadra naquela batalha disparou flechas ferozes e ardentes em profusão que pareciam cobras de veneno virulento ou varas da própria morte. E o filho de Phalguni rapidamente partiu em fragmentos guerreiros em carros com seus carros, corcéis com seus cavaleiros, e guerreiros em elefantes junto com os animais enormes que eles montavam. E os soberanos da terra, cheios de alegria, aplaudiram aqueles feitos poderosos em batalha e elogiaram também aquele que os realizava. E o filho de Subhadra, ó Bharata, agitou aquelas divisões (do exército Kaurava) como a

tempestade agitando uma pilha de algodão por todos os lados no céu. Desbaratadas por ele, ó Bharata, as tropas falharam em encontrar um protetor, como elefantes afundados em um pântano. Então, ó melhor dos homens, tendo desnorteado todas as tropas, Abhimanyu permanecia, ó rei, como um fogo brilhante sem um anel de fumaça. De fato, ó rei, teus guerreiros eram incapazes de resistir àquele matador de inimigos, como insetos impelidos pelo destino incapazes de resistir a um fogo ardente. Aquele poderoso guerreiro em carro e grande arqueiro, tendo atacado todos os inimigos dos Pandavas, parecia naquele momento com o próprio Vasava armado com o trovão. E seu arco, o lado posterior de cujo bastão era decorado com ouro, conforme ele se movia por todos os lados, parecia, ó rei, com o lampejo de relâmpago quando ele passava em meio às nuvens. E flechas bem temperadas e afiadas saíam da corda de seu arco naquela batalha como enxames de abelhas, ó rei, de árvores florescentes na floresta. E quando o filho de grande alma de Subhadra se movia rapidamente no campo em seu carro cujos membros eram ornamentados com ouro, as pessoas eram incapazes de encontrar uma oportunidade (para atingi-lo). Confundindo Kripa e Drona e o filho poderoso de Drona, como também o soberano dos Sindhus, o grande arqueiro se movia no campo de batalha com grande energia e habilidade. Quando ele consumia tuas tropas, ó Bharata, eu vi seu arco constantemente alongado a um círculo e parecendo por conta disso o halo circular de luz que é às vezes visto em volta do sol. Bravos Kshatriyas, vendo ele dotado de tal energia e chamuscando o inimigo dessa maneira, pensaram, por causa daquelas façanhas, que o mundo continha dois Phalgunis. De fato, ó rei, a vasta hoste dos Bharatas, afligida por ele, cambaleava para lá e para cá como uma mulher bêbada com vinho. Destroçando aquele exército grande e fazendo muitos poderosos guerreiros em carro tremerem, ele alegrou seus amigos (como Vasava alegrando os celestiais) depois de subjugar Maya. E enquanto estavam sendo desbaratadas por ele naquela batalha, tuas tropas proferiram altas exclamações de dor que pareciam o ribombar das nuvens. Ouvindo aquele lamento terrível das tuas tropas, ó Bharata, que parecia o rugido do próprio mar na maré cheia quando agitado pelos ventos, Duryodhana então, ó rei, dirigiu-se ao filho de Rishyasringa e disse, 'Esse Abhimanyu sozinho, ó tu de armas poderosas, como um segundo Phalguni, destroça por raiva (meu) exército como Vritra desbaratando a hoste celeste. Eu não vejo qualquer outro remédio eficaz para ele em batalha do que tu mesmo, ó melhor dos Rakshasas, que és bem hábil em todas as ciências. Portanto, vá rapidamente e mate o filho heróico de Subhadra em batalha. Com relação a nós, encabeçados por Bhishma e Drona, nós mataremos o próprio Partha.' Assim endereçado, o Rakshasa poderoso e valente foi rapidamente para a batalha por ordem de teu filho, proferindo rugidos altos como as próprias nuvens na estação das chuvas. E por causa daquele barulho alto, ó rei, a vasta hoste dos Pandavas estremeceu por toda parte como o oceano quando agitado pelo vento. E muitos combatentes, ó rei, apavorados por aqueles rugidos, abandonando a vida preciosa, caíram prostrados no chão. Cheio de alegria e pegando seu arco com flecha fixada na corda, e aparentemente dançando no terraço de seu carro, aquele Rakshasa procedeu contra o próprio Abhimanyu. Então o Rakshasa furioso, tendo naquela batalha o filho de Arjuna dentro do alcance, começou a derrotar suas tropas, aquelas que não estavam longe dele. De fato, o Rakshasa avançou em

batalha contra aquela imensa hoste Pandava a qual ele começou a massacrar, como Vala avançando contra a hoste celeste. Atacadas em batalha por aquele Rakshasa de aparência terrível, foi muito grande a matança, ó majestade, que teve lugar entre aquelas tropas. Empregando sua bravura, o Rakshasa começou a desbaratar aquele vasto exército dos Pandavas, com milhares de flechas. Assim massacrado por aquele Rakshasa de aparência terrível, o exército Pandava fugiu com muito medo. Oprimindo aquele exército como um elefante moendo caules de lotos, o Rakshasa poderoso então avançou em batalha contra os filhos de Draupadi. Então aqueles grandes arqueiros, talentosos em combate, isto é, os filhos de Draupadi, avançaram em direção ao Rakshasa em batalha como cinco planetas avançando contra o sol. Aquele melhor dos Rakshasas então foi afligido por aqueles irmãos dotados de grande energia, como a Lua afligida pelos cinco planetas na ocasião terrível da dissolução do mundo. Então o poderoso Prativindhya rapidamente perfurou o Rakshasa com flechas afiadas, cortantes como machados de batalha e providas de pontas capazes de penetrar toda armadura. Nisso aquele principal dos Rakshasas, com sua armadura trespassada, parecia com uma massa de nuvens atravessada pelos raios do Sol. Perfurado por aquelas flechas equipadas com asas douradas, o filho de Rishyasringa, ó rei, parecia resplandecente como uma montanha com topos brilhantes. Então aqueles cinco irmãos naquela grande batalha, perfuraram aquele principal dos Rakshasas com muitas flechas afiadas de asas douradas. Perfurado com aquelas flechas terríveis parecendo cobras zangadas, Alamvusha, ó rei, ficou inflamado com raiva como o próprio rei das serpentes. Profundamente perfurado, ó rei, dentro de somente uns poucos momentos, ó majestade, por aqueles grandes guerreiros em carros, o Rakshasa, muito atormentado, permaneceu sem sentidos por um longo tempo. Recuperando sua consciência então, e crescendo por causa da raiva à duas vezes suas dimensões, ele cortou as flechas deles e estandartes e arcos. E como se sorrido naquele momento ele atingiu cada um deles com cinco flechas. Então aquele Rakshasa poderoso e grande guerreiro em carro, Alamvusha, estimulado pela fúria, e como se dançando na plataforma de seu carro, rapidamente matou os corcéis, e então os quadrigários, daqueles cinco adversários ilustres dele. E excitado com raiva ele mais uma vez os perfurou com flechas afiadas de diversas formas às centenas e milhares. Então aquele vagueador da noite, o Rakshasa Alamvusha, privando aqueles grandes arqueiros de seus carros, avançou impetuosamente neles, desejando despachá-los para a residência de Yama. Vendo eles afligidos (dessa maneira) em batalha por aquele Rakshasa de alma perversa, o filho de Arjuna avançou nele. Então a batalha que ocorreu entre ele e o canibal pareceu aquela entre Vritra e Vasava. E os poderosos guerreiros em carro do teu exército, como também dos Pandavas, todos se tornaram espectadores daquele combate. Enfrentando um ao outro em batalha violenta, resplandecendo com ira, dotado de grande poder, e com olhos vermelhos de raiva, cada um viu o outro naquela batalha parecer o fogo Yuga. E aquela luta entre eles tornou-se feroz e aterradora como aquela entre Sakra e Samvara nos tempos antigos na batalha entre os deuses e os Asuras."

102

Dhritarashtra disse, "Como, ó Sanjaya, Alamvusha resistiu em combate ao filho heróico de Arjuna que atingiu muitos dos nossos poderosos guerreiros em carros em batalha? E como também aquele matador de heróis hostis, o filho de Subhadra, lutou com o filho de Rishyasringa? Conte-me tudo isso em detalhes, exatamente como aconteceu naquele combate. O que também Bhima, aquele principal dos guerreiros em carros, e o Rakshasa Ghatotkacha, e Nakula, e Sahadeva e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, e Dhananjaya, fizeram com minhas tropas em combate? Diga-me tudo isso realmente, ó Sanjaya, pois tu és hábil (em narração)."

Sanjaya disse, "Eu logo descreverei para ti, ó majestade, a batalha tremenda que ocorreu entre aquele principal dos Rakshasas e o filho de Subhadra. Eu também descreverei para ti a destreza que Arjuna empregou em batalha, e Bhimasena o filho de Pandu e Nakula, e Sahadeva, como também os guerreiros do teu exército encabeçados por Bhishma e Drona, todos os quais destemidamente realizaram feitos extraordinários de diversos tipos. Alamvusha, proferindo gritos altos e repetidamente rugindo para Abhimanyu, avançou impetuosamente contra aquele poderoso guerreiro em carro em batalha, dizendo, 'Espere, Espere.' Abhimanyu também, rugindo repetidamente como um leão, avançou com grande força naquele arqueiro formidável, o filho de Rishyasringa, que era um inimigo implacável do pai do primeiro. Logo então aqueles dois principais dos guerreiros em carro, homem e Rakshasa, em seus carros, enfrentaram um ao outro, como um deus e um Danava. Aquele melhor dos Rakshasas era dotado de poderes de ilusão, enquanto o filho de Phalguni conhecia armas celestes. Então Abhimanyu, ó rei, perfurou o filho de Rishyasringa naquela batalha com três flechas afiadas e mais uma vez com cinco. Alamvusha, também, excitado com cólera, rapidamente perfurou Abhimanyu no peito com nove flechas como um condutor perfurando um elefante com ganchos. Então, ó Bharata, aquele vagueador da noite, dotado de grande energia, afligiu o filho de Arjuna naquele combate com mil flechas. Então Abhimanyu cheio de raiva, perfurou aquele príncipe dos Rakshasas em seu peito largo com nove flechas retas de gume excelente. Atravessando seu corpo elas penetraram em seus órgãos vitais. E aquele melhor dos Rakshasas, seus membros mutilados por elas, parecia belo como uma montanha coberta com Kinsukas florescentes. Portando aquelas flechas de asas douradas em seu corpo, aquele poderoso príncipe dos Rakshasas parecia radiante como uma montanha em chamas. Então o filho vingativo de Rishyasringa, inflamado com cólera, cobriu Abhimanyu, que era igual ao próprio Mahendra, com nuvens de flechas aladas. Aquelas flechas afiadas parecendo as varas do próprio Yama, atiradas por ele, atravessaram Abhimanyu e entraram na terra. E similarmente as flechas decoradas com ouro atiradas pelo filho de Arjuna, atravessando Alamvusha, entraram na terra. O filho de Subhadra então, naquela batalha, com suas flechas retas, obrigou o Rakshasa a virar suas costas sobre o campo, como Sakra repelindo Maya nos tempos antigos. Aquele opressor de inimigos, o Rakshasa, então, assim repelido e atingido repetidamente por seu adversário, manifestou seus grandes poderes de ilusão por fazer uma

densa escuridão se iniciar. Então todos os combatentes lá, ó rei, foram cobertos por aquela escuridão. Nem Abhimanyu podia ser visto, nem amigos podiam ser distinguidos de inimigos naquela batalha. Abhimanyu, no entanto, vendo aquela escuridão densa e terrível, chamou à existência, ó filho da linhagem de Kuru, a brilhante arma solar. Por isso, ó rei, o universo mais uma vez se tornou visível. E assim ele neutralizou a ilusão daquele Rakshasa perverso. Então aquele príncipe de homens, excitado pela raiva e dotado de grande energia, cobriu aquele principal dos Rakshasas naquela batalha com muitas flechas retas. Diversas outras espécies de ilusão foram conjuradas lá por aquele Rakshasa. Conhecedor de todas as armas, o filho de Phalguni no entanto, neutralizou elas todas. O Rakshasa então, suas ilusões todas destruídas, e ele mesmo atingido por flechas, abandonou seu carro lá mesmo, e fugiu com grande temor. Depois que aquele Rakshasa que gostava muito de luta injusta tinha sido assim derrotado, o filho de Arjuna começou a oprimir tuas tropas em batalha, como um príncipe de elefantes selvagens cegado pelo suco agitando um lago coberto com lotos. Então Bhishma o filho de Santanu, vendo suas tropas desbaratadas, cobriu o filho de Subhadra com uma chuva grossa de setas. Então muitos poderosos guerreiros em carros do exército Dhartarashtra, se colocando em um círculo em volta daquele único herói, começaram a atacá-lo violentamente com suas flechas. Aquele herói então, que parecia seu pai em destreza e que era igual a Vasudeva em coragem e força, aquele mais notável de todos os manejadores de armas, realizou diversas façanhas naquela batalha que eram dignas de seu pai e tio materno. Então o heróico Dhananjaya, excitado com raiva e desejoso de resgatar seu filho, chegou ao local onde o último estava massacrando tuas tropas conforme ele se aproximava. E da mesma maneira, ó rei, teu pai Devavrata naquela batalha se aproximou de Partha como Rahu se aproximando do sol. (Na mitologia Hindu, eclipses solares são causados pelas tentativas de Rahu de engolir o Sol.) Então teus filhos, ó monarca, apoiados por carros, elefantes, e corcéis, circundaram Bhishma naquela batalha e o protegeram por todos os lados. E assim também os Pandavas, ó rei, vestidos de armadura e cercando Dhananjaya, se engajaram em batalha feroz, ó touro da raça Bharata. Então o filho de Saradwat (Kripa), ó rei, perfurou Arjuna que estava posicionado na frente de Bhishma, com vinte e cinco flechas. Nisso, como um tigre atacando um elefante, Satyaki, se aproximando Kripa, perfurou-o com muitas flechas afiadas pelo desejo de fazer o que era agradável para os Pandavas. Gautama em retorno, cheio de cólera, rapidamente perfurou ele da linhagem de Madhu no peito com nove flechas aladas com as penas da ave Kanka. O neto de Sini também, excitado com raiva, e esticando seu arco violentamente, rapidamente disparou nele uma seta capaz de tirar sua vida. O filho impetuoso de Drona, no entanto, estimulado pela ira, cortou em duas aquela flecha quando ela voava impetuosamente em direção a Kripa, parecendo o raio de Indra em refulgência. Nisso aquele principal dos guerreiros em carros, o neto de Sini, abandonando Gautama, avançou em batalha em direção ao filho de Drona como Rahu no firmamento contra a Lua. O filho de Drona, no entanto, ó Bharata, cortou o arco de Satyaki em dois. Depois que seu arco tinha sido assim cortado, o primeiro começou a atacar último com suas flechas. Satyaki então, pegando outro arco capaz de resistir a uma grande tensão e massacrar o inimigo, atingiu o filho de Drona, ó rei, no peito e braços com seis flechas. Perfurado por

elas e sentindo grande dor, por um momento ele foi privado de seus sentidos, e ele se sentou no terraço de seu carro, se agarrando ao seu mastro de bandeira. Recuperando sua consciência então, o filho valente de Drona, furioso, afligiu ele da linhagem de Vrishni naquela batalha, com uma flecha longa. Aquela flecha, atravessando o neto de Sini, entrou na terra como uma cobra jovem vigorosa entrando em seu buraco na estação da primavera. E com outra flecha de cabeça larga, o filho de Drona naquela batalha cortou o estandarte excelente de Satyaki. E tendo realizado esse feito ele proferiu um rugido leonino. E mais uma vez, ó Bharata, ele cobriu seu adversário com uma chuva de flechas impetuosas como as nuvens, ó rei cobrindo o Sol depois do verão ter passado, Satyaki também, ó monarca, desviando aquela chuva de flechas, logo cobriu o filho de Drona com diversas chuvas de setas. Aquele matador de heróis hostis, o neto de Sini, livre daquela chuva de flechas como o Sol das nuvens, começou a oprimir o filho de Drona (com sua energia). Enchendo-se de raiva o poderoso Satyaki mais uma vez cobriu seu inimigo com mil setas e proferiu um grito alto. Vendo seu filho então afligido como a Lua por Rahu, o filho valente de Bharadwaja avançou em direção ao neto de Sini. Desejoso, ó rei, de resgatar seu filho que era afligido pelo herói Vrishni, Drona, naquela grande batalha, perfurou o último com uma flecha de gume excelente. Satyaki então, abandonando o poderoso guerreiro em carro Aswatthaman, perfurou o próprio Drona naquela batalha com vinte setas de gume excelente. Logo depois, aquele opressor de inimigos e poderoso guerreiro em carro, isto é, o filho de Kunti de alma imensurável, estimulado pela fúria, avançou naquela batalha contra Drona. Então Drona e Partha enfrentaram um ao outro em combate violento como os planetas Budha e Sukra, ó rei, no firmamento. (Budha é Mercúrio, e Sukra é Vênus.)"

103

Dhritarashtra disse, "Como aqueles touros entre homens, isto é, aquele grande arqueiro Drona, e Dhananjaya o filho de Pandu, enfrentaram um ao outro em batalha? O filho de Pandu é sempre querido para o filho sábio de Bharadwaja. O preceptor também é sempre querido para o filho de Pritha, ó Sanjaya. Ambos aqueles guerreiros em carros se deleitam em batalha, e ambos são ferozes como leões. Como portanto, o filho de Bharadwaja e Dhananjaya, ambos lutando com cuidado, enfrentaram um ao outro em batalha?"

Sanjaya disse, "Em batalha Drona nunca reconhece Partha como caro para ele mesmo. Partha também, mantendo o dever de um Kshatriya em vista, não reconhece em batalha seu preceptor. Kshatriyas, ó rei, nunca evitam uns aos outros em batalha. Sem mostrar qualquer consideração um pelo outro, eles lutam com pais e irmãos. Naquela batalha, ó Bharata, Partha perfurou Drona com três flechas. Drona, no entanto, não considerou aquelas flechas disparadas em batalha do arco de Partha. De fato, Partha mais uma vez cobriu o preceptor no combate com uma chuva de setas. Nisso o último se inflamou com fúria como um incêndio em uma floresta profunda. Então, ó rei, Drona logo cobriu Arjuna naquele combate com muitas flechas retas, ó Bharata. Então o rei Duryodhana, ó monarca,

despachou Susarman para tomar o flanco de Drona. Então o soberano dos Trigartas, excitado com raiva e estirando seu arco violentamente, cobriu Partha, ó rei, com uma profusão de flechas providas de cabeças de ferro. Disparadas por aqueles dois guerreiros, ó rei, as flechas pareciam belas no firmamento como garças no céu do outonal. Aquelas flechas, ó senhor, alcançando o filho de Kunti, entraram em seu corpo como aves desaparecendo dentro de uma árvore curvada com uma carga de frutas saborosas. Arjuna então, aquele principal dos guerreiros em carros, proferindo um rugido alto naquela batalha perfurou o soberano dos Trigartas e seu filho com suas flechas. Perfurados por Partha como a própria Morte no fim do Yuga, eles não estavam desejosos de evitar Partha, decididos como eles estavam a sacrificar suas vidas. E eles dispararam chuvas sobre o carro de Arjuna. Arjuna, no entanto, recebeu aquelas chuvas de flechas com chuvas das suas próprias, como uma montanha, ó monarca, recebendo um aguaceiro das nuvens. E a agilidade de mão que nós então vimos de Vibhatsu foi muito extraordinária. Pois sozinho ele desviou aquela insuportável chuva de setas disparadas por muitos guerreiros como o vento sozinho espalhando miríades de nuvens avançando sobre nuvens. E por aquela façanha de Partha, os deuses e os Danavas (reunidos lá para testemunhar a luta) estavam muito satisfeitos. Então, ó Bharata, ele lutou com os Trigartas naquela batalha. Partha disparou, ó rei, a arma Vayavya contra a divisão deles. Então se ergueu um vento que agitou o firmamento, derrubou muitas árvores, e castigou as tropas (hostis). Então Drona, vendo a feroz arma Vayavya, disparou uma arma terrível chamada Saila. E quando aquela arma, ó soberano de homens, foi disparada por Drona naquela batalha, o vento diminuiu e os dez quadrantes ficaram calmos. O filho heróico de Pandu, no entanto, fez os guerreiros em carros da divisão Trigarta (ficarem) desprovidos de coragem e esperança, e os fez retrocederem no campo. Então Duryodhana e aqueles principais dos guerreiros em carros, Kripa, e Aswatthaman, e Salya, e Sudakshina, o soberano dos Kamvojas, e Vinda e Anuvinda de Avanti, e Valhika apoiado pelos Valhikas, com um grande número de carros cercou Partha por todos os lados. E similarmente Bhagadatta também, e o poderoso Srutayush, cercaram Bhima por todos os lados com uma divisão de elefantes. E Bhurisravas, e Sala, e o filho de Suvala, ó monarca, começaram a deter os filhos gêmeos de Madri com chuvas de setas brilhantes e afiadas. Bhishma, no entanto, naquela batalha, apoiado pelos filhos de Dhritarashtra com suas tropas, se aproximando de Yudhishthira, cercou-o por todos os lados. Contemplando aquela divisão de elefantes indo em direção a ele, o filho de Pritha Vrikodara, possuidor de grande coragem, começou a lamber os cantos de sua boca como um leão na floresta. Então Bhima, aquele principal dos guerreiros em carros, pegando sua maça naquela grande batalha, rapidamente saltou de seu carro e infligiu terror nos corações de teus guerreiros. Vendo ele com maça na mão, aqueles guerreiros em elefantes naquela batalha cercaram Bhimasena cuidadosamente por todos os lados. Posicionado no meio daqueles elefantes, o filho de Pandu parecia resplandecente como o Sol no meio de uma massa imensa de nuvens. Então aquele touro entre os filhos de Pandu começou com sua maça a destruir aquela divisão de elefantes como o vento dissipando uma massa enorme de nuvens cobrindo o céu. Aqueles elefantes, enquanto eram massacrados pelo poderoso Bhimasena, proferiam gritos altos de dor como massas de nuvens ribombando.

Com diversos arranhões (em seu corpo) infligidos por aqueles animais enormes com suas presas, o filho de Pritha parecia belo no campo de batalha como uma Kinsuka florescente. Agarrando alguns dos elefantes por suas presas, ele os privava daquelas armas. Arrancando as presas de outros, com aquelas próprias presas ele os atingia em seus globos frontais e os derrubava em batalha como o próprio Destruidor armado com sua vara. Brandindo sua maça banhada em sangue, e ele mesmo salpicado com gordura e medula e coberto com sangue, ele parecia com o próprio Rudra. Assim massacrados por ele, os poucos elefantes gigantescos que restaram fugiram para todos os lados, ó rei, esmagando até tropas não hostis. E por causa daqueles elefantes enormes fugindo para todos os lados, as tropas de Duryodhana mais uma vez, ó touro da raça Bharata, fugiram do campo."

104

Sanjaya disse, "Ao meio dia, ó rei, aconteceu uma batalha violenta, repleta de grande carnificina, entre Bhishma e os Somakas. Aquele principal dos guerreiros em carros, o filho de Ganga, começou a destruir as tropas dos Pandavas com flechas afiadas às centenas e milhares. Teu pai Devavrata começou a oprimir aquelas tropas como um rebanho de touros moendo (com seu passo) uma pilha de feixes de arroz. Então Dhrishtadyumna e Sikhandin e Virata e Drupada, se lançando sobre Bhishma naquela batalha, atacaram aquele poderoso guerreiro em carro com numerosas flechas. Bhishma então, tendo perfurado Dhrishtadyumna e Virata cada um com três setas, disparou uma flecha comprida, ó Bharata, em Drupada. Assim perfurados em batalha por Bhishma, aquele opressor de inimigos, aqueles arqueiros formidáveis ficaram cheios de raiva ó rei, como cobras pisadas (por pés humanos). Então Sikhandin perfurou o avô dos Bharatas (com muitas flechas). De glória imorredoura, Bhishma, no entanto, considerando seu inimigo como uma mulher não o atacou. Dhrishtadyumna então, naquela batalha, resplandecendo com fúria como fogo, atingiu o avô com três flechas em seus braços e peito. E Drupada perfurou Bhishma com vinte e cinco flechas, e Virata o perfurou com dez, e Sikhandin com vinte e cinco. Profundamente perfurado (com aquelas flechas) ele ficou coberto de sangue, e parecia belo como uma Asoka vermelha matizada com flores. Então o filho de Ganga perfurou, em retorno, cada um deles com três flechas retas. E então, ó majestade, ele cortou o arco de Drupada com uma seta de cabeça larga. O último então, pegando outro arco, perfurou Bhishma com cinco flechas. E ele perfurou o quadrigário de Bhishma também com três flechas afiadas no campo de batalha. Então os cinco filhos de Draupadi, e os cinco irmãos Kaikeya e Satyaki também da linhagem de Satwata, encabeçados por Yudhishthira, todos avançaram em direção ao filho de Ganga, desejosos de proteger os Panchalas encabeçados por Dhrishtadyumna. E assim todos os guerreiros do teu exército também, ó rei, preparados para proteger Bhishma, avançaram na chefia de suas tropas contra a hoste Pandava. E então aconteceu lá um violento combate geral entre teu exército de homens e corcéis e o deles, que aumentou a população do reino de Yama. E guerreiros em carros se lançando sobre guerreiros em carros despachavam uns aos outros para a

residência de Yama. E assim homens e condutores de elefantes e cavaleiros, se lançando sobre outros (de sua classe), os despachavam para o outro mundo com flechas retas. E aqui e ali sobre o campo, ó monarca, carros, privados de passageiros e quadrigários por meio de diversas espécies de flechas ardentes, eram naquela batalha arrastados por todos os lados sobre o campo. E aqueles carros, ó rei, esmagando grande número de homens e corcéis em batalha, eram vistos parecer o próprio vento (em velocidade) e edifícios vaporosos no firmamento (por suas formas pitorescas). E muitos guerreiros em carros equipados em armadura e dotados de grande energia, enfeitados com brincos e proteções para a cabeça e adornados com guirlandas e braceletes, parecendo os filhos dos celestiais, iguais ao próprio Sakra por destreza em batalha, superando Vaisravana em riqueza e Vrishaspati em inteligência, governando territórios extensos, e possuidores de grande heroísmo, ó monarca, privados de seus carros, eram vistos correndo para lá e para cá como homens comuns. Elefantes enormes também, ó chefe de homens, privados de seus condutores hábeis, corriam, esmagando tropas não hostis, e caíam com gritos altos. Elefantes prodigiosos parecendo com nuvens recém surgidas e rugindo também como as nuvens, eram vistos correndo em todas as direções, privados de suas cotas de malha. E, ó majestade, seus Chamaras e estandartes coloridos, seus guarda-sóis com varetas douradas, e as lanças brilhantes (de seus condutores), jaziam espalhados em volta. E condutores de elefantes, ó rei, privados de seus elefantes, pertencentes a ambos os exércitos, eram vistos correndo (a pé) em meio àquela multidão aterradora. E cavalos de diversos países, enfeitados com ornamentos de ouro, eram vistos, às centenas e milhares, correndo com a velocidade do vento. E cavaleiros, privados de seus cavalos, e armados com espadas eram vistos correndo naquela batalha, ou feitos correr (por outros que os atacavam). Elefante, encontrando com um elefante fugindo naquela batalha terrível, prosseguia, esmagando rapidamente soldados de infantaria e cavalos. E, similarmente, ó rei aquelas criaturas prodigiosas esmagavam muitos carros naquela batalha, e carros também, se aproximando de corcéis caídos os esmagavam (em seu percurso). E corcéis também, na pressão da batalha, esmagavam muitos soldados de infantaria, ó rei (com seus cascos). E assim, ó monarca, eles esmagavam uns aos outros de diversas maneiras. E naquela batalha violenta e terrível lá fluiu um rio terrível de correnteza sangrenta. E pilhas de arcos obstruíam seu curso reto, e o cabelo (de guerreiros mortos) formava seu musgo. E carros (quebrados) formavam seus lagos, e flechas seus redemoinhos. E corcéis formavam seus peixes. E cabeças (cortadas de troncos) formavam seus blocos de pedra. E ele abundava com elefantes que formavam seus crocodilos. E cotas de malha e proteções para a cabeça formavam sua espuma. E arcos (nas mãos dos guerreiros) constituíam a velocidade de sua correnteza, e espadas suas tartarugas. E bandeiras e estandartes em profusão formavam as árvores em suas margens. E mortais constituíam suas margens as quais aquele rio destruía constantemente. E ele abundava com canibais que formavam seus cisnes. E aquele rio (em vez de aumentar o oceano com sua desembocadura) aumentava a população do reino de Yama. E bravos Kshatriyas, poderosos guerreiros em carros, perdendo todo o medo, ó rei, procuravam atravessar aquele rio com a ajuda de carros, elefantes, e corcéis que faziam o papel de balsas e barcos. E como o rio Vaitarani leva todos os espíritos dos

mortos em direção aos domínios do Rei dos mortos, aquele rio de correnteza sangrenta levava embora todos os homens medrosos privados de seus sentidos em um desmaio. E os Kshatriyas, contemplando aquela carnificina aterradora, todos exclamaram, dizendo, 'Ai, por causa do erro de Duryodhana os Kshatriyas estão sendo exterminados. Por que, oh, Dhritarashtra de alma pecaminosa, iludido por avareza, nutriu inveja pelos filhos de Pandu, que são agraciados com numerosas virtudes?' Diversas exclamações desse tipo foram ouvidas lá, feitas um para o outro, repletas de elogios aos Pandavas e crítica aos teus filhos. Ouvindo então essas palavras proferidas por todos os combatentes, teu filho Duryodhana, aquele pecador contra todos, dirigiu-se a Bhishma e Drona e Kripa e Salya, ó Bharata, dizendo, 'Lutem sem jactância. Por que vocês demoram de qualquer modo?' Então a batalha entre os Kurus e os Pandavas foi retomada, aquela batalha violenta, ó rei, causada pelo jogo de dados e marcada por um massacre horrível. Tu vês agora, ó filho de Vichitravirya, o resultado terrível daquela rejeição por ti (dos conselhos de teus amigos) embora avisado contra isso por muitas pessoas ilustres. Nem os filhos de Pandu, ó rei, nem suas tropas, nem aqueles que os seguem, nem os Kauravas, mostram a menor consideração por suas vidas em batalha. Por essa razão, ó tigre entre homens, uma destruição terrível de parentes está acontecendo, causada ou pelo Destino ou por tua má política, ó rei."

105

Sanjaya disse, "Ó tigre entre homens, Arjuna enviou aqueles Kshatriyas que seguiam Susarman para a residência do Rei dos Mortos por meio de suas flechas afiadas. Susarman no entanto, naquela batalha, perfurou Partha com suas flechas. E ele perfurou Vasudeva com setenta, e Arjuna novamente com nove flechas. Detendo aquelas flechas por meio de suas chuvas de flechas, aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Indra, despachou as tropas de Susarman para a residência de Yama. Aqueles poderosos guerreiros em carros, enquanto eram massacrados por Partha naquela batalha como se pela própria Morte no fim do Yuga, fugiram todos do campo, ó rei, em pânico. Alguns abandonando seus cavalos, alguns abandonando, ó majestade, seus carros, e outros seus elefantes, fugiram em todas as direções. Outros levando com eles seus cavalos, elefantes, e carros, fugiram, ó rei, com grande velocidade. Soldados de infantaria naquela batalha temível, jogando de lado suas armas, e sem qualquer consideração uns pelos outros, fugiam para lá e para cá. Embora proibidos por Susarman o soberano dos Trigartas, e por outros principais dos reis, eles contudo não permaneceram em batalha. Vendo aquela hoste desbaratada, teu filho Duryodhana, ele mesmo na chefia do exército inteiro e com Bhishma adiante, atacou Dhananjaya com toda sua energia, ó rei, para (proteger) a vida do soberano dos Trigartas. E ele permaneceu em batalha, espalhando diversas espécies de flechas, apoiado por todos os seus irmãos. Todo o restante dos homens fugiu. Similarmente, os Pandavas, ó rei, vestidos em armadura e com todo seu vigor, procederam, por causa de Phalguni, para o local onde Bhishma estava. Embora familiarizados com a destreza formidável, em batalha, do

manejador do Gandiva, eles contudo procederam com gritos altos e grande coragem para o local onde Bhishma estava e o cercaram por todos os lados. Então o herói de estandarte de palmeira cobriu o exército Pandava, naquela batalha, com suas flechas retas. O sol tendo alcançado o meridiano, os Kauravas, ó rei, lutaram com os Pandavas em uma massa confusa. O heróico Satyaki, tendo perfurado Kritavarman com cinco setas, permaneceu em batalha espalhando suas setas às milhares. E assim o rei Drupada também, perfurando Drona com muitas flechas afiadas, mais uma vez perfurou-o com setenta flechas e seu quadrigário com nove. Bhimasena também, tendo perfurado seu bisavô o rei Valhika, proferiu um rugido alto como um tigre na floresta. O filho de Arjuna (Abhimanyu) perfurado por Chitrasena com muitas flechas, perfurou Chitrasena profundamente no peito com três flechas. Lutando um com o outro em batalha, aqueles dois principais dos homens pareciam resplandecentes sobre o campo como os planetas Vênus e Saturno, ó rei, no firmamento. Então aquele matador de inimigos, o filho de Subhadra, matando os cavalos e quadrigário de seu adversário com nove flechas, proferiu um grito alto. Nisso aquele poderoso guerreiro em carro, (Chitrasena), pulando rapidamente daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, subiu, ó rei, sem demora, no carro de Durmukha. O bravo Drona perfurou o quadrigário do último também, então, ó rei, Drupada, assim afligido na chefia de suas tropas, retirou-se pela ajuda de seus corcéis velozes, lembrando da hostilidade que existia desde os tempos passados (entre ele mesmo e Drona). Bhimasena, dentro de um momento, privou o rei Valhika de seus corcéis, carro e quadrigário, na própria vista de todas as tropas. Lançado em uma situação de grande perigo e com medo em seu coração, ó rei, Valhika, aquele melhor dos homens, saltando daquele veículo, subiu rapidamente no carro de Lakshmana naquela batalha. Satyaki, tendo detido Kritavarman naquela batalha terrível, lançou-se sobre o avô e derramou sobre ele flechas de diversos tipos. Perfurando o avô com sessenta flechas afiadas aladas com penas, ele parecia dançar em seu carro, vibrando seu arco grande. O avô então arremessou nele um dardo imenso feito de ferro, decorado com ouro, dotado de grande velocidade, e belo como uma filha dos Nagas. Vendo aquele dardo irresistível, parecendo a própria Morte, correndo em direção a ele, aquele guerreiro ilustre da linhagem de Vrishni desviou-o pela rapidez de seus movimentos. Nisso aquele dardo ameaçador, incapaz de alcançar ele da linhagem de Vrishni, caiu sobre o chão como um grande meteoro de esplendor brilhante. Então ele da linhagem de Vrishni, ó rei, pegando com uma mão firme seu próprio dardo de refulgência dourada, arremessou-o no carro do avô. Aquele dardo, arremessado naquela batalha terrível com a força dos braços de Satyaki, correu impetuosamente como a noite fatal, correndo depressa em direção a um homem (condenado). Enquanto ele corria, no entanto, em direção a ele com grande força, Bhishma cortou-o em dois, ó Bharata, com um par de flechas de cabeça de ferradura de gume afiado, e então o dardo caiu no chão. Tendo cortado aquele dardo, aquele opressor de inimigos, o filho de Ganga, excitado com cólera e sorrindo naquele momento atingiu Satyaki no peito com nove setas. Então os guerreiros Pandava, ó irmão mais velho de Pandu, com seus carros, elefantes, e cavalos de batalha, cercaram Bhishma naquela batalha, para resgatar ele da linhagem de Madhu. Então começou novamente uma batalha violenta, de arrepiar

os cabelos, entre os Pandavas e os Kurus, ambos os quais estavam desejosos de vitória."

106

"Sanjaya disse, 'Vendo Bhishma estimulado pela fúria em batalha, cercado por todos os lados pelos Pandavas como o Sol no firmamento, ó rei, pelas nuvens no fim do verão, Duryodhana, ó monarca, dirigiu-se a Dussasana, dizendo, 'Aquele arqueiro heróico e formidável Bhishma, aquele matador de heróis, ó touro da raça Bharata, foi totalmente cercado pelos bravos Pandavas. É teu dever, ó herói, proteger aquele ilustre. Protegido por nós em batalha, nosso avô Bhishma matará todos os Panchalas junto com os Pandavas. A proteção de Bhishma, portanto, eu penso, é nosso maior dever, pois aquele grande arqueiro de votos sublimes, Bhishma, é nosso protetor em retorno. Portanto, cercando o avô com todas as nossas tropas, proteja ele que sempre realiza as façanhas mais difíceis em batalha.' Assim endereçado por Duryodhana, teu filho Dussasana, circundando Bhishma com uma grande tropa por todos os lados tomou sua posição. Então o filho de Suvala Sakuni, com centenas e milhares de cavaleiros tendo lanças e espadas brilhantes e arpões nas mãos, e que formavam um grupo orgulhoso, bem-vestido, e forte portando estandartes, e que estavam misturados com excelentes soldados de infantaria que eram todos bem treinados e hábeis em batalha começaram a deter Nakula, e Sahadeva, e Yudhishthira o filho de Pandu, cercando aqueles principais dos homens por todos os lados. Então o rei Duryodhana despachou dez (outros) mil bravos cavaleiros para resistirem aos Pandavas. Quando esses avançaram como muitos Garudas em direção ao inimigo com grande impetuosidade, a terra, ó rei, batida com seus cascos de cavalos, tremeu e proferiu um barulho alto. E o estrépito alto de seus cascos era ouvido parecendo o barulho feito por uma grande floresta de bambus, em conflagração em uma montanha. E quando estes se lançavam sobre o campo, ergueu-se lá uma nuvem de poeira, a qual subindo ao céu encobriu o próprio Sol. E por causa daqueles corcéis impetuosos, o exército Pandava estava agitado como um lago grande com um bando de cisnes descendo de repente em sua superfície. E por causa de seus relinchos, nada mais podia ser ouvido lá. Então o rei Yudhishthira, e os dois filhos de Pandu com Madri, detiveram rapidamente o ataque daqueles cavaleiros em batalha, como o continente, ó rei, resistindo à força, na maré cheia, das ondas do mar cheio com as águas da estação chuvosa. Então aqueles (três) guerreiros em carros, ó monarca, com suas flechas retas, cortaram as cabeças daqueles cavaleiros. Mortos por aqueles arqueiros fortes, eles caíam, ó rei, (no chão), como elefantes poderosos caídos em cavernas de montanha, mortos por companheiros enormes. De fato, percorrendo todo o campo, aqueles guerreiros (do exército Pandava) cortavam as cabeças daqueles soldados de cavalaria com dardos farpados afiados e flechas retas. Atingidos com espadas, aqueles cavaleiros, ó touro da raça Bharata, tinham suas cabeças desprendidas como árvores altas soltando seus frutos. Por todo o campo, ó rei, cavalos junto com seus cavaleiros eram vistos caídos ou caindo, privados de vida. E enquanto estavam sendo (assim) massacrados, os corcéis, tomados pelo pânico, fugiam

como pequenos animais desejosos de salvar suas vidas à visão do leão. E os Pandavas, ó rei, tendo vencido seus inimigos naquela grande batalha, sopraram suas conchas e bateram suas baterias. Então Duryodhana, cheio de aflição ao ver suas tropas vencidas, dirigiu-se ao soberano dos Madras, ó chefe dos Bharatas, e disse, 'Lá, o filho mais velho de Pandu, acompanhado pelos gêmeos em batalha, na tua própria vista, ó tu de armas poderosas, desbarata nossas tropas, ó senhor. Ó poderosamente armado, resista a ele como o continente resistindo ao oceano. Tu és muito conhecido como possuidor de poder e bravura que são irresistíveis.' Ouvindo essas palavras de teu filho, o corajoso Salya procedeu com um grande grupo de carros ao local onde Yudhishthira estava. Nisso, o filho de Pandu começou a resistir em batalha àquela grande hoste de Salya que avançava impetuosamente em direção a ele com a força de uma onda imensa. E aquele poderoso guerreiro em carro, o rei Yudhishthira o justo, naquela batalha rapidamente perfurou o soberano dos Madras no centro do peito com dez flechas. E Nakula e Sahadeva o atingiram com sete flechas retas. O soberano dos Madras então atingiu cada um deles com três setas. E mais uma vez ele perfurou Yudhishthira com sessenta flechas de ponta afiada. E excitado com cólera ele atingiu cada um dos filhos de Madri também com duas flechas. Então aquele subjugador de inimigos, Bhima de braços fortes, vendo o rei, naquela grande batalha, ao alcance do carro de Salya como se dentro das próprias mandíbulas da Morte, foi rapidamente para o lado de Yudhishthira. Então quando o Sol, tendo passado o meridiano, estava afundando, começou uma batalha violenta e terrível lá (naquela parte do campo)."

107

Sanjaya disse, "Então teu pai, estimulado pela fúria, começou a atacar os Parthas e suas tropas por toda parte, com flechas excelentes muito afiadas. E ele perfurou Bhima com doze flechas, e Satyaki com nove. E tendo perfurado Nakula com três flechas, ele perfurou Sahadeva com sete. E ele perfurou Yudhishthira nos braços e no peito com doze flechas. E perfurando Dhrishtadyumna também, aquele guerreiro poderoso proferiu um rugido alto. Nakula o perfurou (em retorno) com doze flechas, e Satyaki com três. E Dhrishtadyumna o perfurou com setenta flechas, e Bhimasena com sete. E Yudhishthira perfurou o avô em retorno com doze flechas. Drona (por outro lado), tendo perfurado Satyaki, perfurou Bhimasena em seguida. E ele perfurou cada um deles com cinco flechas afiadas, cada uma das quais parecia a vara da Morte. Cada um daqueles dois, no entanto, perfurou Drona, aquele touro entre os Brahmanas, em retorno, com três flechas retas. Os Sauviras, os Kitavas, os habitantes do Leste, os habitantes do Oeste, os habitantes do Norte, os Malavas, os Abhishahas, os Surasenas, os Sivis, e os Vasatis, não evitaram Bhishma em batalha embora eles fossem constantemente massacrados por ele com flechas afiadas. E similarmente reis vindos de diversos países e armados com diversas armas, se aproximaram dos Pandavas (sem procurar evitá-lo em batalha). E os Pandavas, ó rei, cercaram o avô por todos os lados. Cercado por todos os lados, contudo não subjugado por aquele grande

grupo de carros, Bhishma brilhava como um fogo no meio de uma floresta, e consumia seus inimigos. Seu carro era sua câmara de fogo; seu arco constituía as (chamas desse fogo); espadas, dardos, e maças, constituíam o combustível; suas flechas eram as faíscas (daquele fogo); e Bhishma era ele mesmo o fogo que consumia os principais dos Kshatriyas. De fato, com flechas providas de asas douradas e penas urubu e dotadas de grande energia, com setas farpadas, e nalikas, e flechas longas, ele cobria a hoste hostil. E ele derrubou elefantes e guerreiros em carros também com suas flechas afiadas. E ele fez aquele grande grupo de carros parecer uma floresta de palmeiras ceifada de suas cabeças folhosas. E aquele guerreiro poderosamente armado, aquele principal de todos os manejadores de armas, ó rei, privou carros e elefantes e cavalos de seus condutores naquele combate. E ouvindo a vibração da corda de seu arco e o barulho de suas palmas, altos como o ribombar do trovão, todas as tropas tremeram, ó Bharata. As flechas de teu pai, ó touro da raça Bharata, consumiam o inimigo. De fato, disparadas do arco de Bhishma elas não atingiam as cotas de malha somente (mas as atravessavam). E nós vimos, ó rei, muitos carros desprovidos de seus bravos passageiros arrastados sobre o campo de batalha, ó monarca, pelos corcéis velozes unidos a eles. Catorze mil guerreiros em carros, pertencentes aos Chedis, aos Kasis, e aos Karushas, de grande celebridade e ascendência nobre, preparados para sacrificar suas vidas, que não recuavam do campo, e possuindo estandartes excelentes enfeitados com ouro, tendo encontrado Bhishma em batalha que parecia o próprio Destruidor com boca escancarada, foram todos para o outro mundo junto com seus carros, corcéis, e elefantes. E nós vimos lá, ó rei, carros às centenas e milhares, alguns com seus eixos e fundos quebrados, e alguns, ó Bharata, com rodas quebradas. E a terra estava coberta com carros quebrados junto com suas cercas de madeira, com as formas prostradas de guerreiros em carros, com flechas, com cotas de malha belas porém partidas, com machados, ó monarca; com maças e setas curtas e flechas afiadas, com fundos de carros, com aljavas e rodas quebradas, ó majestade, com inúmeros arcos e cimitarras e cabeças enfeitadas com brincos; com proteções de couro e luvas e estandartes derrubados, e com arcos quebrados em várias partes. E elefantes, ó rei, desprovidos de condutores, e cavaleiros mortos (do exército Pandava), jaziam mortos. Os Pandavas valentes apesar de todos os seus esforços, não puderam reagrupar aqueles guerreiros em carros, que, afligidos pelas flechas de Bhishma, estavam fugindo do campo. De fato, ó rei, aquela hoste imensa enquanto estava sendo massacrada por Bhishma dotado de energia igual àquela do próprio Indra, dividiu-se tão completamente que nem duas pessoas fugiam juntas. Com seus carros, elefantes, e corcéis derrubados, e com seus estandartes colocados abaixo em profusão, o exército dos filhos de Pandu, privado de juízo, proferia exclamações altas de dor. E naquela hora, pai matou filho, e filho matou pai, e amigo golpeou o amigo querido, impelidos pelo destino. E muitos combatentes do exército Pandava, jogando de lado suas armaduras, eram vistos fugindo em todas as direções com cabelo despenteado. De fato, as tropas Pandava pareciam com touros correndo a esmo apavorados, e não mais controlados pela canga. De fato, altas foram as exclamações que nós ouvimos de dor que eles proferiram."

"Então aquele alegrador dos Yadavas, vendo o exército Pandava se dividindo, refreou o carro excelente (que ele guiava), e dirigindo-se a Vibhatsu o filho de Pritha, disse, 'Chegou aquela hora, ó Partha, pela qual tu esperavas. Ataque agora, ó tigre entre homens, ou tu serás privado de tua razão. Antigamente, ó herói, tu disseste, ó Partha, naquele conclave de reis na cidade Virata, na presença também de Sanjaya, essas palavras: 'Eu matarei todos os guerreiros do filho de Dhritarashtra, todos eles com seus seguidores, incluindo Bhishma e Drona, que lutarem comigo em batalha.' Ó filho de Kunti, ó castigador de inimigos, faça verdadeiras aquelas tuas palavras. Lembrando-te do dever de um Kshatriya, lute, sem qualquer ansiedade.' Assim endereçado por Vasudeva, Arjuna baixou sua cabeça e olhou de soslaio para ele. E Vibhatsu respondeu de muita má vontade, dizendo, 'Obter soberania com inferno no fim, tendo matado aqueles que não devem ser mortos, ou as dores de um exílio nas florestas, (essas são as alternativas). Qual destas eu devo realizar? Incite os corcéis, ó Hrishikesa, eu cumprirei tua ordem. Eu derrubarei o avô Kuru Bhishma, aquele guerreiro invencível.' Assim pedido, Madhava incitou aqueles corcéis de cor prateada para o local onde Bhishma, incapaz de ser olhado como o próprio Sol, estava. Então aquela grande hoste de Yudhishthira se reagrupou e foi novamente para a luta, vendo o poderosamente armado Partha procedendo para um combate com Bhishma. Então Bhishma, aquele principal entre os Kurus, rugiu repetidamente como um leão. E ele logo cobriu o carro de Dhananjaya com uma chuva de setas. Em um instante aquele carro dele com seus corcéis e quadrigário ficou totalmente invisível por causa daquela chuva grossa de setas. Vasudeva, no entanto, sem medo, reunindo paciência, e dotado de grande presteza, incitou aqueles corcéis mutilados pelas flechas de Bhishma. Então Partha, pegando seu arco celeste de vibração alta como o rugido das nuvens, fez o arco de Bhishma cair de suas mãos, cortando-o (em fragmentos) por meio de suas flechas afiadas. Então teu pai, o herói Kuru, cujo arco tinha sido assim cortado, encordoou outro arco grande em um piscar de olhos. Arjuna, no entanto, excitado com cólera, cortou também aquele arco dele. O filho de Santanu aplaudiu aquela agilidade de mão mostrada por Arjuna, dizendo, 'Muito bem, muito bem, ó de braços fortes. Muito bem, ó filho de Kunti.' Tendo se dirigido a ele dessa maneira, Bhishma pegou outro arco belo naquela batalha, e disparou muitas flechas no carro de Partha. E Vasudeva mostrou grande habilidade na condução de cavalos, pois, mostrando o movimento circular ele frustrou todas aquelas setas (de Bhishma). Mutilados pelas setas de Bhishma, aqueles dois tigres entre os homens pareciam belos como dois touros furiosos marcados com arranhões de chifres. Então aquele matador de heróis hostis, Vasudeva de braços fortes da linhagem de Madhu, vendo que Partha estava lutando brandamente e que Bhishma estava espalhando incessantemente suas chuvas de flechas em batalha, e que posicionado entre as duas hostes, o último estava chamuscando tudo como o próprio Sol, derrotando os principais combatentes de Yudhishthira, e, realmente, realizando um feito sobre o exército de Yudhishthira semelhante ao que acontece no fim do Yuga, não pode mais tolerar aquilo. Abandonando então, ó majestade, os cavalos de Partha que pareciam com prata, e cheio de ira, aquele grande senhor de poderes Yoga saltou daquele grande carro. Rugindo repetidamente como um leão, o poderoso Krishna de grande energia e esplendor incomensurável, o Senhor do Universo, com olhos

vermelhos como cobre de raiva, e tendo somente seus braços nus como suas armas, avançou em direção a Bhishma, chicote na mão, desejoso de matá-lo e parecendo partir o próprio universo com seu passo. Vendo Madhava próximo a Bhishma e prestes a se lançar sobre ele naquela batalha furiosa, os corações de todos os combatentes pareciam estar em um estupor. 'Bhishma está morto, Bhishma está morto.' Estas exclamações altas foram ouvidas lá, ó rei, causadas pelo temor inspirado por Vasudeva. Vestido em seda amarela, e ele mesmo escuro como o lápis lazúli, Janardana, quando ele perseguiu Bhishma, parecia belo como uma massa de nuvens carregadas com relâmpago. Como um leão em direção a um elefante, ou o líder de um rebanho bovino sobre outro de sua espécie, aquele touro da raça Madhu, com um rugido alto, avançou impetuosamente em direção a Bhishma. Vendo ele de olhos como pétalas de lótus (assim) avançando em direção a ele naquela batalha, Bhishma começou a estirar seu arco grande destemidamente. E com o coração sem medo ele se dirigiu a Govinda, dizendo, 'Venha, venha, ó tu de olhos como pétalas de lótus. Ó Deus dos deuses, eu te reverencio. Ó melhor dos Satwatas, derrube-me hoje nessa grande batalha. Ó deus, morto por ti em batalha, ó impecável, grande será o bem feito a mim, ó Krishna, em todos os aspectos no mundo. Entre todos, nos três mundos, grande é a honra feita a mim hoje em batalha, ó Govinda. Golpeie-me como tu quiseres, pois eu sou teu escravo, ó impecável.' Enquanto isso, Partha de braços fortes, seguindo rapidamente atrás de Kesava, agarrou-o por envolvê-lo com seus dois braços. Aquele melhor dos seres masculinos, Krishna, de olhos parecidos com pétalas de lótus, agarrado por Partha, ainda procedeu com grande velocidade, levando o último com ele. O poderoso Partha, aquele matador de heróis hostis, no entanto, agarrando-se violentamente às pernas dele, parou Hrishikesa com grande dificuldade no décimo passo. Então Arjuna, seu querido amigo, cheio de tristeza, dirigiu-se afetuosamente a Kesava, que estava então suspirando como uma cobra e cujos olhos estavam perturbados em fúria, dizendo, 'Ó tu de braços poderosos, pare, ó Kesava, não cabe a ti tornar falsas aquelas palavras que tu falaste antes, isto é, 'Eu não lutarei.' Ó Madhava, as pessoas dirão que tu és um mentiroso. Toda essa responsabilidade é minha. Eu matarei o avô. Eu juro, ó Kesava, por minhas armas, pela verdade, e meus bons atos, que, ó matador de inimigos, eu farei tudo pelo qual a destruição de meus inimigos possa ser realizada. Veja nesse mesmo dia aquele guerreiro em carro poderoso e invencível na ação de ser derrubado por mim, com a maior facilidade, como a lua crescente no fim do Yuga (quando se aproxima a destruição do universo).' Madhava, no entanto, ouvindo essas palavras de Phalguni de grande alma, não falou uma palavra, mas furioso subiu novamente no carro. E então sobre aqueles dois tigres entre os homens, quando posicionados em seu carro, Bhishma o filho de Santanu, mais uma vez derramou suas chuvas de flechas como as nuvens derramando chuva sobre o leito da montanha. Teu pai Devavrata tirava as vidas dos guerreiros (hostis) como o Sol sugando com seus raios as energias de todas as coisas durante o verão. Como os Pandavas tinham estado dividindo as tropas dos Kurus em batalha, assim teu pai dividia as tropas Pandava em batalha. E os soldados derrotados, desamparados e sem entusiasmo, massacrados às centenas e milhares por Bhishma, eram incapazes até de olhar para ele naquela batalha, ele que parecia o Sol do meio-dia brilhando em seu próprio esplendor. De dato, os

Pandavas afligidos pelo medo, timidamente fitavam Bhishma que estava então realizando façanhas sobre-humanas naquela batalha. E as tropas Pandava, fugindo dessa maneira, ó Bharata, fracassaram em achar um protetor, como um rebanho de vacas afundado em um baixio ou formigas enquanto sendo pisadas por uma pessoa forte. De fato, os Pandavas não podiam, ó Bharata, olhar para aquele poderoso guerreiro em carro incapaz de ser derrubado, que, equipado com uma profusão de flechas, estava oprimindo os reis (no exército Pandava), e que por causa daquelas flechas parecia com o Sol brilhante derramando seus raios ardentes. E enquanto ele estava assim castigando o exército Pandava, o criador de mil raios do dia dirigiu-se para as colinas do ocaso, e as tropas, exaustas com fadiga, colocaram seus corações na retirada (do campo)."

108

Sanjaya disse, "Enquanto eles estavam lutando, o Sol se pôs, ó Bharata, e chegou a hora temível do crepúsculo e a batalha não pode mais ser vista. Então o rei Yudhishthira, vendo que o crepúsculo tinha chegado e que suas próprias tropas, massacradas por Bhishma, tinham jogado de lado suas armas, e que tomadas pelo medo, e afastadas do campo, elas estavam procurando fugir e contemplando Bhishma também, aquele poderoso guerreiro em carro, excitado com cólera e afligindo todos em combate, e reparando que os poderosos guerreiros em carros dos Somakas, derrotados, tinham todos ficado desanimados, refletiu um pouco, e então ordenou que as tropas fossem retiradas. Então o rei Yudhishthira retirou suas tropas. E da mesma maneira, a retirada das tuas tropas também ocorreu ao mesmo tempo. Então aqueles poderosos guerreiros em carros, ó chefe dos Kurus, tendo retirado suas tropas, entraram em suas tendas, eles mesmos mutilados em batalha. Afligidos pelas flechas de Bhishma e refletindo sobre aqueles feitos do herói em batalha, os Pandavas não obtiveram paz mental. Bhishma também, tendo vencido os Pandavas e os Srinjayas em batalha, foi adorado por teus filhos e glorificado por eles, ó Bharata. Acompanhado pelos Kurus regozijantes, ele então entrou em sua tenda. Começou então a noite, que priva todas as criaturas de seus sentidos. Então naquela hora ameaçadora da noite, os Pandavas, os Vrishnis e os invencíveis Srinjayas sentaram-se para uma conferência. Todas aquelas pessoas poderosas, hábeis em chegar a conclusões em conselho, deliberaram calmamente acerca do que era benéfico para eles em vista de suas circunstâncias imediatas. Então o rei Yudhishthira, refletindo por um longo tempo, disse essas palavras, lançando seus olhos em Vasudeva, 'Veja, ó Krishna, Bhishma de grande alma de bravura feroz. Ele esmaga minhas tropas como um elefante esmagando uma floresta de juncos. Nós não ousamos nem olhar para aquele guerreiro de grande alma. Como um incêndio violento ele consome minhas tropas. O bravo Bhishma de armas afiadas, quando cheio de ira em batalha e com arco na mão disparando suas flechas, se torna tão feroz quanto o poderoso Naga Takshaka de veneno virulento. De fato, o enfurecido Yama é capaz de ser derrotado, ou mesmo o chefe dos celestiais armado com o trovão, ou o próprio Varuna, laço na mão, ou o Senhor dos Yakshas armado com maça. Mas

Bhishma, excitado com cólera, é incapaz de ser vencido em batalha. Quando esse é o caso, ó Krishna, eu estou, pela fraqueza de minha compreensão, mergulhado em um oceano de angústia tendo obtido Bhishma (como um inimigo) em batalha. Eu me retirarei para as florestas, ó invencível. Meu exílio lá será para meu benefício. Batalha, ó Krishna, eu não desejo mais. Bhishma sempre nos massacra. Como um inseto, por se precipitar em um fogo ardente encontra somente a morte, assim mesmo eu avanço em Bhishma. Em empregar destreza, ó tu da linhagem de Vrishni, por causa do meu reino, eu sou, ai, levado à destruição. Meus bravos irmãos tem sido todos muito afligidos por flechas. Por causa da afeição que eles tem por mim, seu irmão (mais velho) eles tiveram que ir para as florestas, privados de reino. Só por minha causa, ó matador de Madhu, Krishna foi mergulhada em tal infortúnio. Eu considero que a vida tem grande valor. De fato, mesmo a vida agora parece ser difícil de ser salva. (Se eu puder salvar essa vida), seu último resto eu passarei na prática de virtude excelente. Se, com meus irmãos, ó Kesava, eu sou digno do teu favor, diga-me, ó Krishna, o que é para meu benefício, sem infringir os deveres da minha classe.' Ouvindo essas palavras dele, e (descrevendo a situação) em detalhes, Krishna, por compaixão, disse essas palavras em resposta para confortar Yudhishthira, 'Ó filho de Dharma, ó tu que és firme em verdade, não te entregue à tristeza, tu que tens esses heróis invencíveis, esses matadores de inimigos, como teus irmãos. Arjuna e Bhimasena são dotados cada um da energia do Vento e do Fogo. Os filhos gêmeos de Madri também são cada um tão valente quanto o próprio chefe dos celestiais. Pela boa compreensão que existe entre nós, designe-me também para essa tarefa. Eu mesmo, ó filho de Pandu, lutarei com Bhishma. Ordenado por ti, ó grande rei, o que há que eu não possa fazer em grande batalha? Desafiando aquele touro entre homens, Bhishma, eu o matarei em batalha, na própria vista dos Dhartarashtras, se Phalguni não desejar matá-lo. Se, ó filho de Pandu, tu vês a vitória como certa por meio da morte do heróico Bhishma, eu mesmo, em um único carro, matarei aquele avô idoso dos Kurus. Observe ó rei, minha destreza, igual àquela do grande Indra em batalha. Eu derrubarei de seu carro aquele guerreiro que sempre dispara armas poderosas. Ele que é um inimigo dos filhos de Pandu, sem dúvida, é meu inimigo também. Aqueles que são seus, são meus, e da mesma maneira aqueles que são meus, são seus. Teu irmão (Arjuna) é meu amigo, parente, e discípulo. Eu estou disposto, ó rei, a cortar minha própria carne e dá-la por causa de Arjuna. E esse tigre entre homens também é capaz de sacrificar sua vida por mim. Ó majestade, esse mesmo é nosso acordo, isto é, que nós protegeremos um ao outro. Portanto, ordene-me, ó rei, de que maneira eu devo lutar. Antigamente, em Upaplavya, Partha, na presença de muitas pessoas, jurou, dizendo, 'Eu matarei o filho de Ganga.' Essas palavras do inteligente Partha devem ser cumpridas (na prática). De fato, se Partha me pedir sem dúvida eu cumprirei aquela promessa. Ou, que essa seja a tarefa do próprio Phalguni em batalha. Isso não é pesado para ele. Ele matará Bhishma, aquele subjugador de cidades hostis. Se provocado em batalha, Partha pode realizar façanhas que não podem ser realizadas por outros. Arjuna pode matar em batalha os próprios deuses se esforçando ativamente, junto com os Daityas e Danavas. O que dizer de Bhishma, portanto, ó rei? Dotado de grande energia, Bhishma, o filho de Santanu, é agora

de raciocínio pervertido, de inteligência decaída, e de pouco bom senso, sem dúvida, ele não sabe o que ele deve fazer.'"

"Ouvindo essas palavras de Krishna, Yudhishthira disse, 'É assim mesmo, ó tu de braços fortes, como tu dizes, ó tu da linhagem de Madhu. Todos esses juntos não são competentes para suportar tua força. Eu estou seguro de sempre ter o que quer que eu deseje, quando, ó tigre entre homens, eu tenho a ti ao meu lado. Ó mais notável das pessoas vitoriosas, eu conquistaria os próprios deuses com Indra em sua chefia, quando, ó Govinda, eu tenho a ti como meu protetor. O que dizer, portanto, de Bhishma, embora ele seja um poderoso guerreiro em carro? Mas, ó Krishna, eu não ouso, por minha própria glorificação, falsificar tuas palavras. Portanto, ó Madhava, como prometido antes por ti, preste-me ajuda sem lutar por mim. Nessa batalha um acordo foi feito por mim com Bhishma. Ele disse, 'Eu te darei conselho, mas eu nunca lutarei por ti, já que eu terei que lutar por Duryodhana. Saiba que isso é verdade.' Portanto, ó senhor, Bhishma pode me dar soberania por me dar bons conselhos, ó Madhava. Portanto, ó matador de Madhu, todos nós acompanhados por ti iremos mais uma vez até Devavrata, para questioná-lo sobre os meios de sua própria morte. Todos nós então, ó melhor das pessoas, indo juntos até Bhishma sem demora, pediremos rapidamente dele da linhagem de Kuru seu conselho. Ó Janardana, ele realmente nos dará conselhos benéficos; e, ó Krishna, eu farei em batalha o que ele disser. De votos austeros, ele nos dará conselhos, como também vitória. Nós éramos crianças e órfãos. Por ele nós fomos criados. Ó Madhava, ele, nosso avô idoso, eu desejo matar, ele, o pai do nosso pai. Oh, que vergonha para a profissão de um Kshatriya.'"

Sanjaya continuou, "Ouvindo essas palavras, ó rei, ele da linhagem de Vrishni disse para Yudhishthira, 'Ó tu de grande sabedoria, essas tuas palavras, ó rei, são do meu gosto. Bhishma, também chamado Devavrata, é hábil em armas. Somente com seus olhares ele pode consumir o inimigo. Dirija-te àquele filho de (Ganga) que ruma para o oceano, para questioná-lo acerca dos meios de sua morte. Perguntado por ti, em particular, ele certamente dirá a verdade. Nós iremos portanto, questionar o avô Kuru. Indo até o filho venerável de Santanu, ó Bharata, nós pediremos seu conselho e segundo o conselho que ele nos der nós lutaremos com o inimigo.' Tendo assim deliberado, ó irmão mais velho de Pandu, os filhos heróicos de Pandu, e o bravo Vasudeva, seguiram todos juntos para a residência de Bhishma, deixando de lado suas cotas de malha e armas e entrando então em sua tenda, eles todos o reverenciaram, inclinando suas cabeças. E os filhos de Pandu, ó rei, adorando aquele touro da raça Bharata, e se curvando a ele com suas cabeças, procuraram sua proteção. O avô Kuru, Bhishma de braços fortes, então se dirigiu a eles, dizendo, 'Tu és bem-vindo, ó tu da linhagem de Vrishni. Tu és bem-vindo, ó Dhananjaya. Bem vindo, ó rei Yudhishthira o justo, e tu, ó Bhima. Bem-vindos vocês também, ó gêmeos. O que eu devo fazer agora para aumentar sua alegria? Mesmo que seja de realização extremamente difícil, eu ainda o farei com toda minha alma.' Para o filho de Ganga que falava repetidamente dessa maneira a eles com tal afeição, o rei Yudhishthira, com o coração alegre, disse carinhosamente essas palavras, 'Ó tu que conheces tudo, como nós obteremos vitória, e como nós adquiriremos soberania? Como também essa destruição de

criaturas pode ser parada? Diga-me tudo isso, ó senhor. Diga-nos os meios de tua própria a morte. Como, ó herói, nós poderemos resistir a ti em batalha? Ó avô dos Kurus, tu não dás para teus inimigos nem uma falha minúscula para achar em ti. Tu és visto em batalha com teu arco sempre esticado a um círculo. Quando tu pegas tuas flechas, quando tu miras elas, e quando puxas o arco (para dispará-las), ninguém é capaz de notar. Ó matador de heróis hostis, constantemente atingindo (como tu atinges) carros e corcéis e homens e elefantes, nós te vemos no teu carro, ó poderosamente armado, parecido um segundo Sol. Que homem há, ó touro da raça Bharata, que possa se arriscar a reprimir a ti, espalhando chuvas de setas em batalha, e causando uma grande destruição? Diga-me, ó avô, os meios pelos quais nós podemos te subjugar em batalha, pelos quais a soberania pode ser nossa, e por fim, pelos quais meu exército não tenha que sofrer tal destruição.' Ouvindo essas palavras, o filho de Santanu, ó irmão mais velho de Pandu, disse para o filho de Pandu, 'Enquanto eu estiver vivo, ó filho de Kunti, a vitória não poderá ser sua em batalha, ó tu de grande sabedoria. Realmente eu te digo isso. Depois, no entanto, que eu for vencido em combate, vocês poderão ter vitória em batalha, ó filhos de Pandu. Se, portanto, vocês desejam vitória na batalha, me derrotem sem demora. Eu lhes dou permissão, ó filhos de Pritha, me ataquem como vocês quiserem. Eu sou dessa maneira reconhecido por vocês na qual eu considero como uma circunstância afortunada. (Isto é, que vocês me reconheçam como invencível é uma circunstância afortunada, pois se vocês não tivessem reconhecido isso, vocês teriam continuado lutando por dias seguidos e dessa maneira causado uma tremenda destruição de criaturas. Por vocês vierem a reconhecer, aquela destruição pode ser parada.) Depois que eu estiver morto, todo o restante será morto. Portanto, façam como eu ordeno.'"

"Yudhishthira disse, 'Conte-nos os meios pelos quais nós podemos te vencer em batalha, tu que és, quando excitado com cólera na batalha, semelhante ao próprio Destruidor armado com maça. O manejador do raio pode ser vencido, ou Varuna, ou Yama. Tu, no entanto, não podes ser derrotado em batalha nem pelos deuses e Asuras juntos, com Indra em sua chefia.'"

"Bhishma disse, 'Isso que tu disseste é verdade, ó filho de Pandu, ó tu de braços fortes. Quando com armas e meu arco grande na mão eu luto cuidadosamente em batalha, eu não posso ser derrotado pelos próprios deuses e os Asuras com Indra em sua chefia. Se, no entanto, eu por de lado minhas armas, até esses guerreiros em carros podem me matar. Alguém que jogou longe suas armas, alguém que caiu, alguém cuja armadura se soltou, alguém cujo estandarte está para baixo, alguém que está fugindo, alguém que está assustado, alguém que diz 'Eu sou teu', alguém que é uma mulher, alguém que tem o nome de uma mulher, alguém não mais capaz de cuidar de si mesmo, alguém que tem somente um único filho, ou alguém que é um sujeito vulgar, com esses eu não gosto de lutar. Ouça também, ó rei, sobre minha decisão tomada anteriormente. Observando qualquer presságio inauspicioso eu nunca lutaria. Aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Drupada, ó rei, a quem tu tens no teu exército, que é conhecido pelo nome de Sikhandin, que é colérico em batalha, corajoso, e sempre

vitorioso, era uma mulher antes mas posteriormente obteve masculinidade. Como tudo isso aconteceu, vocês todos sabem realmente. Bravo em batalha e vestido em armadura, que Arjuna, mantendo Sikhandin à frente dele, me ataque com suas flechas afiadas. Quando aquele presságio inauspicioso estiver lá, especialmente na forma de alguém que era uma mulher antes, eu nunca procurarei, embora armado com arco e flechas, atacá-lo. Obtendo aquela oportunidade, que Dhananjaya o filho de Pandu rapidamente me perfure por todos os lados com suas flechas, ó touro da raça Bharata. Exceto o muito abençoado Krishna, e Dhananjaya o filho de Pandu, eu não vejo a pessoa nos três mundos que seja capaz de me matar enquanto eu me esforçar em batalha. Que Vibhatsu, portanto, armado com armas, lutando cuidadosamente em batalha, com seu arco excelente na mão, colocando (Sikhandin ou) outra coisa à frente, me derrube (de meu carro). Então a vitória será certa. Faça, ó grande rei, isso mesmo que eu te disse, ó tu de votos excelentes. Tu então serás capaz de matar todos os Dhartarashtras reunidos em batalha.'"

Sanjaya continuou, "Os Parthas então, tendo averiguado tudo isso voltaram para suas tendas, saudando o avô Kuru, Bhishma de grande alma. Depois que o filho de Ganga, preparado para ir para o outro mundo, tinha dito isso, Arjuna, queimando de aflição e com seu rosto cheio de vergonha, disse essas palavras, 'Como, ó Madhava, eu lutarei em batalha com o avô que é meu superior em idade, que é possuidor de sabedoria e inteligência, e que é o membro mais velho da nossa família? Enquanto brincando nos tempos de infância, ó Vasudeva, eu costumava cobrir o corpo daquele homem ilustre e de grande alma com poeira por subir em seu colo com meu próprio corpo sujo. Ó irmão mais velho de Gada, ele é o pai do meu pai Pandu. Enquanto uma criança, subindo no colo dele de grande alma eu uma vez o chamei de pai, 'Eu sou não teu pai mas pai do teu pai, ó Bharata!' Isso mesmo foi o que ele me disse (em resposta) na minha infância. Ele, que falou dessa maneira, oh, como ele pode ser morto por mim? Ó, que meu exército pereça. Seja vitória ou morte que eu obtenha eu nunca lutarei com aquela pessoa de grande alma. (Isso mesmo é o que penso). O que tu pensas, ó Krishna?'"

"Vasudeva disse, 'Tendo prometido a morte de Bhishma antes, ó Jishnu, como tu podes te abster de matá-lo, em conformidade com os deveres de um Kshatriya? Derrube de seu carro, ó Partha, aquele Kshatriya que é invencível em batalha. A vitória nunca poderá ser de vocês sem matar o filho de Ganga. Exatamente dessa maneira ele irá para a residência de Yama. Isso foi decidido anteriormente pelos deuses. Aquilo que foi destinado antes, ó Partha, deve acontecer. Não pode ser de outra maneira. Ninguém exceto tu, ó invencível, nem mesmo o manejador do raio, seria capaz de lutar com Bhishma, que é como o Destruidor com boca escancarada. Mate Bhishma, sem qualquer ansiedade. Escute também essas minhas palavras que são as que Vrihaspati de grande inteligência disse para Sakra antigamente. Uma pessoa deve matar até uma pessoa idosa dotada de todos os méritos e digna de reverência se ela se aproximar como um inimigo, ou, de fato, qualquer outro que se aproxime para destruir uma pessoa. Ó Dhananjaya,

esse é o dever eterno sancionado para o Kshatriya, isto é, que ele deve lutar, proteger os súditos, e realizar sacrifícios, tudo sem malícia.'"

"Arjuna disse, 'Sikhandin, ó Krishna, certamente será a causa da morte de Bhishma, pois Bhishma, logo que ele vê o príncipe dos Panchalas, se abstém de atacar. Portanto, mantendo Sikhandin diante dele e em nossa dianteira, nós iremos, por estes meios, derrotar o filho de Ganga. Isso mesmo é o que eu penso. Eu deterei outros grandes arqueiros com minhas flechas. Em relação a Sikhandin, ele lutará somente com Bhishma, aquele principal de todos os guerreiros. Eu ouvi daquele chefe dos Kurus que ele não atacaria Sikhandin, pois tendo nascido antes como uma mulher ele posteriormente se tornou uma pessoa masculina.'"

Sanjaya continuou, "Decidindo isso com a permissão de Bhishma, os Pandavas, junto com Madhava, foram embora com corações regozijantes. E então aqueles touros entre homens se retiraram para suas respectivas camas."

109

Dhritarashtra disse, "Como Sikhandin avançou contra o filho de Ganga em batalha, e como Bhishma também avançou contra os Pandavas? Conte-me tudo isso, ó Sanjaya!"

Sanjaya disse, "Então todos aqueles Pandavas, perto da hora do nascer do Sol, com batida de baterias e pratos e baterias menores, e com o clangor de conchas de brancura leitosa, por toda parte, saíram para a batalha, colocando Sikhandin em sua vanguarda. E eles marcharam, ó rei, tendo formado uma ordem de batalha que era destrutiva de todos os inimigos. E Sikhandin, ó monarca, estava posicionado na dianteira de todas as tropas. E Bhimasena e Dhananjaya se tornaram os protetores das rodas do carro dele. E em sua retaguarda estavam os filhos de Draupadi e o corajoso Abhimanyu. E aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, Satyaki e Chekitana, se tornaram os protetores dos últimos. E atrás deles estava Dhrishtadyumna protegido pelos Panchalas. Próximo a Dhrishtadyumna, atrás, marchava o nobre senhor Yudhishthira, acompanhado pelos gêmeos, enchendo o ar com gritos leoninos, ó touro da raça Bharata. Em seguida atrás dele estava Virata, cercado por suas próprias tropas. Ao lado dele marchava Drupada, ó de braços fortes. E os cinco irmãos Kaikeya e o valente Dhrishtaketu, ó Bharata, protegiam a retaguarda do exército Pandava. Dispondo seu vasto exército em tal formação de combate, os Pandavas avançaram contra tua hoste, preparados para sacrificar suas vidas. E da mesma maneira os Kauravas, ó rei, colocando aquele poderoso guerreiro em carro Bhishma na vanguarda de sua hoste inteira, procederam contra os Pandavas. E aquele guerreiro invencível era protegido por teus filhos poderosos. Em seguida atrás deles estava o grande arqueiro Drona, como também seu filho poderoso (Aswatthaman). Em seguida atrás estava Bhagadatta cercado por sua divisão de elefantes. E atrás de Bhagadatta estavam Kripa e Kritavarman. Atrás deles estavam Sudakshina o soberano poderoso dos Kamvojas, e Jayatsena, o rei dos

Magadhas, e o filho de Suvala e Vrihadvala. E similarmente, muitos outros reis, que eram todos arqueiros formidáveis, protegiam a retaguarda da tua hoste, ó Bharata. Conforme cada dia chegava, Bhishma o filho de Santanu formava ordens de combate em batalha, às vezes conforme a maneira dos Asuras, às vezes conforme aquela dos Pisachas, e às vezes conforme aquela dos Rakshasas. Então começou a batalha entre tuas tropas, ó Bharata, e as deles, ambos os partidos atacando um ao outro e aumentando a população do reino de Yama. E os Parthas com Arjuna em sua chefia, colocando Sikhandin na vanguarda, procederam contra Bhishma naquela batalha, espalhando diversas espécies de setas. E então, ó Bharata, afligidos por Bhima com suas flechas, (muitos dos) teus guerreiros, profusamente banhados em sangue, se dirigiram para o outro mundo. E Nakula e Sahadeva, e o poderoso guerreiro em carro Satyaki, se aproximando do teu exército, começaram a afligi-lo com grande vigor. Assim massacrados em batalha, ó touro da raça Bharata, teus guerreiros foram incapazes de resistir àquela hoste vasta dos Pandavas. Então tua hoste, vigorosamente afligida por grandes guerreiros em carros e assim massacrada por eles em todos os lugares, fugiu para todos os lados. Massacrados com flechas afiadas pelos Pandavas e os Srinjayas eles não encontraram um protetor, ó touro da raça Bharata."

Dhritarashtra disse, "Diga-me, ó Sanjaya, o que o bravo Bhishma, excitado com raiva, fez em batalha, ao ver minha hoste afligida pelos Parthas. Ó impecável, conte-me como aquele herói, aquele castigador de inimigos, avançou contra os Pandavas em batalha, e massacrou os Somakas."

Sanjaya disse, "Eu te direi, ó rei, o que teu pai fez quando a hoste de teus filhos era afligida pelos Pandavas e os Srinjayas. Com corações alegres, os bravos filhos de Pandu, ó irmão mais velho de Pandu, enfrentaram a hoste do teu filho, massacrando (todos os que eles encontravam). Aquela carnificina, ó chefe de homens, de seres humanos, elefantes e corcéis, aquela destruição pelo inimigo de teu exército em batalha, Bhishma não pode tolerar. Aquele arqueiro invencível e formidável, então, indiferente à sua própria vida despejou sobre os Pandavas, os Panchalas, e os Srinjayas, chuvas de flechas compridas e (em forma de) dente de bezerro e flechas em forma de meia-lua. E com armas, ó monarca, ele deteve com suas flechas e com chuvas de outras armas, ofensivas e defensivas, todas disparadas com energia e ira, os cinco principais dos poderosos guerreiros em carros dos Pandavas, que tinham estado lutando vigorosamente em batalha. Estimulado pela fúria, ele massacrou naquela batalha inúmeros elefantes e corcéis. E aquele touro entre os homens, ó monarca, derrubando muitos guerreiros em carros de seus carros, e cavaleiros de seus cavalos, e multidões de soldados de infantaria, e guerreiros em elefantes das costas dos animais que eles montavam, infligiu terror no inimigo. E os guerreiros Pandava todos avançaram juntos sobre Bhishma sozinho, sobre aquele poderoso guerreiro em carro lutando em batalha com grande energia, como os Asuras avançando juntos sobre ele com o raio na mão. Disparando para todos os lados suas setas afiadas cujo toque parecia aquele do raio de Indra, ele parecia para o inimigo ter convocado um aspecto terrível. Enquanto lutando naquela batalha, seu arco grande, parecendo aquele do próprio Sakra, parecia estar sempre esticado a um círculo.

Contemplando aqueles feitos em batalha, teus filhos, ó monarca, cheios de grande admiração, adoraram o avô. Os Parthas lançaram seus olhos, com corações tristes, no teu pai heróico lutando em batalha, como os celestiais no (Asura) Viprachitti (nos tempos antigos). Eles não podiam resistir àquele guerreiro que então parecia o próprio Destruidor com boca escancarada. Naquela batalha no décimo dia, Bhishma, com suas flechas afiadas, consumiu a divisão de Sikhandin como um incêndio consumindo uma floresta. Ele parecendo uma cobra zangada de veneno virulento, ou o Destruidor incitado pela própria Morte, Sikhandin perfurou com três flechas no centro do peito. Profundamente perfurado por elas, Bhishma viu que era Sikhandin (que o estava atingindo). Excitado com cólera, mas não desejoso (de lutar com Sikhandin) Bhishma disse rindo, 'Tu escolhas me atacar ou não, eu nunca lutarei contigo. Tu ainda és aquele Sikhandin que o Criador te fez primeiro; (isto é, tu ainda és uma mulher embora o sexo tenha sido mudado.)' Ouvindo essas palavras dele, Sikhandin, privado de sua razão pela fúria, e lambendo os cantos de sua boca dirigiu-se a Bhishma naquela batalha, dizendo, 'Eu te conheço, ó poderosamente armado, como o exterminador da linhagem Kshatriya. Eu tenho ouvido também da tua batalha com o filho de Jamadagni. Eu também ouvi muito sobre tua destreza sobre-humana. Conhecendo tua destreza eu ainda luto contigo hoje. Para fazer o que é agradável para os Pandavas e o que é agradável para mim mesmo, ó castigador de inimigos, eu hoje lutarei contigo em batalha, ó melhor dos homens. Eu, com certeza, te matarei. Eu juro isso diante de ti pela minha fé! Ouvindo essas minhas palavras, faça aquilo que tu deves. Tu escolhas me atacar ou não, tu não escaparás de mim com vida. Ó tu que és sempre vitorioso, ó Bhishma, veja teu fim nesse mundo."

Sanjaya continuou, "Dizendo isso, Sikhandin naquela batalha perfurou Bhishma com cinco flechas retas, já o tendo perfurado com suas flechas verbais. Ouvindo aquelas palavras dele, o poderoso guerreiro em carro Arjuna, considerando Sikhandin como o destruidor de Bhishma, instigou-o adiante, dizendo, 'Eu lutarei atrás de ti, desbaratando o inimigo com minhas flechas. Cheio de fúria, avance contra Bhishma de destreza terrível. O poderoso Bhishma não será capaz de te afligir em batalha. Portanto, ó de braços fortes, enfrente Bhishma com vigor. Se, ó senhor, tu retornares hoje sem matar Bhishma, tu serás, comigo mesmo, um objeto de escárnio para o mundo. Procure fazer em batalha aquilo pelo qual, ó herói, nós não possamos incorrer em escárnio nessa grande batalha. Mate o avô. Ó tu de grande força, eu te protegerei nessa batalha, detendo todos os guerreiros em carros (do exército Kuru). Mate o avô. Drona, e o filho de Drona, e Kripa, e Suyodhana, e Chitrasena, e Vikarna, e Jayadratha o soberano dos Sindhus, Vinda e Anuvinda de Avanti, e Sudakshina o soberano dos Kamvojas, e o bravo Bhagadatta, e o rei poderoso dos Magadhas, e o filho de Somadatta, e os Rakshasas valentes que são o filho de Rishyasringa e o soberano dos Trigartas, com todos os outros grandes guerreiros em carros (do exército Kuru), eu deterei sozinho como o continente resistindo às ondas do mar. De fato, eu manterei sob controle todos os poderosos guerreiros do exército Kuru reunidos e lutando conosco. Mate o avô.'"

110

Dhritarashtra disse, "Como Sikhandin, o príncipe dos Panchalas, excitado com raiva, avançou em batalha contra o avô, o filho de Ganga de alma justa e votos regulados? Quais poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, com armas erguidas, desejosos de vitória, e se esforçando com energia, protegeram Sikhandin naquela ocasião que requeria grande força? Como também Bhishma o filho de Santanu, dotado de grande energia, lutou naquele décimo dia de batalha com os Pandavas e os Srinjayas? Eu não posso suportar a idéia de Sikhandin enfrentando Bhishma em batalha. (De fato, quando Sikhandin atacou Bhishma), o carro de Bhishma ou seu arco estava quebrado?"

Sanjaya disse, "Enquanto lutando naquela batalha, ó touro da raça Bharata, nem o arco nem o carro de Bhishma tinham sofrido qualquer dano. Ele estava então matando o inimigo com flechas retas. Muitos milhares de poderosos guerreiros em carros pertencentes ao teu exército, como também elefantes, ó rei, e corcéis bem arreados, procederam para a batalha, com o avô na vanguarda. Em conformidade com seu voto, ó tu da linhagem de Kuru, Bhishma sempre vitorioso estava incessantemente empenhado em massacrar as tropas dos Parthas. Os Panchalas e os Pandavas eram incapazes de resistir àquele arqueiro formidável lutando (com eles) e matando seus inimigos com suas flechas. Quando o décimo dia chegou, o exército hostil foi dividido em partes por Bhishma com suas flechas às centenas e milhares. Ó irmão mais velho de Pandu, os filhos de Pandu eram incapazes de derrotar em batalha o grande arqueiro Bhishma que parecia o próprio Destruidor armado com a lança."

"Então, ó rei, o invicto Vibhatsu ou Dhananjaya, que era capaz de esticar o arco até com sua mão esquerda, chegou àquele local, apavorando todos os guerreiros em carros. Rugindo ruidosamente como um leão, e esticando repetidamente a corda do arco, e espalhando chuvas de flechas, Partha se movia rapidamente no campo de batalha como a própria Morte. Amedrontados por aqueles rugidos dele, teus guerreiros, ó touro da raça Bharata, fugiram aterrorizados, como animais menores, ó rei, ao som do leão. Vendo o filho de Pandu coroado com vitória e afligindo dessa maneira aquela hoste, Duryodhana, ele mesmo sob a influência do terror dirigiu-se a Bhishma e disse, 'Lá o filho de Pandu, ó senhor, com corcéis brancos (unidos a seu carro), e com Krishna como seu quadrigário, consome todas as minhas tropas como uma conflagração consumindo uma floresta. Veja, ó filho de Ganga, todas as tropas, massacradas pelo filho de Pandu em batalha, estão, ó principal dos guerreiros, fugindo. De fato, como o vaqueiro castiga seu gado na floresta, assim mesmo, ó opressor de inimigos, meu exército está sendo castigado. Dividida e afugentada para todos os lados por Dhananjaya com suas flechas, o invencível Bhima também está desbaratando aquela minha hoste (já dividida). E Satyaki, e Chekitana, e os filhos gêmeos de Madri, e o valente Abhimanyu, esses também estão derrotando minhas tropas. O bravo Dhrishtadyumna, e o Rakshasa Ghatotkacha também, estão vigorosamente dividindo e afugentando meu exército nesse combate violento. Dessas tropas que estão sendo massacradas por todos aqueles poderosos guerreiros em carros, eu

não vejo qualquer outro refúgio na questão de sua resistência e luta no campo, ó Bharata, exceto tu, ó tigre entre homens, que és possuidor de destreza igual àquela dos celestiais. Portanto, receba aqueles grandes guerreiros em carros sem demora, e seja o refúgio dessas tropas afligidas.' Assim endereçado por ele, ó rei, teu pai Devavrata, o filho de Santanu, refletindo por um momento e decidindo o que ele devia fazer, disse essas palavras para teu filho, confortando-o (com elas), 'Ó Duryodhana, ouça calmamente o que eu digo, ó rei, ó tu de grande poder, antigamente eu prometi diante de ti que matando todo dia dez mil Kshatriyas de grande alma, eu voltaria da batalha. Eu tenho cumprido aquele voto, ó touro da raça Bharata! Ó tu de grande poder, hoje eu realizarei um grande feito. Hoje ou eu mesmo descansarei estando morto, ou, eu matarei os Pandavas. Ó tigre entre homens, eu hoje me livrarei da dívida que tenho contigo, a dívida, ó rei, originada do sustento que tu me deste, por sacrificar minha vida na chefia do teu exército.' Tendo dito essas palavras, ó chefe dos Bharatas, aquele guerreiro invencível, espalhando suas flechas entre os Kshatriyas, atacou a hoste Pandava. E os Pandavas então, ó touro da raça Bharata, começaram a resistir ao filho de Ganga permanecendo no meio de seu exército e excitado com cólera como uma cobra de veneno virulento. De fato, ó rei, naquele décimo dia da batalha, Bhishma, mostrando seu poder, matou, ó filho da linhagem de Kuru, centenas de milhares. E ele drenou as energias daqueles guerreiros em carros nobres e poderosos que eram os principais entre os Panchalas, como o Sol sugando a umidade (da terra) com seus raios. Tendo matado dez mil elefantes de grande energia e dez mil corcéis também, ó rei, junto com seus condutores, e duzentos mil dos soldados de infantaria no total, aquele melhor dos homens, Bhishma, brilhava resplandecente em batalha como um fogo sem um anel de fumaça. E ninguém entre os Pandavas era capaz de olhar para ele que então parecia o Sol brilhante permanecendo no solstício do norte. Os Pandavas, no entanto, embora afligidos em batalha por aquele grande arqueiro, ainda avançaram, acompanhados pelos poderosos guerreiros em carros dos Srinjayas, para massacrá-lo. Lutando com miríades sobre miríades em volta dele, o filho de Santanu Bhishma então parecia com o rochedo de Meru coberto por todos os lados com massas de nuvens. Teus filhos, no entanto, resistiram, cercando Bhishma por todos os lados com uma grande tropa (para protegê-lo). Então começou uma batalha violenta (entre os Kurus e os Pandavas)."

111

Sanjaya disse, "Arjuna então, ó rei, observando a destreza de Bhishma em batalha, dirigiu-se a Sikhandin dizendo, 'Vá em direção ao avô. Tu não deves nutrir o menor medo de Bhishma hoje. Eu mesmo o derrubarei de seu carro excelente por meio de minhas flechas afiadas.' Assim endereçado por Partha, Sikhandin, ó touro da raça Bharata, tendo ouvido aquelas palavras, avançou no filho de Ganga. E assim Dhrishtadyumna também, ó rei, e o poderoso guerreiro em carro Abhimanyu, ouvindo aquelas palavras de Partha, avançaram alegremente em Bhishma. E os idosos Virata e Drupada, e Kuntibhoja também, vestidos em armadura, avançaram em Bhishma na própria vista do teu filho. E

Nakula, Sahadeva, e o rei valente Yudhishthira também, e todo o restante dos guerreiros, ó monarca, avançaram contra Bhishma. Em relação aos teus guerreiros, ó rei, que avançaram, segundo a medida de seu poder e coragem, contra aqueles poderosos guerreiros em carros reunidos (do exército Pandava), ouça-me enquanto eu falo (deles) para ti. Como um tigre jovem atacando um touro, Chitrasena, ó rei, avançou contra Chekitana que naquela batalha estava procedendo para alcançar Bhishma. Kritavarman, ó rei, resistiu a Dhrishtadyumna que tinha alcançado a presença de Bhishma e que estava se esforçando com grande vivacidade e energia naquela batalha. O filho de Somadatta, ó monarca, com grande diligência, resistiu a Bhimasena excitado com fúria e desejoso de matar Bhishma. Similarmente Vikarna, desejoso de (proteger) a vida de Bhishma, resistiu ao bravo Nakula que estava espalhando inúmeras flechas em volta. E assim, ó rei, Kripa o filho de Saradwat, excitado com raiva, resistiu a Sahadeva procedendo em direção ao carro de Bhishma. E o poderoso Durmukha avançou naquele Rakshasa de atos cruéis, isto é, o filho poderoso de Bhimasena, desejoso da morte de Bhishma. Teu filho Duryodhana ele mesmo resistiu a Satyaki procedendo para a batalha. Sudakshina o soberano dos Kamavojas, ó rei, resistiu a Abhimanyu, ó monarca, que estava indo em direção ao carro de Bhishma. E Aswatthaman, ó rei, excitado com raiva, resistiu aos idosos Virata e Drupada, aqueles dois castigadores de inimigos juntos. E o filho de Bharadwaja, se esforçando com vigor em batalha, resistiu ao Pandava mais velho, o rei Yudhishthira o justo, que estava desejoso da morte de Bhishma. E aquele arqueiro formidável, Dussasana, naquela batalha, resistiu a Arjuna que estava avançando com grande velocidade, com Sikhandin diante dele, desejoso de se aproximar de Bhishma, ó monarca, e iluminando os dez quadrantes (com suas armas brilhantes). E outros guerreiros do teu exército resistiram naquela grande batalha a outros poderosos guerreiros em carros dos Pandavas procedendo contra Bhishma. Dhrishtadyumna, aquele poderoso guerreiro em carro, excitado com raiva, avançou contra Bhishma somente e dirigindo-se às tropas, repetidamente disse em uma voz alta, 'Lá, Arjuna, aquele alegrador da linhagem de Kuru, está procedendo contra Bhishma em batalha. Avancem contra o filho de Ganga. Não tenham medo. Bhishma não será capaz de atacar vocês em batalha. O próprio Vasava não pode se arriscar a lutar com Arjuna em batalha. O que dizer, portanto, de Bhishma que, embora possuidor de bravura em batalha, é fraco e velho?' Ouvindo essas palavras de seu comandante, os poderosos guerreiros em carros do exército Pandava, cheios de alegria, avançaram em direção ao carro do filho de Ganga. Muitos principais dos homens, no entanto, do teu exército, receberam e resistiram alegremente àqueles heróis que iam em direção a Bhishma como uma massa impetuosa de energia viva. Aquele poderoso guerreiro em carro, Dussasana, abandonando todos os temores, avançou contra Dhananjaya, desejoso de proteger a vida de Bhishma. E assim os heróicos Pandavas também, ó rei, avançaram em batalha contra teus filhos, aqueles poderosos guerreiros em carros, posicionados em volta do carro de Bhishma. E então, ó rei, nós vimos um incidente muito extraordinário, isto é, que Partha, tendo procedido até o carro de Dussasana, não pode avançar mais adiante. Como o continente resiste ao mar revolto, assim mesmo teu filho (Dussasana) resistiu ao filho enfurecido de Pandu. Os dois eram os mais notáveis dos guerreiros em carros. Ambos, ó Bharata, eram

invencíveis. Ambos, em beleza e esplendor, ó Bharata, pareciam o Sol ou a Lua. Ambos estavam cheios de fúria. E cada um deles desejava matar o outro. E eles enfrentaram um ao outro em batalha terrível como Maya e Sakra nos tempos passados. E Dussasana, ó rei, naquela batalha perfurou o filho de Pandu com três flechas e Vasudeva com vinte. Então Arjuna, furioso ao ver ele da linhagem de Vrishni assim afligido, perfurou Dussasana com cem flechas. Essas, atravessando a armadura do último, beberam seu sangue naquela batalha. Então Dussasana, cheio de ira, perfurou Partha com cinco flechas. E mais uma vez, ó chefe dos Bharatas, ele perfurou Arjuna na testa com três flechas afiadas. E com aquelas flechas fincadas em sua testa, o filho de Pandu parecia belo naquela batalha, como Meru, ó rei, com seus topos altos. Aquele grande arqueiro, Partha, então profundamente perfurado dessa maneira por teu filho manejando o arco, parecia resplandecente naquela batalha como uma Kinsuka florescente. O filho de Pandu então, excitado com raiva, afligiu Dussasana como Rahu inflamado com fúria no décimo quinto dia da quinzena iluminada afligindo a Lua cheia. Assim afligido por aquele guerreiro poderoso, teu filho, ó rei, perfurou Partha naquela batalha com muitas flechas afiadas em pedra e aladas com as penas da ave Kanka. Então Partha, cortando o arco de Dussasana e rachando seu carro com três flechas, disparou nele muitas flechas ardentes parecendo os dardos da Morte. Teu filho, no entanto, cortou todas aquelas flechas de Partha se esforçando com vigor antes que elas pudessem alcançá-lo. Tudo isso parecia muito admirável. Então teu filho perfurou Partha com muitas flechas de corte excelente. Então Partha, excitado com raiva naquela batalha, colocou na corda de seu arco diversas flechas afiadas em pedra e providas de asas de ouro e mirando-as, disparou-as todas em seu inimigo. Essas, ó rei, penetraram no corpo daquele guerreiro de grande alma, como cisnes, ó monarca, mergulhando em um lago. Assim afligido pelo filho de grande alma de Pandu, teu filho evitando Partha procedeu rapidamente para o carro de Bhishma. De fato, Bhishma então se tornou uma ilha para ele que estava assim afundando em águas insondáveis. Recuperando a consciência então, teu filho, ó monarca, dotado de heroísmo e destreza, mais uma vez começou a resistir a Partha com setas afiadas como Purandara resistindo (ao Asura) Vritra. De forma enorme, teu filho começou a perfurar Arjuna, mas o último mal estava perturbado (em tudo isso)."

112

Sanjaya disse, "O arqueiro poderoso (Alamvusha) o filho de Rishyasringa, naquela batalha, resistiu a Satyaki vestido em armadura e procedendo em direção a Bhishma. Ele da linhagem de Madhu, no entanto, ó rei, cheio de cólera, perfurou o Rakshasa com nove setas, sorrindo naquele momento, ó Bharata. E assim o Rakshasa também, ó rei, estimulado pela raiva, afligiu ele da linhagem de Madhu, isto é, aquele touro da raça de Sini, com nove setas. Então o neto de Sini, aquele matador de heróis hostis, da linhagem de Madhu, excitado com raiva, disparou naquela batalha uma profusão de setas no Rakshasa. Então aquele Rakshasa de braços fortes perfurou Satyaki, de bravura incapaz de ser frustrada, com muitas

setas afiadas, e proferiu um grito alto. Então ele da linhagem de Madhu, dotado de grande energia, embora profundamente perfurado pelo Rakshasa naquela batalha, contudo, confiando em sua destreza, riu (de seus ferimentos) e proferiu rugidos altos. Então Bhagadatta, excitado com raiva, afligiu ele da linhagem de Madhu naquela batalha com muitas flechas afiadas como um condutor perfurando um elefante enorme com o gancho. Então aquele principal dos guerreiros em carros, o neto de Sini, abandonando o Rakshasa em batalha, disparou muitas flechas retas no soberano dos Pragjyotishas. O soberano dos Pragjyotishas então, com uma seta de cabeça larga muito afiada, mostrando grande agilidade de mão, cortou o arco grande de Satyaki. Então aquele matador de heróis hostis, enfurecido e pegando outro arco de ímpeto maior, perfurou Bhagadatta naquela batalha com muitas setas afiadas. Aquele arqueiro poderoso, Bhagadatta, então profundamente perfurado, começou a lamber os cantos de sua boca. E ele então arremessou em seu inimigo, naquela batalha aterradora, um dardo resistente, feito totalmente de ferro, enfeitado com ouro e pedras de lápis lazúli, e ameaçador como a vara do próprio Yama. Arremessado com a força do braço de Bhagadatta e correndo em direção a ele impetuosamente, Satyaki, ó rei, cortou aquele dardo em dois por meio de suas flechas. Nisso aquele dardo caiu de repente, como um grande meteoro desprovido de seu esplendor. Vendo o dardo frustrado, teu filho (Duryodhana), ó monarca, cercou ele da linhagem de Madhu com um grande número de carros. E vendo aquele poderoso guerreiro em carro entre os Vrishnis cercado dessa maneira, Duryodhana, dirigindo-se irritado a todos os seus irmãos, disse, 'Tomem tais medidas, ó Kauravas, para que Satyaki não possa, nessa batalha, escapar de vocês e desta grande divisão de carros, com vida. Se ele estiver morto, a vasta hoste dos Pandavas poderá ser considerada morta também.' Aceitando as palavras de Duryodhana com a resposta 'Assim seja', aqueles poderosos guerreiros em carros lutaram com o neto de Sini na visão de Bhishma. O poderoso soberano dos Kamvojas, naquela batalha, resistiu a Abhimanyu que estava procedendo contra Bhishma. O filho de Arjuna, tendo perfurado o rei com muitas flechas retas, mais uma vez perfurou aquele monarca, ó monarca, com sessenta e quatro flechas. Sudakshina, no entanto, desejoso da vida de Bhishma, perfurou Abhimanyu naquela batalha com cinco setas e seu quadrigário com nove. E a batalha que ocorreu lá, por causa do encontro daqueles dois guerreiros, foi violenta ao extremo. Aquele opressor de inimigos Sikhandin, então avançou no (filho) de Ganga. Os idosos Virata e Drupada, aqueles poderosos guerreiros em carros, ambos excitados com raiva, avançaram para lutar com Bhishma, resistindo à grande hoste dos Kauravas conforme eles prosseguiam. Aquele melhor dos guerreiros em carros, Aswatthaman, enraivecido, enfrentou ambos aqueles guerreiros. Então começou uma batalha, ó Bharata, entre ele e eles. Virata então, ó castigador de inimigos, atingiu, com flechas de cabeça larga, aquele arqueiro poderoso e ornamento de batalha, o filho de Drona, quando o último avançou contra eles. E Drupada também o perfurou com três flechas afiadas. Então o filho do preceptor, Aswatthaman, se aproximando daqueles guerreiros poderosos que o atacavam dessa maneira, isto é, os bravos Virata e Drupada ambos procedendo em direção a Bhishma, perfurou ambos com muitas flechas. Foi extraordinária a conduta que nós então vimos daqueles dois velhos guerreiros, visto que eles detiveram todas aquelas flechas ardentes

disparadas pelo filho de Drona. Como um elefante enfurecido na floresta avançando contra um companheiro enfurecido, Kripa, o filho de Saradwat, procedeu contra Sahadeva que estava avançando sobre Bhishma. E Kripa, bravo em batalha, rapidamente atingiu aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Madri, com setenta flechas enfeitadas com ouro. O filho de Madri, no entanto, cortou o arco de Kripa em dois por meio de suas flechas. E cortando seu arco, Sahadeva então perfurou Kripa com nove setas. Pegando então, naquela batalha, outro arco capaz de resistir a uma grande tensão Kripa, excitado com raiva e desejoso da vida de Bhishma, alegremente atingiu o filho de Madri naquela batalha com dez flechas. E assim o filho de Pandu, em retorno, desejoso da morte de Bhishma, excitado com raiva, atingiu o colérico Kripa no peito (com muitas flechas). E então ocorreu lá um combate terrível e violento. Aquele opressor de inimigos, Vikarna, desejoso de salvar o avô Bhishma, excitado com raiva naquela batalha, perfurou Nakula com sessenta setas. Nakula também, profundamente perfurado por teu filho inteligente, acertou Vikarna em retorno com setenta e sete flechas. Lá aqueles dois tigres entre homens, aqueles dois castigadores de inimigos, aqueles dois heróis, atacaram um ao outro por causa de Bhishma, como dois touros em um aprisco. Teu filho Durmukha, dotado de grande destreza, procedeu, por Bhishma, contra Ghatotkacha avançando para a batalha e massacrando o teu exército conforme se aproximava. O filho de Hidimva, no entanto, ó rei, excitado com raiva, atingiu Durmukha, aquele castigador de inimigos, no peito uma flecha reta. O heróico Durmukha então, gritando alegremente, perfurou o filho de Bhimasena no campo de batalha com sessenta flechas de pontas afiadas. Aquele poderoso guerreiro em carro, o filho de Hridika, resistiu a Dhrishtadyumna, aquele principal dos guerreiros em carros, que estava avançando para a batalha pelo desejo da morte de Bhishma. O filho de Prishata, no entanto, tendo perfurado Kritavarman com cinco flechas feitas totalmente de ferro, mais uma vez o atingiu rapidamente no centro do peito com cinquenta flechas. E similarmente, ó rei, o filho de Prishata atingiu Kritavarman com nove flechas afiadas e brilhantes, aladas com as penas da ave Kanka. Enfrentando um ao outro com grande vigor, o combate que teve lugar entre eles por causa de Bhishma foi tão violento quanto aquele entre Vritra e Vasava. Contra Bhimasena que estava avançando sobre o poderoso Bhishma, procedeu Bhurisravas com grande velocidade, dizendo, 'Espere, Espere', e o filho de Somadatta atingiu Bhima no centro do peito com uma flecha de corte excelente e asas douradas naquela batalha. E o bravo Bhimasena, com aquela seta em seu peito, parecia belo, ó melhor dos reis, como a montanha Krauncha nos tempos passados com o dardo de Skanda. E aqueles dois touros entre homens, enfurecidos em batalha, dispararam um no outro flechas brilhantemente polidas por seus forjadores e dotadas da refulgência do Sol. Bhima, ansiando pela morte de Bhishma, lutou com o filho poderoso de Somadatta, e o último, desejoso da vitória de Bhishma, lutou com o primeiro, ambos cuidadosamente procurando neutralizar os feitos um do outro. O filho de Bharadwaja resistiu a Yudhishthira o filho de Kunti, que, acompanhado por uma grande tropa, estava indo em direção a Bhishma. Ouvindo o estrépito do carro de Drona, ó rei, que parecia o ribombar das nuvens, os Prabhadrakas, ó majestade, começaram a tremer. Aquela grande tropa do filho de Pandu, resistida por Drona em batalha, se esforçando vigorosamente, não pode

avançar nem um passo. Teu filho Chitrasena, ó rei, resistiu a Chekitana de aparência colérica que estava se esforçando vigorosamente para se aproximar de Bhishma. Possuidor de grande coragem e grande agilidade de mão, aquele poderoso guerreiro em carro, por causa de Bhishma, lutou com Chekitana, ó Bharata, de acordo com o máximo de suas forças. E Chekitana também lutou com Chitrasena com o máximo de seu poder. E a batalha que ocorreu lá por consequência do encontro daqueles dois guerreiros foi muito violenta. Com relação a Arjuna, embora ele fosse resistido por todos os meios, ó Bharata, ele ainda obrigou teu filho a retroceder e então oprimiu tuas tropas. Dussasana no entanto, à máxima extensão de seu poder, começou a resistir a Partha, desejando, ó Bharata, proteger Bhishma. O exército do teu filho, ó Bharata, sofrendo tal massacre, começou a ser agitado aqui e ali por muitos dos principais guerreiros em carros (dos Pandavas)."

113

Sanjaya disse, "O heróico Drona, aquele arqueiro formidável dotado da bravura de um elefante enfurecido, aquele principal dos homens possuidor de grande poder, pegando seu grande arco que era capaz de deter até um elefante enfurecido, e vibrando-o (em suas mãos), estava empenhado em afligir as tropas Pandava, tendo entrado em seu meio. Aquele guerreiro valente conhecedor de todos os presságios, observando os presságios por toda parte, dirigiu-se a seu filho que também estava oprimindo as tropas hostis e disse essas palavras, 'Hoje é aquele dia, ó filho, no qual o poderoso Partha, desejoso de matar Bhishma em batalha, se esforçará com todo seu poder. Minhas flechas estão saindo (da aljava, por iniciativa própria). Meu arco parece bocejar. Minha arma parece relutante em obedecer meus comandos, e meu coração também está triste. Animais e aves estão proferindo gritos medonhos e incessantes. Urubus parecem desaparecer abaixo dos pés das tropas Bharata. O próprio Sol parece ter perdido cor. Os quadrantes estão todos em chamas. A Terra parece gritar, inspirar temor, e tremer em todos os lugares. Kankas, e urubus, e grous estão gritando frequentemente. Chacais estão proferindo gritos ferozes e inauspiciosos pressagiando grande perigo. Meteoros grandes parecem cair do centro do disco solar. A constelação chamada Parigha, com uma forma sem tronco, aparece em volta do sol. Os discos solares e lunares se tornaram terríveis, pressagiando grande perigo para Kshatriyas acerca da mutilação de seus corpos. Os ídolos do rei Kuru em seus templos tremem e riem e dançam e choram. A Lua ilustre se ergue com seus cornos para baixo. Os corpos dos reis pertencentes ao exército Kuru todos parecem estar pálidos, e embora vestidos em armadura, estão desprovidos de esplendor. O alto clangor de Panchajanya e a vibração do Gandiva são ouvidos por todos os lados de ambos os exércitos. Sem dúvida, Arjuna, confiando em suas armas formidáveis e evitando outros guerreiros avançará sobre o avô. Os poros do meu corpo estão se contraindo, e meu coração também está deprimido, pensando, ó poderosamente armado, no combate entre Bhishma e Arjuna. Mantendo em sua frente o príncipe Panchala de alma pecaminosa e familiarizado

com fraude, Partha está procedendo em direção a Bhishma para lutar. Bhishma disse antes que não mataria Sikhandin. Pelo Criador ele foi feito mulher, embora por acaso ele posteriormente se tornou uma pessoa masculina. Aquele poderoso filho de Yajnasena é também um presságio inauspicioso (por si mesmo). O filho daquele que vai para o oceano (Ganga) não atacará aquela pessoa de natureza inauspiciosa. Pensando nisso, isto é, que Arjuna, cheio de raiva, está prestes a se lançar sobre o idoso avô Kuru, meu coração está muito deprimido. A ira de Yudhishthira, um combate entre Bhishma e Arjuna em batalha, e um esforço como esse (do disparo de armas) por mim mesmo, esses (três) estão certamente repletos de grande mal para as criaturas. Arjuna é dotado de grande energia; ele é poderoso, bravo, educado em armas, e possuidor de heroísmo que é muito ativo. Capaz de atirar suas flechas a uma grande distância e de dispará-las com força, ele é, além disso, conhecedor de presságios. Dotado de grande poder e inteligência, e acima de fadiga, aquele principal dos guerreiros não pode ser derrotado pelos próprios deuses com Vasava em sua chefia. O filho de Pandu possui armas terríveis e é sempre vitorioso em batalha. Evitando seu caminho, vá lutar (pela vitória de Bhishma), ó tu de votos rígidos. Hoje nessa batalha terrível tu verás uma grande carnificina. As cotas de malha belas e caras, enfeitadas com ouro, de bravos guerreiros serão perfuradas por flechas retas. E os topos de estandartes, e dardos farpados, e arcos, e lanças brilhantes de ponta afiada, e dardos brilhantes com ouro, e os estandartes nas costas de elefantes, serão todos cortados por Kiritin em cólera. Ó filho, esse não é o momento no qual dependentes devem cuidar de suas vidas. Vá combater, mantendo o céu diante de ti, e por fama e vitória. Lá, (Arjuna) de estandarte de macaco cruza em seu carro o rio da batalha que é terrível e incapaz de ser facilmente cruzado, e que tem carros, elefantes, e corcéis, como seus redemoinhos. Respeito pelos Brahmanas, autocontrole, generosidade, ascetismo, e conduta nobre, são vistos somente em Yudhishthira que tem como seus irmãos Dhananjaya, e o poderoso Bhimasena, e os filhos gêmeos de Madri com Pandu, e que tem Vasudeva da linhagem de Vrishni como seu protetor. A ira, nascida da aflição, daquele Yudhishthira cujo corpo foi purificado pelas chamas da penitência, direcionada ao filho de alma perversa de Dhritarashtra, está consumindo a hoste Bharata. Lá vem Partha, tendo Vasudeva como seu protetor, reprimindo (conforme se aproxima) todo esse exército Dhartarashtra. Veja, Kiritin está agitando essa hoste como uma grande baleia agitando o mar vasto cristado com ondas. Ouça com muita atenção, gritos de angústia e dor são ouvidos na vanguarda do exército. Vá, enfrente o herdeiro do rei Panchala. Quanto a mim mesmo, eu procederei contra Yudhishthira. O centro da formação de combate muito forte do rei Yudhishthira é de acesso difícil. Inacessível como o interior do oceano, ele é protegido por todos os lados por Atirathas. Satyaki, e Abhimanyu e Dhrishtadyumna, e Vrikodara, e os gêmeos, esses mesmos estão protegendo aquele soberano de homens, o rei Yudhishthira. Escuro como o irmão mais novo de Indra, e de pé como uma Sala alta, veja Abhimanyu avançando na dianteira da hoste (Pandava), como um segundo Phalguna! Pegue tuas armas poderosas, e com teu arco grande na mão proceda contra o filho nobre de Prishata (Sikhandin), e contra Vrikodara. Quem não desejaria que seu filho querido vivesse por muitos anos? Mantendo os deveres de um Kshatriya, no entanto, diante de mim, eu estou te encarregando (para essa

tarefa). Assim Bhishma também, em batalha, está consumindo a hoste imensa dos Pandavas. Ó filho, ele é, em batalha, igual a Yama ou ao próprio Varuna.'"

114

Sanjaya disse, "Ouvindo essas palavras do Drona de grande alma, Bhagadatta e Kripa e Salya e Kritavarman, e Vinda e Anuvinda de Avanti, e Jayadratha o soberano dos Sindhus, e Chitrasena e Vikarna e Durmarshana e outros, esses dez guerreiros do teu exército, apoiados por uma grande hoste consistindo em muitas nacionalidades, lutaram com Bhimasena, desejosos de ganhar grande renome na batalha por causa de Bhishma. E Salya atingiu Bhima com nove setas, e Kritavarman o atingiu com três, e Kripa com nove. E Chitrasena e Vikarna e Bhagadatta, ó majestade, cada um o atingiu com dez setas. E o soberano dos Sindhus o atingiu com três, e Vinda e Anuvinda de Avanti cada um o atingiu com cinco setas. E Duryodhana atingiu aquele filho de Pandu com vinte setas afiadas. Bhimasena, ó rei, perfurou em retorno cada um daqueles reis, aqueles mais notáveis dos homens no mundo, aqueles poderosos guerreiros em carros do exército Dhartarashtra, um depois do outro. O bravo Pandava, aquele matador de heróis hostis, perfurou Salya com sete setas, e Kritavarman com oito. E ele cortou o arco de Kripa com flecha fixada nele, ó Bharata, no meio, dividindo-o em dois. E depois de cortar seu arco dessa maneira, ele perfurou Kripa mais uma vez com sete setas. E ele atingiu Vinda e Anuvinda com três setas cada um. E ele perfurou Durmarshana com vinte setas, e Chitrasena com cinco, e Vikarna com dez, e Jayadratha com cinco. E mais uma vez atingindo o soberano dos Sindhus com três setas, ele proferiu um grito alto, cheio de alegria. Então Gautama, aquele principal dos guerreiros em carros, pegando outro arco, perfurou raivosamente Bhima com dez flechas afiadas. Perfurado por aquelas dez flechas como um elefante enorme com o gancho, o bravo Bhimasena, ó rei, cheio de ira, atingiu Gautama naquela batalha com muitas flechas. Possuidor do esplendor do próprio Yama, como ele aparece no fim do Yuga, Bhimasena então, com três setas, despachou para o domínio da Morte os corcéis do soberano dos Sindhus como também seu quadrigário. Nisso aquele poderoso guerreiro em carro, (Jayadratha), saltando rapidamente daquele carro cujos corcéis tinham sido mortos, disparou naquela batalha muitas flechas de ponta afiada em Bhimasena. Então, ó majestade, com um par de flechas de cabeça larga, ele cortou, ó chefe dos Bharatas, o arco do rei de grande alma dos Sindhus no meio. Seu arco cortado, ele mesmo privado de carro, seus corcéis e quadrigário mortos, Jayadratha então, ó rei, subiu rapidamente no carro de Chitrasena. De fato, o filho de Pandu realizou naquela batalha um feito muito extraordinário, pois perfurando todos aqueles poderosos guerreiros em carros e os mantendo sob controle, ele privou, ó majestade, o soberano dos Sindhus de seu carro na própria vista do exército inteiro. Salya não pode tolerar ver a destreza que Bhimasena mostrou, pois dizendo a ele, 'Espere', 'Espere', ele mirou algumas flechas afiadas bem polidas pelas mãos do forjador, e perfurou Bhima com elas naquela batalha. E Kripa e Kritavarman e o valente Bhagadatta, e Vinda e Anuvinda de Avanti, e Chitrasena,

e Durmarshana, e Vikarna, e o corajoso soberano dos Sindhus também, naquela batalha, esses castigadores de inimigos, todos rapidamente perfuraram Bhima por causa de Salya. Bhima então perfurou cada um deles em retorno com cinco setas. E ele perfurou Salya então com setenta setas e mais uma vez com dez. E Salya então perfurou-o com nove setas e mais uma vez com cinco. E ele perfurou o quadrigário de Bhimasena também, profundamente em seus órgãos vitais, com uma seta de cabeça larga. O heróico Bhimasena então, vendo seu quadrigário Visoka profundamente perfurado, disparou três flechas nos braços e peito do soberano dos Madras. E com relação aos outros grandes arqueiros, ele perfurou cada um deles naquela batalha com três setas retas, e então proferiu um rugido alto como aquele de um leão. Cada um daqueles arqueiros formidáveis então, se esforçando com vigor, perfurou profundamente aquele filho de Pandu hábil em batalha, com três flechas em seus órgãos vitais. Aquele arqueiro poderoso, Bhimasena, embora furado profundamente, não tremeu (mas permaneceu imóvel) como uma montanha encharcada com torrentes de chuva por nuvens de chuva. Então aquele poderoso guerreiro em carro dos Pandavas, cheio de ira, aquele herói célebre, perfurou profundamente o soberano dos Madras com três flechas. E ele perfurou o soberano dos Pragjyotishas, ó rei, naquela batalha, com cem setas. De grande renome, ele então perfurou Kripa com muitas setas, e então, mostrando grande destreza, ele cortou com uma flecha de gume afiado o arco, com flecha fixada nele, de Kritavarman de grande alma. Então Kritavarman, aquele opressor de inimigos, pegando outro arco, atingiu Vrikodara no meio de suas sobrancelhas com uma flecha comprida. Bhima, no entanto, naquela batalha, tendo atingido Salya com nove setas feitas totalmente de ferro, e Bhagadatta com três, e Kritavarman com oito, perfurou cada um dos outros com Gautama em sua chefia, com duas setas. Aqueles guerreiros também, em retorno, o perfuraram, ó rei, com flechas de ponta afiada. Embora assim afligido por aqueles poderosos guerreiros em carros com todas as espécies de armas, contudo, considerando eles todos como sem valor, ele percorria o campo sem qualquer ansiedade. Aqueles principais dos guerreiros em carros (por outro lado), com grande frieza, dispararam em Bhima flechas de pontas afiadas às centenas e milhares. O heróico e poderoso Bhagadatta então, naquela batalha, arremessou nele um dardo de grande ímpeto equipado com uma vara dourada. E o rei Sindhu, de braços fortes, arremessou nele uma lança e um machado. E Kripa, ó rei, arremessou nele um Sataghni, e Salya uma seta. E os outros grandes arqueiros cada um disparou nele cinco setas com grande força. O filho do deus do vento então cortou, com uma flecha afiada, aquela lança em duas. E ele cortou aquele machado também com três flechas, como se ele fosse um caule de gergelim. E com cinco flechas aladas com as penas da ave Kanka, ele cortou aquele Sataghni em fragmentos. Aquele poderoso guerreiro em carro então, tendo cortado a seta disparada pelo soberano dos Madras, cortou violentamente o dardo disparado por Bhagadatta naquela batalha. Com relação às outras flechas ameaçadoras, Bhimasena, orgulhoso de suas façanhas em batalha, cortou cada uma em três fragmentos por meio de suas próprias flechas retas. E ele atingiu cada um daqueles grandes arqueiros também com três flechas. Então Dhananjaya, durante o progresso daquela batalha terrível, vendo o poderoso guerreiro em carro Bhima atacando o inimigo e lutando (contra muitos) com suas flechas, foi para lá em seu

carro. Então aqueles touros entre os homens, do teu exército, vendo aqueles dois filhos de grande alma de Pandu juntos, abandonaram todas as esperanças de vitória. Então Arjuna, desejoso de matar Bhishma, colocando Sikhandin à sua frente, se aproximou de Bhima que tinha estado lutando com aqueles grandes guerreiros em carros e se lançou sobre aqueles combatentes ferozes, numerando dez, do teu exército, ó Bharata. Então Vibhatsu, desejoso de fazer o que era agradável para Bhima, perfurou todos aqueles guerreiros, ó rei, que tinham estado lutando com Bhima. Então o rei Duryodhana incitou Susarman, para a destruição de Arjuna e Bhimasena, dizendo, 'Ó Susarman, vá rapidamente apoiado por uma grande tropa. Mate aqueles dois filhos de Pandu, Dhananjaya e Vrikodara.' Ouvindo essas palavras dele, o rei Trigarta que governava o país chamado Prasthala, avançou rapidamente em batalha sobre aqueles dois arqueiros, Bhima e Dhananjaya, e cercou ambos com muitos milhares de carros. Então começou uma batalha feroz entre Arjuna e o inimigo."

115

Sanjaya disse, "Arjuna cobriu com suas flechas retas o poderoso guerreiro em carro Salya que estava lutando vigorosamente em batalha. E ele perfurou Susarman e Kripa com três setas cada um. E naquela batalha o Atiratha Arjuna, afligindo tua hoste, atingiu o soberano dos Pragjyotishas, e Jayadratha o rei dos Sindhus, e Chitrasena, e Vikarna, e Kritavarman, e Durmarshana, ó monarca, e aqueles dois poderosos guerreiros em carros, os príncipes de Avanti, cada um com três flechas aladas com as penas da ave Kanka e do pavão. Jayadratha, permanecendo no carro de Chitrasena, perfurou Partha (em retorno), ó Bharata, e então, sem perda de tempo, Bhima também, com suas flechas. E Salya, e aquele principal dos guerreiros em carros, Kripa, ambos perfuraram Jishnu, ó monarca, com diversas flechas capazes de penetrar nos próprios órgãos vitais. Teus filhos encabeçados por Chitrasena, ó rei, cada um rapidamente perfurou Arjuna e Bhimasena naquela batalha, ó majestade, com cinco flechas afiadas. Aqueles dois principais dos guerreiros em carros no entanto, aqueles filhos de Kunti, aqueles touros da raça Bharata, começaram naquela batalha a afligir a imensa hoste dos Trigartas. Susarman (em retorno) perfurou Partha com nove setas rápidas, e proferiu um grito alto amedrontando a vasta hoste (dos Pandavas). E outros heróicos guerreiros em carros perfuraram Bhimasena e Dhananjaya com muitas setas de rumo reto de pontas afiadas e asas douradas. Em meio a esses guerreiros em carros, no entanto, aqueles dois touros da raça Bharata, os dois filhos de Kunti, aqueles guerreiros em carros formidáveis, pareciam muito belos. E eles pareciam se divertir em meio a eles como dois leões furiosos em meio a um rebanho de vacas. Cortando de várias maneiras os arcos e flechas de muitos bravos guerreiros naquela batalha, aqueles dois heróis derrubaram as cabeças de combatentes às centenas sobre centenas. Inúmeros carros foram quebrados, e corcéis às centenas foram mortos, e muitos elefantes, junto com seus condutores, foram derrubados no campo naquela batalha terrível. E guerreiros em carros e cavaleiros e condutores de elefantes em grandes números, ó rei, privados de vida

eram vistos se movendo em convulsões por todo o campo. E a terra estava coberta com elefantes mortos e soldados de infantaria em grande grupos, e corcéis privados de vida, e carros quebrados de diversas maneiras. E a destreza que nós vimos lá de Partha era muito extraordinária, visto que mantendo sob controle todos aqueles heróis, aquele guerreiro poderoso causou uma grande matança. Kripa, e Kritavarman, e Jayadratha, o soberano dos Sindhus, e Vinda e Anuvinda de Avanti, esses não abandonaram a batalha. Então aquele grande arqueiro Bhima, e aquele poderoso guerreiro em carro Arjuna, começaram naquela batalha a desbaratar a hoste feroz dos Kauravas. Os reis (naquele exército) rapidamente dispararam no carro de Dhananjaya miríades sobre miríades e milhões sobre milhões de flechas equipadas com penas de pavão. Partha, no entanto, detendo aquelas flechas por meio de suas próprias chuvas de flechas, começou a enviar aqueles poderosos guerreiros em carros para a residência de Yama. O grande guerreiro em carro Salya então, excitado com raiva e como se estivesse se divertindo naquela batalha, atingiu Partha no peito com algumas flechas retas de cabeça larga. Partha então, cortando por meio de cinco flechas o arco e proteção de couro de Salya, perfurou o último profundamente nos órgãos vitais com muitas setas de pontas afiadas. Pegando outro arco capaz de suportar uma grande tensão, o soberano dos Madras então atacou Jishnu furiosamente com três setas, ó rei, e Vasudeva com cinco. E ele atingiu Bhimasena nos braços e no peito com nove setas. Então Drona, ó rei, e aquele poderoso guerreiro em carro, o soberano dos Magadhas, mandados por Duryodhana, foram ambos para aquele local onde aqueles dois poderosos guerreiros em carros, Partha e Bhimasena, estavam massacrando a hoste poderosa do rei Kuru. Jayatsena (o rei dos Magadhas) então, ó touro da raça Bharata, perfurou Bhima, aquele manejador de armas terríveis em batalha, com oito setas afiadas. Bhima, no entanto, perfurou-o (em retorno) com dez setas, e mais uma vez com cinco. E com outra flecha de cabeça larga ele derrubou o quadrigário de Jayatsena de seu nicho no carro. Os corcéis (de seu carro), não mais reprimidos, correram de modo selvagem em todas as direções e assim carregaram para longe (da batalha) o soberano dos Magadhas na vista de todas as tropas. Enquanto isso Drona, notando uma abertura, perfurou Bhimasena, ó touro da raça Bharata, com oito flechas afiadas providas de cabeças moldadas conforme a boca da rã. Bhima, no entanto, sempre se deleitando em batalha, perfurou o preceptor, que era digno de reverência paterna, com cinco flechas de cabeça larga, e então, ó Bharata, com sessenta. Arjuna, novamente perfurando Susarman com um grande número de setas feitas (totalmente) de ferro, destruiu suas tropas como a tempestade destruindo imensas massas de nuvens. Então Bhishma, e o rei (Duryodhana), e Vrihadvala, o soberano dos Kosalas, excitados com raiva, avançaram sobre Bhimasena e Dhananjaya. Nisso, os heróicos guerreiros do exército Pandava, e Dhrishtadyumna o filho de Prishata, avançaram em batalha contra Bhishma que estava avançando como a própria Morte com boca escancarada. Sikhandin também, avistando o avô dos Bharatas, ficou cheio de alegria e avançou nele, abandonando todo o medo do poderoso guerreiro em carro. Então os Parthas com Yudhishthira em sua chefia, colocando Sikhandin na vanguarda, e se unindo com os Srinjayas, lutaram com Bhishma em batalha. E similarmente todos os guerreiros do teu exército, colocando Bhishma de votos

regulados em sua dianteira, lutaram em batalha com todos os Parthas encabeçados por Sikhandin. A batalha então que começou lá entre os Kauravas e o filho de Pandu pela vitória de Bhishma ou vitória sobre Bhishma, foi muito terrível. De fato, naquele jogo de batalha, jogado pela vitória ou o contrário, Bhishma, ó monarca, se tornou a aposta da qual a vitória do teu exército dependia. Então Dhrishtadyumna, ó rei, ordenou todas as tropas, dizendo, 'Avancem contra o filho de Ganga. Não temam, ó melhores dos guerreiros em carros.' Ouvindo aquelas palavras de seu generalíssimo, as tropas dos Pandavas avançaram rapidamente contra Bhishma, preparadas para sacrificar suas vidas naquela batalha terrível. Bhishma então, aquele principal dos guerreiros em carros, recebeu aquela grande hoste que avançava em direção a ele, como o continente recebendo o mar revolto."

116

Dhritarashtra disse, "Como, ó Sanjaya, o filho de Santanu Bhishma de energia poderosa lutou no décimo dia da batalha, com os Pandavas e os Srinjayas? Como também os Kurus resistiram aos Pandavas em batalha? Descreva para mim a grande batalha lutada por Bhishma, aquele ornamento de batalha."

Sanjaya disse, "Eu logo descreverei para ti, ó Bharata, como os Kauravas lutaram com os Pandavas, e como aquela batalha ocorreu. Dias após dia muitos poderosos guerreiros em carros do teu exército, cheios de raiva, eram despachados para o outro mundo por (Arjuna) enfeitado com diadema com suas armas magníficas. O guerreiro Kuru Bhishma sempre vitorioso também, em conformidade com sua promessa, sempre causava uma grande carnificina entre o exército Partha. Ó castigador de inimigos, vendo Bhishma lutando na chefia dos Kurus, e Arjuna também lutando na chefia dos Panchalas, nós não podíamos dizer realmente de qual lado a vitória iria se declarar. No décimo dia de batalha, quando Bhishma e Arjuna enfrentaram um ao outro, horrível foi a carnificina que ocorreu. Naquele dia, ó opressor de inimigos, o filho de Santanu, Bhishma, conhecedor de armas superiores e poderosas, repetidamente matou milhares e milhares de guerreiros. Muitos, ó Bharata, cujos nomes e famílias não eram conhecidos, mas que, dotados de grande coragem não recuavam da batalha, foram mortos naquele dia por Bhishma. Oprimindo o exército Pandava por dez dias, Bhishma de alma virtuosa abandonou todo o desejo de proteger sua vida. Desejando sua própria morte logo na chefia de suas tropas, 'Eu não matarei mais grandes números dos principais guerreiros' pensou teu poderosamente armado pai Devavrata. E vendo Yudhishthira perto dele, ó rei, ele se dirigiu a ele, dizendo, 'Ó Yudhishthira, ó tu de grande sabedoria, ó tu que conheces todos os ramos de conhecimento, escute essas palavras virtuosas e que levam ao céu, ó majestade, que eu digo. Ó Bharata, eu não desejo mais proteger, ó senhor, esse meu corpo. Eu tenho passado muito tempo matando grandes números de homens em batalha. Se tu desejas fazer o que é agradável para mim, esforce-te para me matar, colocando Partha com os Panchalas e os Srinjayas em tua vanguarda'. Averiguando que essa era sua intenção, o rei Yudhishthira de visão verdadeira procedeu para lutar

com os Srinjayas (para sua defesa). Então Dhrishtadyumna, ó rei, e o filho de Pandu Yudhishthira, tendo ouvido aquelas palavras de Bhishma incitaram adiante sua formação de combate. E Yudhishthira disse, 'Avancem! Lutem! Vençam Bhishma em batalha. Vocês todos serão protegidos por aquele conquistador de inimigos, Jishnu de pontaria imbatível. E esse grande arqueiro, esse generalíssimo (de nossas tropas), o filho de Prishata, como também Bhima, indubitavelmente irão proteger vocês. Ó Srinjayas, não nutram medo hoje de Bhishma em batalha. Sem dúvida, nós subjugaremos Bhishma hoje, colocando Sikhandin em nossa dianteira'. Tendo, no décimo dia de batalha, feito tal voto, os Pandavas, decididos a (conquistar ou) ir para o céu, avançaram, cegos pela fúria, com Sikhandin e Dhananjaya o filho de Pandu na frente. E eles fizeram os esforços mais enérgicos pela derrota de Bhishma. Então diversos reis, de grande poder, incitados por teu filho, e acompanhados por Drona e seu filho e um grande exército, e o poderoso Dussasana na liderança de todos os seus irmãos, procederam em direção a Bhishma que estava no meio daquela batalha. Então aqueles bravos guerreiros do teu exército, colocando Bhishma de votos superiores em sua vanguarda, lutaram com os Parthas encabeçados por Sikhandin. Apoiado pelos Chedis e os Panchalas, Arjuna de estandarte de macaco, colocando Sikhandin à frente, procedeu em direção a Bhishma, o filho de Santanu. E o neto de Sini lutou com o filho de Drona, e Dhrishtaketu com o descendente de Puru, e Yudhamanyu com teu filho Duryodhana no comando de seus seguidores. E Virata, na chefia de suas tropas, enfrentou Jayadratha apoiado por suas próprias tropas. E o herdeiro de Vardhakshatra, ó castigador de inimigos, enfrentou teu filho Chitrasena armado com arco e flechas excelentes. E Yudhishthira procedeu contra o arqueiro poderoso Salya na chefia de suas tropas. E Bhimasena, bem protegido, procedeu contra a divisão de elefantes (do exército Kaurava). E Dhrishtadyumna, o príncipe de Panchala, excitado com fúria e acompanhado por seus irmãos, procedeu contra Drona, aquele principal de todos os manejadores de armas, invencível, e irresistível. Aquele castigador de inimigos, o príncipe Vrihadvala, portando em seu estandarte o emblema do leão, procedeu contra o filho de Subhadra cujo estandarte portava o emblema da flor Karnikara. Teus filhos, acompanhados por muitos reis, procederam contra Sikhandin e Dhananjaya o filho de Pritha, desejosos de massacrar ambos. Quando os combatentes de ambos os exércitos avançaram uns contra os outros com bravura terrível, a terra tremeu (sob seu passo). Contemplando o filho de Santanu em batalha, as divisões do teu exército e do inimigo, ó Bharata, ficaram misturadas umas com as outras. Tremendo foi o rumor, ó Bharata, que ergueu-se lá daqueles guerreiros queimando de raiva e avançando uns contra os outros. E ele era ouvido por toda parte, ó rei. Com o clangor de conchas e os gritos leoninos dos soldados, o tumulto se tornou aterrador. O esplendor, igual àquele do Sol ou da Lua, de braceletes e diademas de todos os reis heróicos ficaram ofuscados. E a poeira que se ergueu parecia com uma nuvem, o lampejo de armas brilhantes constituindo seu relâmpago. E a vibração de arcos, o zunido de flechas, o clangor de conchas, a batida alta de baterias, e o estrépito de carros, de ambos os exércitos, constituíam o ribombar violento daquelas nuvens. E o firmamento, sobre o campo de batalha, por causa dos dardos farpados, das lanças, das espadas e chuvas de flechas de ambos os exércitos, estava escurecido. E guerreiros em carros (derrubavam guerreiros em

carros), e cavaleiros derrubavam cavaleiros, naquela batalha terrível. E elefantes matavam elefantes, e soldados de infantaria matavam soldados de infantaria. E a batalha que ocorreu lá por causa de Bhishma, entre os Kurus e os Pandavas, ó tigre entre homens, foi violenta ao extremo, como aquela entre dois falcões por um pedaço de carne. Envolvidos em combate, aquela batalha entre aqueles combatentes desejosos de massacrar e subjugar uns aos outros, foi extremamente terrível."

117

Sanjaya disse, "Abhimanyu, ó rei, mostrando sua bravura por causa de Bhishma, lutou com teu filho que era protegido por um grande exército. Então Duryodhana, cheio de raiva, atingiu Abhimanyu no peito com dez flechas retas, e mais uma vez com três. Então naquela batalha, o filho de Arjuna, inflamado com cólera, arremessou no carro de Duryodhana um dardo terrível parecendo a vara da própria Morte. Teu filho, no entanto, aquele poderoso guerreiro em carro, ó rei, com uma flecha de cabeça larga de corte excelente, cortou em dois aquele dardo de força terrível correndo em direção a ele com grande velocidade. Vendo aquele seu dardo cair no chão, o filho colérico de Arjuna perfurou Duryodhana com três flechas em seus braços e peito. E mais uma vez, ó chefe dos Bharatas, aquele poderoso guerreiro em carro da linhagem de Bharata atingiu o rei Kuru com dez flechas ardentes no centro de seu peito. E a batalha, ó Bharata, que ocorreu entre aqueles dois heróis, isto é, o filho de Subhadra e aquele touro da raça Kuru, o primeiro lutando para atingir a morte de Bhishma e o último para a derrota de Arjuna, foi violenta e interessante de se observar, e gratificante para os sentidos, e foi aplaudida por todos os reis. Aquele touro entre os Brahmanas e castigador de inimigos, o filho de Drona, excitado com fúria naquela batalha, atingiu Satyaki violentamente no peito com uma flecha ardente. O neto de Sini também, aquele herói de alma incomensurável, atingiu o filho do preceptor em todos os membros vitais com nove flechas aladas com as penas da ave Kanka. Aswatthaman então, naquela batalha, atingiu Satyaki (em retorno) com nove flechas, e mais uma vez, rapidamente, com trinta, em seus braços e peito. Então aquele grande arqueiro da linhagem de Satwata, possuidor de grande fama, profundamente perfurado pelo filho de Drona, atingiu o último (em retorno) com flechas. O poderoso guerreiro em carro Paurava, cobrindo Dhrishtaketu naquela batalha com suas flechas, mutilou muito aquele grande arqueiro. O poderoso guerreiro em carro Dhrishtaketu, dotado de grande força, perfurou rapidamente o primeiro com trinta setas. Então o poderoso guerreiro em carro Paurava cortou o arco de Dhrishtaketu, e proferindo um grito alto, perfurou-o com flechas afiadas. Dhrishtaketu então pegando outro arco, perfurou Paurava, ó rei, com setenta e três flechas muito afiadas. Aqueles dois arqueiros fabulosos e poderosos guerreiros em carros, ambos de estatura gigantesca, perfuraram um ao outro com chuvas de setas. Cada um conseguiu cortar o arco do outro, e cada um matou os cavalos do outro. E ambos, assim privados de seus carros, então se enfrentaram em um combate com espadas. E cada um pegou um escudo belo feito de pele de touro e ornamentado com cem

luas e enfeitado com cem estrelas. E cada um deles também pegou uma espada polida de esplendor brilhante. E assim equipados, eles avançaram, ó rei, uns nos outros, como dois leões na floresta profunda, ambos procurando a companhia da mesma leoa em seu cio. Eles se movimentavam em belos círculos, avançavam e recuavam, e mostravam outros movimentos, procurando golpear um ao outro. Então Paurava, cheio de raiva, dirigiu-se a Dhrishtaketu, dizendo, 'Espere, espere', e atingiu-o no osso frontal com aquela cimitarra grande dele. O rei dos Chedis também, naquela batalha, atingiu Paurava, aquele touro entre homens, na junta de seu ombro, com sua cimitarra grande de gume afiado. Aqueles dois repressores de inimigos, enfrentando um ao outro dessa maneira em batalha terrível e assim golpeando um ao outro, ó rei, ambos caíram no campo. Então teu filho Jayatsena, colocando Paurava sobre seu carro, removeu-o do campo de batalha naquele veículo. E com relação a Dhrishtaketu, o valente e heróico Sahadeva, o filho de Madri, possuidor de grande destreza, levou-o para longe do campo."

"Chitrasena, tendo perfurado Susarman com muitas setas feitas totalmente de ferro, mais uma vez perfurou-o com sessenta setas e mais uma vez com nove. Susarman, no entanto, excitado com cólera em batalha, perfurou teu filho, ó rei, com centenas de setas. Chitrasena então, ó monarca, enraivecido, perfurou seu adversário com trinta flechas retas. Susarman, no entanto, perfurou Chitrasena novamente em retorno." (Esse Susarman não era o rei dos Trigartas mas outra pessoa que estava no lado Pandava.)

"Naquela batalha para a destruição de Bhishma, o filho de Subhadra, aumentando sua fama e honra, lutou com o príncipe Vrihadvala, empregando sua destreza para ajudar (seu pai) Partha e então procedeu em direção à frente de Bhishma. O soberano dos Kosalas, tendo perfurado o filho de Arjuna com cinco flechas feitas de ferro, mais uma vez o perfurou com vinte flechas retas. Então o filho de Subhadra perfurou o soberano dos Kosalas com oito flechas feitas totalmente de ferro. Ele não conseguiu, no entanto, fazer o soberano dos Kosalas tremer, e, portanto, ele mais uma vez perfurou-o com muitas setas. E o filho de Phalguni então cortou o arco de Vrihadvala, e atingiu-o novamente com trinta flechas aladas com penas da ave Kanka. O príncipe Vrihadvala então, pegando outro arco, perfurou raivosamente o filho de Phalguni naquela batalha com muitas setas. Na verdade, ó opressor de inimigos, a batalha, por causa de Bhishma, que ocorreu entre eles, ambos excitados com raiva e ambos conhecedores de todos os modos de luta, foi como o combate de Vali e Vasava nos tempos antigos na ocasião da batalha entre os deuses e os Asuras."

"Bhimasena, lutando contra a divisão de elefantes, parecia muito resplandecente como Sakra armado com o trovão depois de fender grandes montanhas. De fato, elefantes, enormes como colinas, massacrados por Bhimasena em batalha, caíam em grupos no campo, enchendo a terra com seus gritos. Parecendo pilhas compactas de antimônio, e de proporções como montanha, aqueles elefantes com globos frontais partidos expostos, jazendo prostrados no solo, pareciam com montanhas espalhadas sobre a superfície da terra. O arqueiro poderoso Yudhishthira, protegido por um grande exército, afligiu o soberano dos Madras, enfrentando-o naquela batalha terrível. O soberano dos

Madras, em retorno, mostrando sua destreza por causa de Bhishma, afligiu o filho de Dharma, aquele poderoso guerreiro em carro, em batalha. O rei dos Sindhus, tendo perfurado Virata com nove flechas retas de pontas afiadas, mais uma vez o atingiu com trinta. Virata, no entanto, ó rei, aquele comandante de uma grande divisão, atingiu Jayadratha no centro de seu peito com trinta flechas de pontas afiadas. O soberano dos Matsyas e o soberano dos Sindhus, ambos armados com arcos belos e cimitarras belas, ambos enfeitados com belas cotas de malha e armas e estandartes, e ambos de belas formas pareciam resplandecentes naquela batalha."

"Drona, enfrentando Dhrishtadyumna o príncipe dos Panchalas em batalha terrível, combateu ferozmente com suas flechas retas. Então Drona, ó rei, tendo cortado o arco grande do filho de Prishata, perfurou-o profundamente com cinquenta setas. Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Prishata, pegando outro arco, disparou muitas flechas em Drona que estava lutando com ele. O poderoso guerreiro em carro Drona no entanto, cortou todas aquelas flechas, atingindo-as com as suas próprias. E então Drona disparou no filho de Drupada cinco flechas ardentes. Então aquele matador de heróis hostis, o filho de Prishata, excitado com raiva, arremessou em Drona naquela batalha uma maça parecendo a vara da própria Morte. Drona no entanto, com cinquenta setas deteve aquela maça decorada com ouro quando ela corria impetuosamente em direção a ele. Nisso aquela maça, cortada em fragmentos, ó rei, por aquelas flechas atiradas do arco de Drona, caiu no chão. Então aquele opressor de inimigos, o filho de Prishata, vendo sua maça frustrada, arremessou em Drona um dardo excelente feito totalmente de ferro. Drona, no entanto, ó Bharata, cortou aquele dardo com nove flechas naquela batalha e então afligiu aquele grande arqueiro, o filho de Prishata. Assim ocorreu, ó rei, aquela batalha violenta e terrível entre Drona e o filho de Prishata, por causa de Bhishma."

"Arjuna, alcançando o filho de Ganga, afligiu-o com muitas flechas de pontas afiadas, e avançou nele como um elefante enfurecido na floresta sobre outro. O rei Bhagadatta, no entanto, de grande coragem então avançou em Arjuna, e deteve seu rumo em batalha com chuvas de setas. Arjuna então, naquela batalha terrível, perfurou o elefante de Bhagadatta que ia em direção a ele, com muitas setas polidas de ferro, que eram todas brilhantes como prata e providas de pontas afiadas. O filho de Kunti, enquanto isso, ó rei, incitou Sikhandin, dizendo, 'Vá, proceda em direção a Bhishma, e mate-o!' Então, ó irmão mais velho de Pandu, o soberano dos Pragjyotishas, abandonando aquele filho de Pandu, foi rapidamente, ó rei, contra o carro de Drupada. Então Arjuna, ó monarca, procedeu rapidamente em direção a Bhishma, colocando Sikhandin à frente. E então lá ocorreu uma batalha violenta, pois todos os bravos combatentes do teu exército avançaram com grande vigor contra Arjuna, proferindo gritos altos. E tudo isso parecia muito extraordinário. Como o vento dispersando no verão massas de nuvens no céu, Arjuna dispersou, ó rei, todas aquelas diversas divisões dos teus filhos. Sikhandin, no entanto, sem qualquer ansiedade, se aproximando do avô dos Bharatas, perfurou-o rapidamente com muitas setas grandes. Quanto a Bhishma, seu carro era então sua câmara de fogo. Seu arco era a chama daquele fogo. E espadas e

dardos e maças constituíam o combustível daquele fogo. E as chuvas de flechas que ele disparava eram as faíscas brilhantes daquele fogo com o qual ele estava então consumindo Kshatriyas naquela batalha. Como uma conflagração violenta, com constante suprimento de combustível, vagueia em meio a massas de grama seca quando ajudada pelo vento, assim Bhishma brilhava com suas chamas, espalhando suas armas celestes. E o herói Kuru matou os Somakas que seguiam Partha naquela batalha. De fato aquele poderoso guerreiro em carro reprimiu também as outras tropas de Arjuna, por meio de suas flechas retas e afiadas e equipadas com asas de ouro. Enchendo naquela batalha terrível todos os pontos do horizonte, cardeais e secundários, com seus gritos leoninos, Bhishma derrubou muitos guerreiros em carros, ó rei, (de seus carros) e muitos corcéis junto com seus cavaleiros. E ele fez grandes grupos de carros parecerem com florestas de palmeiras ceifadas de suas cabeças folhosas. Aquele principal de todos os manejadores de armas, naquela batalha, privou carros e cavalos e elefantes de seus condutores. Ouvindo a vibração de seu arco e o tapa de suas palmas, ambas parecendo o ribombar do trovão, as tropas, ó rei, tremiam por todo o campo. As flechas, ó chefe de homens, de teu pai nunca eram inúteis quando elas caíam. De fato, disparadas do arco de Bhishma elas nunca caíam somente tocando os corpos do inimigo (mas os atravessavam em todos os casos). Nós vimos multidões de carros, ó rei, desprovidos de condutores, mas que estavam unidos a corcéis velozes, arrastados por todos os lados com a velocidade do vento. Catorze mil grandes guerreiros em carros de ascendência nobre, preparados para sacrificar suas vidas, bravos e que não recuavam, e possuidores de estandartes enfeitados com ouro, pertencentes aos Chedis, aos Kasis, e aos Karushas, se aproximando de Bhishma, aquele herói que parecia o próprio Destruidor com boca escancarada, foram despachados para o outro mundo, com seus corcéis, carros e elefantes. Não houve, ó rei, um único grande guerreiro em carro entre os Somakas, que, tendo se aproximado de Bhishma naquela batalha, voltou com vida daquele combate. Contemplando a destreza de Bhishma, as pessoas consideraram todos aqueles guerreiros (que se aproximavam dele) como já despachados para a residência do rei dos mortos. De fato, nenhum guerreiro em carro ousava se aproximar de Bhishma em batalha, exceto o heróico Arjuna tendo corcéis brancos (unidos ao seu carro) e possuindo Krishna como seu quadrigário, e Sikhandin, o príncipe de Panchala, de energia incomensurável."

118

Sanjaya disse, 'Sikhandin, ó touro entre homens, se aproximando de Bhishma em batalha, atingiu-o no centro do peito com dez flechas de cabeça larga. O filho de Ganga, no entanto, ó Bharata, somente olhou para Sikhandin com ira e como se consumindo o príncipe Panchala com aquele olhar. Lembrando de sua feminilidade, ó rei, Bhishma, na própria vista de todos, não o atacou. Sikhandin, no entanto, não compreendeu isso. Então Arjuna, ó monarca, dirigiu-se a Sikhandin, dizendo, 'Avance rapidamente e mate o avô. O que tu precisas dizer, ó herói? Mate o poderoso guerreiro em carro Bhishma. Eu não vejo qualquer outro

guerreiro no exército de Yudhishthira que seja competente para lutar com Bhishma em batalha, exceto tu, ó tigre entre homens. Eu digo isso verdadeiramente.' Assim endereçado por Partha, Sikhandin, ó touro da raça Bharata, rapidamente cobriu o avô com diversas espécies de armas. Desconsiderando aquelas flechas, teu pai Devavrata começou, com suas setas, a reprimir somente o enfurecido Arjuna naquela batalha. E aquele poderoso guerreiro em carro, ó majestade, começou também a despachar, com suas flechas de pontas afiadas, todo o exército dos Pandavas para o outro mundo. Os Pandavas também, ó rei, da mesma maneira, protegidos por sua hoste vasta, começaram a oprimir Bhishma como as nuvens cobrindo o criador do dia. Ó touro da raça Bharata, cercado por todos os lados, aquele herói Bharata consumiu muitos bravos guerreiros naquela batalha como um incêndio violento na floresta (consumindo inúmeras árvores). A bravura que nós então vimos lá do teu filho (Dussasana) foi admirável, visto que ele lutou com Partha e protegeu o avô ao mesmo tempo. Com aquela façanha do teu filho Dussasana, aquele arqueiro ilustre, todas as pessoas lá ficaram muito satisfeitas. Sozinho ele lutou com todos os Pandavas tendo Arjuna entre eles; e ele combateu com tal vigor que os Pandavas foram incapazes de resistir a ele. Muitos guerreiros em carros naquela batalha foram privados de seus carros por Dussasana. E muitos poderosos arqueiros a cavalo e muitos guerreiros poderosos em elefantes, perfurados pelas flechas afiadas de Dussasana, caíram no solo. E muitos elefantes, afligidos por suas flechas, fugiram em todas as direções. Como um fogo resplandece ferozmente com chamas brilhantes quando alimentado com combustível, assim teu filho resplandecia, consumindo a hoste Pandava. E nenhum guerreiro em carro, ó Bharata, da hoste Pandava se arriscou a reprimir ou mesmo ir contra aquele guerreiro de proporções gigantescas, exceto o filho de Indra (Arjuna) possuindo corcéis brancos e tendo Krishna como seu quadrigário. Então Arjuna, também chamado Vijaya, derrotando Dussasana em batalha, ó rei, na própria vista de todas as tropas, procedeu contra Bhishma. Embora vencido, teu filho, no entanto, confiando no poder das armas de Bhishma, repetidamente confortou seu próprio grupo e lutou com os Pandavas com grande ferocidade. Arjuna, ó rei, lutando com seus inimigos naquela batalha, parecia muito resplendente. Então Sikhandin, naquela batalha, ó rei, perfurou o avô com muitas flechas cujo toque parecia aquele dos raios do céu e que eram tão fatais como o veneno da cobra. Aquelas flechas, no entanto, ó monarca, causaram pouca dor a teu pai, pois o filho de Ganga recebeu-as dando risada. De fato, como uma pessoa afligida com calor recebe alegremente torrentes de chuva, assim mesmo o filho de Ganga recebeu aquelas flechas de Sikhandin. E os Kshatriyas lá, ó rei, contemplaram Bhishma naquela grande batalha como um ser de aparência feroz que estava incessantemente consumindo as tropas dos Pandavas de grande alma."

"Então teu filho (Duryodhana), dirigindo-se a todos os seus guerreiros, disse a eles, 'Avancem contra Phalguni de todos os lados. Bhishma, conhecedor dos deveres de um comandante, protegerá vocês'. Assim endereçadas, as tropas Kaurava abandonando todo o temor lutaram com os Pandavas. (E mais uma vez, Duryodhana disse a eles), 'Com seu estandarte alto portando o emblema da palmeira dourada, Bhishma permanece protegendo a honra e a armadura de

todos os guerreiros Dhartarashtra. Os próprios deuses, se esforçando vigorosamente, não podem vencer o ilustre e poderoso Bhishma. O que precisa ser dito, portanto, dos Parthas que são mortais? Portanto, ó guerreiros, não fujam do campo, obtendo Phalguni como um inimigo. Eu mesmo, me esforçando vigorosamente, lutarei hoje com os Pandavas, me unindo com todos vocês, ó senhores de terras, lutando ativamente.' Ouvindo essas palavras, ó monarca, de teu filho com arco na mão, muitos combatentes poderosos, excitados com raiva, pertencentes aos Videhas, os Kalingas, e as diversas tribos dos Daserkas, se lançaram sobre Phalguni. E muitos combatentes também, pertencentes aos Nishadas, os Sauviras, os Valhikas, os Daradas, os habitantes do Oeste, os habitantes do Norte, os Malavas, os Abhighatas, os Surasenas, os Sivis, os Vasatis, os Salwas, os Sakas, os Trigartas, os Amvashthas, e os Kekayas, similarmente se lançaram sobre Partha, como bandos de insetos sobre um fogo. O poderoso Dhananjaya, também chamado Vibhatsu, então, ó monarca, trazendo à lembrança diversas armas celestes e apontando-as para aqueles grandes guerreiros em carros na chefia de suas respectivas divisões, rapidamente consumiu eles todos, por meio daquelas armas de grande força, como fogo consumindo um bando de insetos. E enquanto aquele arqueiro firme estava (por meio de suas armas celestes) criando milhares sobre milhares de flechas, seu Gandiva parecia muito resplandecente no céu. Então aqueles Kshatriyas, ó monarca, afligidos por aquelas flechas com seus estandartes altos rasgados e derrubados, não podiam nem juntos se aproximar dele (Partha) de estandarte de macaco. Guerreiros em carros caíam com seus estandartes, e cavaleiros com seus cavalos, e condutores de elefantes com seus elefantes, atacados por Kiritin com suas flechas. E a terra logo estava coberta por todos os lados com as tropas em retirada daqueles reis, afugentadas pelas flechas disparadas dos braços de Arjuna. Partha então, ó monarca, tendo desbaratado o exército Kaurava, disparou muitas flechas em Dussasana. Aquelas flechas com cabeças de ferro, atravessando teu filho Dussasana, entraram todas na terra como cobras através de formigueiros. Arjuna então matou os cavalos de Dussasana e então derrubou seu quadrigário. E o senhor Arjuna, com vinte flechas, privou Vivingsati de seu carro, e atingiu-o com cinco flechas retas. E perfurando Kripa e Vikarna e Salya com muitas flechas feitas totalmente de ferro, o filho de Kunti possuindo corcéis brancos privou todos eles de seus carros. Assim privados de seus carros e vencidos em batalha por Savyasachin, Kripa e Salya, ó majestade, e Dussasana, e Vikarna e Vivingsati, todos fugiram. Tendo derrotado aqueles poderosos guerreiros em carros, ó chefe dos Bharatas, de manhã, Partha brilhava naquela batalha como um incêndio sem fumaça. Espalhando suas flechas por toda parte como o Sol derramando raios de luz, Partha derrubou muitos outros reis, ó monarca. Fazendo aqueles poderosos guerreiros em carros voltarem suas costas no campo por meio de suas chuvas de flechas, Arjuna fez um grande rio de correnteza sangrenta fluir naquela batalha no meio das hostes dos Kurus e dos Pandavas, ó Bharata. Grande número de elefantes e corcéis e guerreiros em carros foram mortos por guerreiros em carros. E muitos foram os guerreiros em carros mortos por elefantes, e muitos também foram os cavalos mortos por soldados de infantaria. E os corpos de muitos condutores de elefantes e cavaleiros e guerreiros em carros, cortados no meio, como também suas cabeças, caíam por

todas as partes do campo. E o campo de batalha, ó rei, estava coberto com príncipes (mortos), poderosos guerreiros em carros, caindo ou caídos, enfeitados com brincos e braceletes. E ele estava também coberto com os corpos de muitos guerreiros cortados por rodas de carros, ou pisados por elefantes. E soldados de infantaria fugiram, e cavaleiros também com seus cavalos. E muitos elefantes e guerreiros em carros caíam por todos os lados. E muitos carros, com rodas e cangas e estandartes quebrados, jaziam espalhados por todo o campo. E o campo de batalha, tingido com o sangue coagulado de grande número de elefantes, corcéis, e guerreiros em carros, parecia belo como uma nuvem vermelha no céu outonal. Cães, e corvos, e urubus, e lobos, e chacais, e muitos outros animais e aves assustadoras davam uivos altos à visão do alimento que se encontrava diante deles. Diversos tipos de ventos sopravam ao longo de todas as direções. E Rakshasas e espíritos maus eram vistos lá, proferindo rugidos altos. E cordas de arcos, enfeitadas com ouro, e pendões caros, eram vistos ondulando, movidos pelo vento. E milhares de guarda-sóis e grandes carros com estandartes anexados a eles eram vistos espalhados sobre no campo. Então Bhishma, ó rei, invocando uma arma celeste, avançou no filho de Kunti, na própria vista de todos os arqueiros. Nisso Sikhandin, vestido em armadura, avançou em Bhishma que estava avançando em direção a Arjuna. Nisso, Bhishma retirou aquela arma parecendo fogo (em brilho e energia). Enquanto isso o filho de Kunti possuindo corcéis brancos massacrava tuas tropas, confundindo o avô."

119

Sanjaya disse, "Quando os combatentes de ambos os exércitos, fortes em número, estavam assim dispostos em formação de combate, todos aqueles heróis que não recuavam, ó Bharata, colocaram seus corações na região de Brahma; (isto é, continuaram a lutar, decididos a alcançar o céu mais elevado por meio de bravura ou morte em batalha.) No decorrer do combate geral que se seguiu, a mesma classe de combatentes não lutou com a mesma classe de combatentes. Guerreiros em carros não lutaram com guerreiros em carros, ou soldados de infantaria com soldados de infantaria, ou cavaleiros com cavaleiros, ou guerreiros em elefantes com guerreiros em elefantes. Por outro lado, ó monarca, os combatentes lutaram uns com os outros como homens loucos. Grande e terrível foi a calamidade que aconteceu a ambos os exércitos. Naquele massacre violento quando elefantes e homens se espalharam no campo, todas as distinções entre eles cessaram, pois eles lutaram indiscriminadamente."

"Então Salya e Kripa, e Chitrasena, ó Bharata, e Dussasana, e Vikarna, aqueles heróis em seus carros brilhantes, fizeram a hoste Pandava tremer. Massacrado em batalha por aqueles guerreiros de grande alma, o exército Pandava começou oscilar de diversas maneiras, ó rei, como um barco nas águas agitadas pelo vento. Como o frio invernal atinge o gado até a medula, assim Bhishma atingiu os filhos de Pandu até a medula. Quanto ao teu exército também, muitos elefantes, parecendo com nuvens recém surgidas, foram derrubados pelo ilustre Partha. E muitos principais dos guerreiros também eram vistos serem subjugados por

aquele herói. E atingidos por setas e flechas compridas às milhares, muitos elefantes enormes caíam, proferindo gritos terríveis de dor. E o campo de batalha parecia belo, coberto com os corpos, ainda enfeitados com ornamentos, de guerreiros de grande alma privados de vida e com cabeças ainda enfeitadas com brincos. E naquela batalha, ó rei, que foi destrutiva de grandes heróis, quando Bhishma e Dhananjaya o filho de Pandu empregaram sua destreza, teus filhos, ó monarca, vendo o avô se esforçando vigorosamente, se aproximaram dele, com todas as suas tropas colocadas à frente. Desejosos de sacrificar suas vidas em batalha e fazendo do próprio céu sua meta, eles se aproximaram dos Pandavas naquela batalha, a qual foi repleta de grande carnificina. Os bravos Pandavas também, ó rei, tendo em mente os muitos males de diversos tipos infligidos sobre eles antes por ti e teu filho, ó monarca, e perdendo todo o medo, e ávidos para alcançar os céus mais sublimes, lutaram alegremente com teu filho e os outros guerreiros do teu exército."

"Então o generalíssimo do exército Pandava, o poderoso guerreiro em carro Dhrishtadyumna, dirigindo-se aos seus soldados, disse, 'Ó Somakas, acompanhados pelos Srinjayas, avancem no filho de Ganga.' Ouvindo aquelas palavras de seu comandante os Somakas e os Srinjayas, embora afligidos por chuvas de setas, avançaram no filho de Ganga. Assim atacado, ó rei, teu pai Bhishma, influenciado pela ira, começou a lutar com os Srinjayas. Nos tempos passados, ó majestade, o inteligente Rama tinha dado para Bhishma de realizações gloriosas aquela instrução em armas que era tão destrutiva de tropas hostis. Confiando naquela instrução e causando uma grande destruição entre as tropas do inimigo, aquele matador de heróis hostis, o velho avô Kuru Bhishma, dia após dia matava dez mil guerreiros do Ratha. No décimo dia, no entanto, ó touro da raça Bharata, Bhishma, sozinho, matou dez mil elefantes. E então ele matou sete grandes guerreiros em carros entre os Matsyas e os Panchalas. Além disso, naquela batalha terrível cinco mil soldados de infantaria, e mil elefantes, e dez mil cavalos, foram também mortos por teu pai, ó rei, através da habilidade adquirida por educação. Então tendo diminuído as tropas de todos os reis, ele matou Satanika, o irmão querido de Virata. E o valente Bhishma, tendo matado Satanika em batalha, derrubou, ó rei, mil Kshatriyas com suas flechas de cabeça larga. Além desses, todos os Kshatriyas do exército Pandava que seguiam Dhananjaya, logo que eles se aproximaram de Bhishma, tiveram que ir para a residência de Yama. Cobrindo a hoste Pandava de todos os lados com chuvas de flechas, Bhishma permaneceu em batalha na chefia do exército Kaurava. Realizando os feitos mais gloriosos no décimo dia, quando ele ficou no meio dos dois exércitos, arco na mão, nenhum dos reis, ó monarca, podia nem olhar para ele, pois ele então parecia o Sol quente do meio dia no céu do verão. Como Sakra chamuscou a hoste Daitya em batalha, assim mesmo, ó Bharata, Bhishma chamuscou a hoste Pandava. Vendo-o empregar sua destreza dessa maneira, o matador de Madhu, o filho de Devaki, dirigindo-se alegremente a Dhananjaya, disse, 'Lá, Bhishma, o filho de Santanu, permanece no meio dos dois exércitos. Mate-o empregando teu poder, tu podes obter vitória. Lá naquele local, de onde ele divide nossas tropas, detenha-o, aplicando tua força. Ó senhor, ninguém mais, exceto tu, se arrisca a resistir às flechas de Bhishma.' Assim incitado, Arjuna de estandarte de macaco

naquele momento tornou Bhishma com seu carro, corcéis, e estandarte invisíveis por meio de suas setas. Aquele touro, no entanto, entre os principais dos Kurus, por meio de suas próprias chuvas de setas, trespassou aquelas chuvas de flechas disparadas pelo filho de Pandu. Então o rei dos Panchalas o bravo Dhrishtaketu, Bhimasena o filho de Pandu, Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, os gêmeos (Nakula e Sahadeva), Chekitana, e os cinco irmãos Kaikaya, e o poderosamente armado Satyaki e o filho de Subhadra, e Ghatotkacha, e os (cinco) filhos de Draupadi, e Sikhandin, e o valente Kuntibhoja, e Susarman, e Virata, esses e muitos outros poderosos guerreiros do exército Pandava, afligidos pelas flechas de Bhishma, pareciam afundar em um oceano de aflição, Phalguni, no entanto, resgatou eles todos. Então Sikhandin, pegando uma arma poderosa e protegido por Kiritin, avançou impetuosamente em direção a Bhishma sozinho. O invicto Vibhatsu então, sabendo o que devia ser feito depois do que, matou todos aqueles que seguiam Bhishma, e então ele mesmo avançou nele. E Satyaki, e Chekitana, e Dhristadyumna da linhagem de Prishata, e Virata, e Drupada, e os gêmeos filhos de Madri com Pandu, todos protegidos por aquele arqueiro firme (Arjuna) avançaram contra Bhishma sozinho naquela batalha. E Abhimanyu, e os cinco filhos de Draupadi também, com armas poderosas erguidas, avançaram contra Bhishma em batalha. Todos aqueles arqueiros firmes, que não recuavam da batalha, perfuraram Bhishma em diversas partes de seu corpo com flechas bem miradas. Desconsiderando todas aquelas flechas, grandes em número, disparadas por aqueles mais notáveis dos príncipes pertencentes à hoste Pandava, Bhishma de alma não deprimida penetrou nas tropas Pandava. E o avô desviou todas aquelas flechas, como se estivesse se divertindo. Olhando frequentemente para Sikhandin, o príncipe dos Panchalas, rindo, ele não mirou uma única seta nele, lembrando de sua feminilidade. Por outro lado, ele matou sete grandes guerreiros em carros pertencentes à divisão de Drupada. Então gritos confusos de dor logo se ergueram entre os Matsyas, os Panchalas, e os Chedis, que estavam juntos avançando naquele herói sozinho. Com grande número de soldados de infantaria e cavalos e carros, e com chuvas de setas, ó opressor de inimigos, eles cobriram aquele único guerreiro, Bhishma o filho de Bhagirathi, aquele opressor de inimigos, como nuvens cobrindo o criador do dia. Então naquela batalha entre ele e eles, a qual parecia a batalha entre os deuses e os Asuras nos tempos antigos, ele enfeitado com diadema (Arjuna), colocando Sikhandin à sua frente, perfurou Bhishma (repetidamente)."

120

Sanjaya disse, "Assim todos os Pandavas, colocando Sikhandin diante deles perfuraram Bhishma naquela batalha repetidamente cercando-o por todos os lados. E todos os Srinjayas, se reunindo, o atacaram com terríveis Sataghnis, e maças com pontas, e machados de batalha, e malhos, e cassetetes curtos grossos, e dardos farpados, e outros mísseis, e flechas providas de asas douradas, e dardos e lanças e kampanas; e com setas compridas, e flechas providas de cabeças moldadas como o dente do bezerro, e foguetes. Assim

afligido por muitos, sua cota de malha estava furada em todos os lugares. Mas embora perfurado em todas as partes vitais, Bhishma não sentia dor. Por outro lado, ele então parecia para seus inimigos ser semelhante em aparência ao fogo (todo-destrutivo) que se eleva no fim do Yuga. Seu arco e flechas constituindo as chamas brilhantes (daquele fogo). O vôo de suas armas constituía sua brisa (propícia). O estrépito das rodas de seu carro constituía seu calor e armas poderosas constituíam seu esplendor. Seu arco belo formava sua língua ardente, e os corpos de guerreiros heróicos, seu combustível abundante. E Bhishma era visto rodar pelo meio de multidões de carros pertencentes àqueles reis, ou sair (da multidão) às vezes, ou correr mais uma vez por seu meio. Então, desconsiderando o rei dos Panchalas e Dhrishtaketu, ele penetrou, ó monarca, no meio do exército Pandava. Ele então perfurou os seis guerreiros Pandava, Satyaki, e Bhima, e Dhananjaya o filho de Pandu, e Drupada, e Virata, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, com muitas setas excelentes de corte excelente e zunido terrível e grande impetuosidade, e capazes de atravessar todo tipo de armadura. Aqueles poderosos guerreiros em carros, no entanto, detendo aquelas flechas afiadas, afligiram Bhishma com grande força, cada um deles o atingindo com dez flechas. Aquelas flechas poderosas, afiadas em pedra e providas de asas douradas, que o grande guerreiro em carro Sikhandin disparou, penetraram rapidamente no corpo de Bhishma. Então ele enfeitado com diadema (Arjuna), cheio de ira, e colocando Sikhandin adiante avançou em Bhishma e cortou o arco do último. Nisso aqueles poderosos guerreiros em carros, sete em número, isto é, Drona e Kritavarman, e Jayadratha o soberano dos Sindhus, e Bhurisravas, e Sala, e Salya, e Bhagadatta não puderam tolerar aquele ato de Arjuna. Inflamados com raiva, eles avançaram nele. De fato, aqueles poderosos guerreiros em carros, chamando à existência armas celestes, se lançaram com grande ira sobre aquele filho de Pandu, e o cobriram com suas setas. E quando eles avançaram em direção ao carro de Phalguni, o barulho feito por eles parecia aquele feito pelo próprio oceano quando ele se enche de fúria no fim do Yuga. 'Mate', 'Traga aqui (nossas tropas)', 'Pegue', 'Fure', 'Corte', esse era o tumulto furioso ouvido em volta do carro de Phalguni. Ouvindo aquele tumulto furioso, os poderosos guerreiros em carros do exército Pandava se adiantaram, ó touro da raça Bharata, para proteger Arjuna. Eles eram Satyaki, e Bhimasena, e Dhrishtadyumna da linhagem de Prishata, e Virata e Drupada, e o Rakshasa Ghatotkacha, e o colérico Abhimanyu. Esses sete, cheios de raiva, e armados com arcos excelentes, avançaram com grande velocidade. E a batalha que ocorreu entre esses e os guerreiros Kaurava foi violenta, de arrepiar os cabelos, e parecida, ó chefe dos Bharatas, com a batalha dos deuses com os Danavas. Sikhandin, no entanto, aquele principal dos guerreiros em carros, protegido em batalha por (Arjuna) enfeitado com diadema, perfurou Bhishma, naquele combate, com dez flechas depois que o arco do último tinha sido cortado. E ele atingiu o quadrigário de Bhishma com outras flechas, e cortou o estandarte do último com uma flecha. Então o filho de Ganga pegou outro arco que era mais resistente. Aquele mesmo foi cortado por Phalguni com três flechas afiadas. De fato, aquele castigador de inimigos, Arjuna, que era capaz de esticar o arco até com sua mão esquerda, excitado com raiva, cortava um depois do outro os arcos que Bhishma pegava. Então Bhishma, cujos arcos tinham sido assim cortados, excitado com raiva, e lambendo os cantos de sua boca, pegou um dardo que era

capaz de partir uma colina. Com raiva ele o arremessou no carro de Phalguni. Observando seu rumo em direção a ele como o raio brilhante do céu, o alegrador dos Pandavas fixou cinco flechas afiadas de cabeça larga (na corda de seu arco). E com aquelas cinco flechas, ó chefe dos Bharatas, o enfurecido Arjuna cortou em cinco fragmentos aquele dardo arremessado dos braços de Bhishma. Assim cortado pelo enraivecido Arjuna, aquele dardo então caiu como um lampejo de relâmpago separado de uma massa de nuvens. Vendo seu dardo cortado, Bhishma ficou cheio de fúria. Aquele herói, aquele subjugador de cidades hostis, então começou a refletir. E ele disse a si mesmo, 'Somente com um único arco eu poderia matar todos os Pandavas se o próprio Vishnu poderoso não fosse seu protetor. Por duas razões, no entanto, eu não lutarei com os Pandavas, isto é, sua incapacidade de serem mortos e a feminilidade de Sikhandin. Antigamente, quando meu pai se casou com Kali, ele satisfeito (comigo) me deu duas bênçãos, isto é, que eu não poderia ser morto em batalha, e que minha morte dependeria de minha própria escolha. Eu devo, portanto, agora desejar minha própria morte, essa sendo a hora apropriada.' Averiguando que essa era a decisão de Bhishma de energia incomensurável, os Rishis e os Vasus posicionados no firmamento disseram, 'Isso que foi resolvido por ti é aprovado por nós também, ó filho! Aja segundo tua resolução, ó rei. Retire teu coração da batalha.' Na conclusão daquelas palavras, brisas fragrantes e auspiciosas carregadas com partículas de água começaram a soprar ao longo de uma direção natural. E pratos celestes de sons altos começaram a ser batidos. E uma chuva de flores caiu sobre Bhishma, ó majestade. As palavras faladas pelos Rishis e os Vasus, no entanto, ó rei, não foram ouvidas por ninguém exceto o próprio Bhishma. Eu também as ouvi, através do poder conferido a mim pelo Muni. Grande foi o pesar, ó monarca, que encheu os corações dos celestiais ao pensarem em Bhishma, aquele favorito de todos os mundos, caindo de seu carro. Tendo escutado aquelas palavras dos celestiais, o filho de Santanu Bhishma de grande mérito ascético avançou em Vibhatsu, embora ele estivesse então sendo perfurado com flechas afiadas capazes de atravessar toda armadura. Então Sikhandin, ó rei, excitado com raiva, atingiu o avô dos Bharatas no peito com nove setas afiadas. O avô Kuru Bhishma, no entanto, embora atingido por ele em batalha dessa maneira, não tremeu, ó monarca, mas permaneceu impassível como uma montanha durante um terremoto. Então Vibhatsu, esticando seu arco Gandiva com uma risada, perfurou o filho de Ganga com vinte e cinco flechas. E uma vez mais, Dhananjaya, com grande velocidade e excitado com cólera o atingiu em todas as partes vitais com centenas de flechas. Assim perfurado por outros também com milhares de flechas, o poderoso guerreiro em carro Bhishma perfurou aqueles outros em retorno com grande velocidade. E com relação às flechas disparadas por aqueles guerreiros, Bhishma, possuidor de bravura em batalha que era incapaz de ser frustrada, igualmente deteve elas todas com suas próprias flechas retas. Aquelas flechas, no entanto, dotadas de asas de ouro e afiadas em pedra, as quais o poderoso guerreiro em carro Sikhandin disparou naquela batalha, mal causaram alguma dor a Bhishma. Então (Arjuna) enfeitado com diadema, excitado com raiva e colocando Sikhandin adiante, chegou (mais perto) de Bhishma e mais uma vez cortou seu arco. E então perfurando Bhishma com dez flechas, ele cortou o estandarte do último com uma. E atingindo a carruagem de Bhishma com dez

flechas, Arjuna o fez tremer. O filho de Ganga então pegou outro arco que era mais forte. Num piscar de olhos, no entanto, logo, realmente, que ele foi pego, Arjuna cortou aquele arco também em três fragmentos com três flechas de cabeça larga. E assim o filho de Pandu cortou naquela batalha todos os arcos de Bhishma. Depois disso, Bhishma o filho de Santanu não desejou mais lutar com Arjuna. O último, no entanto, então o perfurou com vinte e cinco setas. Aquele grande arqueiro, assim muito perfurado, então se dirigiu a Dussasana, e disse, 'Veja Partha, aquele grande guerreiro em carro dos Pandavas, excitado com cólera em batalha, perfura a mim somente com muitos milhares de flechas. Ele é incapaz de ser vencido em batalha pelo próprio manejador do raio. Quanto a mim mesmo também, ó herói, os próprios deuses, Danavas e Rakshasas unidos juntos são incapazes de me derrotar. O que eu direi então de poderosos guerreiros em carros entre os homens?' Enquanto Bhishma estava falando assim para Dussasana, Phalguni com flechas afiadas, e colocando Sikhandin na frente, perfurava Bhishma naquela batalha. Então Bhishma, profundamente e excessivamente atingido pelo manejador do Gandiva com flechas de pontas afiadas, mais uma vez se dirigiu a Dussasana com um sorriso e disse, 'Essas flechas correndo em direção a mim em uma linha contínua, cujo toque parece aquele do raio do céu, estão sendo atiradas por Arjuna. Essas não são de Sikhandin. Me atingindo na carne, atravessando até minha sólida cota de malha, e me golpeando com a força de mushalas, essas flechas não são de Sikhandin. De toque tão opressivo como aquele da vara (de castigo) do Brahmana e de ímpeto insuportável como aquele do raio, essas flechas estão afligindo minhas forças vitais. Essas não são de Sikhandin. Do toque de maças e clavas com pontas, essas setas estão destruindo minhas forças vitais como mensageiros da Morte incumbidos (pelo próprio Rei lúgubre). Essas não são de Sikhandin. Como cobras zangadas de veneno virulento, projetando suas línguas para fora, elas estão penetrando nos meus órgãos vitais. Essas não são de Sikhandin, essas que me atingem até a medula como o frio do inverno atingindo vacas até a medula. Exceto o manejador heróico do Gandiva, Jishnu de estandarte de macaco, nem todos os outros reis reunidos podem me causar dor.' Dizendo essas palavras, Bhishma, o filho valente de Santanu, como se para o objetivo de consumir os Pandavas, arremessou um dardo em Partha. Partha, no entanto, fez aquele dardo cair, cortando-o em três fragmentos com três flechas, na própria vista, ó Bharata, de todos os heróis Kuru do teu exército. Desejoso de obter ou morte ou vitória, o filho de Ganga então pegou uma espada e um escudo decorado com ouro. Antes, no entanto, que ele pudesse descer de seu carro, Arjuna cortou, por meio de suas setas, aquele escudo em cem fragmentos. E aquela façanha dele pareceu muito extraordinária. Então o rei Yudhishthira incitou suas próprias tropas, dizendo, 'Avancem no filho de Ganga. Não nutram o menor temor '. Então, armados com dardos farpados, e lanças, e setas, de todos os lados, com machados, e cimitarras excelentes, e flechas compridas muito afiadas, com flechas (em forma do) dente do bezerro, e flechas de cabeça larga, eles todos avançaram naquele único guerreiro. Então elevou-se dentre a hoste Pandava um grito alto. Então teus filhos também, ó rei, desejosos da vitória de Bhishma, o cercaram e proferiram gritos leoninos. Violenta foi a batalha lutada lá entre tuas tropas e aquelas do inimigo naquele décimo dia, ó rei, quando Bhishma e Arjuna se encontraram. Como o

redemoinho que ocorre no local onde o Ganga se encontra com o Oceano, por um tempo curto ocorreu um redemoinho lá onde as tropas de ambos os exércitos se encontraram e atacaram umas às outras. E a Terra, molhada com sangue coagulado, assumiu uma forma feroz. E os locais nivelados e irregulares em sua superfície não podiam mais ser distinguidos. Embora Bhishma estivesse perfurado em todos os seus membros vitais, contudo naquele décimo dia ele permaneceu (calmamente) em batalha, tendo matado dez mil guerreiros. Então aquele grande arqueiro, Partha, posicionado na dianteira de suas tropas, rompeu o centro do exército Kuru. Nós então, com medo do filho de Kunti Dhananjaya tendo corcéis brancos ligados ao seu carro, e afligidos por ele com armas polidas, fugimos da batalha. Os Sauviras, os Kitavas, os habitantes do Leste, os habitantes do Oeste, os habitantes do Norte, os Malavas, os Abhishahas, os Surasenas, os Sivis, os Vasatis, os Salwas, os Sayas, os Trigartas, os Amvashthas, e os Kaikeyas, esses e muitos outros guerreiros ilustres, afligidos por setas e atormentados por seus ferimentos, abandonaram Bhishma naquela batalha enquanto ele estava lutando com o enfeitado com diadema (Arjuna). Então muitos guerreiros, cercando aquele único guerreiro por todos os lados, derrotaram os Kurus (que o protegiam) e o cobriram com chuvas de flechas. 'Derrube', 'Agarre', 'Lute', 'Corte em pedaços', esse foi o tumulto furioso, ó rei, ouvido na vizinhança do carro de Bhishma. Tendo matado naquela batalha, ó monarca, (seus inimigos) às centenas e milhares, não havia no corpo de Bhishma nem um espaço da largura de dois dedos que não estivesse perfurado com flechas. Assim teu pai foi dilacerado por flechas de pontas afiadas por Phalguni naquela batalha. E então ele caiu de seu carro com sua cabeça para o leste, um pouco antes do pôr do sol, na própria vista dos teus filhos. E quando Bhishma caiu, gritos altos de 'Ai' e 'Oh', ó Bharata, foram ouvidos no firmamento proferidos pelos celestiais e os reis da terra. E vendo avô de grande alma caindo (de seu carro), os corações de todos nós caíram com ele. Aquele principal de todos os arqueiros, aquele herói poderosamente armado, caiu, como um estandarte arrancado de Indra, fazendo a terra tremer naquele momento. Completamente perfurado por flechas, seu corpo não tocou o chão. Naquele momento, ó touro da raça Bharata, uma natureza divina tomou posse daquele arqueiro formidável deitado em um leito de flechas. As nuvens derramaram uma chuva (fresca sobre ele) e a Terra tremeu. Enquanto caindo ele tinha notado que o Sol estava então no solstício do sul. Aquele herói, portanto, não permitiu que seus sentidos partissem, pensando naquela época (inauspiciosa para morrer). E por todo o firmamento ele ouviu vozes celestes dizendo, 'Por que, oh, por que deveria o filho de Ganga, aquele principal de todos os guerreiros de armas, abandonar sua vida durante a declinação sul?' Ouvindo essas palavras, o filho de Ganga respondeu, 'Eu estou vivo!' Embora caído sobre a terra, o avô Kuru Bhishma, expectante da declinação do norte, não permitiu que sua vida partisse. Averiguando que aquela era a resolução dele, Ganga, a filha de Himavat, enviou a ele grandes Rishis em forma de cisnes. Então aqueles Rishis nas formas de cisnes que habitavam o lago Manasa, rapidamente se elevaram, e foram juntos para ver o avô Kuru Bhishma, àquele local onde aquele mais notável dos homens estava deitado em seu leito de flechas. Então aqueles Rishis em formas de cisnes, indo até Bhishma, contemplaram aquele perpetuador da linhagem de Kuru jazendo em sua cama de setas. Contemplando aquele filho de grande alma de

Ganga, aquele chefe dos Bharatas, eles andaram em volta dele, e o Sol estando então no solstício do sul, eles disseram, dirigindo-se uns aos outros, essas palavras, 'Sendo uma pessoa de grande alma, por que Bhishma deveria partir (do mundo) durante a declinação sul?' Tendo dito essas palavras, aqueles cisnes partiram, procedendo em direção ao sul. Dotado de grande inteligência, Bhishma, ó Bharata, observando eles, refletiu por um momento. E o filho de Santanu então disse a eles: 'Eu nunca partirei (do mundo) enquanto o Sol estiver no solstício do sul. Essa mesma é minha decisão. Eu irei para minha própria residência antiga quando o Sol alcançar o solstício do norte. Ó cisnes, eu digo isso a vocês verdadeiramente. Expectante da declinação do norte eu manterei minha vida. Já que eu tenho o mais completo controle sobre a entrega da minha vida, eu irei, portanto, manter a vida, expectante da morte durante a declinação norte. O benefício que foi concedido a mim por meu pai ilustre, no sentido de que minha morte dependeria do meu próprio desejo, ó, que aquele benefício se torne verdadeiro. Eu manterei minha vida, já que eu tenho controle na questão de sacrificá-la.' Tendo dito essas palavras para aqueles cisnes, ele continuou a jazer em sua cama de flechas."

"Quando aquele melhor da linhagem de Kuru, Bhishma de grande energia, caiu, os Pandavas e os Srinjayas proferiram gritos leoninos. Quando o avô dos Bharatas que era dotado de grande poder foi derrubado, teu filho, ó touro da raça Bharata, não sabia o que fazer. E todos os Kurus estavam totalmente privados de sua razão. E os Kurus encabeçados por Kripa, e Duryodhana, suspiraram e lamentaram. E por causa do pesar eles permaneceram por um longo tempo privados de sua razão. E eles ficaram perfeitamente imóveis, ó monarca, sem colocar seus corações na batalha. Como se agarrados pelas coxas eles permaneceram imóveis, sem proceder contra os Pandavas. Quando o filho de Santanu Bhishma de energia poderosa, que era (considerado alguém que) não podia ser morto, estava morto, todos nós pensamos que a destruição do rei Kuru estava próxima. Vencidos por Savyasachin, com nossos principais heróis mortos, e nós mesmos mutilados com setas afiadas, nós não sabíamos o que fazer. E os Pandavas heróicos possuidores de braços massivos que pareciam maças com pontas, tendo obtido a vitória e alcançado um estado altamente abençoado no outro mundo (por meio de bravura no campo de batalha, a qual, de acordo com as escrituras Hindus, é sempre recompensada dessa maneira), todos sopraram suas grandes conchas. E os Somakas e os Panchalas todos se regozijaram, ó rei. Então quando milhares de trombetas foram sopradas, o poderoso Bhimasena bateu em seu peito e proferiu gritos altos. Quando o todo-poderoso filho de Ganga estava morto, os heróicos guerreiros de ambos os exércitos, depondo suas armas, começaram a refletir pensativamente. E alguns proferiram gritos altos e alguns fugiram, e alguns foram privados de seus juízos. E alguns criticaram as práticas da classe Kshatriya e alguns aplaudiram Bhishma. E os Rishis e os Pitris todos elogiaram Bhishma de votos elevados. E os antepassados falecidos dos Bharatas também elogiaram Bhishma. Enquanto isso o valente e inteligente Bhishma, o filho de Santanu, recorrendo àquele Yoga que é ensinado nos magníficos Upanishads e empenhado em orações mentais, permaneceu quieto, expectante de sua hora."

121

Dhritarashtra disse, 'Ai, qual era o estado dos (meus) guerreiros, ó Sanjaya, quando eles foram privados do poderoso Bhishma semelhante a um deus que se tornou um Brahmacharin por causa de seu pai venerável? Eu considerei os Kurus e todos os outros como mortos pelos Pandavas exatamente quando Bhishma, desprezando o filho de Drupada, não o atacou. Infeliz que eu sou, também, eu ouço hoje a respeito da morte de meu pai. O que pode mais triste do que isso? Meu coração seguramente, ó Sanjaya, é feito de pedra, já que ele não se parte em cem fragmentos ao saber da morte de Bhishma! Diga-me, ó tu de votos excelentes, o que foi feito por aquele leão entre os Kurus, Bhishma que desejava vitória, quando ele foi morto em batalha? Eu não posso suportar em absoluto que Devavrata tenha sido morto em batalha. Ai, ele que não foi morto pelo próprio Jamadagni nos tempos passados por meio até de suas armas celestes, ai, ele agora foi morto pelo filho de Drupada Sikhandin, o príncipe de Panchala!"

Sanjaya disse, "Morto ao anoitecer o avô Kuru Bhishma entristeceu os Dhartarashtras e alegrou os Panchalas. Caindo ao solo, ele jaz em sua cama de flechas sem, no entanto, tocar o chão com seu corpo. De fato, quando Bhishma, derrubado de seu carro caiu sobre a superfície da terra, gritos de 'Oh' e 'Ai' foram ouvidos entre todas as criaturas. Quando aquela coluna-limite dos Kurus, o sempre vitorioso Bhishma, caiu, o temor entrou nos corações, ó rei, dos Kshatriyas de ambos os exércitos. Vendo Bhishma, o filho de Santanu, com seu estandarte derrubado e sua armadura cortada, ambos, os Kurus e os Pandavas foram inspirados, ó monarca, com sentimentos de tristeza. E o firmamento foi envolvido por uma escuridão e o próprio Sol se tornou escuro. A Terra pareceu proferir gritos altos quando o filho de Santanu foi morto. 'Este é o principal daqueles familiarizados com os Vedas! Este é o melhor daqueles que conhecem os Vedas!' Assim mesmo as criaturas falaram daquele touro entre os homens quando ele jazia (em seu leito de flechas). 'Ele, antigamente, averiguando que seu pai Santanu estava afligido por Kama, este touro entre homens, decidiu parar sua semente vital!' Assim mesmo os Rishis junto com os Siddhas e os Charanas falaram daquele mais notável dos Bharatas quando ele estava deitado em sua cama de setas. Quando o filho de Santanu Bhishma, o avô dos Bharatas, estava morto, teus filhos, ó majestade, não sabiam o que fazer. Seus rostos apresentavam uma expressão de tristeza. O esplendor de seus semblantes pareceu abandoná-los, ó Bharata! Todos ficaram envergonhados, com suas cabeças baixas. Os Pandavas, por outro lado, tendo obtido a vitória, permaneceram na dianteira de suas tropas. E eles todos sopraram suas grandes conchas enfeitadas com ouro. E quando por consequência de sua alegria milhares de trombetas, ó impecável, foram sopradas lá, nós vimos, ó monarca, o poderoso Bhimasena, o filho de Kunti, se divertindo em grande alegria, tendo matado rapidamente muitos guerreiros hostis dotados de grande força. E um grande desfalecimento tomou conta de todos os Kurus. E Karna e Duryodhana repetidamente tomavam longos fôlegos. Quando o avô Kuru Bhishma caiu dessa maneira, gritos de tristeza foram ouvidos por toda parte, e a maior confusão

prevaleceu (entre o exército Kuru). Contemplando Bhishma caído, teu filho Dussasana, com grande velocidade, entrou na divisão comandada por Drona. Aquele herói, vestido em armadura e na chefia das suas próprias tropas, tinha sido colocado por seu irmão mais velho (para a proteção de Bhishma). Aquele tigre entre homens agora se aproximava, mergulhando em aflição as tropas que ele tinha comandado. Vendo ele indo em direção a eles, os Kauravas cercaram o príncipe Dussasana, desejosos, ó monarca, de ouvir o que ele tinha a dizer. Então Dussasana da linhagem de Kuru informou Drona da morte de Bhishma. Drona então, ouvindo aquelas más notícias, caiu de repente de seu carro. Então o filho valente de Bharadwaja, recuperando rapidamente seus sentidos, proibiu o exército Kuru, majestade, de continuar o combate. Vendo os Kurus desistirem da batalha, os Pandavas também, através de mensageiros em cavalos velozes, proibiram suas ordens, cessaram de lutar, (e) os reis de ambos os exércitos, tirando suas armaduras, dirigiram-se todos até Bhishma. Desistindo do combate, milhares de (outros) guerreiros então foram em direção a Bhishma de grande alma como os celestiais em direção ao Senhor de todas as criaturas. Aproximando-se de Bhishma que estava então, ó touro da raça Bharata, deitado (em seu leito de flechas), os Pandavas e os Kurus ficaram lá, tendo oferecido a ele suas saudações. Então o filho de Santanu Bhishma de alma virtuosa se dirigiu aos Pandavas e aos Kurus que tendo-o reverenciado dessa maneira, permaneciam diante dele. E ele disse, 'Bem-vindos, ó muito abençoados! Bem-vindos, ó poderosos guerreiros em carros! Eu estou satisfeito em vê-los, ó vocês que são iguais aos próprios deuses.' Dirigindo-se a eles dessa maneira com sua cabeça pendendo para baixo, ele mais uma vez disse, 'Minha cabeça está pendendo muito para baixo. Que um travesseiro seja dado para mim!' Os reis (que estavam lá) então foram buscar muitos travesseiros excelentes que eram muito macios e feitos de tecidos muito delicados. O avô, no entanto, não os desejou. Aquele tigre entre homens então disse àqueles reis com uma risada, 'Esses, ó reis, não ficam bem no leito de um herói.' Vendo aquele principal dos homens, aquele mais poderoso dos guerreiros em carros em todos os mundos, isto é, Dhananjaya de braços fortes o filho de Pandu, ele disse, 'Ó Dhananjaya, ó tu de armas poderosas, minha cabeça pende, ó senhor! Dê-me um travesseiro que tu consideres digno!'"

122

"Sanjaya disse, 'Encordoando então seu arco grande e saudando o avô com reverência, Arjuna, com olhos cheios de lágrimas, disse essas palavras, 'Ó principal entre os Kurus, ó tu que és o mais notável entre todos os manejadores de armas, ordene-me, ó invencível, pois eu sou teu escravo! O que eu devo fazer, ó avô?' A ele o filho de Santanu disse, 'Minha cabeça, ó senhor, está pendendo! Ó principal entre os Kurus, ó Phalguni, consiga-me um travesseiro! De fato, dê-me sem demora, ó herói, um que fique bem em meu leito! Tu, ó Partha, és competente, tu és o principal de todos os manejadores de arcos! Tu conheces os deveres dos Kshatriyas e tu és dotado de inteligência e bondade!' Então Phalguni,

dizendo, 'Assim seja', desejou cumprir a ordem de Bhishma. Pegando Gandiva e diversas flechas retas, e inspirando-as com mantras, e obtendo a permissão daquele ilustre e poderoso guerreiro em carro da linhagem de Bharata, Arjuna então, com três flechas afiadas dotadas de grande força, apoiou a cabeça de Bhishma. Então aquele chefe dos Bharatas, Bhishma de alma virtuosa, familiarizado com as verdades de religião, vendo que Arjuna, tendo adivinhado seu pensamento, tinha realizado aquele feito, ficou muito satisfeito. E depois que aquele travesseiro tinha sido dado a ele dessa maneira, ele elogiou Dhananjaya. E lançando seus olhos em todos os Bharatas lá, ele se dirigiu ao filho de Kunti Arjuna, aquele principal de todos os guerreiros, aquele aumentador das alegrias de seus amigos e disse, 'Tu me deste, ó filho de Pandu, um travesseiro que é adequado para meu leito! Se tu tivesses agido de outra maneira, eu teria te amaldiçoado, de raiva! Assim mesmo, ó poderosamente armado, deve um Kshatriya, cumpridor de seus deveres, dormir no campo de batalha em seu leito de flechas!' Tendo se dirigido a Vibhatsu dessa maneira, ele então disse para todos aqueles reis e príncipes que estavam presentes lá, essas palavras: 'Vejam vocês o travesseiro que o filho de Pandu me deu! Eu dormirei nessa cama até o Sol se dirigir ao solstício do norte! Aqueles reis que então virem a mim me verão (entregar minha vida)! Quando o Sol em seu carro de grande velocidade e ao qual estão unidos sete corcéis, for para a direção ocupada por Vaisravana, na verdade, naquela hora eu entregarei minha vida como um amigo querido dispensando um amigo querido! Que um fosso seja cavado aqui em volta dos meus alojamentos, ó reis! Assim perfurado com centenas de flechas eu prestarei minhas adorações ao Sol! Quanto a vocês, abandonando a inimizade, parem de lutar, ó reis.'"

'Sanjaya continuou, "Então foram lá até ele alguns cirurgiões bem treinados (em sua ciência) e hábeis em arrancar flechas, com todos os instrumentos adequados (de sua profissão). Vendo eles, o filho de Ganga disse para teu filho, 'Que esses médicos, depois do respeito apropriado ser prestado a eles, sejam dispensados com presentes de riqueza. Levado a tal situação, que necessidade eu tenho agora de médicos? Eu alcancei o estado mais louvável e elevado ordenado em observâncias Kshatriya! Ó reis, deitado como estou em uma cama de setas, não é apropriado para mim me submeter agora ao tratamento de médicos. Com essas setas em meu corpo, ó soberanos de homens, eu devo ser queimado!' Ouvindo essas palavras dele, teu filho Duryodhana dispensou aqueles médicos, tendo honrado eles como eles mereciam. Então aqueles reis de reinos diversos, contemplando aquela constância em virtude mostrada por Bhishma de energia incomensurável, estavam muito admirados. Tendo dado um travesseiro para teu pai dessa maneira, aqueles soberanos de homens, aqueles poderosos guerreiros em carros, isto é, os Pandavas e os Kauravas, reunidos, mais uma vez se aproximaram de Bhishma de grande alma deitado naquele seu leito excelente. Saudando com reverência aquele de grande alma e circungirando-o três vezes, e colocando guardas em volta para sua proteção, aqueles heróis, com corpos encharcados em sangue, se dirigiram para descansar em direção às suas próprias tendas à noite, seus corações mergulhados em pesar e pensando no que eles tinham visto."

“Então no momento apropriado, o poderoso Madhava, se aproximando dos Pandavas, aqueles poderosos guerreiros em carros alegremente sentados juntos e cheios de alegria pela queda de Bhishma, disse para o filho de Dharma, Yudhishthira, essas palavras, ‘Por boa sorte a vitória tem sido tua, ó tu da linhagem de Kuru! Por boa sorte Bhishma foi derrotado, ele que não pode ser morto por homens, e que é um poderoso guerreiro em carro de pontaria incapaz de ser frustrada! Ou, talvez, como o destino teria, aquele guerreiro que era perito em todas as armas, tendo a ti como um inimigo que podes matar só com teus olhos, foi consumido por teu olhar colérico!’ Assim endereçado por Krishna, o rei Yudhishthira o justo respondeu para Janardana, dizendo, 'Por Tua graça acontece a vitória, por Tua ira acontece a derrota! Tu és o dissipador dos temores daqueles que são devotados a ti. Tu és nosso refúgio! Não é admirável que tenham vitória aqueles a quem Tu sempre proteges em batalha, e em cujo bem-estar Tu estás sempre empenhado, ó Kesava! Tendo obtido a Ti como nosso refúgio, eu não considero qualquer coisa como extraordinária!' Assim endereçado por ele, Janardana respondeu com um sorriso, 'Ó melhor dos reis, essas palavras só poderiam vir de ti!"

123

"Sanjaya disse, 'Depois que a noite tinha passado, ó monarca, todos os reis, os Pandavas e os Dhartarashtras, foram até o avô. Aqueles Kshatriyas então saudaram aquele touro de sua classe, aquele principal entre os Kurus, aquele herói deitado em um leito de herói, e permaneceram em sua presença. Donzelas às milhares, tendo se dirigido àquele local, despejaram suavemente sobre o filho de Santanu madeira de sândalo em pó e arroz frito, e guirlandas de flores. E mulheres e homens velhos e crianças, e espectadores comuns, todos se aproximaram do filho de Santanu como as criaturas do mundo desejosas de ver o Sol. E trombetas às centenas e milhares, e atores, e mímicos, e mecânicos hábeis também foram até o idoso avô Kuru. E cessando de lutar, deixando de lado suas cotas de malha, e pondo de lado suas armas, os Kurus e os Pandavas, juntos, se aproximaram do invencível Devavrata, aquele castigador de inimigos. E eles estavam reunidos como nos tempos de antigamente, e se dirigiam alegremente uns aos outros segundo suas respectivas idades. E aquele conclave cheio de reis Bharata às centenas e adornado com Bhishma, parecia belo e resplandecente como um conclave dos deuses no céu. E aquele conclave de reis dedicados a honrar o filho de Ganga parecia tão belo como um conclave dos celestiais dedicados a adorar seu Senhor, o Avô (Brahman). Bhishma, no entanto, ó touro da raça Bharata, suprimindo suas agonias com fortaleza embora queimando com as flechas (ainda fincadas em seu corpo), estava suspirando como uma cobra. Seu corpo queimando com aquelas setas, e ele mesmo quase privado de seus sentidos por causa de seus ferimentos de armas, Bhishma lançou seus olhos naqueles reis e pediu água. Então aqueles Kshatriyas, ó rei, levaram para lá iguarias excelentes e vários vasos de água fresca. Vendo aquela água levada para ele, o filho de Santanu disse, 'Eu não posso, ó senhores, usar agora qualquer artigo de prazer humano! Eu estou afastado do território de humanidade. Eu estou

jazendo em um leito de flechas. Eu estou permanecendo aqui, esperando somente o retorno da Lua e do Sol!' Tendo falado essas palavras e assim repreendido aqueles reis, ó Bharata, ele disse, 'Eu desejo ver Arjuna!' Arjuna de braços fortes então foi lá, e saudando o avô com reverência permaneceu com mãos unidas e disse, 'O que eu devo fazer?' Vendo então aquele filho de Pandu, ó monarca, assim em pé diante dele depois de ter oferecido a ele saudações respeitosas, Bhishma de alma virtuosa dirigiu-se alegremente a Dhananjaya, dizendo, 'Totalmente coberto com tuas flechas, meu corpo está queimando muito! Todas as partes vitais do meu corpo estão em agonia. Minha boca está seca. Paralisado como eu estou com corpo atormentado pela agonia, dê-me água, ó Arjuna! Tu és um arqueiro formidável! Tu és capaz de me dar água devidamente!' O heróico Arjuna então dizendo, 'Assim seja', subiu em seu carro, e encordoando seu Gandiva com força, começou a esticá-lo. Ouvindo a vibração de seu arco e o tapa de suas palmas que pareciam o ribombar do trovão, as tropas e os reis foram todos inspirados com medo. Então aquele principal dos guerreiros em carros, em seu carro, circungirou aquele prostrado chefe dos Bharatas, aquele principal de todos os manejadores de armas. Mirando então uma flecha brilhante, depois de tê-la inspirado com Mantras e a identificado com a arma Parjanya, na própria vista do exército inteiro, o filho de Pandu, Partha, perfurou a Terra um pouco ao sul de onde Bhishma jazia. Então lá ergueu-se um jato de água que era pura, e auspiciosa, e fresca, e que parecendo o próprio néctar, era de aroma e gosto celestiais. E com aquele jato frio de água Partha satisfez Bhishma, aquele touro entre os Kurus, de atos e destreza divinos. E por causa daquela façanha de Partha que parecia o próprio Sakra em seus atos, todos aqueles soberanos da Terra estavam cheios de grande admiração. E vendo aquele feito de Vibhatsu implicando destreza sobre-humana, os Kurus tremeram como gado afligido com frio. E por admiração todos os reis lá presentes agitaram suas peças de roupa (no ar). E alto foi o clangor de conchas e a batida de baterias que foram então ouvidos por todo o campo. E o filho de Santanu, sua sede saciada, então se dirigiu a Jishnu, ó monarca, e disse, elogiando-o muito na presença de todos aqueles reis, essas palavras, 'Ó tu de braços fortes, isso não é extraordinário em ti, ó filho da linhagem de Kuru! Ó tu de refulgência incomensurável, até Narada falou de ti como um Rishi antigo! De fato, com Vasudeva como teu aliado, tu realizarás muitas façanhas poderosas as quais o próprio chefe dos celestiais com todos os deuses, com certeza, não ousará realizar! Aqueles que tem conhecimento de tais coisas te conhecem como o destruidor de toda a classe Kshatriya! Tu és único entre os arqueiros do mundo! Tu és o mais notável entre os homens. Como os seres humanos são, nesse mundo, as principais de todas as criaturas, como Garuda é a principal de todas as criaturas aladas; como o Oceano é o principal entre todos os receptáculos de água e a vaca entre todos os quadrúpedes; como o Sol é o principal entre todos os corpos luminosos e Himavat entre todas as montanhas; como a Brahmana é a principal entre todas as castas, tu és o principal de todos os arqueiros! O filho de Dhritarashtra (Duryodhana) não escutou as palavras repetidamente faladas por mim e Vidura e Drona e Rama e Janardana e também por Sanjaya. Privado de seu juízo, como um idiota, Duryodhana não colocou confiança naquelas declarações. Fora do alcance de todas as instruções, ele certamente terá que jazer para sempre, subjugado pelo poder de Bhima!'

Ouvindo essas palavras dele, o rei Kuru Duryodhana ficou de coração triste. Olhando para ele, o filho de Santanu disse, 'Ouça, ó rei! Abandone tua ira! Tu viste, ó Duryodhana, como o inteligente Partha criou aquele jato de água fresca e de aroma de néctar! Não há ninguém mais nesse mundo capaz de realizar tal façanha. As armas pertencentes a Agni, Varuna, Soma, Vayu, e Vishnu, como também aquelas pertencentes a Indra, Pasupati, e Paramesthi, e aquelas de Prajapati, Dhatri, Tashtri, Savitri, e Vivaswat, todas essas são conhecidas somente por Dhananjaya nesse mundo de homens! Krishna, o filho de Devaki, também as conhece. Mas não há ninguém mais aqui que as conheça. Esse filho de Pandu, ó majestade, não pode ser derrotado em batalha nem pelos deuses e os Asuras juntos. As façanhas dele de grande alma são sobre-humanas. Com esse herói sincero, esse ornamento de batalha, esse guerreiro talentoso em combate, que as pazes, ó rei, sejam feitas logo! Enquanto Krishna de braços fortes não está possuído pela ira, ó chefe dos Kurus, é conveniente, ó senhor, que as pazes sejam feitas com os heróicos Parthas! Enquanto esse restante de teus irmãos não está morto, que as pazes, ó monarca, sejam feitas! Enquanto Yudhishthira com olhos queimando em cólera não consome tuas tropas em batalha, que as pazes, ó majestade, sejam feitas! Enquanto Nakula, e Sahadeva, e Bhimasena, os filhos de Pandu, ó monarca, não exterminam teu exército, me parece que relações amistosas devem ser restauradas entre ti e os Pandavas heróicos! Deixe essa batalha terminar com minha morte, ó majestade! Faça as pazes com os Pandavas. Que essas palavras que são proferidas para ti por mim sejam aceitáveis para ti, ó impecável! Isso mesmo é o que eu considero como benéfico para ti e para a própria linhagem (de Kuru)! Abandonando tua ira, que as pazes sejam feitas com os Parthas. O que Phalguni já fez é suficiente. Que relações amistosas sejam restauradas com a morte de Bhishma! Deixe esse restante (dos guerreiros) viver! Ceda, ó rei! Que metade do reino seja dada aos Pandavas. Deixe o rei Yudhishthira o justo ir para Indraprastha. Ó chefe dos Kurus, não obtenha uma notoriedade pecaminosa entre os reis da terra por atraíres sobre ti a mancha da avareza, tornando-te um fomentador de dissensões internas! Que a paz venha a todos com a minha morte! Deixe esses soberanos de terras se misturarem alegremente uns com os outros! Deixe pai receber de volta o filho, deixe o filho da irmã receber de volta o tio materno! Se por falta de compreensão e possuído pela insensatez tu não ouvires com muita atenção essas minhas palavras oportunas tu terás que te arrepender muito! O que eu digo é verdade. Portanto, desista agora mesmo!' Tendo, por afeição, dito essas palavras para Duryodhana no meio dos reis, o filho daquela que vai para o oceano (Ganga) ficou silencioso. Embora seus membros vitais estivessem queimando com os ferimentos de flechas, contudo, prevalecendo sobre suas agonias, ele se dedicou ao Yoga."

"Sanjaya continuou, 'Tendo ouvido essas palavras benéficas e pacíficas repletas de virtude e lucro, teu filho, no entanto, não as aceitou, como um homem moribundo recusando remédio."

124

"Sanjaya disse, 'Depois que filho de Santanu Bhishma, ó monarca, tinha ficado silencioso, todas aqueles governantes de terra, lá presentes, então voltaram para seus respectivos alojamentos. Sabendo da morte de Bhishma aquele touro entre homens, o filho de Radha (Karna), parcialmente inspirado com medo foi lá rapidamente. Ele contemplou aquele herói ilustre deitado em seu leito de juncos. Então Vrisha (Karna) dotado de grande glória, com voz sufocada em lágrimas, se aproximando daquele herói deitado com olhos fechados, caiu aos seus pés. E ele disse, 'Ó chefe dos Kurus, eu sou o filho de Radha, que quando diante de teus olhos era em todos os lugares olhado por ti com ódio!' Ouvindo essas palavras, o chefe idoso dos Kurus, o filho de Ganga, cujos olhos estavam cobertos com pele fina erguendo lentamente suas pálpebras, e fazendo os guardas serem afastados, e vendo o lugar abandonado por todos, abraçou Karna com um braço, como um pai abraçando seu filho, e disse essas palavras com grande afeição: 'Venha, venha! Tu és um oponente meu que sempre exigiu comparação comigo! Se tu não tivesse vindo a mim, sem dúvida, isto não teria sido bom para ti! Tu és filho de Kunti, não de Radha! Nem Adhiratha é teu pai! Ó tu de armas poderosas, eu ouvi tudo isso sobre ti de Narada como também de Krishna-Dwaipayana! Sem dúvida, tudo isso é verdade! Eu te digo realmente, ó filho, que eu não tenho malícia por ti! Foi somente para diminuir tua energia que eu costumava dizer tais palavras duras para ti! Ó tu de votos excelentes, sem qualquer motivo tu falavas mal de todos os Pandavas! Pecaminosamente tu vieste ao mundo. É por isso que essa tem sido tua inclinação. Por orgulho, e devido também à tua companhia com os inferiores, teu coração odeia até pessoas de mérito! Foi por isso que eu falei tais palavras duras sobre ti no acampamento Kuru! Eu conheço tua bravura em batalha, a qual pode ser resistida com dificuldade sobre a terra por inimigos! Eu conheço também teu respeito pelos Brahmanas, tua coragem, e tua grande dedicação a atos de caridade! Ó tu que pareces um verdadeiro deus, entre os homens não há nenhum como tu! Por medo de dissensões internas eu sempre falava palavras desagradáveis sobre ti. Na arte de manejar arco e flecha, em apontar arma, em agilidade de mão e em força de armas, tu és igual ao próprio Phalguni, ou a Krishna de grande alma! Ó Karna, procedendo para a cidade de Kasi, só com teu arco, tu subjugaste os reis em batalha para obter uma noiva para o rei Kuru! O poderoso e invencível rei Jarasandha também, sempre vaidoso de sua destreza em batalha, não pode se igualar a ti em combate! Tu és devotado aos Brahmanas; tu sempre lutas de modo justo! Em energia e força, tu és igual a um filho dos celestiais e certamente muito superior a homens. A ira que eu nutria contra ti se foi. O destino não pode ser evitado por esforço. Ó matador de inimigos, os filhos heróicos de Pandu são teus irmãos! Se tu desejas fazer o que é agradável para mim, una-te com eles, ó tu de braços fortes! Ó filho de Surya, que essas hostilidades terminem comigo! Que todos os reis da Terra sejam hoje libertos do perigo!'"

"Karna disse 'Eu sabia disso, ó tu de braços fortes! Tudo isso sem dúvida, é (como tu disseste)! Como tu me falaste, ó, Bhishma, eu sou filho de Kunti, e não o filho de um Suta! Eu fui, no entanto, abandonado por Kunti, e eu fui criado por um

Suta. Tendo (até agora) desfrutado da riqueza de Duryodhana, eu não ouso falsificar isso agora. Como o filho de Vasudeva que está firmemente decidido pela causa dos Pandavas, eu também, ó tu que fazes abundantes presentes para Brahmanas, estou preparado para perder minhas posses, meu próprio corpo, meus filhos, e minha mulher, por causa de Duryodhana! Morte por doença, ó tu da linhagem de Kuru, não fica bem para um Kshatriya! Confiando em Suyodhana eu tenho sempre ofendido os Pandavas! Esses incidentes estão destinados a tomar seu rumo. Isso não pode ser impedido. Quem se arriscaria a superar o Destino por meio de esforço? Vários presságios indicando a destruição da Terra, ó avô, foram observados por ti e declarados na assembléia. É bem sabido por mim que o filho de Pandu, e Vasudeva, não podem ser vencidos por outros homens. Mesmo assim eu me arrisco a lutar com eles! Eu subjugarei o filho de Pandu em batalha! Esta mesma é minha firme resolução! Eu não sou capaz de abandonar esta animosidade feroz (que eu nutro contra os Pandavas)! Com o coração alegre, e mantendo os deveres de minha classe diante de meus olhos, eu lutarei contra Dhananjaya. Firmemente decidido como eu estou a respeito da batalha, conceda-me tua permissão, ó herói! Eu lutarei. Este mesmo é meu desejo. Cabe a ti me perdoar também quaisquer palavras duras que eu possa ter em algum momento proferido contra ti ou qualquer ato que eu possa ter feito contra ti por raiva ou falta de consideração!'"

"Bhishma disse, 'Se, de fato, tu és incapaz de abandonar esta animosidade feroz, eu te permito, ó Karna! Lute, movido pelo desejo de céu! Sem raiva e sem disposição para vingança, sirva o rei de acordo com teu poder e segundo tua coragem e observador da conduta dos íntegros! Tenha então minha permissão, ó Karna! Obtenha aquilo que tu procuras! Através de Dhananjaya tu alcançarás todas aquelas regiões (após a morte) que são capazes de ser alcançadas pelo cumprimento dos deveres de um Kshatriya! Livre de orgulho, e confiando no teu (próprio) poder e energia, engaje-te em batalha, já que um Kshatriya não pode ter uma (fonte de) maior felicidade do que uma batalha honrada. Por um longo tempo eu fiz grandes esforços para trazer paz! Mas eu não fui bem sucedido, ó Karna, na tarefa! Realmente eu te digo isso!'"

"Sanjaya continuou, 'Depois que o filho de Ganga tinha dito isso, o filho de Radha (Karna) tendo saudado Bhishma e obtido seu perdão, subiu em seu carro e procedeu em direção (aos alojamentos de) teu filho.'"

Fim do Bhishma Parva.